Rev. do Arquivo Municipal (SP)

Nos Sertões do Brasil

Fritz Krause
Trad. Egon Schaden

RAM

n- 66 ✓
67 ✓
68 ✓
69 ✓
- 70 ✓
- 71 ✓ (bichado)
72 ✓
- 73 ✓
74 ✓
75 ✓
76 ✓
PDF ✓ - 77 ← 2ª parte
78 ✓
79 ✓
80 ✓
81 ✓
PDF ✓ - 82 — NÃO TEM KRAUSE
83 ✓
84 ✓
85 ✓
86 ✓
87 ✓
88 ✓ música p. 186 ss
89 ✓
90 ✓ lendas
91 ✓ os xavajé
- 92 ✓ (fotos sujas) os Kayapó
93 ✓ — " —
94 ✓ — " —
95 ✓ — " — + tapirapé

ANO 6
V. 66
1940

1

"NOS SERTÕES DO BRASIL"

DE FRITZ KRAUSE

(Prefacio especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

HERBERT BALDUS

Neste volume inicia a "REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL" a publicação da versão portuguesa de uma das obras clássicas sôbre a etnografia brasileira, "In den Wildnissen Brasiliens", aparecida em Leipzig, no ano de 1911, editada por R. Voigtlaenders Verlag. Seu autor, o dr. Fritz Krause, atual diretor do Museu Etnográfico de Leipzig e professor da Universidade da mesma cidade, empreendeu, em 1908, uma viagem ao Araguaia para estudar as tribus Karajá, Xavajé, Tapirapé e Kayapó, colecionando os produtos materiais de suas culturas. Levou para aquele museu mais de 1.100 peças, publicando no referido livro a maior parte de suas observações e das informações que obteve dos indios.

As primeiras 169 páginas desta obra apresentam a relação da viagem que, hoje, causará especial interesse, pois trata-se de uma região que está, cada vez mais, atraindo a curiosidade dos turistas nacionais e estrangeiros. Os que viajam, em nossos dias, de São Paulo ao Araguaia, descendo-o até Conceição, encontram ainda inumeros dos aspectos descritos por Krause. Vi, em 1935, por exemplo, no porto de Leopoldina os mesmos cascos estragados dos vapores da empresa de navegação organizada por Couto de Magalhães, aos quais se refere o explorador alemão e que jazem lá desde o século passado.

Por outro lado, porém, mudaram muitas coisas nos ultimos trinta anos. Quando Krause chegou a Araguari, tinha alcançado ali o ponto final da estrada de ferro. Em 1935, ela já ia até Anapolis, isto é, 392 quilometros mais para dentro do sertão, criando povoações ás suas margens e transformando, assim, pelas boas e más influências da nossa civilização, as paisagens chamadas virgens ou silvestres.

A segunda parte do livro contém os resultados cientificos da expedição. O fim principal da viagem do cientista alemão era pesquisar e colecionar para o museu de Leipzig. A isso se subordi-

nava, aliás, quasi todo o trabalho indianista no Brasil até ha poucos anos, ou melhor, até o advento da preponderancia de interesses sociologicos e psicologicos na etnologia. Impelido por aquele objetivo, Krause estuda com a maior atenção as questões ergologicas e técnológicas, tratando só ligeiramente de outros fenomenos culturais. A respeito dos Karajá, seu livro contém, por exemplo, oitenta-e-uma páginas sôbre adôrno, armas, brinquedos de crianças e técnica, ao passo que os capitulos sôbre relações políticas, guerra, chefes, tratamento dos estrangeiros, relações jurídicas, vida social, formas de saudação, matrimonio, nascimento, educação e morte não chegam a encher, juntamente, doze páginas.

Quem conhece, porém, as dificuldades de pesquisas etnográficas no campo e o poder da unilateralidade intelectual inata dos homens, não se atreverá, certamente, a repreender tal desproporção. Todos os que se esforçam estudando a humanidade, não são nem mais nem menos de que pioneiros. Cada um traz sua pedrinha para a construção do grandioso edificio que é o nosso conhecimento da variedade de povos e suas culturas.

A obra de Krause faz parte do alicerce sólido sôbre o qual começa a levantar-se a face brasileira dessa construção espiritual. Refere-se, principalmente, aos Karajá, e nisto consiste sua grande importancia. Por causa de sua facil acessibilidade, êstes indios foram inumeras vezes visitados e descritos. Nos ultimos anos, especialmente, os missionários dominicanos tiveram frequente contacto com eles e os mencionaram nas revistas editadas por sua Ordem e em vários opusculos. Estive, em 1935, tambem entre os Karajá e publiquei um estudo comparado sôbre seus mitos e ligeiras notas sôbre seu atual estado de vida em meu livro "Ensaios de etnologia brasileira" (Brasiliana, 101, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937). Apesar de tudo isso, a obra de Krause representa, até hoje, a maior e melhor contribuição ao conhecimento dêsses indios.

O mesmo podemos dizer com referência aos Xavajé e Kayapó, tambem objetos da catequese e literatura dominicanas, se bem que Krause não trate deles tão extensamente como dos Karajá.

Sôbre os Tapirapé, Krause nos deu as primeiras notícias etnográficas de real valor. E' verdade que, por não ter conseguido alcançar esta tribu tupi, teve de limitar-se a reproduzir, principalmente, as informações dadas pelos Karajá. Eram bem poucas as proprias observações que podia fazer durante sua excursão pelo rio Tapirapé e em alguns individuos daquela tribu que viviam nas aldeias dos Karajá. Em todo caso, porém, posso afirmar que a sua comunicação sôbre os Tapirapé corresponde, em geral, à verdade. O que não vi, quando estive entre êstes indios, eram as bonecas rombiformes de terra branca e as lanças de arremesso das quais fala Krause. Havia uma unica lança, e esta enfeitada era um instrumento de festa levado na mão durante as dansas. O fuso e a clava que os Karajá indicaram a Krause como produtos da cultura tapirapé, apesar da semelhança com seus próprios fusos e clavas, não encontrei na tribu tupi cujos fusos têm em vez da mainça conica e de cera, um disco plano de madeira, e cujas clavas não são estriadas, mas inteiramente lisas. Pode ser, naturalmente, que os quatro objetos mencionados por Krause existiam, outrora, entre os Tapirapé e não eram mais fabricados na época da minha visita.

Krause não foi o unico etnógrafo que tentou em vão chegar aos Tapirapé. Tambem a expedição do dr. Wilhelm Kissenberth, em abril de 1909, fracassou. Alega êste viajante como causa a enchente extraordinaria do rio Tapirapé, que inundava as margens, e o medo de seus camaradas que não queriam continuar a acompanha-lo. O material publicado no seu "Beitrag zur Kenntnis der Tapirapé-Indianer" (Baessler-Archiv, VI, Leipzig, 1916) foi recolhido da mesma maneira como aquele que Krause reuniu sôbre estes Tupi.

Foi o cearense sr. Alfredo de Oliveira que, em 1911, procurando seringais, encontrou esta tribu, sendo eu o primeiro etnógrafo que teve a felicidade de alcançar sua aldeia e passar, lá, de Junho até Agosto de 1935. Minha primeira comunicação sôbre os Tapirapé apareceu no volume XVI da "Revista do Arquivo Municipal", São Paulo, 1935. Outras observações sôbre os mesmos indios publiquei nos "Ensaios de etnologia brasileira". Extensa monografia está em preparo.

O professor Fritz Krause acrescentou nesta versão, a sua carta de 24 de Julho de 1939, pela qual me autorizou publicar sua obra em lingua portuguesa. Fez ainda várias correções e alterações no original alemão, de maneira que êste diverge da presente tradução em alguns pontos, ainda que em bem poucos e insignificantes.

A pedido do autor foi incluida nesta tradução tambem a versão de material sôbre os Karajá por ele publicada em opusculo, fóra do livro.

O trabalho da tradução foi confiado ao sr. Egon Schaden, que com sua excelente versão da obra principal de Karl von den Steinen, publicada na "Revista do Arquivo Municipal", vols. XXXIV a LVIII, São Paulo, 1937 a 1939, conquistou credenciais para incumbir-se de uma tarefa de tão alta responsabilidade.

ANO 6 - V. 66 - 1940

NOS SERTÕES DO BRASIL

(RELATÓRIO E RESULTADOS DA EXPEDIÇÃO DE LEIPZIG AO ARAGUÁIA, EM 1908)

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

(Tradução de Egon Schaden)

PREFÁCIO

Por incumbência do governo da cidade de Leipzig, empreendi, em 1908, uma expedição ao Brasil central, com o escopo de estudar científicamente, com os métodos e instrumentos mais modernos, as tribus indígenas da região escolhida, e colecionar, para o Museu Etnográfico de Leipzig, as peças documentárias concretas da vida cultural daqueles selvícolas. O termo da viagem era o território do médio Araguáia, entre 15 e 9º de latitude sul, habitado pelos Karajá, Xavajé, Tapirapé e Kayapó.

A expedição partiu no dia 29 de janeiro de 1908, regressando a Leipzig em 7 de fevereiro de 1909. No essencial, executaram-se os pontos do programa traçado, exceto o avanço para o oeste, interrompido em consequência de insuperaveis dificuldades geográficas.

Voltou a expedição com abundante material, observações de toda espécie, fotografias e fonogramas, esboços gráficos no diário de viagem , etc. A coleção etnográfica, com mais de 1.100 peças.

foi incorporada ao Museu Etnográfico de Leipzig. Dos meus resultados publiquei, até agora, apenas as "Reproduções de máscaras para dansa dos índios Karajá", com uma descrição geral das máscaras dessa tribu (in "Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leipzig", vol. III, Leipzig 1910), e um estudo sobre a "Arte dos índios Karajá" (in "Bässler-Archiv", vol. II, n. 1, Berlim, 1911), no qual vem reproduzido o material por mim recolhido, sobre a arte do desenho e da plástica entre os indígenas.

A presente obra contem o restante material coligido.

A exposição dos resultados propriamente ditos é precedida de um relatório de viagem, que constitue a primeira parte do livro. Considero isto muito importante, porquanto só se podem avaliar convenientemente os resultados de uma expedição quando se conhece a maneira pela qual se realizam os seus estudos. Os primeiros capítulos, descrevem o decurso geral da viagem e tratam, ao mesmo tempo, minuciosamente, da vida dos expedicionários em companhia dos selvícolas. Só assim é possivel evidenciar as possibilidades de pesquisa, e, especialmente, as múltiplas limitações a que o explorador está sujeito contra a sua vontade. Dêsse modo, o leitor, além de ter uma ligeira sinopse cultural, fica conhecendo uma quantidade de material interessante, tanto do ponto de vista psicológico como tambem em outros sentidos, o que na segunda parte não poderia ser apresentado de forma tão circunstanciada e sugestiva. Espero ter conseguido traçar, assim, uma imagem bastante fiel da vida e das concepções dêsses aborígenes . O relatório, contendo tambem uma descrição geral das condições geográficas dos territórios percorridos, da maneira de viajar e do estado cultural do país, trará sem dúvida muitas informações novas e indicações uteis para viajantes futuros.

A segunda parte, dedicada aos resultados, pretende ser principalmente obra de consulta. O mais importante a nosso vêr é a publicação do material por meio de ilustrações acrescidas das necessárias notas, examinado e estudado cientificamente, e comparado com o material da região anteriormente recolhido. Para isso, procedí a rigorosa separação entre os pontos pessoalmente observados várias vezes, ou mesmo uma só, e os que foram obtidos apenas por informação. Essa divisão, a meu ver, deve ser mantida com o maior rigor possivel, afim de se prevenirem erros, que, caso contrário, se transmitiriam sempre. Alguns informes, que me pareciam muito pouco seguros, foram apresentados em anotações, fornecendo a exploradores futuros indicações para a sua averiguação. Publicando êsse material

à parte creio prestar o melhor serviço à ciência, porque assim continuará sempre aproveitavel. Abstendo-se de procurar a solução de problemas e a demonstração de amplas relações, este método, embora tido por muitos como "antiquado", me parece o único apropriado para determinar o valor científico de cada comunicação, fornecendo material exato, único capaz de levar adiante a nossa ciência. Por esse motivo, tratei tambem por alto da posição do Karajá em relação às outras tribus ameríndias, problema capital, para cuja solução se precisa de amplos estudos comparativos de que a etnografia sulamericana é tão falha. A questão ficará, por isso, reservada a uma publicação futura. Estou certo de que muitos dos meus colegas hão de aprovar essa limitação a que me submeto na exposição da matéria.

Tanto aquí na Alemanha como no Brasil, a expedição foi amplamente beneficiada por numerosas pessoas de boa vontade. Não quero deixar de agradecer calorosamente a todos. Em primeira linha, ao Conselho e ao Colégio de Comissários da cidade de Leipzig, que se prontificaram a fornecer os meios pecuniários para a empresa, como ao sr. Consul Dr. Herrmann Meyer, que, alem da amabilidade de favorecê-la imediatamente com consideravel soma de dinheiro e de lhe assegurar depois um término feliz, me auxiliou eficazmente nos preparativos da viagem. Devo igual reconhecimento aos srs. Prof. Dr. Weule e W. v. d. Steinen pela assistência e conselhos na organização do plano e no arranjo das equipagens científica e pessoal; assim tambem ao sr. Conselheiro Prof. Dr. Hans Meyer pela cessão de instrumentos e armamentos. Não foi de menor valia o apoio dispensado à expedição no Brasil. Em primeiro lugar, penhoraram-me as autoridades imperiais alemãs, sobretudo o sr. Embaixador Barão der Reichenau, alem dos senhores do consulado do Rio de Janeiro e o sr. Flügel, conselheiro de embaixada em São Paulo. Todos eles me auxiliaram com seu préstimos, obtendo para mim facilidades especiais não só do governo federal brasileiro, como das autoridades dos vários Estados, o que aquí agradeço igualmente aos referidos governos. Cumpre-me agradecer da mesma forma aos nossos patrícios alemães, sr. Marxsen, do Rio; sr. Naschold, de S. Paulo, e sr. Oeckinghaus, de Goiaz, que me socorreram desinteressadamente em todos os sentidos, dando-me tambem as mais valiosas indicações, sem as quais nem teria sido possivel realizar a viagem como fora projetada. E por fim, mas com igual cordialidade, agradeço aos meus camaradas, o alemão Adam, o brasileiro Antônio e os índios Pedro, o fiel; Benedito, o prazenteiro, e tantos outros aborígenes que, dissi-

padas as primeiras suspeitas, me ajudaram de muito bom grado e que, tratados como iguais, souberam sempre retribuir a confiança neles depositada.

As despesas da impressão foram, em parte, pagas pela verba do Museu de Etnografia, como ajuda da Sociedade de Etnografia de Leipzig. Agradeço tambem esta subvenção das referidas entidades.

Leipzig, maio de 1911.

O autor.

Primeira parte

RELATÓRIO DA VIAGEM

1. *Objeto e termo da expedição, projeto e equipagem*

Para todo etnógrafo é imprescindivel uma viagem de visita a povos estranhos. Observando, entre eles, com seus próprios olhos, o que antes só aprendeu por intermédio dos livros e apreciando o homem primitivo em todas as suas manifestações vitais o etnografo poderá corrigir, na convivência com ele, uma série de juizos errados e a sua vista se aguçará, e terá maior facilidade na avaliação dos fenômenos culturais quanto à sua importância para o desenvolvimento da cultura. Regressando, enriquecido com essas experiências, a vista alargada e o olhar apurado, poderá melhor e mais facilmente compreender tambem outras culturas e investigar a sua evolução. Quer estude as velhas culturas da Antiguidade ou a dos mexicanos e dos Inca, quer se aprofunde na cultura tão singular dos asiáticos orientais ou pesquise a vida de um assim chamado povo primitivo, será sempre igual o proveito para o desenvolvimento mental do cientista, com a única diferença de que no estudo de um povo primitivo depara, em vez de escritos e monumentos sem vida e de remotas épocas, a totalidade das manifestações vitais, o que representa uma vantagem de inestimavel valor.

Merecia, por isso, vivos aplausos de reconhecimento a decisão da diretoria do Museu Etnográfico de Leipzig de enviar, em ocasiões propícias, os seus funcionários em visita a povos estranhos, com a incumbência de lhes estudarem as culturas e reunir em coleções, para o museu da cidade, as respectivas provas documentárias. Seriam duplas as vantagens para o museu: primeiro, a que acabo de esboçar, segundo, a formação científica e técnica dos funcionários, a certeza de obter somente objetos bem determi-

nados com comentário suficiente e que ferisse o essencial, e ainda em quantidade raramente alcançada com colecionadores particulares e negociantes. Finalmente, era facil prever que, em relação ao valor científico, a obtenção das coleções seria menos dispendiosa do que se fossem compradas a negociantes.

Encarregado pela comissão de exploração geográfica das zonas de protetorado alemão, secundada pelo governo da cidade de Leipzig, o sr. Prof. Dr. Weule, diretor do museu, havia empreendido, em 1906, uma viagem exploradora ao sul da África Oriental Alemã, donde regressou, em 1907, com valiosas coleções e apontamentos. O êxito da expedição deu origem ao projeto de se enviar para fora mais um funcionário do museu.

Fui então convidado a elaborar o plano duma viagem exploradora à America do Sul, parte do mundo pela qual sempre me interessara. Depois de muitos estudos, e por motivos que exporei mais adiante, a escolha recaiu na região do Araguáia. O projeto, organizado em pouco tempo, obteve muito afavel aprovação de exploradores que conheciam a América do Sul, como os srs. Consul Dr. Herrmann Meyer e Wilhelm von den Steinen. O sr. Dr. Herrmann Meyer prontificou-se mesmo a pagar uma parte das despesas. Assim, a idéia se aproximava rapidamente de sua realização. Com essa base foi entregue ao Conselho da cidade de Leipzig, em meiados de outubro de 1907, um requerimento para obtenção dos recursos necessários, e em 12 de dezembro o Conselho e os Comissários da cidade anuiram em colocar 15.000 marcos à disposição da empresa. Com isso, a expedição se tornava uma realidade. Faltava apenas arranjar a equipagem, o que se conseguiu com extrema rapidez e eficiência, graças à ajuda do sr. Wilhelm von den Steinen e aos conselhos práticos do sr. Prof. Weule. Em 20 de janeiro de 1908 eu já podia partir de Hamburgo em direção ao Rio de Janeiro.

Era objeto da empresa estudar, em todos os sentidos e com auxílio dos instrumentos mais modernos, as tribus indígenas da região, e organizar, para o Museu Etnográfico de Leipzig, coleções de seu patrimônio cultural. O termo da expedição era a região do médio Araguaia, rio limítrofe entre os Estados do Brasil central, Goiaz e Mato Grosso; tratava-se, pois, do planalto, livre de cachoeiras, entre 14 e 9º de latitude sul e 49 e 52º de longitude ocidental, e habitado pelas tribus indígenas dos Karajá, Xavajé, Tapirapé e Kayapó. Era uma zona ainda relativamente pouco conhecida, de facil acesso e parecendo não oferecer grandes dificuldades e perigos a quem a quisesse atravessar.

Somente duas expedições exploradoras de vulto haviam trabalhado na região. A primeira foi a de Castelnau, em 1844; entretanto, o cientista francês, não conseguiu se avistar com as tribus acima mencionadas, contentando-se com registar, sobre elas, informes de terceiros. As expedições técnicas do decênios seguintes, que tratavam do aproveitamento do Araguaia para a viação — problema que, devido a um trecho encachoeirado de mais de 600 quilometros no curso inferior do rio, ainda continua sem solução —, trouxeram pouco material. Somente a segunda expedição de maiores proporções, empreendida de Goiaz pelo Dr. Ehrenreich (1888), em continuação da segunda expedição alemã ao Xingú, forneceu-nos as informações mais pormenorizadas e seguras até então existentes sobre aquelas tribus. Numa rápida viagem a vapor, o Dr. Ehrenreich percorreu o curso médio do rio visitando as tribus dos Karajá, Xavajé, e Tapirapé. Conseguiu uma boa coleção do patrimônio cultural dos Karajá e, por intermédio do esclarecido cacique Pedro Manco, valiosas informações sôbre a vida dessa tribu, tão isolada quanto à sua linguagem. Dos Xavajé e Tapirapé ele tambem pôde relatar apenas informes de terceiros. Em compensação encontrou alguns indivíduos dos Kaiapó, em localidades brasileiras, fazendo deles registos fotograficos, linguísticos e antropológicos. Só na viagem mais demorada, de canôa, pela parte encachoeirada, e permanecendo mais tempo em quatro aldeias dos Xambioá, foi-lhe possivel penetrar melhor na cultura dessa tribu afim dos Karajá.

Segundo o Dr. Ehrenreich, a distribuição dos povos no Araguaia era a seguinte: Ao longo do grande curso fluvial, de 14 a 7° da latitude sul, vivem os Karajá, sendo que a horda menos bem situada do ponto de vista econômico, a dos Karajahy, ocupa o trecho livre de cachoeiras, entre 14 e 9°, enquanto a dos Xambioá, mais rica e numerosa, ocupa a região superior, encachoeirada, até a latitude de 7°. A horda dos Xavajé, que lhes é afim, habitaria as margens de um lago na parte norte da grande Ilha do Bananal, formada pelo Araguaia. Da tribu tupí dos Tapirapé sabia-se apenas que morava no Rio Tapirapé, parecendo possuir cultura superior à dos Karajá, com a qual mantinha relações comerciais. O território do povo Gê dos Kayapó ficaria defronte a Santa Maria, na margem ocidental e alguns quilómetros para o interior.

A viagem de Coudreau 1896/97 não trouxera nada de novo, exceto a comunicação de terem alguns missionários conseguido entrar em contato pacífico com os Kayapó, e as primeiras notícias sobre esta tribu.

Prancha 1

Barqueiro Karajá

Depois disso, não se publicaram informes precisos daquela região; nenhum explorador mais aí estivera, embora houvesse uma série de problemas interessantes a resolver, como a posição do idioma isolado dos Karajá em face das outras famílias linguísticas, a relação entre a lingua dos homens e das mulheres, o problema das mascaradas, o da origem da técnica de tecelagem, e assim por diante. Os Tapirapé e os Kayapó prometiam igualmente rico campo para a investigação etnográfica. Foi por êstes pontos de vista científicos que a minha escolha recaíu exatamente naquele território.

Acrescia ainda a circunstância do acesso facil à região. O caminho mais curto leva, por via férrea, de Santos a São Paulo, e daí a Araguarí (900 km.). De lá a estrada vai até Goiaz, num total de 500 km., continuando, com mais 200 km., até Leopoldina, no Araguaia. No tempo de 1 1/2 a 2 meses, podia-se, pois, fazer o trajeto do litoral até o rio. Alem disso, a corrente, isenta de cachoeiras, e tendo já em Leopoldina a largura de 500 m., onde fora mesmo aproveitada para a navegação a vapor, não oferecia obstáculos à viagem; havia, pois, grande probabilidade de se conseguirem canoas, caso os vapores não existissem mais.

O meu projeto era, portanto, o de subir o Araguaia desde Leopoldina, estudando minuciosamente os Karajá e visitando os Tapirapé e Xavajé, os quais, segundo parecia, seriam alcançados com facilidade. Si as circunstâncias o permitissem, se incluiriam tambem os Kayapó. Só êste programa já prometia copiosos resultados. Mas afora isso o plano abrangia ainda um avanço para o oeste, à região que fica entre o Araguaia e o Xingú, com o intuito de esclarecer as condições etnográficas dêsse território intermediário e de atingir, talvez, a zona de influência das culturas do Xingú.

Pareciam existir correlações entre o Araguaia e o Xingú. Na sua primeira viagem, o dr. Herrmann Meyer obtivera informações a respeito de um Rio Paranaiubá, a oeste do Kuluene e cujas margens seriam ricamente povoadas. Foram-lhe citadas nada menos de 18 nomes de tribus e localidades; a cultura da região parecia conferir-lhe o carater duma província etnográfica especial. Um dos nomes era a dos Arumá, tribu caraiba, de que já os primos von den Steinen haviam tido notícia, trazendo mesmo algumas peças fabricadas por eles e muito semelhantes a objetos de origem Karajá. Havia aí alguma correlação com o Araguaia? Nesse caso devia ser possivel alcançar aquela região partindo deste rio,

si as condições geográficas não fossem muito desfavoraveis e tribus situadas no percurso facilitassem o avanço.

Restava saber em que ponto iniciar a entrada. Eram dois os caminhos possiveis. Primeiramente podia-se subir o Rio das Mortes e algum dos seus tributários ocidentais, para avançar quanto possivel na direção do oeste. E', porém, sabido que as margens desse grande rio são deshabitadas; só muito para montante, a uns 15° de latititude sul, as muitas expedições que o subiram, avistaram-se com índios, que, no entanto, sempre se mostraram hostís. Não parecia, pois, aconselhavel essa alternativa.

Em segundo lugar, o Rio Tapirapé indicava o caminho para o oeste; com uma largura de 200m., a corrente desèmboca numa extensa planície de terras de aluvião. Prometia, portanto, um curso longo, que, segundo as aparências, não opunha obstáculos ao seu percurso. Nas suas margens afirmava-se habitarem os Tapirapé; e como constava manterem pacíficas relações comerciais com os Karajá, devia ser facil visitá-los com auxilio destes. Do território deles, e por eles ajudado, poder-se-ia talvez avançar ainda mais. Por estas razões, a rota pelo Tapirapé parecia ser muito mais vantajosa.

O regresso se realizaria pelo mesmo caminho da ida.

O meu equipamento compunha-se das seguintes peças:

1.° Para fotografias, um aparelho 9x12 e outro 13x18, este com disposição para duas fotografias, lado a lado, na mesma chapa; alem disso, filtro amarelo e disparador automático. As chapas que levei eram de marcas Agfa e Schleussner. Tanto umas como outras deram bons resultados a princípio, mas no término da viagem todas estavam estragadas em consequência das grandes oscilações de temperatura. Mormente a soldagem pouco cuidadosa das pequenas latas de folha que continham os pacotes com chapas Schleussner, permitiu muitos estragos, sobretudo por causa dos muitos banhos a que as latas ficaram expostas durante a expedição. Fiz revelações só no começo, quando as substâncias químicas não estavam ainda deterioradas pela umidade. Para o resfriamento da agua empreguei recipientes de tecido grosseiro, que prestaram ótimos serviços.

2.° Para registos fonográficos usei um fonógrafo Excelsior com funil de niquel e tubo de recepção. Em vista dos grandes talentos musicais dos indios, o aparelho, dando bons resultados até o fim, foi de relevante utilidade. Os rolos, embora tivesse escolhido os mais duros e resistentes, não se deram tão bem; arquea-

ram-se um pouco numa das extremidades, por influência da umidade e do calor, de modo que depois não se adatavam mais completamente ao cilindro. Durante a viagem, ficavam tão moles nas horas quentes do dia que era impossivel trabalhar com eles; tive de fazer, então, todas as gravações à noite. Para as regiões tropicais, dever-se-ão inventar substâncias ainda mais duras.

3.º Um cinematógrafo Ernemann, que não deu resultados satisfatórios. O aparelho era ótimo, mas o "chassis" de 50m., de recente construção, não fora trabalhado com suficiente precisão, de modo que o disco de encanelamento não acompanhava sempre a rotação. Em consequência disso, a película se emaranhava, ficando amassada a rebentando em seguida. As poucas ocasiões em que era possivel empregar o aparelho, não podiam ser, por isso, bem aproveitadas. As fotografias naturalmente ficavam imprestaveis.

4.º Para levantamentos antropológicos, contentei-me com levar a tabela pigmentária de Martin, e para os registos linguísticos organizei alguns vocabulários próprios, baseados nos de Ehrenreich.

5.º Como utensílios de escrita, utilizei lapis e cadernetas de folhas soltas, em formato cômodo para o bolso. Achei que o método mais prático era escrever primeiro tudo desordenadamente em papel de rascunho, que pudesse ser dobrado à vontade, e passar depois as anotações em ordem para as cadernetas, nas horas livres no acampamento ou nas longas viagens de canoa, entre uma aldeia e outra.

6.º Para levantamentos geográficos eu tinha uma bússola, dois barômetros de altitude, vários termómetros e um relógio de Glashütte, alem do instrumentário para desenho. Guiei-me pelo esquema proposto por Vogel nas Instruções de Neumayer (3.ª edição, pág. 117 e fig. 8). Como mesa de desenho, serviu uma taboa dobradiça que, presa com parafusos ao tripé da máquina fotográfica, formava uma mesa de superfície bastante grande. Os registos barométricos puderam ser realizados durante dois meses, até que os instrumentos se estragaram em consequência duma queda. Os levantamentos geográficos foram efetuados até que o relógio falhou por causa de areia fina que havia penetrado no mecanismo. Os mapas de que eu dispunha eram os dois de Ehrenreich com o caminho de Goiaz a Leopoldina e ao Araguaia, e o da Companhia Mogiana com o caminho de Santos a Leopoldina.

Talvez seja util acrescentar ainda algumas observações sobre o restante equipamento. Sei, por experiência própria, qual o valor dessas indicações para viajantes futuros.

Levei uma tenda simples em forma de telhado e com panos laterais. Para dormir, servi-me duma cômoda camilha dobradiça, de pouco peso, comprada em São Paulo. Na viagem terrestre era transportada como sobrecarga, e podia ser levada tambem comodamente nas canoas. Das cobertas, uma era de camelão e outra uma manta escossesa, alem de uma mais leve para noites de calor. O mosquiteiro, de tule fino, podia ser armado tambem nas redes. Para a iluminação, levei uma lanterna com vidro de Coscóvia e um castiçal dobradiço para duas velas; só empreguei velas. Os isqueiros com mechas, levados alem dos fósforos, deram bom resultado.

Ao lado de vários trajes de caqui, que foram de grande utilidade, resistindo realmente aos espinhos, o vestuário era formado de alguns ternos brancos de algodão. De noite, usei pijamas, que igualmente satisfizeram. Como calçados usei simples botinas de couro, tambem para andar a cavalo, para o que preferia as polainas de faixa às perneiras de couro, por serem mais arejadas e não produzirem tanta eczema. No acampamento e, mais tarde, na viagem fluvial, achei muito cômodos os sapatos de ginástica. Para agasalho contra a chuva, tinha comigo uma capa, que, embora apregoada como impermeavel, não resistiu às chuvas tropicais. No Brasil comprei ainda um poncho de borracha, cuja valia justificou plenamente o seu elevado preço. Para resguardo da cabeça, serviram-me, nas jornadas a cavalo, chapeus de feltro leves e de aba larga, que comprei em São Paulo; no rio, usei pequenos chapéus chatos de palha, como aí são comuns. Já na ida perdí o guarda-chuva, usado pelos brasileiros para se protegerem contra o sol, tambem quando andam a cavalo; nunca senti a sua falta.

Usei roupa branca e meias de fabricação especial para as regiões tropicais. Eram da fábrica Jordan, de Berlim, satisfazendo perfeitamente.

Para obtenção de mantimentos e para maior segurança, tinha comigo algumas espingardas: um fuzil militar, modelo 88, e uma espingarda de caça de dois canos. Comprei uma espingarda de vareta, mais leve, para o meu companheiro Adam, enquanto os outros camaradas, quasi todos, possuiam espingardas próprias. Havia ainda, na equipagem, uma pistola Browning, revólver e facão. Para pescar, cordeis de cánhamo e anzóis; para as vorazes piranhas, que constituem o alimento principal, só servem anzóis for-

tes, de uns 5 cm. de comprimento, o cordel, para não ser partido pelo peixe, deve ser protegido, na parte inferior, com cêrca de 10 cm. de folha de Flandres ou coisa equivalente.

Não são de menor importância os utensílios culinários. Eu tinha três panelas, uma chaleira para café, uma caçarola e uma assadeira; era o suficiente. Alem disso, naturalmente: moinho, bule e coador de café, e pratos e colheres de folha e canecas para os camaradas.

As provisões eram principalmente legumes secos, ladrilhos de sopa condensada e chouriços recheados de ervilhas. A quantidade de farinha de aveia infelizmente foi pouca. Em lugar do pão, levava biscoitos, torradas e "Pumpernickel". No Brasil, esses gêneros foram substituidos depois pelos alimentos da terra, como arroz, feijão, mandioca, batatas, frutas de toda espécie e a farinha de mandioca, esta fazendo as vezes do pão. As conservas serviam somente como último recurso. Para bebidas, levei suco de limão e um aparelho Sodor, que fornecia ótimos refrescos enquanto havia agua fresca à disposição; como não é nada agradavel a gasosa quando chega a 33° centígrados, era prefarivel, nestes casos tomar a agua pura. Para bebidas quentes, dispunha de chá da India, cacau, chocolate, mate e café. Ao passo que o chá preto ou o café, tomados à noite, geralmente excitavam o coração, a ponto de não permitir se conciliasse o sono, o mate tinha uma ação calmante e benéfica. Quando começaram a escassear as provisões em açucar, o chocolate supria-o de modo excelente. De bebidas alcoólicas levei somente quantidades mínimas: algumas garrafas de vinho e conhaque, e para os camaradas uma barrica de cachaça. Eu, de minha parte, pude dispensar perfeitamente o alcool; nas ocasiões em que a sêde se tornava demasiado intensa, tomava — uma vez por espaço de 3 — 4 semanas — um cálice de cachaça precedido de 1 1/4 litros de agua, e a sêde estava completamente extinta por vários dias.

Os objetos de permuta dividiam-se em três grupos. O primeiro era o das peças de vestuário e adorno, como roupa branca, panos, trajes (camisa e calças), missangas de vidro de todas as cores e tamanhos, e maciços, para resistirem às dentadas; pentes, espelhos, aneis. Vinha depois o das ferramentas e utensílios, como machadinhas, facões, tesouras e agulhas para pontear. E, finalmente, instrumentos musicais, como gaitas de boca, sinetas, etc., e fumo e cachimbos. O fumo em rolo, produzido no país, era o melhor pagamento que se podia fazer.

O transporte foi feito em seis malas de folha de fabricação Jordan, especiais para o clima tropical. Desconjuntaram-se, porem, quando foram conduzidas pelos cargueiros. Seria para desejar que fossem reforçados à maneira dos pequenos cofres para cargueiros da mesma fábrica, mas cujas medidas são muito reduzidas. Para as mulas, o tamanho das minhas malas grandes era o mais apropriado. Os objetos restantes eram transportados em caixas de madeira providas de correias próprias para cargueiros. E' indispensavel levar sacos resistentes de todos os tamanhos; quanto mais, melhor.

Para marcar os objetos colecionados, serviam rótulos de papelão, presos por barbante. Grande quantidade de naftalina, cânfora e sobretudo pimenta branca em pó, espalhadas pelas malas, para proteção contra os insetos.

Foram de utilidade especial os seguintes instrumentos: um entalhador forte, uma tesoura grande, sovela e broca; alem disso, um canivete simples e resistente, facão e machadinha. Martelo, torquês e pregos de todos os tamanhos são naturalmente indispensaveis.

Embora tivesse levado muitos remédios, usei poucos. Empreguei principalmente óleos de rícino (o não-purificado é o mais eficiente) e calomelanos. Fiz pouco uso da quinina, porque felizmente não era necessária. Submetí-me todavia a um tratamento de arsênico, a que se atribuem efeitos profiláticos contra febres; realmente, fui eu o único membro da expedição não acometido de febres do tipo da malária. Os meus camaradas extraiam os bichos do pé com as suas facas; manejavam-nas com tal destreza que eu podia, sem receio, confiar neles. Contra mordeduras de cobra levei de São Paulo um preparado novo; no interior atribuem-se bons resultados ao permanganato de potássio aplicado sobre a mordedura.

Falta mencionar ainda os brinquedos e objetos para distração. O essencial era granjear o mais cedo possivel a confiança dos selvícolas, o que se conseguia do melhor modo pela exibição de diferentes brinquedos, como, p. ex., uma boneca que grita e com olhos movediços, um macaco trepado, um boneco de engonços e um lutador; à noite, os fogos de artifício prestavam bons serviços. Os livros com gravuras coloridas de todos os animais e as figuras etnográficas de outras tribus indígenas despertavam sempre o interesse de todos e serviam principalmente para explicações e pesquisas.

NOS SERTÕES DO BRASIL

Dr. Fritz Krause

Tradução de Egon Schaden

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

2. *Viagem até o ponto final da via férrea*

Ao amanhecer do dia 22 de fevereiro de 1908, o vapor "Cap Frio" entrou no pôrto do Rio de Janeiro. Às 10 horas eu já me encontrava no consulado alemão, na nova e magnífica Avenida Central. Com grande afabilidade, o embaixador da Alemanha, sr. Barão de Reichenau, prometeu auxiliar-me em todos os sentidos, e ainda na mesma tarde fui informado de que o govêrno concedera a isenção de direitos alfandegários requerida pelo Museu, por intermédio do Ministério dos Negócios Estrangeiros para a entrada de tôda a minha bagagem no pôrto do Rio. Pròvàvelmente decorreriam vários dias até que a bagagem fosse levada do navio à alfândega e daí à estação. Como, além disso, a embaixada me prometera obter cartas de recomendação do presidente da República aos presidentes dos vários Estados em que eu havia de tocar, bem como passe oficial para viagem e transporte nas vias férreas do govêrno, preparei-me para uma estadia mais demorada no Rio de Janeiro. Instalei-me numa pequena pensão francesa, no alto do Morro de Santa Teresa, a uns 250 m. acima do nível do mar, onde reinavam um ar fresco e grande tranquilidade, e onde eram duplamente agradáveis as leves brisas que arejavam o quintal da propriedade quando se voltava à noite, estafado tanto pelos negócios como pelo calor e a poeira da cidade. A minha permanência no Rio devia ser mais longa do que pensara. Aproveitei a demora involutária para visitar o Jardim Botânico, que me proporcionou a primeira perspectiva da grande

variedade da flora tropical; conhecer o Museu Nacional, com suas coleções etnográficas; compulsar antigos relatórios de viagem sôbre Goiaz, postos muito amàvelmente à minha disposição pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; conseguir informações de varias espécies; remeter dinheiro para Goiaz, etc. Em excursões a Petrópolis, às montanhas e aos arredores da capital conheci as belezas do Rio; passeios pela cidade, de dia e de noite, visitas aos salões de concêrto e aos clubes de jogos, e sobretudo a participação nos festejos carnavalescos, cujo acontecimento principal, o grande cortejo, apreciei do edifício do consulado, deram-me uma visão mais precisa da vida do povo, que a princípio tanto estranhamos. Reuniões a noite, na intimidade de famílias alemãs amigas, que me auxiliaram de todos os modos, e procurando amenizar, quanto possível, as noites solitárias, auxiliaram-me não sòmente a superar com maior facilidade o lado desagradável dos primeiros dias de permanência em terra estranha, de clima tão quente, mas também a acostumar-me, pouco a pouco, com as novas condições de vida. A 11 de março, finalmente, recebí as cartas de recomendação do govêrno federal brasileiro, solicitando aos presidentes estaduais que, na medida do possível, satisfizessem todos os meus desejos e me favorecessem por todos os meios. Foram-me entregues, na mesma data, os passes de ida e volta para viagem e frete entre o Rio e São Paulo. A partir dêsse momento não havia mais nada que me prendesse no Rio de Janeiro. Já a 12 de março deixei a cidade com o rápido noturno, que, após doze horas de viagem, chega a São Paulo pelas oito da manhã. No carro-domitório, com leitos cômodos e largos, repousava-se bem; amanhecia-se descansado e refeito para todo o dia seguinte.

Por causa de minha bagagem, hospedei-me no Hotel Albion, próximo à estação da estrada de ferro inglesa, e que possue amplo páteo com armazem. Em São Paulo eu devia tratar de conseguir mais facilidades para a viagem ferroviária; encontrar um hábil companheiro que, afeito às viagens pelo interior, e sabendo tratar com os seus habitantes, me pudesse ajudar e obter mais informações, fazer as compras mais indispensáveis para a viagem com tropa de mulas, após as três jornadas por estrada de ferro até Araguarí. Em São Paulo tudo se desenrolou com surpreendente rapidez. Graças à afável mediação do sr. Flügel, conselheiro da embaixada, obtive na tarde do dia 14 de março o passe de ida e volta até Uberaba (fronteira do Estado de São Paulo), para passagem e frete. Foi menos fácil encontrar um bom companheiro. No Rio se oferecera um certo sr. Franz Adam, de Santos. Encontrei-o novamente em São Paulo, aceitando-o afinal, depois de frustados todos os meus esforços para encontrar outros. Combinamos um ordenado mensal de

130$000 (1$000 = 1,25 marcos). Adam era um individuo original. Natural da Silésia, atravessara a fronteira com a idade de 18 anos, andara pelos Balcans como operário, empregado de circo, professor, soldado e outras coisas, viajara por mar, durante muito tempo, como cozinheiro e intérprete, e já estava há mais de dez anos no Brasil. Passara-os como operário na construção de estrada de ferro, lavrador, colecionador de animais e plantas, prestidigitador, fotógrafo, camarada em expedições científicas, explorador do sertão à procura de minas, etc. Quando o conhecí, era propreitário de pequena venda nas proximidades do território dos índios Guaraní, perto de Conceição de Itanhaén. Ganhava, assim, o necessário para viver, e sobrava-lhe tempo para as suas ocupações prediletas: colecionar e ler. Empregou os últimos dias de minha estada em São Paulo para acomodar a bagagem em caixotes menores, apropriados ao transporte em cargueiros.

Em São Paulo foi muito mais fácil conseguir informações sôbre o modo de viajar pelo interior. Principalmente sôbre o trajeto de três dias por via férrea e das condições em Araguarí obtive multiplos esclarecimentos, mormente do sr. Nashold, um dos proprietários da mina de diamantes de Água Suja, e conhecedor daquela região por experiência própria. Mas também o sr. dr. Hussac, que era geólogo da Comissão Geográfica e Geológica, e o sr. Dr. Caramurú, químico, e mestiço de índio, do Araguaia, deram-me informações sôbre a viagem até Goiaz e mesmo sôbre o Araguaia.

Especialmente o sr. Nashold me ajudou bastante. Durante vários dias, de manhã e à tarde, acompanhou-me à cidade para fazer as compras mais indispensáveis, como cama de campadas, etc. e para concluir negócios financeiros. Deu-me, além disso, inumeros conselhos úteis. Graças a êle, principalmente, depois de chegar a Araguarí pude logo continuar a expedição.

Passaram-se assim os dias em São Paulo em intensa atividade de negócios. As poucas horas vagas que me sobravam serviram para visitas ao Museu do Ipiranga, e ao seu diretor, o sr. Prof. Dr. V. Ihering, em cuja residência fui sempre recebido da maneira mais afável; para os encontros habituais às três horas nos restaurantes do centro, e em que os assuntos mais importantes se liquidavam ràpidamente; para excursões pelos arredores da cidade. À noite andava pelos parques, frequentava os poucos restaurantes com boa música italiana, ia ao clube Germânia ou atendia a varios convites.

De modo geral, a vida em São Paulo era muito mais agradável do que no Rio. Certo, faltam os encantos da paisagem; mas em compensação pulsa em São Paulo, cidade de caráter bas-

tante italianizado, uma vida muito mais intensa e ativa. Além da influência do grande contingente de elementos estrangeiros, principalmente italianos, talvez êsse fato se deva ao clima temperado da cidade, situada numa extensa planície de uns 800 metros de altitude. Embora durante o dia a temperatura fôsse bastante alta e os últimos aguaceiros da estação chuvosa tornassem mais incômodo o calor, as noites com a sua temperatura inferior a 13 — 15° centigrados possibilitavam sempre um sono reparador. Em São Paulo adaptei-me, por isso, com maior facilidade às novas condições de vida do que no Rio de Janeiro. Desapareceram os últimos vestigios da exantema, de que sofrera no Rio; lentamente fui-me habituando à alimentação pouco variada (arroz duas vezes por dia); o feijão pardo foi a única coisa com que não me acostumei. A-pesar-de tudo isso, sentí-me muito satisfeito, quando a 22 de março, munido de numerosas cartas de recomendação, grande cópia de anotações e nada menos de 22 volumes de bagagem, pesando ao todo 720 kg., pude finalmente iniciar a viagem de três dias, por estrada de ferro, para o interior do país.

Para o primeiro dia de viagem há três trens rápidos por semana; partem de São Paulo à 5,45 horas da manhã, chegando a Franca às 8,20 da noite. O primeiro trajeto é feito na ferrovia inglêsa; em Jundiaí faz-se baldeação para a Paulista, e de Campinas em diante viaja-se no comboio da Companhia Mogiana, que vai até Araguarí. Os carros, espaçosos e sem repartições internas, são de duas classes apenas, primeira e segunda. Os passageiros assentam-se em cômodas poltronas elásticas de palhinha, com encosto, braços e apôio para a cabeça coberto de um pano branco. Afim de prevenir furtos, fecham-se os carros, nas várias estações. O que mais satisfaz é a rigorosa pontualidade dos trens.

Era escuro, quando partimos de São Paulo. A muito custo, conseguimos despachar a bagagem . Nos vales da serra por onde passamos nas primeiras horas caía ainda a neblina da manhã; era bastante frio. Atrás de Campinas (90 km. (1) — 693 m. de altitude) começa um terreno ondeado, com numerosas colinas, e de terra vermelha, que a estrada de ferro percorre com incríveis sinuosidades. E' a região das grandes plantações de café. Para onde quer que se olhe, espraiam-se cafezais pelos declives e elevações, enquanto as planícies, que devido à baixa temperatura noturna não se prestam para as plantações, são aproveitadas para terra de pasto. Estendem-se em longas filas os cafeeiros, de dois metros de altura, com seus bagos vermelhos; alternam com o milho amarelo, o arroz verde-claro e o

(1) — Os quilómetros são contados a partir de São Paulo.

feijão verde-escuro. Estradas vermelhas sobem pelas montanhas em linha reta. Aquí e acolá avistam-se nas planícies as casas dos fazendeiros, e pequenas habitações de trabalhadores, enfileiradas em tôrno. Durante todo o dia o trem corre entre essas plantações, que poucas vezes alternam ora com pequenas localidades ou cidades maiores, ora com serras e planaltos desertos.

Os raios quentes do sol tropical haviam secado pouco a pouco a areia umedecida pela chuva dos dias anteriores, e grandes nuvens de fina poeira vermelha começavam a levantar-se sôbre o comboio, penetrando no carro por tôdas as frestas, e cobrindo de uma fina camada vermelha as poltronas, os apôios para a cabeça, as malas e os homens. A poeira prendia-se de tal modo no cabelo que, por mais que se levasse, não se conseguia tirá-la durante vários dias. Era sobretudo incômodo, quando entrava na bôca e nas narinas, fazendo a gente espirrar continuamente. Outro inconveniente era o grande calor dentro do carro; por causa da poeira não se podiam abrir as janelas, e o sol ardia na cobertura e nas vidraças. Ficava-se satisfeito, quando, mais ou menos de hora em hora, o trem parava numa pequena estação, onde se podiam passar alguns minutos numa atmosfera livre de poeira, e em fresca aragem. À tarde chegamos a Ribeirão Preto (407 km; 518 m de altitude), o centro da zona cafeeira; mas sòmente às 8,20 horas da noite alcançamos a pequena cidade de Franca (512 km; 995 m. de altitude), situada no meio dum chapadão e que, como tôdas as pequenas cidades do Brasil, se estende pelas encostas do vale profundo dum ribeirão. As ruas correm horizontais ao longo dos declives, enquanto travessas perpendiculares descem a pique ao ribeirão, subindo do mesmo modo na margem oposta; essas ladeiras íngremes constituem extraordinárias dificuldades para os animais de tração, mormente com a terra amolecida pelas chuvas. Várias praças amplas, com árvores e flores, quebram de forma agradável a monotonia das ruas vermelhas com as pequenas casas de um só pavimento, caiadas de branco ou azul, e cobertas de telhas vermelho-acinzentadas. Numa elevação ergue-se sempre uma grande igreja de duas tôrres, cercada de belas praças e jardins.

A partir das 10,30 horas do dia seguinte, o trem galga uma serra de 1000 m de altura e coberta de matas (estação da garganta; Indaiá, 541 km; 1407 m de altitude), e, pelo meio-dia, vai descendo em curvas ousadas ao vale do Rio Grande. Atravessa-se o leito pedregoso dêste rio, que serve de limite entre São Paulo e Minas Gerais, numa ponte de 400 m de comprimento (Estação de Rio Grande, 598 km; 520 m de altitude). Na outra margem, a via férrea torna a subir, em escalada íngreme, ao primeiro grande chapadão. Daí para diante a paisagem ostenta novo caráter;

começa a zona dos chapadões, que se prolonga até a divisa das águas entre o Paraná e o Amazonas, bem no interior de Goiaz. Êsses chapadões, estendendo-se aquí numa altitude que varia entre 800 e 1000 metros, são separados por vales profundos com declives alcantilados e abruptos e por onde os rios cavaram os seus leitos. Por mais longe que o olhar se estenda, divisa-se sempre a vasta superfície limitada pelas linhas horizontais da borda do vale, e à distância vão se sucedendo novos chapadões. Tôdas as linhas são horizontais. Na vegetação dessas planuras reina a mesma monotonia: escassa vegetação de campo, formando capinzais e tratos de terreno cobertos de arbustos; sòmente ao longo dos riachos que, de distância em distância, atravessam a paisagem, alguns esbeltos buritís elevam as suas graciosas palmas. Não se vêem aldeias, nem casas isoladas; aquí e acolá alguns grupos de árvores. Rebanhos de gado bovino e cavalar pastam tranquilamente no capim alto; os que estão perto dos trilhos fogem pressurosos à passagem do trem, e apenas alguns animais velhos ficam pastando imperturbáveis ao lado da linha. No horizonte foge em rápida corrida um bando de emas selvagens.

Finalmente, às 5 horas da tarde, o comboio entra em Uberaba (700 km; 763 m de altitude), a rainha do sertão. E' uma cidade muito movimentada. Dela partem duas estradas importantes para o interior, uma para Cuiabá, no Mato Grosso, e outra para Goiaz. Carros de bois, de duas rodas maciças de madeira, com cobertura de fôlhas, e puxadas por 10-15 juntas, bem como caravanas de mulas, levando pesadas cargas, vão passando continuamente pelas ruas da cidade. Uberaba foi, até ha pouco tempo, a estação final da estrada de ferro e, por isso, o ponto de convergência de todo o tráfico. Agora a via férrea se prolonga até Araguarí, de modo que o trânsito goiano aí passa para a estrada de ferro; em consequência disso, declinou um pouco o tráfico de Uberaba. Todavia é intenso o movimento de estrangeiros; à noite, passei algumas horas bem agradáveis com alguns senhores alemães que pretendiam fazer uma caçada pelo interior.

No dia seguinte tive tempo suficiente — até às 10 horas — para fazer uma visita ao convento dos Dominicanos. O prior, Padre Jacinto, estivera, há alguns anos, no Araguaia e podia dar-me uma série de informações sôbre as condições locais. O meu passe vigorava só até Uberaba; a bagagem devia ser, portanto, novamente despachada. Era infelizmente dia feriado, de que há tantos no Brasil, de modo que não corria trem de carga, nem se despachava bagagem. Tive de confiar por isso o despacho a um comerciante relacionado com o sr. Nashold, e que o efetuou no dia seguinte.

O trem nesse dia passou sôbre um único chapadão, que atinge às vezes a largura de 2 km. e a altitude de 1025 m. De suas bordas íngremes partiam profundas frestas cavadas pela água fluvial e de curso zinguezagueante e fímbrias eminentes. Algumas já haviam alcançado mesmo a estrada de ferro, obrigando a desviar a linha ou a pôr em prática amplas medidas de segurança. A paisagem era ainda mais erma do que a do dia anterior. A descida para o vale do Rio das Velhas, coberto ainda de espessa mata virgem, proporcionou alguma variação. Na margem oposta o trem subiu novamente a um chapadão, onde se encontra o ponto final da ferrovia, a pequena cidade de Araguarí (879 km), que se alcança pelas 4,30 horas da tarde.

Araguarí é uma cidadezinha bonita, atravessada por pequeno ribeiro. Está situada a 930 m de altitude, de modo que durante a noite a temperatura diminue bastante em virtude do ar fresco e agradável. A-pesar disso, é difícil dormir: inúmeras rãs coacham no ribeiro, os grilos não cessam de trilar, os pirilampos esvoaçam, reluzindo ora aquí ora acolá. Ouve-se já de madrugada o ranger dos carros de bois, que não param durante todo o dia. E' que a cidadezinha, ponto final da estrada de ferro, tem uma vida muito ativa. Começa aí todo o tráfico goiano. Grandes hotéis, currais e enormes casas de negócio servem a êsse comércio terrestre.

Cabia-me aí comprar animais de carga e de montaria, alugar camaradas, aprontar a bagagem para o transporte nas mulas e obter as informações necessárias.

A compra de bêstas de carga causou grandes dificuldades. A princípio todos afirmavam que as havia em quantidade e a preço aceitável (140 — 170$000, inclusive albarda). Mas quando eu insistia, querendo ver os animais, dizia-se: amanhã, ou depois de amanhã. Finalmente as conversações vagas se tornaram mais concretas. Um mercador de gado encarregou-se da tarefa; arranjou uma tropa de doze cabeças, ou melhor, combinou com os donos que mas venderia por 140-170$000 cada uma. Eu queria ver os animais, mas não havia meios de conseguí-lo. O mercador declarava estarem no pasto, a 2-3 léguas (uma legua = 6,6 km) e que por causa da chuva — chovia de dia e de noite, durante várias horas seguidas — nenhum dos seus camaradas queria ir até lá afim de buscá-los. Prometeu-nos com certeza para o dia seguinte, às 10 da manhã Não vieram, naturalmente; chegariam à tarde, mas não chegaram; no dia seguinte, também nada. Continuou a farça por vários dias. Enquanto isso, procurei conseguir as bêstas em outra parte. Em dois dias pude comprar seis cargueiros (a 110-140$000). Em vista disso, o mercador ficou com

receios; no meio da chuva veio ter comigo o seu camarada, perguntando se queria os animais; recusei-os com altivez. Obtive ainda outro cargueiro, completando o número de sete; certo, esperei duas horas até que me fôsse entregue; alugara-o um carroceiro que fôra com mercadoria à estação, e o dono lho devia desatrelar primeiro.

A questão dos animais de montaria resolveu-se mais depressa. Para Adam comprei um cavalo branco, já bastante velho e que mal podia correr; chamámo-lo Chico. Para um segundo camarada, que faltava ainda, comprei outro cavalo, não menos velho e que tinha o lombo manchado em consequência de pesadas cargas; apelidámo-lo, por isso, com o eufemismo de Camelo. Os cavalos eram muito mais baratos do que as mulas; custavam cêrca de 60-70$000. Levei muito tempo até encontrar um animal de montaria para mim. Não estava disposto a gastar 300-400$000 por uma mula de sela, que só havia de usar quatro semanas. Para salvar a situação, apareceu um homem magro e esguio, natural da Suiça, de uns 35 anos de idade, cavaleiro destemido que, quando rapaz, fugira do ginásio, arribando finalmente naquelas plagas. Era dono de dois cavalos de montaria, um dos quais me alugou. Prontificou-se, além disso, a acompanhar-me com o outro cavalo, pelo menos até Goiaz.

Foi sobremodo difícil conseguir um segundo camarada, e que fôsse brasileiro. Vários se ofereceram, negros, mulatos, italianos, mas as suas exigências ultrapassavam muito o limite habitual. Por fim aceitei um mulato de uns 20 anos de idade. Edmundo da Silva Costa chamava-se o homem de bem. Era muito hábil e jeitoso no arrumar e preparar as cargas. Infelizmente tive de despedí-lo ainda na mesma noite, porque soube tratar-se de um gatuno declarado; dizia-se ter estado, há pouco, na cadeia por causa dum assassinio e que, por isso, não podia passar em certo ponto do caminho que eu devia percorrer, porque senão seria baleado pelos parentes da vítima. Era claro que eu não podia fazer depender o resultado da expedição de questões particulares dos meus camaradas. Por êsse motivo, mandei-o embora. De noite voltou embriagado, fez um grande barulho e pôs-se a gritar; quando o afastaram, tentou apoderar-se de alguns dos meus arreios; agarrado, porém, por dois homens fortes, foi lançado à rua, onde chovia. Belas coisas! Para substituí-lo, conseguí um negro, José Joaquim de Novais. Quando no dia seguinte se aprontavam os animais para a partida, êle ainda queria ir para casa afim de buscar a sua roupa; começou, porém, a andar pelos bares a despedir-se

de todo mundo, até finalmente pelas quatro horas da tarde foi possível fazê-lo tornar. Despedí-o sem demora, pois por culpa dêle a partida teve de ser adiada para o dia seguinte.

O resto do tempo passou-se com os preparativos da tropa; era preciso comprar albardas, ferrar os animais, arranjar as cargas. Todos os caixotes foram novamente examinados para uma revisão geral dos aparelhos e pequenos consêrtos. No fonógrafo faltava, por exemplo, a chave de dar corda; aproveitamos uma velha e enferrujada chave, limando-a para dar-lhe a forma necessária; serviu até o fim da viagem. Causou dificuldade a pesagem das cargas. Cada bêsta leva de cada lado até 70 kg. Com a bagagem que eu tinha, era possível carregar apenas 40-60 kg de cada lado. As malas de fôlha, a cujas asas se podiam prender as alças de couro para serem suspensas aos cornos da albarda, foram-nos de grande utilidade. Nos caixões era muito difícil segurar aprestos afim de pendurá-los na albarda, principalmente porque, tôda vez que se queriam abrí-los, era preciso tirar as correias.

Finalmente estava tudo em ordem e eu assentara partir na madrugada de 2 de abril. Dois animais, porém, que haviam fugido do pasto só foram encontrados ao meio-dia. Além disso, sumiu-se Rosendo, reaparecendo só de tarde. Não pude, pois, partir ainda naquele dia. Chovia a cântaros. Carlos e Adam saíram à noite à procura de uma camarada; voltaram sem resultado. Durante a noite desabou forte temporal com violento aguaceiro. Inopinadamente, pelas 3 horas da madrugada, um grande barulho; latiam loucamente todos os cães dos arredores; a seguir, duas balas disparadas diante da janela, um cavalo passando a galope; a chuva torrencial. Não se podia mais dormir.

3. *Viagem ao Araguaia*

Na manhã seguinte, 3 de abril, encontramos finalmente um camarada que servia para a expedição. Chamava-se Basílio Esturninho e fizera já várias vezes viagem ao Araguaia. Pediu um preço razoável e prontificou-se a acompanhar-nos logo. Prestou bons serviços quando não tinha oportunidade, nas cidades, de entregar-se à cachaça. Mas então não fazia mais nada por tôda a tarde. Todavia serviu bem até Goiaz, realizando também, embora a contragôsto, os serviços de Carlos, quando êste adoeceu. Por causa de uma briga que começou com Adam, vi-me obrigado a despedí-lo ainda na véspera da nossa chegada a Goiaz. Com a ajuda dêle, deu-se afinal a partida às 10,45 horas. Um dos animais coxeou logo à saída; tivemos de deixá-lo atrás. Felizmente havia

na minha tropa um animal que eu queria levar até à ponte do Parnaíba, para aí entregá-lo a um conhecido. Carregamo-lo com os volumes que o outro não podia levar. A passagem pela localidade deu-se sem grandes dificuldades. Mas apenas alcançáramos a altura da chapada, junto ao cemitério, os cargueiros dispararam na direção de seus antigos pastos. Depois de alguma fadiga recolhemo-los na espessa brenha, reunindo-os junto a uma porteira; faltavam três. Enquanto Carlos e Basílio saíam à procura dos que se haviam sumido, Adam e eu tocamos os restantes para a frente. Numa baixada, o caminho passava por um riacho paludoso; uma das bêstas deu uma queda no atoleiro, livrou-se de sua carga — naturalmente os caixões com os objetos de cozinha — e fugiu pela balsa. Os outros conseguimos levar felizmente para a outra margem, onde havia um prado. Não nos restava outra coisa a fazer senão acampar aí mesmo, 1 1/4 horas depois da partida, após 3 km apenas de avanço. À uma hora apareceram finalmente os dois homens com os três animais que faltavam. Foi esta a nossa primeira jornada com a tropa. Felizmente os dias seguintes não lhe foram iguais; os animais foram se acostumando uns aos outros, e andaram depois muito bem. A-pesar disso levamos ao todo 27 dias (inclusive um dia de repouso e outros 3 em que avançamos muito pouco) para o nosso trajeto de 500 km até Goiaz. Na noite de 30 de abril entramos em Bacalhão, subúrbio da capital goiana.

A estrada que leva a Goiaz corre do seguinte modo: De Araguarí vai primeiro em direção norte-ocidental até ao Rio Paranaíba, que é atravessado numa grande ponte de madeira (3 de abril, cêrca de 33 km (2), cêrca de 600 m. de altitude). De lá prossegue-se na mesma direção até ao Rio Veríssimo (7 de abril, 60 km, 590 m de altitude), onde igualmente se transita numa pequena ponte de madeira; depois pela Serra dos Cristais, com o Arraial dos Paulistas (agora Vila Xavier de Almeida, 9 de abril; 98 km, 630 m de altitude), ao Rio Corumbá, afluente bastante considerável do Paranaíba (10 de abril; 113 km, 530 m de altitude. E' atravessado numa balsa. Aí a estrada toma uma direção mais para o norte, passando por uma zona de sucessivos chapadões. Passando por Caldas Novas (12 de abril; 162 km, 720 m de altitude), onde no sopé de um chapadão brotam da terra águas termais, aproveitamas na terapêutica, alcança-se finalmente a cidade de Bela Vista (19 de abril; 295 km, 840 m de altitude).

Aí a estrada se desvia novamente para oeste, na direção do vale do Rio Meia Ponte, outro grande afluente do Paranaíba, que se atravessa numa ponte velha (21 de abril; 330 km, 740 m de

(2) — Aqui as distancias são calculadas a partir de Araguari.

altitude), e em cuja margem ocidental se sobe, passando pelas localidades de Campinhas, 22 de abril; 361 km, 750 m de altitude), e Goiabeira (24 de abril; 417 km, 810 m de altitude), ambas situadas em pequenos tributários do Meia Ponte, até se chegar às suas cabeceiras, na Serra de Santa Rita, que aí forma a divisa das águas entre o Paraná e o Amazonas. Passa-se pela crista por íngremes caminhos de montanha (no cimo: 453 km, 1043 m de altitude). Em seguida desvia-se mais para o oeste; passando por Curralinhos (28 de abril; 486 km, 770 m de altitude) alcança-se o Rio Uruú, um dos formadores do Rio Tocantins (29 de abril; 511 km, 810 m de altitude), finalmente depois de vencida a Serra Dourada (mais de 1000 m; a passagem pela crista (521 km) está a cêrca de 870 m de altitude), a cidade de Goiaz (30 de abril; 545 km, 520 m de altitude), no Rio Vermelho, afluente do Araguaia.

Quanto à topografia, a zona representa a continuação do terreno percorrido nos últimos dois dias da viagem por via férrea: um chapadão depois do outro. São formados da assim chamada canga, arenito ferruginoso e por isso de cor vermelha, estendendo-se em espessa camada sôbre gneisse. Mais adiante aparece, formando chapadões outro quarzito, denominado itacolumito. A canga decompõe-se com muita facilidade, e um saibro vermelho cobre o terreno. A água forma profundos e estreitos vales com paredes alcantiladas. A flora do chapadão é constituida de árvores enfezadas, de 3 — 4 m. de altura (campo cerrado), que formam densa balsa em que é difícil orientar-se. Aquí e acolá assomam árvores de floração azul e vermelha, formando a única variação do cinzento monótono da estepe. De vez em quando destacam-se, fantàsticamente, alvacentas e altas árvores carbonizadas, testemunhando as queimadas com que o homem abriu caminho por essas brenhas. Em outros tratos os chapadões são cobertos de capim alto (campo limpo), entremeado de arbustos baixos e, às vezes, de alguma árvore raquítica ou cactos ponteagudos. O sol arde abrazador, e a fina areia vermelha reflete o calor. A monotonia contínua torna-se cansativa. Sòmente as margens dos ribeiros ostentam alguma vegetação de côr viva, capim e ramagens de um verde fresco, e buritís; pelos vales paludosos dos rios estendem-se estreitas fímbrias de mato, cujo verde monótono é interrompido, de maneira agradável, por árvores de floração vermelha ou amarela, e onde assomam, no meio de plantações verde-claras, os telhados cinzento-avermelhados das casinhas brancas de moradores solitários: oasis no deserto. O horizonte é limitado por linhas horizontais, as arestas dos chapadões mais salientes (prancha 2, fig. 1); paisagem pouco variada. E contudo es-

taria errado quem a não quisesse chamar de bonita. A seu modo é bonita, e até muito bonita. Mas a beleza não está na proximidade, em pequenos painéis atraentes, de que nós gostamos; é uma beleza austera e acre, a da imensa amplidão, da uniformidade. Leva-se muito tempo até aprofundar-se nela, senti-la e amá-la.

A estrada que percorremos é via oficial de trânsito e correio. O seu estado de conservação e o seu traçado lembram vivamente as nossas estradas medievais. Sua largura corresponde à trilha dum carro de bois, medindo cêrca de 5/4 - 1 1/2 m. As maciças rodas dos carros de bois, guarnecidas de pregos de ferro nos aros e dos lados, entalham profundamente o solo. Entre as duas calhas eleva-se uma estrada lisa, por onde andam as mulas uma atrás da outra. Quando o caminho está muito cavado pelos carros, quando a água abriu buracos muito grandes e quando se formou um atoleiro, o primeiro carro que dá com o obstáculo, desvia-se simplesmente para o lado, passando pelo campo a um metro da estrada. E' por isso que, muita vezes, várias vias correm pela estepe, uma ao lado da outra, umas já quási cobertas de vegetação, outras ainda fazendo o papel de desvios. Mormente nas encostas, onde a água da chuva cava ràpidamente as relheiras, originando sulcos de um metro de profundidade, o capim verde do campo é atravessado por uma série de caminhos paralelos alcançando frequentemente a largura total de uns 100 m. Com o tempo as rodas dos carros de bois vão cortando até os rochedos.

As vias não correm pelos vales, como as nossas modernas estradas reais, mas estendem-se pelas elevações. Havendo um rio a atravessar, e não existindo fraldas que permitam descer e subir cômodamente, desce-se a pique a rampa alcantilada para cruzar de esguelha o vale. São precisamente essas subidas e descidas íngremes que oferecem às águas fluviais as melhores condições para a sua ação erosiva, obrigando-a assim a desvios contínuos da estrada. Êsse curso das estradas é devido ao fato de os vales serem paludosos ou estarem cobertos de densa mata virgem, constituindo, destarte, obstáculos para o trânsito, que se procuram vencer pelo caminho mais curto possível, ao passo que pelos campos limpos e cerrados das chapadas é fácil formar uma vereda.

Em consequência do reduzido número de pontes (Rio Paranaíba, Veríssimo, Meia Ponte), o trânsito depende de vaus e balsas. Enquanto nas pontes e nos vaus, na maioria em boas condições, se pode passar sem dificuldade, nas balsas o trânsito sofre interrupções muitas vêzes desagradáveis. Carros de bois, tropas mercantes, viajantes com cargueiros ficam aí durante horas e horas à espera de passagem. Geralmente o viajante com poucos ani-

mais é conduzido para a outra margem antes das tropas mercantes e os carros de bois; as tropas e os carros atravessam o rio na ordem da sua chegada. No Rio Corumbá a balsa consistia em três canoas paralelas sôbre as quais estavam pregados madeiros transversais. Era conduzida com remos e varas. A lotação era até 2000 kg. Os meus 12 animais juntamente com tôda a carga foram levados em três passagens. Tirou-se a carga dos animais, levando-a em separado. Com os carros de bois procede-se da mesma forma; o carro e o frete se transportam separadamente, enquanto os bois são tocados pelo rio.

Os carros de bois, destinados a cargas pesadas e volumosas, são providos de enormes e maciças rodas de madeira, em que há apenas dois orifícios semicirculares e que são formados de três pranchas de madeira. A superfície dos carros, medindo cerca de 1 1/2 m de largura e 4-6 m de comprimento, é coberta com uma esteira curva. Os carros são puxados por 8-15 juntas de bois, estimulados ininterruptamente por dois ou três homens munidos duma vara com ponta de ferro (prancha 2, fig. 2). Lentamente o carro passa pela estrada, fazendo-se ouvir, já a grandes distâncias, pelo chiar dos eixos, nunca untados. Como ocupa tôda a largura da estrada, a passagem da tropa tem as suas dificuldades, sobretudo nos desfiladeiros, nos vãos e nos terrenos cobertos de mata. O trânsito, no entanto, obedece a regras rigorosas, e as tropas e os cavaleiros sempre fazem lugar, evitando-se assim qualquer motivo de discussão. Os bois não suportam o trabalho durante o calor; por isso faz-se sesta ao meio dia para prosseguir a jornada nas últimas horas da tarde. Calculam-se duas léguas (12-13 km) como trajeto diário.

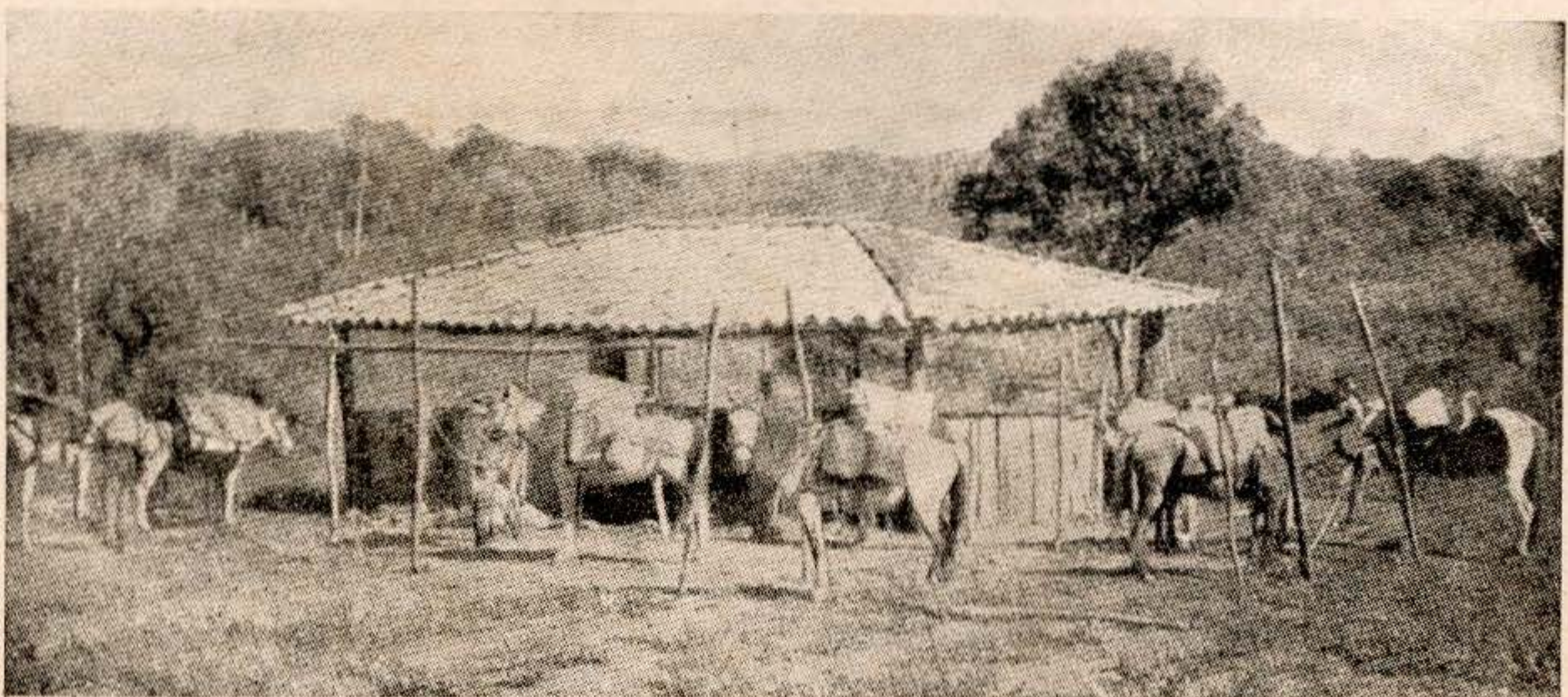
As tropas de mulas, transportando cargas menores (até 1 1/2 m de comprimento) avançam com maior rapidez. Uma bêsta leva até 70 kg de cada lado. O pêso dos volumes deve ser determinado com exatidão antes do início da viagem; com grandes algarismos assinala-se o pêso da carga. É indispensável equilibrar bem os volumes, porque do contrário a albarda se deslocaria e o animal ficaria machucado. Precisam-se de dois homens pelo menos para carregar os animais. Em cima da carga levam-se ainda volumes leves e menores, como sacos de roupa, gêneros alimentícios, utensílios de cozinha, etc.; tudo isso é coberto com um couro de boi, que, preso com uma correia larga amarrada debaixo da barriga do animal, dá a tôda a carga a necessária estabilidade. Durante a viagem vai-se desprendendo alguma coisa aqui, outra acolá, algum animal se deita no caminho, foge, joga os volumes ao chão, de modo que os camaradas estão continuamente ocupados com os cargueiros. O principal é prevenir confusão na tropa; todo

animal em que se precisa arrumar alguma coisa é afastado do caminho, para dar passagem livre aos outros. Qualquer desordem representa perda de tempo. Dez cargueiros formam um lote; para cada lote se calculam dois camaradas. Tropas maiores, de vários lotes, levam uma madrinha, geralmente um cavalo velho com uma sineta ao pescoço. As mulas habituam-se logo a seguir os sons da sineta, permanecendo também de noite, no pasto, na proximidade da madrinha, de modo que na manhã seguinte são achados sem perda de tempo. Além disso, as tropas maiores têm um cozinheiro especial e um guia, a que se chama arrieiro.

O movimento nessa estrada é bastante intenso. Encontrei diáriamente vários carros de bois e tropas; foram poucas as noites que passamos a sós no acampamento. Principalmente nas cidades juntavam-se nos grandes currais numerosas tropas e carros. Na viagem de retôrno encontrei p. ex., em Pouso Alto várias tropas, que juntamente com os meus 12 animais e os 14 do comerciante que me acompanhava formavam um total de 160 cargueiros, todos transportando carga de Goiaz a Araguari, i. é, à estrada de ferro. Tropas de 3-4 lotes não constituiam raridade.

Nos pontos de repouso desenvolvia-se por isso um movimento bem animado. Mormente nas cidade e aldeias, onde por causa da confluência de várias artérias de comunicação, se formavam ajuntamentos de muitas tropas, havia grande azáfama nos currais. Êstes lembram as nossas pousadas medievais. Em tôrno dum grande pátio estão dispostas várias construções, entre as quais se destacam a morada do proprietário e a estalagem. Esta contém geralmente um grande compartimento servindo de dormitório comum, além de vários quartos que se cedem a viajantes mediante pagamento duma diminuta quantia. Nêles não há nada senão um estrado de madeira com largas tiras de couro cruzadas. As outras casas, menores, contêm banheiros, poço, compartimentos secundários, etc. Muitas vêzes há tambem no pátio um pequeno alpendre, que em dias de muito movimento igualmente dá abrigo aos homens. A comida é feita no grande compartimento, ou então ao ar livre. Cada viajante leva consigo os seus utensílios de cozinha e as armações em que se suspendem as panelas, um tripé de madeira (marica) provido dum gancho de ferro, ou uma travessa que repousa em duas forquilhas. Em vários pontos o dono da pousada também fornece comida aos viajantes. Os cobertores e objetos semelhantes vêm na bagagem. No pátio, as cargas e albardas de cada lote são amontoadas de modo a formarem altas pilhas; para serem resguardadas da chuva, são cobertas com couros de boi. Debaixo de cada pilha, dorme à noite um dos homens, fazendo o papel de vigia.

1 — Vista de um chapadão perto de Caldas Novas

2 — Carros de boi na estrada de rodagem, nas proximidades de Goiaz
(Foto do sr. A. Veiga, de Goiaz)

3 — A tropa prestes a partir do rancho. (Lageado)

Prancha 2

São mais simples os pousos que se encontram durante o caminho. Qualquer morador estabelecido perto da estrada constrói na proximidade de seu sítio uma casa ou um simples rancho, muitas até sem paredes, em que podem pernoitar os viajantes (prancha 2, fig. 3). Na maioria dos casos êle possue também, nas imediações, um pasto em que os animais comem durante a noite. Não se paga nada pela pousada; o dono ganha com a venda de gêneros alimentícios e do milho para os animais. Além disso, a ocupação do pasto custa, para cada animal, alguns tostões (20-50 Pfennige) por noite. Êsses pousos estão disseminados a distâncias desiguais ao longo da estrada, variando de 2-4 léguas. As jornadas vão de pouso a pouso, transpondo-se um dêles, se possível. Em muitos pontos não há rancho especial, e o viajante é mandado a um paiol, onde se guardam as espigas de milho até serem consumidas. E' assoalhado, mas no soalho abrem-se largas frestas; em baixo vivem, quási sempre, muitas famílias de porcos pretos, enquanto nas vigas do teto numerosas galinhas fazem os seus ninhos e no milho as ratazanas fazem das suas. Em consequência do barulho noturno e da grande quantidade de bichos molestos, não é possível dormir. De duas em duas horas mais ou menos, os porcos desatam a grunhir, a partir das duas horas da madrugada os galos cantam sem cessar, no pátio ladram os cachorros, nos cercados próximos as vacas e bezerros, que ficam separados durante a noite, se comunicam com um mugido ininterrupto. Mas são frequentes também os casos em que os porcos e as vacas andam soltos; então, os porcos, remexendo continuamente o lixo e dando estalos com a língua, as vacas correndo em tôrno do rancho aberto, mugindo, e lambendo com curiosidade, e além de tudo isso a grande quantidade de bichos pequenos e os vampiros desfazem tôdas as esperanças de sono. Tornando-se excessivo o barulho, joga-se entre os perturbadores uma acha de lenha, para êste fim empilhada ao lado da cama; o resultado, porém, é pouco duradouro. É necessário muito cansaço e estar bem habituado a êsse estado de coisas, para se adormecer num dêsses ranchos.

As noites eram, de ordinário, bastante frescas. Enquanto ao meio-dia a temperatura média, na sombra, 27-33° centigrados, verificava-se de noite uma considerável queda; às 9 horas da noite o termómetro acusava ainda 15-21°, e ao nascer do sol sòmente 11 1/2-18°, havendo predominância das temperaturas baixas, entre 11 1/2-16°. Sentia-se, por isso, geralmente um frio desagrádavel, a despeito das duas colchas, sobretudo mais tarde, na serra. Os meus camaradas estavam mais acostumados; dormiam no chão, uma sela por travesseiro, e cobertos com uma colcha leve. De

noite caía forte orvalho, contra os quais os ranchos constituiam algum abrigo. Eram mais aborrecidas as noites de chuva, frequentes na nossa expedição; a estação chuvosa não terminara ainda. Muitas vezes as coberturas de têlha ou fôlhas de palmeira não eram impermeáveis; nos ranchos sem paredes a chuva penetrava fàcilmente pelos lados. Nestes casos éramos obrigados a formar incipientes paredes de resguardo com lona, capas e cobertas.

Em linhas gerais, o decurso do dia era o seguinte:

Já antes do nascer do sol, pelas 5,45 horas, todos se levantavam, aquecendo-se ao fogo atiçado com aproveitamento de alguma brasa ainda acesa. O café era feito e tomado em poucos minutos. A seguir, os camaradas iam ao pasto pegar os animais. Em pastos cercados isso de ordinário se fazia sem perda de tempo. Mas quando era preciso deixá-los no campo aberto, e não permitindo a escassez do capim amarrar-lhes as patas dianteiras para que não pudessem ir muito longe, alguns dêles muitas vêzes se perdiam, levando-se horas seguidas, ou mesmo o dia todo até conduzí-los ao acampamento. Reunidos, finalmente, todos os animais, punham-se-lhes as albardas e dava-se-lhes milho. Enquanto isso, tomava-se o almôço, entre as 7 e 8 horas. O cardápio era quási sempre o mesmo: arroz, feijão pardo, carne seca, farinha de milho ou mandioca, que se punha sôbre a comida, e por fim café. Às vezes se podiam comprar ovos, galinhas e bananas, com que se variava um pouco. Depois do almoço, carregados os animais (o que, com dois homens, levava, na média, 1/2 a 3/4 de hora), dava-se a partida. De ordinário, Adam cavalgava na frente, indicando o caminho, a espingarda transversalmente sôbre o dorso. Seguia-se a fileira das mulas, Carlos de um lado e Basílio de outro, tocando, arrumando os volumes dos cargueiros, fazendo os animais levantarem-se quando caíam, etc. Eu mesmo ia propositalmente atrás; visto que para empregar o tempo em algo de útil e afim de vencer a infinita solidão, eu fazia levantamentos do caminho com a bússola e o relógio, essa ordem naturalmente era a mais apropriada. Prosseguia-se a marcha até às 3 ou 4 horas, i. é, até alcançar o pouso seguinte. Aí descarregavam-se os animais, levando-os em seguida ao bebedouro e ao pasto; as albardas eram expostas ao sol para secar, e depois esfregadas com sabugos de milho para não ficarem rijas; empilhavam-se as cargas da maneira já descrita. Entrementes, Adam preparava o jantar, e eu trabalhava nos meus registos cartográficos. Jantava-se pelas 5 horas; a refeição era igual ao almôço. Pelas 7,30 os camaradas se deitavam. Só eu devia ficar acordado até às 9 horas, para fazer a leitura dos instrumentos meteorológicos. Ficava então ao pé do fogo e ouvia Adam discorrer sôbre sua vida,

contando como viajara pelo país como colecionador, comerciante, pesquisador de minas, garimpeiro, prestigitador, fotógrafo e outras coisas mais, ou como vivia na sua pequena botica entre os índios lá na praia de São Paulo. Era inexhaurível, narrava bem e com humorismo, e as suas descrições da população brasileira me deram uma série de noções úteis do mundo que me era tão estranho. Ou então eu ficava sentado solitário diante do rancho, observando a entrada da noite, como o sol descia rubro atrás das colinas ou das montanhas cobertas de mato, como em seguida as trévas iam subindo pouco a pouco pelas elevações até que despontasse a lua, derramando sôbre o conjunto a sua luz deslumbrante. No pasto, o gado então aparece como uma massa escura; as pilhas de bagagem elevando-se, como tôrres negras, na paisagem iluminada, dão a impressão de fantasmas. Vão acordando os animais: os periquitos começam a bulhar nas árvores, e uma infinidade de grilos põe-se a zumbir e zunir; tudo isso em um só tom; ao mesmo tempo, os sapos coaxam em tôdas as tonalidades. Pequenos rebanhos de porquinhos pretos de pele grossa e cerdas hisurtas passam satisfeitos, grunhindo e estalando a língua, pelo pasto próximo, em direção do riacho; As corujas gritam na mata, os morcegos percorrem o ar silenciosos como espíritos, por vêzes passa depressa algum gambá ou outro animalzinho; à distância ouvem-se os mugidos prolongados do gado a pastar.

Era mais intensa a vida nos grandes currais. Os homens, sentados em tôrno das fogueiras, fumavam e conversavam animadamente, visitavam-se e cantavam. Durante tôda a noite ouviam-se as malhadas da ferraria da aldeia, onde se ferravam animais, ou se faziam ferraduras e pregos. Do outro lado vinham os sons de alegre música de dança e as canções e risadas de gente galhofeira que se divertia dançando.

Feitas as observações meteorológicas, eu também procurava dormir, mas freqùentemente não encontrei o descanso tão desejado e necessário. A noite vai passando. A manhã fria nos tira da cama. Ainda é quási noite; todavia as estrêlas do firmamento já se vão apagando, começa a clarear o dia, a natureza vai tomando côres; as cristas da serra, ao longe, resplandecem à luz solar, finalmente o sol vem subindo atrás das elevações, derramando também luz e vida sôbre o que está próximo. Nos prados fumegantes e banhados de sol, sobressai a tonalidade escura do gado bovino e dos porcos; as névoas sobem pelas montanhas cobertas de mato, desfazendo-se depois nos cumes mais elevados em leves flocos. Acordam os animais, a passarada do mato começa a trinar; um canto matutino de muitas vozes de galinhas, cabras, vacas e cães saúda o sol nascente. Os animais noturnos, rãs, grilos, etc., sus-

pendem por algum tempo o seu contínuo vozerio. Às sete horas faz-se mais uma observação meteorológica; o almôço está pronto, começa novo dia de trabalho.

Era bastante agradável a viagem nessa estrada. As casas também eram freqüentes; a cada trecho de 4-5 km, mais ou menos, encontrava-se uma morada, e nos pequenos vales havia grupos de casas espalhados pelas encostas. Às povoações maiores e cidades já nos referimos acima. São formadas de pequenas casas, de um só pavimento, cobertas de têlhas cinzento-avermelhadas. No centro, numa grande praça quadrangular eleva-se a igreja de duas tôrres, e, diante dela, três enormes cruzes de madeira, em cujos braços as andorinhas fazem os seus ninhos.

Sempre encontrei pastos cercados, exceto em dois pousos; em tôda parte pude comprar os alimentos necessários, de modo que não era preciso levar muitas provisões. Não se pode negar, entretanto, que a viagem se caracterizava por certa monotonia. Em dois pontos apenas atravessamos pequenas serras que proporcionavam alguma variação: entre o Rio Veríssimo e Corumbá vencemos em três dias a Serra dos Cristais por cômoda estrada entre as montanhas; mais adiante, entre Caldas Novas e Bela Vista passamos, igualmente em três dias, por uma serra em parte coberta de mato. Fora disso, porém, os primeiros 20 dias de viagem foram sempre pelos ermos chapadões.

Sòmente no curso superior do Rio Meia Ponte a paisagem se apresentou mais variada. Para a direita as montanhas ofereciam interessantes perspectivas da região do assim chamado planalto, território designado para a nova capital federal. Ao mesmo tempo, o terreno se tornava mais acidentado, e o campo dava lugar à mata espêssa. Entrávamos na floresta virgem que se atravessa em quatro jornadas e que cobre a serra formadora da divisa das águas entre o Paraná e o Amazonas. Altas palmeiras se destacam entre gigantescas árvores folhudas ostentando densa camada de plantas epífitas; grossos cipós estendem-se em longas cordas de árvore para árvore; copados arbustos nodosos tornam impossível qualquer entrada na mata. Musgos e fetos vicejam com exuberância em numerosos troncos caídos de gigantes da floresta e que por tôda parte estorvam a passagem. Não há vida nessas matas, é raro que ressoa pela solidão a voz de alguma ave, que passem borboletas balouçando-se pelo caminho, lagartos fugindo apressados para a folhagem: de dia a floresta está morta. Apenas a bicharia miúda está ativa. As formigas em longas filas pelas suas estradas, insetos de tôda espécie esvoaçam em tôrno do viajante; sob as fôlhas dos arbustos e das árvores abrigam-se milhões de car-

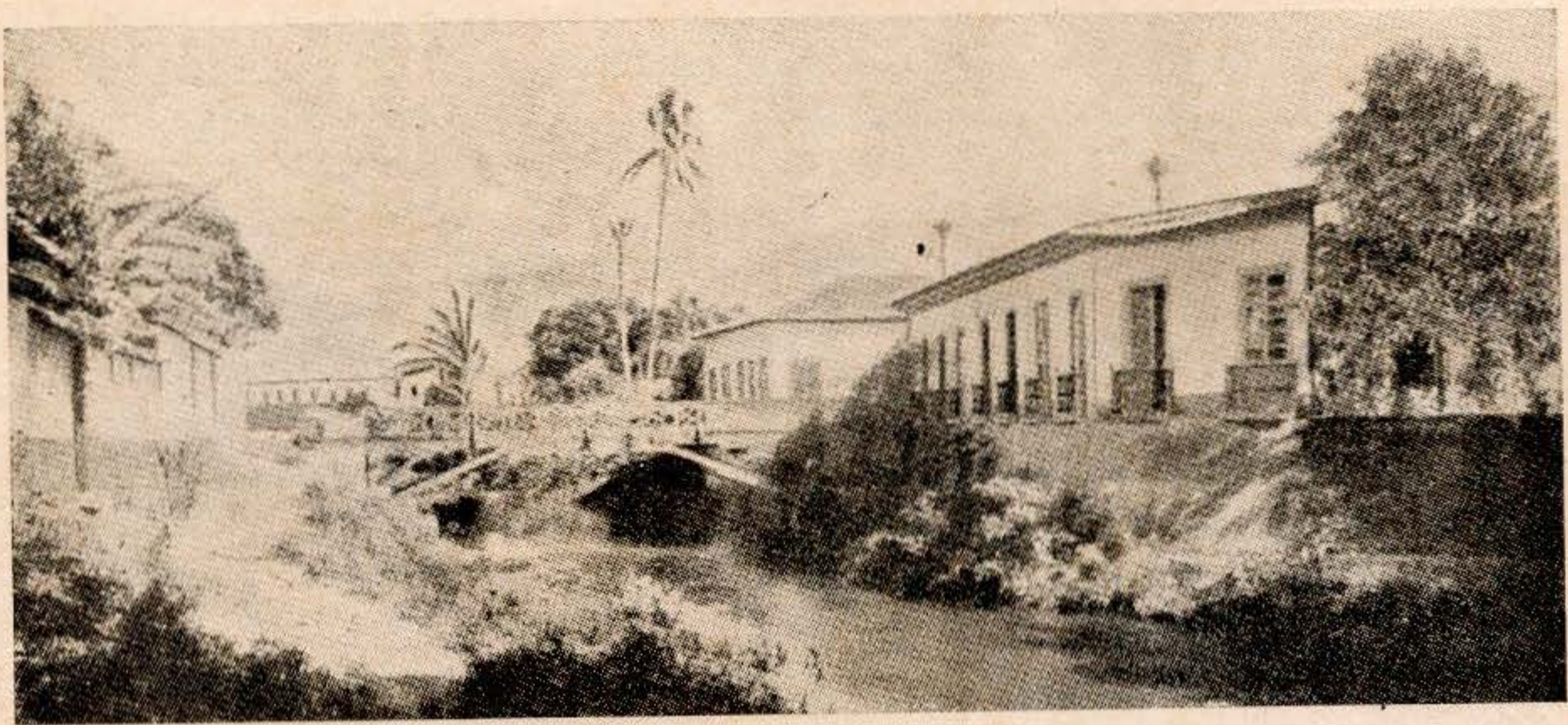
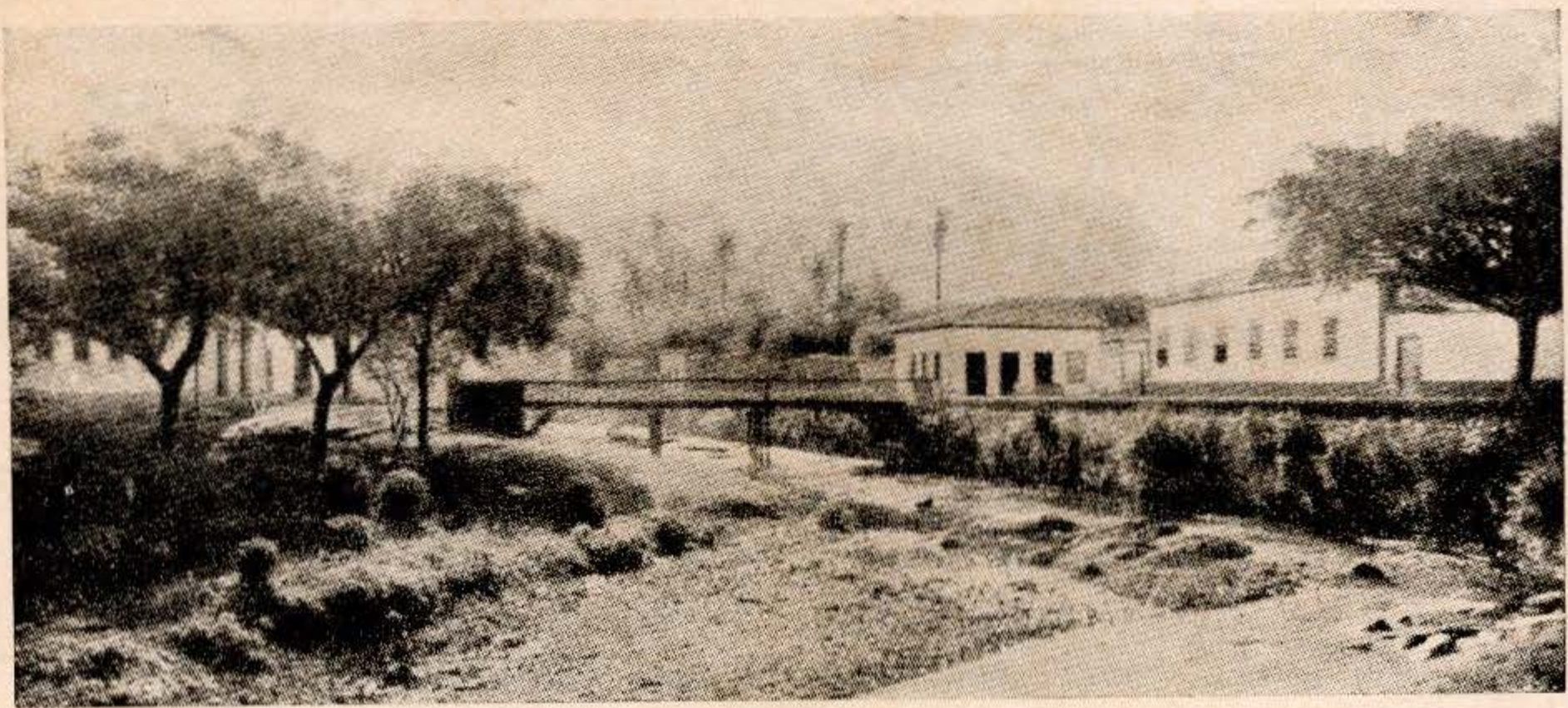
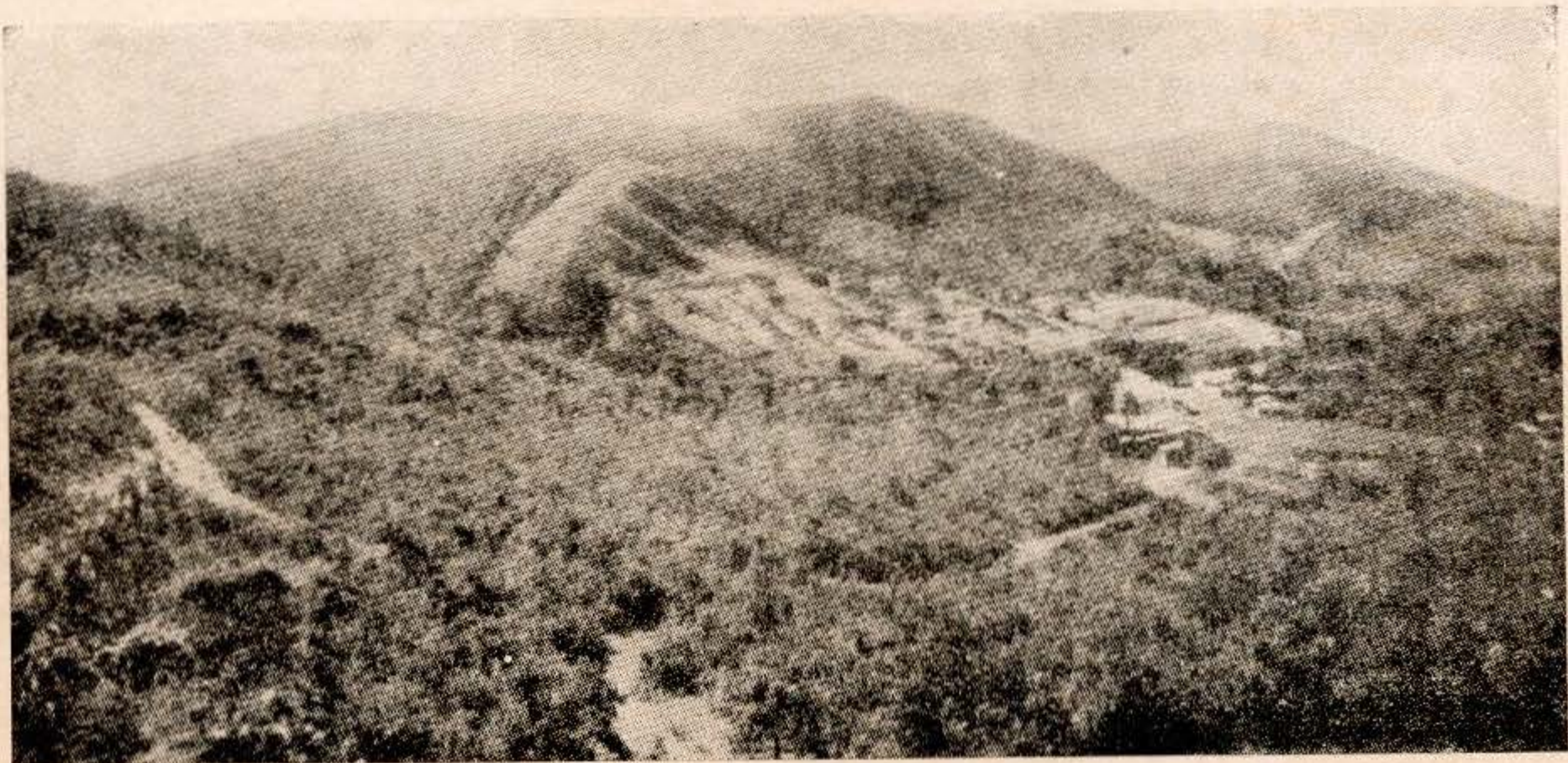
rapatinhos que a cada roçadela se deixam cair sôbre o cavaleiro. Introduzem-se ràpidamente na pele, destacando-se apenas como pequenos pontos pretos; na sua quantidade, porém, causam violentas dores. Durante a viagem não se podem retirá-los. E' preciso suportá-los até à noite, quando se faz uma fogueira fumegante, em tôrno da qual todos se reùnem para defumar-se; em seguida faz-se a defumação das roupas. Depois de se tomar um banho e vestir-se de novo, estava-se aliviado até o dia seguinte. São mais desagradáveis os grandes carrapatos cinzentos que só com dificuldade se podem remover da pele por meio de fricções com sumo de tabaco ou óleo; em partes sensíveis do corpo a sua mordida produz dores verdadeiramente incríveis. Fazendeiros que precisem viajar com suas espôsas mandam por isso geralmente tocar na sua frente alguns bois, que então apanham a bicharia. É claro que os animais são acometidos da mesma forma. Os meus cavalos e mulas estavam completamente cobertos de grandes carrapatos na região da carótida. De manhã cedo observavam-se os animais, dois a dois, coçando-se, um ao outro, o pescoço com os incisivos superiores. Também os burros e as vacas prestavam-se mùtuamente êste serviço.

Nas margens dos ribeirões avista-se, de distância a distância, alguma plantação; no meio da roça, um ou dois ranchos: um quadro agradável e soalheiro, contrastando com o verde escuro da fresca mata. Vai-se subindo sempre mais pela serra. Pelos vales das fontes espraiam-se prados verdes e viçosos, rodeados de floresta escura. Em tôda parte pastam vacas; nas margens dos riachos alguns ranchos com pedras pesadas no telhado. A atmosfera é fina e fresca. E em seguida galga-se o cume rochoso até o ponto mais elevado. E' de mais de 1000 m. o caminho que sobe à divisa que separa os dois enormes sistemas fluviais da América do Sul. Depois vem a descida íngreme. Aparecem novas espécies de árvores; a vegetação apresenta-se mais viçosa. Desce-se em pouco tempo. Por dois dias percorrem-se novamente os chapadões; constituem a nascente do Uruú, um dos formadores do Tocantins. No terceiro dia, finalmente, o terreno volta a ser montanhoso; em caminhos escarpados sobem-se descalvadas elevações de granito; o cascalho branco reflete sensìvelmente o calor solar e a infinidade de chapinhas de mica ofusca os olhos, que começam a doer. Atravessando bizarras penedias, alcançamos o espigão da Serra Dourada. Uma porteira assinala o vértice do desfiladeiro. O olhar se estende para o oeste, pelas verdes faldas de serra, por vales em que apontam casas brancas e colunas de fumaça azues,

até bem longe, onde o horizonte se perde na atmosfera azul. Numa excelente estrada, construída por um suíço, desce-se ìngremenente pelas abas da serra até ao vale do Rio Vermelho.

Ao meio-dia de 30 de abril chegamos a Goiaz. Instalamo-nos numa casa de pouso no subúrbio de Bacalhão. Ainda na mesma tarde fiz uma visita ao sr. Theodor Ockinghaus, professor alemão do liceu e cônsul belga de Goiaz, para o qual eu tinha cartas de recomendação. Com o auxílio dêle me foi possível alugar uma casa desocupada para o tempo da minha permanência em Goiaz. Pernoitamos em Bacalhão. Na manhã seguinte, 1.o de maio, tive de fazer as contas com Carlos e Basílio, para despedí-los. Carlos havia adoecido gravemente e na tarde anterior consultara o médico, que lhe prescreveu completo repouso. Como preferisse ficar fora da cidade e também não pudesse ajudar no transporte da bagagem, paguei-lhe o salário na mesma manhã. Depois de oito dias, sentindo-se melhor, voltou para Araguarí com os seus dois cavalos. Basílio teria preferido tomar parte em tôda a viagem Era hábil e trabalhador, mas gostava muito de cachaça; tomava-a sempre que havia oportunidade e começava então a brigar com Adam; essas lutas às vêzes se tornavam violentas. Nessa manhã declarou-me êle sem rodeios que pegaria e carregaria os animais sòmente se eu o levasse na viagem fluvial. A prescrição dessa natureza eu naturalmente não podia sujeitar-me, pelo que o despedí imediatamente. Agora eu estava aí sòzinho com Adam, a 3 km de Goiaz. Com grande dificuldade encontramos no pequeno subúrbio dois moços que se prontificaram a pegar e carregar os animais. Como não conheciam os animais nem os volumes da bagagem, as cargas e os arreios ficaram todos trocados. Os nossos animais de montaria não puderam ser encontrados. Era um quadro aflitivo o da nossa entrada em Goiaz: à nossa frente, as mulas mal carregadas, e nós seguindo-as a pé.

A capital, Goiaz, contando uns 20.000 habitantes estende-se pelas duas margens íngremes do Rio Vermelho, cuja nascente fica na proximidade, na Serra Dourada, que nessa parte é alcantilada e coberta de mato, abraçando a cidade num arco aberto na direção de oeste. Nas suas abas vão terminar quási tôdas as ruas, estreitas e íngremes da cidade. Em tôda parte, nos jardins, inúmeras palmeiras se elevam com suas copas esbeltas acima das casas baixas. Principalmente no Rio Vermelho há quadros de vegetação e paisagens verdadeiramente encatadores (prancha 3, fig. 1 e 2). As casas são simples no mesmo grau em que é bela a situação do lugar. As ruas, cruzadas por muitas ladeiras estreitas e algumas estradas largas, correm paralelas ao rio. Duas paças enormes estendem-se na margem sul, uma bem perto da outra, e

194b

1 — Margens do Rio Vermelho (Goiaz).

2 — Margens do Rio Vermelho (Goiaz).

3 — Fraldas ocidentais da serra Dourada, perto de Goiaz.

Prancha 3

ambas adornadas de chafarizes. Na menor dessas praças encontram-se o palácio do govêrno, baixo e espaçoso, a igreja principal e a ruína da primeira igreja, aí construída pelos pesquisadores de ouro. Além dessas, há ainda uma ou duas igrejas, um grande convento com sede episcopal, e, fora da povoação, várias capelas, dentre as quais se destaca a de Santa Bárbara, situada num alto do qual se desfruta ótimo panorama de Goiaz. As casas têm um só pavimento, na maioria cobertas de têlhas cinzento-avermelhadas e caiadas de vermelho, branco, azul ou verde. O chão é de barro socado, ou coberto de ladrilhos de pedra; são muito raros os soalhos de tábua. São poucas também as casas com tetos, às vêzes substituídos por papelão pintado; em geral, porém, está exposto o madeiramento do telhado. Junto de cada casa há um pequeno jardim com flores e árvores frutíferas, palmeiras e um poço. Nas ruas, calçadas, e providas de iluminação a gás acetilênio, concede-se ainda irrestrita liberdade de movimento aos animais, como cabras, cachorros, mulas e urubús. É bastante vivo o movimento. Certo, são poucos os carros de bois que entram na cidade, mas muitas vêzes avistam-se tropas de mulas passarem pelas ruas. Além disso os vendedores de carne e de frutas, os carregadores de água e lenha, a apregoarem a sua mercadoria, mendigos, etc. O correio parte de três em três dias para Araguarí, e todos os quinze dias para Leopoldina, no Araguaia. O telégrafo para Cuiabá passa por Goiaz ligando assim a cidade com a rêde mundial.

É intensa a vida social de Goiaz. À hora das visitas, meio-dia, serve-se café em tôda parte. Depois do jantar, às cinco, dão-se passeios no frescor da tarde, fazem-se visitas ou reüniões íntimas no seio das famílias. Cada morada tem, para êste fim, a sua sala de visitas, em geral quási vazia, contendo apenas na parte oposta à porta algumas cadeiras e um sofá de palhinha, sempre dispostos de modo a formarem um quadrado aberto para o lado da entrada, e várias escarradeiras. Também eu mandei arranjar na minha casa uma sala para êsse fim, pois era provável que recebesse muitas visitas. Dois caixotes sobrepostos deviam fazer as vêzes de mesa, e uma gualdrapa servia de toalha; duas malas de fôlha, igualmente cobertas de gualdrapas, eram os assentos. Adam fêz uma gostosa desordem; as espingardas a um canto, a lanterna num dos batentes da porta, e no outro, formando um conjunto pitoresco, o aparêlho fotográfico, o revólver e o facão.

Não é menos animada a vida intelectual da cidade. Há aí uma faculdade de Direito, um ginásio, uma biblioteca muito boa. Dois jornais dedicam-se a finalidades políticas, enquanto no periódico "A Rosa", editado por senhoras, predominam os assuntos

literário-estéticos. A importância da cultura intelectual pode-se avaliar pelo fato de se empregar, sem mais nem menos, o título de doutor para qualquer homem bem trajado.

Em Goiaz cabia-nos agora tratar dos preparativos para a continuação da viagem até Leopoldina, conseguir informações sôbre a navegação no Araguaia e eventualmente começar a prepará-la já aí mesmo. Em várias cidades por que havia passado, Rio, São Paulo, Araguarí eu recebera cartas de recomendação para personalidades goianas que me podiam auxiliar nesse sentido. Ajudou-me sobretudo o nosso patrício, sr. Ockinghaus, com suas recomendações leais e ativa assistência. Encarregou-se também de recomendar-me aos outros senhores. Cabia-nos primeiro fazer uma visita ao Presidente de Goiaz, afim de entregar-lhe a carta do Presidente da República. Ofereceu-nos muito prontamente assistência militar que não achei conveniente aceitar em virtude das experiências feitas com êsse dualismo de auxiliares militares e civís por Castelnau no Araguaia, em 1844, e os primos von den Steinen, em 1884, no Xingú. Visitei, além disso, o meu banqueiro goiano, ao qual fôra enviado o meu dinheiro do Rio, mas que, em virtude duma viagem que êle ia empreender, eu não podia deixar com êle. O sr. Ockinghaus prontificou-se muito amàvelmente a administrar, até o meu regresso, a soma destinada para o retôrno à pátria; com êle o dinheiro estava realmente em ótimas mãos.

Levei muito tempo até obter informes seguros sôbre a continuação da viagem até Leopoldina. Pelas experiências que até aí tivera com camaradas eu perdera tôda vontade de aceitar outros. Por longo tempo fiquei na dúvida se não era preferível vender a tropa e encarregar um empresário de todo o transporte. Finalmente travei relações com o sr. Adolfo Guedes, grande comerciante português de Goiaz, e que mantendo filiais em Conceição do Araguaia e Pará, era então o detentor de tôda a viação e comércio do Araguaia. Chegamos depressa a um acôrdo: eu ficava com os meus animais, e êle me fornecia mais oito animais de carga e montaria e três camaradas até Leopoldina. Durante a minha viagem fluvial os meus animais deviam ficar na fazenda dêle, em Leopoldina, de modo que no meu regresso os tivesse logo à disposição. O plano foi executado, e tudo assim correu bem.

Estava, pois, resolvido um dos pontos. Foi menos fácil obter informações sôbre o Araguaia. No princípio não conseguí formar uma idéia precisa das possibilidades de viação. Eram contraditórios os dados que me forneciam de várias partes. Ora

dizia-se haver em Leopoldina canoas e tripulação em quantidade, ora afirmava-se não existir aí uma única canoa sequer. Um norte-americano queria finalmente arranjar o negócio, até que então conhecí Guedes, o homem que realmente me podia informar. Disse-me, entretanto, que no momento de fato em Leopoldina não havia canoas, que só êle possuía algumas, as quais, porém, estariam em viagem para Conceição. O primeiro só voltaria a Leopoldina no dia 30 de maio e só então seria possível também conseguir tripulação. Prontificou-se a cuidar do arranjo da viagem fluvial, dizendo que em fins de maio êle mesmo iria a Leopoldina. Como eu mesmo me queria convencer pessoalmente das circunstâncias, a conclusão do contrato foi adiada até a sua chegada a Leopoldina. Todavia eu já podia iniciar aquí os preparativos da viagem de canoa adquirindo grande parte das provisões de arroz, feijão, sal, açúcar, café, cachaça, além de pratos, colheres, etc., pólvora e chumbo para as espingardas de vareta dos camaradas, diferentes artigos de permuta para os índios, como determinadas espécies de facas e machadinhos, tecidos, espelhos e outras coisas mais. Essas compras tornaram necessário o emprêgo de mais cinco cargueiros.

Também as notícias sôbre as tribus de selvícolas não eram muito promissoras. Certo, não tardei em descobrir que ninguém sabia dizer alguma coisa por própria experiência. Os Karajá tinham fama de pouco amigáveis. A respeito dos Xavajé não pude obter informação alguma. Também os Tapirapé eram quási desconhecidos; dizia-se viverem em boas relações com os Karajá, mas que todavia no momento as circunstâncias eram complicadas. Havia pouco que um italiano raptara com os seus camaradas uma jovem dos Tapirapé, vendendo-a em seguida aos Karajá. Por isso os Tapirapé estavam naturalmente irritados com os estranhos, mas também os Karajá não pareciam estimar muito o italiano. De certo consideravam privilégio seu o rapto de mulheres dos Tapirapé, e corria o boato que não deixavam entrar gente estranha no Rio Tapirapé. E exatamente agora, por uma coincidência pouco feliz, o italiano reapareceu em Goiaz com a intenção de fazer nova viagem pelo Araguaia. Era meu ardente desejo que êsse senhor não cruzasse os meus caminhos.

Quanto a outras tribus, estabelecidas mais para o interior, não conseguí nenhum informe. Em compensação, recebí inesperadamente notícias favoráveis sôbre os Kayapó. Dizia-se que na região dêles fôra fundada, pelo ano de 1896, uma missão francesa de Dominicanos, havendo conseguido entrar em relações pacíficas com os Kayapó, e que a estação, Conceição, se transformara num

grande povoado com vários milhares de habitantes. Abria-se, pois, a espectativa de uma visita a êsses Kayapó, renovando as provisões no meio da viagem fluvial, circunstância que me poderia garantir maior liberdade de movimento. Conheci logo um homem da tribu Kayapó, que mora em Goiaz. Era o mesmo que Ehrenreich vira em 1888 e cujo retrato reproduzira ("Südamerikanische Stromfahrten", Globus, vol. 62, pág. 3). Ofereceu-se como camarada. Não demorei, porém, em descobrir que êle só queria receber adiantamento do salário para matar a sua contínua sêde de cachaça, motivo pelo qual logo me desembarecei dêle, mormente porque não me servia tão pouco para fins etnográficos nem linguísticos.

O tempo que me sobrava ao lado de todos êsses negócios, aproveitei-o para elaborar os levantamentos feitos em viagem, ler as obras mais importantes sôbre o Araguaia na Biblioteca Pública, posta muito gentilmente à minha disposição, como para passear, fotografando, pela cidade e pelas imediações. Passei a maior parte das noites e tardes de domingo na casa hospitaleira do sr. Ockinghaus. Recordo ainda com satisfação as belas horas vespertinas aí vividas. Chegava pelas 7,30 horas, palrava, lia o "Echo" ou qualquer livro da biblioteca do amável hospedeiro; às 9 horas em ponto seguia-se o chá na varanda da casa, para o qual se reùnia tôda a família, e no que às vêzes também se associava o professor de línguas clássicas, senhor extremamente gentil. Saía-se às 10 horas em ponto para tornar novamente à tranqùila morada.

Infelizmente não pude desfrutar por completo êstes lados agradáveis da vida goiana. Uma febre violenta, acompanhada de fortes dores de cabeça e nas costas, talvez em resultado da imprudência de tomar banho na serra depois do sol posto, obrigou-me a ir para a cama ainda no dia da minha chegada a Goiaz, e a-pesar-de todos os remédios não me restabelecera de todo durante o tempo que aí passei. Ao lado disso o grande calor que reinava em Goiaz. Ao meio-dia mediam-se sempre 30,5° centigrados à sombra e durante a noite o termómetro baixava apenas até 21°, exceto quando havia trovoadas, que, desencadeando-se com especial violência nesse vale cercado de montanhas, irrompiam de ordinário durante a noite. Nessas ocasiões a temperatura descia muito consideràvelmente.

Tudo isso me fazia esperar com ansiedade o dia da partida. Não me deixava tranqùilo a incerteza quanto à possibilidade de em Leopoldina prosseguir a viagem sem interrupção ou à necessidade de aí perder mais tempo ainda (A partida de Leopoldina

fôra marcada para 1º de maio). Além disso, o Araguaia me era descrito com as côres mais vivas que se podem imaginar, de modo que a espectativa das belezas naturais que aí havia de gozar me faziam desejar se abreviasse a minha permanência em Goiaz. Sentí-me portanto satisfeito, quando a 10 de maio já estava tudo em ordem, podendo na manhã imediata partir a minha tropa de doze animais com dois camaradas. Depois de me despedir cordialmente do sr. Ockinghaus e de sua amável espôsa seguí ao meio-dia, acompanhado de Adam e do tropeiro.

O caminho de Goiaz a Leopoldina, medindo pouco mais de 200 km, acompanha, no essencial, o curso do Rio Vermelho; Leopoldina fica pouco abaixo da embocadura dêste rio no Araguaia. Primeiro a estrada se estende, em subidas e descidas escarpadas, pelas faldas, cobertas de mato, da Serra Dourada (Prancha 3, fig. 3), afasta-se depois do rio, para evitar o seu vale pantanoso, desviando-se para o norte, onde percorre, paralelo a êle, um terreno acidentado coberto de mato e campo e atravessado pelo Rio dos Bugres (29 km (3) cêrca de 500 m de altitude). Só a partir do terceiro dia reaparecem os chapadões de canga. Atravessado o Rio Ferreiro (90 km; cerca de 390 m. de altitude), alcança-se, em longa descida, o vale do Rio Vermelho, uma planície vasta, pantanosa e coberta de palmeiras, onde, junto ao antigo pôsto militar de Jurupensem (110 km; 340 m de altitude) se chega até bem perto do rio. Aí a estrada se desvia novamente para a direita, percorrendo chapadões de 350 m de altitude, têrmo médio, e coroados de montes em forma de ataúde e cristas de granito, para afinal vencer serras menores com a altura média de uns 350 m. Da última destas serras uma descida íngreme de 90 m leva a uma extensa planície. E' coberta de areia branca; aquí e acolá cruzam-se largos pântanos. Uma estepe com arbustos cobre a planura; de vez em quando pequenas palmeiras reünidas em grupo; ao longo dos cursos de água os buritís formam extensas alamedas, mormente no Córrego Vermelho. Um ponto apenas com água potável interrompe a deserta estepe; nenhum pouso em tôda aquela parte. Depois de um percurso de 60 km, a brenha se vai tornando mais densa, e sùbitamente o viajante se encontra no centro de Leopoldina, bem próximo da margem do Araguaia (213 km; 275 m de altitude).

Naquela parte da estrada não se vêem mais carros de bois; não há quási trânsito aí. Em todo o trajeto encontrei apenas três viajantes que se dirigiam a Leopoldina, mais ninguém. Todo o trânsito é feito em mulas. Os rios maiores e mais profundos, co-

(3) — As distâncias aquí são contadas a partir de Goiaz.

mo o Rio dos Bugres, o Ferreiro, o Matrincham, são providos de pontes, os outros são atravessados em vaus. Em alguns trechos, sobretudo nas chapadas arenosas, a estrada, plana e macia é tão boa como os nossos caminhos para cavaleiros.

A zona é pouco povoada. Encontrei, ao todo, apenas 20 fazendas, inclusive Jurupensem e Leopoldina. Os últimos 60 km, a grande planura diante de Leopoldina, são completamente despovoados, porque as condições não o permitem. Além de obrigar o viajante a levar consigo tôdas as provisões, a falta de população dificulta extraordinàriamente as viagens. Não se encontram mais ranchos; nos quatro dias seguintes há ainda casas em que se pode pernoitar, mas depois disso deve-se dormir na tenda. Não há tão pouco pastos cercados, de modo que se devem soltar os animais no campo aberto. Em conseqùência disso, só se podem reùní-los na manhã seguinte com grande perda de tempo, e às vêzes perdem-se assim dias inteiros.

Também dêsse caminho fiz levantamento com bússola e relógio. A mula que eu alugara e da qual se afirmara ser bem mansa, não tardou em revelar as mesmas manhas que caracterizam todos os indivíduos de sua família. E, além de muito pequeno para mim, fazendo-me quási varrer o chão com os pés, o animal, quando lhe soltava as rédeas, corria, com acinte regular, por todo arbusto que havia à beira do caminho, e de preferência no momento em que queria fazer alguma anotação,

Com a minha partida de Goiaz, recuperei também a saúde; já na primeira noite me sentí perfeitamente restabelecido. Em 12 de maio atravessamos o Rio dos Bugres (29 km de Goiaz), de curso bastante rápido e medindo uns 30 - 40 m de largura. Pernoitamos numa pequena propriedade de três ranchos. Eram construções de palha de madeira, cobertas de fôlhas de palmeira. A impressão indígena do aspecto externo era reforçada ainda pelo interior: todos os utensílios, anzóis, rêdes, plumas de arara para enfeites, estavam enfiados nas paredes; numa delas estava fixo primitivo tear. A propriedade está situada num pequeno prado. Em tôrno, uma mata escura; uma fileira de buritís atravessa o prado. Do vale, onde corre um riacho, sobe o ruído duma cascata. Com grande vozerio passam as araras sob o céu claro e transparente. Os seus corpos esbeltos, com suas caudas de longas e elegantes penas, são realçados magnìficamente pelo fulgente céu vespertino. Um recanto idílico, perdido na solidão.

Nos primeiros dias tivemos muitas trovoadas durante a noite. O temporal mais desagradável foi o da noite do dia 13. Dormíamos num rancho que só tinha meias paredes de pranchões, fechando a parte inferior. Pelas nove irrompeu a chuva. A água penetrava pelo telhado e parte superior aberta das paredes. Com as telas de lona procuramos fechar de algum modo as aberturas laterais. Por meio de cordéis, armei sôbre a cama, a capa à maneira de pálio, para que pudesse repousar sem ficar completamente molhado.

O 15 de maio foi um dia azíago. E' o que sempre se dá, quando na véspera a gente se desmazela um pouco. A tarde anterior fôra bem poética. Havíamos passado as primeiras horas à sombra fresca duma enorme mangueira. Em companhia do fazendeiro, ficáramos depois ao luar, na soleira da porta, onde Adam nos devertia com sua prestidigitação. Estávamos muito a gôsto. A noite já não foi tão tranqùila. A um canto do nosso quarto havia um enorme montão de milho. Durante a noite tôda as formigas cruzavam o quarto, carregando, com grande ruído, os grãos de milho. Fora disso, o quarto estava cheio de pulgas. Na manhã seguinte faltou um animal; já coxeara na véspera, e escondera-se na noite atrás de um arbusto, onde foi encontrado sòmente depois de longa procura. Partimos com atraso. Atrás da casa, depois de poucos minutos, tivemos de atravessar um ribeirão. Bem no meio, um dos animais caíu com sua carga, e os outros fugiram ràpidamente. Com grande dificuldade o animal foi tirado da água e carregado de novo. Os que haviam fugido foram todos encontrados, com exceção de um. Dois homens ficaram atrás para procurá-lo, enquanto nós fomos tocando os restantes para diante. Passamos por uma brenha espêssa, por onde o caminho corria com sinuosidades tais que mal se podia olhar cinco mertos adiante. Um dos animais desviou-se do caminho, e nós sentimos a falta sòmente ao entrarmos num trato de terreno coberto de capim, que permitiu ver a tropa tôda. O terceiro camarada saíu à procura do cargueiro perdido, enquanto Adam e eu continuamos com os dez restantes. Um dêles tropeçou e caíu; descarregamo-lo e amarramo-lo a uma árvore. Adam prosseguiu com os nove, e eu amarrei o meu animal, ficando à espera. Em tôrno, um matagal de 3 m de altura; pelo estreito caminho arenoso podia-se olhar apenas a uns 2 m de distância. Depois de muito, muito tempo, voltou o terceiro camarada com o animal que fôra procurar. Carregamos e, juntos, fomos adiante. Na ponte que atravessa o Rio Ferreiro, encontramos Adam; estava desesperado. Havia aí dois ranchos velhos e abandonados; uma pequena extensão de terreno do qual se cortara o mato. Aí estava êle com a

tropa. Cinco animais se haviam deitado; três, jogado a carga ao chão. Foi um trabalho árduo. Finalmente estava tudo em ordem. Na outra margem do rio, atravesssamos uma imensa planície arenosa, semeada de vastos pântanos. Já era noite escura, quando paramos à borda dum campo alagadiço. Acampamos; como faltassem dois homens, tudo levou mais tempo. Pelas 8 horas voltou o segundo camarada, sem ter encontrado o cargueiro; às 9 horas menos um quarto, chegou o terceiro, trazendo o animal perdido. Passara onze horas no lombo do animal e sem comer.

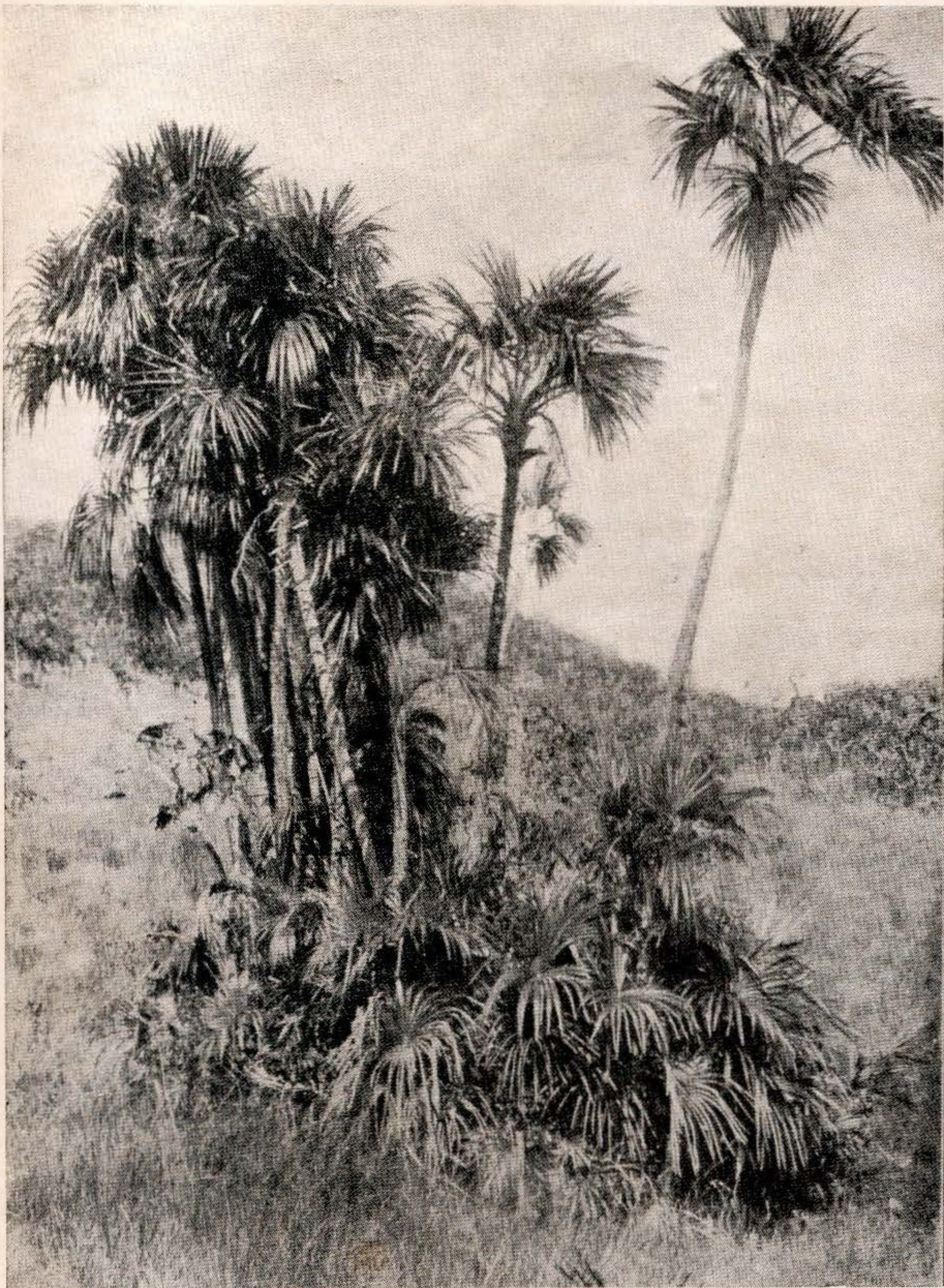
No dia seguinte prosseguimos, acompanhando um terreno pantanoso. Pouco a pouco a balsa fica mais cerrada, o terreno sobe, arbustos densos apertam o caminho; mais uma volta, e entramos numa rua de aldeia; por todos os lados elevam-se acima dos arbustos os postes carbonizados de velhas casas, aquí e acolá aparece entre a folhagem a ruína dum rancho; algumas casas escalavradas, em duas das quais ainda mora gente. E' o antigo pôsto militar de Jurupensem. Um aspecto tristonho de desolação. O mato cresceu sôbre as ruínas, as copas das árvores atravessam os telhados, arbustos altos formam as paredes.

Num prado cercado de mata armamos, à tarde, as nossas tendas. Perto, o Rio Matrincham (4) passa ruìdoso pela floresta virgem. Uma vereda leva para dentro do matagal; seguimo-la e, depois de cinco minutos, topamos com um sítio povoado. Duas casas bem construídas no meio de pequena roça. Estão fechadas, os moradores saíram. Só os papagaios fazem barulho sôbre o telhado, num sepo diante da casa tagarela uma arara, um bezerro barrega pela mãe, as galinhas correm pelo pátio cacarejando. Tudo parece encantado. No acampamento espera-nos uma luta árdua. Por onde quer que andemos, perseguem-nos nuvens de pequenas môscas amarelas. Têm em mira principalmente os olhos e os ouvidos; desaparecem, afinal, com o pôr do sol, mas apenas para darem lugar a milhões de mosquitos. Retiro-me para a minha rêde. Alguns dos mosquitos sugadores de sangue conseguiram entrar também; mato-os aos poucos numa luta furiosa. Com forte zumbido avançam novos bandos de fora; Adam combate-os desesperado. Nas duas extremidades da tenda acendem-se enormes fogueiras. Em longas nuvens a fumaça se estira pela tenda e pela rêde, màgicamente iluminada pelo luar que penetra pela fresta da tenda. Fora, no prado, os camaradas não dormem; passam a noite conversando acocorados em redor de grandes fogueiras. Na manhã seguinte, apenas nascido o sol, desaparecem

(4) — A 120 km. de Goiaz; cêrca de 310 m. de altitude.

Grupos de palmeiras Burití (Córrego Vermelho)

Prancha 4

(Foto do sr. A. Veiga, de Goiaz)

Palmeiras na borda da planície do Araguaia

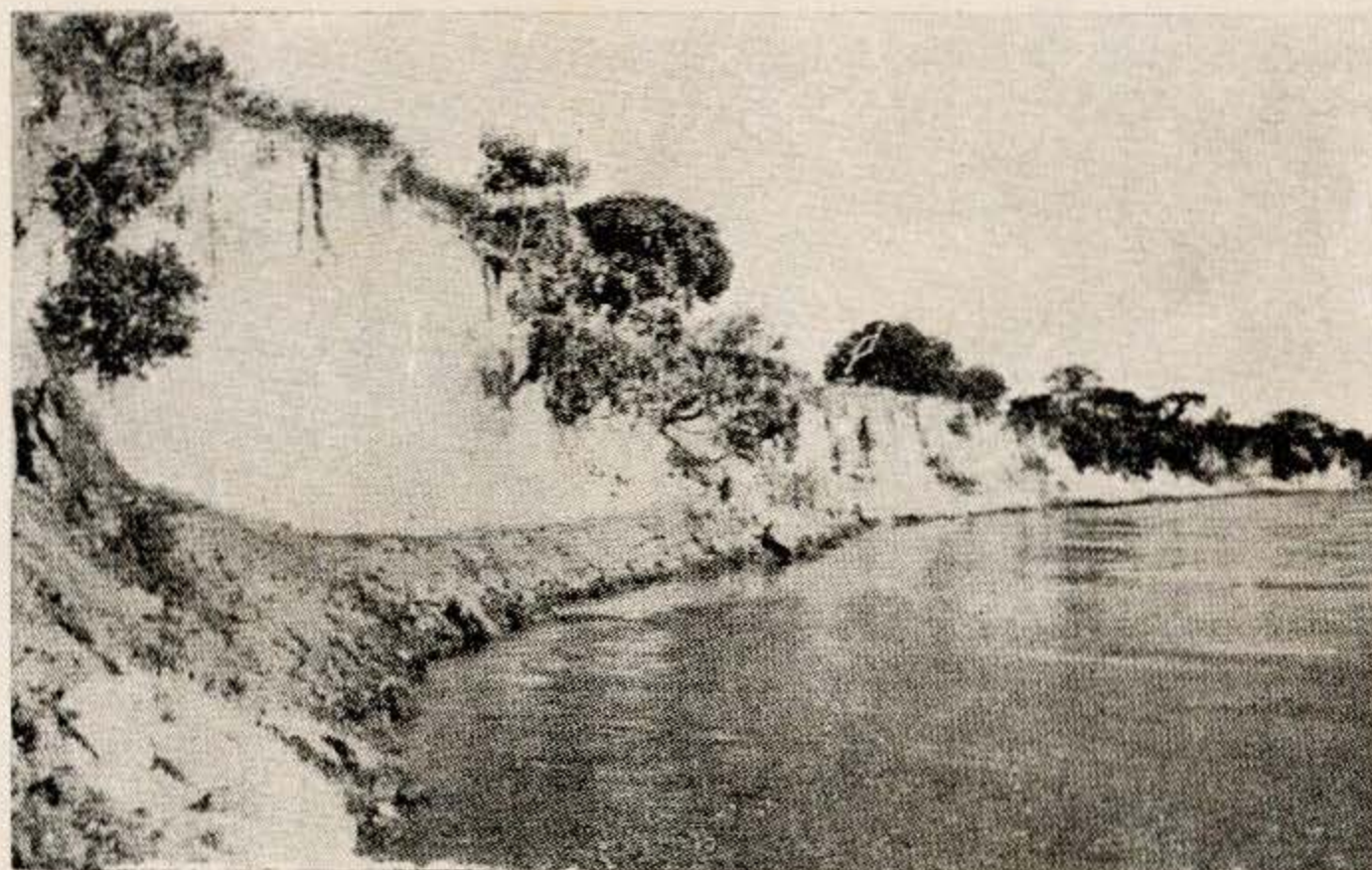
Prancha 5 (Foto do sr. A. Veiga, de Goiaz)

os mosquitos e tornam as môscas. Os animais não estão; passam-se várias horas até que todos estejam reùnidos. Vamos ao sítio povoado; tudo como ontem. As casas continuam fechadas, os papagaios bulham ainda no telhado, a arara tagarela no sepo, o bezerro barrega. A ùnica novidade são dois gatinhos na cumieira do telhado, aquecendo-se ao sol da manhã. No momento em que queremos voltar, assomam dois cavaleiros. Vinham da pesca. Entramos na casa. Debaixo do telhado de palha reina magnífico frescor, agradável principalmente em comparação com o calor da tenda de campanha. Rêdes de pescas e nassas espalhadas pelo chão; grandes rolos de fumo em corda, fabricados aí mesmo; a um canto, um tambor. O madeiramento do telhado tem uma admirável côr pardecento-escura de fumaça. Os homens vendem-nos galinhas, ovos e milho. A' meia hora é encontrado o último animal, às duas finalmente podemos prosseguir a viagem.

Na manhã do dia 19 vencemos o última serra (360 m de altitude). Em descida íngreme o caminho percorre o declive ocidental). Em baixo, continua acompanhando um vale. Passa pela última povoação, a Fazenda Lambarí. Daí em diante, as elevações recuam à direita, e entramos no grande planalto. O caminho é arenoso, por todos os lados vêem-se apenas arbustos e capim. À esquerda estende-se uma fila de buritís, assinalando um curso de água. Pântanos e córregos cruzam o caminho, e só nas ùltimas horas da tarde alcançamos um pouso (5). À nossa frente espraia-se uma grande campina alagadiça; de três lados vêm cursos de água, confluíndo aquí para formarem o Córrego Vermelho. Cada um dêsses cursos vem orlado de buritis; como grandes alamedas as suas filas cruzam vastas campinas (Prancha 4). Longe reluzem ao sol poente os cumes das últimas montanhas. Nas palmeiras bulham os papagaios, os casais de araras passam em grandes bandos sôbre as nossas cabeças. Cai a noite. Os grilos trilam durante tôda a noite; ao longe, ouvem-se os latidos do guará.

Rompe uma fresca manhã. O cozinheiro pescou durante a noite, proporcionando-nos assim uma variação no almôço. Pelas nove, conseguimos partir. Precisamente à hora da partida passa um viajante solitário, na direção de Leopoldina; é o mal afamado italiano. O caminho prossegue pela imensa chapada. Uma areia branca e ofuscante cobre o chão, alternam-se o campo de arbustos e o de capim; aquí e acolá pequenos grupos de palmeiras (Prancha 5). Ora se atravessam campinas alagadiças, ora largos atoleiros. Às 2 horas menos um quarto chegamos a um pouso,

(5) — A distância de 169 km. de Goiaz.

numa baixada pantanosa. Dizem os camaradas que aí não podemos pernoitar, porque, como afirmam, são tão numerosos os mosquitos e as motucas que o homem e os animais não têm sossêgo durante a noite. Depois de um curto descanso, é preciso continuar, pois temos que chegar a Leopoldina ainda no mesmo dia. Partimos às 3,30 horas. Logo adiante do pouso o caminho cruza um charco de uns 300 m de comprimento e cêrca de 1/2 de pronfundidade, a afamada Pinguela. Há aí dois buracos bastante profundos, nos quais, apesar de todos os cuidados, caem três cargueiros, naturalmente os mais importantes: o que leva os cilindros fotográficos; o outro é o das provisões em feijão e arroz; o terceiro, o das chapas fotográficas. A muito custo pomos a salvo os animais e as cargas. Tudo está completamente encharcado. E isto no último dia, depois de ter decorrido tão bem a viagem! No outro lado prosseguimos por arbustos e mato e estepes alagadiças. De distância em distância resplandecem grandes lagos entre grupos de palmeiras. A brenha vai ficando sempre mais espêssa. Põe-se o sol; mal se enxerga à distância de uns 10 m. Eis que inopinadamente esplandece, por entre as ramagens, uma parede branca, daí a pouco uma igreja no meio do caminho; desviamos para a esquerda, ouvimos gente conversando e paramos já diante da casa que Guedes amàvelmente pôs à minha disposição. E' noite escura. Cumprimentam-nos o agente postal e um português de nome Walata. Ràpidamente põe-se a bagagem em lugar seguro, arrumam-se os quartos para as primeiras necessidades, levam-se os animais ao pasto. Durante a noite desaba violenta trovoada, a última da estação chuvosa.

1 — Barranco marginal em Leopoldina

3 — Vapor abandonado, com árvore; Leopoldina

2 — O Araguaia, visto de Leopoldina para montante

4 — O rochedo de Leopoldina

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

4. *Em Leopoldina*

Leopoldina, a uns 2 km. a jusante da barra do Rio Vermelho, fica à margem do Araguaia, que aí forma um barranco de uns 10 m de altura, muito minado pelas águas na linha atingida pelas enchentes e que na fotografia (prancha 6, fig. 1) está a cêrca de 2,50 m acima do nível do rio. Em vários pontos, uma série de degraus facilita a descida para o rio, onde há algumas canoas velhas e onde as mulheres lavam roupa. Ao norte da aldeia desemboca um córrego apertado entre margens altas; as suas águas cavaram um funil no barranco do rio, formando, logo adiante, uma pequena praia arenosa. E' êste o pôrto de Leopoldina. O Araguaia, vindo do oeste com uma curva grande, continua o seu curso para norte. Ao longe, seguem-se à maneira de bastidores, as margens cobertas de mata, e orladas, aquí e acolá de alvas praias reluzentes (prancha 6, fig. 2). Saíndo da espêssa mata virgem, o Rio Vermelhò se lança no Araguaia, à margem esquerda. Numa praia arenosa, situada na sua barra, acampara uma família karajá. Defronte de Leopoldina, onde o leito fluvial mede uns 400 a 500 m de largura, cruza-o oblìquamente uma série de rochas, interrompendo, com listas escuras de ondulações, o espêlho liso e claro das águas. Sôbre a margem do rio, a uns

50 a 60 m do barranco, estende-se a primeira das três ruas paralelas ao rio: são cruzadas por duas travessas. Uma praça ampla, uma pequena capela. A grande maioria das casas, de um só pavimento, são construidas de varas, poucas são de barro. As coberturas de fôlhas de palmeira são mais numerosas que os telhados. O mato, de uns 3 a 4 m., que cobria todo o terreno da povoação e por onde passavam estreitas veredas na direção das casas, foi cortado e queimado ainda durante a minha permanência no lugar.

Leopoldina, fundada em 1852 à margem do Rio Vermelho, e transferida em 1856, depois de várias mudanças, para a sua situação atual, floresceu, durante algum tempo devido à navegação a vapor (1868-9) entre Leopoldina e Santa Maria e ao Colégio Isabel, fundado em 1871, perto de Dumbazinho, a duas léguas abáixo de Leopoldina, com o fim de educar crianças aborígenes, convertendo-as ao Cristianismo e à vida sedentária. Em virtude de uma série de dificuldades, o colégio foi fechado no último decênio do século passado; no seu lugar encontra-se atualmente uma enorme fazenda de criar, nessa região o único ponto habitado à esquerda do rio. Com o movimento escasso, não podia ser duradoura a prosperidade de Lecpoldina, e não tardou a decadência. Verificou-se novo surto com o estabelecimento da aldeia de Conceição, em 1896-97, abastecida, em parte, pelo mercado de Leopoldina. Com o tempo, a companhia de navegação chegou a dispôr de três vapores. Quando, em 1904, o govêrno goiano suspendeu por razões de política partidária, como se afirma, a subvenção de que gozava a emprêsa, esta fêz parar o movimento da linha. Os vapores ficaram abandonados no leito fluvial e a meia altura do barranco, quebrados, enferrujados, e cobertos de areia. Num dêles cresce vigorosa árvore, e em outro se cultivam cebolas (prancha 6, fig. 3). A oficina, erguida sôbre o barranco, está também escalavrada e em estado de ruina; é um aspecto desolador. As comunicações entre Leopoldina e Conceição reduziramse logo a umas 4 ou 5 viagens de canoa por ano. Durante a minha estada no Araguaia alvorecia nova época de florescimento. O govêrno comprara um novo vapor, que, saíndo do Pará, devia subir a Leopoldina na primavera de 1909. Destina-se ao tráfego entre Leopoldina e Conceição. Arrumava-se já a oficina; as ferramentas, submetidas a revisão, eram em parte renovadas, etc. Planejava-se, também, levar a safra de borracha Araguaia acima, de Conceição a Leopoldina, transportando-a daí a Santos pelo caminho de Goiaz e Araguarí; evitar-se-iam assim as arriscadas e dispendiosas viagens de Conceição ao Pará pelo baixo Araguaia, onde há muitas corredeiras. O ano de 1908 era, pois, uma época de novas esperanças para Leopoldina.

Levava-se aí, portanto, uma vida ainda extremamente modesta. O sr. Guedes me oferecera a sua casa, que até tinha janelas envidraçadas. Nos fundos, um quintal com gigantescas laranjeiras. E eram numerosos os representantes do mundo animal: formigas peregrinavam pelos cômodos, morcegos turbulentos esvoaçavam de noite pelos quartos, com paredes apenas até a base do telhado. Sôbre as têlhas rumorejavam os gatos, e o cisco caía na cabeça de quem dormisse em baixo. De dia, e às vêzes também de noite, os cães, os porcos, e as cabras andavam nas imediações e no interior da casa, pouco se incomodando com os nossos ralhos.

Os moradores davam a impressão de verdadeira penúria. De que vivem, em que se ocupam, não o sei. Qualquer coisa que se queira comprar, não a possuem, e qualquer atividade que se indague, a ela não se dedicam. Há carne sêca? Não. Toucinho? Não. Arroz? Não. Feijão? Não. Farinha? Não. Moringas? Não. Cêstos? Não. Quem fabrica êsses objetos? Nós não, só o índio. Tudo faz, tudo tem o índio; o brasileiro aí nada tem e nada faz. Quem pesca? quem caça aves? Só o índio. Êle parece de fato viver melhor do que os brasileiros dessas paragens. Êstes, que fazem então? O certo é que os víamos sempre a fumar, conversar e cuspir. E' verdade que só poucos homens estavam presentes. A maioria fôra a Conceição, como canoeiros, enquanto outros trabalhavam a 80 km a montante, fabricando canoas para Guedes. Viam-se quase só mulheres, geralmente a lavar e carregar água, e crianças brincando ou a caminho da escola. Que escola! Fica logo aí, na casa vizinha. Tudo se fala e canta compassadamente. Nas lições de aritmética, um dos alunos canta o exemplo, e todo o côro o vai repetindo em cadência monótona durante 4 a 5 minutos. E assim do comêço até o fim da aula.

Quando cheguei a Leopoldina, de fato não havia embarcações para a viagem; na margem do rio viam-se apenas algumas canoas pequenas e um igarité velho e imprestável. Não havia tão pouco mantimentos; devia-se primeiro encomendá-los a longínquas fazendas da região. A primeira canoa, propriedade de Guedes, devia chegar daí a 20 dias. Dizia-se não haver outras. Devíamos, pois, ficar aguardando. Sòmente com variado trabalho eram mais ou menos suportáveis êsses dias de angustiosa espera.

Em pouco tempo resolveu-se a sorte da minha tropa. Na manhã do dia 22, apresentou-se um vaqueiro de Guedes, levando os animais e todos os arreios para a fazenda. Paguei-lhe 10$000 por mês de pastagem, fornecendo ainda, para as bêstas, uma quarta de sal. No mesmo dia voltaram para Goiaz os camaradas que eu alugara.

Pusemos a secar as chapas e os cilindros que na pinguela haviam caído na água. Não eram grandes, felizmente, os estragos. Uma revisão geral dos aparelhos mostrou ser muito pesado o funil do fonógrafo; construímos, por isso, um tripé dobradiço de varas de bambú, de uns 2-2 1/2 m de altura; dêle caía um cordel que, levantando um pouco o funil, era graduado de modo que a membrana descansasse sempre sôbre o cilindro. Durante as experiências vinha vê-las naturalmente tôda a população da aldeia, e, dando vários grandes concertos grátis, tive ensejo de registar algumas lindas canções populares brasileiras. Para secar chapas fotográficas em quantidade, construímos também uma grande armação de bambú; outra, revestida de fina gase de mosquiteiro, destinava-se a proteger contra isentos, areia grossa, etc., as chapas postas a secar.

Era preciso fazer nova arrumação dos caixotes e malas de fôlha. Enquanto para os cargueiros fôra necessário dividir as cargas com equivalência de pêso, devia agora prevalecer o ponto de vista prático. Um caixote de reservas ficou para um sortimento de todos os objetos necessários. Distribuímos as conservas em três caixotes um para o consumo, outro para provisões e o terceiro, enfim, como última reserva. Precisávamos arranjar também espaço para a futura coleção etnográfica. Classificados os objetos de permuta, separamos um lote de reserva. Dois saquinhos foram preenchidos com artigos para permuta, e num terceiro reùnimos os rótulos, cordéis, tesoura, instrumentos, como escala cromática, dinamómetro, etc. Foi de grande utilidade essa distribuìção. Antes de chegar a alguma aldeia indígena, reenchíamos sempre os saquinhos; assim os índios nunca descobriam a quantidade de meus objetos de permuta. Êstes também foram classificados. As missangas, até aí condicionadas de maneira pouco prática em maços de 1000, foram ensartadas em cordéis com 100 contas, geralmente de uma só côr, e em enfiadas as menores, formando colares de comprimento conveniente. Trabalhoso, embora, êsse método deu bons resultados. Os colares serviam de moeda divisionária. Notando-se predileção por determinada côr, esta naturalmente subia de preço; e como as modas variassem de um lugar para outro, nenhuma das côres começou a faltar. Algumas, como o verde, e as missangas transparentes, tinham pouca saída; incluídas depois em outras enfiadas, não só aumentaram o sortimento, como também se vendiam. O mais prático era, afinal de contas, o ponto de vista estritamente comercial.

Finalmente, a elaboração do levantamento cartográfico também me proporcionou muitas horas de ocupação.

Era uma vida muito monótona. Pelas 6 horas da manhã apresentava-se o cozinheiro, aí mesmo contratado, moço magro, de côr pardo-escura, desdentado e de carapinha. Trazia um môlho de lenha e punha o almôço no fogo. Depois do banho, ficava-se trabalhando, com o acompanhamento musical da escola vizinha. Das 9 às 10 era a hora do almôço. A comida era a mesma da viagem; ovos e galinhas eram raros, e peixe só se obtinha dos índios. Para variar um pouco, abríamos, de vez em quando, alguma lata de conservas. As horas da sesta eram bastante quentes, acusando o termómetro, em média, 30,5° C à sombra; à noite descia a 21°, e de manhã a 18°. Como refrêsco, chupávamos laranjas, que os garotos tiravam, com grandes cacetes, das árvores do quintal; mandei que me trouxessem uma cesta de frutas, e em paga podiam encher os próprios bolsos. Pelas cinco horas jantávamos. A seguir, eu ia ao barranco do rio, sentando-me numa penha escalvada (prancha 6, fig. 4), meu lugar predileto, onde gozava o admirável frescor do fim da tarde. E' maravilhoso aquêle ponto, de onde o olhar divaga sôbre o rio. Os contornos negros e denteados da mata que orla a margem oposta, contrasta com o vermelho vivo do céu vespertino. Com tonalidades claras e transparentes, as águas refletem as côres do firmamento. À esquerda, defronte da mata verde-escura, cintila a fogueira vermelha dos índios Pelas águas reluzentes do rio correm as ondas azul-escuras da corredeira. Com voo elegante, alguma ave aquática sobrevoa as águas numa e noutra direção, sulcando-as com o bico. As andorinhas e gaivotas cortam velozes a atmosfera, e os mergulhões lançam-se verticalmente do barranco para o fundo do rio. Espirrando, divertem-se os golfinhos. Inúmeros mosquitos dançam nos últimos raios do sol. Ouve-se o rumor das ondas, a baterem levemente contra a areia; fechando-se os olhos, tem-se a impressão de ouvir a marulhada. O sol desapareceu, a escuridão vem subindo, e as côres se apagam. O rio vai correndo negro entre as suas margens igualmente negras.

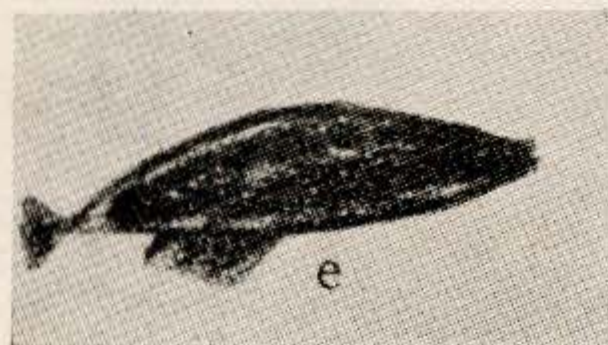
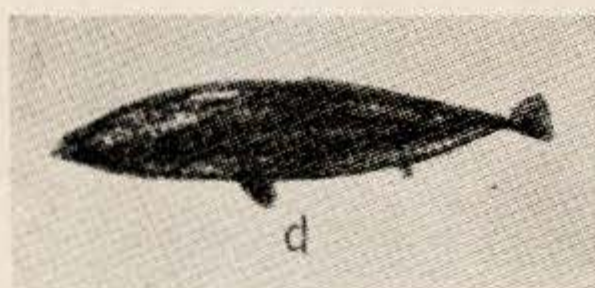
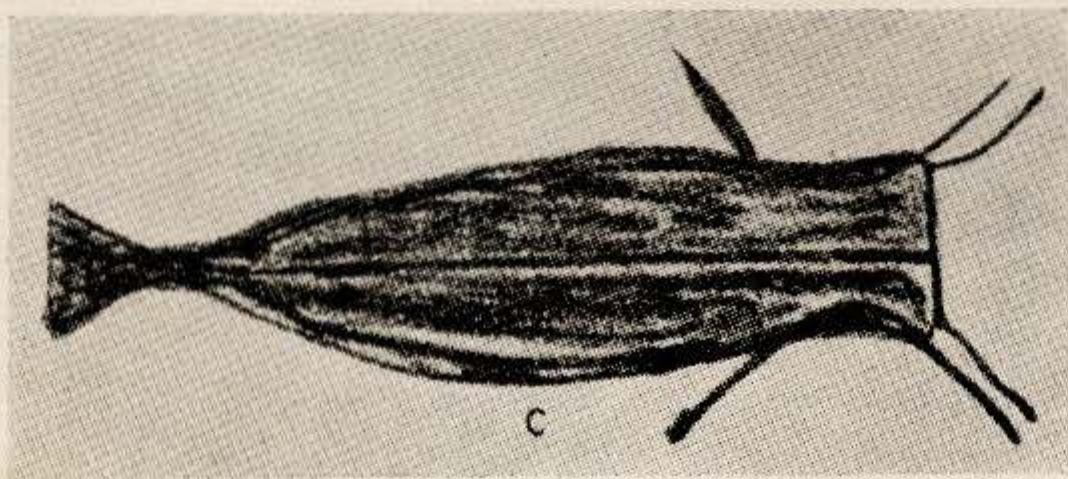
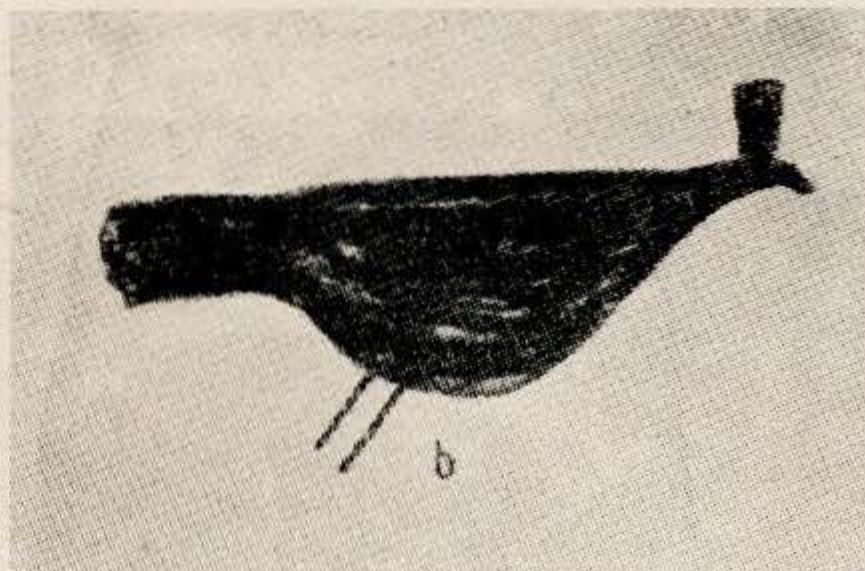
Daí a alguns dias, as noites já não eram tão lindas e solitárias. Dentro em pouco sabiam todos da minha predileção de ficar à noite naquele barranco, e sempre vinha um ou outro para conversar um pouco. Mais tarde, estando em Leopoldina o próprio Guedes, reüniam-se aí tôdas as notabilidades da povoação. Discutiam-se muitas coisas de importância, recebí aí muitos informes e ouví numerosos contos e narrações Obtive, assim os primeiros dados mais ou menos precisos acêrca da estação de missionários de Conceição. Disseram-me que a localidade data de 1897, contando atualmente uns 5000 habitantes, na maioria seringueiros, e que os padres mantêm relações pacíficas com os Kayapó, estabelecidos em

duas aldeias próximas. O meu cozinheiro, que já estivera lá, sabia muita coisa da cultura singular dêsses índios. Foi por tais informações que incluí, mais tarde, no meu programa a visita aos Kayapó. Dizia-se que os Karajá não mereciam muita confiança, e que há poucos anos saquearam uma canoa brasileira, trucidando os quatro tripulantes. Aconselharam-me sobretudo a precaver-me contra a aldeia da barra do Tapirapé e a do cacique João. Havia dois anos, a tribu teria passado por uma epidemia de sarampo, perdendo muitos jovens. Aos Karajá atribuía-se o hábito de raptarem crianças dos Tapirapé, não na aldeia, mas estando êstes na caça ou pesca, ou nas plantações. Indicava-se isso como fonte de muitas desavenças. Era uma notícia má, sobretudo porque, a ininferir de tôdas as outras informações, os Tapirapé deviam ser uma tribu de cultura muito superior à dos Karajá. As circunstâncias descritas podiam frustar de todo o intento de visitá-los, pois eu dependeria por certo do meu guia karajá.

As variadas lendas e narrações eram menos assustadoras. Afirmava-se, por exemplo, ter havido, aí perto um macacô de 1 ½m de altura. Falavam-se de índios junto aos lagos salgados de Mato Grosso; mas que, sendo pròpriamente macacos e não possuíndo armas, lançavam pedras e paus. E outras narrações populares dessa natureza.

Às 7 horas, mais ou menos, eu voltava para casa, lia ou trabalhava, deitando-me pelas 10 horas. Como as noites fôssem, em geral, frescas, tornando-se às vêzes frias as madrugadas (16-17.° C), eu me levantava sempre bem refeito.

Os índios traziam alguma variação a essa vida monótona. Já no reboliço do segundo dia, quando eu entregava os animais ao vaqueiro, despedindo os camaradas e contratando o novo cozinheiro, apareceu Walata com três índios Karajá. Moram na praia, em frente à barra do Rio Vermelho. O pai, Kabixá, cabelo ondeado, anda vestido. O filho mais velho, Maudihí, com cêrca de 18 anos, o físico igual ao do pai, usa aos ombros um manto parecido com uma maca; o menor, Mauzí, de uns 14 anos, anda completamente nu. Kabixá fala correntemente o português, Mauzí, seu filho predileto, sabe-o bastante bem, e Maudihí arranha-o horrìvelmente, mas sem o menor acanhamento.

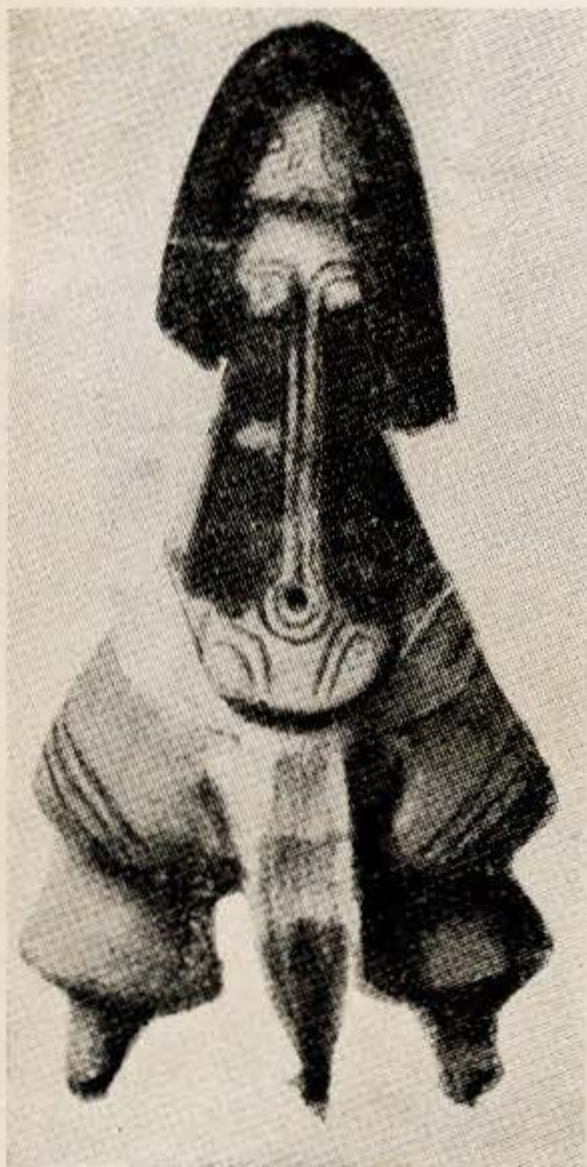
Kabixá parece muito inteligente. Infelizmente êle se ausenta por 16 dias; Guedes encarregou-o de trazer uma canoa de mercadorias de Jurupensem, descendo o Vermelho. Manda, porém, os seus filhos ficarem inteiramente à nossa disposição. Sinto muito, mas não me servem agora, e tenho que despedí-los com energia, delicadeza e um pedaço de fumo. Voltam à noite, com

Desenhos dos Karajá no meu livro de rascunhos

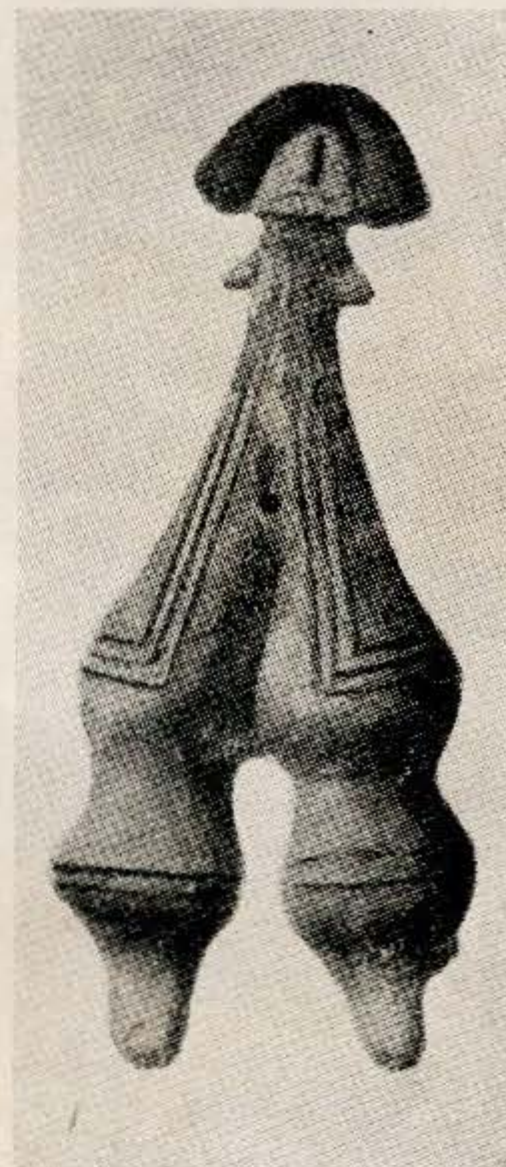
a — jacú b — mutum c — pirarara
d — peixe-cachorro e — tocunaré f — Adam g — Dr. Krause

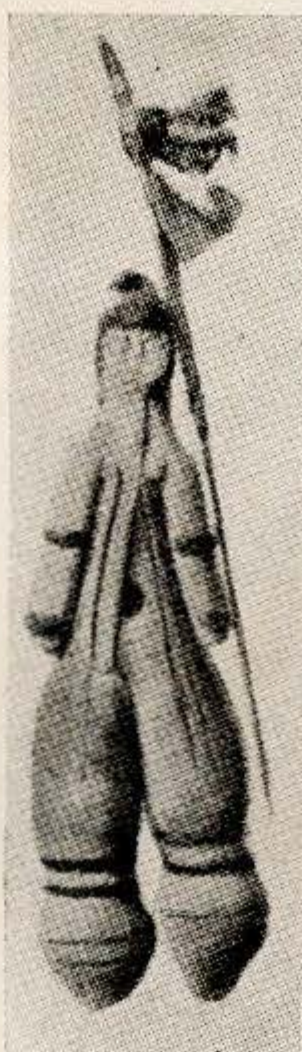
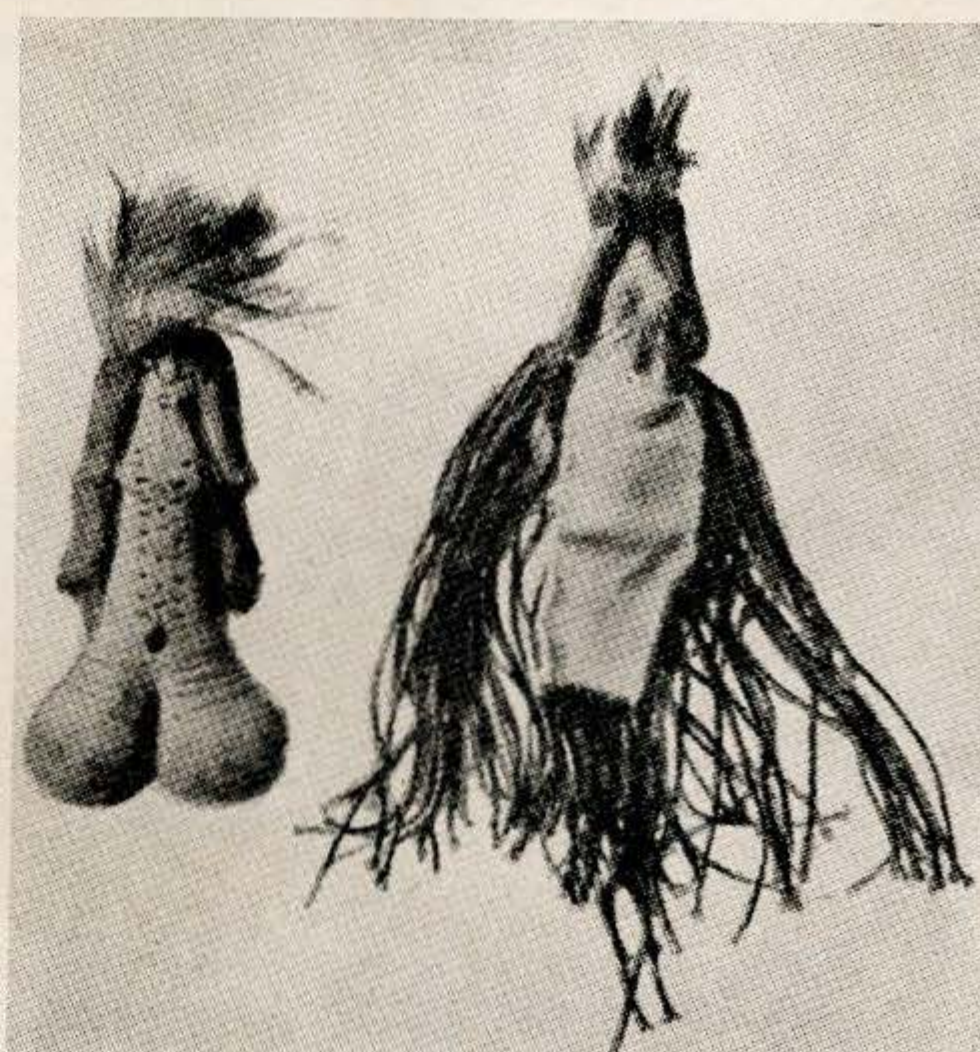
alguns objetos de permuta. Tornam a apresentar-se na manhã seguinte, acompanhados da mãe, que é uma mulher afável. A sua vestimenta limita-se a uma atadura de imbira, passando pelos quadrís e entre as coxas. Em rápida sessão, verifico, pela primeira vêz o efeito dos meus instrumentos e brinquedos, como o fonógrafo, a boneca que grita, o macaco trepador, etc. O resultado é satisfatório. Todos os objetos despertam o interêsse desejado. O pai inícia a sua viagem. À tarde os filhos nos vêm buscar para uma visita ao sítio em que mora a família. Vamos numa canoa estreita e longa; o mais velho governa, e o outro rema. Daí a meia hora arribamos à praia. Sôbre a areia, um pequeno rancho de fôlhas de palmeira, aberto dos dois lados; e na sua frente, uma arara vermelha. A 30 m de distância, um abrigo contra o sol: duas varas fincadas no chão, com esteiras amarradas no lado do sol; é uma espécie de paravento (prancha 10, fig. 1). À sua sombra estão sentados os restantes moradores do sítio, a mãe, a irmã com uma criança de peito, e uma escrava, menina tapirapé. As três vestidas, do mesmo modo, com a atadura de imbira. A irmã e a escrava têm o rosto pintado de vermelho. Depois de lhes darmos a mão, convidam-nos a sentar na esteira. Para maior comodidade, oferecem-nos depois um pilão e uma grande cuia. Trocamos uma série de ninharias; possuídores já de muitos objetos europeus, elas pedem preços elevados. Todavia é muito satisfatória a colheita. Também a indagação de vocábulos e outras pesquisas dão bom resultado. Sentímo-nos muito a gôsto entre essa gente. Ora falamos português, ora fazemos mímicas com as mãos; Mauzí faz-se de intérprete, mas é maganão e faz muitas brincadeiras com as suas traduções. Peço aos filhos que desenhem no meu livro de esboços. Trabalham entusiasmados, e ficam finalmente com o livro, para mo devolverem, com muitos desenhos, dentro de alguns dias (prancha 7). E' uma gente bem prazenteira. A mãe, não se contendo mais, enfeita-se com os belos colares de missangas, olhando-os com faceirice; todos desatam a rir jovialmente, e ela é a mais expansiva. Sentimos que anoitecesse tão depressa, obrigando-nos a voltar. Depois dessa visita oficial de apresentação, como a poderia chamar, os jovens me vinham ver amiúde, trazendo objetos para permutar; eu lhes fazia muitas perguntas, mostrando-lhes livros com figuras de animais e as ilustrações etnográficas dos relatórios de viagem de Karl von den Steinen; em suma, indagava tudo o que me pudesse interessar. No dia 26 convidaram-me para nova visita ao sítio, dizendo que as mulheres haviam feito algumas bonecas. Apronto logo os sacos com os objetos de permuta, os livros, o aparêlho fotográfico. Vamos à embarcação; trouxeram hoje apenas uma canoa estreita.

Mauzí entra depressa, pondo-se a tirar água com uma pequena cuia. Adam entra desjeitado, com o aparêlho fotográfico na mão; a canoa vira, e tudo cai na água. Felizmente conseguimos apanhar todos os objetos, enxugando-os, com muita risada, na estreita margem do rio. Com uma canoa maior, chegamos finalmente, ao sítio, sem mais incidentes. As mulheres não estão pintadas, de certo não nos esperam. Fizeram de argila cinzenta uma porção de pequenas figuras, pintadas de vermelho e preto, e com um rolete de cera à guisa de cabelo (prancha 8). Troco-os, sem demora, por panos e colares. Êstes são muito cobiçados, sobretudo pela irmã. As horas se vão passando novamente com grande hilariedade. As mulheres fazem mais duas bonecas grandes, secando-as ao sol e pintando-as. Com a mão untada, a irmã tritura sementes de urucú; a escrava vai raspando com a faca a massa vermelha, recolhendo-a numa cuia. Preparado o suficiente, a irmã limpa as suas mãos vermelhas no dorso da criança, pois a tinta a protege contra mosquitos e môscas, tão abundantes nessas paragens. "A pintura total do corpo (com vermelho de urucú ou negro de genipapo) é a nossa defesa contra os mosquitos, assim como vocês têm a roupa. Vocês usam chapéu para resguardar-se contra êsses bichinhos, nós temos cabeleira comprida". Pintam depois as figuras com varinhas finas. Enquanto isso, Mauzí confecciona um adôrno de plumas para a cabeça, e Maudihí fabrica flechas. Entrementes fotografo o alpendre e os dois rapazes; as mulheres não mo permitem (prancha 9, fig. 1). Mauzí, bastante infantil ainda, gosta de fazer brincadeiras; Maudihí já é mais ajuìzado, mas infelizmente fala pouco português. E' interessante observar como a criancinha, muito engraçada, aprende a caminhar. Com o olhar cheio de satisfação, a irmã acompanha todos os movimentos do garotinho, e, depois de alguns passos, ela o aperta ao peito, beijando-o carinhosamente. Na volta acompanham-nos todos, menos a escrava. Em casa, completo o pagamento com alguns colares; é comovente ver como as mulheres, acocoradas no chão, recolhem cobiçosas algumas missangas esparsas. Recebem ainda uma chícara de café e um pedaço de fumo, e vão-se embora.

Enquanto isso, vão progredindo muito devagar os preparativos para a viagem fluvial. O italiano torna a aparecer, mas não arranjando canoa, some-se para sempre. Êste perigo, portanto, não nos inquieta mais. Em 28 de maio vejo inopinadamente, na margem do rio, uma bonita canoa velha; é pequena para mim. Junta-se a ela, no dia imediato, uma embarcação nova e gigantesca, lembrando até a arca de Noé; é grande para mim. O meu vizinho, o mestre-escola e agente postal Paez Leme, promete arranjar, até o dia 4 de junho, duas canoas com a guarnição necessária e provisões

182b

a — mulher, de frente

b — mulher, de perfil

c — homem

d — menino com rosetas auriculares

e — jovem com lança

f — menino com adôrno de plumas

g — menina com saia de cordeis

Bonecas de argila, Karajá

para três meses. E' um senhor alto e magro, cabelo e barba grisalhos. Visitamo-nos amiúde. Sua espôsa é uma índia Chavante. "Voltando à sua pátria, diga que no Brasil há quem não se peja de casar-se com uma índia". E' muito simpático êsse velho senhor. No dia seguinte vem de Goiaz um destacamento militar; parte para a guerra, no Rio Sono, aonde pretende chegar descendo o Araguaia até Santa Maria, e continuando, por terra, até o Tocantins. E' a êsses soldados que se destina a arca. Em 1.º de junho aparece um negociante que também tenciona viajar no Araguaia. Como arranjar as canoas? A situação se vai tornando sempre mais difícil.

No dia 2 de junho apresenta-se sùbitamente um homem de Registro com uma igarité de médio tamanho. Mando detê-la imediatamente por intermédio de Paez Leme; daí a pouco, a embarcação me pertence. Mais uma canoa assim, e poderei viajar. À noite vem Guedes de Goiaz. Encarrega-se do assunto e manda mensageiros rio-acima. Ao anoitecer do dia 6 vem a segunda canoa, é menor do que a outra, mas serve para mim.

Falta a tripulação. Cozinheiro já tenho. Arranjo mais três camaradas. O quinto aparece no último dia, duas horas antes da partida. De bom grado eu teria levado o inteligente Kabixá. Mas não era possível. Primeiramente, porque reapareceu apenas na véspera da partida, não querendo logo empreender uma nova viagem de vários meses. Além disso, corriam insistentes rumores de que vivia em desavença com os restantes Karajá. Dizia-se que dois dos seus filhos foram, havia muito tempo, trucidados por membros da tribu, e que êle próprio mandara matar, por intermédio de Mauzí, o seu genro, um dos Karajá estabelecidos a jusante. Essa rixa talvez estivesse terminada. Mais grave era uma imprudência do italiano, mas que recaía em Kabixá. Aquêle entregara aos Karajá um rôlo de papel, afirmando que Kabixá o mandara por seu intermédio; recomendava que não o abrissem, porque do contrário todos morreriam. Mas os índios, não vencendo afinal a sua curiosidade, abriram o rôlo, sem encontrar coisa alguma. Pouco depois, irrompeu entre êles uma epidemia de sarampo, atribuída naturalmente a êsse feitiço de Kabixá. Dizia-se estarem por isso muito furiosos, outro motivo pelo qual não convinha fazer-me acompanhar de Kabixá.

Não foram extraordinários os serviços prestados pelos camaradas brasileiros. Eu não chegara mesmo a Leopoldina com grandes espectativas, pois os goianos e leopoldinenses que eu encontrara na viagem me haviam dado juízos muito desfavoráveis sôsobre a população da localidade. Disseram-me que os remadores eram muito grosseiros, que bebiam muita cachaça e trabalhavam

apenas quando lhes aprovesse; que em Leopoldina afinal, havia a gente mais preguiçosa e indolente de todo o Brasil. Reproduzo aquí propositadamente essas opiniões de seus próprios patrícios, afim de que se possam confrontá-las com as minhas próprias experiências. E estas não foram das melhores. Decorrido um mês, dois camaradas tornaram-se insubordinados, plano preparado com longa antecedência; todavia ficaram pelo menos o tempo correspondente aos adiantamentos recebidos. Substituí-os por índios. Um terceiro adoecia sempre que se tratasse de empreender um rodeio por regiões desconhecidas, como por exemplo, ao território dos Xavajé e dos Tapirapé. O quarto, o cozinheiro, mostrou ser bravateiro e covarde, mas merecia ainda tanta confiança que o encarreguei de levar a minha bagagem a Leopoldina. Um único, Antônio, natural do Rio do Peixe e afilhado de Guedes, acompanhou-me em tôda a expedição (prancha 9, fig. 2). Só êle freqüentara escola, durante dois anos, pelo que os companheiros o chamavam doutor. Prestou-me ótimos serviços, e devo a êle o êxito de muitos empreendimentos. Quanto ao mais, os camaradas cumpriram o seu dever, quando não lhes pedia mais do que estavam habituados a fazer. Desde o comêço, consegui impôr ordem, desacostumando-os logo de agir por própria conta.

Nos últimos dias de nossa estada em Leopoldina consertaram as embarcações, em cujos fundos havia grandes buracos e cujas juntas deviam ser novamente calafetadas. Construíram toldos, abrigos contra o sol: três varas armadas em grande arco de bordo a bordo na popa do barco, e cobertas de fôlhas de palmeira ou couros de boi.

Não eram menores as dificuldades para arranjar as provisões. Com o tempo, consegui reùnir o suficiente em feijão, arroz e toucinho; carne-sêca eu carregaria na fazenda de Guedes em Dumbazinho, pouco abaixo de Leopoldina. Mas, a despeito de todo o empenho, não obtive nenhuma rapadura, e dos 5 alqueires de farinha (1), depois só vieram 1½. Vi-me, por isso, obrigado a comprar em São José, a última povoação brasileira dessa região do Araguaia, todos os mantimentos que aí podia conseguir.

Haviam decorrido nada menos de 18 dias quando alvoreceu a manhã da partida. Na última noite promoveram uma novena. Com dinheiro recolhido entre os moradores, os camaradas compraram velas e encarregaram o sacristão de fazer a reza. Cânticos e orações ouviam-se na noite tranqùila e escura. Encerrou-se a solenidade com uma enorme fogueira, diante da igreja.

(1) — 1 alqueire 36,3 l.

1 — Mauzí e Maudihí, com capas semelhantes a macas

2 — Camarada Antônio

Na manhã do dia 8 de junho, segunda-feira de Pentecostes, podiam-se carregar finalmente as canoas. À meia hora estava tudo preparado. Para as despedidas apresentou-se tôda a população, até os Karajá vieram do seu sítio. Após longas e animadas cenas de despedida e com tiros de espingarda, deixamos Leopoldina às 12 3/4 hs, enfrentando novas tarefas e novos objetivos.

5. *Viagem fluvial pelo território dos Karajá até Conceição*

São pouco exploradas ainda as nascentes do Araguaia, no sul de Goiaz (entre 16 e 18°, de latitude sul, 50 e 53,5° de longitude ocidental). Das extensas cadeias da Serra de Santa Rita, Serra de Santa Marta e Serra de Caiapó, cujas águas enviadas para o sueste e o sudoeste vão para os velhos vales do Paraná e do Paraguai, partem para o noroeste e o nordeste numerosos cursos de água que se unem no Rio Grande. Êste recebe o nome de Araguaia ao entrar na grande altiplanura, a 16° de latitude sul, de onde corre para o norte em direção do Amazonas. Recebe poucos afluentes de vulto; junto de Leopoldina, à margem direita, o Rio Vermelho, de uns 50 m de largura e que nasce perto de Goiaz; próximo de Xixá, o Rio do Peixe, tão insignificante quanto aquêle; é mais volumoso o Rio Crixá, que, vindo do sueste, corre, a uns 14° de latitude, em direção do Araguaia, desembocando com duas barras. Na latitude de 13,5°, o rio se biparte, formando a Ilha do Bananal. Enquanto o braço oriental é estreito, recebendo poucos afluentes, o ocidental tem uma largura de 600 a 700 m. Recebe, pouco abaixo, à esquerda, o pequeno Rio Cristalino, e mais adiante o volumoso Rio das Mortes, que, nascendo na chapada a nordeste de Cuiabá e portador das águas do planalto matogrossense, desagua, depois de longo percurso, por duas barras de considerável largura. E' menos volumoso o Rio Tapirapé, que, vindo do oeste, entra no Araguaia a 11° de latitude. A 10,5°, tornam a reùnir-se os dois braços, numa corrente de largura superior a 1000 m, que, daí em diante, não acolhe tributários de importância. A 8°, vem de sudoeste o Rio Pau d'Arco com seus afluentes. A 5,5°, o Araguaia, reùnindo-se ao Rio Tocantins, que lhe corre bastante paralelo, mas de menor volume, toma o nome dêste. Mais a jusante lança-se nêle o Rio Itacaiuna, vindo de oeste, e corre então em direção setentrional até a foz do Amazonas, que alcança ao sul da ilha do Marajó.

Entre o Tocantins e o Xingú (o vizinho ocidental do Araguaia) estende-se um vasto chapadão, de gneisse na parte oriental, e de arenito na ocidental; é a aba do grande planalto oriental brasileiro, mal afamado pelas sêcas que o assolam, e cuja altitude

média varia entre 400 e 500 m. A partir de 16°, mais ou menos, o chapadão descamba para o norte, para depois, na latitude de 8°, cair bruscamente da altitude de 150 m para a planície amazônica. Houve aí grandes transformações geológicas, das fendas brotaram rochas vulcânicas, dando origem às gigantescas corredeiras, tão embaraçosas à navegação que há século e meio são baldados os esforços do govêrno brasileiro de intensificar e tornar mais seguro o comércio entre o Pará e Goiaz.

Sôbre a altiplanura elevam-se a leste, entre o Tocantins e o Araguaia, serras de granito, gneisse, ardózia; para oeste avistam-se, como divisa das águas entre o Araguaia e o Xingú, encostas abruptas, representando talvez serras, ou simples bordas de chapadões mais elevados.

E' nesta gigantesca altiplanura que se afunda o vale do Araguaia, estendendo-se, na latitude de 15,5°, a uns 160 m abaixo do nível do planalto. Com uma largura de 130 km. naquele ponto, o vale se vai alargando sempre mais para o norte, alcançando uma largura de várias centenas de quilómetros nas barras dos numerosos afluentes, como do Rio das Mortes e do Tapirapé, e em tôda a região da Ilha do Bananal. Representa, do ponto de vista geológico, uma formação de canga de pelo menos 12 m de espessura, repousando sôbre gneisse; é um terreno árido de estepe, uma vegetação baixa reveste o solo arenoso vermelho ou branco. Sòmente nos trechos cobertos de vastos brejos ou nas cabeceiras pantanosas, encontram-se tratos com mata ou grupos de palmeiras. Nessa estepe vivem o jaguar, o tapir e os veados; percorrem-na as emas fugazes; nos ares passam casais de araras, e cruzam-nos os urubús em procura de algum cadáver. Paisagem monótona e selvagem, da qual eu estava já bastante enfastiado no último dia de viagem por terra, de Lambarí a Leopoldina.

O leito fluvial, uns 6 a 8 m mais baixo que o vale, apresenta no sul uma largura de um e mais quilómetros, tornando-se às vêzes para o norte mais largo ainda. Com escarpas íngremes, a planura descamba para o leito. Na estiagem, as águas não o ocupam completamente; cobre-o então viçosa mata virgem característica dos pântanos, quase intransitável em conseqüência da ramagem enredada e espêssa de arbustos e cipós, como pelos cursos de água e brejos nela existentes (prancha 10, figs. 3 e 4). Povoam-na porcos do mato, capivaras e macacos; ouve-se nos arbustos e nas árvores altas, a voz do jacú cigano, ave grande, de cabeça ornada com um penacho como o da poupa; da mata desprende-se o grito abafado do mutum, que é uma galinácea grande. No tempo das chuvas, porém, o rio enche todo o leito, elevando-se consideràvelmente. De 10 a 14 anos sobrevém uma inundação; o rio então

186b

1 — Família karajá, debaixo do alpendre de esteiras
Perto de Leopoldina

2 — Barranco com mata marginal
Rio Araguaia

3 — Margem alagadiça na mata

4 — Grupo de palmeiras na margem do rio

transborda, espraiando-se pela planura, em cujos pontos mais elevados se refugiam os homens e os animais (Veja-se a descrição da viagem de Condreau [*Voyage au Tocantins-Araguaya*], efetuada na estação chuvosa de 1896/97).

O rio corre nesse leito com muitas sinuosidades. Em Leopoldina a sua largura tem uns 500 m; na ponta sul da ilha do Bananal, cêrca de 900 m; na extremidade norte, 1.100; em Conceição, uns 1500. São poucos os estirões. Nestes, não são cerradas as matas das margens; envolvidas em tênues vapores, parecem flutuar, sôbre as águas claras e reluzentes, as partes branco-azuladas, mais afastadas da margem, que pairam sôbre o rio como fileiras de pontos. Tudo está envolvido em vapores de água. Como um hálito, ao longe, os contornos delicados. Em geral, porém, o rio corre com acentuadas sinuosidades, com refluxo às vêzes bastante sensível, como, por exemplo, na proximidade do Rio Cristalino. Nesses trechos, o rio toca raramente os barrancos, que, com sua altura de 10 a 12 m, formam então as assim chamadas barreiras, revestidas de arbustos e palmeiras baixas (prancha 10, fig. 2). São quase sempre muito escavadas e anfratuosas, e na época das chuvas, estando as paredes amolecidas, desprendem-se aquí e acolá grandes torrões, perigosos ao trânsito das embarcações. A não ser no tempo chuvoso, o rio não mina simultâneamente os dois barrancos marginais. A beira não minada consiste, por conseguinte, em produtos de aluvião, aí acumulados de maneira a formarem um terreno oblíquo e plano, de 3 a 4 m de altura, revestida de densa mata virgem e arbustos espessos. Geralmente o rio corre entre essas margens baixas; nos pontos em que toca num barranco, êste forma a beira côncava duma volta.

Não são lisas as linhas marginais. Em tôda parte está recortado o terreno. Do leito atual partem muitos braços antigos, ora formando ilhas, ora, quando obstruídos em cima e acessíveis apenas da parte inferior, inúmeras lagoas célebres pela sua beleza e tranqüilidade. Extraordinàriamente piscosas, essas lagoas são muito exploradas pelos índios, que as barram, muitas vêzes, com enormes rêdes e celas. Vivem aí muito jacarés. Ao lado das muitas lagoas, admira sobretudo o grande número de ilhas, que não estão distribuídas de maneira uniforme; os trechos em que faltam por completo alternam com outros em que são muito abundantes. Êstes se encontram entre o Rio do Peixe e o São José, entre a ponta sul da Ilha do Bananal e o Rio Cristalino, na barra do Rio das Mortes, na região da embocadura do Tapirapé, na extremidade norte da Ilha do Bananal. Esta, a formação mais característica, é a maior ilha fluvial do globo. Estende-se de 13,5° a 10,5° de latitude sul, com comprimento muito superior a 300

km, e uma largura de uns 80 a 90 km. Formam-na os braços ocidental e oriental do Araguaia. Outrora o braço oriental, denominado também Furo do Bananal, era mais volumoso do que atualmente; na estiagem, êle se separa do Araguaia com 4m de largura e 1 m de profundidade, atingindo além duma gigantesca barra que lhe obstrue o leito de 300 m, a largura de 80 m. Afirma-se que em vários pontos êsse braço se alaga de areia, constituíndo apenas no tempo chuvoso via de comunicação sempre livre. O braço ocidental, porém, com uns 700 m de largura, é navegável também em tôda a estação sêca. A ilha, completamente plana e coberta de campo, não é outra coisa senão um trato gigantesco do vale do Araguaia, recortado pelo braço oriental. Sobretudo no sul da ilha, vários canais ligam entre si os dois braços pelo menos na época chuvosa, enquanto na estiagem alguns secam completamente. Uma grande baixada existente no centro da ilha cobre-se no tempo das chuvas de uma ou várias lagoas enormes. Desagua para leste e oeste. Na estiagem, quando desaparecem tôdas as águas, ficando apenas alguns brejos e restos de lagoa, o solo se reveste de capim fresco, e sôbre a terra preta e gorda veem-se inúmeras casas de lesmas aquáticas. Percorrí essa baixada, a pé, de leste para oeste numa extensão de nada menos 24 km., sem chegar à outra extremidade.

O rio, sujeito a grandes variações, muda freqùentemente o seu curso no interior do leito, de modo que hoje não se reconhecem mais com segurança as voltas e ilhas do mapa de Ehrenreich (1888). Deve-se isso tanto às inundações anuais, que escavam longos trechos dos barrancos marginais, quanto à correnteza, que deposita as materias transportadas em ponto mais tranqùilos. As águas, portadoras de enormes quantidades de areia fina, que acumulam nas voltas do rio, originando as grandes praias arenosas, que cintilam na margem oposta de cada curva, como faixa branco-amarelada que orla o verde da mata marginal. Elevam-se paulatinamente na extremidade superior e no lado comprido, e na extremidade inferior descambam em sentido quase vertical. Atingem comprimentos de 1 1/2 km e larguras de 200 a 300 m. São separadas geralmente da beira por um sulco, cheio de água com o nível alto do rio, e atrás delas crescem espessos arbustos, repletos de mosquitos. Em abril, quando começa a estiagem, essas praias vêm emergindo das águas, tornando a desaparecer em novembro e dezembro. De ano em ano quase, variam a altura, a extensão, e muitas vêzes o próprio lugar dessas praias. Formadas de areia fina, alva, bastante limpa, e bem sêca nas camadas superiores, as praias representam excelentes pousos, habitados pelos indígenas na estiagem.

A vida animal nas praias e sôbre o rio é mais animada do que na planície em geral. Sem dúvida, são raros também aí os quadrúpedes. Do rastos de jaguares, notados com relativa freqüência na praia, inferia-se serem relativamente numerosos êsses animais, passando, mesmo, de noite na proximidade do nosso acampamento. Todavia não cheguei a ver nem ouvir nenhum dêsses felinos. Observavam-se, outrossim, rastos de um pequeno animal semelhante ao furão. As aves são mais abundantes. Gaivotas brancas pairam sôbre o rio, outras voam à noite, de um lado para outro, sulcando a água com o bico. Sôbre a areia está imóvel, com a sua plumagem branca, o jaburú, gigantesca cegonha de 1 1/2 m de altura. O martim-pescador, pequeno e de variegadas côres, pousa nos arbustos marginais, à espreita de algum peixe. Pássaros semelhantes às alveloas saltitam com passo pequeno e rápido pela areia úmida. Patos bravos cruzam, gritando, o leito do rio. Descrevendo círculos enormes, paira o urubú a grande altura, de onde se despenha ràpidamente, para correr pela areia, com singulares movimentos da cabeça, na direção do acampamento por nós há pouco abandonado. Por tôda parte, os rastos de tartarugas que caminharam na praia ou desovaram na areia sêca das camadas superiores. Trata-se sobretudo de duas espécies: a tracajá, que desova em agosto e setembro, formando ninhadas de 8 a 12 ovos alongados, e a "tartaruga", que põe os seus ovos redondos nos mêses de setembro e outubro, em ninhadas até 160 ovos. Seguindo-se o rasto, chega-se ao ninho, coberto de areia pelo próprio animal. Numa profundidade de 3/4 — 1 m, os ovos encontram calor úmido e invariável. Com o tempo, esta temperatura os vai chocando. A areia se aquece bastante (uma medição efetuada acidentalmente (2), às duas horas da tarde, acusou 52° de temperatura superficial da areia sêca), mas esfria muito durante a noite, pelo que só há um calor constante a determinada profundidade.

A água do rio é límpida e clara, e é precisamente esta limpidez que nas lagoas e nos estirões do rio produz aquêles maravilhosos reflexos e delicadas tonalidades que tanto amenizam as viagens nesse rio. Ao passo que a correnteza média é de 30 m por minuto, as águas atingem nos barrancos côncavos a extraordinária rapidez, que dificulta muito o avanço nas viagens rio-acima.

E' extremamente variada a vida no interior dessas águas. À tona aparecem as bôcas afiladas de numerosos jacarés, abundantes sobretudo nas lagoas e que nadam vagarosos numa e noutra direção;

(2) — Em 7 de agosto de 1908, diante de Santa Maria. As restantes medições indicaram: temperatura atmosférica, à sombra 36°; no sol, 38°; no sol, em ponto resguardado do vento, 41,5°; temperatura superficial da água corrente, 29°.

nunca nos puseram em perigo. Rodopiando e bufando, emerge a lontra, mergulha, e reaparece logo adiante, bufando e tomando posição vertical. Em pontos de grande profundidade passam grandes bôtos aos cardumes; aparecem sùbitamente, com os seus corpos claros e brilhantes, expelindo o ar e inspirando-o com grande ruído; mas submergem sem acabarem a inspiração; é um processo amedrontador que provoca um movimento de reflexo nos que a êle não estão habituados: instintivamente imita-se essa respiração tão bruscamente interrompida, o que é extremamente cansativo. Só com o tempo a gente se vai acostumando ao animal, e afinal acha-se graça no seu jôgo divertido. Entre os animais de água profunda, convém mencionar o pirarucú, de 4 m de comprimento e vários quintais de pêso, e a pirarara, que alcança um comprimento de 2 m. São ambos peixes de carne muito apreciada, caçados com arpões ou anzóis muito resistentes. Na água rasa vivem o peixe-cachorro, caracterizado por seus dentes agudos com os dois caninos gigantescos; o saboroso tocunaré; o pintado, de bôca chata, etc. No fundo das águas, perto de barrancos, e escondida entre a ramagem flutuante dos arbustos marginais, ou debaixo de árvores caídas, que constituem sérios obstáculos à passagem das canoas, espreita as suas vítimas a piranha voraz. Êste peixe terrível, que com a sua dentadura sobremaneira cortante pode truncar de uma vêz o dedo de um homem, era abundantíssimo e representado por várias espécies: a pequena, de côr branca, na face uma mancha preta orlada de amarelo; outra maior, vermelho-alvacenta, e finalmente a piranha preta, de olhos vermelhos e dois palmos de comprimento. Geralmente bem nutridos, e de carne muito saborosa e delicada, constituem a alimentação principal dos índios e canoeiros.

No trecho que viajei, são muito pequenas as canoas empregadas pelos brasileiros. Só entre Conceição e Pará circulam batelões, barcos maiores, com bordo de 1 m de altura, mais ou menos. Ao trânsito quotidiano servem canoas inteiriças com bordadura de um ou dois tabuões. O meu igarité media 9 m de comprimento e 5/4 m de largura, a montaria cêrca de 7 m por 1 m. As embarcações de um só pau são resistentes. A calafetagem dos tabuões, de imbira com breu, é, porém, pouco durável. Nas aldeias indígenas acodem sempre as mulheres com grandes bolas de cera, afim de vendê-las aos canoeiros para a calafetagem das rachas. Tornando-se velha a canoa, o pêso das mercadorias vai encurvando consideràvelmente os dois lados do fundo, enquanto a parte central fica sempre mais convexa, até finalmente rachar. As canoas fazem muita água, e de quarto em quarto de hora, qua-

se, deve-se tirá-la com uma concha formada de meia cuia. A guarnição é composta de dois remadores, na frente, e um timoneiro, atrás; no centro, o cozinheiro fica achicando.

A poucas polegadas acima do fundo da canoa armam-se varas transversais de um bordo a outro; sôbre elas descansa a carga, para não ser atingida pela água que entra na embarcação. Colocam-se aí os caixões, as malas e os sacos com mantimentos. Para proteção contra a chuva mandei cobrir o carregamento com couros de boi, mais tarde também com a lona da barraca. Os barcos maiores têm na popa um tôldo, que resguarda o viajante do sol e da chuva; dispensei-o na volta, porquanto constituía verdadeiro estôrvo, sobretudo quando abrigava ainda uma parte do carregamento. Como assento, serviu-me um caixote. As canoas são movidas por meio de remos. Na proa encontra-se dos dois lados uma bancada prêsa aos bordos e em cuja ponta fica um remeiro manejando a sua pá. Rio-abaixo, segue-se a direção principal da corrente; conquanto assim se acompanhem tôdas as voltas, avança-se contudo, pelo aproveitamento da velocidade máxima das águas, uns 60 a 70 km por dia. Rio acima, levam-se as canoas com varas compridas; os canoeiros andam então, sôbre a bancada, até o meio da embarcação. Procuram-se sempre as águas tranqüilas, navegando, pois, ao longo das praias. Nas voltas, cruza-se o rio remando; os canoeiros (brasileiros, e sobretudo os índios) guiam a embarcação com habilidade tal que o atravessam quase perpendicularmente, podendo, na outra margem, prosseguir a viagem na mesma altura. Os barrancos dão muito trabalho. Aí a água é geralmente muito funda, obrigando a remar; vence-se difìcilmente a correnteza, sobretudo por causa das inúmeras árvores caídas, que representam constante perigo.

Toma feição muito simples a vida na viagem fluvial. Pelas 5 1/2 horas, a gente se levanta impelido pelo frescor matinal (16 a 18°); feito um pouco de café, começa, pelas 6 1/2, a viagem pelo maravilhoso fresco da manhã. Por sôbre a mata marginal vêm os primeiros raios do sol, caíndo sôbre a água; densos vapores emanam do rio; névoas tênues atravessam a canoa, que corre velozmente, sob as remadas vigorosas dos canoeiros. Pelas 9 horas, arriba-se a alguma praia para cozinhar o almôço. Enquanto o cozinheiro prepara a refeição, os camaradas recolhem depressa a lenha, árvores sêcas depositadas na praia pela última enchente. Requenta-se sempre a panela com feijão, enquanto o arroz e a carne sêca são cozinhados na ocasião; de quando em quanto há também peixe ou caça (veado, anta, mutum). Em uma hora, está pronto o almôço; depois da refeição, que é rápida, toma-se café. Fora disso, a bebida é água. A princípio eu a mandava

ferver, refrescando-a depois num vaso poroso a isso destinado. Mas, como aí se formassem muitos sedimentos, esgotando-se a água, além disso, muitas vêzes a deshoras, e como depois o vaso quebrasse, não se conseguindo outro, habituei-me a beber diretamente do rio. Embora não fervida, a água, que era limpa e clara, não me fêz mal. Era desagradável apenas a sua temperatura elevada: às 2 horas da tarde, 29°; às 6 da manhã 26°. Às 10 ½ horas prossegue a jornada, viajando-se nas horas de grande calor. O termómetro acusa 33 a 36° á sombra. À meia hora da tarde para-se em qualquer parte. Distribuídos os pratos, tira-se um pedaço de rapadura, (suco de cana comprensado em forma de tijôlo), do qual cada um vai raspando a quantidade que quiser, recolhendo as aparas no prato e misturando-as com farinha; acrescenta-se água e come-se com a colher essa comida, denominada jacuba, muito refrescante e nutritiva. Na volta, em que íamos na direção do sul, o sol durante mêses no zenite, sesteávamos nas horas de maior calor, descansando à sombra da beira, e pescando. À 1 hora, mais ou menos, continua a viagem, e pelas 4 ou 4 1/2, procura-se descobrir uma praia para o acampamento noturno. Presta-se a isso a praia alta e sêca, sem ser muito íngreme, para facilitar a subida, devendo todavia dar bom acesso às canoas. Deve, outrossim, conter lenha suficiente e ser bastante larga, para ficar bem afastado dos msquitos que abundam à beira do mato. Levam-se as canoas à praia, onde são amarradas à vara fincada na areia; é esta a única firmação. Os camaradas arranjam lenha, o cozinheiro põe a comida no fogo. Em seguida armam a tenda grande para mim, a pequena para Adam. Para que a viração circule livremente na minha barraca levantada em direção paralela ao rio, deixo as duas entradas abertas durante a noite. Armam-na sempre os homens que formam a guarnição da respectiva canoa. Os camaradas dormem na areia, debaixo de suas cobertas; eu durmo na cama de campanha, usando a coberta de camelão: de madrugada, quando é mais frio, cubro-me ainda com o "plaid". Tenho comigo, entre outras coisas, os sacos de roupa, a malinha com livros, dinheiro e instrumentos, as espingardas, cadeira e mesa, os aparelhos fotográficos, a moringa e a caneca. Suspensos os termómetros, e colocado o barômetro de modo conveniente, vai-se tomar banho. Nem sempre, porém, é possível, pois é só nas praias de declive muito suave que não se corre perigo de ser molestado por bicharia de tôda espécie. Na água funda, são as piranhas vorazes, que com seus dentes enormes e agudos arrancam grandes pedaços de carne, e pouco adiante, no fundo do rio, espreitam os jacarés. Nas praias lodosas, é a raia, cujo aguilhão, quando nêle se pisa, produz feridas malignas.

E na água rasa, o candirú, peixinho muito rápido, que a todo transe procura penetrar em tôdas as aberturas do corpo. Deve-se, portanto, escolher com muita cautela o lugar em que se queira tomar banho. Pelas 6 horas está pronto o jantar; o cardápio é o mesmo do almôço. Mais tarde, tínhamos também na mesa carne e ovos de tartaruga; i. é, mesa não havia, pois, sentado na areia, comia-se no prato apoiado sôbre o joelho. A carne e o feijão estão sempre mal cozidos, pelo que me contento geralmente com arroz e peixe, comendo só com a colher. Uso a faca apenas quando, caçado algum cervo, tenho a meu lado, fincado na areia o espeto de pau com o assado suculento, mas duro. E' muito gostoso, principalmente com mostarda. Conquanto já esteja escuro, quando comemos, não convém acender luz, porque atraìria inúmeros insetos, que não nos deixariam comer. Afastamo-nos, quanto possível, da fogueira, mas, ainda assim, rodeiam-nos muitos mosquitos e môscas, e uns gafanhotos pálidos saltam no prato; nem sempre se podem retirá-los a tempo da colher.

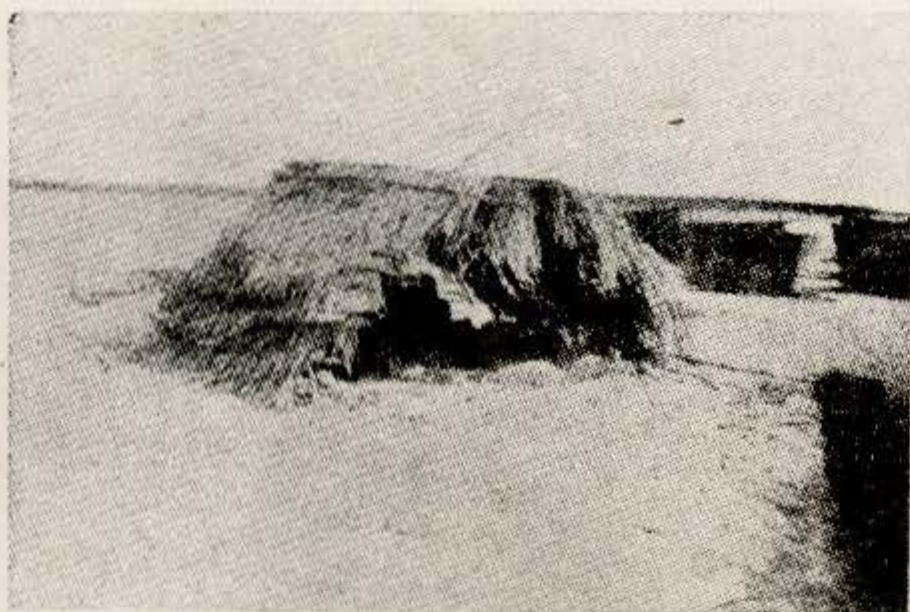
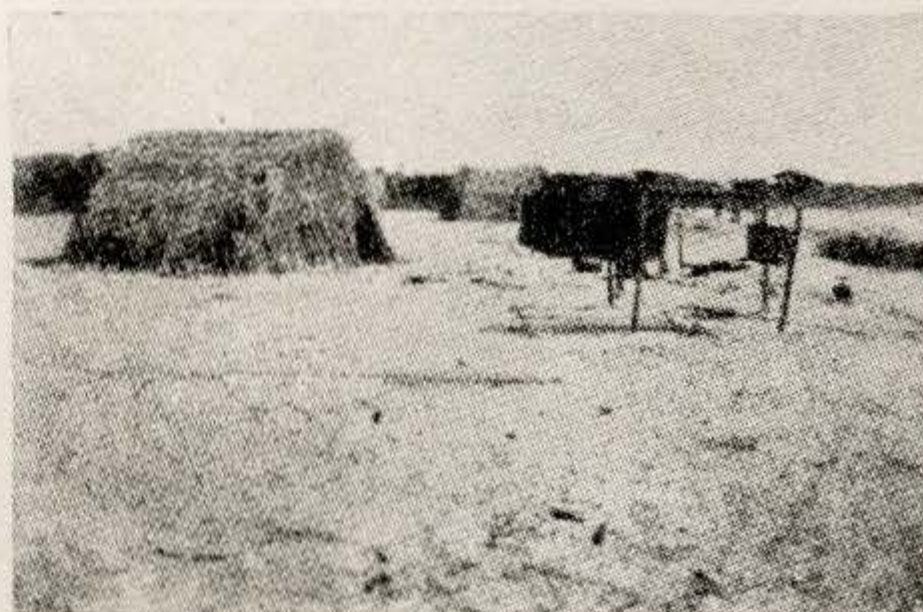
Entrementes anoitece por completo, e a lua derrama uma luz clara. Sentados na areia, conversamos; eu me entrego aos meus pensamentos, tomando, em silêncio, uma caneca de mate. Os camaradas deitam-se às 7 1/2. Só o cozinheiro vai cada hora ou de duas em duas horas, olhar a panela com feijão, que está na fogueira; de hora em hora um dos camaradas vai às canoas para tirar a água; revezam-se neste serviço. Não é necessário alguém montar guarda. Os outros dormem. Só eu tenho de esperar até às 9 horas, para fazer a leitura dos instrumentos. O termómetro regista uns 23° na atmosfera, e 25° na água. Finalmente vou dormir também. Em alguns pontos havia muitos mosquitos, sobretudo entre Leopoldina e o Rio Cristalino, e, mais acima, na bôca do Tapirapé. Debaixo do mosquiteiro dormia-se sem ser molestado pelos pequenos músicos, como lhes chamavam os camaradas. Mais a jusante dispersava-os o vento rijo que soprava diàriamente, durante várias horas, pelo meio-dia e de noite, e que muitas vêzes, transformando-se em temporal, nos obrigou a procurar ao meio-dia alguma praia para fugir das ondas, enquanto de noite derrubava a tenda. São frescas, quase frias, as noites. Com o tempo, todos os camaradas ficam com defluxo, muitos até tossem bastante. Mas em geral a noite nos refresca, de modo que sempre amanhecíamos com novo vigor.

As noites são pouco tranqüilas. E' verdade que não se notam animais de porte. As onças não nos perturbaram, e raramente algum jacaré subia nas canoas, para devorar a carne-sêca. Mas os bichos menores são abundantes. Formigas voadoras, pequenos coleópteros pretos e as môscas importunam-nos até o por do sol.

quando os substituem os mosquitos. Bichinhos de tôda espécie andam e saltam na areia, vindo-nos contra o rosto, entrando nos olhos e estorvando-nos durante a refeição ou quando escrevo. E então começa o ruído na mata. Milhares de grilos põem-se a cantar, inúmeras rãs coaxam nas lagoas, os frangos d'água fazem ouvir os seus sons metálicos, e o bugio move sem cessar o seu moinho de café; é um concêrto variado. Ao mesmo tempo, o nosso cachorrinho conversa horas a fio com o eco de sua voz, ou então ladra prolongadamente diante dum jacaré morto, que os camaradas pegaram com o anzol e depois mataram a cacetadas.

Saíramos, pois, de Leopoldina no dia 8 de junho, às 12 horas e 49 minutos. Na manhã seguinte arribamos, para o almôço, na fazenda de criar de Guedes, carregando os 30 kg. de carne-sêca aí preparados para nós. Logo após a partida, ouvimos na nossa frente os sons abafados duma buzina, subindo o rio. Respondemos com o chifre de boi. Na volta do rio, assomou uma grande canoa, guarnecida de 10 homens; voltava de Conceição a Leopoldina. Mais um dia de espera, portanto, e de fato teria chegado a Leopoldina a prometida canoa com tripulação. No dia 11, às 7 1/2 da manhã, passamos pela barra do Rio do Peixe, e pouco depois chegamos a Xixá, pequena povoação brasileira, que, há poucos anos, se formou junto duma aldeia karajá. Esta na estação chuvosa, também fica sôbre o barranco. No início da estiagem, os índios descem a uma praia, fixando-se depois aí perto, quando emergem praias melhores. Topamos numa praia pouco acima de Xixá com as ruìnas duma aldeia. Os telhados das quatro cabanas estavam, em grande parte, caídos, enquanto no chão estavam espalhados arcos, flechas, cacos de vasos e frutos de urucú. donde se extrai a tinta vermelha para a pintura do corpo, e espinhas de peixe. Tudo estava quebrado. A areia branca contrastava nìtidamente com os lugares pretos das fogueiras. Diante dos ranchos erguiam-se grandes armações quadrangulares, que serviram provàvelmente para guardar mantimentos. Passamos 3/4 de hora fotografando e desenhando.

Prosseguimos. Logo depois de 20 minutos, avista-se à direita a primeira grande aldeia karajá. Arribando uma praia fronteira, mando armar as barracas. Imediatamente aproximam-se duas canoas compridas, uma com três e a outra com quatro índios pintados de preto e armados de arcos, flechas e maças. Todos usam botoques de madeira no lábio inferior; os jovens ostentam além disso, colares de contas brancas, tendo ainda, na barriga da perna faixas de algodão tinto de vermelho, e, nos braços, punhos do mesmo material e da mesma côr. De uma orelha para a outra, passando acima dos olhos, corre um risco vermelho de quatro de-

194b

1 — Rancho karajá, usado na estiagem

2 — Aldeia karajá

3 — Mulheres karajá, fumando

4 — Irmãos karajá

dos de largura, a sua característica pintura de saùdação. Aproximando-se com curioso andar cambaleante, os braços cruzados sôbre o peito saliente, proferem, com voz artificialmente reprimida, a sua saùdação indígena: *alalíne*. O velho cacique Cadete Chico, cuja pele já começa a enrugar-se, traz, como brinde, pequenos côcos e batata doce; em troca, dou-lhe fumo. São homens de mediana estatura, robustos, de corpo bem desenvolvido e musculatura em geral atlética. A cabeleira preta, de ligeira tonalidade vermelha quando ferida obliquamente pelos raios, cai-lhes pelo dorso, e tem as extremidades onduladas. Na frente está cortada à altura das sobrancelhas. Depois de algum tempo, exibo o fonógrafo. Ouvem-no primeiro admirados, e depois com entusiasmo; querem que as mulheres também o ouçam (3). Os Karajá gostam muito de música; quando se tocava, esqueciam-se de comer e de dormir. Até então os índios não haviam trazido as mulheres, nem se haviam deixado seduzir pelos presentes. Mas para que as mulheres ouvissem música, trouxeram-nas de noite nas canoas, onde elas ficavam deitadas durante o dia, escondidas debaixo de grandes esteiras. Mas como é impossível ocultar mulheres por longo tempo — como de modo pouco galante se exprime Fonseca — foram finalmente descobertas. Depois do almôço acompanho-os com Adam à aldeia. Dois ranchos são habitados, um terceiro está desocupado, e um quarto em construção. Nos telhados gritam araras vermelhas, entre as casas vagueia uma ema mansa, acossada pelos cães. Bem agachado, entra-se de rastos pela entrada baixa das choupanas, cujo chão é coberto de largas esteiras. No fresco interior (prancha 11, fig. 1) reina uma agradável claridade frouxa. Sento-me na esteira, a família tôda ao redor. O cacique a apresenta: esta é a minha mulher, êstes são os meus filhos; estoutro é da casa vizinha, aquela mulher é minha cunhada, etc. As mulheres são muito menores do que os homens, figuras esbeltas, de ombros e quadris estreitos. Sòmente as camadas adiposas das nádegas chegam, às vêzes, a extraordinário desenvolvimento. São belos os rostos ovais das meninas com os olhos pardo-escuros, olhando com ingênua cobiça através das estreitas fendas palpebrais. Começamos logo com a permuta. Mando trazerem tudo o que possuem. Há objetos pendurados por todos os caibros, e mesmo enfiados nas fôlhas da cobertura, encostados nos cantos da choupana, outros estão nas armações diante da casa destinados ao depósito de mantimentos, outros ainda guardados em longos cêstos com tampa, onde cada índio conserva as suas riquezas pessoais em objetos de adôrno, utensílios, etc. Vêm trazendo tudo

(3) — A esta predileção pela música já se refere em 1773 o comandante da tropa Fonseca (Rev. Trim., VIII, 2.ª ed. 1867, pág. 382).

o que a nossa vista descobre; mostram o que há nas cestinhas, separando os objetos que me parecem ser de importância. Digo então a Adam o meu último preço e deixo o regateio por conta dêle. Entrementes indago dos outros o nome e a serventia do objeto, peço uma demonstração dos modos de usar e fabricar, traço um esbôço da planta da casa, conto os inquilinos, tomo nota de seus enfeites e pinturas, e assim por diante. Vendem os botoques sem resistência; só raramente hesitam um pouco, como envergonhados; mas todos substituem-nos imediatamente por botoques de reserva. Também é fácil obter os ornatos das orelhas: as plumas prêsas, na ponta dum vareta, em forma de tulipa, de cujo centro se salienta um dente de capivara, o enfeite das criancinhas; as rosetas de plumas com disco central de madrepérola, prêsas igualmente na extremidade duma haste de taquara, o ornato da juventude; finalmente as simples varetas de taquara amerelas, vermelhas e pretas, com obra de entalhe apenas na parte anterior, o adôrno dos adultos. Vê-se por aí, de maneira palpável, como os defeitos desaparecem com a idade; tornar-se-íam ridículos os casados que se adornassem. E' mais difícil adquirir os distintivos dos solteiros, os punhos, de algodão tinto de vermelho, que fàcilmente se podem tirar dos braços, e as faixas das panturrilhas e dos tornozelos, do mesmo material e côr e trabalhadas diretamente no corpo. Por outro lado, conseguem-se fàcilmente os anéis caudais do largato tejú, que usam nos dedos, como os colares usados pelo sexo feminino, e feitos de frutos da Thevetia, ou de bagos alvacentes a que dão o nome de *ixiulani* e que plantam na roça. O nome dêsse fruto é aplicado também, com forma abreviada, para as contas de vidro.

Estas constituíam a parte principal dos meus objetos de permuta; serviram principalmente para a aquisição de enfeites maiores, objetos de adornos, flechas etc. Aquí em Xixá tinham saída sobretudo as continhas brancas para bordados. Tôdas as espécies de missangas, avaliadas primeiro por um perito, eram aceitas apenas quando resistiam à ação dos dentes, e a côr agradasse. A permuta, em geral, absolutamente não era simples, exigindo freqüentemente muita paciência e discreção. Com relativa facilidade obtinham-se pequenos enfeites, figuras de argila ou cera, gêneros alimentícios de tôda espécie; eram pagos com um pedaço de fumo goiano em corda, de uns três dedos de comprimento. Apreciam muito êsse tabaco, pois o que êles possuem é de qualidade inferior e de aroma pouco agradável. São loucos por um tabaco melhor, que fumam com verdadeira paixão, homens e mulheres, moços e velhos. Até as crianças de peito põem às vêzes o cachimbo na boca para sorver a fumaça. E' muito singular o modo de fumarem. Sôbre o tabaco bem picado, com que enchem

o cachimbo até três quartos, põem um pedaço de brasa, tapando com a mão ou com o dedo, e chupando pelo canudo até que o fumo comece a arder. As mais das vêzes, mas nem sempre, retiram a brasa. Entregam-se, em seguida, completamente ao gôzo de seu cachimbo. Enfiam sempre o indicador na bôca do cachimbo, tragando a fumaça ràpidamente e muitas vêzes em seguida; tem-se a impressão de estarem chupando ou bebendo (prancha 11, fig. 3). Retiram então o cachimbo da bôca, expelindo a fumaça com um sopro só. Em troca de grandes objetos de adornos, utensílios, brinquedos etc., pediam faquinhas, tesouras, anzóis e espelhos, enquanto canoas, lanças, arcos e flechas, acompanhamento de viagem por 8 a 10 dias, eram pagos com uma machadinha ou um facão, ou com 4 m de pano de algodão para uma coberta. Os artigos de ferro eram também avaliados por peritos especiais, que examinavam detidamente as facas, machadinhas e tesouras, submetendo-as a tôdas as provas e discutindo sôbre o tamanho do aro destinado ao cabo, a forma do gume, etc. Depois de longa conferência eram finalmente aceitos. O essencial é que os objetos de ferro sejam bastante grandes e que as machadinhas tenham aspecto bonito e cor azulada. Primeiro não atendiam muito à qualidade; sòmente depois de perceberem que as minhas facas, a-pesar-de pequenas, não perdiam o fio, aceitavam-nos sem discussão. Era agradável o fato de ninguém se intrometer nos negócios de outrem; davam a sua opinião apenas quando consultados pelo companheiro, mas deixando a êste a decisão. O objeto adquirido passava, de mão em mão, tornando ao dono só depois de muito tempo. Às vêzes o negócio era rápido, outras, porém, levava muito tempo, sobretudo quando era de todo impossível satisfazer os índios, coisa que também se dava. Era gostoso de ver como então dissimulávamos, cada qual fingindo não entender o outro, para sustentar o seu ponto de vista. Eu o fazia, quando exigiam preços exorbitantes ou sempre que tornavam a pedir fumo e ferro; êles, porém, quando eu rejeitava as suas exigências ou pedia peixes e outros gêneros alimentícios. Assim nos irritávamos freqüentemente uns aos outros, mas no fim tudo dava certo.

Seguiu-se o espetáculo: querem ver a boneca que grita. E' linda e tem cachinhos louros e olhos azues, que se abrem e fecham; deitada lateralmente, solta um gemido. Julgam todos tratar-se de um ser vivo. Várias mulheres querem bondosamente matar a fome da coitadinha, mas notam, com grande susto, que a pequena não aceita a alimentação natural. Só depois percebem tratar-se duma boneca, achando-a engraçada. O macaco de fôlha, porém, que sobe e desce num barbante, provoca logo grande hilariedade. Mandam-me sempre puxar de novo o cordão, e não

se cansam de acompanhar de olhos radiantes e lábios risonhos, o animal, que vai trepando, ora devagar, ora mais depressa. Também o boneco de engonços desencadeia ruidosas gargalhadas. Estava assim ganha a sua amizade. Os homens eram de trato muito agradável; as mulheres, mais discretas e reservadas; quando riam, tapavam o rosto com a mão, olhando através dos dedos. As crianças (prancha 11, fig. 4) eram expansivas e alegres, sem brigarem ou se tornarem grosseiras. Em relação a nós, houveram-se com cortesia, tornando-se logo confiadas, mas sem exceder os limites da boa conduta. Eram realmente encantadoras. Os meninos de pouca idade andam completamente nus, ao passo que as meninas já começam cedo a usar cintos pretos de algodão, cujas franjas anteriores cedem mais tarde o seu lugar a um aventalzinho de imbira, até que finalmente com a puberdade todo o cinto é substituído pela atadura de imbira. O índio se faz acompanhar, sempre das crianças, a que dedica afeição extrema. As irmãs carregam os pequenos no braço ou nos quadrís, enquanto o pai ou a mãe conduzem os maiores pela mão. Só a partir da idade de 5 anos, mais ou menos, as crianças brincam sòzinhas no acampamento do visitante estranho.

ANO 6 — V. 69 — 1940

NOS SERTÕES DO BRASIL

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

5. *Viagem fluvial pelo território dos Karajá até Conceição*

(continuação)

Um tipo curioso era um velho Xavajé, que parecia viver como escravo em Xixá. Alto e robusto, de rosto largo e bonachão, mantendo-se sempre a certa distância, apoiado na sua maça, na cabeça um grande chapéu de palha, e um pano sujo cobrindo os ombros, êle dava a viva impressão de Eumeu, o divino porqueiro. Infelizmente não permitiu de modo algum que o fotografasse; também os outros se recusaram todos. E' que eu lhes mostrara a fotografia dos dois filhos de Kabixá, para ver se reconheciam, pelo retrato, os seus parentes de Leopoldina. Reconheceram-nos, sim, mas ficaram tão desconfiados que não quiseram mais saber disso. Resolví, então, nunca mais mostrar fotografias. Ficámos lá duas horas bem agradáveis e variadas, que se passaram ràpidamente. Pelas 4 hs. voltámos ao acampamento, acompanhados de tôda a aldeia, umas 20 pessoas. Armamos e exibimos o fonógrafo. Os selvícolas estalam atônitos com a língua. Escutam com muita atenção; apenas as palavras, geralmente de som muito grosso, que, precedendo a música, indicam o nome da peça, provocam viva hilariedade, excitando o espírito de imitação. Em posições extremamente pitorescas, ficam os índios sentados ou deitados em tôrno, aquí os homens, alí as mulheres. As crianças, estendidas na

areia, a cabeça apoiada nas mãos, os olhos bem abertos e interrogativos, escutam os sons estranhos. Não se cansam de ouvir a música. Não compreendem a nossa música instrumental, mas em compensação reconhecem as vozes das aves. Preferem sobretudo as canções, especialmente de mulheres; pois as suas próprias mulheres não cantam. Admirados, escutam, de respiração suspensa, os sons cheios e vigorosos das nossas canções femininas. Sùbitamente um alvorôço geral, falam todos com grande vivacidade, as mulheres e crianças correm para junto das canoas: é a grande embarcação dos soldados que vem chegando de Leopoldina. Procuro tranqùilizar os selvícolas, mas, não se deixando reter, partem imediatamente para a aldeia. Só oito homens ficam comigo no acampamento. Depois da ceia, cujos restos devoram com avidez, trato de fazer fonogramas de suas canções. Todo o côro canta, em conjunto, uma canção melódica, mas infelizmente com voz tão baixa que o aparêlho não regista nada. Coloco-os então, um a um, diante do aparêlho, conseguindo assim fonogramas aproveitáveis. Pago um pedaço de fumo por cilindro. Em canoas longas e estreitas partem finalmente todos, pelas 7 horas, tagarelando e rindo.

Na manhã seguinte aparecem já às 6 horas, trazendo peixe para vender. Sento-me diante da tenda com o Cadete Chico; dentro em pouco o levo a contar lendas, principalmente a Lenda da Criação. Pára de vez em quando afim de pedir um gole de pinga, de que é grande amigo. Estava infelizmente generalizado o uso da cachaça entre os habitantes do lugar; também as mulheres pediam a patrícia. Era felizmente a única aldeia em que as mulheres tomavam aguardente. Nos outros lugares até os homens costumavam recusá-lo. Depois do almôço chegam mulheres e crianças. Para ouvir alguma coisa das tribus a oeste do Araguaia, mostro-lhes as obras de viagem de von den Steinen. Não conhecem as tribus do Xingú, e tôda a sua cultura lhes é estranha. Entram em viva discussão sôbre pormenores da indumentária, dos enfeites, de utensílios. A seguir, mostro o livro com gravuras de animais. Folheando-o, fazem perguntas, conversam e riem. Reconhecem os animais de sua terra, dizem os nomes, fazem perguntas sôbre os que não conhecem. Tenho de representar o elefante, a girafa, o urso, e imitar as vozes dos animais. E' uma tarde alegre alí na areia quente; é divertida, a-pesar-do calor, e de bons resultados. À tarde partem todos. Encomendei uma moringa, que deverá ser feita no mesmo dia. Pois em Xixá fabricam-se em quantidade, para os brasileiros, panelas, pratos, moringas e peneiras de malha fina; e, enquanto os seus utensílios de barro em geral são de forma bonita mas sem ornamentação,

êles enfeitam êsses artigos de exportação com tinta de barro vermelho. Além disso, tratei um remeiro com o cacique. Amanhã cedo entrará em serviço, para ajudar a remar a minha canoa grande e pesada. O homem, chamado Pedro, deverá receber uma faca, um cachimbo, uma coberta, um costume para proteção contra os mosquitos, e a quantia de 120$000. O cacique quer para si um machado e uma faca, pedindo, ainda, que eu lhe traga uma arara vermelha dos Tapirapé. Prometi satisfazer-lhe o desejo. A tarde passa com o inventário. Sòmente ao jantar tornam a aparecer pontualmente cinco homens; recebem os restos e voltam para a aldeia. Anoitece. Na aldeia estão acesos todos os fogos, nota-se alguma agitação; no rio cruzam canoas com tochas acesas.

Na manhã de 12 de junho arrumamos a bagagem e vamos à aldeia. A moringa está pronta; colocámo-la na canoa para refrescar a água fervida. Sôbre Pedro tratamos ainda definitivamente com a mãe; o cacique, irmão dela, figura apenas como intermediário. Aceitamos os serviços de Pedro; juntou os seus trens numa cestinha com tampa, levando ainda, para a pesca, o arco e três flechas. Finalmente fechamos o negócio; o cacique recebe a faca e, em lugar do machado, 5$000, que decerto aplicará em cachaça em Xixá, à mãe de Pedro dou um pouco de tabaco. Na despedida, todos se reùnem junto das canoas para receberem ainda um pouco de fumo e pinga, e, depois de longos discursos, partimos finalmente. Ao meio-dia, topamos, numa ilha, um rancho karajá. Habitam-no umas 15 pessoas, que fabricam canoas para a aldeia perto de Xixá. Ficamos aí uma hora, que passou ràpidamente em permuta, conversa e exibições. Dou-me bem com essa gente; é prazenteira, ri com franqueza e gosta de fazer brincadeiras. E' engraçado principalmente um mutum novo, manso, e enfeitado nas pernas com pequenas faixas vermelhas.

Na manhã seguinte, logo após a partida, vem-nos ao encontro uma canoa indígena que, vindo do pouso, se dirige à roça. Dentro em pouco avistamos uma aldeia. E' pequena, de apenas quatro alpendres com cêrca de 20 habitantes, mas fundada há 30 anos, pelo menos. Numerosos meninos, moços e homens pintados vêm à praia. Trazem, como arma de ostentação, compridas lanças de madeira com ponteira de osso, abaixo da qual se veem longos penachos, bem como longas clavas de madeira pesada, com estrias longitudinais e revestidas, em parte, de trançados com desenhos. Essas clavas constituem a sua arma pròpriamente dita. Arco e flechas se destinam quase exclusivamente à caça e pesca. Fico uma hora com êles, troco objetos etnográficos e faço mi-

nhas observações. A princípio, os moradores se mostram muito reservados, mas aos poucos vão se tornando comunicativos. A casa das máscaras fica afastada da aldeia, e com a frente para o outro lado. As mulheres aí não podem entrar. Tem cumieira curva e está fechada para o lado da aldeia por meio duma construção em arco. No interior, cinco máscaras sôbre postes, trançadas de fôlhas de palmeira, à feição de tôrres, e tendo coladas penas que formam desenhos multicores. Ao lado estão penduradas tangas de fibras de imbira. Maracás de cuias, armas, vários adornos estão espalhados desordenadamente no chão.

Depois de pouco prosseguimos e daí a 3/4 de hora acampamos numa praia defronte de São José. Necessito ainda provisões de farinha e rapadura. Adam vai de canoa à outra margem, para encetar o negócio. Volta com a notícia de que depois de amanhã poderei receber os gêneros desejados de uma fazenda a 30 kms. de distância; já partiu um mensageiro, afim de fazer a encomenda. Temos, assim, alguns dias de espera. Da margem oposta vem uma mulher com uma cesta de laranjas, para buscar algum remédio para o filho doente.

Dou-lhe alguma coisa inócua que no momento me parece oportuna. À noite vêm as notabilidades de São José para conversarem um pouco. Horrorizados, contam alguns dos mais velhos como Ehrenreich desenterrou em 1888 cadáveres de Karajá no cemitério. Depois de jantar, vem Pedro com fumo e cachimbo, deitando-se perto de nós, na areia. E' um homem grande e robusto, de pernas ligeiramente arqueadas e rosto bonachão. E' viúvo e conta uns 30 anos; deixo com sua mãe os três filhos, ainda pequenos. Não tarda em ficar comunicativo e fala com franqueza sôbre o que se deseja conhecer. Ao luar, desenha na areia figuras de máscaras (fig. 1), e vai dando também boas informações em geral. E' engraçado ouví-lo relatar os bons conselhos que sua mãe lhe deu para a viagem. "Minha mãe disse, conta êle, não volte com mulher; não empreste dinheiro aos outros camaradas". Filho obediente, Pedro seguiu à risca os preceitos maternos, se bem que no primeiro caso lhe custasse muito. O dia seguinte, 15 de junho, é dia de descanso. Não há ainda notícia de mantimentos. De manhã, o cacique Kulí, da aldeia a montante de São

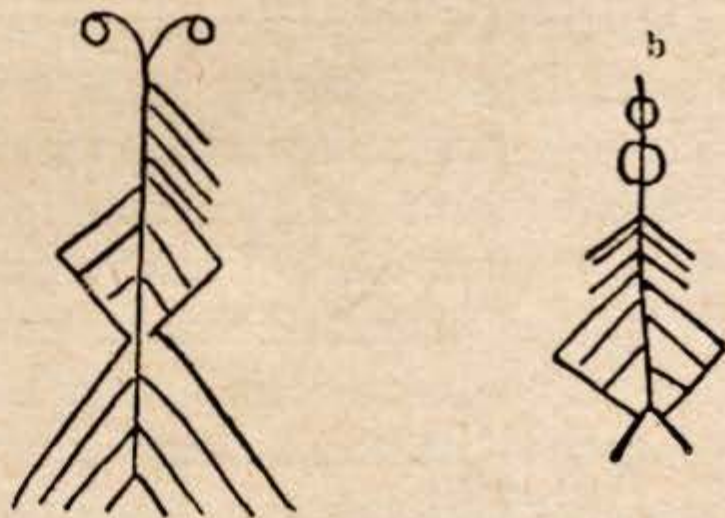



Fig. 1
Desenhos de máscaras feitos na areia
a) máscara **idjazó** b) máscara **ladení**

José, me vem fazer uma visita em companhia de vários homens. Trazem objetos etnográficos e gêneros alimentícios para permuta. Compro sobretudo bonequinhas de argila; em seguida, vem a costumeira exibição de brinquedos e estampas. Pedro presta bem atenção; daí em diante êle conta em tôdas as aldeias, logo à chegada, quais os preços que pago, e os livros e figuras que mostro. Com isso, os índios são muitas vêzes orientados de maneira pouco favorável. Mormente em aldeias pequenas, de uma ou duas casas, onde era desnecessário ficar muito tempo, eu não escapava, assim, de nenhum número do programa, por mais que o desejasse. De nada valiam as admoestações que fazia a Pedro, e por outro lado, além de ser muito natural que êle contasse tudo, eu também tinha muitas vantagens com isso. Ao meio-dia os compadres se vão embora. Passamos a tarde aprontando enfiadas de missangas, que acabaram. A' noite, informam-nos do regresso do mensageiro. Pedro fica conversando novamente durante a hora de fumar. A seguir, queimamos fogos de artifício; quero estudar a impressão que causam a Pedro. Agradam-lhe, mas não dá mostras de especial admiração. A bicha de rabear absolutamente não quer arder. Colocâmo-la finalmente na fogueira debaixo das panelas, junto à qual o cozinheiro está entregue aos misteres do ofício. Por muito tempo não se ouve nada; mas de repente a bicha sai a correr obliquamente debaixo da panela de feijão. O cozinheiro, que é muito medroso, toma um grande susto e foge até a outra extremidade da praia.

Na manhã seguinte Adam vai ao outro lado, voltando com quatro pedaços de rapadura. O resto, disseram-lhe, chegará à noite ou amanhã cedo. Fico cansado de esperar; Adam poderá sòzinho arranjar o que falta. A jusante dizem existir uma ou duas aldeias; alí poderei passar o meu tempo com mais proveito. Adam seguirá então no dia seguinte com os mantimentos.

Após o almôço, parto na minha canoa. Ao anoitecer, chegamos a um rancho indígena, isolado numa ilha. Visito os habitantes: um homem, uma mulher, três criancinhas, a jovem cunhada; debaixo duma coberta, a velha mãe, magra como um esqueleto. Gente pobre, não possue muita coisa. Às crianças faço presente de algumas ninharias; o homem não parece ser bem normal.

No dia 17, à meia hora da tarde, alcançamos a sexta aldeia, situada à margem esquerda do rio. O cacique vem até a praia, para cumprimentar-me; está doente, acometido de forte defluxo e com dôr de cabeça; por isso são muito lacônicas as suas respostas; tem a cabeça envolvida numa atadura de fôlhas de palmeira. A aldeia é grande e compõe-se de quatro casas e algumas estei-

ras armadas para abrigo do sol. À sua sombra estão acocoradas as famílias sôbre uma esteira diante de uma porção de objetos de permuta. Vou de um grupo a outro, comprando, perguntando, exibindo as minhas curiosidades, mas os habitantes são muito retraídos e a colheita é escassa. Às três horas prosseguimos; à despedida, o cacique me presenteia com uma cuia cheia de ovos; em retribuição, dou-lhe tabaco.

Pouco adiante, passamos pelas duas barras do Rio Crixá. No barranco da embocadura inferior, veem-se as armações de várias casas; é para lá que os índios se retiram na época das chuvas. Às 4 1/2 arribamos a uma praia arenosa, pouco abaixo da sétima aldeia; quero esperar aquí a chegada de Adam. Enquanto descarregamos, alguns índios vêm ao acampamento; daí a pouco vou com êles à aldeia. Diante das casas, alguns homens estão ocupados a queimarem o interior de uma canoa posta numa armação de madeira. Já de longe observáramos a coluna de fumaça, sem no entanto encontrarmos a explicação. A canoa já estava trabalhada externa e internamente. Haviam-na colocado sôbre duas forquilhas, fincadas na areia bem perto do rio. Queimada por dentro, travejaram-na, empilhando fôlhas de palmeira em tôrno, que se acenderam. Depois de cinco minutos, estava terminada a queima da parte exterior. Na manhã seguinte verificou-se estarem muito arqueadas algumas traves. A aldeia conta 4 ranchos, como a anterior, e igualmente 25 a 30 habitantes (prancha 11, fig. 2). Estão dispostas numa fila paralela à margem, com as entradas para o rio. Diante delas estendem-se, como segunda fila, as esteiras armadas com as fogueiras, e bem na frente, ainda uma terceira, de armações para depósito, com cestas, esteiras, provisões em mandioca, e onde se veem penduradas, para secar, tangas de mulher recém-lavadas. A cada casa pertencem gèralmente uma esteira armada, uma armação para depósito e 1 a 2 fogueiras. Durante a estação chuvosa, transferem-se as fogueiras para o interior das casas. Consistem em três pedaços de pote, ou cabeços de formigueiros, dispostos em triângulo e sôbre os quais descansa a enorme panela (prancha 12, fig. 1).. Sento-me diante de um dos abrigos. Veem-se poucos homens apenas, nenhum rapaz, mas em compensação muitas mulheres, meninos e crianças. Conversamos quanto nô-lo permite o mútuo entendimento; é uma gente muito galhofeira. Têm êstes índios uma pele fina, delicada e macia. Não possuindo os pêlos finos da epiderme, admiram-se ao ver, nas minhas mãos e dedos crestados pelo sol, a cintilação de pequenos pelos alvacentos. A sua cútis tem uma côr parda não muito intensa; apenas nas partes mais expostas ao sol, como nos ombros, braços, peito e coxas,

observa-se uma tonalidade castanho-arroxeada. As mulheres, mais caseiras, têm também uma côr mais clara. Nota-se nesses índios um odor exquisito, devido talvez ao óleo de palmeira com que untam o cabelo e a cútis e que com o tempo fica rançoso. A êsse cheiro, a princípio desgradável a nós, a gente, porém, se vai acostumando pouco a pouco. E' engraçado ver como riem; os lindos dentes, brancos e brilhantes, abaixo da gengiva côr de cereja, formam então fino contraste com a tonalidade castanho-escura do rosto. Depois de falarmos de um assunto qualquer, perguntam regularmente: "não mentira não?" Que experiências com outros visitantes de seu território não os terão levado a êsse hábito! Faço algumas compras. A seguir, visito a casa das máscaras (prancha 12, fig. 3); fica bem longe da aldeia, perto da mata marginal, tendo a entrada dirigida para o lado oposto. No seu interior estão três máscaras. Hoje à noite haverá danças; convidam-me a assistir a elas.

Depois do jantar, ouvimos, no acampamento, canções e ruídos compassados de chocalho provenientes do rancho. Vou correndo para lá; perto da casa das máscaras, homens e rapazes sentados junto à fogueira, uma panela enorme de papa de mandioca ao lado. Dois indivíduos disfarçados, com grandes máscaras de cartola (máscara *idjazó*) na cabeça, pulando agitando chocalhos de cuia e cantando, dirigem-se, um ao lado do outro, para a aldeia, onde os esperam as mulheres, junto a fogueiras acesas diante das habitações. Com grande gritaria a rapaziada corre atrás das máscaras. Todo mundo ri e faz gracejos. Do mesmo modo como foram, os dois voltam ao rancho dançando. Dentro em pouco, outra dança. Os dançarinos já estão perto da aldeia, quando aparece Pedro, disfarçado com a terceira máscara, *ladení*, que é trançada e de forma cônica. Depois de soltar um trilo forte com a língua, êle corre, cantando ininterrúptamente como galo, para a aldeia, onde, com uma porção de movimentos extravagantes, provoca uma hilariedade geral. Os três voltam, correndo, ao rancho. Cinco a seis meninos ajudam a tirar as máscaras. Em seguida, os dançarinos se chegam à fogueira; respirando fortemente, como depois de grande esfôrço, enxugam o dorso banhado de suor. Começa-se então a beber a papa de mandioca. Várias vêzes, durante a noite, levantam-se, reluzindo, as chamas da fogueira ao lado do rancho. Na outra manhã, querendo foto e cinematografar as máscaras, não as encontro mais. Foram queimadas durante a noite, depois da festa. Eu tinha visto, pelo menos a última dança.

Bem cedo já aparecem, no dia seguinte, os homens e as jovens no meu acampamento. Faço algumas trocas, e sirvo-me de-

pois da boa oportunidade para fazer registos linguísticos. Pois eu sabia que as mulheres empregam vocábulos um pouco diferentes dos usados pelos homens. Respondem bem, e de bom grado. Ao passo que os homens pronunciam muito mal a sua língua, tão rica em vozes nasais, a das mulheres se distingue por uma pronúncia nítida e clara. A língua feminina, a quem os homens chamam *ibinâli*, i. é, ruím, caracteriza-se pelo fato de ter um *k* intercalado nos termos em que a masculina apresenta duas vogais justapostas. Assim, p. ex., estrêla se diz *dainá* na língua dos homens, *dakiná* na das mulheres. Pedro ilustrou êsse fato uma vez com um gracejo, afirmando que Adam era mulher, porquanto não pronunciava *xaúba*, como deviam dizer os homens, à palavra brasileira jacuba, mas *xakúba*, como dizem as mulheres. Não se cansam em repetir os vocábulos, até que eu os pronuncie corretamente. Pois, com o grande número de curiosos sons intermediários, e o hábito de sempre comerem sílabas, é bem difícil reconhecer as formas vocabulares. O molequinho da aldeia, que não falta em parte alguma, menino gracioso e vivo, de cabeleira curta e o corpo pintado de preto, acompanha as minhas indagações com uma porção de tolices (prancha 12, fig. 2). Como recompensa, os homens recebem anéis, e as mulheres agulhas para pontear, que apreciam bastante. Às 9 horas chega Adam; conseguiu quantidade suficiente de mantimentos. Depois do almôço, êle vai à aldeia para fazer trocas e tirar fotografias. Também nesse lugar a exibição de curiosidades me abre tôdas as portas. E' singular o fato de as crianças de pouca idade já terem propriedade pessoal; são os seus enfeites. Repetia-se quase sempre a mesma cena: Quando eu queria comprar algum objeto de adôrno, dizia-se pertencer a determinada criança, e que ela não queria vendê-lo. Eu replicava: então falem com ela! A mãe refletia um pouco, dizendo que a criança o daria por tal e tal objeto. Nessa aldeia consigo afinal tirar novamente fotografias dos moradores. Depois vamos à casa das máscaras; as máscaras faltam. Em compensação, encontramos reùnidos todos os jovens; o movimento do clube está bem ativo. Os rapazes estão sentados ou deitados por aí, fumando, tagarelando e vadiando, alguns trabalhando na confecção de armas e enfeites. Bem no fundo, o conservativo, muito bem pintado e de cócoras, tipo que também não falta em parte alguma, mas sempre conservando distância, rindo raramente, e que não vende nada, mas aceita tabaco. Tôda a aldeia me segue ao acampamento; é que prometí exibir o fonógrafo, de que Pedro já lhes contou maravilhas. Como introdução, algumas peças européias: música instrumental, canções, e depois vozes de aves. A transição para o registo fonográfico é a reprodução do canto karajá. Uma

1. Cozinha ao ar livre dos Karajá

2. Meninos Karajá.

3. Rancho das máscaras (aldeia 7, Horda meridional)

4. Mulheres e meninas Karajá.

risada geral de admiração, por ouvirem as suas próprias canções. Aproximam-se curiosos do aparêlho. Daí a pouco, consigo mover um homem a cantar diante do funil, para que possa ouvir a sua própria voz. Kurixí, índio de uns 40 anos, falando bem o português, nos auxilia muito. Registo assim um bom número de canções. Algumas destas parecem pertencer a determinadas pessoas. Uma, p. ex., era a de um menino, que êle próprio cantou, enquanto o conservativo ficou com vergonha de cantar a sua, pelo que o menino, que já a conhecia como todos os outros, a cantou então diante do aparêlho. Infelizmente não é possível obter os textos correspondentes; são tôdas canções para dança, e os textos não podem ser citados na presença das mulheres. Mas também não é possível mandar as mulheres embora; desempenham papel muito saliente na vida dos índios, e em todos os assuntos dão o seu parecer. À noite talvez eu consiga os textos de Kurixí, quando estiver a sós com êle. E' curioso serem êsses índios tão pobres em instrumentos musicais, a despeito de seu amor à música e de seu talento. Trombetas de bambú, cujo som é reforçado por enormes cuias de ressonância, e com que tocam, soprando e inspirando o ar, seqüências de sons longos e curtos, para anunciarem a sua chegada a alguma aldeia; além de chocalhos de cuia e pequenas flautas de fôlha de palmeira, são quase os seus únicos instrumentos. À hora da refeição, todos voltam para casa. Mais tarde, tornam alguns homens com os seus cachimbos; junto à fogueira, que arde diante da tenda, deitamo-nos na areia. Peço a Kurixí que me diga alguns textos, mas êle não quer. Em compensação, narra algumas lendas. Conta depois algo de sua vida, que é um romance variado: Quando era moço, Kurixí acompanhou, como remeiro, juntamente com seu irmão, quatro brasileiros numa viagem para jusante. Durante a jornada, ambos adoeceram; Kurixí persuadiu o irmão a voltar às escondidas, enquanto êle próprio ficou. Os brasileiros o curaram. Finalmente chegaram ao Pará, de onde foram ao Rio e São Paulo. O índio usava roupas e sapatos, tudo era muito bonito; os carros, as bicicletas etc., tudo lhe agradou, alí tudo era mais bonito do que no Araguaia, do que na sua aldeia. Ficou muito tempo. Mas finalmente as *saùdades de sua mãe* o fizeram voltar para casa. Na sua aldeia casou. A primeira mulher lhe fugiu, a segunda morreu. A terceira, a atual, já era velha. Kurixí tinha cinco filhos. Hoje a sua mulher o viu presentear uma jovem com um pedaço de fumo que eu dera a êle. A mulher ficou com ciúmes, e saíu briga. Ela lhe teria puxado os cabelos, e êle a teria batido. O resultado final foi, em todo caso, o seguinte: a mulher sentou-se numa canoa com as crianças e foi-se embora. Agora estou novamente sòzinho, disse êle, meio

triste, meio risonho. Tenho a impressão de que me poderá prestar bons serviços; quero ver se na volta consigo levar até Leopoldina, para que me conte lendas na viagem.

Já às 7 horas da manhã os compadres se apresentam em grande número. Pedro está zangado; tem uma prima entre os moradores do lugar, e dela por acaso não comprei nada, de modo que não recebeu fumo. De qualquer jeito preciso comprar-lhe algumas bonecas de argila; Pedro está reconciliado. Continuamos as trocas. Uma mulher se põe a fiar, para mostrar-me essa técnica, mas não quer ser fotografada. Tira algodão bruto de uma cestinha trançada em forma de hemisfério, coloca-o diante de si, na esteira, desafiando-o com um pequeno arco, retirando as impuresas e formando uma faixa de uns 4 cm. de largura. Estira então essa faixa até se tornar um fio, torce-o sôbre a coxa, fixa-o ao fuso, igualmente retirado da cestinha, e faz dançar o fuso. Feito 1 m. de fio, mais ou menos, a mulher o enrola no fuso, fixa-o novamente em cima, torce a parte seguinte sôbre a coxa, fazendo dançar oura vez o fuso. Mais tarde, tira o fio do fuso, enrolando-o num grande novelo, de forma cúbica e com uma depressão nas duas extremidades. Os índios, por isso, muito se admiraram ao verem os nossos novelos de cordel, enrolados de maneira semelhante. Mostro-lhes depois os livros de estampas; riem-se a valer, sobretudo quando imito o andar e a voz dos animais a êles desconhecidos. Enquanto isso, levanta-se o acampamento; o almôço está pronto. Está tudo preparado para a partida. Sùbitamente desaparecem os índios, sem se despedirem; é uma gente exquisita. Bem satisfeito, continuo a viagem.

Pouco adiante, o rio faz uma volta: avistamos outra aldeia. Consiste em duas casas com doze habitantes. Arribamos. A mulher que fugira com os filhos, aquí obteve acolhimento. Encontramos também um homem da aldeia anterior. Dois rapazes, que na outra aldeia haviam sido bastante traquinas, fazem de muito obedientes na presença da mãe. E' muito tranqüilo o lugarejo. O negócio de trocas dá boa colheita. Um indivíduo mais que conservativo, e envolvido numa coberta, está deitado no rancho; é difícil mesmo fazê-lo mostrar qualquer coisa. Junto da outra casa, uma mulher fazendo louça de barro. Tem duas filhas graciosas e jovens, ostentando bela pintura em preto e vermelho. Os moradores são pobres, e possuem pouca coisa para oferecer. Mas têm muita vontade de receber missangas também. Trazem tudo que encontram, como cuias quebradas e espelhos velhos, mas depois êles próprios acham graça na oferta, cobrindo o rosto com a mão espalmada. E' comovente observá-los. Finalmente dou-lhes algumas missangas, e, radiantes de alegria, êles nos contemplam

com seus bonitos olhos castanhos; é gratidão suficiente. Os dois rapazes querem sair a pescar para a mãe. Estão bem pintados, e a lista vermelha, que corre, acima dos olhos, de orelha a orelha, tem um brilho bem fresco. Untaram o cabelo, fizeram um penteado liso e ataram bem a madeixa com uma tira amarela de fôlha (prancha 15, fig. 1). Do lábio pende a estreita tira de madeira; é o seu orgulho. Quanto mais longo, mais bonito. Só os velhos usam botoques curtos ou botões de madeira. Mas os dois ainda não estão velhos, nem tão crianças que lhes convenha enfiarem no lábio pontas de osso ou pedaços de concha. Com seus 14 anos, assentam-lhes tiras compridas, que descem sôbre o peito. Antes de partirem, a mãe examina detidamente, com olhar crítico, o filho mais velho, alisando-lhe ainda o cabelo com o pente. Agora sim! Os rapazes vão-conosco, e vendem-nos depois alguns peixes.

Mal partimos vem ao nosso encontro uma canoa brasileira. Paramos alguns momentos, cumprimentando-nos e trocando notícias. E' a segunda canoa de Guedes.

Dessa parte até o Rio das Mortes dizem não haver mais aldeias de Karajá. Perguntados pelo motivo de não se instalarem nesse trecho, indicaram os índios o de não haver aí praias apropriadas para se morar, e de serem muito abundantes os mosquitos. Verifiquei a veracidade dessas informações.

No dia 20, de manhã cedo, avistamos na nossa frente uma grande coluna de fumaça; visto constar que alí não moram Karajá, os camaradas já pensam em Canoeiros e Cherentes, tribus hostís muito temidas, a que os Karajá atribuem tôdas as colunas de fumaça observadas na região. O rio faz grandes sinuosidades, a coluna de fumaça se aproxima sempre mais, e á tarde passamos por ela: é proveniente de uma queimada do campo na margem esquerda, ocidental, onde os índios provàvelmente atearam fogo para caçar. Adam, que tomou a dianteira com a embarcação menor e mais rápida, desapareceu atrás de uma curva do rio. Inopinadamente ouvimos gritos de mulheres e latido de cães; parecem ser Karajá. Daí a pouco, passada a volta, avistamos uma praia com oito esteiras armadas para abrigo do sol (prancha 13, fig. 1): é um acampamento de viagem dos Karajá. Arribamos. Encontramos apenas mulheres e crianças e dois velhos; os outros, dizem, saíram para caçar tartarugas. Com enormes chifres de vaca, anuncia-se-lhes a nossa chegada. A desconfiança inicial desfaz-se após a exibição da boneca e do macaco; dentro em pouco, tornam-se confidentes. Visitamos todos os abrigos, há uma porção de coisas para comprar. Mãe Joana, uma velha índia, encarrega-se das apresentações. E' uma mulher simpática e afável. Infelizmente todos só falam pouco português, e eu tenho de recorrer

aos meus fracos conhecimentos do karajá e à linguagem mímica. Muito comunicativa sobretudo é uma linda jovem, que ostentava pintura preta no rosto. Da cabeça saía-lhe sôbre o dorso e os ombros a coberta em forma de maca, sôbre a qual pousava bonito papagaio verde, a ave predileta das meninas. Tinha ao pescoço colares de missangas brancas. Debaixo da testa, coberta pela cabeleira, o olhar prazenteiro de seus olhos amendoados e castanhos. Interessava-se por tudo, queria examinar tudo minuciosamente, mas ficava acanhada, e era delicioso observar como no seu rosto se refletia êsse conflito.

Depois de uma permanência de uma hora, prosseguimos a viagem, chegando à noite a uma extensa praia numa grande ilha. Verificamos ter alcançado a extremidade sul da Ilha do Bananal. Mal arrumamos o acampamento, quando vêm chegando da ilha nove índios; eram pescadores de tartarugas. Estão de viagem para Leopoldina, de onde querem trazer hastes para flechas, que dizem crescer alí em grande quantidade. Há entre êles, alguns parentes de Kabixá, os filhos são muito parecidos com Mauzí. Acenderam o campo, para que das cinzas brote capim fresco, que atrai os animais; assim terão caça certa na volta. Depois de pouco tempo, vão-se embora. Comprei-lhes algumas tartarugas. Quebra-se a casca antes de cozinhá-las, ou então são colocadas vivas junto ao fogo, para serem tostadas. Quando estão bastante assadas, arrancam-se-lhes as pernas, comendo a carne com forte môlho de pimenta. Não achei muito saborosa essa carne flácida. A noite tôda ouve-se o crepitar da queimada, cuja luz brilhante ainda ilumina o nosso acampamento.

No dia 21, de manhã cedo, estudo a região. O braço ocidental tem um vale de uns 300 ms. de largura, orlado de densa mata dos lados. Constrangem-no, porém, extensas praias arenosas, por onde o rio procura o seu caminho num vale de apenas 80 ms. de largura, aproximadamente. O acesso é bastante difícil. Diante da emboradura do braço oriental, formou-se enorme praia arenosa; o braço oriental corre bem perto da beira oriental, num leito de cêrca de 4 ms de largura e 1 m de profundidade; o braço ocidental, porém, tem uma largura de 600 a 700 ms., possuindo nesse ponto uma correnteza considerável. Dobra para o oeste em ângulo quase reto. Com grande sinuosidade, atravessa o terreno completamente plano, acompanhado de muitas logoas grandes; freqùentemente as suas curvas são quase retrógradas. Em tôda parte encontram-se pântanos e matas, sendo raras as praias em que se possa almoçar ou dormir. De noite os mosquitos impedem qualquer sono. Na margem direita, i. é, na Ilha do Bananal, eleva-se fina coluna de fumaça, oriunda provàvelmente da fogueira

224b

1. Acampamento de esteiras armadas de Karajá em viagem

2. Urna funerária no cemitério Karajá de Sta. Isabel do Morro.

abandonada dos pescadores de tartarugas. Os camaradas, porém, temendo os hostís Canoeiros, que se diz habitarem a Ilha do Bananal, conservam-se na margem esquerda. À tarde, passamos pela Barreira Reboginha, que numa das extremidades avança um pouco; a água alí cavou um grande buraco no barranco, dando origem a perigoso redemoinho. Segundo uma crendice dos brasileiros, vive alí um grande animal aquático, redondo e de côr preta, que arrasta a embarcação ao fundo. Durante a noite observa-se pela primeira vez a luz zodiacal; tanto os brasileiros como Pedro afirmam não a conhecer, julgando tratar-se do brilho de alguma fogueira ao longe.

No dia 22, antes do meio-dia atingimos a barra do Rio Cristalino. As horas da sesta são agora bem quentes; é doloroso até o reflexo dos raios solares na água. Sofremos todos muito com o calor. E durante a noite os mosquitos são insuportáveis.

No dia 23 de manhã almoçamos defronte da Barreira de Santa Isabel Velha. Alí se fundou outrora um pôsto militar, que, porém, foi extinto. A jornada continua por uma porção de voltas e sinuosidades. À tarde, quando queremos dobrar uma curva, ouvimos um latido de cães. Quatro canoas karajá estão partindo de uma praia. Acompanham-nos. Separaram-se êsses índios do grupo de viajantes karajá que encontramos na extremidade sul da Ilha do Bananal; voltam para casa, "por não terem o que comer". Quando acampamos, fica conosco só uma canoa (parentes de Pedro), as outras vão adiante. Fazemos algumas trocas. O tio de Pedro conta que todos os índios a jusante morreram de sarampo; é exagêro, como é freqüente em tais casos. Só ao meio-dia do dia seguinte passamos pelo acampamento das três canoas. Os homens estão pescando; vendem-nos alguns peixes. Nas suas canoas há um banquinho baixo de argila, com um pedaço de lenha a arder. E' uma lenha porosa, que vai ardendo vagarosamente durante horas, servindo, por isso, muito bem para o transporte do fogo. E' isso menos trabalhoso do que produzí-lo sempre de novo com o bastão ignígeno. Na praia seguinte ladra um cão abandonado, quase morto de fome. Mando prendê-lo, damos-lhe o nome de Cuidado. Os índios afirmam não prestar para nada e que por isso o deixaram aí. Eu o tive por muito tempo; só em setembro êle fugiu, no Tapirapé: de fato não prestou para nada. À noite alcançam-nos os Karajá, hoje acampam todos perto de nós, São impertinentes e pedincham tudo: tabaco, comida, farinha, rapadura, sal. Um dêles é médico. Adam tem que fingir-se doente; destarte eu chego a conhecer uma porção de plantas medicinais. A-pesar-da remuneração suficiente, êle ainda pede

depois serviços pessoais, como buscar água, etc. Com a exibição de curiosidades, consigo também aquí tornar a situação mais agradável. Um dos rapazes examina tudo detidamente. Mas não deixam de ser bastantes impertinentes; à hora da refeição, apresentam-se naturalmente com pontualidade. São uma gente pouco agradável.

Na manhã seguinte, 25 de junho, prosseguimos sòzinhos. Ao meio-dia chegamos à primeira aldeia karajá da horda setentrional. Segundo as informações que eu recebera deveriam existir alí grandes aldeias com muitas fileiras de casas, rodeadas de grande número de índios armados. E como era a primeira aldeia? Dois ranchos numa praia, à margem esquerda, com 11 habitantes apenas. O mêdo da horda meridional é devido, manifestamente, ao fato de êstes índios, além de pouco numerosos, viverem espalhados em muitos lugarejos de poucos moradores. De fato, encontrei mais tarde, na horda setentrional, aldeias bem maiores. Aliás os índios da horda setentrional, por sua vez e certamente pelo mesmo motivo, tinham mêdo dos Xavajé e Xambioá, possuìdores de aldeias enormes e populosas. Arribamos. As trocas dão bom resultado. Dois índios voltam da roça e sentam-se perto de nós; uma menina de pouca idade se aproxima e penteia a ambos. Um dêles é o afamado cacique Ilk, e outro é seu parente; estão aquí de visita. O cacique é alto e forte, de atitude altiva e rosto de velhaco; parece não merecer muita confiança (prancha 14, figs. 1 a 3). Fala muito, misturando o português com o karajá. Cada frase começa com um *aí* bem longo, e no fim de cada exclamação ouve-se um *sabe?* bem incisivo. Tartameleia um pouco. Afirma que da sua aldeia podemos alcançar os Xavajé em dois dias. Ao meio-dia do segundo dia de viagem, atingiríamos a uma praia onde se acenderia uma fogueira; os Xavajé, curiosos de saber quem estaria alí, haviam de chegar com suas canoas, levando-nos a outra margem. Levamos muito tempo até compreender tudo isso; as explicações vêm acompanhadas de muitos desenhos na areia. Fazemos um acôrdo, segundo o qual êle se compromete a levar-me até lá com alguns homens; eu próprio fornecerei três camaradas. Tendo diante de si um grande vasilhame com papa de mandioca, que tem um gôsto de pedacinhos de batata não sazonadas, os dois vão comendo velentemente com pequenas colheres de cuia. Ficam com o rosto empolado e vão se tornando sempre mais loquazes. Pedro está com os olhos vidrados, parece embriagado e intromete-se sempre na conversa. E' tempo de partirmos. Ilk e o parente vão navegando, com a sua canoa, ao nosso lado; pescam de vez em quando. Conversam com Pedro, embora os separe mui-

Expressões fisionômicas do cacique Ilk.

tas vêzes tôda a largura do rio; falam baixo, cochichando quase, mas assim mesmo a voz vai bem longe. Ao anoitecer chegamos à primeira barra do Rio das Mortes; tem a largura de uns 200 ms. A outra barra, pouco menor, fica muito a jusante. Acampamos na praia duma ilha situada defronte da barra. Os meus camaradas parecem servir, só em parte, para empreendimentos especiais. Para obter clareza, mando chamar a todos e perguntar quem dêles me quer acompanhar voluntàriamente ao território dos Xavajé. Antônio e Manuel estão dispostos, os outros três não querem; eu mesmo não esperava outra coisa. Pedro vacila, mas Ilk o persuade a ir conosco. Ilk pescou, oferece-me parte de sua prêsa; agradeço, e êle e seu parente comem então todos os peixes. Os dois comem ainda três pratos da minha comida, que lhes ofereço. Fico boquiaberto ao vê-los comer tais quantidades. À noite faço o inventário das minhas compras. Ilk senta-se a meu lado e começa a tagarelar; mas não estou disposto a ouvir o seu palavrório, por isso não reajo. Com uma dignidade inimitável, êle se levanta e, dizendo "stá ocupado, eu passeiar", êle vai ter com os outros.

Todos juntos, partimos na outra manhã. Na nossa frente, torna-se visível, à esquerda uma elevação de pouca altura; alcançamo-la pelo meio-dia; é o Morro Isabel. Nesse ponto, em que outrora existiu um pôsto militar, encontra-se hoje um cemitério karajá. Por um caminho íngreme e arenoso subimos a montanha; no alto, as urnas funerárias, espalhadas na mata do campo, e meio enterradas, na maioria à sombra de alguma árvore. De uma dessas urnas caíu a tampa, no seu interior vê-se uma ossada (prancha 13, fig. 2). A presença de Pedro me impede de levar a urna; pretendo fazê-lo, porém, na volta. Enquanto isso, Ilk foi à outra margem, onde há uma casa isolada. Prosseguimos a viagem, parando, daí a pouco, numa praia defronte da aldeia de Ilk. Logo em seguida aproximam-se alguns índios com as suas canoas; entre êles está Ilk, que, portanto, tomou a nossa dianteira por um outro braço do rio. Acampamos. A exibição do fonógrafo produz impressão em Ilk, que se oferece imediatamente a cantar também algumas canções diante do aparêlho. Canta bem e com entusiasmo; cantos de dança dos Karajá, Xavajé e Tapirapé. E' um verdadeiro cantor universal e parece inesgotável. De quando em quando, dou-lhe um golpe de pinga, que êle aprecia bastante, em oposição aos outros índios que o recusavam quase sempre. Depois disso, ultimamos o negócio da viagem à terra dos Xavajé: Ilk fornece três homens, e eu dois. Êle recebe dois machados, quatro facas e colares de missangas, uma tesoura e uma serra; e seus homens facas e colares de missangas. Marcamos a partida para a manhã seguinte. Já é noite escura. Os índios vão-

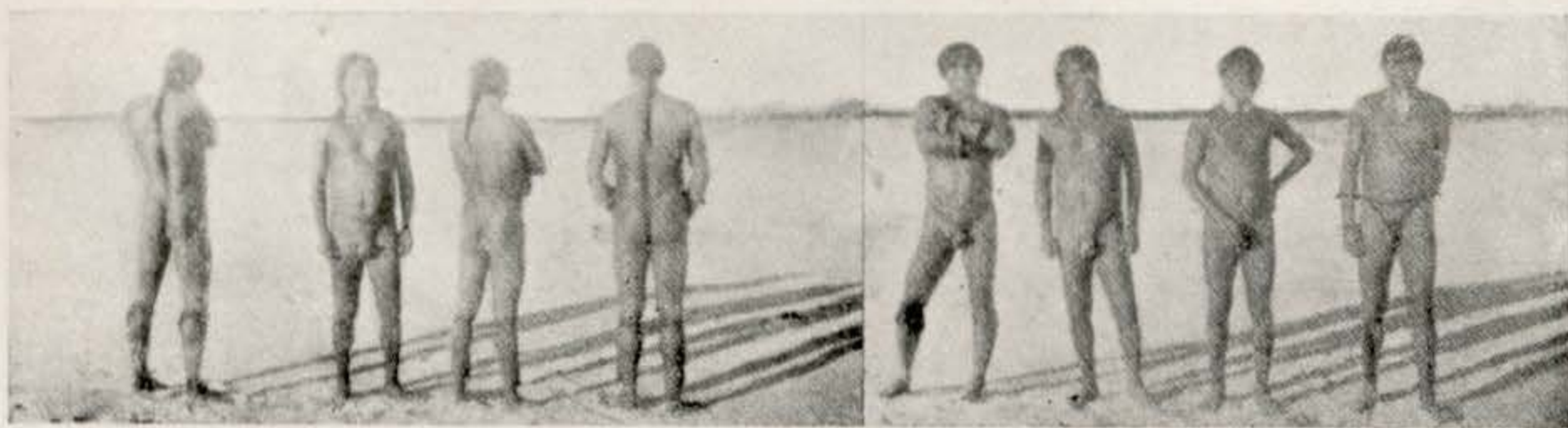
se embora, só dois ou três rapazes ficam com Pedro e pernoitam conosco. Durante a noite, irrompe uma forte tempestade, derrubando a tenda em que durmo.

Já pelas 6 1/2 da manhã seguinte, Ilk e quase tôda a aldeia se apresentam no acampamento. Não podemos viajar hoje; Manuel, que já tinha febre ontem, peiorou durante a noite. Preciso dêle para a viagem, que por isso fica adiada para o dia seguinte. Uma canoa brasileira vem subindo de Conceição; arriba, para o almôço, na praia em que estamos. Sirvo-me do ensejo para enviar um ligeiro relatório ao museu de Leipzig, que o recebeu de fato em fins de agosto. Segue-se a exibição de curiosidades, a que não ligo muita importância, visto dar-me muito bem com Ilk. Mas querem ver tudo. Todos gritam "*klaobí*", mostre o macaco! O animal deve aparecer e mostrar as suas habilidades. Os espectadores não se cansam de ver os seus movimentos. Mas alguns já continuam a insistir: "*likokó äh*", querem ver a boneca que faz "ah". A princípio, êsse brinquedo sempre causava grande surpresa, porque pensavam ter vida. Em quase tôdas as aldeias, as mulheres de bom coração lhe queriam oferecer alimento. Finalmente pedem ainda "*aãbú liolé*", "*o pequeno homem*". Que será isso? Por longo tempo não atinei com o que era, mas de uma porção de movimentos que executaram, deprendí afinal que queriam ver o boneco de engonços. Acedí ao desejo, e, como sempre, a hilariedade foi grande. Aproveito o bom humor dos índios, para tirar dêles algumas fotografias junto á tenda. Não opõem nenhuma resistência, e olham também no vidro ofuscado, achando graça nos companheiros que caminham de cabeça para baixo.

Ao meio-dia acompanho Ilk à aldeia; vamos na canoa dêle. Visitamos todos os seis ranchos, um depois do outro; é muito boa a colheita dos negócios de permuta. A despeito do grande número de habitações, a aldeia conta apenas 26 pessoas. Ilk não pára de falar; faz empenho em explicar tudo. Revela grande talento teatral ao apresentar os vários utensílios, como p. ex., o moscadeiro, com que se enxotam as moscas durante a sesta; ou quando imita o homem que volta da roça, carregando para casa, aos gemidos e suspiros, a cesta de 1 1/2 m de comprimento (prancha 15, fig. 3). Responde minuciosamente a tôdas as perguntas, e comunica-me todos os nomes indígenas. Mas a cada objeto de que falamos, êle pede, por sua vez, a tradução portuguesa. Num canto, um banquinho de madeira, com dois pés, talhado de uma só peça, e terminando em duas extremidades das recortadas em triângulo; ostenta duas chapinhas de madrepérola, fazendo as vêzes de olhos, e dois penachos como enfeite das orelhas. O conjunto representa uma arara; olhando-se de frente, pode-se bem desco-

1. Jovem Karajá com todos seus ornatos.

3. Karajá carregando cesta.

2. Jovem Karajá com a trança enrolada em embira.

4-a. Jovens com tranças enroladas em barbantes vermelhos de algodão.

4-b. Idem, de frente.

brir alguma semelhança (prancha 19, fig. 1). Em geral, os índios ficam acocorados, ou sentados no chão, com as pernas cruzadas, e apoiando uma mão na cintura (prancha 38, fig. 1). Também nessa aldeia não são muito asseadas as imediações dos ranchos. Em tôda parte veem-se restos de comida, como espinhas de peixe, cascas de noz, e ossos, como também lenha, utensílios de tôda espécie, etc. No lixo voam inúmeras môscas e outros insetos. Os alpendres são formados de uma esteira prêsa horizontalmente à extremidade superior de 3 a 4 estacas fincadas na areia. Debaixo dêsses alpendres estão sentados índios entretidos com algum trabalho. A mulher de Ilk está ocupada em fazer objetos de cerâmica. Acaba de moldar, de barro cinzento, um bolo chato com borda baixa. Rola sôbre a coxa um pedaço de barro, dandolhe a forma de chouriço e deitando-o sôbre o antebraço. Imprime-lhe em seguida com o indicador da outra mão, um profundo sulco longitudinal, e coloca-o, com o sulco para baixo, sôbre o bordo do fundo, alisando tudo com a mão. Assim vai construíndo, aos poucos, o vaso de barro, que se seca ao sol, queimando-o depois ligeiramente sôbre a fogueira. Num dos ranchos está um homem sòzinho, proferindo, em voz alta e monótona, uma série interminável de palavras; de tempos em tempos, agita um chocalho: está fazendo uma lamentação fúnebre. Em outro rancho dou com uma boneca de madeira (prancha 19, fig. 2); é um objeto extravagante.

Pelas duas horas voltamos; todos nos acompanham. Ilk mandou colocar na canoa algumas vergas transversais, para que eu possa viajar sentado; é que notou na travessia do rio, quanto me custa ficar acocorado na embarcação! Segue uma tarde bem agradável no acampamento: faço os índios desenharem e cantarem. Ilk é novamente inesgotável. Mostro-lhes depois os livros com estampas. Ao jantar, dou também alguns pratos de comida a Ilk; distribue tudo entre a sua gente, e êle próprio não come nada. Algum tempo depois, quando é mais fresco, tiramos novamente o fonógrafo, a pedido de Ilk. Torna a cantar uma porção de cantos bonitos e melodiosos; é verdadeiramente um cantor universal. Depois do último canto, fala ainda algumas palavras diante do aparêlho. Pergunto-lhe a significação. Responde-me ter dito alguma coisa a Ilk que está dentro do funil. Às oito da noite, vão-se embora, ficando apenas a guarda, como na véspera.

Na manhã seguinte, dia 28, apresenta-se Ilk com três homens e sua mulher. Está pronto para viajar? Não parece. Manuel está ainda doente, e Antônio não nos quer acompanhar sem êle. Vou, portanto, sòzinho; quero mostrar aos camaradas que não dependo dêles. Adam ficará no acampamento obstinado. Arruma-

mos a bagagem: instrumentos, objetos de permuta, provisões. Ilk quer ver o pagamento; mostro-lhe. Pede agora para cada homem a mesma remuneração como para si próprio. Não quer, além disso, que eu leve machados de ferro para permuta, porquê pretende trocar entre os Xavajé três ou quatro dos seus machados velhos e imprestáveis. Receia, por certo, que eu o desbanque aí com os meus machados novos, e que depois não sobre nenhum para êle. Naturalmente não lhe faço a vontade. Insiste, outrossim, para que eu entregue os objetos à sua mulher com antecedência. Proponho que os fechemos numa mala de fôlha, ficando êle com a chave. Não quer saber disso, e o negócio não se realiza. E' impossível eu ficar assim dependente dêle. Além disso, resta-me a espectativa de encontrar, algumas jornadas a montante, um outro caminho para o território dos Xavajé. Talvez aí o consiga por preço mais barato. Certamente foi Pedro quem estragou tudo; logo no comêço êle já não tinha vontade de ir, mas, como Ilk o queria obrigar, é provável que o tenha exortado a fazer aquelas condições.

Depois do almôço vamos embora. Um vento forte torna a viagem bastante penosa. Pelo caminho, encontramos alguns índios pescando. À tarde avistamos uma grande aldeia; é formada de poucas casas e grande número de anteparos de esteira. Certamente foi fundada há pouco tempo, e os habitantes não concluíram ainda a construção das moradias. Acampamos defronte. Dentro em pouco, chegam sete canoas com 25 homens armados. São todos indivíduos robustos, quase todos um pouco mais baixotes que os da horda meridional. Os jovens pintaram de urucú a risca da cabeleira, onde o pêlo está cortado numa largura de dois dedos e em cuja extremidade superior se levanta um tufo de cabelos curtos. Atrás, o cabelo está atado com um cordel vermelho de algodão, que, envolvendo-o com voltas próximas uma da outra, forma uma trança comprida (prancha 15, fig. 4). Às vêzes também se empregam ataduras de algodão. Outros fazem um nó, acima da testa, no longo cabelo da direita e da esquerda, ou enrolam-no à maneira de topete. Além de não serem incomodados pelo cabelo comprido, dão-lhe assim um aspecto decente. Nos que usam topete, observa-se em tôrno da cabeça uma coroa de cabelos de uns 7 cms. de comprimento. O jovem cacique Fotuna (ou Prontura, Dotora ou como quer que se chame; era tão pouco clara a pronúncia que não se podia entender o nome) tem boa disciplina entre a sua gente. Para ocupar os meus visitantes, os faço posarem em grupo diante do aparêlho fotográfico. Querem saber o que estou fazendo. Respondo: um retrato. Dão-se por satisfeitos com a informação. Não sabem o que seja, mas ouviram o

nome: é quanto basta. De mais a mais, recebem pela pôse um pedaço de fumo. E agora é a vez do fonógrafo, para fazer com que não se disperse a grande quantidade de índios que entrementes se reùniu. O número dos habitantes da aldeia excede de muito o de tôdas as outras até agora visitadas; o recenseamento acusa um total de 74 moradores. Parece haver entre êles, muitos jovens de outras aldeias, procurando receber a necessária instrução de Fotuna, que é um dos quatro caciques da tribu. Como únicos distintivos, o cacique tem no queixo alguns cortes verticais de côr preto-azulada. A mesma tatuagem é usada também por suas mulheres, das quais, em oposição à monogamia predominante, êle pode ter várias. Quanto ao mais, não se distingue externamente dos outros índios. "Conhece-se o cacique pelos seus modos cheios de dignidade", explicou-me Kurixí. Consigo fazer alguns registos. Entrementes anoiteceu; os meus visitantes vão-se embora, menos quatro, que ficam montando guarda. Esta guarda é uma honra dispensada ao estranho; querendo-se honrá-lo dum modo especial, o próprio cacique fica também como sentinela. O visitante fornece a comida para a guarda, cujos homens são substituídos várias vêzes durante o dia.

Na outra manhã, os Karajá vêm com uma canoa longa e estreita, levando-me à aldeia. Há aí muitas mulheres e crianças, e tôdas pedem fumo. Enquanto acedo ao desejo, tiro logo as fotografias, poupando assim uma quantidade de tabaco (prancha 12, fig. 4). Também as mulheres são menores do que as da horda meridional. As crianças, porém, possuem as mesmas barrigas inchadas como aquelas; é devido provàvelmente à alimentação sobretudo vegetal. Faço muitas trocas; as exibições facultam novamente o acesso a todos os anteparos. E' horrível o aspecto de algumas pessoas velhas, magras e esfomeadas; contrastam vivamente com os outros habitantes, vigorosos e bem nutridos. Atrás de uma anteparo está sentada uma linda menina, pintada em todo o corpo. A pintura recente, preta e vermelha, como os punhos e faixas das panturrilhas e dos tornozelos, tudo tingido de vermelho, combinam bem com a pele côr de café. O que estorva um pouco são apenas os círculos recortados nas faces, ainda recentes e de côr azul escura, representam a tatuagem tribal, que é aplicada no tempo da puberdade. Depois de algum tempo, estando cicatrizadas as bordas e desbotada a côr, êsse distintivo não perturba mais a harmonia do rosto (prancha 16). Pedro afirma que a moça é sua prima (quantas primas não têm ele!) e fica sentado com ela, depois de eu tirar a fotografia. Deixam-me visitar todos os anteparos. Mas não me permitem ir à extremidade oeste da aldeia, onde se encontra um doente; Ilk, que é também médico

afamado, diz-se ter chegado há pouco para tratar do enfermo. Ouvem-se cantos em voz alta e ruídos de chocalho provenientes daquêle lado. E' hora de almôço; estou com fome, mas não posso voltar, porque o vento ficou muito forte: sôbre o rio veem-se ondas bastante altas. Tenho, portanto, de ficar ainda. Aproveito o tempo para fazer os índios desenharem no meu livro de notas. Mostram-se bastante reservados, não desenhando nada por própria iniciativa, mas sòmente a pedido. Às 11 e meia tentamos finalmente a volta, com a maior das canoas. A embarcação balança muito a água pelos bordos, mas afinal chegamos bem à outra margem. A tarde passa sem novidades. E' a vez dos livros de Karl von den Steinen e das estampas de animais; sentado à sombra da barraca, vou mostrando as gravuras. Tratamos também da questão dos Xavajé. Segundo as informações que recebo, atinge-se, depois de uma jornada, um caminho que leva para o interior; após meio dia de marcha, chega-se então a um rio, no qual se navega dia e meio até encontrar os Xavajé. E' dalí que recebem a sua tinta de urucú. Ao anoitecer, passam alguns índios com canoas, voltando da roça; vendem-nos alguns mantimentos. Às 8 hs. da noite, vem inopinadamente o cacique, trazendo suas mulheres e meninas, para que também ouçam o fonógrafo. Não me resta outra coisa senão fazê-lo tocar. Gostam muito; diante das canções karajá de Ilk, começam primeiro a rir, mas depois escutam atentamente, acompanhando em voz baixa o canto do gramofone, como que controlando a sua exatidão. Depois das 9 hs., finalmente, voltam para casa, deixando apenas a guarda no acampamento.

Jovem Karajá com o corpo pintado.

NOS SERTÕES DO BRASIL

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

6. *Em Conceição e entre os Kayapó*

(Continuação)

Quanto à administração política de Conceição, existe antiga pendência entre os Estados de Goiaz e do Pará. A localidade foi fundada pela Missão goiana, mas em território situado fora do seu domínio. Deve o seu desenvolvimento em primeiro lugar à subvenção financeira por parte do govêrno paràense. A população da administração goiana. Haverá, pois, certamente lutas em tados do interior, sendo reduzido o contingente goiano. Foi o Pará que instalou a administração local, que cobra os impostos, que alí mantém a fôrça militar, etc. O govêrno goiano afirma, no entanto, estar situada Conceição em território do seu Estado (a fronteira parece de fato correr a uma légua ao norte da localidade), e está tomando ùltimamente enérgicas providências para fazer valer as suas reivindicações. Na volta da minha expedição, em outubro, encontrei, p. ex., vários destacamentos de soldados de Goiaz em viagem para Conceição, onde deviam apoiar a instalação da administração goiana. Haverá, pois, certamente lutas em Conceição, porquanto as rivalidades entre as duas facções aí já se tinham acentuado muito em julho de 1908.

A essas espectativas pouco promissoras acresce ainda a difícil situação econômica, para inspirar sérios cuidados acêrca do futuro da povoação. O transporte da borracha ai produzida não é menos dificultoso que o abastecimento dos habitantes Não há vias de comunicação fáceis e baratas. O caminho terrestre para o Maranhão é muito sêco, longo e dispendioso. A viagem fluvial, rio-abaixo, até ao Pará, a que atualmente se costuma preferir, é extremamente perigosa, cara e demorada, em virtude do grande número de cachoeiras. Procura-se, por isso, encontrar agora caminhos novos. Projetou-se já abrir a estrada pelo mato até ao Rio Fresco, descer o curso dêste até ao Xingú, e seguir pelo Xingú e pelo Amazonas até ao Pará. Êste trajeto é, entretanto, mais dificultoso ainda, apresentando, em conseqüência das numerosas cachoeiras do Xingú, obstáculos tão consideráveis como os da via direta Araguaia-Tocantins. Nos últimos tempos cogita-se sèriamente em abrir um caminho do Rio Freso para sueste, numa extensão de umas 5 léguas, até ao Rio Inajá, de onde a borracha seria levada em canoas rio-abaixo até à embocadura do Inajá no Araguaia, perto da Barreira de Sant'Ana, o qual se subiria então até Leopoldina. Para isso, é indispensável, porém, que o Inajá seja livre de cachoeiras e transporte água suficiente, o que ainda resta a verificar. De Leopoldina a borracha seria levada por terra, em boa estrada a Araguarí, via Goiaz, seguindo pela estrada de ferro até Santos. Êsse trajeto tem a vantagem de possibilitar o embarque da produção no meio da mata, e de evitar as cachoeiras que medeiam entre Conceição e Santa Maria; além disso, existe boa estrada, por território povoado, de Leopoldina até à via férrea. Mostraram os cálculos feitos que, conseguindo-se em Santos o preço pago no Pará, êsse caminho, mais longo, mas também mais seguro, proporciona ao empresário maiores lucros ainda do que o transporte direto ao Pará. No outono de 1908 já se preparava tudo em Leopoldina para o tráfego, edificavam-se casas novas, construíam-se e reformavam-se barracões para armazenagem, e um novo vapor, adquirido pelo govêrno, devia reencetar, eventualmente como rebocador, a navegação do Araguaia. Êsse percurso apresenta-se, pois, como o mais promissor.

Deve-se perguntar, todavia, se tudo isso ainda dará muito resultado, pois, segundo a minha opinião, já se passou o apogeu de Conceição. Fundada como simples Missão, deve a localidade a sua prosperidade à descoberta e exploração dos seringais. Em 2 de agôsto de 1908 chegou a Conceição a notícia de se terem encontrado, no Rio Fresco, os trabalhadores de Conceição com os do Xingú. Haverá, por conseguinte, dentro em pouco, uma estrada

de ligação entre as duas correntes de água. Mas acabar-se-ão também as seringueiras daquelas matas. A exploração exhaustiva, acarretando a destruição completa dos seringais, obriga os seringueiros a se dirigirem constantemente a novas regiões. Para o oeste não é mais possível; afirma-se que o norte também já está consideràvelmente esgotado; para o sul terminam as matas; e nos campos do sul e do leste encontra-se apenas a mangabeira como fornecedora de borracha. E' por isso que, de tempos em tempos, surgem projetos de se indagar a existência de seringueiras na Ilha do Bananal e no Rio Tapirapé. E assim explica-se também o interêsse dispensado ao meu plano de visitar essas regiões. Na realidade não encontrei seringais na Ilha do Bananal, nem no Tapirapé, mas apenas a Mangabeira. À vista disso, está, porém, decidida a sorte de Conceição. Com o progressivo esgotamento dos seringais diminuìrá a população, o movimento comercial enfraquecerá, e a localidade se transformará em pacata cidadezinha do interior, como tantas vêzes se deu no Brasil. E' verdade que a Missão garantiu a sua existência com a plantação de seringais, no ano de 1904, que lhe darão certamente, para o futuro, a possibilidade de se manter por si própria; é de fato necessário para a realização dos grandes projetos que alimenta. Pois pretende missionar os Karajá, os Xavajé e os Tapirapé, bem como os Chavantes do Rio das Mortes.

Foi nesse ambiente dificultoso e aventureiro que entrei com a minha expedição. Sòmente com muito esfôrço e tenaz persistência me foi possível superar todos os obstáculos; cumpria arranjar uma base diferente para tôda a expedição. Em primeiro lugar, era preciso alugar novos camaradas. Restavam-me apenas dois homens prestáveis de Leopoldina, Antônio e Manuel, além do cozinheiro, muito medroso, e dos três índios karajá. Os últimos quatro não posso levar, de modo algum, na visita que pretendo fazer aos Xavajé e aos Tapirapé, pois os Karajá não se dão muito bem com essas tribus. Mando-os, por isso, a Leopoldina, levando a embarcação maior com a coleção etnográfica, visto que a canoa, com seu grande calado, não serve para navegar o afluente. Pedro é pessoa de absoluta confiança para o desempenho dessa tarefa. Preciso, porém, de mais uma canoa menor, porquê a outra não basta para o transporte de tôda a carga; para duas canoas necessito seis camaradas, pelo menos; preciso, pois, obter mais dois. Além disso, cumpre arranjar essa canoa pequena, as outras devem ser consertadas, os gêneros alimentícios devem ser completados por três meses. Em suma: trabalho não falta.

A princípio, o problema dos camaradas não é de fácil solução. E' verdade que o assunto logo se torna conhecido entre a população do lugar; apresenta-se mesmo um homem para me oferecer camaradas. Arranjaria seis camaradas, e êle próprio viria conosco; diz tratar-se de homens capazes, que lhe obedecem cegamente, de modo que eu poderia viajar sem receio algum. Acompanhar-me-ia a qualquer parte; aos Xavajé, aos Tapirapé, aos Kayapó. Quer apenas que eu forneça os gêneros alimentícios. Pede o preço de 5 contos de réis, descendo, pouco a pouco, até quatro contos. Trata-se de um plano astuto, o de explorar essas regiões altas para verificar aí a existência de borracha. E' evidente que eu dependeria completamente dêsse homem, a que não me posso sujeitar. Além disso, o preço exorbitante torna impossível qualquer negociação a respeito. Fico, portanto, na mesma. À noite oferece-se um moço; está bem vestido, e faz também uma boa impressão em geral. Pede 50$000 por mês; diz, porém, ter 150$000 de dívidas e não ter pago ainda o "winchester" (125$000) ao seu patrão. Não posso absolutamente dispender tanto dinheiro para libertá-lo, e êle não poderia ganhar tal soma durante o tempo que me resta. Seu patrão é o homem dos 5 contos. Mais tarde descubro que êste afirma até que a dívida do moço é de 280$000; desconta 60$000, como remuneração por uma viagem, restando um débito de 220$000; e outros asseguram que o moço lhe deve apenas uns 50$000. E' assim a escravidão moderna que aí existe. Dirijo-me finalmente a Guedes; promete-me arranjar camaradas, se bem que talvez tenha de esperar alguns dias.

Enquanto isso, as canoas foram puxadas à praia para secarem e ser novamente calafetadas. Passar-se-ão também alguns dias até que se obtenha a canoa que falta. As provisões, igualmente, só podem ser compradas aos poucos. Carne quase não há nenhuma. No dia 21, de manhã, vou a Pôrto Franco, onde recebo os três quilós que restam da última matança. Para fazer carne sêca, eu próprio tenho de comprar as reses que agora são raras; é necessário esperar nova manada. Tudo parece, pois, indicar que não poderei tão cedo continuar a expedição, tendo de sujeitar-me a longo tempo de espera.

Entrementes, procuro acostumar-me um pouco à vida do lugar; não é fácil. As ruas estão cobertas de uma quantidade incrível de poeira; ao meio-dia levanta-se, regulamente, um vento forte, que passa ao longo de tôda a praia e traz grandes nuvens de poeira ao nosso acampamento. Além disso, são muito consideráveis as oscilações da temperatura. Ao meio-dia o termómetro acusa 34 a 36° à sombra, e de noite sente-se muito frio, pois a tem-

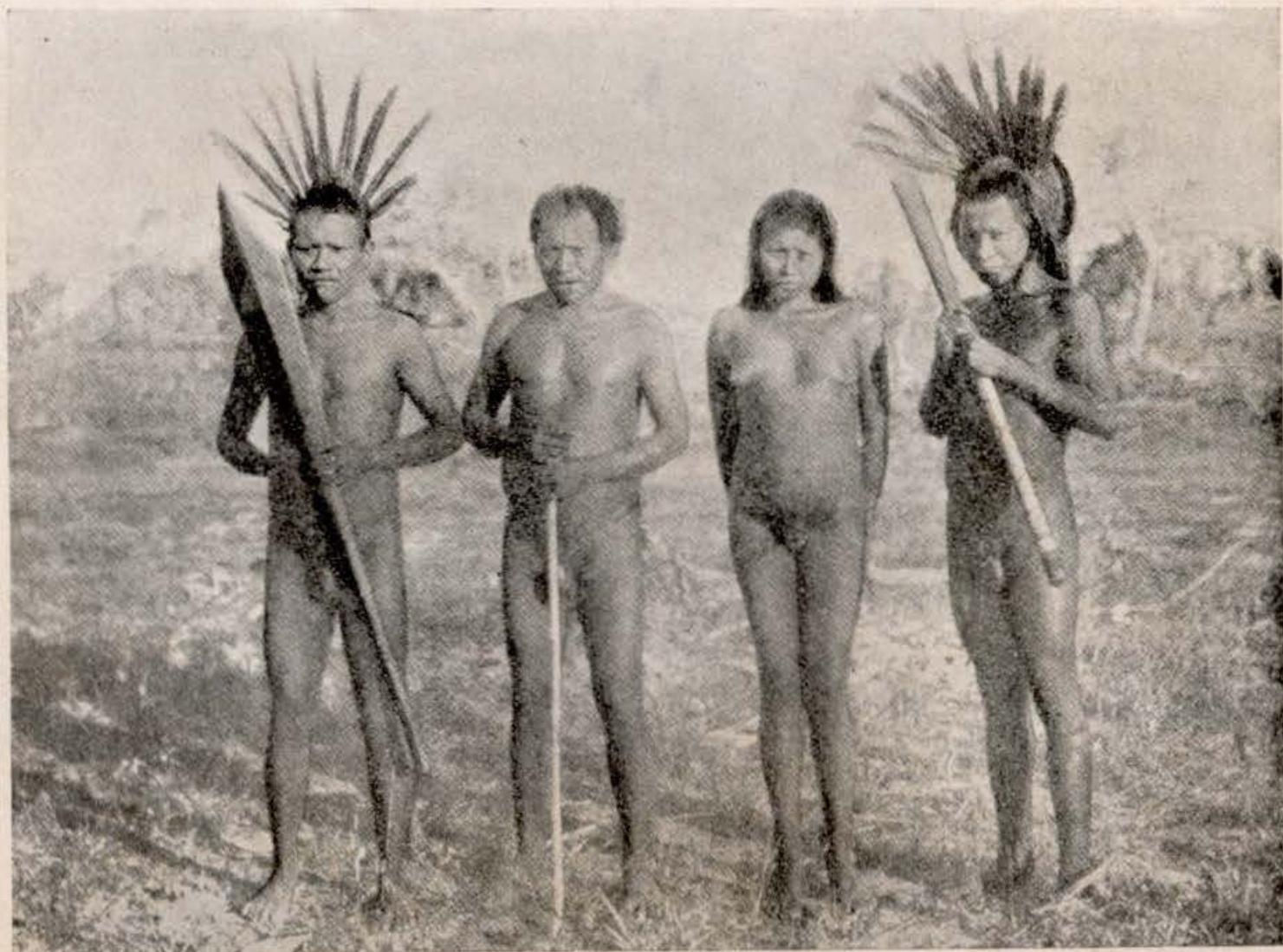
peratura desce até 15 ou 16° C. Os meus Karajá não se sentem bem aquí. Estão habituados a morar nas praias limpas, que a mim também se afiguram como verdadeiros paraísos. A muito custo, logro persuadi-los a ficarem. Tinham vontade de voltar já no terceiro dia. Sòmente a boa companhia que encontro em Conceição torna mais suportável a estada no lugar. Defronte do acampamento mora o farmacêutico, um senhor alto e magro do Pará. Ns suas numerosas horas de lazer, êle se ocupa, de preferência, com a invenção de novos métodos de preparação da borracha e com a arte da fotografia. Há também aí um italiano jovial, homem amável de uns 30 anos de idade; possue uma pequena venda, mas queixa-se, como todos, da situação difícil. Em companhia dêle, passeei muito pela localidade nas primeiras noites; ficamos sentados muitas vêzes, à noite, no restaurante, onde se discutia em geral, o importante problema do Rio Fresco. O sr. Guedes era, porém, a pessoa a que eu mais recorria; mais tarde, eu fui diàriamente à casa dêle, onde então conversávamos até às 10 horas, tomando vinho e comendo biscoitos.

Já que terei de passar aquí vários dias sem poder empreender coisa alguma, resolvo fazer uma visita aos Kayapó estabelecidos nas proximidades. Em virtude da estreita ligação entre a Missão e os índios, parece-me indispensável, quase, a mediação dos missionários para a realização da emprêsa. Fico, portanto, muito satisfeito ao saber já no segundo dia, que o P. Francisco esteve no acampamento, deixando um cartão com o desejo de me conhecer. Logo à tarde, faço-lhe uma visita no convento. E' um homem de grande estatura e boa aparência, barba preta, gênio muito vivo, interêsses múltiplos e ativo espírito comercial. Conversamos demoradamente sôbre a Missão e as espectativas que se lhe abrem com a estação a ser fundada entre os Karaja ao pé do monte situado na barra do Tapirapé, sôbre as relações entre os Karajá e os Kayapó; o missionário conta como as duas tribus queriam fazer as pazes, encontrando-se na margem do rio, onde os caciques trocaram flexas, mas como a-pezar-disso, se repetiram os raptos e as lutas. Em 23 de julho faço uma visita ao colégio em companhia da família Guedes, afim de exibir o fonógrafo aos meninos kayapó. Logro fazer dois registos de um discurso aos habitantes da aldeia no sentido de me receberem bem, como de uma canção para dança. De bom grado, o P. Francisco me promete dois cargueiros, além de um menino kayapó como guia. Os animais estão na fazenda da margem oriental; no dia 22 de julho o Kayapó atravessa o rio com a minha canoa pequena, levando, como remadores, dois dos meus Karajá e um brasileiro. Durante a travessia,

as duas facções inimigas não falam uma palavra sequer. Embora não se encontrem os animais, afirma-se que os terei na manhã seguinte. Chegam finalmente no dia 24 de julho, de manhã. Podemos, pois, partir em procura dos Kayapó.

Levo pouca bagagem: as cobertas, os aparelhos, objetos de permuta e gêneros alimentícios para seis dias. Acompanham-me Adam, Manuel e Antônio, e o menino kayapó. Guardei na casa de Guedes tôda a bagagem que não preciso levar, deixando no convento, debaixo de chave, os objetos de valor. Os Karajá estão impacientes, querem ir-se embora; a muito custo consigo que me prometam esperar seis dias pelo meu regresso. Só assim me é possível visitar a primeira das três aldeias kayapó, que se afirma ficar no Rio das Arraias, a dois dias de viagem.

Partimos em 24 de julho, ao meio-dia e um quarto. Na vanguarda vai o Kayapó, a espingarda a tira-colo; atrás dêle, os dois cargueiros tocados por Antônio e Manuel, e, por último, Adam e eu, todos a pé e caminhando em estrada larga e poeirenta na direção do oeste, alcançamos, depois de hora e meia, a serra e, com isso, a mata virgem. O caminho, a estrada da borracha, parece não ter sido consertado há muito tempo; está em más condições: ora pedregoso, ora poeirento geralmente muito íngreme, em cima muito cerrado pela ramaria da mata, e travado em baixo por gigantescas árvores caídas, em que afunda o pé, quando nelas se pisa. Os arbustos espessos e os inúmeros cipós tornam quase impossível penetrar na mata, que se estende aos dois lados do caminho. Sobe-se e desce-se por muitas tortuosidades, por cima dum espinhaço elevado pedregoso. Encontramos pouca água; apenas com intervalos de duas a duas e meia horas chega-se a algum riacho com águas sujas e de curso vagaroso; muitos córregos já estão completamente secos. A poeira e a sêde nos fazem sofrer muito; a língua fica colada ao céu da bôca. À beira do caminho, encontram-se, em tôda parte, brancos esqueletos de mulas; impelidos pela fome, os animais rebentaram o cabrestro, fugindo para a mata para aí comerem durante a noite: as ervas venenosas, tão abundantes nessas paragens, lhes trouxeram a morte. Para evitar essas coisas, é necessário amarrar os animais, durante a noite, deixando o cabrestro bem curto e dando-lhes folhagem de árvores para comer; muitos também sucumbem com essas fadigas, todos têm uma aparência deplorável. Não é muito melhor a situação dos homens. Alimentam-se de farinha de mandioca e carne-sêca, e do produto da caça. A água, bebida única e muito rara, custa muito caro mais para o interior da mata. Com tudo isso, o caminho é muito movimentado; de hora em hora, quase, aparecem

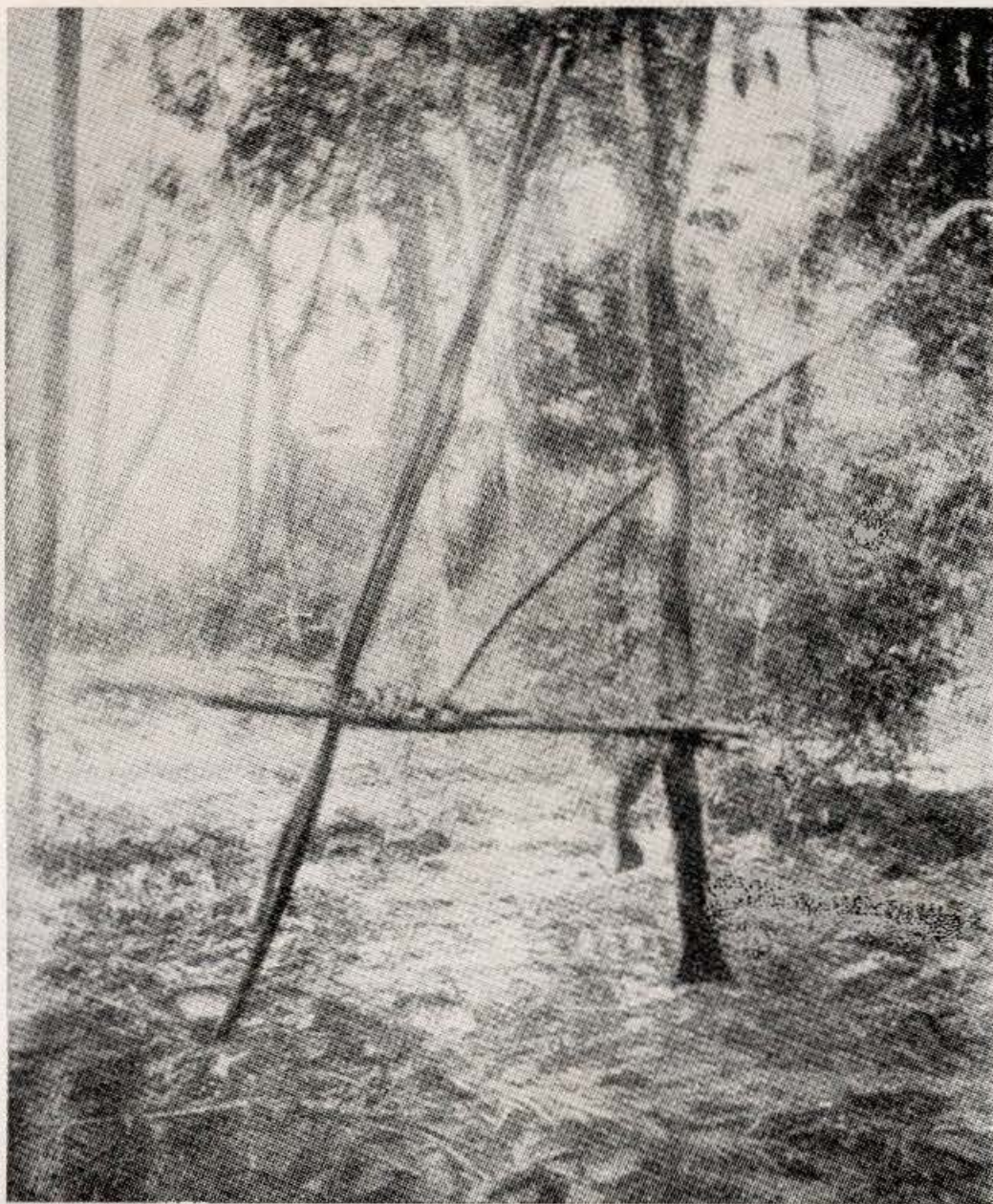
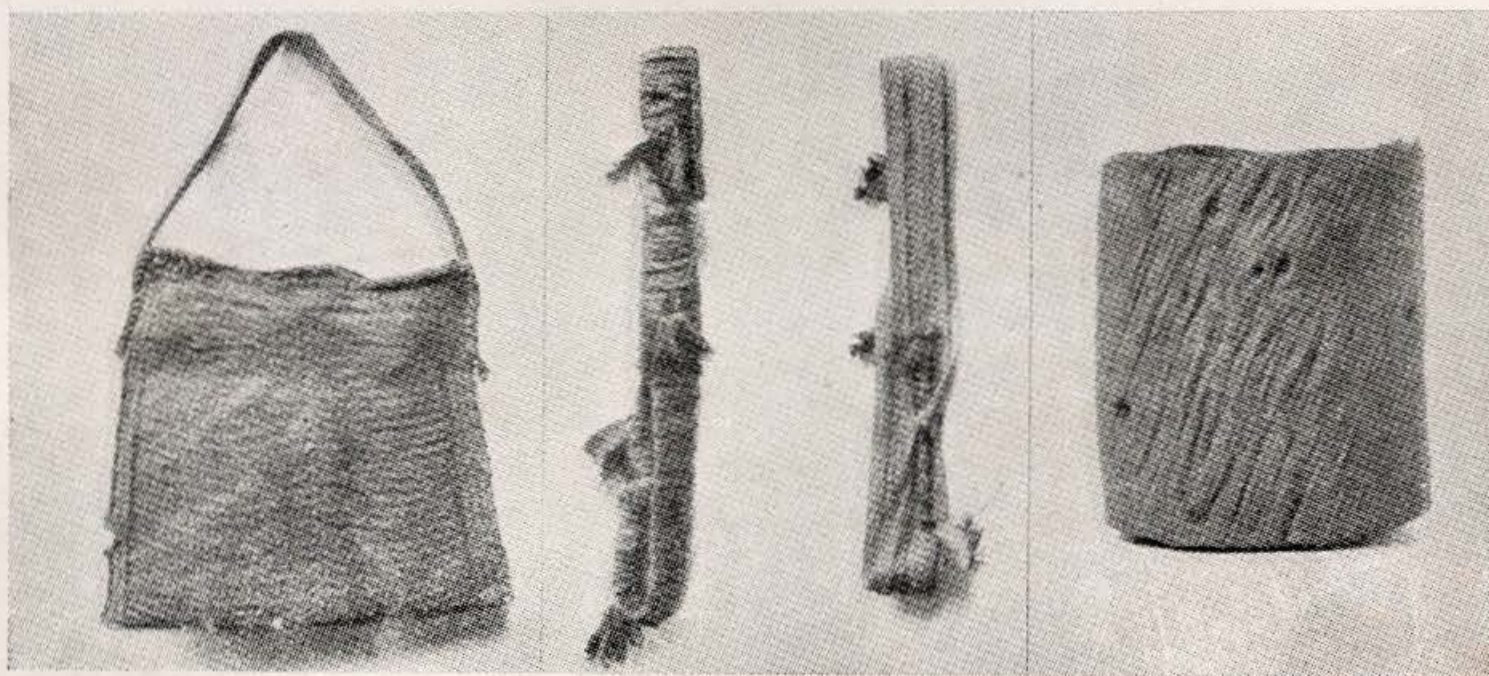
1 — Crianças Kayapó

2 — Homem, moços e moça dos Kayapó

tropas que vêm ao nosso encontro ou que tomam a dianteira. Aventureiros partem a pé, espingarda a tira-colo, e algumas poucas provisões na mochila. Todos, porém, avançam com uma pressa incrível: a caça da riqueza! Junto a um pequeno córrego lodoso, armamos o acampamento. Um couro de boi, cheio de convexidades, faz as vêzes de cama; a capa serve de cobertor. Sente-se muito frio depois da baixa temperatura da noite e do forte orvalho; de manhã, todos os membros do corpo estão muito doloridos em conseqüência das canseiras da véspera e de cama tão dura.

Prosseguimos bem cedo no outro dia. Começa a descida da serra; vencemos alguns contrafortes pequenos. Junto ao primeiro córrego descansamos, para o almôço. Enquanto comemos, passa, em companhia de outro homem, o representante do govêrno do Pará, de volta da mata; conversamos durante meia hora. O calor aumenta, e a marcha se torna difícil. Pouco a pouco, entramos em terreno mais plano; mas a água continua escassa. À margem do caminho há um poço estreito quase sêco e temos de recorrer à água de um riacho lodoso. Passamos por uma roça queimada; o solo pedregoso está muito quente. Pouco além, a mata é mais rala, à beira do caminho crescem plantas de cultura, e quase inopinadamente nos encontramos no meio da plantação dos Kayapó. Vêem-se aí moitas espêssas de mandioca, bananas, milho, batata doce, urucú, algodão, etc. Tudo está plantado em grupos e disposto de maneira bem ordenada. Um pequeno regato corre pela extensa plantação. Debaixo duma moita estão sentadas três mulheres kayapó, completamente nuas e pintadas de preto. Uma delas se chega ao caminho, o nosso guia fala com ela, é sua tia; com frases chorosas passando alternadamente o dorso das duas mãos sôbre os próprios olhos, ela cumprimenta o caro sobrinho, que está diante dela, de cabeça baixa, esperando, paciente, o fim dessa torrente de saùdações. A seguir, conversam tranqùilos. A roça se estende por dois quilômetros. Pelas quatro horas, encontramo-nos de súbito à margem do Rio das Arraias, cujo leito se aprofunda por uns 10 a 15 metros no terreno. Não se divisa nenhuma passagem pela corrente, que tem uma largura de 50 m. À beira do caminho está sentada uma família kayapó, homens, mulheres e crianças. São pessoas fortes, de pequena estatura, cintura estreita e cabeça grande. Têm as fendas palpebrais ligeiramente oblíquas, o nariz largo e chato, a bôca larga e lábios grossos. Raparam completamente a parte anterior da cabeça, onde as crianças, além disso, ostentam pintura preta e vermelha. O rosto parece, assim, ter configuração quadrada (prancha 24, figs. 1 e 2). Êsses índios têm a pele muito mais clara que os Karajá, entre amarelo e pardo;

certamente não se expõem tanto ao sol como aquêles habitantes da margem do rio, que passam a metade do ano nas praias arenosas e soalheiras. O que surpreende é que alguns usam bigodes, enquanto outros têm barbas inteiras. Andam nus; só os homens usam pequeno laço de fôlha sôbre o penis. De boa vontade, conduzem-nos à aldeia. Abandonamos a estrada da borracha. Caminhamos por muito tempo ao longo do rio, atravessando a mata inundável. Passa-se sob os gigantescos troncos como debaixo de arcadas; das árvores pendem em tôda parte longas raízes aéreas, com enormes aglomerações de raízes menores na extremidade, como gigantescos badalos de sino; tudo parece fantasmagórico. Entre os troncos domina um lusco-fusco abafado, não se ouve o mínimo ruido, a floresta está como que encantada. Chegamos enfim ao vau do rio; no meio do leito fluvial se estende pequeno banco de areia, onde acampamos. Dentro em pouco, desenvolve-se grande animação em tôrno de nós; de todos os lados apontam Kayapó: os homens vadeiam o rio, voltando da pesca, de que tiram grande parte da alimentação; as mulheres e crianças tornam da roça, carregando cestas e bôlsas cheias de produtos agrícolas. Estabelecem-se, para a noite no banco de areia. Para o jantar torram peixe panado com farinha de mandioca; comem com as mãos, os homens juntamente com as mulheres, e não se envergonham em nossa presença. Limpam depois as mãos e a bôca com pedaços de fôlhas de bananeira. Em seguida conversam animadamente conosco, sem que nos entendamos uns aos outros. São uma gente exquisita essas pessoas baixas de côr amarelo-pardacenta, olhos em fenda e dianteira da cabeça rapada. Dormem sôbre fôlhas de bananeira, e, por não possuírem cobertas, acendem pequenos fogos dos dois lados da cama. Deitados em fila, um ao lado do outro, as camas de fôlhas alternando-se regularmente com os fogos, êles, sem terem cobertas, estão protegidos contra o frio da noite, enquanto eu tirito de frio debaixo de minha capa.

Na outra manhã, escalamos a margem elevada do rio, seguindo depois pela viçosa mata virgem, densamente povoada de árvores e orquídeas. Passamos por alguns pousos dos Kayapó. Vêem-se ainda as grandes trempes em que grelham os peixes panados com farinha; para economizar lenha, aproveitam uma árvore como terceira peça da trempe (prancha 25, fig. 1). Os lugares em que dormem caracterizam-se pelas camas de fôlhas de bananeira, alternando-se com restos de fogueiras. A seguir, passamos pela roça dos padres; no meio dela eleva-se um grande rancho. Saímos para o campo; parece não ter fim a vereda que se estende diante de

120b

1 — Trempe para grilhar peixes na mata. Kayapó

2 — Bolsa trançada, para milho.

3-a — 3-b — Cinta para carregar crianças (a: um invólucro de proteção)

4 — Pequeno vasilhame de madeira

2. — 4. Utensílios dos Kayapó

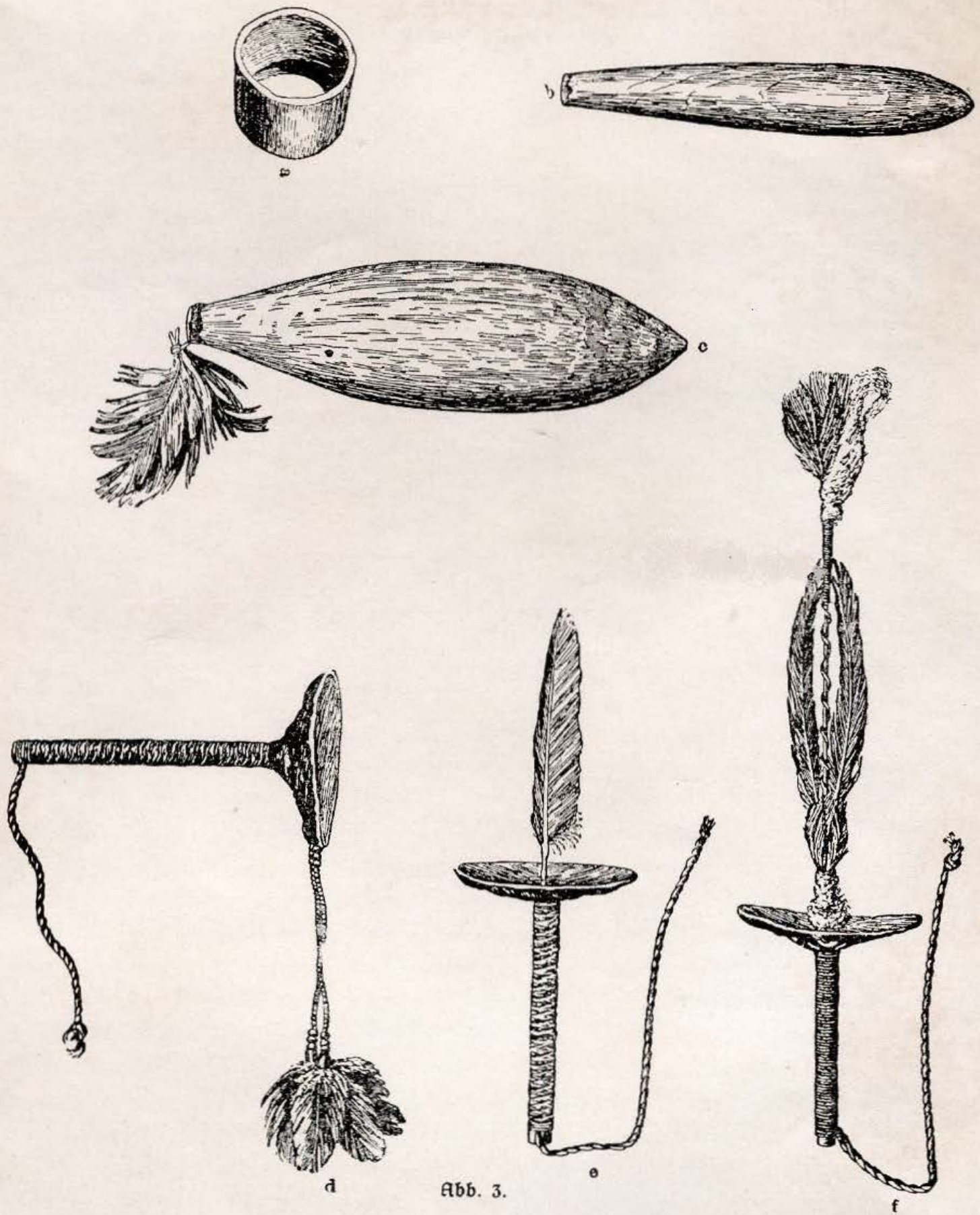
nós; é o caminho típico dos índios, estreito e sinuoso. Passamos por algumas queimadas, ruínas de ranchos; a aldeia foi, pois, transferida para mais longe, talvez por causa das importunações dos seringueiros que transitam por aquí. O campo alterna-se com o mato. Almoçamos à beira de pequeno riacho que corre pela floresta; duas mulheres kayapó com um menino pequeno e engraçado nos fazem companhia; conversamos bastante. Depois, continuamos a marcha nas horas quentes da sesta. Finalmente avistamos de um pequeno outeiro, a aldeia circular dos Kayapó, situada à nossa frente, no meio do campo. Já nos perceberam; um homem vestido de traje brasileiro vem ao nosso encontro; é um dos caciques. Guiados por êle, entramos na aldeia.

A povoação é formada de 14 choças, longas e miseráveis, de fôlhas de palmeira, e dispostas em grande círculo. São baixas; cada uma tem 4 ou 5 entradas; freqùentemente várias casas juntas formam um pátio. São pouco asseadas as circunvizinhanças das habitações; pedaços de fôlhas, restos de fogueira, lenha, sobras de comida, cestas e utensílios estão espalhados por toda parte (prancha 26, fig. 1). Calculo em cêrca de 200 o número dos habitantes. A praça da aldeia terá uns 300 a 400 m de diâmetro. Várias árvores altas se elevam na povoação; nos seus galhos pousam muitas araras, soltando os seus gritos agudos. Pela praça e entre as casas corre uma porção de cachorros, porcos e cabras. Numerosos caminhos, ligando as várias casas, cruzam a praça coberta de campo. Debaixo duma árvore armo o acampamento. Os índios aparecem imediatamente em grande número, pedindo tabaco, que desejam com maior avidez ainda do que os Karajá. Cercam-me os homens munidos de clavas redondas e chatas, e de arco e flecha, as mulheres carregando as crianças na cinta destinada a isso. Falam comigo, de maneira insistente e numa voz de tom largo e alto, acompanhando as suas palavras com vivas gesticulações. Peço um gole de água, pois que há duas horas não bebemos nada. O rio fica longe; para chegar lá, é preciso caminhar três quartos de hora; tôdas as manhãs as mulheres vão buscar alí grandes cuias de água; mas a estas horas já não resta nenhuma na aldeia. Tenho de mandar, pois, ao rio dois dos meus camaradas acompanhados de um Kayapó, para fazerem beber aos cavalos e trazerem água para nós. Voltam finalmente depois de hora e meia. Essa escassez de água não deve causar admiração. Os Kayapó não sabem cozinhar, mas grelham os seus alimentos na trempe ou em covas na terra. Assim, precisam apenas de água para beber, de que êles, como os Karajá, se servem em moderadas porções.

À tarde começa o passeio de compras pelas várias casas. Os ranchos são contruìdos de varas recurvadas; a parede posterior é completamente fechada; na anterior há algumas entradas. As estreitas partes de parede que medeiam entre estas dividem o espaço pertencente às diferentes famílias. Tôda a povoação é, sem dúvida, provisória, apenas para a estação sêca. Nas casas encontram-se as camas dos casais e das meninas: fôlhas de bananeira, com um fogo dos dois lados. Os alimentos são preparados fora da casa. Durante o dia, os índios ficam no interior das moradas, sentados na sombra fresca, sôbre suas esteiras, fiando, trançando ou trabalhando nas suas armas. Muitos estão pintados, a maioria com genipapo, ao contrário dos Karajá, que preferem o urucú. Diante dos ranchos vêem-se grandes armações de madeira, onde guardam as suas provisões em cestas, frutas, matérias primas de tôda espécie, etc. (prancha 63, fig. 2). Nas vigas das casas estão penduradas outras bôlsas com milho, cestinhas e cuias com penas (prancha 25, fig. 2). Nos cantos há grandes cuias destinadas a água para beber. Sou bem recebido; caminhando de casa em casa consigo reùnir uma bela coleção e fazer uma boa idéia da cultura dêsses índios. Entregam os seus objetos sem resistência; não regateiam muito. Em uma única casa recebem-me com atitude negativa. Muitas vêzes, quando pergunto por certo objeto, mandam-me a determinadas casas; há, portanto, certas pessoas que confeccionam certos objetos para a comunidade. Possuem maravilhosos enfeites de plumas: diademas, enormes discos trançados, que se amarram à parte posterior da cabeça, atrás de penas dispostas em forma de leque; plumas atadas a um cordel, que se penduram na nuca, isoladamente ou em feixe, as mais bonitas montadas em bastões revestidos de algum trançado; borlas de penas, de vários tipos, que se usam ao pescoço caindo sôbre o peito, braceletes de penas, etc. (prancha 64-67). As crianças usam, em geral nas orelhas, grandes cavilhas de madeira, outras ostentam pedaços circulares de concha montados em hastes e encimados de combinações de plumas (fig. 3). Os homens enfeitam o lábio inferior, ora com grandes botoques circulares, às vêzes de dimensões tais que a bôca se salienta como um focinho, ora com grosseiras cavilhas. Adornos de algodão e de plumas para os braços e para as pernas são observados sobretudo nas crianças. São bem trançadas, com desenhos, e enfeitadas com listas em relêvo, as faixas para carregar crianças; usando-as a tira-colo, as mães sentam a criança, fazendo-o montar no quadril (prancha 25, fig. 3). Meninas de pouca idade enfeitam-se com cordéis vermelhos de algodão, usados a tiracolo. Além de cestas, carrega-

1226

Figura 3

a
b
c
d
Abb. 3.
e
f

Enfeites para as orelhas, Kayapó

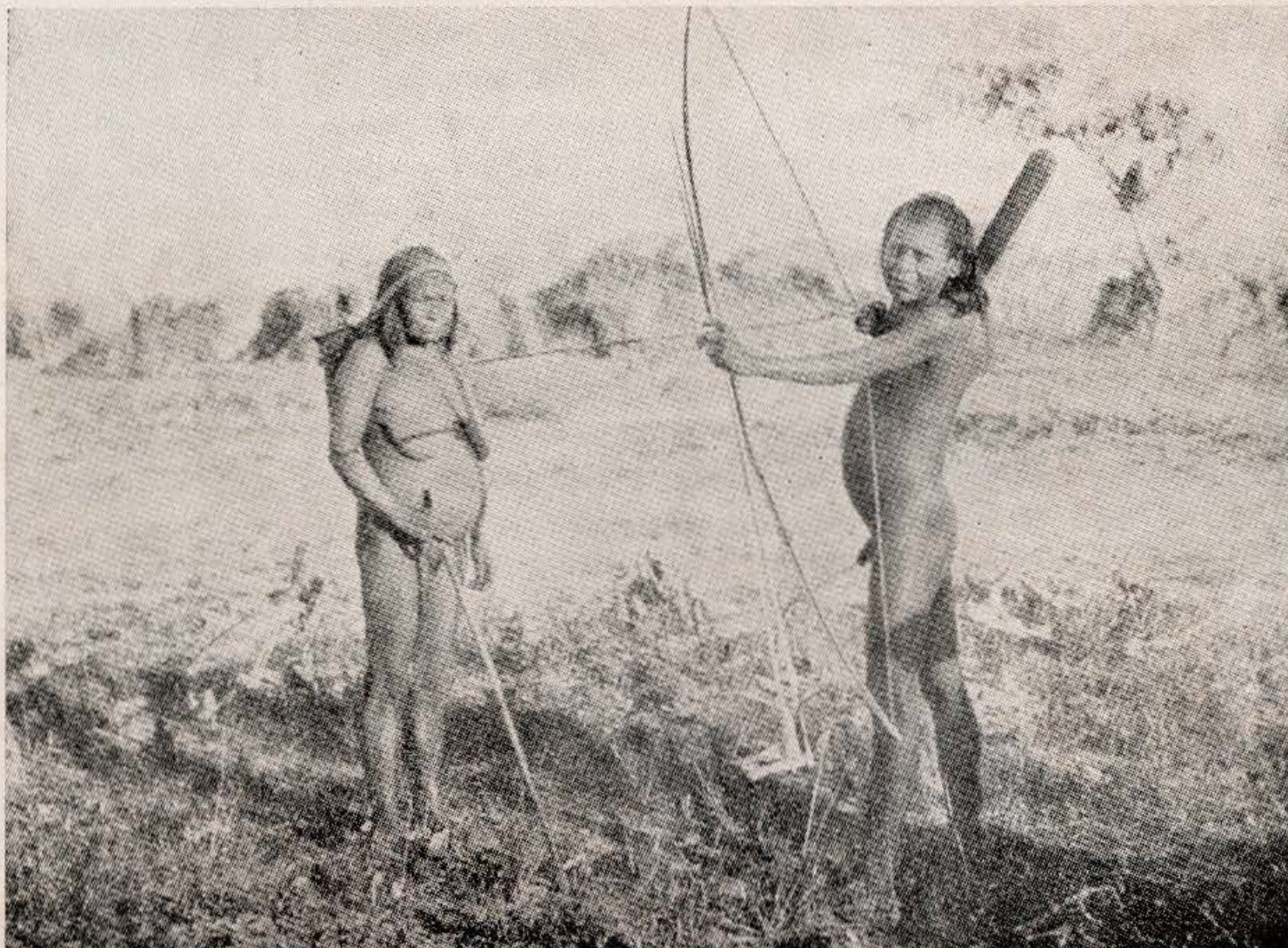
a) Rôlo de madeira. b-c) cavilhas de madeira. d-f) varas com pedaços circulares de concha e armação de penas ou pingentes de missangas

das pelas mulheres numa faixa que passa pela testa, para o transporte da colheita e da lenha (prancha 26, fig. 2), possuem êsses índios bôlsas, fusos, etc., uma infinidade de objetos, na maioria bem ornamentados. Os seus instrumentos já são, em parte, de ferro; todavia empregam ainda os velhos machados de pedra para bater e martelar. A sua arte de trançados está altamente desenvolvida; falta-lhes a confecção de rêdes e a cerâmica. Em compensação, conhecem, ao contrário dos Karajá, a fabricação de pequenos vasilhames de troncos de árvore, que fazem com muito esmêro (prancha 25, fig. 4). Sinto-me muito bem entre êles, rimos e brincamos muito; todavia são menos cordiais e amáveis do que os Karajá. Gostam de dizer, e com clareza, os nomes dos objetos; principalmente as mulheres não param de me gritar no ouvido, até que eu repita a palavra a seu contento, que exprimem com um som nasal cantado.

Até o anoitecer visito a metade das habitações; estou bastante satisfeito com o resultado. Às cinco horas, mais ou menos, um velho cacique caminha sùbitamente para o centro da praça, põe-se de cócoras, finca, diante de si, a lança verticalmente no chão, e, enquanto a balança para a frente e para trás, êle vai repetindo, sem interrupção, um grito curto e rápido: "kju". De todos os ranchos vêm saindo os moços, todos armados de lanças, clavas, arco e flecha. Dois a dois, ou três a três, êles se acocoram atrás dêle, formando longa fila. Finalmente chega o último; são uns 40, ao todo. Conversam; com fôlhas de bananeira e achas de lenha, trazidas por crianças de pouca idade, fazem a sua cama e acendem as pequenas fogueiras. E' que todos os moços da aldeia dormem no centro da praça. Depois de algum tempo, cantam em conjunto, uma canção sobremaneira melódica; o canto políssono ressoa maravilhoso pela aldeia ampla e tranqüila. Depois, ficam conversando. E' o melhor momento de exibir o fonógrafo. Mal me dirijo para lá com o aparêlho, quando tôda a aldeia se reúne para ver de que se trata. Os homens se juntam aos moços no lado para o qual está dirigido o aparêlho; agrupam-se diante dêle, uns sentados, outros de pé, mas todos bem armados. De trás, aproximam-se as mulheres e crianças. Algumas mulheres se deitam quase sôbre os meus ombros, para verem o aparêlho; mal consigo executar os maneios indispensáveis. Não me posso mover do lugar; por infelicidade, ainda se apaga a lanterna, e uma noite escura nos envolve. Em tôrno, conversa, palavreia e rí a multidão curiosa e agitada. Diante das casas, ardem fogueiras; cada entrada, quase está alumiada por um fogo. O fonógrafo começa a trabalhar. A música européia não os impressiona mui-

to; ouvindo algumas canções dos Karajá, riem-se com desdém. Sòmente quando toco os cânticos kayapó, da Missão, ficam atentos e se aproximam mais, para cantarem também. O cacique Béb'ora é o cantor, tem uma voz bela e cheia. Mas não toma bastante cuidado; ora pigarreia ou cospe, ora se vira, para dizer umas palavras ao vizinho; há, por isso muitas interrupções. Os cantos são muito bonitos, dir-se-ia quase melancólicos. Caracterizam-se especialmente por oscilações lentas, à maneira de trinados, em tôrno de determinado tom fundamental. Obtenho alguns registos e estou satisfeito; os índios começam a dispersar-se; daí a pouco a multidão desapareceu. Volto ao acampamento. Os jovens se vão deitar; pouco a pouco emudece a sua conversa, e tôda a praça está quieta. Observo de longe os numerosos fogos pequenos e as fogueiras diante das casas; sôbre todos os ranchos em tôrno, eleva-se uma fumaça iluminada pela luz das fogueiras. Béb'ora fica conversando comigo até às 10 horas; dá-me muitas informações. Desejo saber seu nome. Visìvelmente confundido, êle se vira para um Kayapó, bastante velho, que acaba de chegar; êste mo diz então no ouvido, em voz baixa. A aldeia aparenta possuir 5 ou 6 caciques, todos, ao que parece, com os mesmos direitos. Tenho a impressão de representarem, perante os estranjeiros, os seus grupos de famílias. Pois eram todos jovens ainda, e falavam bem o português. A sua dignidade não se relaciona certamente com a organização da própria tribu. Continuamos a conversar longamente, em voz abafada. Afinal êle também se vai. Durmo numa pequena esteira dura comprada aos Karajá. A noite é rudemente fria; ao amanhecer tudo está molhado em conseqüência do orvalho.

Já antes do nascer do sol, começa a vida na aldeia. O cacique torna a pôr-se de cócoras, solta novamente os seus "kju", os jovens se levantam, acocoram-se em fila e conversam. Crianças se aproximam depressa, retirando as fôlhas e as achas de lenha. Em seguida, os moços vão ao rio para tomarem banho e beberem, partindo depois, uns para a caça de antas, veados, porcos do mato, outros para a pesca; as mulheres varrem, com fôlhas de palmeira os pátios diante das casas, vão buscar água e dirigem-se para a plantação. Todos são bastante sensatos para não se deixarem perturbar por minha presença na sua vida quotidiana. Continuo, com êxito igual ao da véspera, as minhas compras nas restantes moradas da aldeia. Ao meio-dia estou pronto para as visitas. Alguns habitantes estão deitados com febre. Um cacique me pede que os examine; dou-lhes quinina; como mais tarde se sentem melhores, as famílias vêm me agradecer, trazendo

2 — Casa dupla na aldeia dos Kayapó

2 — Mulher com cesta de carregar, e flecheiro Kayapó

gêneros alimentícios. Numa das casas descubro finalmente um aparêlho ignígeno. A meu pedido, alguém tenta mostrar-me como se faz fogo; mas, a-pesar-de todos os esforços, não o consegue. Não precisam mesmo dêsse recurso, pois não há perigo de se apagarem ao mesmo tempo as numerosas fogueiras nas casas da povoação. À tarde tiro fotografias das habitações. Os índios se aproximam curiosos, mas poucos se deixam fotografar; os restantes não mo permitem, por um receio singular. À noite querem ouvir novamente o fonógrafo. Experimento fazê-lo funcionar, mas não consigo, porquê a caixa com os cilindros esteve durante todo o dia exposta ao sol, que os amoleceu muito. Como na véspera, reunem-se os jovens, cantando o seu cântico da noite. Anoitece; é lua-nova hoje. Em tôrno, elevam-se altas fogueiras, diante das casas; no centro da praça, os pequenos fogos ao lado das camas. Uma singular agitação vibra por tôda a aldeia; um contínuo correr e palavrear de todos os lados. Pelas 8 horas aproxima-se, cantando, longa fileira de mulheres enfeitadas de fôlhas. As três primeiras têm fôlhas de palmeiras amarradas na cabeça e nos ombros; as restantes colocaram fôlhas de palmeiras transversalmente sôbre a cabeça, como uma auréola. Em último lugar, algumas meninas de pouca idade. Cantando e correndo formam um grande círculo. As duas primeiras mulheres entoam a canção, as outras, às vêzes entram no canto; tem-se a impressão de não saberem estas bem o texto. A seguir, começam a bater, ao mesmo tempo, o pé direito compassadamente e a mover os antebraços para baixo e para cima. A dança e o canto vão ficando sempre mais animados e agitados. Duas crianças trazem fôlhas sêcas de palmeira, acendendo duas fogueiras, uma no centro do círculo, a outra fora: é uma iluminação fantástica. Poucos homens assistem à exibição, os moços ficam conversando no lugar em que têm suas camas, sem se incomodarem com as mulheres. Depois de dançarem quase uma hora, as mulheres finalmente se dispersam. A excitação na aldeia, porém, continua ainda por muito tempo. Com achas de lenha acesas as mulheres cruzam a praça na direção de suas moradas, de todos os lados ressoam conversas animadas e risos. Só depois de muito tempo reina sossêgo.

Impelidos pelo frio da manhã, levantamo-nos antes do nascer do sol. Arrumo depressa os meus volumes, porquanto preciso partir ainda hoje, para não faltar à promessa de estar em Conceição dentro de seis dias. Eu pedia dois carregadores, para transportarem uma parte dos volumes mormente as armas adquiridas na aldeia. Em vez dêles, acompanham-nos uns 10 ou 12, além de algumas meninas. E' uma situação desagradável para

mim, pois, como é costume indígena, querem todos viver à minha custa durante a viagem, e eu possuo apenas arroz para uma refeição, dois chouriços com ervilhas e um pouco de rapadura e farinha, mal chega para voltar com os camaradas a Conceição. Aviso os índios de antemão que só poderei fornecer comida aos dois que eu pedira; dão-se por satisfeitos com isso. À partida, o guia fica; também os outros se dispersam e dentro em pouco estamos sòzinhos. Continuamos, porém, a nossa marcha. No Rio das Araias encontramos alguns tomando banho; vieram certamente por caminhos mais curtos. Na plantação observamos, ao lado do caminho, cestas cheias de mantimentos e armas; estão, pois, reùnindo provisões. A nossa volta foi ainda mais penosa do que a ida: reinava um calor insuportável; a água desceu mais ainda; outros regatos estão desaparecidos. Além disso, sentimo-nos cansados, não só da caminhada e das subidas, a que não estamos afeitos, como das camas duras e da umidade do orvalho; os pés doem, o corpo não está descansado, uma forte constipação, favorecida pela grande quantidade de poeira está-se anunciando. Acampamos no lugar em que almoçamos no segundo dia da ida; a refeição consiste apenas em sopa de ervilhas. Os Kayapó ainda não chegaram.

Na manhã do dia 29 prosseguimos a caminhada. O dia não tarda a ficar quente. Diante de nós elevam-se chamas; e ao nosso encontro uma fumaça sufocante, ouve-se um crepitar sinistro. E' uma queimada, que se vem aproximando. Fazemos andar os animais quanto possível, e com a maior pressa vamos adiante, ao encontro da linha de fogo. Saltam faíscas, a fumaça quase nos asfixia, e o imenso calor nos cresta quase a pele. Felizmente, porém, conseguimos atravessar a mata incendiada. Almoçamos no lugar em que acampáramos no primeiro dia da ida; temos apenas açúcar e farinha de mandioca. Enquanto descansamos ainda, aparecem sùbitamente os Kayapó; damo-lhes um pouco de comida; parecem estar bastante cansados e famintos. Juntos, vamos adiante. Com dificuldade vencemos a elevada serra; os Kayapó, pouco a pouco vão ficando novamente para trás, descansam muitas vêzes, a marcha parece fatigá-los extraordinàriamente. À 1 1/2 hora acabamos de atravessar a mata da serra; começa o caminho poeirento. Aquí reina um calor verdadeiramente horrível, a língua fica colada ao céu da bôca, não se encontra nem sinal de água; além disso me atordoa a constipação, que se declarou. Avanço com grande dificuldade, os meus camaradas estão muito na minha frente. Finalmente, pelas 3 horas, chegamos a Conceição. Respiramos satisfeitos. Arrumamos logo o acampamento. Os Karajá, que saíram para buscar lenha, voltam daí a pouco;

vendo-nos, ficam radiantes de alegria, por termos chegado no prazo estabelecido. À noite aparecem também os Kayapó, trazendo os volumes. Ficam morando perto do convento, num alpendre construído especialmente para visitas dessa natureza. Muito depois do anoitecer, tomo ainda banho, junto à praia; como é agradável lavar-se, depois duma viagem, nas águas frescas do rio, e vestir roupa limpa! Sopra um vento frio, parece que também me resfriei pois no outro dia tenho um pouco de febre, os ouvidos doem, como prenunciando um catarro do ouvido médio; o defluxo irrompeu completamente.

Os dias seguintes se passam com os preparativos para a volta; emprego o tempo livre para inventariar a coleção kayapó e para elaborar as minhas anotações.

Afim de conseguir as necessárias provisões em carne, não tenho outro recurso senão comprar um boi, mandar abatê-lo pelos meus camaradas e preparar carne-sêca. Guedes arranja os outros mantimentos necessários. Compro também uma série de objetos de permuta como espelhos, facas e panos, que estão prestes a acabar-se. Examinando tôdas as caixas e malas, verifico que tenho de deitar fora a metade dos fósforos; ficam molhados, porquê a lata, em que os guardara, estava danificada. O problema dos camaradas é resolvido em pouco tempo. Em 1.o de agôsto oferecem-se alguns homens; aceito dois, mas um dêstes já tenho de despedir logo no segundo dia, em virtude de sua preguiça verdadeiramente incrível. O outro, Joaquim, um negro alto e magro, de seus 35 anos de idade, não era peor do que os outros camaradas de Conceição; recebeu, mais tarde o cargo de cozinheiro, que desempenhou muito bem. A 2 de agôsto, Guedes me mandou dizer que chegaram quatro homens. À noite, vou vê-los; são três irmãos e o filho de um dêles, todos homens de côr escura e tipo de negro. São, porém, muito diferentes na tonalidade da côr, embora, como verifiquei mais tarde, os pais sejam negros genuínos. Tenho, pois, finalmente os cinco camaradas que faltavam.

A questão das canoas requer mais tempo. Em 31 de julho, Adam percorre tôda a povoação, em procura de resina para calafetar as embarcações; ao anoitecer, volta finalmente com um pouco. O dia seguinte se passa com a calafetagem. Oferecem-me várias canoas para comprar, umas muito grandes, outras muito velhas. Em 3 de agôsto, finalmente, Guedes vem com pequena canoa de tabuões; serve para a minha viagem. A canoa grande deve ser preparada para o carregamento. Desapareceu, porém. Indagando, recebo a informação de que a levaram os empregados do representante do govêrno afim de descarregarem uma enorme

canoa, vinda do Pará, que não pode atravessar o baixio para arribar à praia. Apresento queixa ao representante do govêrno; pede muitas desculpas, dizendo que não sabia ser minha canoa! Ao anoitecer, trazem a embarcação com a quilha quebrada.

Durante êsses dias chegou a Conceição o prior do convento do Tocantins. Faço-lhe várias visitas. E' um homem alto e magro, de olhar fanático; um apóstolo de rara capacidade de ação. Em 3 de agôsto êle me visita na minha tenda, onde reùní num canto três caixões, cobrindo-os com cobertas: a minha sala de visitas, é bem elegante. Na mesma noite despeço-me dêle, pois pretendo partir na manhã seguinte. Depois de muitos rodeios, dão-me a entender que o padre deseja acompanhar-me ao Tapirapé. E' de todo impossível arranjar em meio dia as provisões necessárias; além disso, me parece que êle quer levar canoeiros kayapó. Daí resultariam dificuldades com os Karajá. E como se hão de delimitar os interêsses de um e outro? Como esperar a que os convide, não me é difícil esquivar-me ao assunto. O que menos me agrada é que falam disso só no último momento; pois encontramo-nos diàriamente. Ficam um pouco descontentes comigo. Não se turvam, porém, as relações com Guedes; tornam-se ao contrário sempre mais cordiais. Agrada-me sobremodo as longas noites com sua amável hospitalidade. Visito-o tôdas as noites, às 7 horas; as crianças brincam na loja, a mulher doente e pálida, está deitada na cadeira de braços; alguns remédios, que trago comigo, aliviam-lhe, de modo visível, os sofrimentos. Guedes, vivo como sempre, traz um pequeno copo de vinho e alguns confeitos. Assim ficamos conversando sôbre variados assuntos. Às vêzes, vem também o italiano com seu bandolim e toca algumas músicas melancólicas. Infelizmente não posso gozar plenamente essas noites agradáveis; a febre da constipação diminue muito devagar, e as dores de ouvido tornam-se mais intensas. Estou, por isso, bastante aborrecido. As noites são frias; de manhã o termómetro acusa 15,5° C; ao meio-dia mais 20°, à sombra. Todos, sobretudo os Karajá, respiramos, pois, satisfeitos na manhã de 4 de agôsto, quando se podem carregar as canoas. Depois do almôço estamos prontos para a viagem. As visitas de despedida estão feitas. À partida, apresentam-se, na praia, Guedes e o italiano, aquêle com uma garrafa de um fino vinho português, destinada à viagem de regresso para a pátria. Após cordial despedida, partimos às 10 horas e um quarto, Araguaia-abaixo.

NOS SERTÕES DO BRASIL

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

7. *Excursão ao Rio Tapirapé*

(Continuação)

Empreendí a viagem de regresso com três canoas tripuladas por doze homens, entre êles três índios Karajá. Dessa vez não mandei colocar toldos nas embarcações, porquê ocupavam muito lugar. Daí em diante viajei sentado num caixote, exposto completamente ao sol e à chuva. Todavia dei-me bastante bem com isso. Habituei-me depressa ao sol; para não sofrer demasiado com o calor, trocava regularmente de roupa. De manhã usava caqui; pelas 9 ou 10 horas, quando começava o calor, vestia o traje branco de algodão sôbre a roupa branca porosa, especial para os trópicos; pela 4 horas tornava a pôr o caqui, às 7 me prevenia contra o frio da noite, vestindo camisa e pijama de lã. Sapatos e meias calçava só de manhã e à noite; mais tarde, quando os borrachudos se tornaram isuportáveis, usava-os também durante o dia. Assim, mudando de roupa de acôrdo com as horas do dia, suportei bem o calor e o frio. Contra a chuva, protegia-me principalmente com uma capa impermeabilizada; para aguaceiros fortes, levava, ainda, um poncho de borracha. No tempo frio depois de chuvas prolongadas, vestia naturalmente roupa mais grossa. Resguardava a cabeça com o pequeno chapéu de palha, de aba estreita, chato e redondo, que comprara em Leopoldina.

Rio-acima a viagem era naturalmente mais vagarosa. Procuravámos, quando possível, a água tranqüila e rasa ao longo das praias, onde as canoas pudessem ser empurradas com os varejões.

Em Conceição, aliás, se haviam extraviado todos os remos e varejões: foram "emprestados", como se dizia na linguagem técnica daí. Quando partí, os meus canoeiros tomaram "emprestados" da mesma maneira, nas outras canoas do pôrto, os remos e varejões necessários.

A despeito da forte correnteza contrária e dos travessões, alcançamos Santa Maria em três dias. Os travessões não constituíam obstáculo maior do que na viagem rio-abaixo. Alguns ocasionavam até dez minutos de demora, outros foram vencidos ràpidamente. Aproveitava-se a correnteza retrógrada até perto do canal, empurrando, em seguida, as canoas para cima. Incidentes naturalmente não faltavam. No travessão de Santa Maria Velha, a canoa maior, depois de empurrada para cima, foi novamente levada pela correnteza ao outro lado do canal, e só devido à habilidade de Pedro como timoneiro não sofreu, no último momento, o desastroso embate contra as rochas elevadas. Num travessão pequeno, a embarcação maior não podia avançar, porquê a correnteza era demasiado forte. Já estávamos quase no outro lado, mas era absolutamente impossível prosseguir. A muito custo, os canoeiros, com seus varejões, conseguiam manter a canoa no ponto em que estava. Não havia outro recurso senão deixarmo-nos impelir, a esmo, por entre as rochas abaixo. A tripulação foi substituída; Pedro, o Forte, entregou o timão ao mais fraco, e com a sua fôrça natural o índio empurrou a canoa lentamente para cima.

Em Conceição eu pudera, por acaso, comprar um relógio. Considerei meu dever continuar daí por diante os levantamentos topográficos e meteorológicos. A vida sôbre o rio reanimou a todos os camaradas. Os Karajá sentiam-se felizes por voltarem para casa, e também os leopoldinenses estavam satisfeitos por terem deixado o lodo e a poeira de Conceição. O meu estado de saúde melhorou depressa, e já no terceiro dia eu me sentia perfeitamente bom; as dores de ouvido e a constipação haviam passado. Foram retirados os últimos bichos do pé trazidos da viagem aos Kaiapó; o corpo descansou bem; a alimentação de peixe nos deu novas fôrças, o ar puro, o acampamento asseado, tudo contribuíu para que essa viagem nos parecesse verdadeiro recreio em confronto com os dias passados em Conceição.

Alcançamos Santa Maria no dia 6 de agôsto, à noite. Acampei numa pequena praia junto à bifurcação do rio, porquê a outra estava ocupada pelos viajantes karajá, que entrementes haviam chegado até aí. Em Santa Maria tive alguma demora. As minhas provisões, enquanto não o pudera fazer em Conceição, deviam ser completadas aí; faltava sobretudo carne e rapadura, que em Santa

Maria comprei em quantidade, diretamente da fábrica, por dois terços do preço de Conceição. Havíamos verificado que a calafetagem das canoas era insuficiente; além disso, as embarcações tinham sofrido com a passagem pelos travessões; era necessário calafetá-las de novo. Felizmente obtivemos imbira, resina e sebo em abundância. Em Santa Maria palpitava a vida mais animada: haviam-se construído canoas e balsas para conduzir tropas à margem ocidental, que queriam avançar daí para oeste à procura de borracha. A balsa transitava ininterruptamente entre as duas margens do rio. No rancho enorme estavam armadas inúmeras rêdes, novas casas de negócio haviam sido abertas; notava-se, enfim, considerável movimento aí.

Os Karajá cruzavam às vêzes o rio para me visitarem. Havia entre êles um tio de Antônio Karajá; quando os dois conversavam, um ficava atrás do outro, ambos olhando para longe. Infelizmente adoeceu em Santa Maria o pequeno Manuel Karajá, apelidado Manekú, rapazinho engraçado, que sempre nos divertia com suas brincadeiras. Sofreu, durante três dias, de febre tão alta, que eu não tinha esperança de que se salvasse. Pois, na viagem, teria de ficar sentado na canoa, exposto, sem qualquer abrigo, ao sol abrasador. Era significativo que seus companheiros de tribu à noite não se incomodassem absolutamente com êle, deixando-o sòzinho debaixo de sua coberta. A muito custo logrei persuadí-los a dormirem perto dêle nas duas noites mais difíceis. No quarto dia da doença, 10 de agôsto, o menino começou a ficar melhor e não tardou a recuperar a saúde. Foi o único caso de doença grave em tôda a expedição.

Em Santa Maria tudo se resolveu muito depressa, graças à energia e atividade da população local. No dia 7, à noite, já estava tudo em ordem. Carregaram-se as canoas, e à noite apareceram os Karajá para conversar. Anoiteceu. A silhueta negra da capela antiqùíssima no alto duma elevação contrastava vivamente com o céu estrelado. Inopidamente subiu dela uma nuvem escura, dirigindo-se para o oeste, alogando-se sempre mais. Surprêso, olhei-a mais atentamente: era um bando enorme de morcegos, que se desprendia dos muros antigos. Seguiam-se sempre novos bandos, e enquanto os primeiros já atingiam o horizonte ocidental, iam saindo outras nuvens; durou quase meia hora o espetáculo.

Partimos na manhã do dia 8. Os camaradas procuraram fazer velas de suas cobertas. Mas o vento, que variava com as curvas do rio, ia tornando perigosas essas experiências dos canoeiros, que não sabiam velejar, pelo que as mandei suspender. Ao anoitecer do mesmo dia, atingimos o Travessão de Sant'Ana; a água baixara muito, as muralhas de rocha se salientavam bem

alto sôbre a superfície do rio. Passamos pelo mesmo canal que atravessáramos na ida; a profundidade aí era de uns 30 a 40 cm apenas. Em meia hora empurramos as três canoas para o outro lado.

Daí em diante a viagem rio-acima não apresentava obstáculos. Tornava-se desagrádavel sòmente pelo calor intenso da sesta. E' que o sol, indo para o sul, nos acompanhava na nossa jornada. Pelo meio-dia a temperatura era extraordinária: às 2 horas o termómetro não enegrecido acusava 41.5.º C ao sol, e 36.º C à sombra. Acrescia ainda o calor refletido tanto pelos caixotes da canoa, cuja madeira e metal pareciam quase abrasados, como pelo espêlho ofuscante das águas. A superfície da areia tinha uma temperatura de 52.º C; a do rio, 29.º C. Em compensação, era agradável agora o enriquecimento do nosso cardápio com os ovos da tartaruga tracajá. Encòntravam-se êsses ovos alongadas nas praias, em ninhadas de 12 a 16, que os camaradas exploravam àvidamente. Achámos até 300 por dia. Ora os comíamos crus, ora cozidos; às vêzes eram cozidos e depois tostados na cinza da fogueira. Assim se conservavam melhor, substituindo o pão do café da manhã. Também a paisagem era mais encantadora nessa viagem. Os barrancos do rio tinham um aspecto verdadeiramente outonal; das árvores de fôlhas vermelhas caíam longos cipós amarelos sôbre a margem vermelho-pardacenta do rio. Árvores gigantescas de florescência amarela interrompiam com suas copas largas a mata baixa da margem. O fundo do panorama, fumarento, era igual ao do outono europeu; o sol e a lua nasciam e punham-se côr de sangue.

Deparamos com os Karajá mais cedo do que havíamos esperado. Já no dia 9 de agôsto, à noite, encontramos inopinadamente o cacique Cyriáki, a pescar sòzinho, e pouco além acampamos ao lado do arraial dos índios da aldeia 18, que estavam em viagem. Desciam o rio; ao que alegavam, por causa de uma rixa com a aldeia vizinha, da barra do Tapirapé; iriam fazer roças nas proximidades de Santa Maria. Tratava-se talvez de uma viagem comercial, como as que costumam fazer a Santa Maria para venderem tartarugas, ovos de tartaruga e peixes. Certo, a situação política no Araguaia se tranformara. Walatá teria feito as pazes com os Karajá; quanto a mim, me acusavam de ter intenções hostís contra os Xavajé, porquanto comprara em Santa Maria munições para os "winchester" dos camaradas trazidos de Conceição. Para Pedro também havia novas desagradáveis: teriam falecido os seus três filhos. O homem parecia fulminado com essa notícia; não comia nem falava. Durante tôda a viagem pensara nêles, refletindo sôbre o que levaria para êste ou para aquêle, e sôbre o que

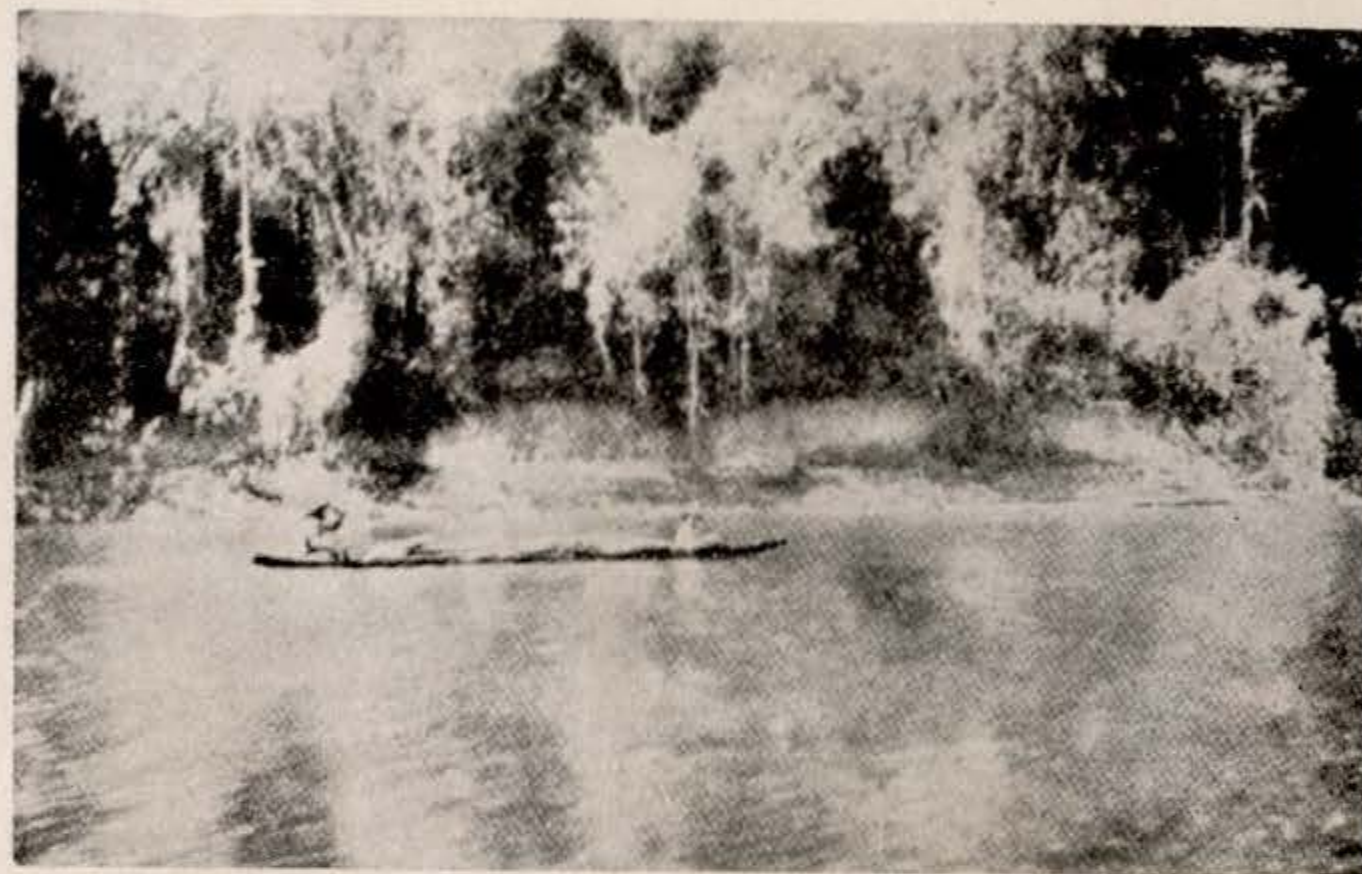
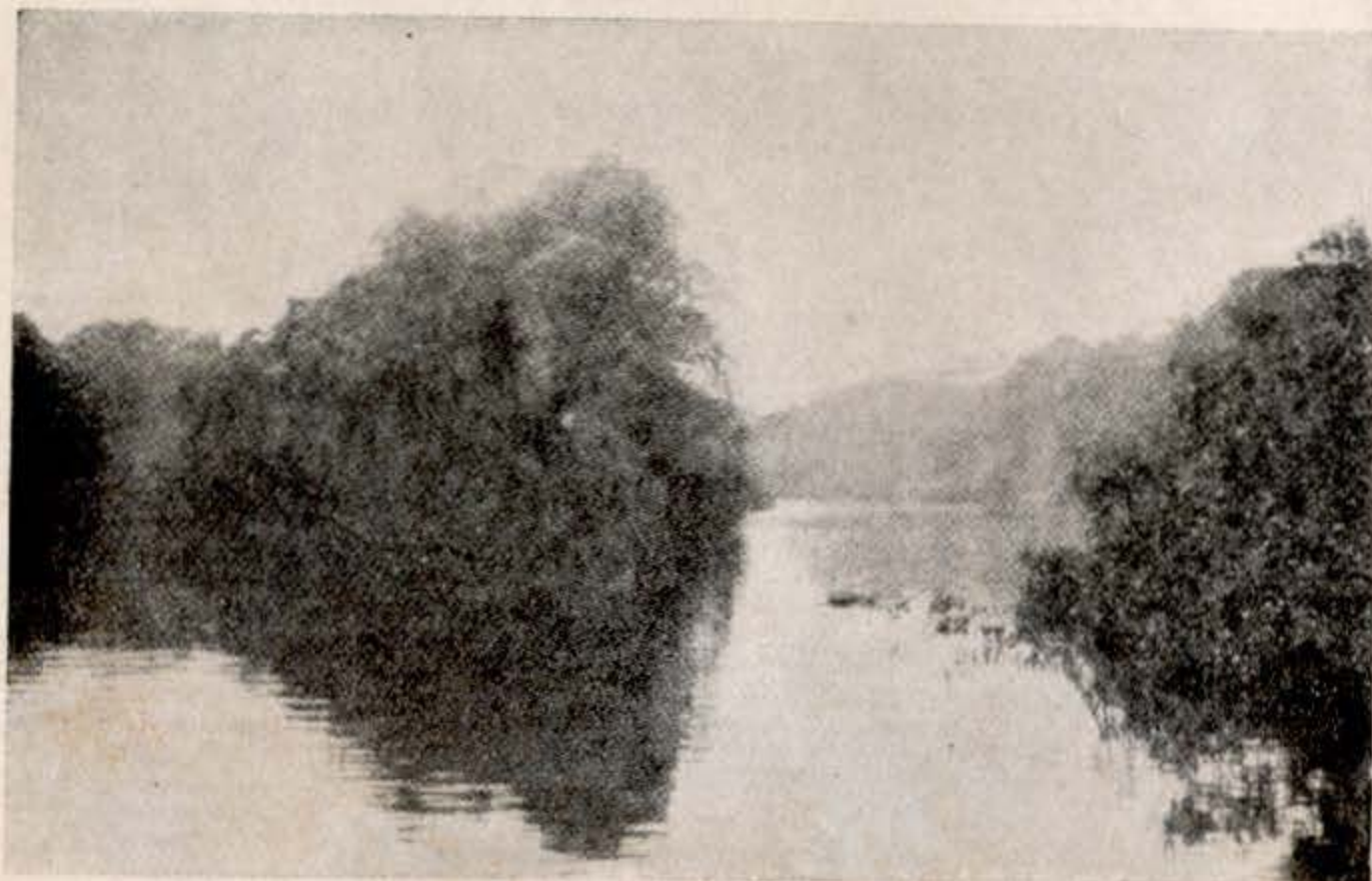
confeccionaria para êles quando voltasse para casa. Já anoitecera há muito, quando veio ter comigo na minha barraca, dizendo que, sendo verdadeira a notícia, êle iria comigo à Europa. Disse não ter mais nada que fazer no Araguaia, já que a espôsa lhe falecera há muito tempo, e que os filhos também teriam morrido. Verificou-se felizmente, como eu logo suspeitara, tratar-se de um dos numerosos boatos falsos, que tanto correm de uma aldeia para outra; pois também entre os índios floresce a bisbilhotice. Também aquí Antônio Karajá tinha parentes; entre os viajantes karajá havia uma tia dêle. Logo que se viram, colocaram-se um de costas para o outro, e enquanto Antônio se conservava cabisbaixo e silencioso, a mulher proferiu longo e choroso discurso. À noite, toquei o fonográfo, para observar a impressão que as canções kaiapó causavam nos Karajá; acharam-nas tôdas bonitas. Na outra manhã, os índios estavam prontos para a viagem já antes do nascer do sol. Em quinze canoas compridas e atulhadas de objetos, entre os quais apontava aquí e acóla as cabeças das crianças, ao passo que na frente, no meio e atrás remavam homens e mulheres, foram êles descendo o rio.

Nos dias seguintes tivemos muitas demoras. Naquela manhã, enquanto se carregavam as canoas, caíu na água o maior dos nossos sacos de farinha, sendo retirado a muito custo. Daí em diante tivemos de permanecer diàriamente pelo meio-dia, umas três ou quatro horas nalguma praia, secando, ao sol quente, a farinha espalhada sôbre os panos da barraca.

No dia 11 de agôsto, antes do meio-dia, arribamos à aldeia de Walatá. Fôra transferida um pouco para jusante; em geral, encontramos poucas povoações nas mesmas praias em que estavam ao passarmos aí pela primeira vez. Aquí havia sòmente uma casa e uma esteira armada em para-vento; estavam presentes apenas mulheres e crianças. Com velhos machados de pedra, as mulheres malhavam imbira estendida sôbre pilões colocados transversalmente; queriam torná-la macia para a fabricação de tangas. As crianças brincavam em atoleiros rasos à beira da praia. Haviam amarrado jacarés novos a cordas, levando êsses animaizinhos engraçados a passeio pela água e pela areia, como o professor de natação que guia os seus discípulos. Cansados com o divertimento, fincavam a haste na areia, perto dum atoleiro, deixando o animal a sós. Mais tarde, Walatá regressou da pesca. Era um homem grande e robusto, de atitudes extremamente altivas; diante dêle, como em face de Ilk, eu tinha o sentimento de que se não podia ter muita confiança nêle. A-pesar-disso, demo-nos bem, despedindo-nos depois na melhor harmonia.

O cardápio se tornava mais rico; afim de poupar as provisões em carne, pescávamos duas vêzes por dia junto aos barrancos, pegando geralmente bom número de piranhas. Para todos ficarmos satisfeitos, eram necessárias umas 35 ou 40. Mais tarde, logramos também caçar uma anta; trinchâmo-la, salgando e secando a carne, de que comemos durante várias semanas. Ao anoitecer do dia 13 de agôsto deparamos novamente solitários pescadores karajá; voltaram conosco. Escurecia já; junto a uma volta do rio, reluzia a praia branca diante da mata escura. Empenhámo-nos por alcançá-la. Estamos no meio do rio, quando sùbitamente dobram a curva nove gigantescas canoas, tôdas bem carregadas e bem tripuladas; têm um aspecto imponente. Arribam à mesma praia em que nos encontramos. E' a aldeia do cacique Tumanakú, igualmente de excursão comercial para Santa Maria. Ficamos juntos algumas horas. Incrível, entre êles também há parentes de Antônio. A tia e as primas rodeiam logo o grande rapaz. A velha põe-se a gritar alto; inunda-o com inesgotável palavrório, e, acaricia-o passando-lhe a mão sôbre o cabelo; dirige-me também longos discursos, mas pouco afáveis, ao que parece. Os outros aborígenes não dispensam muita atenção à cena; alguns zombam da interminável irrupção sentimental da velha. Indago de Pedro o que ela quer de mim. Responde: tabaco e farinha. Eu conhecia estes dois nomes, mas não os ouvira. Digo isto a Pedro, e todos os índios sentados em tôrno começam a rir; com vergonha de ter mentido, Pedro se retira cabisbaixo. Tamanakú é um senhor velho e afável, com quem converso animadamente. Depois do jantar, a maioria dos índios segue adiante. Ficam apenas duas canoas, os parentes de Antônio e Tamanakú, com uma guarda de quatro homens. Conversamos com grande animação; um dos homens se esforça mormente por me ensinar longas frases em seu idioma. Na outra manhã também êles partem cedo; da canoa em que está, a tia ainda profere, em voz alta, longos e chorosos dircursos na direção do acampamento

Na tarde do dia 15 de agôsto atingimos a ponta norte da Ilha do Bananal. Mando armar o acampamento na primeira praia do braço oriental; pois é aquí que se decidirá se poderei agora empreender a visita ao território dos Xavajé. Com êste fim, faço com a canoa menor, tripulada por cinco homens, uma excursão de reconhecimento, de duas horas, descendo o braço oriental do rio. O rio tem um aspecto singular: enormes praias estendem-se pelas suas margens, diante delas há ainda grandes baixios, ocupando, muitas vêzes, mais da metade da largura do rio. Em outros pontos as águas são profundas, de modo que é preciso remar. O rio quase não apresenta correnteza; é mau sinal; tem-se antes a impressão de tratar-se de água represada. As informações dos Karajá não são

1. Margem fluvial revestida de mata com árvores bizarras. Rio Tapirapé

2. Margem fluvial revestida de mata com cipós pendentes. Rio Tapirapé

3. Enorme lagoa circular, com ilhota de mato. Rio Tapirapé

4. Banco de areia e barra, na embocadura duma lagoa. Rio Tapirapé

muito favoráveis. Afirmam unânimes que, viajando-se cinco dias da embocadura para montante, se chega a um ponto em que o furo está completamente alagado de areia (1) que era completamente impossível vencer com as minhas canoas êsse trecho areado, que era muito longo; um falou até em dois dias (?). A aldeia dos Xavajé ficaria ainda a dois dias de viajem acima dêsse obstáculo; e seria difícil encontrá-la, porquanto os Xavajé costumam tranferí-la nessa estação do ano para o interior da ilha. Sem um guia karajá, não os acharia. O que vi e experimentei mais tarde confirmou essas notícias, que primeiro recebí com bastante ceticismo. Também a afirmação de Pedro, que a princípio me parecia incrível, de haver no furo tantos jacarés que quase não se podia ver a água, e tal quantidade de piranhas que era impossível tomar banho, sendo preciso a gente lavar-se com água recolhida em cuias, era sem dúvida exagerada, mas no fundo verdadeira, como mais tarde tive ocasião de verificar. Não era muito agradável a minha situação. Que fazer? Dizem que a viagem não é possível com as minhas embarcações; não tenho canoas de índios à minha disposição. Buscá-los na aldeia mais próxima custaria uma semana de tempo. Não tenho tão pouco guias indígenas, porquanto os meus karajá têm tanta saùdade de casa que nada os pode persuadir a tomarem parte na expedição. E' que os índios não estão acostumados a viagens tão compridas; quando chegamos à aldeia natal dos dois rapazes, aí já nos tinham considerado perdidos há muito tempo. Outros guias também não posso arranjar, e não me parece aconselhável realizar a emprêsa sòzinho, porquê o êxito é demasiado incerto. Resolvo, pois, embora a contra-gôsto, fazer primeiro a viagem ao território dos Tapirapé, deixando para mais tarde a visita aos Xavajé. Essa solução apresenta, em todo caso, algumas vantagens: o Tapirapé parece ter água bastante para que o possa viajar sem dificuldade com as minhas canoas. Regressando de lá, encontrarei provàvelmente, em conseqùência das chuvas, que agora começam, maior volume de água no Araguaia; com o nível mais elevado, o furo poderá então ser navegado com facilidade. Sem desperdício de tempo, poderei então comprar canoas próprias para os trechos rasos, e contratar guias. Além disso, poderei adquirir, nas aldeias seguintes, cobertas contra a chuva, pois não

(1) — O Dr. Rufino, que em 1846 navegou êsse braço fluvial, partindo da ponta norte, também encontrou pouca água, quando, em 8 de novembro, entrou pela embocadura. Logo nos primeiros dias, as canoas tiveram de ser muitas vêzes descarregadas e empurradas pelo leito fluvial, porquanto o rio estava muito raso. No quarto dia, 11 de novembro deparou com enorme barra de areia, que foi vencida com extraordinária dificuldade. Até o dia 18 de novembro tentou avançar com as suas canoas pela areia e pelos baixios, mas viu-se forçado a retroceder, subindo o braço ocidental, ainda mal-afamado naquele tempo, por causa dos Índios Karajá, então pouco conhecidos. Foi assim que êle nos pôde fornecer as primeiras notícias realmente valiosas acêrca dos Karajá. (Rev. trim. X, págs. 203-206).

estamos preparados para a estação chuvosa. E, finalmente, adio assim a divisão da expedição, podendo eu próprio fazer o pagamento dos dois meninos karajá, tarefa muito importante, mas também muito difícil, visto que os parentes em geral não se dão fàcilmente por satisfeitos. A essas vantagens contrapõem-se, porém, desvantagens. Durante a excursão ao território dos Tapirapé, os Karajá, que espalham o boato da minha presumida hostilidade aos Xavajé, poderão fazer a estes a visita planejada, fazendo propaganda contra mim, de sorte que possìvelmente a situação se torne desfavorável; além disso, as provisões talvez já estejam muito reduzidas, tornando-se difícil a volta à extremidade norte da ilha para iniciar a subida do furo. Nesse caso seria preferível talvez a via terrestre pela Ilha do Bananal. Resolvo, pois, explorar primeiro o Tapirapé. Ao anoitecer, vêm surgindo a oeste as primeiras nuvens pesadas, depois de um dia tão quente e abafado que os próprios índios se queixavam do calor. Durante a noite cai a primeira chuva, não passando felizmente de ligeira garoa.

Na manhã seguinte, dia 16, continuamos, pois, a subida do Araguaia. O tempo está enuviado e fresco; um genuíno dia de outono. Encontrámo-nos com uma canoa brasileira; pertence a Guedes e leva mercadoria a Conceição. Entre a tripulação está um austríaco; caminhou de Cuiabá a Goiaz e daí a Leopoldina, para descer o Araguaia até Conceição. Desprovido de recursos alugou-se a Guedes como romeiro; a recompensa certamente não irá muito além da viagem gratuita. Está completamente esfarrapado. Satisfeito por ouvir, depois de tanto tempo, alguém falar almão, faço-lhe presente duma camisa e duma calça.

Manuel, o brasileiro, está doente há dois dias; creio, porém, que a enfermidade não passa de fingimento. Sempre que se trata de empreender algo de especial, Manuel fica com febre; já se deu isso, quando eu tencionava a primeira vez visitar os Xavajé; depois, pouco antes da viagem à aldeia dos Kayapó, mas ficou bom e teve de acompanhar-me; deu-se a mesma coisa, quando faltava um dia para chegarmos ao furo, onde devia começar logo a excursão ao território dos Xavajé. E agora êle parece já preparar-se para não ir ao Tapirapé. Tem febre até 40.º; em seguida, começa a sentir também dores no peito, tosse fortemente, recusa qualquer alimento, de modo que o devemos obrigar a comer, e fica finalmente deitado na canoa, apático e sem fôrças. Chegando à embocadura do Tapirapé, mando-o, por isso, com os outros a Leopoldina. Disseram-me que daí a dez dias êle estaria completamente são, e em novembro o encontrei gordo e vigoroso em Dumbazinho, a jusante de Leopoldina, a serviço do seu antigo patrão, a

quem devia ainda 200$000. Certamente tôda a história ficara assim combinada entre os dois. Em geral, Manuel prestou bons serviços, pelo que o despedí a contra-gôsto. Na viagem por terra, de Leopoldina a Araguarí, tornou a servir, por isso, na minha tropa, cumprindo muito bem a sua tarefa.

No dia 18, antes do meio-dia, atingimos a aldeia do cacique Crisóte. Acampamos, para o almôço, na praia vizinha. Os índios chegam em grande número, cumprimentando-nos com afabilidade. Fazemos trocas; tiro fotografias, a que também as mulheres se sujeitam finalmente. Fico admirado ao ver que todos, grandes e pequenos, homens e mulheres, comem mãos-cheia de areia. Explica-se isso, talvez, pela falta de sal? Não o possuem e mo pedem constantemente. E' mesmo comovente vê-los apresentarem a cava da mão, olhando-me tristes e pedindo *xa xa* (do port. *sal*). Todavia não lhes posso satisfazer o desejo; a nossa própria provisão já está quase esgotada. Após o almôço, continuamos a viagem. O horizonte agora está constantemente envolvido em vapores; à distância quase não se distingue nada. Em tôda parte, perto e longe, sobem ao céu grandes nuvens de fumaça. E' que estamos na época em que os índios fazem as roças novas, queimando o mato, para plantarem mais tarde, em setembro.

No dia 19, à noite, chegamos à aldeia do cacique Tumanakú. Está abandonada; os moradores estão em viagem, como já vimos. As casas estão bem protegidas contra a chuva por meio de construções em arco, com entradas baixas, que lhes ficam em frente. Nos lados compridos veêm-se empilhados todos os utensílios domésticos, cobertos com muitas esteiras grandes. Na margem do rio, algumas canoas; na areia, panelas viradas sôbre vasilhames menores. O rasto alongado duma fogueira indica o lugar em que se preparou uma canoa. Aquí e acolá estão plantados na margem uns 5 ou 6 pés de milho reùnidos; em tôrno de cada grupo estão fincados verticalmente na areia, para resguardo, fôlhas de palmeira, amarrados, em cima, aos pés de milho. Tudo isso dá uma boa impressão, como se os moradores tencionassem regressar em breve. À noite irrompe a primeira trovoada. Ainda não estamos preparados para isso; a bagagem está bem protegida debaixo dos couros de boi, mas os camaradas ainda não têm abrigo. Adam e eu distribuímo-los pelas nossas barracas. No mais forte da chuva, ouvimos sùbitamente alguém a chamar e chorar aí fora. Uma menina de pouca idade, com um pequeno garoto pela mão, aparece à entrada da tenda; são os irmãos de Antônio. Vieram de sua aldeia, vizinha, logo que nos descobriram. Com voz chorosa, a irmã faz um longo discurso e parece não achar fim. Daí a pouco, chega a mãe, com

uma criancinha no braço; a chuva violenta abrevia felizmente a sua efusão. Êsses choros de cerimônia são mesmo pouco agradáveis. Mais tarde, apresenta-se também a mãe de Manekú; de gênio diferente, ela se limita a uma cerimônia bem curta, para, em seguida, conversar detidamente com o filho extremado. Ficam no acampamento até parar a chuva; tornam à aldeia com a certeza de estarem vivos os seu filhos, ao contrário do que haviam acreditado.

Bem cedo, na manhã seguinte, arribamos para o almôço, defronte da aldeia 20, na praia desafortunada, em que na ida se despediram os dois camaradas. Chega grande número de mulheres e crianças com víveres. Aparecem os parentes dos dois rapazes; é a hora de fazer os pagamentos, negócio bem enfadonho. Êles próprios costumam calcular nos dedos e nos artelhos, segundo o sistema dos cinco. Às vêzes fazem cortes num pedaço de madeira ou, em viagem, marcam o número de dias por meio de talhos no bordo da canoa. Prefiro contar com grãos de feijão. Quantos dias, tantos grãos; os índios acompanham a minha conta, para verem se está certa. Cada grão de feijão representa mil réis. A seguir, descontam-se os objetos fornecidos aos rapazes (traje, chapéu, faca, machado etc.); pelo restante podem escolher o que querem; acrescento ainda alguma coisa, faço um presentinho aos irmãos menores, ao passo que a mãe e as irmãs maiores recebem tabaco. Estão satisfeitos. A mãe de Antônio não se manifesta mais sôbre o assunto; é uma mulher singular, retraída como o filho, que é um janota típico, interessando-se apenas pelo tratamento do cabelo, para os quais inventa todos os dias um novo penteado exquisito, e por extravagantes coberturas de cabeça. E' diferente a mãe de Manekú. Exatamente como êste e sua irmã mais velha, a espôsa do tecelão e desenhista, é ela amável e sempre alegre. Faz longos discursos; repreende-me, com muito humorismo, dizendo que não tratei bem o filho, mas ri abertamente enquanto fala, de modo que se descobre logo o gracejo. Depois, quer por fôrça casar-me com a filha mais nova, menina bonita e pacífica, mas que sofre, infelizmente, de icterícia. Embora muito tentadora a expectativa de morar na aldeia como marido duma índia, conhecendo assim minuciosamente a vida da tribu, não posso aceitar a amável proposta em atenção aos outros objetivos que procuro. A mulher fica bem triste por isso; a própria menina, porém, não parece fazer muito caso da recusa. Passamos o tempo, gracejando, rindo e conversando. Os meus camaradas saíram para caçar e pescar. Começam a subir nuvens pesadas; pomo-nos logo a armar o acampamento, mas antes de estarmos prontos, desaba a tempestade. Os camaradas voltam encharcados e entram também nas nossas ten-

das. Clemente, mais velho dos quatro camaradas de Conceição, está com febre e dor de ouvido; temos, pois, agora dois doentes. Chove a cântaros; nem se pensa em cozinhar. Pelas 9 horas o tempo melhora um pouco; prepara-se logo o jantar, que é tomado na chuva. Sòmente pela madrugada cessa a tempestade. Não aceito aquí camaradas novos; viajarei com os homens que me restam, até à barra do Tapirapé, e aí verei se são suficientes.

Na outra manhã, à hora da partida, quebra-se ao ser levada à canoa, a moringa, que eu tinha sempre à entrada da barraca para refrescar a água, e que ficara encharcada com a chuva. Como não é possível arranjar outra, tenho de beber, daí em diante, diretamente a água do rio. Já havia mesmo dois mêses que eu não fervia a água. Era sempre pura e clara, mas muitas vêzes bem quente (até 29.° C); não me fêz mal a mim, nem aos camaradas.

Para o almôço, arribamos à aldeia número 19; o cacique Alfredo está outra vez ausente. Encontramos, porém, muitas mulheres e crianças. Numa casa, várias mulheres estão trançando, em conjunto, esteiras enormes. Nas pontas de seus dedos observam-se profundos sulcos calosos, provenientes do trabalho, que fazem com grande rapidez. Posso comprar logo duas esteiras, a terceira estará acabada dentro em pouco; pretendo usá-las, como abrigo contra a chuva, para os camaradas. Fico sentado junto das mulheres até concluírem o trabalho. Converso bem com elas, que são bastante alegres (prancha 42, fig. 1). Uma menina, de belos olhos castanhos, como as têm as índias, levanta-se, tira do telhado um pequeno papagaio verde, coloca-o sôbre a mão esquerda e oferece-lhe com a direita uma pequena concha com água para beber. Uma cena encantadora. Pedro tem parentes na aldeia; está sentado com êles a conversar. Comprou aquí enorme quantidade de sementes de urucú; afirma-se não existir acima do Tapirapé essa qualidade especial e muito apreciada. Um pouco afastado, vê-se um homem a dar ao pequeno filho instruções no manejo de arco e flecha. Toma um anel trançado de imbira, rolando-o sôbre o chão em direção do menino, que espera a 10m de distância; quando o anel está a 2 m, o pequeno atira, acertando já com a terceira flechada.

Partimos ao meio-dia. À tarde passamos pelo lugar em que na ida se encontrava a aldeia dos caciques Cyriaki e Cadete. Não resta nada da povoação; os moradores parecem ter saído há muito tempo. À noite, no momento, em que nos queremos deitar, arriba à praia uma canoa; é Alfredo que se aproxima da fogueira. Soube que pretendo visitar os Tapirapé, e oferece-se como camarada. Não tenho muita vontade de o aceitar, porquê me parece do tipo de Walatá. Negociamos demoradamente. Como menciono as difi-

culdades provenientes de rixa, afirma que cortaria o cabelo, vestiria um traje e encobriria o tatuagem do rosto, ficando assim com a aparência de um cristão. Fala bem o português, pois foi educado no extinto Colégio Isabel. Como é possível que me possa prestar uma série de boas informações durante a viagem, aceito-o finalmente. Tem de arranjar ainda várias coisas na aldeia, e pretende alcançar-nos na noite seguinte junto à barra do Tapirapé. Depois de receber uma faquinha e um pouco de tabaco para a sua mulher, êle se vai embora. Não o vi nunca mais; parece-me que viera apenas para receber os presentes.

No dia seguinte, 22 de agôsto, ao meio-dia, apontam novamente montanhas, e pelas três horas arribamos finalmente à praia recém-formada diante da embocadura do Tapirapé, para onde foi transferida agora a aldeia karajá. Armamos depressa o acampamento. Em grande número aparecem os índios, cumprimentando-nos satisfeitos. Todos estão mais gordos; têm uma aparência de muito bem nutridos; de tão robusto que ficou, mal reconheço o pequeno rapaz pintado de preto.

Quero aquí dividir a expedição. A canoa maior, com mais de um palmo de calado, não se presta para a navegação do Tapirapé. Além disso, não me quero sobrecarregar com o material etnográfico recolhido até agora. O cozinheiro é muito medroso para essa viagem; a Manuel, que está doente, também não posso levar; que conduzam, pois, a canoa grande a Leopoldina. Carregámo-la logo com a coleção etnográfica e todos os objetos desnecessários. Faço o pagamento a Pedro. Prestou bons serviços, pelo que recebe o comando da canoa; assim a remuneração é bastante grande. Está radiante e promete desempenhar bem o seu cargo; posso depositar nêle tôda confiança. O cozinheiro se encarrega do timão, e Manuel que fique sentado sôbre o carregamento, podendo achicar quando necessário. Parece-me que os três, quando sòzinhos, também não hão de brigar. Dou a Pedro licença de levar, se fôr preciso, mais um índio como remador. Poderá pagar-lhe, que depois o indenizarei. Levam víveres para duas semanas, e assim poderão chegar até São José. Aí o cozinheiro poderá comprar novas provisões. Partem no dia 24, às 9 1/2 horas da manhã; embora levem tôda a coleção, as cópias de tôdas as anotações, etc., não tenho nenhum receio; com Pedro está tudo bem seguro.

Na manhã do dia 23 reina grande excitação na aldeia: avistou-se uma canoa enorme, que vem descendo o rio. Enquanto se aproxima, acenamos, e a embarcação arriba à praia. E' Guedes com sua família, em viagem para Conceição. Dez remeiros movem o navio, de costados altos, e que tem um camarote com dois

quartos. Estou satisfeito por encontrá-lo ainda, pois já recebera a notícia de que havia de chegar. Amàvelmente êle me cede toicinho e açúcar, que já estão ficando escassos. Por fim, entrega-me ainda uma carta a Paez Leme, com a ordem de deixar guardar a minha bagagem no seu galpão. Além dessa missiva e outra escrita por mim, Pedro leva algumas cartas para Leipzig. Depois de hora e meia, Guedes segue adiante; não tornei a vê-lo. Pude, pois, completar ainda as minhas provisões; felizmente os camaradas pegam, além disso, um pirarurú, de 2 1/2m de comprido, que, salgado e sêco, aumenta as minhas reservas em carne.

Na baldeação da bagagem verificamos que preciso de mais uma canoa. À noite realiza-se uma grande feira: trazem umas 10 ou 12 canoas. Escolho a que me parece melhor; descubro, na outra manhã, que a embarcação tem uma fenda comprida barrada com cera; não me serve, pois. Sem contradição, o dono a troca por outra, mais nova, embora menos firme. Faltam-me agora dois homens como tripulação; queira ou não preciso aventurar-me a levar índios Karajá, a-pesar-da inimizade com os Tapirapé. Dentre os muitos que se oferecem, escolho dois rapazes fortes que afirmam ter estado já entre os Tapirapé. Um dêles, Pedro II, fala português; o outro Carpim, apenas o karajá. Pedro II, muito nervoso, fala constantemente e com viva gesticulação; é um verdadeiro orador popular. O outro tem uma fleugma admirável; fica sempre mais gordo e pachorrento. Não me prestaram serviços muito bons; os dois ficaram com mêdo (quando saímos de seu território, e nenhum dêles podia ser aproveitado como guia; não tinham tão pouco muita habilidade no flechar peixes, além do que costumavam sempre caçar apenas um ou dois, enquanto precisávamos do triplo, mais ou menos. Serviram quase só como remeiros, e causaram-me muitos dissabores.

8. *Exploração do Rio Tapirapé*

Estava previsto no meu programa um avanço do Araguaia para oeste, isto é, para o território que medeia entre o Araguaia e o Xingú. Caso fôssem favoráveis as circunstâncias, esperava encontrar ligações com as culturas do Xingú. O Rio Tapirapé parecia ser o caminho mais viável. Constava ser habitado no seu curso inferior pela rica tribu dos Tapirapé, que se dizia manter relações comerciais pacíficas com os Karajá. Eu planejara, por isso, visitar os Tapirapé acompanhado por índios Karajá, e, depois de estudá-los, avançar eventualmente mais para oeste [illegible] êles ou com outros habitantes do rio.

Durante a minha viagem pelo Araguaia, verifiquei, porém, que a situação não era absolutamente favorável como mo haviam feito acreditar antigos relatórios. As informações colhidas entre os Karajá mostraram que êles não conheciam as tribus do Xingú, nem tribus intermediárias por ventura existentes. Diziam ser o Tapirapé habitado apenas pela tribu de igual nome, e que para visitá-los, era preciso viajar nove dias rio-acima, e mais outro, a pé, do rio para o interior. Além disso, as duas tribus viviam agora em inimizade, porquanto os Tapirapé haviam descoberto que os Karajá aproveitavam os encontros comerciais junto ao rio para lhes raptarem mulheres e crianças. Na ocasião seguinte, havia uns seis anos, os Karajá tinham regressado com as cabeças ensangüentadas, tendo-lhes faltado, desde então, a coragem para avançarem até ao ponto em que se faziam as transações. Ignoravam o paradeiro atual dos Tapirapé, mas desejavam vivamente reencetar as relações com essa tribu tão rica, mostrando-se muito interessados ao saberem do meu intento de visitar os Tapirapé. Como já disse acima, a necessidade de levar mais uma canoa por causa da bagagem me obrigou a levar dois Karajá. Se as circunstâncias o exigissem, eu os deixaria num acampamento estacionário. A despeito dessa situação favorável, resolví contudo empreender o avanço. O estudo dos Tapirapé, que os exploradores antigos, apesar-de boas oportunidades, deixaram sempre de lado, devia ser tentado finalmente; talvez eu lograria encontrar êsses selvícolas.

Em 24 de agôsto, às 10 horas, iniciei a subida do Tapirapé. A embocadura do rio consiste num enorme funil formado por dois braços, que se bifurcam muito acima. Todo êsse funil está repleto duma infinidade de ilhas; antigos braços fluviais, lagos e brejos repartem o terreno em inúmeras partículas. Com uma largura irregular, ora de 200, de 100 ou mesmo de 30 a 50m, a corrente pròpriamente dita serpeia por êsse labirinto. Sem guias que o conheçam, é quase impossível atravessá-lo sem considerável perda de tempo. Parece tratar-se de vasto território de aluvião. As margens do rio, que sobem oblìquamente, não ultrapassam a altura de uns 3 ou 4m; os sinais que indicam as diferentes alturas do nível do rio alcançam os pontos mais elevados das margens, mostrando que na estação chuvosa fica inundado todo o território. As margens estão cobertas de viçosa mata alagadiça: árvores esbeltas, de troncos alvacentos, elevam as suas copas, de ramificação bizarra, acima da vegetação restante (prancha 27, fig. 1); longos cipós caem em bastas madeixas sôbre a água (prancha 27, fig. 2); brenhas densas e cheirosas de goiabeiras banham no rio, junto às curvas, os seus ramos esbeltos. As margens aí são muito mais

bonitas do que no Araguaia. Talvez seja uma conseqüência da pequena largura do rio, que realça melhor os pormenores das beiras, ao passo que a enorme largura do Araguaia faz aparecer as margens dêsse rio como simples orlas baixas e de um escuro uniforme. Eram poucas as praias arenosas na parte inferior do Tapirapé. Alegramo-nos por isso, quando à tarde topamos com uma praia pequena em que podíamos pernoitar cômodamente. E' um recanto bonito êste; o rio, que aquí tem uma largura de 50m, dá voltas tão acentuadas que se pode vê-lo apenas por um trecho bem curto. Em tôrno, uma floresta virgem bem alta. Desce a noite; os jacarés nadam vagarosamente numa e noutra direção. Num grande anzol os camaradas prendem uma vara transversal com uma piranha como isca. O primeiro jacaré não tarda a morder; puxam-no para a praia, rachando-lhe a cabeça a machado. Daí por diante a caça de jacarés se vai transformando em esporte; é a única distração durante as noites em que os mosquitos não deixam ninguém dormir. Está completamente escuro; os camaradas, sentados ao pé da fogueira, conversam e tomam café. Satisfeito com o ótimo jantar preparado por Joaquim, o novo cozinheiro, estou deitado na areia, diante da barraca, tendo ao lado café e biscoitos e enxotando os mosquitos sobremodo numerosos e agressivos. Tudo está tranqùilo; apenas as rãs e as cigarras formam um côro de mil vozes. Súbito, ouvem-se leves remadas; percebem-se vozes humanas ao longe, e daí a pouco, bem perto de nós, alguém grita receoso: "Oh! quanta gente". Em voz alta, a notícia é logo transmitida para a retaguarda, de onde respondem tìmidamente. Com certeza os selvícolas que vêm descendo o rio têm grande mêdo de nós. Levantamos-nos todos e corremos à beira do rio, mas não enxergamos ninguém. Pela língua reconheço tratar-se de Karajá; eu mesmo fôra informado de que no Tapirapé se encontravam Karajá caçando tartarugas. Dirijo-me, por isso, a êles; grito na escuridão imitando o tom que lhes é peculiar e misturando karajá com português: "*karadjakjú, manakrekjú, aquí dotorekjú*" (Karajá, venham cá; aquí está o doutor). Um grito de júbilo e redenção: "*. dotorekjú, dotorekjú*", e com rápidas remadas arribam à praia cinco grandes canoas. Grande número de índios salta sôbre a areia; é o cacique João, da aldeia 20, com os seus homens. Conversamos animadamente. Entre êles está o pai de Antônio; tenho de repetir-lhe uma infinidade de vêzes que seu filho regressou são à aldeia, e enumerar sempre de novo os objetos que lhe dei. Está feliz e bate-me sempre nos ombros, dizendo: "aí bom, aí bom". Dou-lhes um pouco de tabaco, merecendo assim tôda a sua confiança. Informam-me acêrca do rio: é muito piscoso; viajando-se dois dias

para cima, chega-se a um trecho totalmente areado, por onde não poderei passar com as minhas canoas. São más expectativas, mas espero que a realidade não chegue a tanto. Após curta demora, partem novamente; por longo tempo, ouvímo-los ainda tagarelando, chamando e rindo na noite tranqüila.

No dia seguinte acabamos de vencer a região da embocadura, entrando na corrente pròpriamente dita. A paìsagem era igual à do Araguaia. O leito do rio corta o largo vale do Araguaia, vindo do oeste, com uma grande volta para o sul. Em vários pontos, o rio se aproxima das ribanceiras, que aí alcançam às vêzes uma altura de 8m, revestidas geralmente de vegetação campestre ou brenhas espêssas, das quais emergem as copas de numerosas palmeiras. A sua largura aí varia entre uns 100 a 150 m. As águas correm num leito reto e profundo, onde as embocaduras de lagoas marginais abrem esplêndidos panoramas de mata vigem. Em outros pontos, a corrente, estreitando-se, atravessa, em voltas quase fechadas, as matas alagadiças da região. Em tôda parte, acompanham-na esteiros mortos e lagoas compridas. Na proximidade das lagoas, o rio tem um aspecto singular. Depois de subirmos um trecho longo e reto da corrente fluvial, abre-se súbito à direita a mata ribeirinha, e uma barreira arenosa atravessa obliquamente uma abertura da margem que lembra uma lagoa. Examinando melhor, verificamos que a parte profunda, à nossa frente, é uma lagoa enorme (prancha 27 fig. 3), ao passo que o rio vem da direita, estreito e pouco profundo, por sôbre a barra de areia (prancha 27, fig. 4). Serpeia ao longo do lago em curvas acentuadas, atravessado por muitos bancos de areia e, mais a montante, barrado ainda com árvores caídas. Acima do lago, volta à largura e profundidade anterior (fig. 4). Tem-se a impressão de que na estação chuvosa o rio passa pelas lagoas, cuja abertura superior se fecha na estiagem, tendo então as águas apenas curso subterrâneo, de modo que é pouca a que corre no leito pròpriamente dito. Examinei várias lagoas, encontrando na extremidade superior regos que comunicavam com o rio, a montante, ora através de outras lagoas, ora diretamente. Nas partes em que havia várias lagoas como

Fig. 4
Trechos secos do leito fluvial, ao lado e abaixo de lagoas. Rio Tapirapé

que ensartadas à maneira de missangas, dos dois lados do rio, êste ficava sêco por uma extensão de quilômetros, sendo difícil a travessia. Na embocadura dos lagos devia-se desembarcar quase sempre junto à barra; as canoas eram então empurradas através de canais aprofundados com o remo. Sendo muito alto o obstáculo, as canoas deviam ser descarregadas; os caixotes e os sacos eram transportados pelos camaradas a um banco de areia, onde a água começasse a ser mais profunda, e em seguida se arrastavam até lá as canoas aliviadas. Freqüentemente êsses trechos nos deram muitas horas de trabalho, obrigando-nos, várias vêzes, a interromper precocemente a nossa jornada.

À medida que subíamos, iam-se tornando sempre mais largas as praias arenosas que acompanhavam as curvas do rio nas duas margens, chegando finalmente a ocupar a metade da largura total do leito. Aí as canoas deviam passar por canais estreitos e muitas vêzes pouco profundos. Num trecho longo e reto do rio havia dois pontos sobremodo singulares. A areia estava depositada no meio da corrente em bancos transversais e paralelos, de uns 10m de largura cada um, e com 20 30m de intervalos. Sôbre os que ficavam mais a jusante ainda se podiam empurrar as canoas com facilidade; mais a montante, porém, êles emergiam demasiadamente da água; era necessário então dar volta a êles, navegando em estreitos canais laterais, ora à margem esquerda, ora à direita, de maneira que era preciso cruzar constantemente o rio.

Foi em 28 de agôsto, ao meio-dia, que deparamos o primeiro trecho sêco de considerável extensão. À frente divisamos no meio do rio, uma pequena ilha verde com estreito banco de areia à esquerda. Aos dois lados estendiam-se águas largas, como se fôsse o ponto de reünião de dois braços fluviais. Aproximando-nos, verificamos, no entanto, tratar-se apenas de duas gigantescas lagoas. O rio vinha por entre elas, desembocando, muito raso e com uma largura de 20m, entre a ilha e o banco de areia. Com meia hora de trabalho vencemos a barra. Logo além, havia, no rio sinuoso, um longo trecho sêco, que, obrigando-nos a descarregar as canoas, nos tomou duas horas de tempo. Ao anoitecer demos com a primeira árvore caída que barrava o rio; seguiam-se outras, e vimo-nos forçados a acampar antes do tempo, para remover êsses obstáculos. Com moroso trabalho cortaram-se as árvores a machado para obtermos pelo menos uma estreita passagem. Foi um trabalho bem desagradável: os camaradas, uns em pé sôbre a árvore, outros dentro da água, iam desferindo as suas machadadas no obstáculos, até cortarem finalmente a dura madeira das árvores gigantescas. À medida que subíamos o rio, iam ficando mais freqüentes essas árvores caídas que impediam a passagem. En-

contrámo-las geralmente nos pontos em que o rio serpeava estreito entre bancos de areia, e davam-nos então muitas horas de trabalho. Tivemos de cortar, ao todo, mais de cem dessas árvores (pracha 28, fig. 1). Mais adiante, demos também com árvores caídas sob as quais pudemos passar com as canoas, e outras, elásticas, em que os camaradas subiam, fazendo-as descer na água com o pêso de seu corpo, e empurrando ràpidamente a canoa para o outro lado. Em muitos casos bastava remover alguns arbustos espessos com o facão afim de se conseguir modesta passagem debaixo da árvore que ficava acima do nível da água. Um dêsses obstáculos era tal que tivemos de acampar já à uma hora da tarde. Foi em 29 de agôsto, no sexto dia dessa excursão. Por longo tempo subíramos o rio, que corria, em linha reta, entre barrancos elevados; nenhum banco de areia pertubara o largo espêlho das águas . Súbito, uma curva de 90.° para a direita; o rio vinha aí bem estreito, e travado por três gigantescas árvores, paralelas entre si, caídas, da mata alagadiça defronte, sôbre pequena praia arenosa situada no vértice da curva (fig. 5). Após hora e meia de trabalho, foi possível empurrar as canoas por entre os obstáculos. Pouco adiante, um trecho de cêrca de 1 km. de águas rasas. Como além dêsse trecho não se visse nenhuma praia, não havia outra solução senão acampar aí mesmo. E' um lugar idílico, um verdadeiro "recanto perdido". À esquerda, o barranco elevado, com palmeiras, árvores altas e brenha espêssa; defronte, o rio estreito, correndo à direita, com pouca profundidade, entre mata alagadiça, e atravessado por três árvores à maneira de pontes. Temos pouco espaço; a tenda, os lugares onde dormem os camaradas, a cozinha, tudo está bem junto. Anoitece. A-pesar-da minha proibição, um Karajá passou, às escondidas, para o barranco da outra margem, acendendo o campo. E' um espetáculo maravilhoso: na brenha espêssa sobem as chamas, banhando em luz cambiante as altas palmeiras e árvores folhudas; a fumaça se eleva em colunas densas de côr amarela e vermelha. Debaixo do mosquiteiro, observo tranqüilamente a cena, enquanto os camaradas, como nas noites anteriores, não podem dormir por causa dos mosquitos.

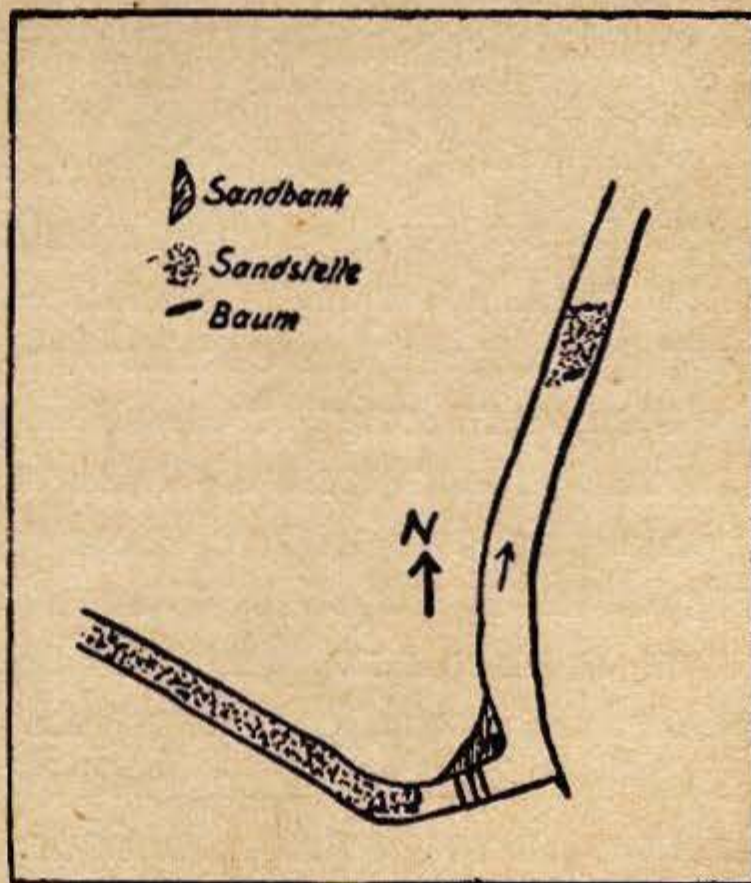



Fig. 5

Esbôço cartográfico do "recanto perdido". Rio Tapirapé

NOS SERTÕES DO BRASIL

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

8 — *Exploração do Rio Tapirapé*

(Continuação)

O dia seguinte nos trouxe árduo trabalho; foi o peor de todos. Logo de manhã tivemos de vencer o trecho raso de 1 km, e, a seguir, muitas árvores caídas de tôda sorte. À tarde, chegamos à confluência de dois riozinhos. O esquerdo, de uns 10 a 15 m. de largura, estava totalmente sêco, de modo que não se podia navegá-lo; seguí-o a pé por cêrca de 2 km. verificando ser impossível a passagem. O braço direito tinha uma largura de 5 m. apenas, era muito fundo e estava completamente barrado por árvores. Os Karajá recusam-se a seguir adiante. Entretanto não é possível deixá-los aquí; nem tão pouco posso mandá-los embora com minha canoa. Com ameaças consigo quebrar a resistência. Coloco-os no meio dos outros, obrigando-os assim a ir conosco. O índio é, afinal, cobarde por natureza. A muito custo, cortam-se as cerradas barreiras de árvores; durante êste trabalho, cai grande quantidade de formigas nas canoas, tornando ainda mais fastidiosa a passagem por aquêles obstáculos. Pouco acima, o rio se alarga repentinamente como que para formar uma lagoa, e logo adiante torna a estreitar-se num ponto travado totalmente por espêssa brenha. Estávamos no meio dêsses arbustos quando

anoiteceu; acampamos num pequeno prado junto à margem. Nesse dia avançamos apenas 11,5 km ao todo; por 2 km empurramos a canoa, e removemos quatro grandes barreiras de árvores.

Até aquí havíamos topado ainda com vestígios dos índios Karajá. Deparamos com embocadura de lagoas fechadas com varas grossas, em que, tempos atrás, haviam fixado rêdes para impedir a passagem dos peixes. Sôbre as praias, viam-se essas rêdes, aquí e acolá, enroladas em forma de grandes fardos; examinei uma delas: media 150 m de comprimento e 6 m de largura. Em tôda parte, deparávamos, nas praias, com vestígios de acampamentos, com restos de fogueiras, com gaiolas para tartarugas, consistindo em alguns ramos arqueados e ligados entre si (fig. 6), com trempes para grelhar tartarugas, formadas de três estacas curtas fincadas verticalmente na areia e sôbre as quais se colocam as tartarugas com o dorso para baixo. À medida que subíamos o rio, iam rareando êsses sinais; encontramos os últimos na manhã do dia 1.º de setembro.

Fig. 6
Esbôço cartográfico da lagoa piscosa do Rio Tapirapé

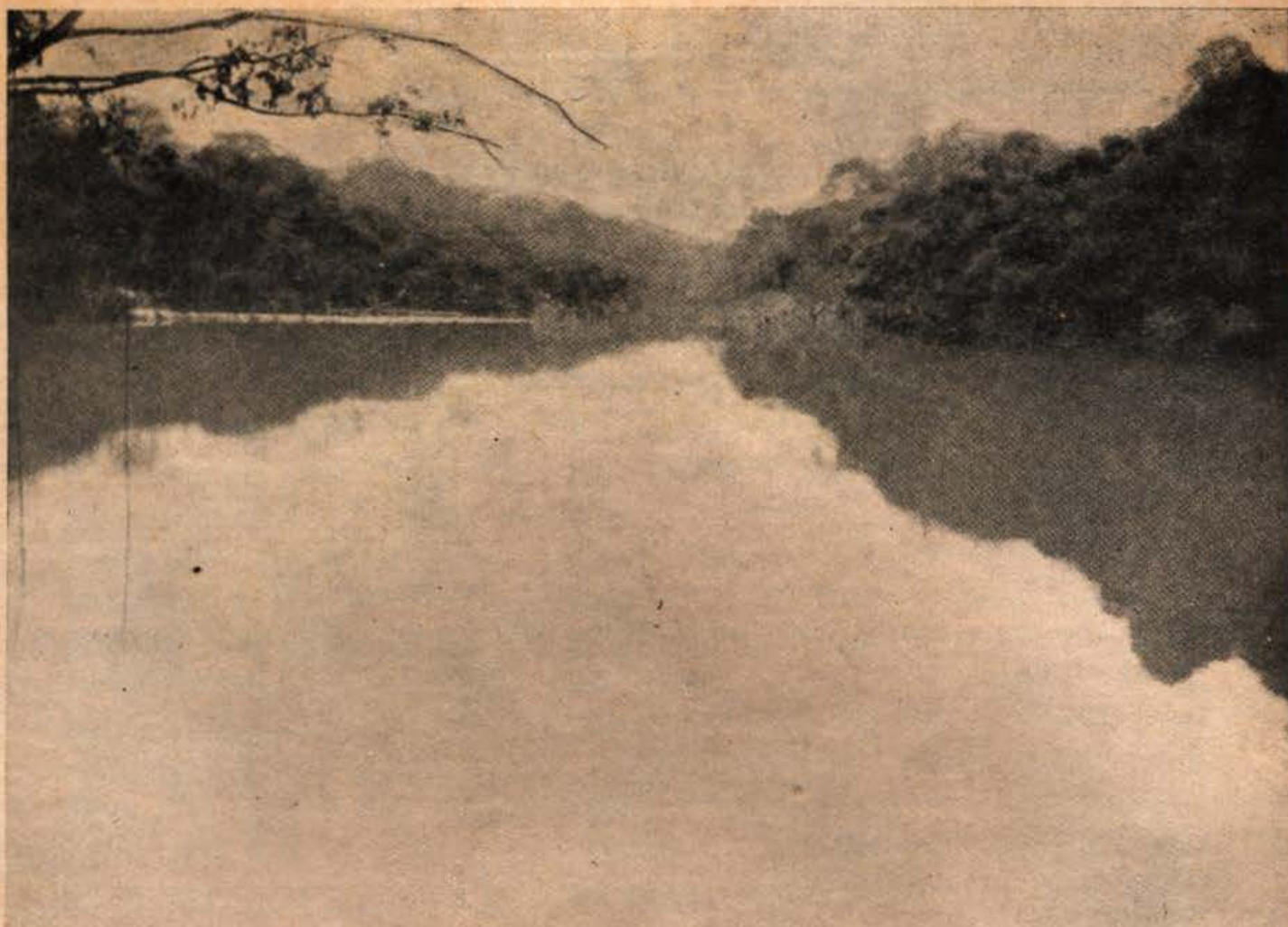
Ao anoitecer dêste dia arribamos a uma praia alta, defronte duma elevada barreira. Pedro corre depressa para a parte mais alta da praia, para onde nos chama com acenos; dentro em pouco, estamos ao lado dêle. Bem longe, na direção do nordeste, além do campo alto, êle nos mostra uma extensa serra azul. Informa-nos de que alí moram os Tapirapé; é de dois dias a viagem até lá. Pedro olha saùdoso para longe, a mão esquerda apoiada no varejão da canoa, com a direita apontando para a serra, e falando ininterruptamente e a seu modo apressado, ou empurrando nervoso, com a língua, o botoque para fora e para dentro. Sim Pedro, eram belos os tempos em que os Tapirapé ainda vinham ao rio para fazer negócios com vocês. Êles, que vendiam muitas cobertas com bonitos desenhos, milho, mandiocas, botoques de cristal de rocha, arcos, araras e tantas outras coisas, possuíam tudo em superabundância. E vocês lhes davam em troca as velhas facas de ferro, que já não serviam para nada, e por fim lhes raptavam ainda às escondidas, as mulheres e as crianças. Chegou o fim dêsses bons tempos, quando

algumas mulheres fugiram, levando para casa a notícia de que vocês eram raptores. E no encontro seguinte houve cabeças ensangüentadas, e três Karajá sucumbiram. Agora é perigoso viajar para essas paragens; nenhum Karajá se pode aventurar a isso. E os Tapirapé também não se apresentam mais. Para onde foram ?

Damos uma volta pelo campo. Numa elevação, um grande rochedo; ao lado dêle, uma panela; além disso, não se vê nenhum sinal, nenhum caminho. Subo numa árvore: é campo tudo o que se pode abranger com a vista. Diante da serra, completamente revestida de mato, estende-se uma baixada, igualmente coberta de selvas; é provável que aí haja água. Pelo que se observa na mata marginal do rio, êste contorna o campo em forma de grande arco; parece sair da baixada. Que fazer ? No caminho pelo campo afirma-se não haver nenhuma água; seria, pois, certamente muito penosa a travessia. Se eu conseguir avançar pelo rio até à baixada, me aproximarei mais cômodamente dos índios, com tôda a minha bagagem, do que se agora partir a pé, e ao acaso, levando apenas o mais necessário. Possìvelmente encontraremos também mais a montante vestígios dos Tapirapé. Resolvo, por isso, prosseguir a subida do rio.

Na manhã de 3 de setembro chegamos ao ponto em que o rio faz a curva decisiva de sudoeste, direção que até aquí seguiu, para noroeste. Vamo-nos aproximando da serra. O Tapirapé corre em largo leito rochoso, interrompido aquí e acolá por pequenas barreiras de canga. À tarde, alcançamos um trecho areado do rio, que representa o limite do território dos Karajá. Perto de dois restos de fogueiras, achamos, na margem do rio, alguns cacos de panela à sombra duma árvore em cujo tronco se observam doze talhos a machado; indicam o tempo que os Karajá aquí passaram para pegar tartarugas. No mesmo tronco vêem-se os sinais de dois tiros, um Karajá descarregou, há tempos, a sua espingarda. Até êste ponto os Karajá costumavam outrora estender as suas excursões de caça; sabem, porém, que a montante se encontra uma queda de águas. Naturalmente os dois Karajá tinham, daí por diante, um medo extraordinário, porquanto entrávamos em território inimigo. Pararam com seus risos e cantos alegres, remando tímidos e lacônicos a sua canoa, e espiando inquietos para todos os lados. Pouco adiante, topamos com um banco rochoso de 1 1/2 m. de altura, que fechava o leito do rio e do qual as águas se despenhavam verticalmente divididas em dois jactos. Abaixo da queda de água, todo o leito está barrado por blocos de pedra, de modo que a passagem é bem difícil. Foi necessário descarregar as canoas. Na mata, derruba-

ram-se árvores sêcas; uma delas foi colocada transversalmente na parte baixa, as outras em sentido longitudinal, de modo que as extremidades superiores ficavam sôbre a aresta das rochas, e as inferiores debaixo da árvore transversal. Esta, que só se apoiava no leito do rio com uma das extremidades, cedia ao pêso das canoas, que assim podiam ser empurradas com facilidade; o empuxo das águas levantava-as por si mesmo, e sem grande esfôrço eram então impelidas por sôbre a aresta, atrás da qual ganhavam água profunda. Já depois de duas horas, as canoas estavam tôdas em cima, sem acidente; podíamos prosseguir a jornada (prancha 28, fig. 2).

No dia seguinte, 4 de setembro, ao meio-dia, deparamos, numa praia arenosa situada na extremidade inferior de um longo trecho areado, os primeiros rastos de índios estranhos. Conforme a opinião dos Karajá, eram de uma semana, mais ou menos. Quando voltei do exame do lugar — eu caminhava sempre por todo o trecho sêco, para ver qual a passagem melhor — recusaram-se os camaradas de Conceição a ir mais adiante, alegando ser "muito arriscado". Procuro tranqùilizá-los, dizendo não haver perigo algum; e que, quanto maior o nosso número, mais fàcilmente passaríamos. Pergunto por que me acompanharam até aquí, se sabiam que o meu intento era procurar índios desconhecidos; lembro-lhes o seu compromisso de me acompanharem em tôda parte. Nada sabiam replicar a isso, mas insistiram na sua recusa. Mandei, por isso, que armassem um acampamento estacionário; que ficassem aquí, enquanto eu iria adiante em companhia de Adam e de Antônio, do qual tinha certeza que não me deixaria. Desmoitado o mato, descarregamos as canoas, puxando-as sôbre a areia, e abrigando a bagagem nas barracas armadas na praia. Com muito trabalho, preparamos a continuação da viagem, carregando a canoa pequena com provisões, artigos de permuta, instrumentos e roupa, tudo arrumado em fardos portáteis. Ao anoitecer já estávamos prontos. Na manhã seguinte havia ainda muita coisa a arranjar. Ao mais velho dos camaradas entreguei o comando, além de uma carta ao sr. Oeckinghaus e instruções sôbre o transporte dos objetos para o caso de não regressarmos dentro de 15 dias. Após o almôço, pomo-nos a caminho; os camaradas ajudam-nos na passagem pelo trecho sêco; daí em diante viajamos sòzinhos. Antônio recebe o timão; é o único que sabe governar a canoa com o remo sôlto. Adam fica na dianteira da canoa, e eu no centro. Empurrâmo-la com auxílio dos varejões; nos lugares em que a água é muito profunda, é preciso remar. Vamos bastante bem assim, embora o trabalho, a que não estou

1. Lagoa, junto ao Rio Tapirapé, barrada por uma cêrca. Fotografia tomada da extremidade da lagoa.

2. Grelhas dos Tapirapé no mato.

habituado, me canse deveras; sobretudo porquê tenho de fazer concomitantemente o levantamento do rio. Vencemos outro grande trecho sêco, e depois avançamos sem nenhuma dificuldade. Aumentam os sinais dos índios; em tôda parte vêem-se, na areia, os seus rastos, além de ramos quebrados e restos de fogueiras na margem do rio. Às duas horas da tarde aponta uma lagoa, fechada por alta cêrca de fôlhas verdes. O rio vem da direita, separado da lagoa por um banco de areia (prancha 29, fig. 1). Não se vê pessoa alguma. Flechas, esqueletos e ossos de peixes, cipós venenosos para pescar, e outros objetos estão espalhados sôbre o banco de areia; o chão está todo pisado por homens e por cães. Na lagoa está uma balsa de troncos de árvore; os índios certamente não possuíam canoas para recolher os peixes envenenados à superfície da água. Na margem meridional do rio há um caminho que sobe para o mato; foi aí que buscaram a madeira para a construção da cêrca (fig. 7). Na margem setentrional divisa-se outra entrada para o mato, que leva a uma grande clareira. Aí estão levantadas, junto às árvores, 26 enormes grelhas, umas retangulares e outras triangulares, algumas medindo até 2 m. de comprimento (prancha 29, fig. 2). As traves foram trabalhadas com machados de pedras, e os ramos cortados com facas de ferro. O ferro dos europeus, portanto, já penetrou até essas paragens, onde ainda não pisou nenhum branco. Deve ter sido um grupo muito numeroso o que esteve aqui, e o resultado da pesca parece ter sido muito bom. Por tôda parte, encontram-se espalhadas no chão cestas de carregar e peque-

Fig. 7

Gaiolas para tartarugas; índios Karajá. Rio Tapirapé. (Desenho feito segundo fotografia)

nas bôlsas. Nas árvores estão penduradas espigas de milho. Não se vêem vestígios de camas; dormem em rêdes? É certo que os peixes foram aquí assados e depois transportados para outra parte. Mas para onde? Pelo mato afora segue outro caminho para o campo, e daí para a serra longínqua. A aldeia parece, pois, ficar bem longe daquí. O mais acertado será certamente examinar primeiro o rio, para ver se encontro ainda outros vestígios; como parece nascer diante da serra, contornando o campo, é bem possível que eu encontre os índios no curso superior, a não ser que se tenham retirado para outro rio ou lagoa que não conheço.

No dia seguinte continuamos a viagem fluvial. Longos trechos secos do rio, que nos obrigam muitas vêzes a descarregar a canoa, e obstáculos formados por arbustos e por árvores, alternam-se constantemente com trechos largos e desembaraçados. Muitas lagoas, na maioria barradas por restos de antigas cêrcas, acompanham o curso do rio. Em 7 de setembro, antes do meio-dia, encontramos outro lugar em que se assaram peixes; está situado na mesma margem do rio. As grelhas dão a impressão de serem velhas; algumas traves, entretanto, foram substituídas há bem pouco tempo. Também daquí parte um caminho para o campo, na direção da serra. Um enorme trecho sêco do rio, barrado por árvores e arbustos, e tendo uma extensão de vários quilômetros, leva-nos à decisão de prosseguirmos a pé. Ràpidamente preparamos algumas mochilas, enchendo-as com os objetos mais necessários, pomos a espingarda a tira-colo, cobrimos a canoa, amarrando-a a uma árvore no meio do rio, e vamos adiante, pelo leito fluvial sêco. Depois de uma marcha de 3/4 de hora chegamos naturalmente ao fim do trecho sêco, tendo à nossa frente o rio largo e profundo. Penetramos a mata marginal, subindo finalmente um barranco, e à noite estamos outra vez junto do rio, no campo elevado. Tudo o que a vista abrange é campo. Interrompe-o apenas a mata marginal, que se estende à nossa esquerda. Mas não se vê nenhum caminho; em que direção devemos prosseguir? A marcha pelo campo ínvio é extraordinàriamente cansativa, e o rio parece ser muito bom para navegar. Resolvo, por isso, tentar novamente o avanço pelo rio. Na outra manhã voltamos; pelas 9 horas alcançamos a canoa. À 1 hora e 3/4 chegamos, após indigentes dificuldades, ao outro lado do trecho sêco. Continuamos agora ràpidamente sôbre o rio largo e profundo, entre margens íngremes e elevadas. Um delfim brinca aquí na água! Na manhã seguinte, 9 de setembro, entramos na região florestal; o rio vem da esquerda, correndo junto de uma lagoa; é estreito, tendo uns 10 m. de largura, e profundo, mas completamente barrado por

árvores. A água é muito fria, sinal de que já penetramos nas matas da nascente. Espêssa floresta virgem acompanha as duas margens. Procuramos, todavia, ir avante. Vai-se aumentando o número de obstáculos formados por árvores caídas, e além disso tornam a aparecer, de vez em quando, esparsos trechos alagados de areia; avançamos bem devagar, passando debaixo das árvores ou entre os arbustos. Trabalhamos com machado e facão; temos de descarregar e empurrar constantemente a canoa. Afinal as dificuldades aumentam de tal modo que levamos 2 horas e meia para um avanço de 400 m. Além disso, o rio faz voltas verdadeiramente incríveis. Saio para explorar a região, adiantando-me, com dificuldade, de uma árvore para outra; o rio faz curva enorme e está completamente barrado por árvores. À direita transparece pela ramagem alguma coisa clara; é uma pista de animais. Sigo-a, e, mal percorridos 30 m. encontro-me outra vez à margem do rio. Também aquí a passagem está totalmente barrada por árvores, e com tôda a curva enorme, de 1 1/2 km, avançaríamos apenas 30 m. ! E para passar por aquí seriam precisos vários dias. Foi ao meio-dia da véspera que encontramos os últimos vestígios de índios; desde então não deparamos com nenhum sinal de sêres humanos. Embora muito a contragôsto, resolvo, por isso, regressar ao acampamento estacionário, para então seguir através do campo, pelo caminho que parte do ponto em que encontramos as primeiras grelhas. Subimos o rio por uma extensão de 240 km., avançando assim cêrca de 140 km para oeste; vencemos, pois, aproximadamente a metade da distância entre o Araguaia e o Xingú. Mas com que dificuldades ! Por nada menos de 13 km. puxamos canoas sôbre trechos rasos e bancos de areia. A última parte, que nós três fizemos sòzinhos, foi de 32 km; dêstes, a canoa teve de ser empurrada sôbre a areia por 6 km ao todo. Freqüentemente devíamos descarregá-la seis vêzes por dia; foi uma viagem penosa.

Não foram menos consideráveis as dificuldades da volta, com a diferença apenas de não ser necessário cortar troncos de árvores, porquanto as águas estavam agora, por assim dizer, livres dêsses obstáculos (prancha 28, fig. 3). Prosseguimos bastante depressa. A nossa alimentação limitava-se a sopas e a peixe. Foram, por isso, verdadeira salvação as primeiras ninhadas de ovos de tartaruga que encontramos; cada uma nos fornecia quase 160 ovos. Constituíam agradável enriquecimento da nossa cozinha; comíamos os ovos em parte crus, e em parte cozidos e depois assados na cinza; preparados desta maneira, podiam ser levados como provisões e substituíam o pão. A nossa vida em geral era quase totalmente indígena. De noite dormíamos nas praias, à maneira dos Karajá:

como leito, abria-se na areia um cavidade alongada, cobrindo-a com uma esteira de dormir dos Karajá. A cabeça ficava sôbre o bordo da cavidade, tendo assim apôio suficiente. O resto da esteira servia de cobertor. Como único luxo, conservei o mosquiteiro, que armei sôbre a cama. Era necessário, porquanto os mosquitos revoavam em enormes nuvens sôbre as praias arenosas.

Ao anoitecer do dia 11 de setembro alcançamos novamente a lagoa; junto ao trecho sêco encontramos, na manhã seguinte, dois camaradas a pescar; ajudam-nos a levar adiante a canoa. Daí a pouco estamos no acampamento estacionário, após uma ausência de oito dias. Está ainda tudo em ordem; os camaradas trançaram chapéus de palha com abas enormes e fabricaram um pequeno violão. Pretendemos no dia seguinte voltar à lagoa, e daí marchar em direção da serra, seguindo o caminho que vai pelo campo. Três dos camaradas que primeiro se recusaram a acompanhar-me oferecem-se agora espontâneamente para a emprêsa. Vendo que voltei são e salvo, também êles tomam coragem. À noite irrompe forte trovoada, que dura até meia-noite; chove a cântaros, seguem-se violentas descargas. Relâmpagos azues e amarelos faíscam sôbre as copas das árvores; nas nuvens, em tôrno, vão-se repetindo os clarões, e vários raios caem na mata marginal do rio. Depois de cada descarga forte, sinto um singular gôsto metálico na língua. Felizmente estamos na barraca; durante a viagem tivemos sempre tempo bom, salvo algumas chuvas bem leves durante a noite. E agora estamos bem abrigados. A agitação da natureza e o excesso de fadiga não me permitem conciliar o sono; na outra manhã sinto-me tão cansado ainda como na véspera.

Em 13 de setembro, faltando um quarto para as 7 horas, partimos com a canoa em direção da lagoa fechada, eu, Adam, Antônio e mais três camaradas. Às 10 horas e três quartos encetamos a marcha, seguindo o caminho do campo. Cada um de nós carrega às costas uma sacola com víveres, instrumentos, objetos de permuta, etc., levando a espingarda a tira-colo (prancha 28, fig. 4). O caminho está bem pisado, tem uma largura de uns 15 a 20 cm e uma côr bem preta. O campo está revestido de um capim baixo e ouriçado, reùnido em tufos distanciados uns 10 cm. um do outro; se não houvesse caminho, só se poderia andar com muita dificuldade sôbre êsses tufos de capim. Palmeiras apontam esparsamente aquí e acolá; formigueiros altos e de múltiplas formas seguem-se por grande parte da planície levemente ondulada. Capins cortantes e arbustos crescem espalhados entre os tufos de capim baixo; vão cortando aos poucos os sapatos, as meias, a pele e a carne. Avançamos apenas cêrca de 4 km. por hora; o calor intenso nos obriga a freqùentes paradas para descanso. A água

levada em garrafas esgota-se dentro em pouco; passamos por um pântano, do qual tiramos nova água. O campo é extremamente rico em caça; por tôda parte divisam-se, entre os arbustos, graciosos veados, que não se assustam à nossa passagem. À noite logramos matar um dêles. Ameaça uma trovoada; entre algumas árvores construímos pequeno rancho de fôlhas de buriti.

Na outra manhã seguimos bem cedo. Os meus sapatos estão completamente cortados e não se prendem mais aos pés; daquí em diante, ando, por isso, descalço. A vereda é ainda tão nítida como dantes. De vez em quando, encontram-se achas carbonizadas à beira do caminho; aquí e acolá, uma panela quebrada jogada no capim. Ao meio-dia aproximamo-nos da serra; a baixa que se estende diante dela é coberta de floresta espêssa; aí deve haver água, e, seguindo-a, encontrar-se-ão provàvelmente vestígios dos selvícolas. Na vereda em que caminhamos desemboca uma outra. Pouco além, há mais algumas, que a cruzam. Após três quartos de hora, deparamos com uma aldeia abandonada; restam apenas os postes de duas ou três casas. Parecem ter sido casas grandes, retangualares e de cumieira alta; é só isso que se pode reconhecer. Muitos caminhos descem para a baixa; seguindo-os, chegamos ao leito de um riacho: está completamente sêco. Na mata, cavamos um buraco no chão, encontrando felizmente água barrenta e fresca a 1 m. de profundidade. À beira do caminho vêem-se cestas de carregar; passamos pelo lugar duma antiga fogueira. O caminho desvia-se para o norte, à direita fica a baixa, além da qual se estende a serra, em várias correntes que se prolongam em várias direcões. Na nossa frente apontam, ao longe, novas serras. No meio do campo desprovido de água surpreende-nos a noite. Construímos novamente um pequeno rancho para abrigo noturno. A água que trouxemos conosco mal dá para a sopa de chouriço de ervilhas e para o café da manhã. É duro o leito sôbre o capim ouriçado e pontudo do campo; as formigas frustram qualquer tentativa de sono.

No dia 15 prosseguimos a marcha da mesma maneira, sempre em direção de noroeste. Depois de longa caminhada, topamos finalmente uma segunda aldeia, e logo adiante uma terceira. Estão ambas abandonadas e em estado de ruína como a primeira. Estão situadas numa pequena campina e cercadas de densa mata. À esquerda desce-se para a baixa, através de espêssa brenha de bananeiras; um caminho leva para um vale cheio de arbustos, mas totalmente desprovido de água. Na outra margem o caminho não continua. Também na parte elevada não há outra vereda; num lugar parece ter existido outrora um caminho, mas está de tal modo cerrado pela vegetação que não é possível ter sido usado recente-

mente pelos índios. A água que tínhamos conosco já se esgotou há muito. Que fazer ? Aquí não há meio de prosseguir; estamos num beco sem saída. Como única solução, resta-nos a volta. Durante a marcha, cavamos a terra, em vários pontos, em procura de água, mas sem êxito; pelo meio dia, descobrimos finalmente um pequeno brejo, junto do qual abrimos uma cova profunda, obtendo água pura e fresca. À noite acampamos perto da primeira aldeia, construindo um terceiro ranchinho. Na proximidade, cavamos na terra um buraco profundo, encontrando água.

Na outra manhã deixamos a bagagem no acampamento. Pretendo examinar tôdas as veredas, para ver se não há entre elas, um caminho mais longo, que nos leve adiante. Mas tôdas as veredas desembocam em baixas, leitos secos de riachos ou de lagoas. A julgar pelos sinais deixados pela água nos troncos das árvores, o seu nível alcança aquí, na época chuvosa, a altura de 1 1/2 m. Todo esfôrço é, pois, inútil; não é possível descobrir o rumo seguido pela tribu. É manifesto que as aldeias que topamos são habitadas apenas na estação das chuvas, quando há água suficiente, podendo os índios viver fàcilmente no campo rico em caça. Com o início da estiagem, desaparece a água, o que os obriga a emigrar para outras paragens, em que a encontrem. Em parte, dirigem-se para o Tapirapé, onde, em vários pontos, se entregam à pesca. Foi certamente numa dessas ocasiões que tiveram o primeiro encontro com os Karajá, desenvolvendo-se daí em diante todos os anos, por essa época, um comércio de trocas entre as duas tribus, até que as desavenças forçassem os Tapirapé a procurar regiões mais distantes. Quem pode saber para onde se costumam dirigir agora, depois de explorada a pesca no Tapirapé ? Conhecemos os pontos em que há água neste campo elevado, em que é tão escassa ? Sòmente guias naturais da região nos poderiam conduzir até lá. Resta-nos, portanto, apenas a volta ao acampamento, para depois tentarmos talvez um último avanço, partindo do lugar em que houve outrora os encontros comerciais. Com uma marcha penosa tornamos à lagoa fechada. Levamos conosco uma porção de cestas, bôlsas e flechas, a título de exemplos da cultura dos Tapirapé. Em 17 de setembro, ao meio-dia, chegamos ao acampamento, após uma marcha de cinco dias. Está ainda tudo em ordem; mas os Karajá tinham o firme propósito de ir se embora no dia seguinte, caso não regressássemos. De mêdo do inimigo, não dormiram nenhuma noite, durante todo o tempo da nossa ausência.

É delicioso o banho; a água, que é morna, refresca e limpa o corpo ao mesmo tempo. Mas como estão as pernas e os pés ! A pele rasgada, feridas profundas na carne, espinhos nos calcanhares. Com o tempo, inflamam-se tôdas as feridas, constituindo

amplos e profundos focos de supuração. A escassez de víveres também nos inspira cuidados: o arroz já se acabou, o sal também já é pouco; temos de viver agora de conservas.

Ainda na tarde do mesmo dia carregamos as canoas, e já na manhã seguinte vamos descendo o rio. Depois de 40 minutos estamos na queda de água; o nosso aparêlho de empurrar canoas encontra-se ainda no mesmo estado em que o deixamos. Por tôda parte achamos agora ovos de tartaruga. Tôdas as cestas e todos os caixotes estão cheios; a colheita diária é de 600-700 ovos. Comêmo-los em tôdas as refeições, frescos, cozidos ou torrados; neste último estado servem como provisões para longas caminhadas. A noite do dia18 de setembro nos traz violenta trovoada; a tempestade quase derruba a barraca. A-pesar-disso, adormeço e durmo sem interrupção até a manhã seguinte; é que as canseiras foram realmente demasiadas.

Na manhã do dia 19 chegamos à barreira do Tapirapé, o antigo ponto de encontros comerciais. Armamos novamente o acampamento estacionário; pretendo fazer aqui uma última tentativa. Em pouco tempo está tudo preparado. Depois do almôço partimos; acompanham-me Adam, Antônio e dois camaradas. Atravessamos o campo desprovido de qualquer caminho; eu fico na vanguarda, dirigindo-me sempre para o cume da montanha mais elevada, afim de alcançar aí a baixa do terreno. O capim pelo qual caminhamos tem altura superior à de um homem; adiantamo-nos com muita dificuldade; sôbre todo o campo faz um calor sufocante. Ao meio-dia alcançamos uma pequena baixa com uma lagoa grande; é muito piscosa, mas não encontramos sinal de ter sido explorada alguma vez pelos indígenas. Será talvez por morarem muito longe ? Enchemos novamente as garrafas de água fresca. A brenha vai ficando sempre mais espêssa, e após mais duas horas de marcha estamos cercados pela mais densa mata virgem. Durante todo o caminho deve-se abrir picada; das árvores pendem os cipós em forma de cordas grossas; o ananás silvestre estende para todos os lados as suas fôlhas longas, estreitas e denteadas; os arbustos espinhosos se prendem à roupa; formigas e bichos de tôda espécie molestam o viandante. Com auxílio do facão, os camaradas abrem caminhos pelo mato; adiantamo-nos muito devagar cêrca de 2 km. por hora. A água levada nas garrafas já acabou há tempo, e na floresta não encontramos nenhuma. Os cipós são a nossa salvação; os camaradas trepam nas árvores, cortando-os em cima; em seguida, cortam-se pedaços de 1 1/2 a 2 m. de comprimento, que, segurados verticalmente, deixam escorrer um suco claro e frio, parecido com água. Vários pedaços fornecem 1 a 1 1/2 litros de água. É muito fresca, mas não mata a

sêde; ficando muito tempo na garrafa, torna-se turva. Com muito trabalho, vamos enchendo paulatinamente as garrafas. Pouco antes do pôr do sol, um rebanho de porcos do mato cruza o nosso caminho; matamos um dêles, obtendo assim agradável enriquecimento do nosso cardápio. Na proximidade, acampamos: na brenha de bananeiras, que fica perto, cortamos várias fôlhas grandes, usando-as como camas, à maneira dos Kayapó.

Na manhã seguinte, cada um de nós recebe meia caneca de café; a água não dá para mais. Prosseguimos, com dificuldade, a travessia da floresta. Finalmente deparamos com o leito de um riacho; está totalmente sêco e cheio de cascalho. Cavamos nêle buracos de 1 1/2 m. de profundidade, sem no entanto encontrarmos qualquer vestígio de umidade. Procuramos caminhar no leito do riacho; êste faz, porém, curvas incríveis e está barrado, em muitos pontos, por árvores caídas e brenhas espêssas, de modo que é impossível seguí-lo sempre. Estende-se obliquamente para trás, na direção duma baixada que já notamos na véspera. Se aí também não acharmos água, só nos resta voltar. Cruzamos o mato, chegando finalmente à baixada. É revestida de brenhas muito densas de bananeiras e palmeiras, mas está completamente sêca; os buracos cavados na terra também não dão água. Devemos, portanto, voltar; seria absurdo continuar vagueando na mata, sem caminho e sem qualquer indício de indígenas. Depois de hora e meia topamos a nossa picada da véspera; nela nos adiantamos depressa, e ao anoitecer chegamos à lagoa do campo. Lavamo-nos e bebemos — que delícia ! A noite desce ràpidamente. Na proximidade late o guará, inúmeros pirilampos reluzem no capim, no lago saltam os peixes e chapinham os jacarés, as estrêlas reluzem no céu. A-pesar-de completamente exhausto, não consigo dormir. Tôda vez que me deito, aparecem os mosquitos. Puxo sôbre a cabeça o capuz da capa, mas assim o calor é demasiado; sento-me, mas o cansaço torna a derrubar-me; é assim durante a noite tôda. Pela madrugada passa uma anta. Estamos precisando de carne, mas estou muito fatigado e indiferente para tomar a espingarda. Na manhã seguinte, pelas 8 horas, estamos novamente no acampamento. Começa agora definitivamente a viagem de retôrno à barra do Tapirapé. Outra entrada para oeste não promete êxito algum. Não conseguimos encontrar os Tapirapé, e foram demasiado grandes as barreiras opostas pela natureza selvática à marcha sem guia conhecedor da região. Não é, pois, possível o avanço para oeste.

Partimos às 10 horas e meia. Os camaradas ateiam fogo ao campo; durante oito dias observamos a coluna de fumaça e, de noite, o clarão da queimada. As fadigas maiores estão atrás de nós. Estou bastante exhausto, em parte por culpa própria. No

tratamento profilático de arsênico contra a febre, da qual fiquei de fato preservado, enquanto todos os meus camaradas foram dela acometidos, se bem que de maneira leve, cheguei a doses bastante elevadas. Ao encetar a marcha de cinco dias, esquecí-me da lata com as pílulas. É fácil imaginar a intensidade da reação do organismo, em combinação com os esforços, a que não estava habituado, da marcha prolongada e de dormir no chão duro, exposto ao orvalho e à chuva. Completamente exhausto e faminto, cheguei ao acampamento estacionário; daí em diante não havia comida que chegasse; comí quantidades incríveis de peixes, mas a fome não tardava a voltar; era uma voracidade verdadeiramente doentia. Durante os dois dias que se passaram até o início da segunda marcha pelo campo, empreendida junto à barreira do Tapirapé, consigo restaurar, até certo ponto, as minhas fôrças. Dessa vez coloco em lugar determinado a lata de arsênico, para não haver perigo de esquecê-la. Querendo retirá-la da bagagem durante a caminhada, não a encontro. Segue-se a marcha penosa pelo mato, acompanhada do tormento da sêde. No último dia, arrasto-me com dificuldade até o acampamento. Ao meio-dia, mal partimos, arma-se forte trovoada. Desaba sôbre nós, antes que possamos arribar à praia e arranjar qualquer abrigo. Em poucos minutos estamos completamente enxaguados; é uma chuva sensìvelmente fria. Depois de três quartos de hora, finalmente, está tudo terminado. Mudamos logo de roupa; sinto-me refrescado como após uma ducha fria, e desde então durmo magnìficamente tôdas as noites.

A viagem de regresso é rápida. As árvores caídas não dão mais tanto trabalho; mas o nível das águas caíu mais meio palmo, de modo que alguns trechos oferecem dificuldade considerável. Vencemos a todos, cavando canais na areia. Pelo meio-dia reinam agora constantemente um calor intenso e um mormaço desagradável; todos os dias, quase, sobem nuvens de trovoada, mas sem que esta chegue a desabar regularmente. No dia 25, à meia hora, meço as temperaturas: a água corrente tem 33° 1/4 centígrados, a água rasa e parada 41 3/4.°, e a atmosfera 35.° Pisando-se na água rasa, queimam-se quase os pés; no entanto, parece fresca em comparação com a areia quente dos bancos e das praias arenosas. Os Karajá ficam novamente alegres e galhofeiros; agora, que não há mais perigo, Pedro volta a cantar e a fazer longos discursos; ateia fogo ao campo, sempre que se lhe oferece oportunidade. Ao anoitecer do dia 26 chegamos à praia arenosa em que passamos a primeira noite da nossa viagem sôbre o Tapirapé. Observam-se nela muitas pègadas de índios. Os dois Karajá examinam-nas, reconhecendo as de seus pais e parentes, que certamente estiveram aquí à espera dêles.

No dia seguinte, 27 de setembro, ao meio-dia, alcançamos a embocadura do rio, arribando a uma praia arenosa, defronte da aldeia. Estamos todos satisfeitos de têrmos abandonado o Tapirapé com tôdas as suas fadigas. Embora o rio fôsse extrardinàriamente piscoso, e a grande quantidade de ovos de tartaruga trouxesse agradável variação à nossa cozinha, os inumeráveis bandos de mosquitos só deixavam os camaradas dormir um pouco nas horas da madrugada. Na subida do rio, só tivemos um dia sem mosquitos; foi a 31 de agôsto; não nos importunaram também durante a marcha de cinco dias e nas últimas quatro noites de trovoada sôbre o Tapirapé. Além do mais, acabaram-se antes do tempo as nossas provisões de arroz. Os mais contentes eram naturalmente os meus Karajá, porquanto voltavam são e salvos de território inimigo. Depois de pouco tempo apareceram junto do nosso acampamento muitas canoas com mulheres e crianças. Era manifesta a grande alegria delas, que há muito nos haviam considerado perdidos. Com rica remuneração os dois Karajá tornam aos seus ranchos. Ao anoitecer, os homens voltam da pesca; cumprimentam-nos com viva alegria. Seguem-se narrações, perguntas e descrições, pois todos querem saber que fim levaram os Tapirapé. Mais tarde, chega também o cacique Cyriaki; habita agora aquí, pois brigou com Cadete João. Aquela expedição comercial a Santa Maria foi interrompida precocemente. Em Sant'Ana originaram-se lutas entre os brasileiros, terminando com a morte, havia muito almejada, de um indivíduo que era autor de numerosos assasínios e de outros crimes. Fortuìtamente, faleceu aí também o cacique Tumanakú, e logo em seguida os índios partiram de regresso para a sua aldeia.

ANO 7 - V. 74 - 1941

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

9. *Visita aos Xavajé*

Restava-me agora realizar o último ponto do meu programa: a visita aos Xavajé. Dessa tribu indígena sabia-se apenas que morava na parte norte da Ilha do Bananal, às margens de uma grande lagoa que desagua no braço oriental do Araguaia. Não haviam sido ainda visitados por explorador algum. Durante a viagem fui informado de que, há uns 6 ou 8 anos, no mês de janeiro, o bispo de Goiaz navegou o furo, em pequeno vapor, deparando com enorme aldeia xavajé, à qual levava uma alameda de bananeiras que começava na beira do rio. À vista do vapor, que lhes era estranho, e os 70 homens armados, os índios ficaram de tal maneira assustados que os forçaram imediatamente a retirar-se; contava-se que cada brasileiro fôra agarrado debaixo do braço por dois índios e assim conduzido à praia. Desde então, os brasileiros tinham indescritível mêdo dêsses indígenas. Das narrações dos Karajá depreendí que os Xavajé possuíam três aldeias principais, situadas mais ou menos no centro da Ilha do Bananal, além de duas ou três menores, afastadas do centro, ao norte e ao sul daquelas. Não me foi dito estarem situadas à beira duma lagoa. Contaram-me que na

estiagem os Xavajé costumavam habitar algumas aldeias junto do furo, mas que em agôsto as transferiam para outros pontos, de modo que seria difícil encontrá-las sem auxílio de guia. Dizia-se ser possível alcançá-las, partindo do furo, mas também do lado do Araguaia, com uma marcha de dois dias através da Ilha do Bananal.

O leitor certamente lembrará que, na descida do rio, eu tentara duas vêzes, sem êxito, alcançar os Xavajé por via terrestre; a primeira, partindo da aldeia de Ilk, e depois, daquela de José. Nos dois casos o plano fracassara por causa das exigências descomedidas dos Karajá que me deviam servir de guias e carregadores. Na viagem para jusante fôra impossível navegar o furo por falta de homens que se prestassem para o serviço; e na subida, por causa do nível baixo das águas e também por falta de canoas chatas e de guias karajá. Agora, porém, podia encarar sèriamente a realização da emprêsa. Via-se logo que, a-pesar-das chuvas havidas nas últimas semanas, o nível do Araguaia caíra mais ainda. Havia, pois, agora muito menos possibilidade ainda de se navegar o furo sobretudo também porquê as provisões começavam a escassear consideràvelmente e a excursão levaria bastante tempo. Resolví, por isso, seguir por terra.

Apenas de regresso à aldeia da barra do Tapirapé e acalmada a primeira impetuosidade das saùdações, vários Karajá me oferecem a sua companhia para a viagem ao território dos Xavajé. O que me contam soa como uma música agradável: que, durante a minha ausência, estiveram com os Xavajé e que estes me mandavam pedir que os visitasse. Nada me poderia ser mais oportuno. Tôdas as dificuldades que até aí se opunham à emprêsa estavam, assim, removidas. Quem fala mais é Benedito, irmão de Pedro II. E' pequeno e vivo como êste, mas alegre e inofensivo, menos nervoso e bravateiro de que Pedro, que por causa desta qualidade muitas vêzes leva pancada dos companheiros da aldeia. Benedito é um soberbo rapaz, de estatura bela e robusta. Esta noite êle quer ainda passar com sua família — a-pesar-de sua pouca idade, já tem uma mulher velha e três filhos — mas voltará na manhã seguinte para me acompanhar.

Anoitece. Finalmente uma noite sem mosquitos, e posso dormir outra vez sem mosquiteiro. Súbito, pela meia-noite acordo por causa de vozes que vêm do rio: duas canoas grandes aproximam-se de jusante, arribando junto do nosso acampamento. Os viajantes, que param para fazer café, são dois senhores de Conceição, a caminho de Goiaz em missão política. Para avançar o mais depressa possível, viajam dia e noite, com poucas horas de repouso. Depois de meia hora de conversa, continuam a jornada.

Na manhã seguinte, bem cedo, apresenta-se Benedito; daí há pouco, partimos Araguaia-acima. Verificamos que o nosso sal está quase no fim. Talvez os dois viajantes de Conceição nos poderão ceder um pouco. Trata-se, agora, de alcançá-los; êles têm quatro remadores em cada canoa, eu só dois. Vamos remando a tôda fôrça; avistâmo-los do pouso do almôço; preparam o almôço a uns 4 km acima do ponto em que paramos. Prosseguimos quase simultâneamente; a despeito de todos os esforços não logramos diminuir a distância que nos separa dêles. À hora da fazermos jacuba, também êles param. À tarde irrompe forte temporal; chove a cântaros. As densas massas de chuva impedem-nos de ver os que vão na nossa frente. Começa a escurecer, anoitece; a chuva continua, e nós prosseguimos na viagem remando com tôda a fôrça. Finalmente enxergamos luzes cintilando ao longe, avistamos a aldeia do cacique João. Foi transferida para uma praia de formação recente, e consiste em 4 ou 5 casas grandes. Em outra praia descobrimos os viajantes de Conceição; chegaram há pouco e estão jantando, a-pesar-da chuva. Armamos logo o nosso acampamento. Os senhores procuram a nossa tenda para conversar um pouco. Cedem-me, amàvelmente, três pratos de sal; o camarada que nô-lo entrega é Bebiano, o peor dos dois que se rebelaram na viagem para jusante! Infelizmente os viajantes não me podem ceder arroz e toicinho, pois levam apenas o indispensável. Fora, continua a chuva forte; não é possível acender fogo para fazer o jantar. Ficamos sentados na tenda, os camaradas de cócoras junto à entrada. Tenho de fazer extenso relatório da viagem ao domínio dos Tapirapé. Cessa afinal a chuva; logramos fazer fogo, e pelas 10 1/2 horas podemos jantar. Durante a noite torna a chover.

Na outra manhã, quando acordamos, os viajantes de Conceição estão prestes a partir. Tudo está enxaguado; os couros de boi, com que se cobre a carga e que costumam ser rígidos e duros como ossos, estão hoje flexíveis como pano. Benedito quer, a todo transe, levar seu irmão mais velho, que mora aquí na aldeia. Caso contrário, recusa-se a acompanhar-me. Queira eu não queira, tenho de aceitar o homem, que, aliás, me agrada bastante. E' alto, esbelto e robusto, de uns 30 anos de idade. Faz uma impressão bastante boa.

Mal partimos, seguem-nos mais dois moços: querem também visitar os Xavajé. Um dêles volta após duas horas, o outro nos vem seguindo com perseverança. Ao meio-dia alcançamos a aldeia de José; foi também transferida para outra praia, recém-formada, e compõe-se agora de 4 ou 5 ranchos. Não a visito, porquanto me interessa agora, antes de mais nada, realizar, sem perda de tempo,

a excursão ao território dos Xavajé. Alguns homens vêm correndo, sôbre a praia, ao nosso acampamento; querem indagar dos nossos projetos. Após curta demora, prosseguimos. Todavia elevadas ondas, produzidas por forte vento, obrigam-nos a parar por longo tempo num ponto de água rasa. Um Karajá solitário vem, de canoa, ao nosso encontro; é da aldeia karajá do interior da Ilha do B nanal, pela qual deverei passar. Quer voltar para lá amanhã. Da aldeia de José segue-nos uma canoa com vários homens. Podemos prosseguir a viagem. Dentro em pouco entramos num braço do rio, que já observáramos na descida do Araguaia e do qual se nos dissera que daí partiria o caminho à aldeia de Korumaré e ao domínio dos Xavajé. Armamos o acampamento numa pequena praia, onde também pousa o jovem que nos vem seguindo. Daí há pouco, arriba também a canoa da aldeia de José; entre os tripulantes está o próprio cacique, indignado comigo por não lhe ter feito uma visita. Tranqùilizo-o, contratando, como carregador, a seu irmão, homem grande e robusto. Entre os índios desenvolve-se longa discussão a respeito do caminho; Benedito e o irmão de José parecem ser de opinião diferente. Não chego a compreender bem de que modo se deverá realizar a viagem. De qualquer ponto da proximidade dizem partir o caminho, e dalí até à aldeia de Korumaré seria ainda um dia de marcha através do campo. Não fica bem claro quanto tempo se leva, depois, até alcançar os Xavajé. Julgo pode admitir: um dia. Se bem entendo, encontrarei três aldeias. Chegarei, pois, realmente em dois dias ao centro das povoações dos Xavajé? e até cômodamente, pois dizem haver, no trajeto, lagoas e rios com peixes e água para beber. A marcha pelo campo não será, por conseguinte, tão penosa como foi na região dos Tapirapé. Parece, assim, estar tudo muito favorável. José parte finalmente; mal desapareceu, chega o homem da aldeia de Korumaré; tenho agora cinco índios no acampamento.

Na manhã seguinte, 30 de setembro, arribamos, percorrido um pequeno trajeto, na margem oriental do rio, perto da barra dum riacho muito insignificante. A pequena distância encontra-se, na mata marginal, pequeno rancho indígena; no seu interior: esteiras estendidas no chão, vasilhas de cozinha, um pilão derrubado. Na proximidade, estão guardadas provisões de milho e mandioca. E', pois, um verdadeiro rancho de abrigo. Armamos aquí o acampamento estacionário. Os camaradas de Conceição naturalmente tornam a negar o serviço. Contaram-lhes ontem os canoeiros de Conceição que aquí moram os bravios Canoeiros, que matam todo e qualquer estranho. Estão outra vez com um mêdo extraordinário. Receiam também a grande quantidade de mosquitos existente

no interior da ilha segundo as indicações dos índios. Que fiquem aquí; levo cinco índios, além de Adão e António; com êles poderei viajar de modo muito mais agradável.

Em pouco tempo, está tudo preparado. Descarregam-se as canoas, abrigando tudo na barraca. Distribuem-se em oito cargas os artigos de permuta, os gêneros alimentícios e os instrumentos. Eu carrego a mochila com livros e instrumentos, enquanto os outros levam sacos em que atam bandoleiras de cipó. Mais tarde, os índios servem-se também de faixas para carregar à testa. Sòmente António leva a espingarda, Adão e eu nos munimos de revólver, ao passo que os índios vão com suas clavas, alguns também com arco e flechas. Levo provisões suficientes para dez dias; a guarda de Conceição que arranje um meio de matar o tempo.

Após o almôço, partimos. Atrás do rancho, atravessamos o regato, e depois de mais 10 m, aproximadamente, encontramo-nos diante duma lagoa comprida e estreita. A uma árvore estão penduradas muitas cuias grandes com cordéis de carregar; é nelas que que os índios transportam a água para beber na marcha pelo campo. Na beira se encontram três canoas; em duas delas atravessamos a lagoa, arribando, daí a uns 10 mnutosi, na margem oposta, oriental. Aquí estão também várias canoas; um caminho largo sobe o barranco; no alto, se vêem panelas no chão, e cuias de carregar água penduradas a um poste. Um caminho bem pisado, de uns 25 cm de largura, corre daí para leste. Tudo parece, pois, preparado para um trânsito regular; uma verdadeira estrada geral, com barcos de passagem, lugares para instalar cozinha, e ranchos de abrigo. Em extensa fila vamos seguindo; Benedito, encarregado da direção, dará tôdas as ordens necessárias e determinará os lugares para pouso e para refeições; eu próprio seguí-lo-ei como qualquer outro; foi, realmente, uma medida acertada. Com muita habilidade, Benedito desempenha a sua missão. Os índios riem muito durante a marcha, conversando animadamente. Todavia não estão habituados a carregar; ora deslocam um pouco a carga, ora a penduram na faixa prêsa à têsta, tornando, dentro em pouco, a levá-la a tira-colo. Revestido de arbustos cerrados, o campo sobe e desce em ondulações. Pelas duas horas chegamos a um rio largo com aspecto de lagoa; o leito tem uns 8 ou 10 m de profundidade; as águas correm morosas em direção do sul. Na margem, encontram-se panelas no chão, duma árvore pendem cuias para água; penduramos as nossas ao lado. A canoa que se devia encontrar aquí não está mais. Por longo tempo, caminhamos ao longo da margem, até toparmos um vau, de 1 m de profundidade, onde podemos vadear o rio. No outro lado, andamos novamente pela beira, até ao ponto em que

está a canoa; daquí partem uma vereda para o interior, em direção de leste. Dois homens vão correndo adiante, afim de nos anunciarem a Korumaré; nós outros seguimos mais devagar. À distância, estende-se a orla duma floresta; chegando lá, encontramos novamente os dois mensageiros. Entregamo-nos a breve descanso, que os índios aproveitam para traçar, de orelha a orelha, uma larga faixa transversal preta, a sua fórmula de saùdação. Como tinta, empregam fuligem, que raspam das árvores de campo queimadas. Na mata topamos um roçado enorme e já queimado, a nova plantação dos Karajá; foram preparados, há pouco, os pequenos canteiros circulares em que se plantam os ramos de mandioca. Descendo íngreme escarpa, deparamos sùbitamente um rio de 70 a 80 m de largura e de curso rápido. Duas canoas, bastante lotadas de índios, estão prestes a partir. Benedito lhes dirige, em voz alta, algumas palavras, e uma das embarcações, voltando à margem, nos recebe enquanto os índios que a tripulavam seguem pela beira do rio. Subimos o rio, em direção do sul. Muito carregada, a canoa avança devagar. Dobramos uma curva, arribando em seguida na aldeia de Korumaré que fica numa praia arenosa consideràvelmente arqueada. Grande matilha de cães corre pela praia, latindo loucamente. Korumaré chega à beira do rio, afim de nos cumprimentar; pintou todo o corpo de vermelho. Não se cansa em assegurar que os Karajá daquí são gente boa, e só depois de eu lhe repetir muitas vêzes que também sou bom, êle se tranqùiliza. Trocamos presentes de cocos e de tabaco. Não nos damos ao trabalho de armar acampamento. Os meus índios acendem uma fogueira, alguns homens de Korumaré saem logo a pescar para mim, voltando, dentro em pouco, com boa pesca. Tôda a aldeia está sentada em tôrno de mim, formando grande semi-círculo: homens, mulheres e crianças. Conversamos do melhor modo possível, mas não sabem quase nada de português. E' no entanto, uma gente bem afável; antes de se retirarem para dormir, trazem-me ainda uma esteira trançada em que eu me possa deitar. Só os rapazes ficam conosco, junto à fogueira, conversando até alta noite com os meus Karajá. Na manhã seguinte visito as habitações; são quatro ranchos, todos muito grandes e fechados contra chuva por meio de construções em arco; alguns ainda não estão concluídos. Há aquí, para comprar, muitos objetos de caráter antigo, ainda pouco influenciados. Alguns meninos usam botoques enrolados no lábio inferior, fenómeno inteiramente novo, dois jovens se enfeitaram com cintos de penas de avestruz. Na casa maior estão fabricando cobertas de malha de rêde; é a primeira vez que vejo executar essa técnica, que consiste num trabalho de nós; sento-me logo diante

de Korumaré, fazendo com que me ensine o ofício. Acondicionados em cêstos ovais com tampas, entrego a Korumaré, para guardar, todos os objetos barganhados; coloca-os num canto de sua casa. Enquanto isso, Benedito pediu emprestadas duas canoas, nas quais encetamos, após o almôço, a viagem rio-acima.

As canoas são movidas por meio de varas; o rio é tão raso que não se pode remar. Na embarcação maior transportamos a carga; ao nosso lado, Benedito navega pescando, com seu irmão, numa canoa menor e pedente para o lado. Conversam sem parar; trocam-se risadas e gracejos entre os tripulantes das duas embarcações; Benedito é quem gosta mais das brincadeiras. O rio vem do sudoeste, correndo com incríveis sinuosidades, que ultrapassam as do Tapirapé. Em vários pontos é preciso empurrar as canoas sôbre a areia; muitas lagoas acompanham o rio; aquí e acolá as águas são orladas por barrancos corroídos de forma grotesca. Nas praias arenosas topam-se restos de fogueiras e de casas dos Karajá. Tudo observam os índios; imitam e discutem todos os sons. Com olhar atento, examinam as copas das árvores; de súbito arribam à praia, e todos desaparecem na mata. Depois de alguns instantes, ouvem-se golpes de machado, e daí há pouco reaparecem os índios, trazendo na mão um pedaço de casca de árvore cheio de um mel agridoce, ou enormes favos, que me oferecem. Não é nada cômodo ficar sentado por muito tempo no fundo chato da canoa. Pouco a pouco, vem entranto água, e, a gente se refugia sôbre a carga. É impossível ficar em pé, pois com a nossa falta de jeito periclitaria o equilíbrio da embarcação. Sinto-me, por isso, muito satisfeito, quando, ao pôr do sol, arribamos a um barranco coberto de capim. Enquanto António cozinha a comida, os Karajá tornam a sair em procura de mel, de que são extraordinàriamente ávidos. Voltam com grandes pedaços de casca de árvores, cheios do doce sumo. O leito é duro e frio; os mosquitos e as formigas quase não me deixam dormir. De manhã descubro que as formigas roeram meia manga da minha jaqueta, em que eu descansara a nuca durante a noite.

Cedo partimos com as canoas na manhã de 2 de outubro. Depois de fazer curva acentuada para nordeste, o rio vai conservando sempre esta direção. Afirmam os Karajá serem já de Xavajé as pègadas de índios que observamos nas praias arenosas. Ao meio-dia, finalmente, alcançamos um lugar usado como pôrto; estão aí duas canoas que dizem pertencer a índios karajá da aldeia de Korumaré, agora de visita entre os Xavajé. Em cima, no campo, recomeça o caminho; corre para leste, atravessando o extenso campo coberto de arbustos. Está fazendo um calor insuportável. Em

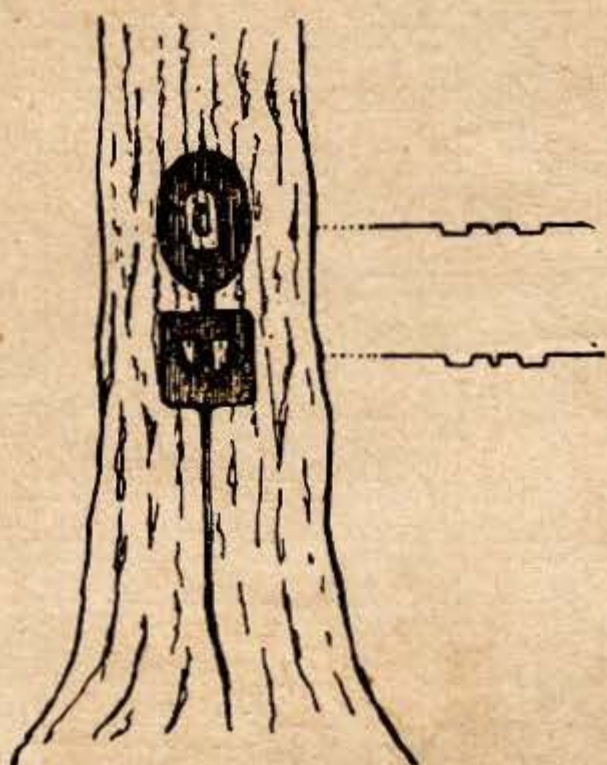



Fig. 8 — Figura entalhada numa árvore. Representa os órgãos genitais femininos. Karajá.

pouco tempo, chegamos a uma floresta cortada pelo leito sêco dum riacho. Bem perto, foi entalhada uma figura numa árvore grossa; é obra dos Karajá e representa naturalmente os órgãos genitais femininos (fig. 8). Ao lado da floresta, está uma velha roça abandonada dos Xavajé. Surpreende-nos aquí violento temporal; ficamos ao abrigo de algumas árvores grandes, até passar o aguaceiro mais forte; em seguida, vamos adiante. Cruzamos a nova plantação dos Xavajé; está cerrada de vegetação, e tudo parece crescer muito bem. O caminho atravessa, sinuoso e bem estreito, os arbustos de 3 m de altura. Aquí e acolá, observamos, à borda do caminho, cestas de transporte atulhadas de mandioca e de lenha. Estão, pois, prontas para carregar, mas não vemos pessoa alguma. A partir dêsse ponto, o caminho vai descendo um pouco; na nossa frente estende-se enorme planície coberta de capim alto, de côr verde fresca. E' uma planície imensa tudo que a vista abrange. Bem esparsamente, apontam algumas árvores isoladas, e ao longe a parede azul-escura duma floresta. O caminho tem côr bem preta. E' um terreno sobremodo gordo; onde quer que se pise, quebram-se as casas brancas da lesma aquática, espalhadas aos milhares por tôda parte. Encontrâmo-nos, sem dúvida, no leito sêco duma lagoa; será aquela de que falam os relatórios antigos? Certamente só tem água na estação chuvosa. Horas a fio caminhamos pelo capim gordo, cujo verde fresco faz bem à vista, despertando, ainda sentimentos e recordações pátrias de prados viçosos e campinas pontilhadas de flores. Vamo-nos aproximando, pouco a pouco, da faixa de mato; diante dela sobe delgada coluna de fumaça azul; à distância se divisam alguns indivíduos escuros. Dois Karajá correm adiante, enquanto nós outros paramos a pedido de Benedito, sentando-nos à beira do caminho, para os Xavajé não nos perceberem logo e, eventualmente, não fugirem assustados. Daí há pouco, ouvimos conversa de índios que se vêm aproximando; não são Xavajé, mas os Karajá de Korumaré. Juntos, seguimos adiante, alcançando, dentro em pouco, o mato, que não passa de faixa estreita que acompanha o rio. Pois êste reaparece aquí após uma volta enorme, mas está totalmente sêco. Também aquí se encontra à margem pequeno rancho de abrigo com vasilhas de cozinha. Caminhando sôbre a areia sêca, atravessamos o leito fluvial; em longa

fila, estão aquí dispostos, transversalmente, troncos de árvore, sôbre as quais os índios empurraram as canoas no tempo das águas baixas (fig. 9). No outro lado, prosseguimos a marcha pelo leito plano e sêco da lagoa. Começa a chover; anoitece; é impossível chegar hoje à aldeia. Desviâmo-nos, por isso, do caminho, atravessando o capim alto na direção de um ponto do rio em que, consoante as informações dos índios, há um banco de areia apropriado para pernoitar. Já é noite escura quando alí chegamos, encharca-

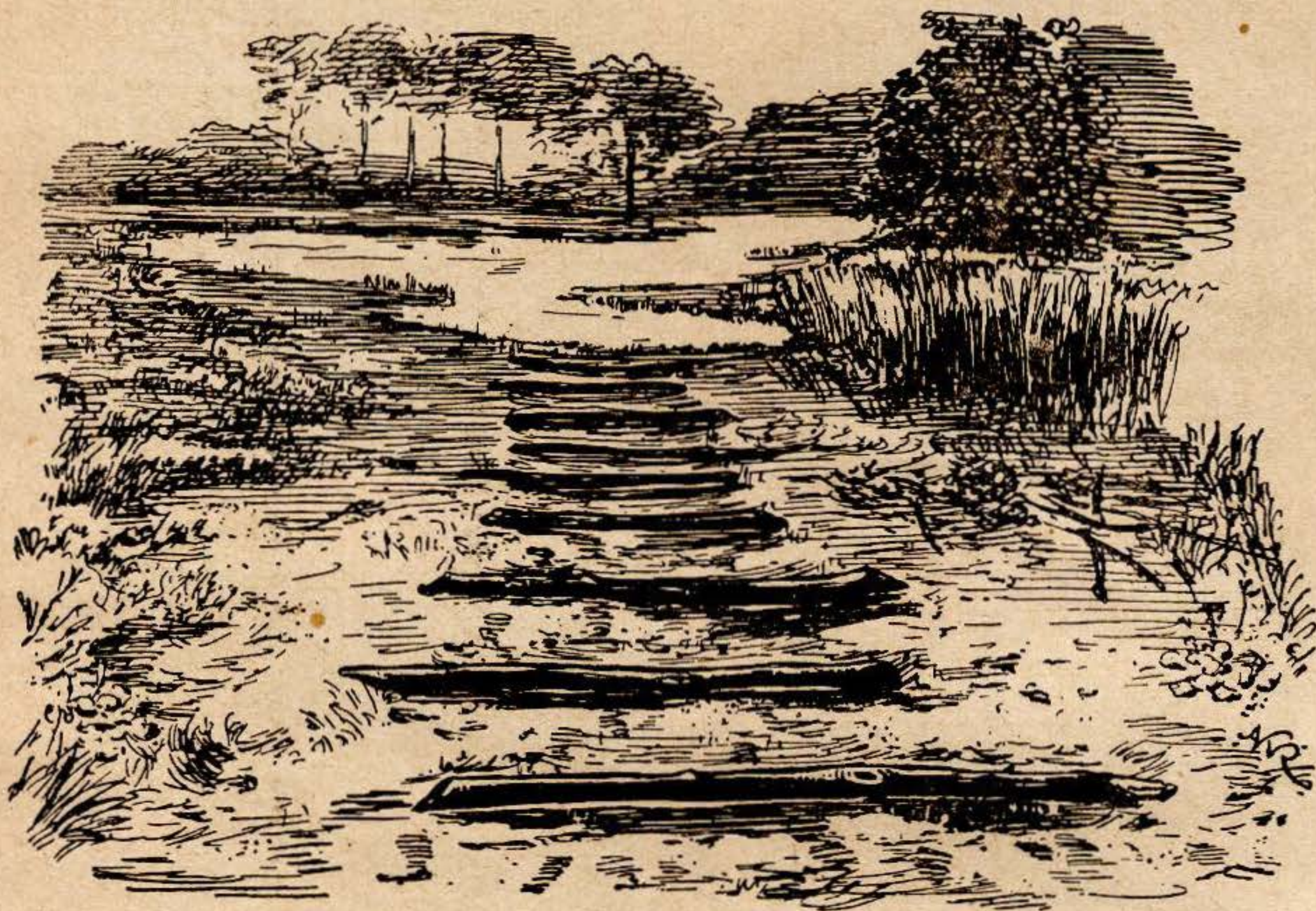



Fig. 9 — Troncos de árvore, sôbre os quais os Karajá empurram canoas. Interior da Ilha do Bananal. (Desenho segundo fotografia).

dos e cobertos da lama preta que reveste o leito da lagoa. Algumas poças de água nos fornecem peixes em quantidade. Os índios trazem dos arbustos lenha e vasilhas de cozinha. Também aquí está tudo preparado para um trânsito regular.

A chuva continua ainda na manhã seguinte, mas vai diminuindo aos poucos. Na proximidade, o rio tem água novamente; colocamos os nossos fardos numa canoa que aquí se encontra à margem. Adão e os dois Karajá partem com a embarcação, enquanto nós outros, uns dez homens ao todo, continuamos a marcha transversalmente pelo prado verdejante. Ninguém leva armas; também

António colocou sua espingarda na canoa; sentimo-nos absolutamente seguros. Após hora e meia, damos novamente com o rio e com a canoa; à margem, um rancho de abrigo com todos os objetos necessários, e, junto da praia, cinco canoas, pois aquí o rio termina definitivamente. Preparamos o almôço com as provissões existentes no rancho e com peixes pegados aí mesmo, na água represada, onde são superabundantes. A seguir, vamos adiante, cada qual com sua carga, na direção do nordeste; o caminho aquí é bom novamente, mas corta ainda o leito da antiga lagoa. À direita cintila um espêlho de água, o último resto da lagoa da estação chuvosa; nadam aí inúmeros jacarés, bandos de aves aquáticas animam o ambiente, no juncal da margem observa-se uma velha canoa. Durante várias horas marchamos pelo capim, onde reina um calor sufocante. Aumentam os sinais de se tratar realmente de extenso lago, onde agora resta água apenas nos pontos mais baixos. Passamos por alguns vales profundos. Ao longe estende-se uma faixa de mato, onde moram os Xavajé, como me informam os Karajá. À hora mais ou menos, aproximamo-nos da floresta; alguns Karajá correm adiante para nos anunciar. À beira do mato, ergue-se o madeiramento de quatro ranchos altos sôbre um prado viçoso, que desce para extensa lagoa, atrás da qual ficaria a aldeia dos Xavajé. E eis que junto dos meus Karajá já se encontram três Xavajé, o cacique (1) e dois jovens; eram três indivíduos fortes e robustos. Os cumprimentos são rápidos e cordiais.

Se bem que seja o seu primeiro encontro com homens brancos, os três Xavajé não mostram receio algum. Em três embarcações atravessamos a lagoa. Mede cêrca de 1 1/2 km de comprido e 3/4 km de largo, abrigando grande quantidade de jacarés, além de pirarucús e outros peixes. Cercam-na margens revestidas de prados, atrás dos quais se ergue uma mata alta e escura. A água tem apenas 1 m de profundidade; empurram-se as canoas com varas curtas. Dobramos uma curva, e à nossa frente surge a aldeia. Numa fila, paralela à praia, estão dispostas cinco casas grandes e amarelas; um pouco afastado, um rancho menor, também amarelo, sôbre uma campina verde, cercada pela mata alta; na frente, a lagoa azul. Ouvem-se cães a ladrar, e galos a cantar; do rancho das máscaras vem a gritaria dos jovens Xavajé empenhados na luta de braço. A 10 m da praia encalhamos, tendo de vadear pela

(1) — Como soube mais tarde, êsse homem não era o cacique pròpriamente dito; pois tal não havia, nessa ocasião, na aldeia. Fôra simplesmente destinado a representar a comunidade perante mim. Os habitantes da aldeia se sujeitaram dóceis às suas ordens. Tal submissão a chefes escolhidos para pouco tempo se podia observar também nos índios que me acompanhavam, em face de Benedito.

1. Casas dos Xavajé na Ilha do Bananal.

2. Ave da aldeia dos Xavajé.

3. Mulheres e crianças Xavajé.

4. Homens e moços Xavajé.

água lamacenta. O cacique é sobremaneira afável; êle próprio leva a minha carga ao seu rancho, a metade do qual nos oferece como morada.

A habitação é grande, espaçosa, arejada, fresca e segura contra a chuva. Tem forma retangular, 25 m de comprido e 15 m de largura, e está provida de construções em arco nos lados compridos, onde se encontram as entradas baixas (prancha 30, fig. 1). O chão do espaço central está revestido de esteiras; é o lugar em que se fica sentado e onde se dorme; nas construções em arco há quatro lareiras, as panelas e vasilhas, vasos com provisões, cestas, etc. A meia altura do telhado, que sobe 4 m, a casa é atravessada por uma espécie de sotão transversal, onde se vêem empilhadas as provisões em armas, cestas, canastras, tangas de mulheres, etc. Em tôrno, nos postes da casa, amarraram aves domesticas, como urubús, gaviões, papagaio, etc. Diante das casas, pousam urubús e colhereiros mansos nos andaimes em que se guardam provisões; atrás da habitação do cacique, vê-se enorme águia branca numa vara grossa (prancha 30, fg. 2). Fora, correm bandos de galináceas. Tudo limpo e asseado; comparados aos Karajá, os habitantes dão uma impressão de riqueza. Além de melhor instalados, distinguem-se dêles por uma constituição mais robusta; na média, a sua estatura excede a dos Karajá em 4 ou 5 cm, se bem que também haja, entre êles, indivìduos baixotes (prancha 30, figs. 3, 4). São iguais a língua e a cultura dos dois grupos. Na casa realiza-se grandiosa ceremônia de recepção; todos os Karajá estão sentados, de cabeça inclinada, formando uma fila que atravessa tôda a habitação. Numa extremidade, o cacique sentado diante dos hóspedes, na outra, a mulher dêle. Esta percorre tôda a fila, atrás das costas dos hóspedes, untando e penteando-lhes o cabelo. A seguir, volta ao seu lugar, prepara tinta de urucú, e agora todos têm de aproximar-se dela, um a um, para serem pintados. Distingue os seus prediletos com algum desenho especial, e os outros se contentam com o traço transversal sôbre os olhos. Durante tôda essa ceremônia não se fala palavra alguma, nem se toca na grande vasilha de papa de mandioca, que está diante dos hóspedes. Enquanto isso, prossegue sem interrupção, no rancho de máscaras, a gritaria que acompanha a luta de braços. Todos pintados, levanta-se o cacique; seguimo-lhe todos, ficando diante da casa. Do rancho vizinho vem outro Xavajé; o séquito se põe em ordem: o cacique e o homem recém-chegado vão na frente. cada um com um braço no ombro do outro, a clava na mão livre; seguem os Karajá, dois a dois ou três a três, os braços da mesma forma. Ao chegarmos ao rancho, emudece a gritaria dos jovens xavajé pintados e enfeitados com

cintos de penas. Inicia-se logo a luta de braços oficial; corresponde à que se costuma fazer entre os Karajá. Também aquí dois Xavajé começam com o desafio (fig. 10), e o cacique igualmente faz parte do partido dos hóspedes. São rápidos os vários encontros; considera-se vencido quem fica deitado com os dois ombros no chão (fig. 11). O vencedor dança uma vez cantando em tôrno do vencido. Alguns encontros ficam empatados, em outros os Karajá saem vencedores, conquanto sejam de menor estatura. Talvez por serem quase todos alguns anos mais velhos, e, em conseqüência disso, mais fortes do que os rapazes Xavajé. A um grito dos Xavajé, refugiam-se nas casas as mulheres e crianças que assistiram à peleja. Terminou a luta; em séquito desordenado e com andar pachorrento, tornam todos à habitação do cacique. Sòmente agora consideram-se aos Karajá como recebidos, permitindo-se-lhes tomar o alimento oferecido, e visitar as outras casas. Durante o primeiro dia ficam, porém, todos, na habitação do cacique, sentados, geralmente, de cabeça baixa e falando a meia-voz e sòmente quando perguntados. Também eu mando agora preparar a comida; arranja-se lenha com facilidade, e os Xavajé me dão de bom grado algumas galinhas; passamos uns dias bem gordos na aldeia.

E só agora enceta-se a conversa e o negócio de trocas. Êste se desenrola muito ativamente graças a Benedito, que desempenha com extraordinária habilidade o papel de intermediário; os objetos barganhados amontoam-se em alta pilha no canto por nós ocupado. Distinguem-se por descomunal comprimento os botoques aquí usados pelos jovens; atingem quase 32 cm de comprimento. Do mesmo modo, são excessivamente longas as franjas do enfeite que se amarra em tôrno dos braços: com um comprimento de 55 cm, os fios pretos de algodão pendem dos braços das crianças, caindo quase, até ao chão. São primitivos os adornos do pescoço; missangas são raras ainda, em compensação as mulheres e meninas usam quase tôdas colares e pingentes de frutas *ixiulaní*. Surpreende também a falta quase total de varetas para as orelhas; apenas as crianças ostentam, quase tôdas, as grandes tulipas de plumas. Anoitece. Fora, realiza-se uma mascarada; quanto posso julgar, a melodia e a execução coincidem com a dança *idjazó* dos Karajá. Noto que os meus Karajá não comem, embora a comida esteja pronta diante dêles. Supondo ser eu o motivo do seu pejo, saio da casa; volto depois de algum tempo, e êles estão terminando a refeição. Curiosa etiqueta. Após o pôr do sol, dirigem-se todos os homens ao rancho das máscaras. Acende-se aquí uma grande fogueira; dispostos em grupos, os Xavajé e os Karajá, sem distinção conversam e cantam canções para danças. Sento-me entre êles; trazem logo

Fig. 10 — Dança de desafio. Dos Xavajé para a luta de braços. À direita, os Karajá. No primeiro plano, os dois caminhos em que se realizam as mascaradas. Desenho segundo fotografia.

Fig. 11 — Luta de braços entre Karajá (à direita) e Xavajé (à esquerda). Desenho segundo fotografia.

uma esteira trançada em que eu me sento. Conversam animados, riem muito; um velho Xavajé narra aos homens dignos e velhos uma história séria, enquanto a juventude se diverte com uma série de brincadeiras. Procuro ganhá-los para os meus objetivos: puxo uma tira da esteira e começo a trançar. Mal vêem o que faço, põem-se todos a trançar, inclusive os meus Karajá. De todos lados jogam-me figuras de palha: uma ave, um cachimbo, um botoque, figuras móveis de nomes que não sei traduzir, etc. (prancha 31). Passamos aquí umas horas bem divertidas e de muita utilidade para mim; tarde voltamos à casa do cacique para dormir. E' duro o leito de esteiras, mas quente e asseado. A casa está cheia de gente, mas tudo está quieto. Só o cacique fala ainda por algum tempo, em voz baixa, com a mulher; de quando em quando, se ouve o grito duma criança, a mãe a tranqùiliza; de quando em vez, uma ave solta um som enquanto dorme. Pouco a pouco, vão emudecendo tôdas as vozes. A parede escura da casa forma vivo contraste com a abertura em arco da entrada, por onde se divisa a campina banhada pelo luar.

Antes do nascer do sol estão acordados os índios; correm depressa para o lago, onde tomam seu banho matinal a despeito das névoas densas e frias que jazem sôbre a água. Voltam tirintando de frio, indo aquecer-se junto ao fogo da lareira. Aos poucos clareia o dia; as névoas se dispersam. As mulheres pilam mandioca e põem a comida no fogo; alguns meninos saem para pescar. Enquanto isso, fotografo os índios da aldeia; não opõem resistência alguma. Um rapaz torna da pesca com boa prêsa; dá-me três peixes; mais tarde, recompenso-o com uma faca. Os Karajá visitam hoje tôdas as casas e estão alegres e bem dispostos; manifestamente, a etiqueta vale sòmente para o primeiro dia. Continua o negócio de trocas; o cacique conduz-me pela mão aos vários ranchos (2), manda aos inquilinos que me mostrem tudo, e ajuda a fazer os preços; tudo, enfim, se desenrola às mil maravilhas, e eu encontro uma porção de coisas boas que em outras circunstâncias não chegaria a conhecer. Descubro, por exemplo, num rancho três propulsores para arremessar flechas. Utilizam-nos os Xavajé para a pesca, para a caça de aves e como arma de esporte. Entre os Karajá eu não encontrara o propulsor, todavia era conhecido entre êles e, ao que me disseram, empregado num jôgo esportivo denominado jôgo tapirapé. Assemelha-se a sua forma à dos propulsores usados pelos povos do Xingú. De bom grado, o cacique

(2) — Também êste parece ser um costume antigo, de se levar o estranho pela mão às várias casas. O cacique karajá fêz exatamente a mesma coisa com Fonseca no ano de 1773! (V. Rev. Trim. VIII, 378).

sai comigo para a campina, afim de me ensinar o manejo do instrumento. Tenho de aprender a arremessar flechas para o alto, em direção horizontal e para baixo. Revelo contudo pouca habilidade, pois perto dos ranchos, em tôrno, vejo muita gente a rir com gôsto. Mas é realmente difícil executar arremessos mais ou menos aproveitáveis; precisa-se, em todo caso, de muito exercício (figs. 198 e 127 c). Vamos, depois disso, ao rancho das máscaras, para desenhar estes indumentos, porquanto não logro persuadir os índios a vestí-los para serem fotografados, ou até a vendê-los. Um moço pegou um peixe pirarucú de três metros de comprimento. Escama-o e estripa-o com um facão, instrumento que já chegou a essas paragens por intermédio dos Karajá. A seguir, o cacique divide o peixe em várias porções, distribuindo a cada família uma parte das costelas e da barriga; também eu recebo o meu quinhão. À hora do almôço os meus Karajá são hoje homenageados com um banquete: sopa amarelada, papas esverdeadas, papas de mandioca com pirarucú cozido. Nós três "toris" damos novamente cabo de três galinhas; estivemos realmente privados dêsse alimento por longo tempo.

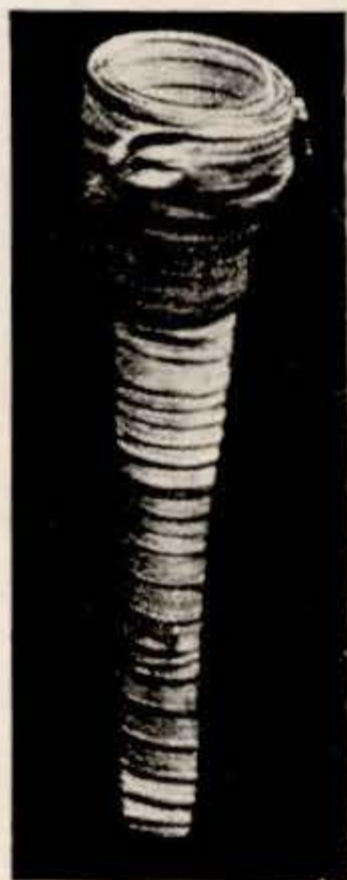
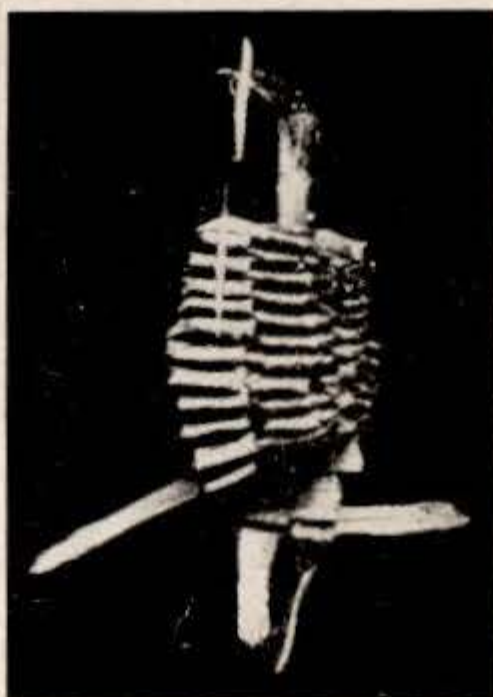
Ao meio-dia os Karajá mostram-se ansiosos por partir. Comunica-me Benedito que os Xavajé me mandavam pedir que fôsse embora, porquanto não tinham mais o que comer. Sempre a mesma dificuldade: não se pode permanecer nas aldeias mais de dois ou três dias. Pois os índios não têm em casa alimento vegetal para maior espaço de tempo; vão buscar na roça várias vêzes por semana as provisões necessárias. Havendo visita de estranhos, não abandonam as casas, de mêdo que algo possa acontecer à aldeia. Em conseqùência disso, a mandioca começa a escassear já no segundo dia (3). À vista dessas circunstâncias, o estranho deve acompanhar os índios à roça, para com êles buscar os mantimentos, ou fornecer-lhes o alimento necessário, ou então ir-se embora. Muito longo, o caminho para a plantação me teria custado um dia, o que mal valia a pena. Iam escasseando as minhas próprias provisões, pelo que, caso não quisesse pôr em apuros os meus amáveis hospedeiros, não me restava outra coisa senão partir. E podia fazê-lo de conciência tranqùila, pois a breve estada na aldeia me proporcionara boas perspectivas da vida dêsses índios, cuja cultura, idêntica à dos Karajá, me fôra desde logo familiar.

---

(3) — Em 1773, Fonseca refere a mesma coisa dos Karajá, que só tinham poucos alimentos, pois, em atenção à presença dos estranhos, não queriam sair para a caça e para a pesca, nem para as suas plantações, de mêdo que aquêles pudessem, enquanto isso, visitar as aldeias, coisa que até então se lhes proìbira. (Rev. Trim. VIII, p| 385).

3146

Prancha 31 — Figuras trançadas de fôlhas.

1-a. Ave 1-b. Ave

2. Cachimbo

3. Favo de mel

4. Figura de passe-passe

5. Favos de mel

6. Botoque

Perguntei a Benedito pelas outras aldeias xavajé. Declarou que a povoação seguinte, a grande aldeia, ficava a uma distância de uns cinco ou seis dias em canoa. Sôbre as demais aldeias não consegui tirar dêle mais nenhuma informação. Não me queria acompanhar mais adiante, ou não o podia dizer por causa dos Xavajé? Em suma, opuseram dificuldades ao meu plano de visitar as restantes aldeias. Cedí; porquê, em primeiro lugar, dependia dos Karajá como carregadores e guias, sobretudo agora, que se tratava de transportar tôda a coleção; além disso, porquê já eram poucas as minhas provisões e, ainda, porquê estavam acabando os objetos de troca, de sorte que me parecia duvidoso agüentarem uma visita à aldeia maior, e poder eu, em conseqüência disso, observar tudo tão tranqüilamente como nessa pequena e idílica povoação. De mais a mais, teria ultrapassado o prazo de dez dias dado aos camaradas no acampamento estacionário, na suposição de encontrar logo no segundo dia as três aldeias do Xavajé. Razões imperiosas forçaram-me, pois, a desistir de outro avanço para o interior. Não sei se Benedito mentiu; mais tarde ouví de Kabixá que a aldeia maior ficava apenas a meio dia de viagem da povoação por mim visitada. Como, porém, eu dependia de Benedito, eu lhe devia ceder nessa ocasião.

Enquanto se arruma a bagagem, trato de colhêr ainda quanto possível. Exibo os livros de figuras, que também aquí despertam grande interêsse. Infelizmente não resta tempo para desenhar. As canoas estão carregadas, tudo está preparado para a partida, quando o cacique me toma novamente pela mão, conduzindo-me ao rancho vizinho. Aquí está sentada uma menina a fiar; eu já a conhecia, pois comprara dela na véspera as faixas para as panturrilhas e para os tornozelos. À ordem do cacique, a jovem deixa de trabalhar, levantando-se de mau grado. A mulher do cacique tira-lhe o enfeite do pescoço, pelo que a menina quase desata a chorar. Em seguida, obrigam-na a tomar uma tanga de reserva e sua coberta de malhas de rêde, e a sentar-se na canoa. Faz tudo isso de má vontade. Uma cena misteriosa: que querem da menina, que querem que eu faça? De Benedito não consigo saber nada de preciso. Diz ser sua prima, que viajará conosco à aldeia dêle. Mais tarde, conveio que a moça estava grávida, devendo esperar o parto na aldeia da barra do Tapirapé, e depois voltar de canoa para casa, na época da enchente. Foram os Karajá os malfeitores nalguma visita precedente, sendo obrigados agora a ficar com a criança?

Pelas duas horas partimos em quatro canoas. Pouco antes, mimoseio ainda tôdas as crianças com algum presentinho, dando, além disso, ao cacique vários presentes de valor por seus préstimos

e pela hospitaleira acolhida dos meus Karajá. Chegados à outra margem, seguimos por via terrestre. Os Xavajé acompanham-nos por bom pedaço do caminho, depois ficam parados, damo-nos as mãos, dizendo uns aos outros, cada qual em sua língua, o quanto somos bons, e finalmente: *itúäre*, acabou. Seguimos o nosso caminho, e êles tornam à aldeia. Somos agora umas 15 pessoas; pois os Karajá de Korumaré, que estiveram de visita entre os Xavajé voltam também agora. Vamos todos muito carregados. Dois homens levam cestas com a coleção, outros carregam clavas, arcos e flechas, cestas, etc. Todos levam um número de flechas maior do que na ida, pois cada um recebeu algumas de presente dos Xavajé: vários dêles também trocaram algumas com o cacique. Outro carrega uma cesta alta, cheia de mudas de tabaco cuidadosamente envolvidas em grossos pacotes de fôlhas, estes por sua vez guarnecidos com varas, para não serem esmagados ou quebrados. E' que o tabaco xavajé é considerado muito melhor que o dos Karajá. Sòmente a moça não carrega nada. Benedito, atrás de quem ela caminha em tôda a viagem, leva a tanga e a coberta; é êle o seu cavalheiro, servindo-lhe a comida no prato, etc. Reina um mormaço insuportável; em tôrno de nós, armam-se trovoadas. Desce a noite enquanto ainda avançamos, com dificuldade, pelo capim alto do campo. Afinal chegamos ao rancho junto à beira do rio. Sem perda de tempo, acendemos fogo e preparamos o jantar. Cozinhamos uma sopa de chouriço de ervilhas; os Karajá socam mandioca e milho em pilões, cozendo o conjunto com carne de pirarucú e com piranhas. Pegaram as piranhas em quantidade ao lavarem no rio a carne do pirarucú; êsses peixes vorazes nela se prenderam de tal modo que podiam ser retirados da água e lançados com violentos golpes, na margem do rio. Mais tarde, as duas refeições são tomadas conjuntamente. Fico com uma espinha de peixe prêsa na garganta; os índios pilam logo um pouco de milho, mandando-me comer a farinha e, ao mesmo tempo, virar lentamente a cabeça de um lado para outro. Dessa maneira, a espinha fica envolvida, desprendendo-se paulatinamente do céu da bôca. E' um recurso eficaz, de que desde então muitas vêzes me valí com êxito.

Tôda a manhã seguinte continuamos marchando pelo leito da lagoa. A caminhada me cansa muito, pois, além da mochila, eu próprio tenho de carregar ainda três clavas pesadas, porquanto todos os outros já estão levando carga bem grande. Ao meio-dia chegamos à plantação; os Karajá levam daqui uma cesta cheia de mandioca. Alguns dêles transportam, além disso, cuias com passarinhos, comprados aos Xavajé para os levar para casa. À tarde, finalmente, tornamos a embarcar em quatro canoas. Debaixo dum

Fig. 12 — Plantação dos Karajá na Ilha do Bananal. Desenho segundo fotografia.

abrigo de fôlhas ràpidamente construído, esperamos o declínio de súbita trovoada. Alta noite, encontramos uma praia apropriada para acampar.

Ao acordar, na outra manhã, vejo partirem três canoas; na praia resta apenas a nossa embarcação maior. Terá de conduzir, além da bagagem, nove pessoas ao todo: a nós três "toris", aos cinco Karajá e à menina xavajé. Avançamos hoje ràpidamente. Pela uma hora da tarde alcançamos a aldeia de Korumaré. Êste vem logo à margem do rio, entregando-me os meus objetos; estão naturalmente na melhor ordem. Dou ao cacique vários presentes pela guarda dos objetos e pelo empréstimo das canoas; em troca, obsequeia-me êle com mel azêdo, de efeito benéfico e favorável à digestão. Daí há pouco, estamos na plantação; às escondidas, pois os índios não nos querem permitir, fotografo os canteiros de mandioca (fig. 12). Receiam haver nisso alguma feitiçaria? Recomeça a marcha pelo campo. Alguns dos meus homens ficam para trás, em companhia da juventude da aldeia. Ainda hoje suspeito que nessa ocasião me roubaram o último resto dos meus colares de missangas, o único furto que se deu, por parte dos índios, em tôda a viagem! Ao anoitecer, alcançamos o rio de curso moroso. Carregada a canoa com a bagagem, navegamos nós três "toris" a menina e o irmão de Benedito, rio-acima, até o ponto em que recomeça o caminho. Os outros vão a pé, chegando alí muito antes de nós. Acampamos para a noite; o grande número de mosquitos, no entanto, não nos deixa dormir.

Em 7 de outubro, partimos bem cedo,alcançando, pelas 8 1/2 horas, após bela marcha matinal, o acampamento estacionário. Está ainda tudo em ordem. Na nossa ausência, os camaradas mataram muitos veados, salgando e secando dois dêles como provisão. Recompenso os Karajá pelos serviços prestados; cada um recebe um machado ou uma faca, além de fumo e colares de missangas. Benedito faz preços que me parecem muito baratos, mas com que os índios se dão por satisfeitos. O próprio Benedito, recebendo ainda a canoa, de que não preciso mais, fica radiante de alegria. Os Karajá foram todos homens amáveis e diligentes, sempre bem dispostos e destemidos, formando agradável contraste com os meus camaradas brasileiros.

Fabricamos muitas caixas, nelas acondicionando a coleção; cabe tudo cômodamente em duas canoas. Os camaradas de Conceição mostram-se descontentes. Haviam julgado que eu ficaria com a outra canoa, aceitando novamente camaradas índios. Não é, porém, esta a minha intenção. Queixam-se agora, dizendo ser maior o pêso das canoas. Dois dêles até tomam a liberdade de colocar no

fundo da canoa as suas caixas de roupas, antes de estar tôda a minha bagagem na embarcação. E' que têm nelas ou couros de veado, que pretendem vender em Leopoldina; receiam que, estando as caixas em cima, os couros fiquem molhados e se estraguem com a chuva. Mando retirá-las naturalmente, e colocar primeiro a minha bagagem. Os objetos dos camaradas também encontrarão lugar; de mais a mais, até agora nada apanhou chuva em tôda a viagem. Um dos homens afinal se dá por satisfeito, mas o outro fica furioso, declarando não me acompanhar adiante. Deixo-o esbravejar, e mando terminar o carregamento. Tudo pronto, disponho-me a partir; pergunto-lhe, mais uma vez, se quer ir conosco. Está em pé, na praia, ao lado de sua caixa. Seu irmão, que lhe conhece os acessos, corre para junto dêle, para tranqüilizá-lo e, sobretudo, tirar-lhe a espingarda. No mesmo instante, êle destrava o gatilho e quer atirar; em quem, não sei ao certo. No entanto, é subjugado a tempo; tira-se-lhe a espingarda e o facão, e, colocada a sua caixa na canoa, êle próprio é levado à fôrça ao banco do remeiro. Partimos. O moço insensato fica todo abatido no seu banco. Agora, que a cena se acabou, está envergonhado. Não diz nada, come pouquíssimo, mas trabalha doravante como nunca. E' assim que encetamos definitivamente a viagem de regresso.

ANO 7 — V. 75 — abr. 1941

NOS SERTÕES DO BRASIL

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

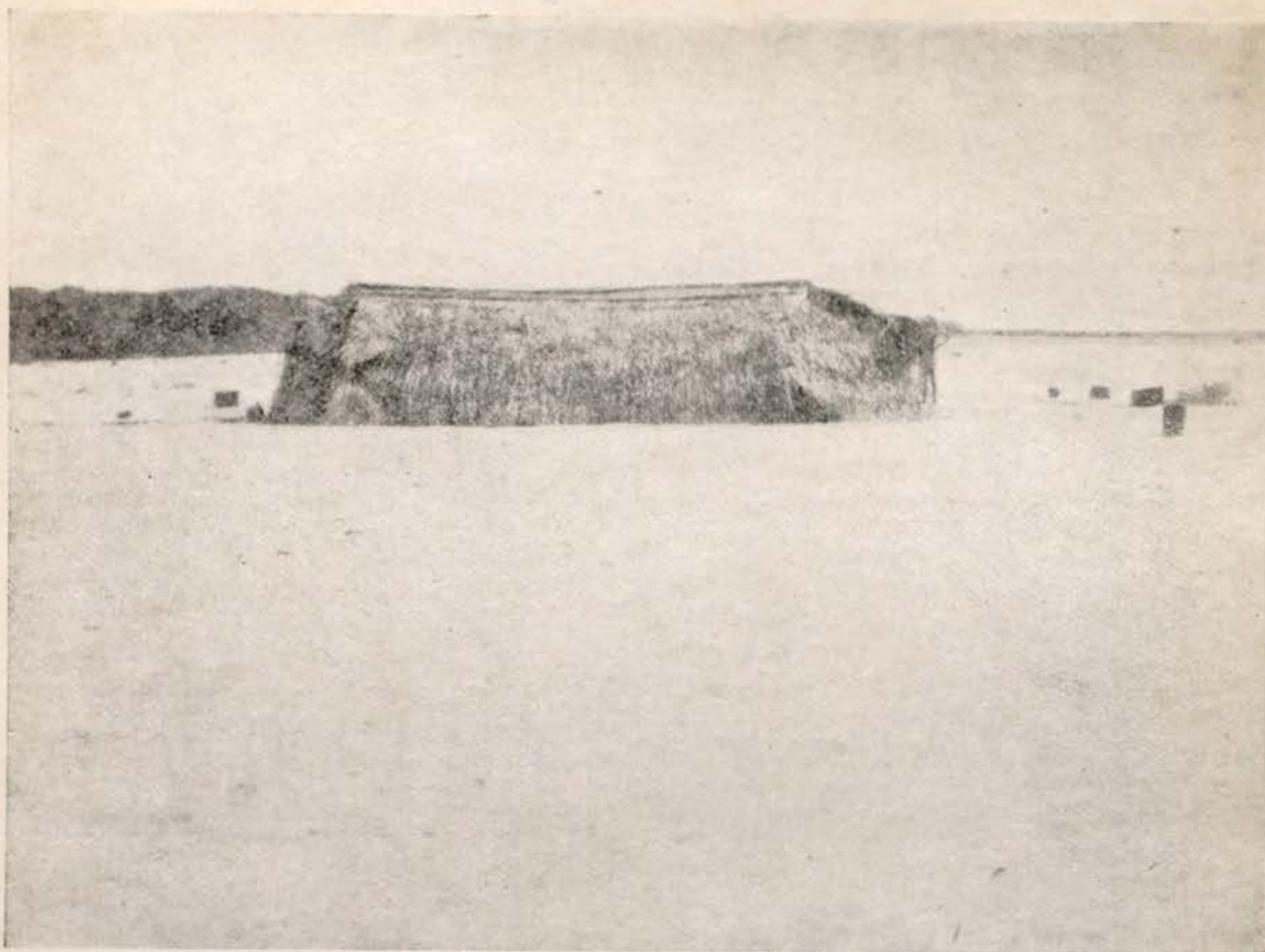
10. *Volta para Leopoldina*

Tratava-se agora de chegar a Leopoldina antes que a estação chuvosa entrasse em cheio; cumpria, além disso, visitar mais uma vez, no decorrer da viagem, as aldeias karajá, afim de investigar novamente, corroborar conjeturas, dissipar dúvidas, etc. Avançamos, o mais ràpidamente possível na subida do rio; tornamos a visitar tôdas as aldeias, demorando-nos em cada uma por maior ou menor espaço de tempo, em algumas até vários dias. Também a carência de víveres forçou-nos a viajar depressa. Já não temos arroz, toucinho e açúcar; o feijão dá ainda para dez refeições. Fora isso, restam-nos oito pedaços de rapadura, meio saco de farinha de mandioca, e 1 1/2 pratos de sal. A carne de veado salgada basta talvez para mais quatro ou cinco dias. Se possível, devemos, portanto pescar duas vêzes por dia, o que, por sua vez, retarda consideràvelmente a viagem. Espero, contudo, chegar com as minhas conservas até São José, sem precisar sofrer notável falta de mantimentos. Para economizar o açúcar, tomamos, ao meio-dia, café em vez de jacuba; tomâmo-lo com piranhas assadas.

Adam acompanha-me na minha canoa como achicador; deverá auxiliar-me na inventariação da coleção xavajé. António viaja como timoneiro na canoa pequena; assim poderá descansar. O fiel camarada participou de tôdas as emprêsas, e executou lealmente os serviços que se lhe pediam; considerando o meu próprio estado, avalio bem como deve estar esgotado; aproveita tôda oportunidade para deitar-se e dormir.

Em 8 de outubro, ao meio-dia, deparamos com solitária casa karajá. Estão presentes duas mulheres, dois filhos maiores e algumas crianças. O rancho é grande, bem arejado e fechado contra a chuva por meio de construções em arco, nas quais se encontram as entradas de pouca altura. Só se pode entrar aí bem agachado (prancha 32, figs. 1, 2). Os moradores possuem objetos muito lindos e ornamentados: clavas bonitas, cintos armados em caixilhos de trançar, um cachimbo ornamentado, lanças etc. Pequenos periquitos mansos pousam junto às paredes; numa cuia pequena com um buraco está um passarinho. É, pois muito satisfatório o resultado da rebusca nesse rancho de artistas, em que reina uma atmosfera risonha e agradável. Apenas reencetamos jornada, encontramos duas canoas com quatro índios; chegam da caça e estão voltando para casa. À tarde levanta-se novo temporal, produzindo ondas elevadas sôbre o rio; no entanto conseguimos manter as embarcações sôbre a água, podendo viajar até o anoitecer.

Ao meio-dia do dia seguinte, aponta já a aldeia de Fotuna. Foi transferida para o ponto em que, na descida do rio, tivéramos de arribar por causa do temporal, e em que topáramos duas aldeias abandonadas, separadas por um braço fluvial. Apresenta-se um homem para levar-nos à aldeia; vamos com êle para a outra margem. Compõe-se o povoado de cinco casas, tôdas de duplo comprimento e fechadas por meio de construções em arco. Não se vê mais nenhum rancho aberto. Uma única casa é habitada; os demais índios estão todos no interior da Ilha do Bananal, preparando a roça. Aí se eleva para o céu uma alta coluna de fumaça. As ricas colheitas de Korumaré no interior da ilha incitam também os outros Karajá a fazerem as suas plantações bem no interior, a 1 ou 1 1/2 dias de viagem das ribanceiras do rio. Consigo barganhar alguns objetos bonitos, sobretudo pequenos vasilhames de argila, usados como brinquedos. Com êsse estado de coisas, infelizmente não podemos comprar mantimentos; e eu pusera as minhas esperanças precisamente na aldeia de Fotuna, tida como rica. Depois de uma hora de permanência na aldeia, continuamos a jornada.

230 b

1) Rancho "de meia-estação": rancho duplo com construções em arco. Karajá.

2) Entrada para a construção em arco.

O dia seguinte, 10 de outubro, exige extraordinários esforços dos tripulantes. Desejo alcançar nesse dia a aldeia de Ilk, mas, à forte contra-corrente, avançamos muito devagar. Além disso, desencadeia-se um temporal ao meio-dia; numa pequena enseada, junto a uma ilha, abrigâmos-nos das ondas. Finalmente podemos prosseguir a viagem, e pelas 4 horas arribamos defronte da aldeia de Ilk. Está situada ainda no mesmo lugar em que a encontramos na descida do rio. Sem demora, cruzam o rio cinco canoas com índios, entre os quais Ilk e Mãe-Joana. Segue-se cordial recepção; desapareceu por completo o descontentamento dos índios. Enquanto os homens de Ilk vão pescar para mim, pois que nós não logramos pegar peixe algum na viagem, preciso falar sempre de novo sôbre os Tapirapé, dizer onde moram, onde se encontra a lagoa piscosa, etc. À noite, Ilk fica no acampamento em companhia de quatro jovens; quer cantar novamente. Tenho ainda uma garrafa de vinho tinto que azedou na viagem; ofereço-lhe a bebida, que lhe sabe admiràvelmente; com certeza, julga tratar-se de uma qualidade de cachaça tôda especial. Entusiasma-se de tal modo que canta diante do aparêlho as antiquíssimas melodias da dansa *worizó*, que só na família dêle passam de pai para filho. É pena que cante tão baixo. São melodias maravilhosas e solenes, formadas de tons prolongados e baixos. Cada uma termina com dois *ha ha*, rápidos e incisivos. Em seguida, Ilk exibe a dança juntamente com o filho. Combino com êle a repetiãço da dança para o dia seguinte afim de poder registá-la com o foto e o cinematógrafo; receberá, em paga, uma camisa. Os outros índios se retiram; Ilk fica sozinho como guarda de honra, o que considera gesto muito meritório. Tenho de falar dos Xavajé; certamente estive na aldeia para a qual êle também me tencionara levar. É quase meia-noite quando nos deitamos. Bem cedo na manhã seguinte apresentam-se no acampamento mulheres e moços com grande cópia de objetos de permuta. Peço a Ilk que dance; no entanto êle apresenta uma porção de desculpas. Parece-me que êle se peja de dançar na presença dos meus camaradas; mando-os por isso caçar e pescar, com exceção do cozinheiro. A seguir, Ilk manda embora também as mulheres; pois estas não podem ver a dança de contrário morrerão; vão esconder-se numa baixa da praia. Ilk põe-se a dançar com o filho, mas bem perto da barraca. O filho parace não saber bem ainda a dança, pelo que suponho tratar-se dum ensaio. A-pesar-disso, armo os aparelhos, mas Ilk faz um sinal de recusa. Terminada a dança, mando que a repita no campo aberto, e não na entrada da barraca, onde é quase impossível fotografar. Recusa-se, porém, a fazê-lo. As mulheres voltam, e não há mais possibilida-

de alguma. Mostro-me muito aborrecido com a sua astúcia, o que lhe dá visível satisfação. Exige, porém, o pagamento, mas só recebe, após longa discussão, um saco velho, com o qual se retira logo para a aldeia. Esse velho era mesmo um velhaco.

Após o almôço partimos. Comprei uma cesta enorme em que tenciono abrigar a grande urna mortuária do cemitério de Isabel do Morro; estamos agora sem acompanhamento de índios, de sorte que poderei levar a urna sem causar escândalo. Dentro em pouco, arribamos perto do cemitério. Está fazendo um calor exorbitante. Descalços, como estamos, galgamos a encosta escarpada, de areia fina; é quase impossível subir, tal o calor e a ingremidade do morro. A areia nos foge continuamente sob os pés e é tão quente que nos temos que sentar freqüentemente, expondo, por algum tempo, ao ar as plantas núas dos pés. Por pouco, o calor solar refletido pelo solo não nos tolhe a respiração. Finalmente estamos no alto. Está tudo ainda como há quatro meses. A urna mortuária no entanto é demasiado grande para a cesta; seria muito difícil transportá-la nas mulas. Além disso, o crânio e os ossos estão de tal modo deteriorados que não agüentariam mais o transporte. Na proximidade, há uma urna menor, meio enterrada no chão; tem as mesmas formas da outra; levo, pois, esta.

Pela uma hora da tarde, deparamos, à nossa esquerda, com uma aldeia de quatro ranchos. Na viagem para jusante, encontrámos aquí uma única casa, para a qual naquela ocasião, se dirigiu Ilk, depois de nos deixar. Há aquí um número extraordinário de crianças. Além destas, só um homem e várias mulheres. Pedem constantemente tabaco, recebendo o último resto do fumo de má qualidade, do qual Guedes me dera em Conceição dois rolos para os índios. Após curta demora, prosseguimos na jornada. Numa curva do rio, encontrâmo-nos com um índio velhíssimo, extremamente magro e esquelético; vende-nos, de bom grado, alguns ovos de avestruz, de que tem grande quantidade na canoa. Pouco adiante, desponta outra aldeia grande que não existia na viagem para jusante; é a do cacique João Cadete. Na praia arenosa duma ilha aldeiam-se quatro casas grandes e fechadas de todos os lados. Logramos comprar boa quantidade de gêneros alimentícios, como ovos de avestruz, peixes e os pequenos frutos *oitú*, de forma oval e casca felpuda. Consigo também adquirir mais uma porção de pequenos objetos bonitos. Em tôda a aldeia reina uma atmosfera de alegria, principalmente num rancho em que estão reùnidas umas cinco ou seis meninas. Ignoro quem sejam, talvez os viajantes que, na viagem de ida, passaram, à noite, pela aldeia de José. Partimos. Cadete traz ainda à canoa três peixes para vender. Embora amolecidos, porquanto velhos de quatro horas, êle pede por êles

1 m de tabaco. Ofereço-lhe 5 cm de tabaco, por peixe. Êle se retira; na outra extremidade da ilha, porém ele me vem colocar os peixes na canoa a troco do preço oferecido. Vencera-o, a fascinação do fumo. Riem-se todos, inclusive os índios, e também êle se ri de si próprio.

Após uma hora de viagem, acampamos. Uma leve aragem traz-nos um pouco de frescor. Sentado na areia, diante da barraca, inventario os objetos há pouco adquiridos. Arriba uma canoa, da qual desembarcam quatro índios, oferecendo-nos ovos de avestruz; ainda não os temos em superabundância. Alfredo, o que leva a palavra, aproxima-se de mim, observando prolongadamente o que estou fazendo. Depois de algum tempo, êle me diz: Acho que você faria bem em dar-me todos os seus objetos de permuta." Indignado, repreendo o malcriado, e percebendo que nada receberá e que jantamos sem convidá-lo, êle finalmente se retira.

À hora do almôço, acampamos no dia seguinte, 12 de outubro, pouco abaixo da barra do Rio das Mortes. Os ovos de avestruz foram cozinhados na véspera; esperamos impacientes a gostosa refeição. Abrindo-os, vemos que já contêm pintainhos. Cortamos a parte restante dos ovos, lavando-a e comendo-a de olhos fechados. À uma hora alcançamos a aldeia do falecido cacique Cincinnati, composta agora de três casas, e situada um pouco a jusante do lugar anterior. Os moradores não são de trato muito agradável; regateiam incrìvelmente, querem ganhar muito e não se contentam com nada, de modo que só a muito custo consigo adquirir alguns objetos valiosos, como um adôrno completo para menino, consistindo num elmo de penas, em borlas para a nuca presas a longo pingente de missangas, e em duas tulipas auriculares com enfiadas muito compridas de missangas, com tufos de plumas na extremidade (prancha 33); uma esteira pintada, etc. São graciosas as criancinhas, que bricam com um rebanho inteiro de porcos feitos de cera. Numa fresta da parede observo um aparêlho ignígeno; peço aos moradores que façam fogo; esforçam-se, em vão; do aparêlho sai apenas fumaça; a farinha que se desprende do pau não pega fogo. Sobre o Rio das Mortes divisa-se grande coluna de fumaça; dizem ser de um parente, que aí está fazendo a sua roça. A outra coluna de fumaça, porém, que se eleva a montante, sôbre a Ilha do Bananal, é naturalmente dos Canoeiros, como nos informam as mulheres, com voz trêmula. Partimos depois de uma estada de duas horas. Daí há pouco, encontramos uma canoa com uma mulher e uma menina; estão voltando do mato, e levam a canoa repleta de *oitús*. Cedem-nos de bom grado algumas cuias dêsses frutos. Mais tarde, encontramos outra embarcação; é um casal que regressa da plantação. O carregamento,

formando elevada pilha no centro da canoa, está coberto de esteiras contra a chuva que ameaça desabar; de bom grado, o marido me vende alguns dos peixes que leva na canoa. Levanta-se um vento forte, que impele sôbre o rio, em forma de nuvens densas que tudo escurecem, a fumaça das queimadas do campo. Daí há pouco, armamos o acampamento; anoitece. Com rutilante côr vermelha, eleva-se para o céu a claridade das duas fogueiras. Em tôrno, nuvens pretas de trovoada, entre as quais faíscam lampejos sem cessar; grandiosos raios ziguezagueantes percorrem o firmamento; é um espetáculo encantador.

Começa agora o trecho intermediário em que não há aldeia alguma. Cumpre atravessá-lo o mais depressa possível, porquanto os víveres estão escasseando sempre mais. No essencial, dependemos da pesca, a que nos entregamos duas vêzes por dia, de manhã cedo e à noite; muitas vêzes pegamos uma porção de peixes em pouco tempo. Mas freqùentemente também se experimenta em vão num e noutro ponto sem arranjar quantidade suficiente; gastamos então horas inteiras até obtermos o bastante para a refeição. É claro que destarte a viagem se torna extraordinàriamente demorada. Na refeição, os peixes são acompanhados de conservas, porquanto estão esgotadas as demais provisões; temos, em geral, vagens, repôlho roxo, couve crespa e couve branca. É disso que os camaradas e eu gostamos mais. Não havendo peixes, cozinha-se uma sopa, geralmente de linguiça de ervilhas, farinha de aveia ou, ainda, flocos de aveia, engrossando-a com milho socado. Em tôdas as refeições do dia, alimentâmo-nos agora quase só de peixe. De manhã cedo, comemos, com café não-açucarado, as pequenas piranhas assadas que sobraram na véspera. Ao almôço, cozinhamos as piranhas grandes, tostando as pequenas no espêto. Estas guardamos para o jantar; pois não temos mais jacuba, e, o açúcar igualmente se acabou, também já não fazemos café. Em compensação, descubro, entre as minhas provisões, vários quilos de chocolate. Certo, está deteriorado e com manchas amarelas, mas, depois de cozinhado, tem um sabor inpecável, e até os meus camaradas, que primeiro recusavam a bebida a êles estranha, bebem-na agora sôfregamente. Acompanhâmo-la de piranhas tostadas frias. À noite, repete-se o cardápio do almôço. Cozinhamos sem sal, pois acabou-se a nossa provisão; a comida torna-se, assim muito insípida, devendo-se ingerir grandes quantidades para ficar satisfeito. Um peixe grande cozido e uns 3 ou 4 peixinhos tostados são a ração de um homem por refeição. O único condimento que nos resta é a mostarda, mas também esta já está escasseando.

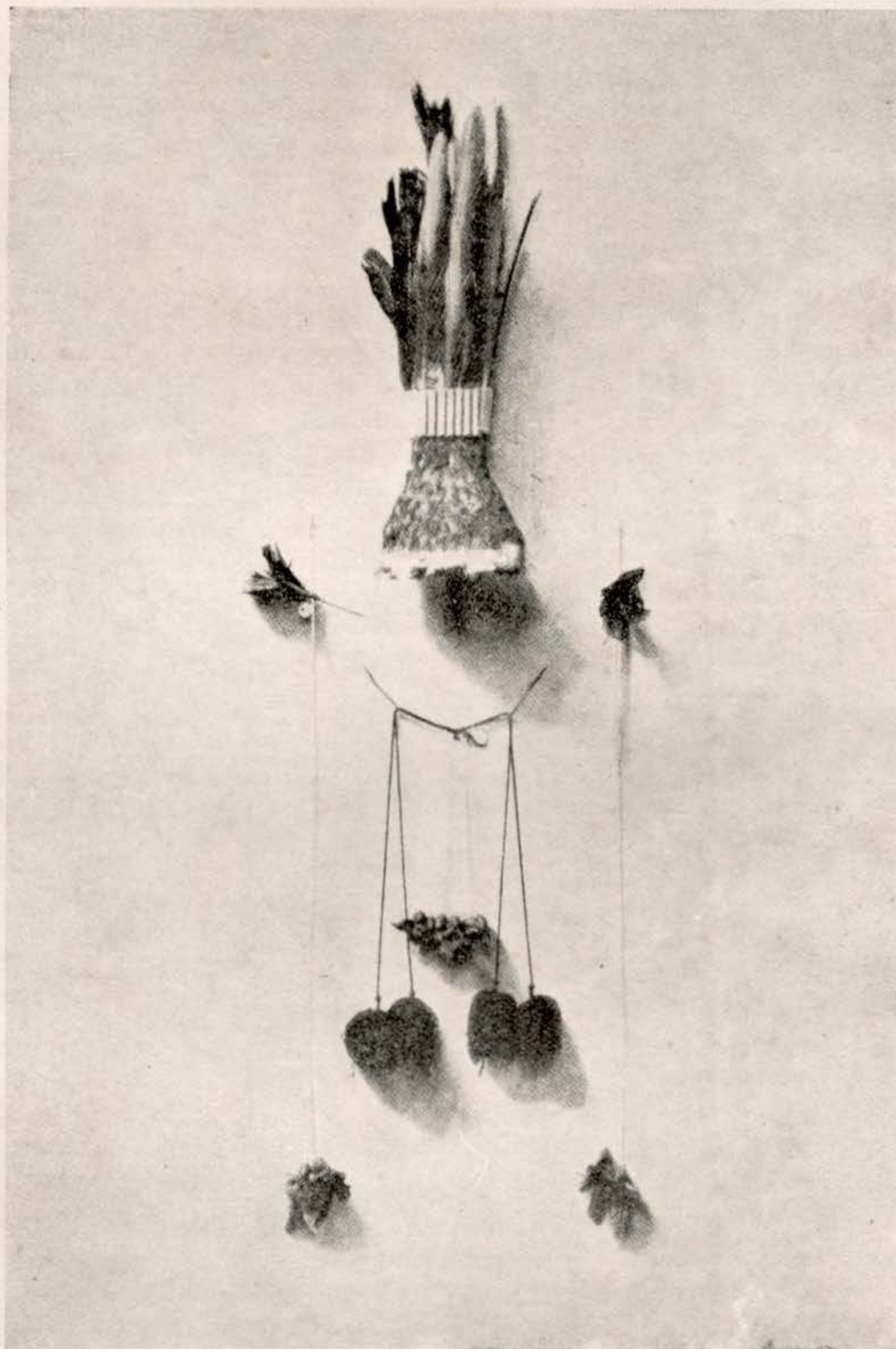
As condições do tempo nos trazem igualmente muitas contrariedades. A época chuvosa entrou em cheio. Quase diàriamente formam-se ao meio-dia pesadas nuvens de trovoada, que desabam à tarde ou durante a noite, mas que às vêzes também nos surpreendem na viagem, causando demora. As tempestades são ainda raras, vencemos felizmente a grande zona da região do Rio das Mortes, onde são freqüentes; assim, pelo menos, não estamos mais sujeitos a demorar-nos horas a fio por causa dalgum vento forte.

Bem cedo na manhã do dia 13 prosseguimos na viagem. No momento em que queremos partir, desprende-se do barranco da margem oposta, encharcado pela chuva, uma grande gleba de terra; elevadas séries de ondas cruzam o largo rio, quebrando-se com violência contra a praia em que estamos. É necessário, agora, tomar muito cuidado junto aos altos barrancos da margem. Na tarde do outro dia temos uma demora desagradável; arma-se grande trovoada na margem oriental, grossas nuvens brancas estão suspensas diretamente sôbre o barranco. Sem perda de tempo, refugiâmo-nos num lugar de pouca profundidade, cobrindo as canoas. Mal estamos prontos, quando a massa de nuvens vem rolando para o rio, passando sôbre a água com extraordinária velocidade. O forte temporal impele os jactos de chuva horizontalmente por sôbre a superfície do rio. Dentro em pouco, tudo tem a feição duma massa alvacenta, mal se enxergando à distância de 7 m. Não se percebem relâmpagos, mas os trovões reboam sem cessar nos ouvidos. Temos de achicar duas vêzes; finalmente para a trovoada, e a atmosfera se aclara. Olhamos a outra canoa, que arribou pouco acima, na praia arenosa; também essa não sofreu nada. A-pesar-da capa, estou completamente encharcado; além disso, está fazendo um frio penetrante, de modo que se pode enxergar o hálito. Está tão turva a água que à noite os peixes não mordem a isca. A despeito de repetidas tentativas, pegamos só bem poucos. Com essas dificuldades, avançamos nesse dia só um têrço do trajeto percorrido em um dia de viagem para jusante.

O que será de nós se agora gastarmos sempre três dias para um trajeto percorrido em um dia na descida do rio? O dia seguinte não é melhor; à hora de partirmos, estão suspensas no firmamento pesadas nuvens de chuva. Daí há pouco começa a enxurrada, que se prolonga por tôda a manhã; diminue apenas um pouco pelo meio-dia, de sorte que podemos arribar para o almoço. Ao anoitecer, pegamos grande quantidade de peixes, que compensa a escassa refeição do meio-dia.

Em 16, acampamos, à noite, defronte da Barreira de Santa Isabel Velha. Hoje temos carne de ave: foram mortos dois mutuns. O dia seguinte nos traz carne selvagina: caçamos um veado numa praia arenosa. Sem perda de tempo, preparamos e secamos a carne; basta para duas refeições, não sendo preciso pescar. À tarde, os raios do sol passam novamente através das nuvens; não os vimos durante vários dias, o tempo esteve frio e chuvoso como num dia de outono. Na manhã do dia 18, no momento em que queremos partir, verificamos que a canoa menor faz água; encheu-se pela metade durante a noite. Todos os caixotes — entre êles naturalmente os que contêm as chapas fotográficas — estão encharcados; felizmente o prejuízo é de pouca monta. Daí há pouco, está consertada a canoa. Antes do almôço, passamos pela barra do Rio Cristalino. Ao meio-dia, o calor se torna estafante; em tôrno, ameaçam trovoadas. Insetos de ínfimo tamanho, os assim-chamados borrachudos, pousam em grande número nas mãos, nos braços, nas pernas, no rosto, e onde quer que encontrem um pouco de pele descoberta, sugando sangue, com dolorosa ferroada. Dentro em pouco, a gente está salpicado de pontinhos vermelhos. Vejo-me forçado novamente a usar meias, o que não fiz desde a viagem sôbre o Tapirapé.

Numa laje deparamos inesperadamente com pégadas de índios que aquí estiveram há um dia, mais ou menos: em volta de alguns restos de fogueiras, estão espalhadas couraças de tartaruga, restos de peixe, cascas de frutos. Haverá índios Karajá viajando na nossa frente, ou será que aquí estiveram realmente Canoeiros, como os meus camaradas querem acreditar? Continuamos a jornada, ao longo do barranco escarpado; ora diante, ora atrás de nós, desprendem-se pedaços de rocha, mas felizmente não nos acontece nada. Na tarde do outro dia, encontramos os índios. São realmente Karajá, da aldeia de Fotuna, em viagem para Xixá, onde querem anunciar a chegada do cacique Fotuna, que pretende casar-se com a irmã de Pedro, para ter mais uma mulher. Os viajantes armaram pequeno acampamento de dois alpendres de esteiras, a cuja sombra estão sentadas umas 4 ou 5 mulheres e uma porção de crianças, sob a proteção de um homem; os outros homens saíram todos para a pesca. Pois como não levam provisões, devem pescar duas vêzes por dia. Assim a viagem é naturalmente muito morosa. Encontramos poucos objetos para barganhar, e além disso os índios falam muito pouco português, pelo que partimos depois de curta demora, acampando numa praia arenosa e pedregosa. Desce a noite. Pelas 8 horas, ouvem-se de súbito remadas na água, uma canoa arriba rangendo na areia; quatro homens karajá chegam ao nosso acampamento. Trazem uma porção de

236 b

Enfeites para menino. Karajá.

Em cima: elmo de penas; à direita e à esquerda: tulipa auricular com enfiada de missangas; no centro: pingente de missangas com borlas para a nuca.

bons objetos de permuta, e carne de pirarucú. Compro-lhes tudo, salvo um pedaço de peixe, que êles então cozinham na minha panela; é que ainda não comeram, tendo-nos seguido logo depois de seu regresso da pesca. São homens risonhos e de trato agradável. Não se cansam em bater-me no ombro, assegurando que sou bom. Impressionou-os, pois, a remuneração de Pedro. Desenham entusiasmados no meu livro de notas. É uma noite clara e estrelada; peço-lhes os nomes das estrelas, e logo desenham no meu livro algumas constelações (figs. 13, 14). Sem dúvida, dá-lhes prazer o interêsse que dispenso ao assunto; pois agora trazem a metade duma cuia, completamente coberta de figuras e ornamentos, explicando-me os vários desenhos durante horas a fio. Também conversamos bem sôbre outros assuntos. Partem à meia-noite, mais ou menos; por longo tempo, ouvem-se ainda, na noite tranqùila, as suas risadas e canções.

Fig. 13
Desenho no meu livro de notas: lua com montanhas (sapo)

Fig. 14
Desenho nos meu livro de notas: a) pléiades (periquitos); b) o jaguar pula; c) contra a avestruz (A e B do Centauro).

Essa visita, de tão belos resultados, tornou a animar-nos um pouco. Recreou-nos o coração a presença dêsses homens alegres, e a conversa com êles.

Na manhã seguinte passamos pela extremidade sul da Ilha do Bananal. A barra do furo ficou reduzida a uma largura de 4 m e a uma profundida de 1 m; cresceu extraordinàriamente o banco de areia que obstrue a entrada para o leito do furo. Avançamos bastante depressa; continuando assim, estaremos em breve na primeira aldeia indígena. Na tarde do dia seguinte topamos na margem do rio os primeiros rastos de gado bovino, os primeiros indícios de cultura; acalenta-nos nova coragem. Ao anoitecer examinamos as nossas provisões: restam-nos apenas duas latas de ervilhas verdes, de que ninguém gosta por causa do seu sabor desenxabido. É tempo de entrarmos em contacto com homens.

Partimos bem cedo na manhã seguinte, 22 de outubro. Se viajarmos bem, devemos encontrar à hora do almoço a aldeia indígena n.º 8, a primeira da horda meridional. Os camaradas fazem esforços ingentes. Finalmente dobramos a última curva, — a aldeia não está mais alí. Bem ao longe, junto à volta seguinte,

lobrigam-se as casinhas amarelas. Súbito, desponta à distância sobre o rio um ponto preto; vai aumentando sempre mais e aproxima-se depressa. Só pode ser uma canoa brasileira. Oxalá não passe por nós, que nos estamos esforçando junto ao elevado barranco! A canoa menor, mais rápida, adianta-se depressa, conseguindo no último momento fazer parar a embarcação num banco de areia situado no meio do rio. Daí há pouco, também chegamos alí. É uma canoa de Guedes, que leva mercadorias a Conceição, devendo na volta, trazer a Leopoldina a família de Guedes. Os viajantes podem ceder-nos um pouco de arroz, farinha de mandioca e rapadura; de toucinho, carne e sal, porém, só levam o necessário. Pelo menos alguma coisa. Por cúmulo de venturas, recebo também correspondência, enviada ao meu encontro pelo agente postal de Leopoldina, que dera ordens aos portadores de entregá-la aos índios precisamente nesta última aldeia, caso não me encontrassem antes. Quanta coisa agradável ao mesmo tempo! Dentro em pouco, continuamos a jornada, arribando junto da aldeia. Compramos logo um pouco de peixe; temos agora arroz e farinha, além de jacuba genuina ao meio-dia; que delícias! Respiramos todos aliviados. Na aldeia, formada de duas casas apenas, há pouca coisa que barganhar. A mulher conservativa está ainda tão retraída como dantes, e a pobre família nos pode ceder sòmente uma varinha mágica para influenciar a chuva. Partimos após curta demora, alcançando, depois de pouco tempo, a aldeia n.º 7. Está situada ainda na mesma praia, mas dividida em duas partes; a setentrional, formada de tres casas, a inferior de uma só. Posso adquirir aquí uma porção de coisas; os índios oferecem-me sobretudo remédios e objetos mágicos em quantidade. Kurixí vive novamente em companhia da mulher e dos filhos; riem-se quando falam da rixa entre êles havida. O marido se oferece de bom grado a acompanhar-me até Xixá, para, na viagem, fornecer-me informações de tôda espécie e contar lendas. Cumpre a promessa, e fui feliz na decisão de levá-lo comigo. Dá boas respostas, empenhando-se sinceramente por aclarar tôdas as minhas dúvidas. Antes do mais, conversamos sôbre todos objetos adquiridos na aldeia, bem como acêrca de tudo que observei nas visitas às povoações; a seguir, vou indagando sôbre todos os domínios da cultura. Recusa-se apenas a narrar as lendas. Só depois de muito tempo obtenho dêle alguns textos. Viajamos assim juntos na canoa; enquanto êle conta, eu vou fazendo as anotações e formulando as perguntas. Interrompemos o serviço apenas à hora da sesta, quando o calor é tal que o suor escorre pelos braços, e os remeiros não podem mais trabalhar, tornando-se preciso um descanso à sombra da margem.

Ao anoitecer do mesmo dia acampamos na barra do rio Crixá. Encontra-se aquí um solitário rancho indígena, habitado por uma família, estão todos ocupados diligentemente na confecção duma cesta. Aquí não há nada para comprar; à noite o homem chega ao acampamento; retira-se, porém, depois de conversar uma hora com Kurixí. Mais tarde, êste me informou de que o visitante trouxera um bodoque de pedra, para mo vender; no entanto, não mo ofereceu. Por motivos que não sei como explicar, perdí assim a única ocasião em que um índio queria ceder tão raro objeto de adôrno.

Na outra manhã, dia 23, arribamos bem cedo na aldeia seguinte, n.º 6. Compõe-se agora de apenas três casas, e está situada ainda na mesma praia. Encontro aquí ainda uma porção de objetos para barganhar. Os moradores são muito afáveis e obsequiosos. Indo de casa em casa, posso examinar o conteúdo de todos os cestos com tampa, em que guardam os seus haveres. Obtenho aquí também uma concha do vermelho sal amargo das salinas de São José. A pouca distância, à margem da floresta, eleva-se o rancho das máscaras. Kurixí exibe com outro índio uma dança de máscaras; sabe que quero tirar umas fotografias, e fica parado até eu estar pronto. Infelizmente as chapas já estão muito estragadas, pelo que as fotografias não ficaram muito boas. Depois de uma estada de duas horas, partimos da aldeia, alcançando ao anoitecer a casa solitária n.º 5 junto do Lago do Café. A família continua vivendo aquí tão isolada como dantes; o homem é ainda tão ingênuo como era. Mas repudiou a mulher, mandando-a para junto do irmão dela, que mora em São José; é que achava muito velha. Afirma, porém, que lhe deve enviar ainda mantimentos. Em substituïção, casou-se com a bela e jovem cunhada, que agora faz as vêzes de mãe das crianças. E' um processo bem típico. Encontro aquí apenas um objeto para comprar: uma boneca de argila, caricatura da avó curvada pelo pêso dos anos (fig. 15). Quando pergunto o que representa a boneca, a petizada aponta com algazarra para a velha macilenta, deitada debaixo de sua coberta. Um segundo índio nos seguira da aldeia n.º 7, declarando viajar também para São José. E' evidente que tenciona viver à minha

Fig. 15

Boneca de argila: caricatura da velha avó. Karajá

custa. Como isso é impossível nas circunstancias atuais, não me resta outra coisa senão mandá-lo embora; na manhã seguinte já não está na aldeia.

Começa mal o dia 24 de outubro: os peixes não querem, de maneira alguma, morder no azol; ao almôço temos sòmente as ervilhas verdes insulsas e café não açucarado. A ninguém sabe o legume desenxabido. Ao meio-dia reina um calor estafante; fatigados, vamos levando as embarcações pela orla da praia arenosa. Eis que — parece um sonho! — vemos uma vaca pastando à margem do rio, e perto, dois homens a cavalo. A tôda brida, remamos naquela direção. Conseguimos chamá-los. Estão a caminho de São José. Ao meu pedido de alí encomendarem mantimentos para mim, respondem, que, com probabilidade, eu chegarei a São José antes dêles, na últimas horas da tarde. Com novo alento, prosseguimos na jornada; nem a violenta trovoada que nos surpreende nos faz parar, e, realmente, pelas 5 horas despontam as primeiras casas de São José. A muito custo, obtenho algumas galinhas, um pouco de sal, açúcar e feijão. O mensageiro prontifica-se novamente a ir a cavalo às fazendas dos arredores, afim de encomendar carne sêca, arroz, feijão, farinha de mandioca e rapadura. Acampamos sôbre a praia arenosa defronte da vila. As dificuldades maiores temo-las atrás de nós; entramos novamente em contacto com a cultura; podemos encarar confiantes o futuro.

Sem dúvida teremos aquí outra vez alguns dias de repouso. São felizmente dias de muito sol; podem-se descarregar as canoas, e espalhar e secar sôbre a areia todos os caixotes e utensílios encharcados pelas chuvas. E é necessário, pois algumas coisas já começam a estragar-se. Antes do mais precisamos desembaraçar-nos de todos os objetos desnecessários, afim de obtermos nos baús de fôlha de Flandres, espaço suficiente para as peças de coleção. Adam atravessa o rio e vai à povoação; não obtém carne nem galinhas, mas, em compensação, traz um porquinho. Apesar-de domingo, fazemos matança de porco. À tarde, recebemos farinha de mandioca e feijão. O mensageiro trabalha bem. Os camaradas têm dia de folga; visitam a povoação. Fico sòzinho no acampamento. É um dia quente; reina uma atmosfera de domingo. Deitado à sombra da barraca, leio algumas revistas velhas que serviram de material de embrulho. Está tudo tranqüilo no acampamento; ouve-se apenas o zunir das moscas e dos mosquitos que voejam em tôrno de mim. É risonho o aspecto das casas brancas, de telhado vermelho-claro, que se alteiam, entre o verde

Imitações de máscaras para danças: a) máscara "idjazó"; b) máscara "ladení"

das árvores, sôbre o barranco pardacento, além das águas azues da corrente. Mugem as vacas, cantam os galos; esquece-se completamente que se está no centro do Brasil.

À noite tenho visita de índios: em São José mora uma família karajá; os homens aparecem no acampamento com alguns objetos de permuta. Também no dia seguinte visitam-me várias vêzes, trazendo sempre alguma coisa, de preferência remédios e objetos mágicos de tôda espêcie, em cujo poder êles próprios ainda crêem firmemente, obrigando-me a guardá-los logo para não os utilizar contra êles próprios. Num dêles, na flecha mágica, substituiram a ponteira de aguilhão de arraia por outra, de osso, sòmente para não me ser possível empregá-la para algum malefício (fig. 16 a, b). Também êste dia passa-se tão tranqùilo como o anterior. Adam está sempre em caminho, para ver se consegue arranjar carne; volta, finalmente, com peixe sêco. Kurixí passa o dia sentado na barraca, ocupado em costurar uma cesta com tampa, e em contar lendas e histórias. Fá-lo primeiro circunstanciadamente em português. Peço-lhe, em seguida, que as narre em sua língua materna; bastam-lhe, para isso, 5 ou 6 frases curtas, que reproduzem precisamente os pontos principais. Certamente os índios transmitem dessa maneira as suas narrações. Por fim, Kurixí deve repetí-las em português, para que eu tenha tudo exato. Nessa segunda narração, êle se serve regularmente de outras expressões, ora omitindo alguma particularidade, ora acrescentando outra; sente-se como êle próprio trabalha enquanto conta. Recolho, assim, um material de extraordinário valor.

À tarde, visita-me o assim-chamado professor. É oficial do registro civil, que me vem pedir papel para escrever um relatório, coisa que há muito não faz. Será que, para mandar o seu relatório o funcionário espera sempre até passar por aquí algum explorador ?

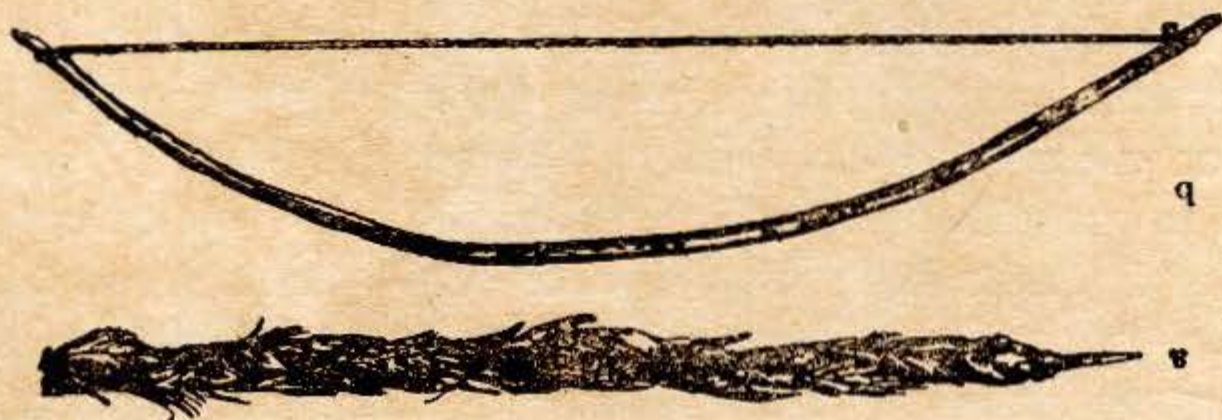



Fig. 16

Flecha mágica com arco
Karajá

Ao anoitecer volta o mensageiro com 16 pedaços de rapadura, mas sem carne e arroz. Temos de contentar-nos, pois, com o feijão e o peixe sêco. Conseguimos comprar queijo; doravante temos novamente queijo com rapadura como gostosa sobremesa. Como se tornam exigentes os homens ao retomarem contacto com a cultura !

Em 27 de outubro, cedo partimos de São José. À hora do almôço alcançamos a aldeia n.º 4; quatro casas alteiam-se sôbre a praia arenosa. Agora mora aquí também uma família de Xixá; informa-me de que os meus objetos chegaram bem a Leopoldina. Duas das casas estão construidas de maneira completamente diferente que os outros ranchos karajá; têm paredes verticais e paus de cumieira. Remonta isso em parte à influência dos Xavajé, com os quais a horda sul aparece mesclada; e em parte aos brasileiros. No interior das casas reina um frescor agradável. Um homem está ocupado em trançar redes para toucados de penas. Prontifica-se a iniciar-me na arte de fazer *filet* sem instrumentos. Em outro rancho estão substituindo a um menino as ataduras das panturrilhas, que já se tornaram apertadas. O rapaz está deitado, a fumar, sôbre uma esteira, uma porção de cobertas sob os joelhos, para poder levantar as pernas sem esfôrço. A mãe e a irmã, sentadas diante dêle, fazem-lhe logo na perna as faixas novas. A um canto, o cacique Kulí, abrindo com duas pedras, pequenos cocos torrados; cede-me afàvelmente, por um pouco de tabaco, uma cuia dêsses frutos.

Após o almôço, prosseguimos na viagem; o calor se torna quase insuportável; arma-se uma trovoada. Sem demora, Kurixí toma a varinha mágica, batendo com ela constantemente para jusante, como se quisesse tocar a chuva para alí, e, com efeito, a trovoada se afasta naquela direção, e nós não somos atingidos por ela. Na manhã seguinte, arribamos cedo na Fazenda de São Joaquim; temos esperança de comprar aquí carne e arroz. A cem metros do barranco, está situada a casa da fazenda, de aspecto bem aprazível. A viúva está sozinha com as crianças; o filho adulto foi às salinas de São José, afim de preparar sal. A fazendeira nos vende um pouco de carne, algumas galinhas, queijo e ovos; oferéce-nos também um pouco de leite. A mulher faz uma boa impressão, não é tão indiferente como os outros moradores da região, mas bem viva e laboriosa. À tarde, arma-se forte trovoada; um violento temporal varre a superfície do rio. Por longo tempo, ficamos parados junto ao barranco da margem, antes de podermos tentar a travessia. É um lugar muito perigoso aquí. Conta-me Kurixí que, por ocasião de um temporal dêsses, certa vez virou uma canoa indígena, quando se aventurou a cru-

zar o rio, morrendo afogado um dos homens. Xixá foi transferida para montante; fica agora perto da localidade brasileira. Por bastante tempo, temos de lidar ainda perto da praia antes de nos aproximarmos. Em Kurixí despertam velhas recordações: criança, viveu com a mãe e o tio na única casa então existente em Xixá. Só mais tarde a sua família mudou para aldeia n.º 7. Desde então, êle não esteve aquí. Agora as enseadas, as ilhas, tudo novamente se lhe afigura conhecido. Uma árvore enorme jaz derrubada na margem fluvial. Reconhece-a; lembra-se de em menino ter trepado nela. A alegria de reencontrar o velho conhecido no mesmo lugar, comove profundamente êsse índio, sempre tão comedido; é só com fortes soluços que pode continuar a narração, e no entanto vê-se-lhe brilhar a alegria nos olhos. Já começa a escurecer, quando arribamos à praia. Pedro vem correndo, para cumprimentar-nos, trazendo pela mão o filho ainda pequeno; pintaram-se ambos de vermelho para a recepção.

Daí há pouco, estamos sentados numa roda; aos poucos aparece tôda a aldeia. Pedro começa a relatar: avançou muito lentamente, o cozinheiro estava fraco, e Manuel enfermo. Levou, por isso, três homens da aldeia de Fotuna, em vez de um só, entre os quais o próprio Fotuna. No Rio Cristalino esgotaram-se os víveres (naturalmente, pois haviam sido calculados para quatro pessoas, e não para sete) ; tiveram de pescar sempre, com o que os brasileiros ficaram muitos indignados. Na ponta sul da Ilha do Bananal, Manuel já estava bom novamente, voltando a comer e a trabalhar. Finalmente chegaram a Xixá; êle, Pedro, ficou aquí, enviando seu irmão com a canoa a Leopoldina; daí em diante, Manuel trabalhou como timoneiro. Em Leopoldina está tudo abrigado no armazem de Guedes. — Por muito tempo, ficamos ainda sentados na barraca a conversar, enquanto fora chove a cântaros.

O dia seguinte, 29 de outubro, é de folga. Pedro e António vão a Xixá, para comprarem mantimentos. Visito a aldeia indígena; compõe-se de quatro ranchos, sendo três na praia em que estou acampado, e a quarta numa praia próxima. Essa última é habitada por Xavajé, e já de manhã cedo apresentam-se estes para me levarem à casa dêles. É um rancho grande e bem arejado, construído à maneira genuìnamente xavajé; só que êsses índios já adotaram as paredes verticais. Moram muitas pessoas aquí; são provenientes da aldeia grande e cozinham no interior do rancho, como é costume na região donde vieram. Adquiro ainda uma porção de objetos interessantes, dentre os quais se destacam pequenas figuras representando as várias máscaras para danças, e servindo de brinquedos aos meninos (pranchas 34 e 35). Mais tarde visito os Karajá. No primeiro rancho mora o

cacique Cadete Chico, no segundo Pedro. Também aquí há ainda uma porção de coisas para comprar; gosto de estar aquí, porquanto nos ranchos reina um frescor agradável, ao passo que na minha barraca faz calor. O terceiro rancho é habitado por Kabixá de Leopoldina. O filho da irmã faleceu; Kabixá enterrou-o aquí no cemitério karajá, e não em Leopoldina, porquê a terra dalí foi benta pelos cristãos. Na casa ressoam cantos de lamentação; deixo para mais tarde a minha visita ao rancho, não quero perturbar os inquilinos no seu luto. Após o almôço, chega Mauzí, convidando-me para visitar o pai. Vou logo com êle, encontrando a família tôda na casa enlutada. O pai, sentado no centro, sôbre a esteira, lamenta-se e agita o chocalho. A mãe e a irmã estão deitadas junto à parede, em tôrno da cabeça uma atadura de fôlhas de palmeira. Maudihí está trançando um cinto, auxiliado pela menina tapirapé; os dois parecem dar-se muito bem. Mauzí senta-se, começando a fabricar flechas. Em todos os rostos vê-se estampada a tristeza. Kabixá pede que eu lhe conte como foi a viagem; enquanto escuta, faz os seus comentários. Informa-me de que no Rio das Mortes também moram Karajá, parentes dêle, numa aldeia pequena, de 3 ou 4 casas. Na viagem, todos me haviam negado existir essa aldeia, que está registrada no mapa de Ehrenreich. Diz Kabixá que a grande aldeia xavajé fica apenas a um dia de viagem daquela que visitei. Conta que certa vez os Xavajé se dividiram em dois grupos ficando uma metade na ilha do Bananal, enquanto a outra atravessou o Araguaia, dirigindo-se para oeste, sem que se saiba, no entanto, onde foi parar. O meu interlocutor é uma pessoa bem agradável; com voz clara e serena, êle vai dando a sua opinião. É sem dúvida um homem culto, à maneira dêle. De todos os Karajá, só êle e Mauzí nunca me pediram coisa alguma, nunca pedincharam comida. Ambos querem acompanhar-me até Leopoldina, para comprarem tabaco e sal. A seguir, Kabixá tenciona voltar e levar a família, pois tôda ela não gosta de Xixá. Afirma que tabaco e cachaça são ruins e caros, que em Leopoldina tudo é melhor. Vê-se como êsses homens são atraídos pelas benção da cultura.

a

c

b

Imitações de máscaras para danças:

a) máscara "djalhení"

b) máscara "idjazó"

c) máscara "ladení"

b) e c) confeccionadas inteiramente de penas.

ANO 7 — V. 76 — 1941

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

FRITZ KRAUSE

10. Volta para Leopoldina

(continuação)

À tarde apresenta-se Pedro para receber a sua remuneração. Propõe que eu pague apenas um homem, como foi combinado. E' bem difícil ajustar as contas, pois estão quase esgotados os meus objetos de permuta. O irmão é remunerado pelo transporte até Leopoldina; a Pedro posso dar ainda o necessário para um homem, além de algumas ninharias e um pouco de dinheiro. Ofereço ainda o meu machado e a nossa enxada; mas recusam objetos usados. Kurixí recebe igualmente o seu pagamento; dou-lhe o que foi combinado, além dos últimos objetos que me restam. Quer, a todo transe, também uma canoa; mas tal não foi combinado, e, de mais a mais, não tenho mais nenhum machado para lhe comprar uma. Deve-se contentar, pois, com a remuneração que lhe cabe. — Em seguida, chegam todos os habitantes da aldeia, homens, mulheres e crianças. Fazem questão de ouvir o fonógrafo. Está ainda muito quente, os cilindros estão ainda demasiado moles; explico-lhes, por isso, que só poderei tocar após o pôr do sol. Ficam todos sentados, esperando pacientes. As mulheres palram e riem, a meninada brinca e "aposta corridas" o da frente sempre estendendo os braços para os outros não lhe tomarem a dianteira. Anoitece; a ceia está pronta. E como hoje

não me livrarei tão cedo dos índios, resolvo comer primeiro. Sùbitamente desaparecem todos, fora os jovens; não suportam ver a alguém comendo sem que recebam também alguma coisa. Para os que ficam toco em seguida as canções kayapó. No fim de tudo, consigo bater ainda uma chapa. Encerrando a sessão, queimo alguns fogos de artifício, e finalmente se retiram todos. No momento em que me quero deitar, chega Maudihí com um amigo, e, daí há pouco, também Mauzí. Recomeça a conversação; os índios estão agora mais vivos, mais alegres do que em casa. Mauzí é novamente o bom rapaz de antes; é agora considerado adulto, pois recebeu, há pouco, a tatuagem distintiva da tribu. Mas os meus visitantes adquiriram um mau costume: colocando as duas mãos em tôrno do próprio pescoço, apertam a garganta com os polegares, retendo a respiração; deixam de apertar apenas quando não podem mais, tornando a respirar então com uma expressão de extrema satisfação, e inspirando repetidamente o ar com grande fôrça. Proibo-lhes essa brincadeira de mau gôsto, mas sempre tornam a repetí-la. Além disso, exerce outra má influência sôbre os rapazes o amigo dêles, que é velho solteirão. Prèga-lhes o ideal da vida de solteirão: ficar deitado na casa das máscaras, sem fazer nada. Para que casar? O csamento obriga a gente ao árduo trabalho da roça, e a sair duas vêzes por dia para pescar. Muitas vêzes verifiquei que essas frases dos velhos solteiros, que os havia em várias aldeias, eram ouvidas com prazer pela juventude, que assimilava essas idéias como bons ensinamentos. Essa aversão ao casamento, proveniente da aversão ao trabalho, faz mesmo com que muitos viúvos só tornam a casar quando os seus filhos pequenos precisam de uma mãe. — À meia-noite suspendo definitivemante a conversação, pois não é possível ficarmos palrando a noite tôda.

Partimos cedo na manhã do dia 30 de outubro. Não se vê índio algum, além de Kabixá e Mauzí, que navegam ao nosso lado, na sua canoa. Daí há pouco, passamos pela barra do Rio Peixe. O dia está quente, e no céu vão-se formando as nuvens de forte trovoada. À noite, mal armamos o acampamento e ceamos, quando o temporal desaba com extraordinária veemência. O vento forte arranca várias vêzes a lona da barraca, e é só com dificuldades que a conseguimos amarrar de novo. Além disso, os couros de boi são levados das canoas e lançados ao rio; a muito custo, os camaradas, nadando na água, os conseguem retirar e fixar sôbre o carregamento. A chuva continua sem interrupção. De tempos em tempos, um dos camaradas tira a roupa, e sai para achicar a água das canoas. No interior da barraca reina uma tempe-

ratura insuportável; a água goteja por tôda parte; a vara transversal, um pouco encurvada em conseqüência da chuva, deixa entrar a água, que me vem cair exatamente no rosto. O aguaceiro continua com a mesma intensidade durante a noite tôda, e ao amanhecer não há ainda esperanças de melhora. Os dois índios, envolvidos nas suas cobertas, estão deitados sob a canoa virada, entre os dois uma pequena fogueira; assim ficam enxutos. Pela 9 horas a chuva começa a diminuir; com grande dificuldade, logramos acender nova fogueira e preparar o almôço. Às 10 e meia podemos partir. O tempo está fresco e úmido, e a água do rio gostosamente fria. Avançamos depressa. Os índios, que pescam durante a viagem, partem sempre antes de nós, mas pernoitam sempre no nosso acampamento.

As provisões adquiridas em Xixá estão estragadas; a carne sêca está podre, e no feijão há uma quantidade de bichos brancos e de carunchos. Entretanto temos de comê-los, mas depois de algum tempo, os camaradas começam a sentir-se mal.

Na manhã do dia 2 de novembro alcançamos a fazenda de Guedes; aquí espero comprar novamente carne boa. Infelizmente estou iludido: só encontramos mulheres e crianças, os homens estão em Dumbazinho, reùnindo gado; pois é a época de se fazer êste trabalho. A custo, obtenho galinhas e ovos. Debaixo de forte aguaceiro, chegamos à noite ao povoado de Dumbazinho; acampamos na praia defronte da aldeia. Dirijo-me à casa que está situada bem alto sôbre o barranco da margem fluvial, onde há uns 30 homens à nossa espera. Entre êles, Walatá, muitos vaqueiros, e Manuel, que está bem gordo. Há carne em abundância. Daí a pouco, torno ao acampamento para logo saborear a carne fresca. A chuva continua durante tôda a noite; sob uma garoa leve, partimos na outra manhã, dia 3 de novembro. Pouco abaixo do travessão, almoçamos; a chuva para; os camaradas vestem sua roupa melhor, preparando-se para a chegada a Leopoldina. Em pouco tempo vencemos o travessão; mais uma volta do rio — e na nossa frente alteia-se, sôbre o barranco da praia, a cidadezinha de Leopoldina, banhada pelos raios do sol, que vem surgindo entre as nuvens. Disparamos as espingardas. Um dos homens, tocando a trombeta, representada por uma garrafa, cai logo na água; às 9 e meia arribamos à praia.

Sem demora, vou à residência de Paez Leme. Alí encontro o Guedes n. 3, que está morando na casa; cede-me, porém, uma metade da habitação. Descarregamos as canoas, levando o carregamento à casa. A seguir, ajusto as contas com os camaradas. Os de Conceição não recebem pagamento pelos dias de greve; pois

durante êsse tempo não fizeram nada, consumindo apenas as minhas provisões, e obrigando-me a trabalho árduo ou a levar outros tantos camaradas. Não esperaram mesmo outra coisa, e dão-se por satisfeitos. Essa solução é unânimemente aplaudida pelos demais. António recebe, além do que lhe cabe, uma porção de objetos que sobraram, como, p. ex., cartuchos, que lhe fornecem pólvora e chumbo para muito tempo. Êle fica ainda em Leopoldina até o dia seguinte, morando comigo. Os outros, porém, desaparecem logo. A canoa grande está segura no pôrto; os objetos encontram-se bem guardados no paiol de Guedes; tudo está em boa ordem. O cozinheiro vem ter comigo; emprego-o novamente; êle relata os acontecimentos como Pedro; diz terem chegado a Leopoldina no dia 18 de setembro.

Estava terminada a expedição; agora ia começar o regresso à terra natal e o transporte das coleções.

11. Retôrno à Pátria

Desta vez tudo se arranja bem depressa em Leopoldina. Guedes quer comprar a minha tropa e as canoas, levando-me em troca disso, a Araguarí com tôda a minha bagagem. E' um negócio bom para ambos. Pois dêsse modo fico livre dos animais, não precisando esperar algumas semanas em Araguarí até vendê-los, entrego as canoas, embora muito abaixo do preço, e, finalmente tenho para a viagem os animais e os camaradas de que ainda preciso. Guedes por sua vez, adquire assim a tropa e as canoas por preço barato; os animais estão bem descansados, pois ficaram durante seis meses no pasto. Guedes fala com um tropeiro que está de passagem em Leopoldina com quinze animais, encarrego-o do transporte, que não vem a custar o preço da tropa, de modo que Guedes e o tropeiro lucram com a transação. Trazidos e apresentados os animais — que, bem nutridos e brilhantes, dão agora excelente impressão —, fechamos o negócio. Falta apenas arrumar as cargas para o transporte.

Tudo é submetido a rigorosa revisão. Os objetos contidos nas caixas de madeira estão úmidos e devem ser expostos ao sol, tarefa bastante difícil por causa das repetidas chuvas. Alguns baús de fôlhas estão furados, em outros se abriram as soldaduras. Walatá os conserta. Examinamos a parte da coleção que chegou em setembro; está em boa ordem. Em seguida, pomo-nos a arrumar as cargas. Duas peças leves, baús cheios de adornos de plumas, são destinados ao animal mais fraco; daí há pouco, estão pron-

tas também as outras cargas. Temos dificuldade apenas com as lanças, os arcos e as flechas, e com as enormes esteiras. Das armas fazemos dois fardos grandes; envolvendo-os nas esteiras, e amarrando-os com cordéis. As pontas das flechas são tapadas com capim; e as das lanças, guarnecidas com pequenos pedaços de tronco de palmeira. Revestimos as duas extremidades de cada fardo com couros de boi costurados de modo a formarem uma carapuça, e ligados entre si por meio de correias. Secos, os couros de boi ficam duros como pedra, protegendo bem os fardos, dos quais na realidade nada se quebrou, embora fôssem tão compridos que sobrava meio metro na frente e um metro atrás do animal. Na véspera da partida fazemos uma grande liquidação, vendendo todos os objetos desnecessários; à noite queimamos os últimos fogos de artifício. — Estamos prontos para a viagem. Presenciamos o último anoitecer à margem do rio; dirijo-me novamente à praia, ficando sentado no alto do rochedo. Foram belos, sem dúvida, os dias que passei junto dêsse rio: trouxeram-me muito êxito, mas também muitas desilusões; todavia guardo-os na memória como agradáveis recordações. Enquanto torno a admirar os maravilhosos reflexos produzidos na superfície das águas pelas côres vivas do sol poente, ouço novamente ao longe, as preces e os cânticos da comunidade reùnida na igreja para o culto religioso.

Partimos na manhã do dia 8 de novembro; a tropa, que conta agora 24 animais, segue na frente, dividida em duas partes; Manuel está com uma delas. Uma negra acompanha a tropa na qualidade de cozinheira; fugiu do marido, que ameaçara matá-la; agora ela quer ir a Goiaz, onde espera encontrar fàcilmente um novo marido entre os soldados. *Pantoffelheinrich* (Henrique maricão), o mais jovem dos camaradas, corteja-a; cede-lhe o seu animal de montaria, enquanto êle próprio segue a pé. Agora está ela montada no animal, à cavaleira, trajando vestido branco; os tamancos movem-se rìtmicamente nas pontas dos pés, e a preta carapinha pregada ostenta algumas flores. A negra fuma um pito curto e abriu um pequeno guarda-sol para proteger-se contra o calor; ao lado dela, corre o seu cachorrinho branco. O tropeiro, Adão e eu seguimos mais tarde, após cordial despedida de Paez Leme, Walatá e os demais moradores da aldeia; Guedes já voltou há três dias a Goiaz. De certo modo, a viagem é agora mais agradável do que na estiagem. Tôda a vegetação é mais fresca e mais verde; as fôlhas já não pendem frouxas dos ramos com aquela côr cinzenta uniforme. E' mais aprazível agora o aspecto da natureza. Certo, as trovoadas, bastante freqùentes nesta época, nos dão muitos dissabores; todavia não temos razão de muita queixa, porquanto chove quase sempre

de noite. Na primeira noite acampamos na Fazenda da Viúva, que ficou um pouco distante da estrada. A proprietária, tia de António, recebe-nos com afabilidade. Os animais não estão ainda habituados uns aos outros; nem querem tão pouco levar carga. Na manhã seguinte fugiram todos; procuramos o dia inteiro, encontrando-os a todos, menos um; também no segundo dia buscamo-lo em vão até à hora da sesta; damo-lo por perdido. Assim só alcançamos o acampamento do Córrego Vermelho no dia 10 de novembro à noite. No outro dia galgamos, sem contratempo, as primeiras serras. À noite, chegamos à Fazenda Baunilha. Acampamos ao lado do curral dos bois; todo o terreiro está coberto de profundo lamaçal. Na outra manhã faltam os animais, gastamos o dia todo para procurá-los. Ao meio-dia chegam boiadeiros com grande manadas de bois; uma parte segue à noite do mesmo dia, outra só na manhã seguinte. O gado, espalhado em grande número ao redor do acampamento faz ouvir constantemente o seu mugido surdo. No terreiro, onde se alteiam cinco barracas, reina uma vida intensa. Chove a cântaros durante o dia e a noite tôda. Na outra manhã está tão frio que se pode ver o hálito. No dia 13, finalmente, podemos prosseguir na viagem. Dentro em pouco, tomamos a dianteira das boiadas, que partiram antes de nós. Sem mais incidentes, avançamos agora rumo de Goiaz; a 14, ao meio-dia, passamos por Jurupensem, à noite acampamos à margem do Rio Ferreiro. Na estrada reina agora um movimento muito maior do que na ida. Para mim não há mais trabalho algum; o relógio está novamente estragado, de modo que não posso fazer o levantamento do caminho. E no acampamento não tenho vontade de trabalhar; aí fico deitado geralmente numa tábua, a cismar. E' que a gente vai adotando aos poucos os hábitos dos moradores. Mas é mesmo uma vida muito monótona.

Na tarde do dia 17 atravessamos o Rio dos Bugres; pernoitamos perto do nosso primeiro acampamento da viagem de ida. Nas últimas noites assistíramos a fortes trovoadas. Bem cedo, na manhã do dia 18, cavalgamos, Adão e eu, em direção de Goiaz; a tropa deverá seguir mais tarde. E' uma manhã fresca e linda. E' maravilhoso o caminho, levando-nos pela floresta que cobre as montanhas e que agora ostentam um verde extremamente viçoso, sendo atravessado por muitos riachos caudalosos. E' um aspecto recreativo. Às nove horas entramos em Goiaz.

Dirigimo-nos à residência do sr. Oeckinghaus; a recepção é cordial. De acôrdo com o meu pedido, êle já alugou para mim uma casa, quase defronte à dêle; o tropeiro mora ao lado dêle. À tarde chega a tropa; as cargas são abrigadas na minha casa.

Os animais precisam de descanso; alguns devem ser ferrados de novo, teremos, pois, alguns dias de demora. Além disso, não quero mais viajar junto com a tropa; prefiro seguir mais tarde e, sòzinho, cavalgar mais depressa; é mais agradável assim. Dessa maneira, tenho alguns dias de descanso em Goiaz, que me darão também ensejo de retomar um aspecto civilizado. E' um tanto difícil aparar a longa barba ruiva, que me cresceu na expedição e que sempre alegrou tanto aos índios. Há poucos barbeiros aquí; mas todos têm as portas fechadas. A um dêles encontro finalmente na rua, mas não me quer servir hoje, alegando ter tomado um suadouro, pelo que não teria a mão firme. Como soube mais tarde, o suadouro não fora outra coisa senão uma boa quantidade de pinga. Passam-se os dias numa deliciosa ociosidade. O sr. Oeckinghaus deu-me todos os números da última coleção do "Éco"; é tão grande a minha vontade de ler que mal consigo tomar, com a devida serenidade, as lautas refeições. Quantas coisas gostosas: pão, queijo, marmelada, ovos, legumes, frutas — alimentos de que tanto tempo estive privado. E' mesmo necessário comermos bastante, pois ambos estamos de fato exhaustos. Interrompo as leituras apenas para escrever relatórios. À noite dirijo-me novamente à morada de Oeckinghaus; como antes, conversamos e lemos até às nove horas, tomando, a seguir, chá na varanda até às dez. Passo horas realmente agradáveis nesta casa hospitaleira.

A 28 de novembro, finalmente, parte a tropa. O tropeiro é um homem muito avarento; procura tirar os maiores lucros possíveis, pagando mal aos seus camaradas, e entregando-lhes apenas os mantimentos mais indispensáveis. Para economizar o dinheiro da pastagem, que aquí é bastante cara, mandou levar os animais a um pasto distante da cidade; depois, gastou alguns dias para reùní-los novamente. Naturalmente chove a cântaros na hora em que a tropa quer partir; no entanto, não é mais motivo para adiar a partida, porquanto agora chove diàriamente durante algumas horas.

O missionário anglo-americano fêz-me uma visita, para pedir informações acêrca do Araguaia e dos Karajá; é que pretende empreender, no próximo ano, uma viagem de informação a essa região, afim de mais tarde fundar uma missão entre os Karajá. De bom grado aceito o seu convite para uma excursão a uma fazenda situada na serra, onde a espôsa do missionário está veraneando. Passo, assim, dois dias agradáveis no vale entre as montanhas, em companhia de pessoas muito amáveis.

Resta-me ainda uma tarefa em Goiaz: a visita ao Presidente; no dia 2 de dezembro dirijo-me ao palácio. Estão muitos senhores reùnidos com o Presidente. Tenho de fazer extenso e minucioso

relatório da expedição, principalmente sôbre a Ilha do Bananal, que lhes parece própria para criação de gado em grande escala. Em geral, faço poucas visitas; durante a minha ausência houve uma grande revolução política em Goiaz, em conseqüência da qual muitos senhores abandonaram a cidade por algum tempo.

Em 3 de dezembro, ao meio-dia, deixo finalmente a cidade de Goiaz. Foi cordial a despedida do sr. Oeckinghaus e de sua família. Somos quatro viajantes: eu, Adão, o tropeiro e um camarada encarregado do nosso cargueiro. Em pouco tempo, galgamos a serra; mal atravessamos o cume, surpreende-nos forte trovoada. A chuva cai com uma veemência tal, que a água passa pelo poncho de borracha, molhando a pele. Alta noite alcançamos uma enorme fazenda solitária.

Vamos agora por outro caminho, mais curto, aberto há pouco para o trânsito de carros. Passa por Capelinho, Trindade, Santo Antônio e Pouso Alto, desembocando na estrada velha só em Caldas Novas. Tem duas vantagens: é mais curto, e não apresenta subidas e descidas tão íngremes. E' que se atravessa o Rio Uruhú na região das cabeceiras, de sorte que, em vez de descer muito entre a Serra Dourada e a divisa das águas, a gente viaja quase sempre na mesma altura. Também do outro lado da divisa das águas, o terreno desce suavemente. Há uma desvantagem; a pequena densidade de população ao longo da estrada, circuntância que, no entanto, vai melhorando de ano em ano, porquanto nesses vales úberes se vão estabelecendo sempre mais moradores. Chegamos a Capelinho em 4 de dezembro, ao anoitecer, depois de cavalgarmos o dia todo através do mato. No dia 6 vencemos o último trecho da floresta; volta agora a paisagem do campo. Às duas horas alcançamos a povoação de Trindade; é uma igreja e uma guarnição de três soldados. À tarde apresenta-se o vigário local, um alemão do colégio de Campininhas; naturalmente lhe faço uma visita. E' muito afável, e esta satisfeito por ter ensejo de falar o idioma materno com pessoa estranha; tenho de prometer-lhe de dar a pequena volta por Campininhas para visitar o colégio. Na manhã seguinte desviamo-nos, por isso, para o norte, chegando ao colégio às duas horas e meia. Desta vez sou hóspede dos Padres, que me recebem com amabilidade, dando-me o quarto de honra no interior da clausura. Está confortàvelmente guarnecido: soalho, teto artezoado, lavatório, escrivaninha, biblioteca, boa cama, dando em suma uma sensação de verdadeiro conchêgo. Da janela descortina-se magnífica vista pelo vale até às longínquas montanhas do Rio Meia Ponte. Há aqui uma água clara e muito boa; além disso tenho de provar vinhos fabricados pelos Padres, de uva, de amora,

e de tucum. São todos excelentes. À noite, cozinha alemã, depois de tanto tempo: carne assada, arroz, legumes, batatas, salada e pepinos, pão de boa qualidade. Conversamos animadamente sôbre a minha viagem; o Padre Prior presenteia-me com uma porção de livros sôbre missões entre os índios, que têm interêsse para mim. Depois disso, o venerando senhor se recolhe; é que na véspera esteve no colégio o bispo de Goiaz, e as visitas de tão alta personalidade requerem sempre muito trabalho. Em companhia dos outros Padres, dou uma volta pelo jardim, pelas grandes vinhas, pelos canteiros de legumes e pelo pomar. Os Padres possuem serraria e marcenaria próprias; produzem tudo de que precisam. No quarto tranqüilo, à luz do lampeão, leio ainda os livros sôbre as missões, tomando um aromático de ananás. Ouço as orações dos Padres; estão reùnidos na capela; que fica perto do meu quarto. Pela varanda de tábuas ressoam depois os passos dos Padres, ouve-se ainda o ferrolho das portas, e em seguida reina um silêncio profundo em todo o colégio. Afinal eu também vou dormir; pela meia-noite logro finalmente conciliar o sono, a primeira vez desde a partida de Goiaz.

Após cordial despedida, parto cedo na manhã seguinte, tomando rumo de sueste, na direção do Arraial de Santo Antônio, grande povoação situada num belo recanto da natureza. O outro dia traz um acidente: pela hora da sesta a minha sela começa a escorregar, e, enquanto paramos para prendê-la de novo, o camarada vai tocando o cargueiro por um caminho que, numa bifurcação da estrada no meio do mato, se desvia para a direita, ao passo que nós, seguindo mais tarde, tomamos pela esquerda, por ser o caminho mais curto e não podermos descobrir, pelo rasto dos animais, a direção escolhida pelo camarada. Finalmente saímos do mato, entrando na planície. Não vemos o camarada. O tropeiro vai a tôdas as fazendas da proximidade, mas ninguém o viu passar. Alojamo-nos numa fazenda. O tropeiro sai à procura do camarada, pois está em jôgo todo o nosso dinheiro, que se encontra na mala. À noite êle volta, sem o ter encontrado. Irrompe forte trovoada; alta noite volta o dono da fazenda de Pouso Alto, dizendo ter encontrado o homem na estrada para êsse sítio. Na outra manhã seguimos cedo, chegando pelas duas horas à grande povoação de Pouso Alto. O camarada realmente chegou aqui, e está à nossa espera no terreiro do pouso. Estão aqui também dois senhores de Goiaz, pai e filho; viajam para Araguarí, levando 30 cargueiros com bom fumo goiano. Juntos, prosseguimos a jornada no outro dia, formando uma tropa bem grande; na vanguarda, 60 cargueiros acompanhados de 8 a 10 camaradas a cavalo, e nós cinco cavalgando

atrás. Ao meio-dia os cargueiros e os camaradas ficam para trás, enquanto nós outros avançamos mais depressa. No dia seguinte viajamos por extensos chapadões. Na nossa frente, eleva-se bem alto o chapadão de Caldas Novas. A estrada segue tortuosa ao longo das encostas irregulares. Junto à escarpa, pequeno prado com uma nascente de água: um lugar próprio para acampar; com efeito, encontramos aquí vários carros de bois, parados durante a sesta. As rodas, com seus aros de ferro, sulcaram profundamente as estradas. Casualmente olho para o chão, e vejo no carail profundo uma pedra com singular entalhadura. Acho-a exquisita; volto para escavá-la; é uma antiqùíssima acha de pedra, já bastante desgastada pela ação do tempo, e guarnecida de um sulco para colocar o cabo (fig. 17). Aquí já houve, pois, indígenas em épocas remotas. Mas, quem eram êles? Que língua falavam? Qual era a sua cultura? Nunca o poderemos saber; apenas a acha de pedra, símbolo de árduo trabalho, nos fala de sua antiga presença nestas paragens. Na mesma tarde ainda alcançamos Caldas Novas, e, com isso, a velha estrada. Há oito meses, precisamente, passei aquí. Reina hoje grande movimento na localidade: cavalgando ao longo dos vários terreiros conto nada menos de 11 lotes; com a tropa de fumo, e os meus animais e os do tropeiro, que ontem estiveram aquí, um total de 160 cargueiros, todos todos bem carregados e em viagem para Araguarí com um intervalo de dois ou três dias. E' certamente um sinal de intenso movimento.

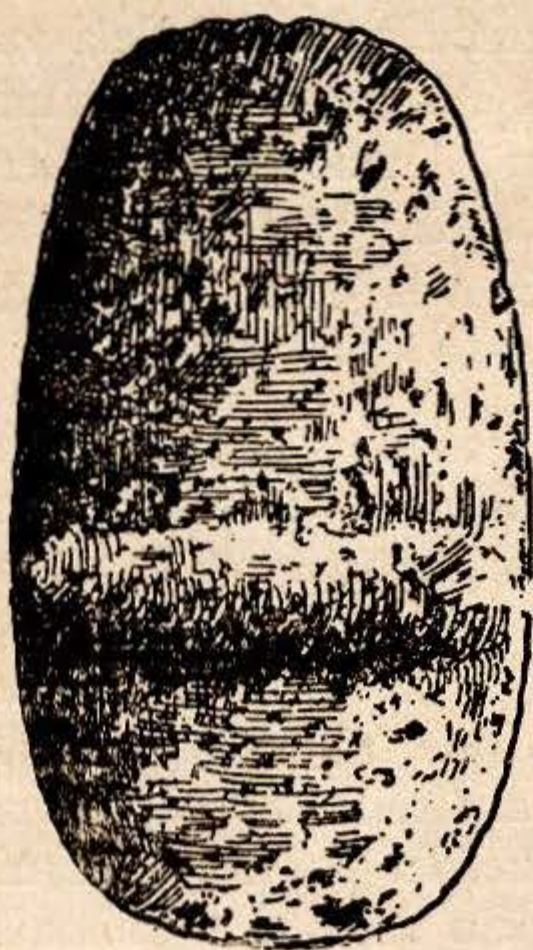



FIG. 17

Acha de pedra. Encontrada perto de Caldas Novas

À noite do outro dia 13 de dezembro, alcançamos finalmente a nossa tropa; está sendo levada para o outro lado do Rio Corumbá. Também nós cruzamos o rio, acampando na margem oposta. Pela última vez mando armar a minha barraca, pois no rancho há pouco lugar: na outra margem há ainda seis carros de bois esperando a travessia. Afinal uma noite em que durmo profundamente ao ar fresco e úmido; durante tôda a noite cai uma garoa fina.

Daquí em diante, prosseguimos mais devagar; as jornadas vão ficando mais curtas. Na tarde seguinte chegamos ao Arraial dos Paulistas, e daí a dois dias à ponte que atravessa o Rio Parnaíba. Passei ainda pela fazenda em que está sendo tratada a mula que caíra durante a viagem. A fratura da perna está curada, no entanto o

animal coxeia ainda; é uma pena, pois a mula, de garbosa constituìção, já não presta para nada. Ninguém quer aceitá-la. Em vez de matá-la, prefiro fazer presente dela ao criado do fazendeiro, que ma pediu. Talvez mais tarde, quando o animal estiver melhor, êle o possa vender. A tropa parte cedo na manhã do dia 17. Eu fico ainda, afim de fazer uma visita aos meus conhecidos, o cobrador dos direitos aduaneiros, e o dos impostos da ponte. Está aquí também um senhor de Araguarí, para promover a passagem de enorme boiada. Em manadas de sessenta cada uma, um camarada tange os bois que atravessam a ponte em trote rápido. Cada animal paga um imposto de cinco mil réis; cada ano passam por esta ponte uns 20 a 30.000 animais, dando pois, uma renda considerável. Partimos tarde, todavia avançamos hoje bem depressa. Ao meio-dia desviamo-nos novamente da estrada, tomando por um caminho íngreme, mas curto, que sobe para o chapadão de Araguarí. A tropa fica numa pequena povoação, enquanto nós outros prosseguimos na jornada, alcançamos Araguarí ao cair da noite. Daquí em diante a viagem continuará por via férrea.

Espero chegar a São Paulo antes do Natal. A 18 chega a tropa; trata-se agora de reùnir todos os caixotes num grande caixão. A muito custo, logramos comprar um. Não encontramos caixa que sirva para abrigar os fardos com as flechas e as lanças; mando envolvê-los, por isso, na lona da barraca, e amarrá-los bem para formar um só fardo. Assim é mais simples o transporte pela estrada de ferro. Com êsse trabalho, gastamos alguns dias. O tropeiro parte; tive sempre uma antipatia por êle, devido à sua avareza. Ao sair de Araguarí, eu deixara aquí um animal, que coxeava; informaram-me de que há poucos dias ainda foi visto no pasto, são e escorreito; agora — naturalmente — desapareceu. No dia 21 a bagagem é levada finalmente à estação; a 22 seguimos nós. À noite, em Uberaba, damos pela falta da bagagem. Ficou em Araguarí, porquê excepcionalmente ao contrário do que me haviam assegurado, não partiu de lá nenhum trem de carga. Agora tenho de ficar parado aquí alguns dias, para esperar a bagagem e despachá-la novamente. À noite chega ao hotel o vigário local; passo com êle umas horas interessantes, pois não tardamos em entabular animada conversa sôbre variados problemas de viação. O vigário, homem de espírito vivo, gosta de arquitetar planos: quer construir uma auto-estrada para Goiaz, instalar uma linha de automóveis, abrir poços petrolíferos, explorar minas de ouro e de diamantes. Falta-lhe apenas uma coisa: dinheiro; é por isso que fa-

lham também êsses planos, como tantos outros no Brasil. O dia seguinte passa-se com visitas no colégio dos Dominicanos. Sentados no quarto fresco do Padre Prior, bebemos uma garrafa de capitoso vinho de Uberaba, conversando sôbre o Araguaia; pois êle próprio já esteve lá. Às três e meia da tarde chega o trem de carga, mas como o despacho da bagagem se encerra às 3 horas, tenho de esperar mais um dia. Em 24 de dezembro estamos ocupados até às 2 horas com o despacho, que só é possível até Campinas. Pois atrás de Campinas uma chuva forte estragou o leito da estrada, de sorte que é necessário fazer baldeação até que se tenha construído uma ponte nova. Cargas grandes naturalmente não podem ser conduzidas agora. Só faltava isso; a volta parece ser mais dificultosa do que tôda a expedição. Anoitece; é véspera de Natal; celebram-se missas nas igrejas, nas ruas e praças soltam-se foguetes, num pátio está armado um presépio. E' tudo. Os diligentes operários italianos trabalham até meia-noite, como em outro dia qualquer. À meia-noite reza-se a missa na matriz; os cânticos religiosos que a acompanham, e os inúmeros mosquitos não permitem conciliar o sono. Às cinco horas já estamos na estação. Finalmente continua a viagem, trazendo-nos muita poeira e muito calor. Pernoitamos em Ribeirão Preto. No hotel travo conhecimento com um alemão, professor de música; convida-me a assistir na noite seguinte, à festa de Natal na escola alemã. De bom grado aceito o convite, pois tenho finalmente oportunidade de entrar em contacto com os nossos patrícios estabelecidos no interior do país. O dia se passa com visitas a famílias alemãs. Às 8 horas da noite, reùnem-se todos na escola; são na maioria gente simples, trabalhadores, artesãos, agricultores, além de algumas famílias da cidade. Num canto da pequena sala de aulas resplandesce o pinheirinho de Natal. Sob a direção do professor, de cabelo e barbas brancas, venerando cidadão de Württemberg, as crianças cantam as suas canções de Natal; seguem-se declamações. Na estreita ante-sala extrai-se uma rifa em benefício da escola. Arranjaram alguns barrís de cerveja, e bebem a valer; dançam mesmo, a despeito da sala pouco espaçosa e do calor insuportável. São todos indivíduos de vigorosa estatura; também o aspecto das crianças reflete saúde e vigor. E é uma verdadeira alegria a de ver tôdas as brilhantes cabeças louras e os olhos azul-claros. Alta noite me despeço dos meus amáveis hospedeiros.

No dia 29 prossigo na viagem; já é noite avançada quando chego a São Paulo. Alojo-me novamente no Hotel Albion. Tenho de aguardar outra vez a chegada da bagagem. O sr. Naschold afàvelmente se prontifica a mandar fazer o despacho em Campinas por intermédio de um comerciante de suas relações. Passam-se

os dias com visitas ao consulado, a pessoas conhecidas, ao Museu Paulista, a redação de jornais, institutos cartográficos, etc., e as noites com a leitura dos jornais mais recentes e dos relatórios sôbre as viagens de Zeppelin, pois o hoteleiro possue todos. Passo também algumas noites com o consul, o sr. Flügel, conselheiro de embaixada, e com outros conhecidos. Em 5 de janeiro compro logo dois caixões grandes, acondicionando nêles os fardos de flechas e lanças e as esteiras. No dia 6 está tudo pronto; os caixões em condições para o transporte marítimo. Vou logo à agência de navegação: a 13 parte de Santos o vapor "Cap Roca", e a 15 do Rio. Até lá posso, cômodamente, mandar levar a bagagem ao navio; esta sai de São Paulo no dia 8. Com isto, Adão prestou o seu último serviço; despeço-o. Não foi sempre fácil tratar com êle; a sua teimosia exigiu muita luta. Mas sempre me ajudou fiel e lealmente, cumprindo o seu dever até o último momento. Devo a êle, em grande parte, a possibilidade de executar o meu plano na medida em que se realizou.

Restavam-me ainda alguns dias de descanso. Só agora, depois de despachada a bagagem, não me restando mais nenhuma preocupação, eu podia gozar verdadeiramente a viagem. A 9 e 10 de Janeiro fiz uma excursão a Santos, para conhecer também essa cidade interessante; passei na praia as últimas horas da tarde; no dia 10 de manhã, fui a Guarujá, pequeno e elegante balneário marítimo, visitei o meu vapor, onde cumprimentei o comandante, velho conhecido da viagem anterior, e, à noite, voltei a São Paulo. O dia 11 passou-se com relatórios e visitas de despedida. Na noite de 11 para 12 viajei, no trem rápido, para o Rio de Janeiro. Restavam-me aquí apenas alguns dias. Dias passados num ambiente tumultuoso, pois a cidade estava numa intensa agitação, como é freqùente por qualquer motivo de somenos importância, dessa vez por causa da elevação dos preços de passagem nos carros elétricos. As ruas principais estavam tôdas guarnecidas pelo exército; os carros elétricos andavam com uma guarda de quatro soldados; perigo de vida havia só após às seis horas da noite. Passei os dias em visitas ao consulado, aos srs. Marxsen e Dr. Hauer, ao sr. Dr. Hussac, que fôra removido de São Paulo para o Rio, bem como ao Instituto Histórico e Geográfico.

Amanhece finalmente o dia 15 de janeiro; a saída do vapor está marcada para o meio-dia. A sociedade beneficiente alemã pede-me que tome sob minha proteção uma pequena menina alemã, cujos pais faleceram há pouco e que agora deverá ir para Stuttgart, onde moram os seus parentes. De bom grado aceito a incumbência, pois os diretores da sociedade também me auxiliaram de todo modo

possível, quando cheguei ao Rio para empreender a expedição. Em pouco tempo preenchem-se tôdas as formalidades; ao meio-dia está tudo em ordem. O vapor entra no pôrto ao meio-dia, com atraso; sairá só à noite. Às quatros horas vamos a bordo; o sr. Marxsen e um primo, que encontrei aquí, acompanham-me para festejarmos a despedida. Separamo-nos às sete e meia, eu muito agradecido ao sr. Marxsen, que me valeu como verdadeiro amigo.

Daí a pouco, partimos. Está escuro como breu; uma trovoada está suspensa entre as montanhas sôbre a cidade. Lentamente nos vamos aproximando da entrada da baía, acompanhando as luzes resplandescentes que se enfileiram ao longo da grande avenida da praia. Passamos pela últimas luzes da fortaleza exterior; estamos no mar aberto, e agora vamos seguindo ràpidamente em direção da pátria.

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

Segunda Parte

RESULTADOS CIENTÍFICOS

Retrospecto Histórico

O primeiro viajante que consta ter visitado a região do Araguaia foi o Capitão Diogo Pinto de Gaia, que, partindo de Belém do Pará no ano de 1720, subiu o rio, chegando ao extremo sul da Ilha do Bananal. Afirma-se ter visto, nessa excursão, a ilha tôda (1).

A primeira referência sôbre os Karajá encontra-se no relatório da viagem do paulista António Pires de Campos, que deve ter-se realizado entre os anos de 1718 e 1746. Pires de Campos partiu de Cuiabá em companhia de seu pai. Subiram de canoa o Rio das Mortes, seguindo depois pelo Araguaia em direção setentrional até a Cachoeira de Itaboca, de cujas montanhas marginais divisaram, no ocidente, a Serra dos Araés, onde afirmaram encontrar-se

(1) — Morais Jardim, O Rio Araguaia, prefácio: Ehrenreich, Beiträge zur Geographie, II pág. 149.

o ouro em forma de fôlhas de livro. Na volta, depararam com numerosos índios (Apinages?) acima da confluência com o Paraupebas (2), visitaram os Martírios e tiveram, daí até à ilha dos Carajás, uma viagem cheia de peripécias (3). Tomando o caminho pelo Rio das Mortes, regressaram a Cuiabá por via terrestre. A designação de Carajá, que aquí aparece pela primeira vez, parece referir-se aos Xambioá (4). No seu relatório, datado do ano de 1775, Fonseca menciona uma viagem de António Pires de Campos, que é talvez a mesma a que nos referimos aquí. Realizou-se uns vinte anos antes de 1775. Pires chegou ao território dos Carajás; a princípio, as relações foram pacíficas, até que Pires empreendeu um assalto à aldeia principal. Na hecatombe pereceram numerosos índios, entre êles também crianças; muitos foram levados como escravos, para servirem como trabalhadores nas fazendas (5).

Ainda antes de 1748, João de Codói Pinto da Silveira empreendeu uma caça de escravos aos territórios dos Kayapó meridionais, mas não obteve o resultado desejado. Trouxe apenas cem Tapirapés (primeira menção desta tribu?), que, no entanto, pereceram todos (6).

Em 1772, empreendeu José Machado uma expedição militar, viajando de Traíras, por via terrestre, até ao Araguaia; conseguiu entrar em relações pacíficas com os Carajás, mas quanto ao mais a sua expedição não logrou êxito (7).

Em 1773, José Pinto da Fonseca conseguiu, como primeiro, manter por mais tempo contacto pacífico com os Karajá. A sua grande expedição parece ter chegado ao Araguaia por via terrestre. Num lugar por êle denominado Coroa, deparou com os índios Carajás (os verdadeiros Karajá). O encontro se parece ter dado mais ou menos na metade da extensão longitudinal da Ilha do Bananal. O expedicionário logrou entrar em relações pacíficas com os Karajá. Mais tarde chegaram, para uma visita, os Javaês (primeira menção desta tribu) da Ilha do Bananal, por êle chamada Ilha de Sant'Ana. Após uma primeira expedição guerreira contra os Chavantes inimigos, pactuou-se uma aliança de proteção com os Carajás. O relatório termina comunicando a intenção de se em-

---

(2) — Com o **Tocantins**, segundo a **Rev. trim.** 37, pág. 263, nota 19.

(3) — Os nomes de tribus são aquí reproduzidos com a grafia usada pelos respectivos autores.

(4) — Roteiro que deu o Capitão-Mor António Pires de Campos ao Capitão-Mor Luiz Rodriguez Villares, procurador do povo da Vila Real do Senhor Bom Jesús de Cuiabá, para o descobrimento de grandes haveres para as aldeias dos gentios Araés. **Rev. trim.** 38, pág. 140-144.

(5) — **Rev. trim.** 8 (1846, 2.ª edição 1867), págs. 377 - 378).

(6) — **Rev. trim.** 12, pág. 448; 37, pág. 262, nota 18.

(7) — **Rev. trim.** 12, pág. 457; 37, pág. 362, Nota 84.

preender segunda expedição contra os Chavantes. O que aconteceu mais tarde não se tornou conhecido. Fonseca ouviu falar dos Tapirapés, com os quais os Carajás viviam em paz. No seu relatório, dá êle a primeira descrição da cultura dos Karajá; no estudo que se segue, refiro-me repetidamente nas suas boas observações, que ainda valem para os nossos dias (8).

Nos anos seguintes, o govêrno enviou esforços para tranqüilizar os índios e para civilizá-los, para dessa maneira garantir o tráfego de canoas no Araguaia. Com êsse objetivo dirigiram-se novamente à Ilha de Sant'Ana entre os anos de 1774 e 1778, António José de Almeida e Vasconcelos e José Pinto da Fonseca, que aí fundaram uma estação militar, estabelecendo aí alguns colonos e erigindo o aldeamento Nova Beira para os Carajás e Javaés. Ambas as fundações, no entanto, foram abandonadas dentro em pouco em conseqüência de doenças e de mortes (9).

Falhadas essas tentativas, recorreu-se a outro princípio. Removeram-se os índios para outras regiões, pretendendo dest'arte despovoar as margens do rio e assegurar a navegação. Até 1782, foram, assim levados cêrca de 700 Karajá e Xavajé do aldeamento Nova Beira para São José de Mossomedes, sítio fundado em 1775 perto de Goiaz e onde êsses aborígenes foram morrendo aos poucos (10).

Em 1786, Miguel de Arruda e Sá recebeu a ordem de empreender uma expedição militar contra os Chavantes e os Javaés e de fundar um aldeamento para os índios subjugados. Na aldeia de Pedro III (Carretão), a 24 léguas ao norte de Goiaz, êle estabeleceu 3.500 índios das duas tribus, que, no entanto, sucumbiram quase todos, vitimados pelo sarampo (11). Os que escaparam foram levados em 1788 à Aldeia de Salinas (Boa Vista), a cinco léguas ao sueste de Piedade; em 1823 viviam ali ainda 76 índios (12).

Segue-se agora uma série de expedições com a finalidade de tornar possível a navegação do Araguaia, i. é., de iniciar, antes do mais, o tráfego entre Goiaz e Belém do Pará.

Nos anos de 1792 e 1793, Tomaz de Souza Vila Real empreendeu a primeira viagem Araguaia-abaixo, de Goiaz até Belém do Pará, passando pelo braço leste da Ilha do Bananal. A

---

(8) — Cópia da carta, que o alferes José Pinto da Fonseca escreveu ao Exmo. General de Goiazes, dando-lhe conta do descobrimento de duas nações de índios, dirigida do sítio onde portou. 2 Agôsto 1775. **Rev. trim.** 8 (1846, 2.ª ed. 1867), págs. 376-390.

(9) — **Rev. trim.** 12, págs. 457-458; 37, págs. 262-263, nota 84.

(10) — **Rev. trim.** 12, pág. 461; 37, pág. 393.

(11) — **Rev. trim.** 37, pág. 245; **Rev. trim.** 12, pág. 462 fala apenas de Chavante.

(12) — **Rev. trim.** 37, pág. 246.

expedição foi custeada por alguns comerciantes interessados na navegação. Vila Real dá notícias dos Carajás (trata-se dos Xambioá) e dos Pinagés; deparou também com alguns Carajás (certamente genuinos Karajá) logo abaixo da extremidade norte da Ilha do Bananal.

Em 1793, êle subiu o Tocantins e o Araguaia até à primeira aldeia dos Xamboiá (a que chama Carajás). Menciona, além disso, ainda os Carajahi (primeira menção dêste nome) e Tapirasse (13).

Essas expedições tiveram como resultado uma escassa navegação de canoas pelo Araguaia; como pôrto para Goiaz serviu uma localidade no Rio Vermelho ou no Rio do Peixe. Lutava-se com a dificuldade de haver poucos tripulantes de canoas para viagens dessa natureza, e de faltarem pontos em que se pudessem arranjar novas provisões.

Outras expedições foram-se seguindo. Em 1800, o novo governador de Goiaz, João Manuel de Menezes, viajando para a sua nova residência, partiu de Belém do Pará e subiu o Araguaia (14). O resultado foi pouco considerável; as tribus indígenas selvagens, não amansadas por nenhuma fôrça militar, bem como as barreiras do rio faziam afigurar-se demasiado perigosa a navegação do rio (15). Para remover pelo menos um dêstes males, fundou-se, entre os anos de 1809 e 1812, o presídio de Santa Maria no início superior do trecho encachoeirado. Certamente, foi detruído já em 1813 pelos Carajás, Carajahís, Chavantes, e Cherentes confederados, sendo novamente estabelecido pouco acima, mas só em 1862 (16). Também uma tentativa ulterior de viver em paz com os índios teve resultado negativo. É que os Carajahís foram a Salinas, afim de se submeterem pàcificamente aos brasileiros; mas em conseüência de brigas que aí se originaram, regressaram às suas aldeias junto às margens do rio (17).

A partir dessa época, não há notícias daquela região. Os brasileiros tinham receios de visitar os índios inimigos e assim iam crescendo de vulto, no correr dos tempos, os boatos sôbre o caráter hostil dos Karajá e dos Xambioá. Nesses anos foram redigidos apenas alguns bons retrospectos relativos aos primeiros tempos do descobrimento.

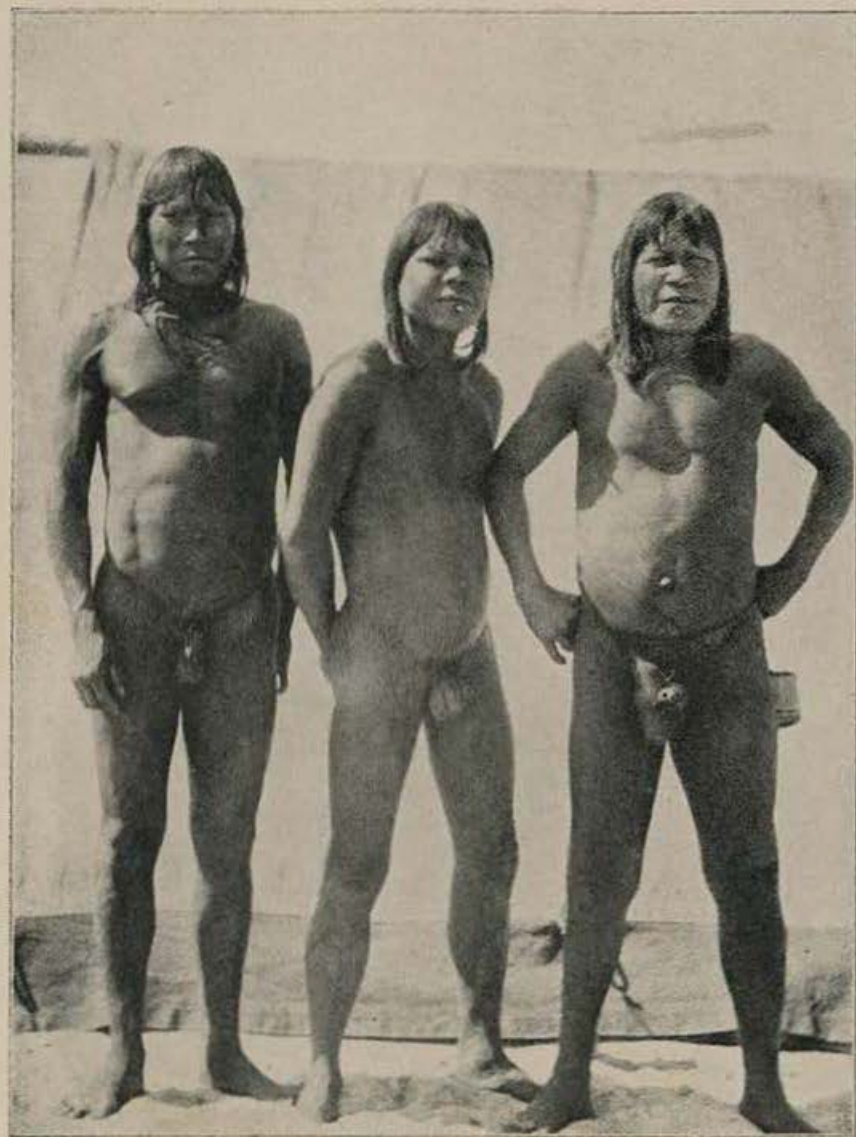
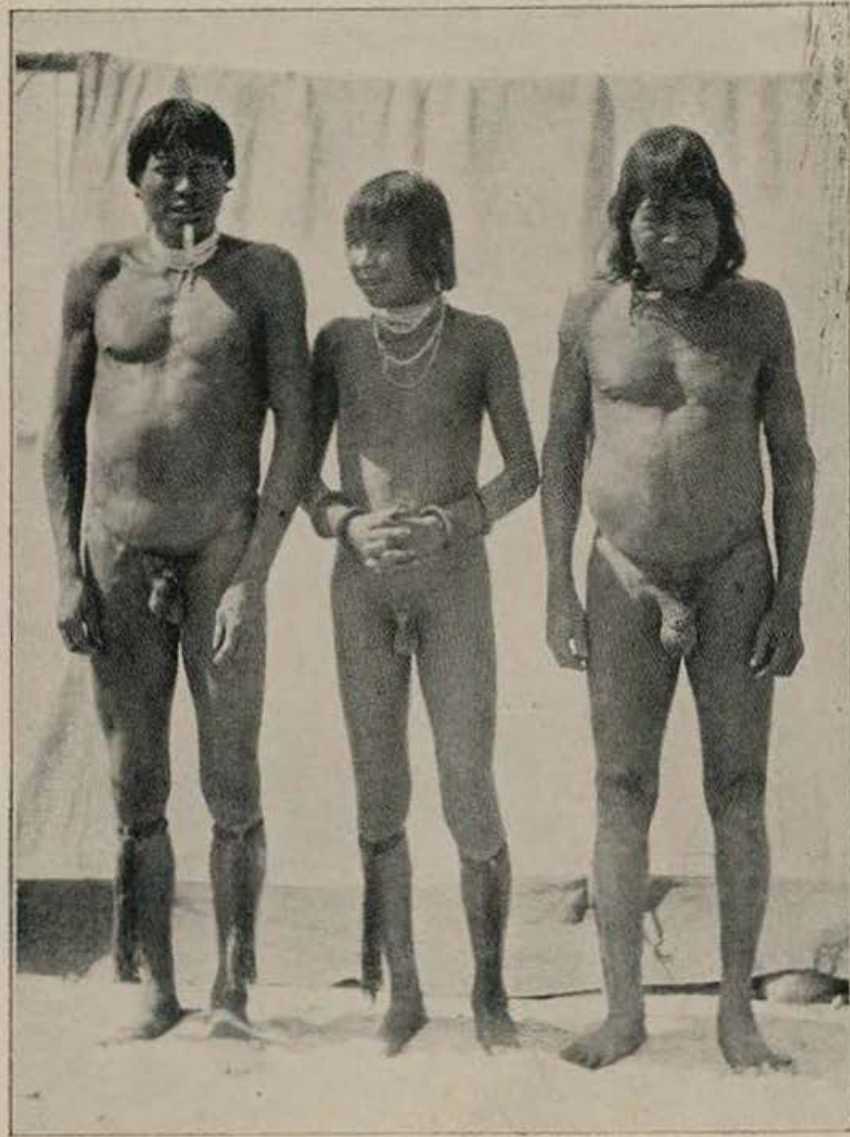
Em 1812, o Padre Luiz Antônio da Silva e Souza escreveu a sua obra "Memória sôbre o descobrimento, govêrno, população

(13) — Viagem de Tomaz de Souza Vila Real pelos rios Tocantins, Araguaia e Vermelho: acompanhada de importantes documentos oficiais relativos à mesma navegação. Rev. trim. 9, págs. 401-444; 37, pág. 286.

(14) — Rev. trim. 12, pág. 465.

(15) — Rev. trim. 12, pág. 468.

(16) — Rev. trim. 12, pág. 470; 25, II, pág. 91; 37, pág. 362; 38, pág. 18.

(17) — Rev. trim. 12, pág. 471.

1. Três homens karajá.

2. Moço, menino, homem karajá.

e coisas mais notáveis da capitania de Goiaz", em que dá boas informações históricas acêrca de tôdas as viagens de exploração desde o descobrimento da província (18).

Na segunda grande obra, "Corografia histórica da Província de Goiaz", 1824, Raimundo José da Cunha Matos explorou antigos documentos, fornecendo muitas notícias sôbre os índios; às vêzes, entretanto, faz combinações, tornando assim confuso o quadro das populações indígenas. Segundo êle, os Carajás moram numa aldeia junto ao Furo do Bananal, e em três aldeias no trecho encachoeirado (idêntico com as nossas atuais aldeias de Xambioá); impedem a navegação pelo furo. Os Carajahís moram na margem esquerda do Araguaia, apresentando-se às vêzes na Ilha do Bananal. Os Javaés da Ilha do Bananal, ora na margem do rio, impedindo a passagem pelo braço oeste do Araguaia. Além disso, êle menciona ainda que os Tapirapés visitavam, de tempos em tempos, a Ilha do Bananal (19).

É só com Castelnau, no ano de 1844, que tornamos a receber maior clareza. Êsse explorador francês viajou de Goiaz ao Rio do Peixe, onde embarcou, viajando por êsse rio até à sua foz no Araguaia, desceu o Araguaia pelo braço leste da Ilha do Bananal, alcançou a sua embocadura no Tocantins, e voltou a Goiaz, subindo êste rio. Encontrou no Araguaia apenas os Chambioá, de cujo patrimônio cultural fêz uma coleção, que, entretanto, se perdeu num naufrágio no Tocantins. Descreveu, como primeiro, as máscaras dêsses índios. Dos Carajás, Carajahí, Javahais e Tapirapés também êle só relata informações de segunda mão (20).

Clareza absoluta devemos só à expedição do Dr. Rufino Teotônio Segurado, que em 1846 e 1847 subiu o rio a partir de Belém do Pará. Visitou primeiro os Chambioás, que declarou serem uma tribu dos Carajás, tentou em seguida subir o braço leste da Ilha do Bananal, tendo, porém, de desistir do seu intento por causa do nível muito baixo das águas do rio, e subiu então, como primeiro explorador, o braço oeste do Araguaia, visitando os índios Carajás aí estabelecidos. Estendeu a sua viagem até ao Rio Vermelho, o qual subiu durante onze dias, para finalmente chegar a Goiaz por via terrestre. E' a êle, pois, que devemos a primeira informação precisa sôbre os pontos habitados pelos Karajá (21).

---

(18) — **Rev. trim. 12 (2.ª série, 5), 1849, págs. 429-510.**

(19) — **Rev. trim. 37 e 38.**

(20) — **F. de Castelnau, Expedition dans les parties centrales de l'Amerique du Sud. 1843-47. París 1850, Vols. 1 e 2. — O mesmo, Vue e scénes. París 1853).**

(21) — **Viagem de Goiaz ao Pará em 1846 e 1847. Roteiro do DR. RUFINO TEOTÔNIO SEGURADO. Rev. trim. 10 (2.ª série, vol. 3), págs. 178-212.**

Infelizmente não pude encontrar o relatório do Dr. Eduardo Olímpio Machado, do ano de 1850, e mencionado por Morais Jardim na sua obra "O Rio Araguaia".

Na mesma época existiu na Ilha do Bananal o Presídio de Santa Isabel (agora Capoeira de Santa Isabel Velha); foi transferido mais tarde para perto da barra do Rio das Mortes (Santa Isabel do Morro, agora o cemitério Karajá), e finalmente abandonado (22).

A primeira descrição etnográfica dos Karajá, de época mais recente, devêmo-la ao Dr. Couto de Magalhães, que desceu o rio em 1863 a partir do Rio Vermelho, fundando o povoado de São José e visitando a Aldeia de Estiva, posteriormente abandonada. Esta aldeia, em que viviam Chavantes e Carajás, ficava a uma légua ao norte de Salinas (23). Em outra obra (24) informa êle que os Chambioás, Carajás, Carajahís e Javaés formam uma nação, contando 7 a 8.000 almas e vivendo em 70 a 80 aldeias ao longo do Araguaia, desde o furo até Intaipabas.

Couto de Magalhães fundou também, em 1871, a localidade de Dumbazinho, com o Colégio Isabel, a 2 léguas a jusante de Leopoldina, na margem ocidental do Araguaia (Leopoldina data de 1852), com o objetivo de educar e instruir índios jovens (Karajá, Kayapó e Tapirapé) para se tornarem colonos. O colégio foi fechado pouco depois de 1890.

Depois das obras de Couto de Magalhães, o primeiro relatório minucioso sôbre os Carajás é da autoria do Dr. Spinola, que em 1879 acompanhou a Morais Jardim na viagem que êste realizou pelo Araguaia de Leopoldina até Santa Maria e que visava o levantamento cartográfico do rio. Abstração feita do que diz sôbre a religião, os seus informes são na maioria, exatos (25).

Infelizmente não me foi possível consultar o relatório sôbre a viagem do Dr. Joaquim Leite Morais, publicado em Goiaz no ano de 1892.

As informações mais particularizadas foram feitas só pelo Dr. Paul Ehrenreich, que, em 1888, após a segunda Expedição Alemã ao Rio Xingú, desceu o Araguaia de Goiaz até Belém do

(22) — MORAIS JARDIM, O Rio Araguaia, Prefácio.

(23) — Viagem ao Araguaia, Goiaz 1863, págs. 124 e segs.

(24) — DR. C. DE MAGALHÃES, Região e raças selvagens do Brasil. Rio de Janeiro 1874.

(25) — O Rio Araguaia. Relatório da sua exploração pelo Major d'Engenheiros JOAQUIM R. DE MORAIS JARDIM, precedido de um resumo histórico sôbre sua navegação pelo Tenente-Coronel d'Engenheiros JERÓNIMO R. DE MORAIS JARDIM e seguido de um estudo sôbre os índios que habitam suas margens pelo DR. ARISTIDES DE SOUZA SPINOLA, presidente de Goyaz. Rio de Janeiro 1880.

Pará. Viajou em vapor Alto-Araguaia, região livre de cachoeiras, obtendo por isso uma impressão apenas superficial dos Karajá, que denomina Carayahi, mas logrou aprofundá-la notàvelmente graças aos valiosos informes do velho cacique karajá Pedro Manco, que o acompanhou. Teve oportunidade de estudar mais minuciosamente os Xambioá, cujo território atravessou em canoa movida a remos. Dos Yavahe e Tapirapé só comunica informações obtidas de terceiros. A sua coleção etnográfica, à qual nos referimos repetidas vêzes no correr da nossa exposição, encontra-se no Museu Etnográfico de Berlim (26).

Segue-se breve relatório do Dr. A. Cavalcanti, que, em continuação de seus estudos para a fundação de nova capital para o Brasil, viajou, Araguaia abaixo, de Leopoldina até Santa Maria, visitando nessa ocasião os Carajahí (27).

Na estação chuvosa de 1896-97, o explorador francês Coudreau, partindo de Belém do Pará, desceu o Araguaia até à barra do Rio Tapirapé; subiu também um trecho do Rio Tapirapé. As suas indicações são, no entanto, pouco precisas, servindo para dar uma idéia completamente confusa de todo o quadro etnográfico, sobretudo do Tapirapé (28).

Desde então não temos quaisquer notícias dessa região; depois de Coudreau nenhum explorador publicou quaisquer informações relativas às tribus do Araguaia. Entretanto aumentou aí a navegação a vapor, formando-se novos povoados brasileiros, dentre os quais se destaca, no norte, a Missão de Conceição entre os Kayapó. No princípio do século 20, o bispo de Goiaz, acompanhado pelo empresário de navegação a vapor Adolfo Guedes, empreendeu uma viagem pelo Araguaia. Segundo informações pessoais do último, os expedicionários viajaram na época da enchente, subiram o braço leste da Ilha do Bananal, entrando pelo norte, encontraram enorme aldeia de índios Xavajé, desembarcaram, mas tiveram de regressar imediatamente por causa da resistência dos numerosos índios assustados com a chegada dos 70 brasileiros armados. Desde então, espalharam-se pelo país os mais extravagantes boatos sôbre a hostilidade e o grande número dos Xavajé.

(26) — Publicou as seguintes obras sôbre a sua viagem: 1) **Beiträge zur Geographie Zentralbrasiliens**, em: "Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin", vol. 26, págs. 167-190; vol. 27, págs. 121-152. 2) **Südamerikanische Stromfahrten**, em "Globus", vol. 62 (1892). 3) **Beiträge zur Völkerkunde Brasiliens. "Veröffentlichungen aus dem königlichen Museum für Välkerkunde"**, vol. 2, ns. 1 e 2. Berlim, Spemann 1891. 4) **Anthropologische Studien über die Urbewohner Brasiliens.** Braunschweig 1897.

(27) — **Comissão de Estudos da Nova Capital da União.** Rio 1896. **Relatório do DR. A. CAVALCANTI.**

Era êsse o estado das coisas quando, em 1908, viajei pelo Araguaia. Subí-o de Leopoldina até Conceição, visitando os Karajá, empreendí caminhadas ao território dos Kayapó perto de Conceição e ao domínio dos Xavajé na Ilha do Bananal, e subí o Rio Tapirapé até às nascentes, onde encontrei aldeias abandonadas dos índios Tapirapé.

A título de complemento, faço seguir alguns dados sôbre as modificações sofridas, no correr do tempo, pelas denominações das tribus.

Distingo as seguintes *três hordas dos Karajá*: os Xambioá, no trecho encachoeirado; os Xavajé, na Ilha do Bananal; os Karajá pròpriamente ditos, no Araguaia, a oeste e ao sul da Ilha do Bananal.

Os *Xambioá* são denominados Carajás pelos primeiros descobridores (António Pires de Campos 1746, Souza Vila Real 1792-93; também Cunha Matos chama-os assim na sua Corografia de Goiaz, 1824). O nome Xambioá aparece pela primeira vez em Cunha Matos, que a aplica a uma tribu que ora vagueia temporàriamente na Ilha do Bananal, ora vive no Rio Cuiabá, impedindo a navegação pelo braço ocidental do Araguaia (29). Não se sabe de que modo Cunha Matos chegou a essa localização singular. Os atuais Xambioá são mencionados pela primeira vez com êste nome por Castelnau em 1834, depois por Rufino em 1846, e por Ehrenreich em 1888. Essa denominação é agora geralmente empregada, exceção feita de Coudreau, que torna a chamar de Karajá aos Xambioá. Para distinguí-los das outras hordas, é necessário conservar esta denominação, a êles dada pelos Karajá.

Os *Xavajé* são mencionados pela primeira vez, como Javaes e Javahes, por Fonseca em 1773, que os encontrou como visitantes entre os Karajá. (Ignoro se Pinto de Gaia os menciona). Desde então, ficaram conhecidos sob essa denominação. São, mais tarde, mencionados por Vasconcelos-Fonseca em 1774, Cunha Matos em 1824, Castelnau em 1844, Spinola em 1879, Ehrenreich em 1888, Coudreau em 1896-97, sem que algum dêstes autores com exceção do primeiro, tenha novamente entrado em contacto direto com êles.

A horda dos *Karajás pròpriamente ditos* é mencionada primeiramente por José Machado, em 1772, que lhes dá o nome de Carajás. Ficou desde então conhecida sob esta denominação, e foi descrita por Fonseca e por Vasconcelos em 1773 e 1774. Depois, não tornou a ser visitada; as informações sôbre ela começam a ficar confusas, mormente com a aparição do nome Carajahí, para

---

(28) — Voyage au Tocantins-Araguaya. Paris 1897.

(29) — Rev. trim. 37, pág. 393; 38, pág. 20.

uma horda cujos territórios não é possível localizar com precisão. O primeiro a falar em Carajahí foi Souza Vila Real, em 1793: afirma terem quatro caciques. O quadro etnográfico torna-se completamente confuso com os autores das duas grandes obras históricas do comêço do século 19. Silva e Souza relata (1812) que os Carajá e os Carajahí habitam em sete aldeias junto ao Araguaia, e que os Carajahí foram a Salinas para fazer as pazes, regressando, porém às suas aldeias em virtude do mau tratamento que tiveram. Cunha Matos comunica em 1824 que os Carajahís ocupam a margem esquerda do Araguaia, aparecendo apenas esporàdicamente na Ilha do Bananal. Relata ainda na Rev. trim. 37, à pág. 363, que os Carajás iam a Salinas para pedir utensílios de ferro. Dessas informações não é possível obter visão clara das relações existentes entre Carajá, Carajahí e Xamboiá. Não se torna menos confuso o quadro com o relatório de Castelnau (1884). Comunica que os Carajás se encontram muitas vêzes de visita em Salinas, ao passo que os Carajahís moram em três ou quatro aldeias junto ao braço ocidental. Temos clareza finalmente com Rufino, em 1846-47, que torna a navegar, como primeiro, o braço ocidental. Chama Carajás aos índios aí estabelecidos em 9 aldeias, restabelecendo, portanto, a antiga denominação, enquanto não menciona o nome Carajahí. A partir de então, volta a ser empregada, para a horda em apreço, a denominação Carajás, como, por ex., por Magalhães em 1863 e por Spinola em 1879; todavia Magalhães menciona Carajahís ao lado de Carajás e Xambioás, sem deixar claras as relações existentes entre essas tribus. Ehrenreich, em 1888, introduz a denominação Carayahí para todos os índios Karajá do Araguaia, a oeste e ao sul da Ilha do Bananal; segue o seu exemplo Cavalcanti, em 1895; no entanto essa denominação não se tornou usual no Brasil. Coudreau (1896) torna a chamar àqueles índios de Carajás, e também eu me vejo obrigado a conservar essa denominação, na grafia de Karajá. Várias vêzes perguntei pelos índios Carayahí, e sempre afirmaram não conhecê-los. A si próprio êles se chamavam sòmente Karajá, e também a população brasileira designa-se sempre com essa denominação.

Concedo que o nome Carayahí é muito prático para distiguir essa horda da tribu formada pelo conjunto dos Karajá, e que às vêzes se precisa recorrer a circunstanciadas explicações para tornar claro se é a tôda a tribu ou apenas ao grupo meridional que nos referimos; mas parace-me preferível gastar algumas palavras a mais para dar êsse esclarecimento a utilizar uma denominação não existente.

I. OS KARAJÁ

1. *Dados antropológicos*

Realizei apenas mensurações antropológicas diretas no tocante à estatura e à côr da pele. Todos os demais dados baseiam-se em observações ou podem ser depreendidos do estudo das fotografias tiradas na expedição. Para comparações, recorri à obra de Ehrenreich, "Athropologische Studien uber die Urbewohner Brasiliens", Braubschweig 1897.

Estatura. Ehrenreich indica (pág. 108), para a estatura média dos homens carayahí, 168,2 cm, e para as mulheres 152,8 cm.; segundo as mensurações por êle realizadas, as mulheres são, portanto, notàvelmente (15,4 cm.) menores do que os homens. Embora certa como indicação geral, essa proporção sofre desvios consideráveis em casos particulares.

A horda meridional parece ter, em média, estatura mais elevada do que a setentrional; deve-se isso, certamente, ao cruzamento com os Xavajé, tribu que se distingue dos Karajá por maior crescimento em altura. Na horda meridional havia muitos homens do meu tamanho, e alguns pouco mais altos (descalço, eu media 167 cm.); todavia os maiores certamente não ultrapassavam a altura de 170 cm. Como média, poder-se-á admitir para a horda meridional, a estatura de 166 cm. Também as mulheres da horda meridional eram, em parte, bastante grandes; de modo geral, entretanto, os homens as superavam na mesma proporção observada na horda setentrional.

Nesta não havia ninguém que me vencesse, e poucos que me igualavam em altura, caso aliás muito raro (prancha 37, fig. 1). A grande maioria dos homens era muito menor do que eu, medindo, em média, talvez uns 160-162 cm. A diferença de estatura entre êles oscila em meia altura de cabeça. As mulheres são muito menores, e os homens as superam, aproximadamente, em meia altura de cabeça; para elas, se poderia admitir, portanto, a média indicada por Ehrenreich (prancha 17).

Além dêsses, há, no entanto, indivíduos que se devem classificar diretamente como de pequeno crescimento. Comparem-se os dois jovens de fig. 1, prancha 37, que são superados pelos mais altos (estes medem mais ou menos 165 cm) em nada menos de uma altura de cabeça, de sorte que se aproximam da estatura dos pigmeus (140-145 cm). Vale o mesmo para dois outros jovens na prancha 44, fig. 1. É surpreendente a figura da mulher anã da

prancha 17, chegando justamente à altura dos ombros de seu marido, de uns 164 cm. Pessoas tão pequenas, mas completamente adultas, encontrei com freqüência na horda setentrional (comparem-se os Xavajé), ao passo que não as observei na meridional. Talvez haja aí influência de tribus estranhas (Tapirapé, Kayapó, Canoeiros, etc.).

Quanto à *constituição*, êsses aborígenes, os homens como as mulheres, são bem proporcionados, pertencendo, sem dúvida às tribus de índios de melhor constituição corpórea. Podem-se qualificá-los como figuras vigorosas de mediana estatura. Não corresponde ao nosso gôsto o desenvolvimento atlético de sua musculatura em algumas partes do corpo, devido certamente às atividades de remar e de pilar milho, bem como a outros motivos.

A cabeça é alta e oblonga; o rosto, oval, sobretudo em pessoas jovens (prancha 17; prancha 38, fig. 1; prancha 42, fig. 2; prancha 44, fig. 2). A fronte eleva-se verticalmente e é bastante alta; aparece, porém, em geral baixa, por causa da cabeleira, penteada de modo a cair até à altura dos olhos. As sobrancelhas são pouco desenvolvidas, e a fenda palpebral estreita (prancha 14); olhos em forma de amêndoas, como indica Ehrenreich, são relativamente raros. A iris é de côr castanho-escura. A raiz do nariz aparece, geralmente, bem aprofundada; o dorso, além de salientar-se muito, é direito; narinas muito largas e, em geral, arqueadas, de modo que as ventas são um pouco visíveis de frente. É característica a ponta do nariz caída e curva. Bôca larga, lábios cheios e arqueados, dentes em geral bons; sòmente em pessoas idosas a queda dos dentes dá origem a numerosas falhas na dentadura. Em crianças observa-se prognatismo, que, no entanto, parece perder-se no decorrer dos anos (prancha 12, fig. 2; prancha 42, fig. 3). Queixo largo, salientando-se pouco. As orelhas não podiam ser observadas por causa da cabeleira comprida. Ehrenreich (págs. 82, 94, 95) julga ter encontrado nos Karajá um tipo fisionômico uniforme, de feição nobre, enquanto as outras tribus, como os Xambioá etc., apresentariam, além dêsse, um tipo rude. Eu observei que também nos Karajá se distinguem vários tipos fisionômicos, havendo, ao lado do tipo nobre, outro mais rude, além de um terceiro, de aspecto totalmente estranho, encontrado apenas nas grandes aldeias da barra do Tapirapé para o norte, sobretudo em mulheres, mas também nestas com pouca freqüência. Infelizmente não me foi possível fotografar uma dessas mulheres.

Os *ombros* me parecem em geral normalmente desenvolvidos, tanto nos homens como nas mulheres; todavia observa-se grande número de pessoas, na maior parte do sexo masculino, nas quais são desenvolvidos em grau extraordinário, o que não vale apenas

para os homens (prancha 36; prancha 38, fig. 1), mas também para os moços e meninos (prancha 44, fig. 1., prancha 49, fig. 1). Provàvelmente êsse grande desenvolvimento, em largura, dos ossos do ombro e dos músculos a êles ligados, sobretudo do *Latissimus dorsi* (prancha 15, fig. 4a), é devido ao trabalho de remar. Vi poucas pessoas de espáduas acentuadamente estreitas, ao contrário de Ehrenreich, que (pág. 188) descreve os Karajá como indivíduos de ombros largos e de grácil constituição física. Todavia devo concordar com êle quando afirma apresentarem as mulheres em geral ombros mais estreitos do que os homens; e é bem considerável essa diferença.

A caixa torácica é bem arqueada nos homens e nas mulheres. Deve-se concordar com Ehrenreich (pág. 119) quando classifica os índios como gente de peito largo (prancha 16; prancha 36; prancha 43, fig. 3). Acresce ainda, nos homens, o desenvolvimento colossal da musculatura do peito, mormente do *Pectoralis major* (prancha 15, fig. 3; prancha 43, fig. 2), que, justamente com a vigorosa musculatura das espáduas, faz com que a metade superior do corpo predomine notàvelmente sôbre a inferior. A êsse desenvolvimento considerável deve-se, em primeiro lugar, a proeminência dos dois lados do peito, que em alguns homens tomam quase a forma de seios de mulher (prancha 36), e além disso, o aparecimento de uma espécie de sulco entre os pontos de inserção dos músculos peitorais no esterno (prancha 14, fig. 3). Os seios das mulheres parecem crescer muito lentamente; assim, p. ex., a jovem da prancha 16 não os possue ainda completamente desenvolvidos. Rijos na juventude (prancha 16; prancha 17), os seios não tardam em ficar caídos após o nascimento de filhos (prancha 37, fig. 2; prancha 42, fig. 1), tornando-se muito pendentes na idade avançada (prancha 11, fig. 4). Quanto à forma, são hemisféricos e cônicos, raramente achatados. É em geral proeminente o círculo em roda do bico dos seios (prancha 17; prancha 42, fig. 1).

Ventres muito inchados, provàvelmente em conseqüência da alimentação sobretudo vegetal, observam-se com bastante freqüência, mormente no sexo masculino; quase tôdas as crianças, de um como do outro sexo, tem a barriga inchada, lembrando um tambor (prancha 11, fig. 4; prancha 12, fig. 2; prancha 43, fig. 2; prancha 51, fig. 2). Nos homens, a musculatura do ventre é, em geral, tão bem desenvolvida que se podem distinguir as várias partes debaixo da pela (prancha 36; 38, fig. 1). A bacia é estreita; sobretudo nas meninas e nas jovens a sua largura não ultrapassa a da bacia dos homens, e também as mulheres não as possuem muito mais largas do que estes. Encontrei uma mulher com bacia extraordinàriamente larga, o que no entanto constituía exceção, ao contrá-

1. Jovens karajá.

2. Mulheres e crianças karajá.

rio de Ehrenreich, que qualifica êsses índios como figuras de desenvolvimento latitudinal (30). À pág. 101, descreve, porém, as mulheres como tendo os quadrís relativamente estreitos. Em conseqüência da pequena largura da bacia, esta quase não se destaca da cintura (prancha 16; 17; 42, fig. 1), que só em pequeno número de mulheres se distingue nìtidamente (prancha 42, fig. 3). É característica do sexo masculino a proeminência, fortemente acentuada, da linha inguinal (prancha 36; 44, fig. 1).

As camadas adiposas da região glútea apresentam geralmente desenvolvimento normal. Nos indivíduos que as possuem mais desenvolvidas (prancha 16), a gordura se acumula de preferência nas partes inferiores. As nádegas providas de rica adiposidade constituem um elemento do ideal da beleza dos índios.

Os *braços*. No tocante ao comprimento do braço e do antebraço, o braço parece ser proporcional ao nosso; o antebraço é, porém, comprido em comparação com o braço (prancha 43, fig. 1), e os indivíduos de sexo feminino têm o antebraço relativamente mais longo do que os do masculino (prancha 17). Nos homens, a musculatura do braço se distingue por extraordinário desenvolvimento (prancha 15, fig.1; 36; 43, fig. 3); nos jovens e meninos, bem como no sexo feminino, é, porém, pouco desenvolvida, de sorte que se deve classificá-los como indivíduos de braços finos (prancha 11, fig. 4; 17; 38, fig. 2; 47, fig. 2). Sem dúvida alguma, o forte desenvolvimento observado nos homens casados é uma conseqüência do trabalho de remar e de derrubar árvores na plantação. Quanto ao antebraço, nota-se nos homens maior desenvolvimento do músculo interior (na direção do cotovelo) (prancha 36, fig. 1; 49, fig. 1), ao passo que nas mulheres é mais desenvolvido o exterior (prancha 17). Comparadas aos nossos, são pequenas as mãos e os dedos.

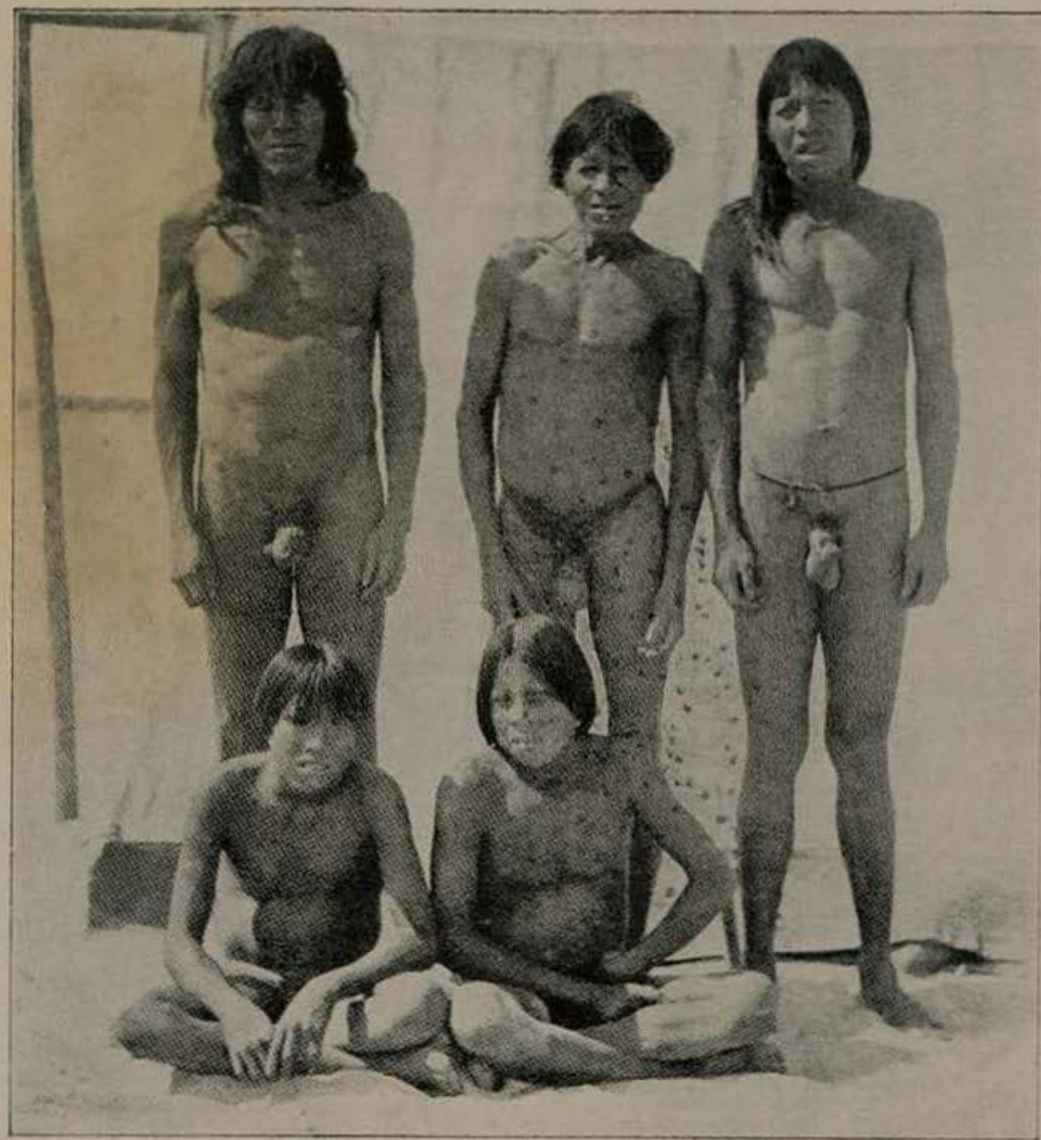
As *pernas*. Em comparação com os homens, as mulheres têm as pernas mais curtas, não havendo, entretanto, nos dois sexos, considerável diferença na proporção entre a coxa e a perna. Em geral, as pernas são gráceis, mormente nos indivíduos jovens. Todavia salientam-se sob a pele, de modo relativamente acentuado, os vários feixes musculares da coxa (prancha 44, fig. 1). Outro fenómeno limita-se às crianças e aos jovens, porquanto se vai perdendo paulatinamente com o avançar da idade, permanecendo visível em poucos casos. Trata-se de forte saliência, freqüente também em nossas crianças, das porções principais do lado interior da coxa, acima do joelho, certamente em conseqüência do afrouxamento das cápsulas da articulação do joelho, provàvelmente por causa da forte pressão das faixas de algodão usadas nas panturrilhas como dis-

(30) — Pág. 119.

tintivos dos solteiros; essas faixas, trançadas diretamente na perna da criança, são cortadas e renovadas apenas quando, tornando-se muito apertadas, começam a entalhar consideràvelmente a perna (prancha 11, fig. 4; 12, fig. 2; 38; 42, fig. 1; 43, fig. 1; 44, fig. 1). Essa proeminência acentuada das porções que ficam acima do joelho é representada especialmente nas bonecas de argila, parecendo ser tida como traço de beleza (prancha 8). As pernas eram sempre direitas; não vi ninguém com pernas em forma de X, e havia sòmente dois homens com pernas em forma de O, devidas ao crescimento curvo da parte inferior (prancha 15, fig. 4b, e Pedro). A região do tendão de Aquiles é estreita (31); os pés são em geral pequenos e bem formados. Os índios têm a posição do pés como nós, i. é., dirigidos para fora, como se pode ver nas fotografias, e raramente para dentro (prancha 16; 42, fig.: 3; v. Ehrenreich, pág. 101).

Quando andam, os índios os colocam igualmente com as pontas dirigidas para fora. Conquanto tenha caminhado durante dias a fio atrás de vários índios sôbre estreitas veredas indígenas, estudando a maneira de andarem, não observei o fato, tantas vêzes relatado, de que em caminhos estreitos costumam andar colocando um pé diretamente diante do outro. Apenas quando algum tufo de capim os incomodava nos artelhos, estes eram dirigidos para dentro. Ehrenreich escreve que o segundo artelho é o mais comprido (pág. 101), e o quinto muito curto em comparação com os demais (pág. 104). Quanto ao último não observei nada, notando, porém, várias vêzes que o artelho grande era muito mais curto que o segundo, como também observou Von den Steinen no Xingú. O artelho grande pode ser afastado consideràvelmente. É manifesto que deve haver grandes diferenças individuais na configuração dos pés; pois pela forma das pegadas na areia (certamente também variáveis de acôrdo com a maneira de se pisar) os índios reconhecem com segurança o indivíduo de que provêm.

Os *corpos* dos índios dão em geral a impressão de farta alimentação. Já tive oportunidade de observar que em regra as crianças se distinguem por um ventre inchado; a-pesar-disso, porém, as demais partes do corpo não dão impressão de fraqueza. Pessoas muito bem alimentadas (prancha 44, fig. 1) são tidas como ideal dos índios. São raras as pessoas mal alimentadas e manifestamente magras (prancha 37, fig. 1, o maior do grupo). Encontram-se os indivíduos magros com muito maior freqüência no sexo feminino do que no masculino, e êsse emagrecimento se apresenta em ge-

(31) — Veja-se no capítulo referente aos adornos distintivos: Faixas para as panturrilhas e os tornozelos.

1. Dois homens, um jovem, dois meninos karajá.

2. Menino pintado karajá.

ral na velhice. Nas aldeias 5 e 27 vi algumas pessoas de idade muito avançada, que haviam emagrecido a tal ponto que ficavam reduzidos ao esqueleto (v. também Ehrenreich, pág. 104).

A boa alimentação confere aos índios notável vigor, aumentado ainda pela atividade de remar, pelo trabalho na plantação e pelo exercício das lutas de braço, de sorte que mesmo os indivíduos moços, de musculaturas dos braços pouco desenvolvida, revelam extraordinária resistência ao remo, alcançando também, muitas vêzes, resultados surpreendentes na luta de braços.

Os *órgãos sexuais* são visíveis sòmente nos homens. Diante da glande, o prepúcio é envolvido com um fio de algodão, de sorte que aparece como um rôlo; o penis fica, assim, dentro da pele, encurtado e com forma esférica, de modo que todo membro masculino, inclusive os testículos, visíveis através do escroto, aparece como um conjunto de três bolas (prancha 36; 38, fig. 2; 43, figs. 1 e 2; 49, fig. 1).

A *pele* é fina, delicada e macia, característica das regiões tropicais, onde também a população branca a possue assim. Em parte talvez se deva isso ao tratamento da pele com unções. É difícil indicar com precisão a *côr* da pele, porquanto os índios andam quase sempre pintados, ou até com todo o corpo untado com óleo. Os raios quentes do sol, cuja ação é sobremodo intensa nas praias arenosas, cresta as partes mais expostas do corpo, como os braços, o tórax, os ombros, o ventre e as coxas, de modo que aí a pele toma uma tonalidade bem mais escura (n-os 26-28 da tabela de Martin, tirante a roxo) do que nas partes mais protegidas, como as faces interivres dos braços etc. (N.o 25). É surpreendente a côr clara das faces, que em geral não passando do n.º 21, é em alguns indivíduos manifestamente pálida e amarelenta (n-os 18-19). Não sei se isso é devido a estados doentios; era freqùente o fenómeno sobretudo em jovens de ambos os sexos. A verdadeira côr da pele aparece sòmente debaixo das ataduras de algodão, principalmente sob as faixas usadas nas panturrilhas; aí corresponde ao n.º 17. É muito clara, quase como a nossa, a côr das palmas das mãos (n-os 13-15) e das plantas dos pés (n-os 10-16). As mulheres tinham, com freqùência, uma pele mais clara do que os homens, certamente por viverem no interior das casas e se envolverem, de costume, nas suas cobertas quando saem. Também a pele dos meus remadores indígenas tomava uma tonalidade mais clara sob a indumentária usada durante vários meses. Não via nenhum albino. O ideal dos índios Karajá é uma pele bem clara; agradava-lhes extraordinàriamente a côr branca da minha pele, e êles próprios desejavam ser bem brancos. (Compare-se o papel do branco nas lendas).

Não há dúvida que os índios possuem um *odor corporal* característico; é até bastante forte, e desagradável a nós. Todavia não se pode dizer em que grau é devido ao óleo que se torna rançoso sôbre a pele e no cabelo.

O *cabelo*. A cabeleira é em geral lisa; no entanto, a cabeleira longa e pendente, deixando de ser penteada por longo espaço de tempo, vai-se tornando ondulada, nos homens como nas mulheres (prancha 17; 36; 42, figs. 1 e 3). Logo depois de penteado e untado, o cabelo naturalmente se apresenta caído. É relativamente freqüente a formação de cachos, fenómeno que observei em dez homens, mas só em quatro mulheres (prancha 11, fig. 4; 38, fig. 1; 44, fig. 2). O cabelo é de côr preta, e tirante a vermelha, sob raios luminosos oblíquos. O pêlo da barba, que é escasso, é sempre arrancado. Os índios possuem pêlo axilar, se bem que escasso; ora o arrancam, ora o deixam. No sexo masculino, os pêlos da região pudenda aparecem bem desenvolvidos; não ultrapassam consideràvelmente o osso púbis e não é removido. Os pêlos finos das demais partes do corpo não pude observar nos índios; a sua pele é completamente lisa. Ficavam até admirados ao verem que eu tinha pêlos nos braços, nas mãos e nos dedos, cujo brilho alvacento sôbre a pele tostada pelo sol não deixava, sem dúvida, de ser bastante curioso. As sobrancelhas e as pestanas são arrancadas.

Era raro observarem-se, no corpo, *formações doentias*. Hérnias umbelicais notei apenas num menino de uns 12 anos de idade. O cacique Ilk sofria manifestamente duma hérnia ingùinal (prancha 36, figs. 1 e 2, à direita). Os sinais de alguma mulher ter atravessado um período de gravidez eram menos visíveis no ventre do que nos seios.

O quadro geral dos Karajá é portanto, o seguinte: estatura entre pequena e média, côr parda, cabelo liso, às vêzes encrespado; indivíduos de ombros e peitos largos, quadrís estreitos, com os antebraços compridos e as mãos e os pés curtos. Gente bem alimentada, extremamente musculosa. De todos os pontos de vista, as mulheres ficam atrás dos homens.

ANO 7 – v. 78 – ago-set. 1941

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

FRITZ KRAUSE

Trad. de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

2. Território. Divisão. Número

As margens do Araguaia, dos 15 1/4 aos 7.º de lat. sul, são habitadas por *um* grande povo indígena, dividido em três tribus: a dos Xambioá, a dos Xavajé e a dos Karajá. Os Xambioá ocupam o trecho encachoeirado entre 7 e 8.º de lat. sul.; os Xavajé, a parte mediana da ilha fluvial do Bananal, entre 11 e 12.º de lat. sul; enquanto as aldeias dos Karajá pròpriamente ditos se estendem pelo trecho livre de cachoeiras, dos 10.º 12' aos 15.º 15, de lat. sul.

Ao que parece, há também Karajá vivendo a alguma distância do vale do Araguaia. A primeira expedição alemã ao Xingú topou no Baixo-Xingú, em território dos Yuruna, vestígios de lutas com índios estranhos, aos quais os Yuruna davam o nome de Karajá. Os objetos trazidos pelos expedicionários, que os Yuruna diziam ser de origem karajá, e que estão agora guardados no Museu Etnográfico de Berlim, revelam uma cultura que apresenta

afinidades com a dos Karajá e a dos Kayapó (1). Poderiam, pois, muito bem ser de uma tribu karajá que se tenha separado do tronco principal, e cuja cultura, pela convivência com tribus kayapó, se tenha tornado semelhante à dêstes índios. A tribu dos Karajá pròpriamente ditos, segundo me informaram, nada sabia de irmãos-de-tribu existentes no Xingú. Só a jusante de Santa Maria narrou-me um morador brasileiro que se costuma contar do seguinte modo a ramificação dos Karajá do Rio Xingú: Um cacique dos Xambioá (Roca?; veja-se Coudreau, p. 123) raptou uma mulher branca; seu filho, enamorando-se dela, tentou conquistá-la ao pai. Originou-se daí uma luta, e o pai, dominado pelo filho, teve de emigrar com os seus partidários, dirigindo-se para oeste, na direção do Xingú. — Não podemos dizer ainda até que ponto merece crédito esta narração. Dela se infere, pelo menos, que os Karajá do Xingú se relacionam mais estreitamente com os Xambioá do que com os Karajá; à vista das condições geográficas e do que acima ficou exposto acêrca dos cabos de clava, não deixa de ser bem aceitável essa opinião.

A segunda expedição alemã ao Xingú ouviu, nas nascentes dêste rio, referências a uma tribu de Arumá. Objetos fabricados por esta tribu, e adquiridos entre outros índios, revelam a mesma posição intermediária entre a cultura karajá e a kayapó (2). Pertencem, portanto, à mesma província etnográfica como os Karajá (3). Talvez a mudança de cultura, afastando-se dos Bakairí, remonte à influência Xavajé. Pois, segundo informações dos Karajá, os Xavajé se dividiram, há uns 20 ou 30 anos, em dois grupos, junto à Barreira de Santa Isabel Velha; um ficou morando na Ilha do Bananal, e do outro, que, atravessando o Araguaia, migrou para oeste, não se tem, desde então, notícia alguma. Êste último se dirigiu talvez para sudoeste, ao vale do Xingú, influindo, da maneira acima indicada, nas culturas dessa região.

---

1) — As clavas ns. 1596 e 1597 possuem cabos semelhantes aos das clavas e dos remos dos Xambioá (3779, e, d). A clava n. 1597 parece, por sua vez, com aquela (4466) que Hermann Meyer trouxe dos Kayapó do Paranaiuba, diferindo, porém, completamente das minhas clavas de origem kayapó e karajá, cujos cabos são iguais aos das clavas Xavajé e de outras de procedência xambioá (3983). O diadema 1595 é idêntico a um diadema karajá trazido por Ehrenreich, bem como a dois dos meus diademas kayapó. A flecha 1598 é igual às flechas karajá adquiridas por Ehrenreich. — (Os números dos objetos referem-se ao catálogo de Berlim).

2) — Nas quatro flechas Berlim 3874 a-d, as hastes estão, em parte, substituídas por outras com emplumação baikairí; as hastes primitivas, porém, apresentam vestígios de uma emplumação bem parecida com a dos Karajá, e as ponteiras, com exceção de uma, são iguais às das flechas karajá. A extremidade anterior estriado de uma clava (Berlim 2.990) poderia ser tanto de procedência karajá como kayapó.

3) — Meyer, Zeitschrift fur Ethnologie, Berlim, Vol. 30, 1898, p. 258, inclue os Arumá entre os Caraiba (Bakairí-Apiaká).

Das três tribus acima mencionadas estudei ràpidamente os Xavajé, observando os Karajá no decorrer de longa permanência entre êles.

Os Karajá pròpriamente ditos (4). Êles próprios se denominam: *karajá, karadjá,* ou ainda *kradjá.* Os brasileiros os chamam Karayá. Segundo a sua própria informação, são apelidados *xuxomado* ou *berehokuwandú* pelos Xavajé, e *waraxutoró* pelos Cherénte. Ocupam o curso médio do Araguaia, estendendo-se atualmente de 15.º 15' até 10.º 12' de lat. sul; os pontos extremos do seu território são, pois, no sul a barra do Rio Vermelho, e no norte um ponto situado entre a extremidade norte da Ilha do Bananal e do Sant'Ana; só esporàdicamente empreendem expedições comerciais até Sant'Ana e Conceição. Em geral, limitam-se às margens do Araguaia e terras adjacentes, habitando em igual densidade as duas beiras do rio; hoje em dia, pelo menos, não se pode mais falar do hábito, originado pelo medo dos inimigos, de evitarem a margem ocidental (5). Nas suas expedições de caça e de pesca, avançam, às vêzes, muito para o interior. Para leste, visitam os Xavajé no interior da Ilha do Bananal, sem, no entanto, empreenderem estas excursões em número reduzido. Para oeste, navegam os grandes afluentes do Araguaia. No Rio das Mortes diz-se existir uma pequena aldeia karajá, a 15 léguas da embocadura; parece que o sobem apenas até êsse ponto. Sobem também uma parte do Rio Cristalino para pegar tartarugas. Sôbre o Tapirapé avançam até pouco abaixo da cachoeira; uma árvore com dois rastos de projetis de arma de fogo, ao lado de restos duma fogueira e cacos de vasilhames, indicam aí o ponto em que começa o território dos Tapirapé.

Os seus vizinhos são, pois, os seguintes:

Ao sul, Kayapó e Bororo, estes últimos só conhecidos de nome entre os Karajá.

A oeste, no Rio das Mortes, os Chavánte: *kliuzá* (*kilozá, kulizá*) em idioma karajá; no Rio Tapirapé, os Tapirapé: *uohú*; de Sant'Ana para o norte, os Kayapó: *klälaú.*

---

4) — Como acima ficou exposto, emprego a denominação de Karajá para os índios a que Ehrenreich chama de Carayahí. Em virtude do som do "J", bastante forte, freqüentemente pronunciado como "dj", tenho de mudar a grafia para Karajá.

5) — Morais Jardim, O Rio Araguaia; Ehrenreich, Südamerikanische Stromfahrten, p. 38.

A leste, no Alto-Tocantins, os Cherénte: *inolatu;* na extremidade sul da Ilha do Bananal, os chamados Canoeiros: *tiabeza*; no interior da Ilha do Bananal, os Xavajé: *xawajé, (i) a (n) diwandú.*

Ao norte, os Xambioá: *xambioá.*

Fizeram menção das seguintes tribus desconhecidas: no Rio das Mortes, os *dobaí* a leste, os *ixawundahó*.

Com tôdas estas tribus, fora os Xavajé e os Xambioá, seus parentes, os Karajá vivem em pé de guerra; têm muito medo de tôdas elas. Tiveram outrora relações comerciais com os Tapirapé, mas, de uns cinco ou seis anos para cá, êsses dois povos evitam-se mùtuamente em conseqüência duma desavença provocada por um rapto de mulheres por parte dos Karajá. Mesmo diante das duas tribus a êles aparentados os Karajá revelam grande respeito, o que se deve certamente à circunstância de os Xavajé e os Xambioá habitarem pequeno número de grandes aldeias, ao passo que os Karajá vivem esparsos em muitas aldeias pequenas, de modo que estes, não habituados a verem grandes aglomerações de pessoas, ficam com receio diante do número considerável de homens armados. Parece que o medo de outras tribus é coisa comum entre os índios.

A tribu dos Karajá está dividida atualmente em duas hordas:

A horda setentrional habita desde a extremidade norte da Ilha do Bananal até ao Rio das Mortes, espalhada pelas seguintes 14 aldeias estáveis (do norte para o sul) (6), aldeias dos caciques Walatá, Crisóte, Tumanakú (que se dizia ter morrido em setembro de 1908), João III, Alfredo, Cyriaky-Cadete (Cyriakî transferiu-se, em setembro de 1908, para a barra do Tapirapé), aldeia da barra do Tapirapé, aldeia dos caciques João II, José, Fotúna, Ilk, aldeia do Morro de Isabel, Cadete João, aldeia do finado Cincinati. Distribuem-se estes povoados em três grupos e um estabelecimento isolado: Walatá mora a quatro jornadas (cada jornada corresponde aquí a um dia de viagem, em canoa, para jusante) abaixo de Crisóte, porquanto vive em inimizade com todos os Karajá, que lhe tributam o necessário receio; parece, aliás, que se reconciliaram com êle em outono de 1908. Um pouco isolado mora também Crisóte, cuja aldeia fica a uma jornada inteira abaixo de Tumanakú. De Tumanakú até José enfileiram-se as aldeias uma à outra, com a distância média de três

6) — Denomino aldeias estáveis ("feststehende Dörfer") àquelas que, após as estações chuvosas, quando os índios voltam à beira do rio, tornam sempre a ser construídas em seu primeiro distrito.

horas de viagem entre elas. Sòmente a da barra do Tapirapé dista umas quatro ou cinco horas das duas aldeias vizinhas. Entre José e Fotúna há um trecho desocupado de 1 ½ jornadas; daí em diante, as aldeias se vão seguindo novamente com distâncias menores.

Resta mencionar uma ramificação da horda setentrional: a aldeia karajá do cacique *Korumaré*, junto ao rio que corre na ilha do Bananal; para chegar até lá, caminha-se um dia da aldeia de José para leste.

A horda meridional estende-se do Rio Crixá até ao Rio Vermelho, ocupando 8 aldeias estáveis: no Lago Luiz Alves, abaixo e acima do Rio Crixá, no Lago do Café, em São José (*auwí*), pouco acima de São José (*holenéka*), pouco abaixo do Rio do Peixe (*xixá*), na barra do Rio Vermelho acima de Leopoldina (*xixamãdo*). Também estes povoados se distribuem em vários grupos: no Rio Crixá ficam três aldeias, separadas uma da outra por umas três ou quatro horas de viagem. A aldeia do Lago do Café está situada, a meio caminho entre o Rio Crixá e São José, distando dêstes dois pontos cêrca de quatro a seis horas de viagem. Perto de São José encontram-se duas aldeias: *xixá*, a jornada e meia de São José, e *xixamãdo*, a duas jornadas e meia daquela. *Xixamãdo* é uma aldeia isolada, fundada há uns cinco anos, mais ou menos; habitam-na índios civilizados, que preferem as vantagens da civilização (fumo, sal) à convivência com a tribu.

Entre as duas hordas situa-se um trecho desocupado, de 6 ½ dias de viagem em canoa (para jusante). Perguntados pelo motivo de não habitarem êsse território intermediário, disseram-me os índios que vivem aí sôbre os barrancos só na estação chuvosa, por assomarem apenas poucas e más praias na estiagem, e por haver aí muitíssimos mosquitos; estes são dois fatos que posso confirmar. Êsse trecho é todavia atravessado frequentemente pelos índios: na descida como na subida do rio, topei alí comunidades de aldeia migrando numa e noutra direção.

Chegamos, assim, a um total de 23 aldeias estáveis.

O tamanho delas é muito variável. Na horda setentrional havia-as de uma até oito casas; ao todo, contei cêrca de 80 casas, cabendo, pois, a cada aldeia uma média de 5 a 6. Na horda meridional os povoados possuiam de 1 a 4 casas. Contei, ao todo, cêrca de 20; i. é, uma média de 2 a 3 casas por aldeia. O número de habitações, nas duas hordas, não se eleva pois acima de uma centena, aproximadamente.

Varia do mesmo modo o número de habitantes. Contei os seguintes:

	Horda setentrional	Aldeia de Korumaré	Horda meridional	Total	Xavajé imigrados	Total
Homens						
Adultos	114	—	27	141	3	144
Jovens	57	—	15	72	1	73
Meninos (1-12-anos) .	141	—	28	169	1	170
Total	312	cêrca de 20	70	402	5	407
Mulheres						
Adultos	164	—	38	202	7	209
Jovens	22	—	12	34	3	37
Meninas (1-12-anos) .	129	—	28	157	1	158
Total	315	cêrca de 20	78	413	11	424
Total de homens e mulheres	627	cêrca de 40	148	815	16	831

Sem contar os Xavajé da horda meridional, o total dos indivíduos é, pois, de 815, elevando-se a 831 se incluirmos os Xavajé. Para cada habitação, temos, por conseguinte, uma média de sete a oito pessoas.

Considerando-se o extenso território ocupado pelos Karajá (cêrca de 800 km. de comprimento), é bastante diminuto o número dos habitantes. É bem possível ter sido maior em tempos passados, embora pareçam muito exagerados os números extraordinários de antigos relatórios. O que surpreende é o pequeno número de jovens de um e outro sexo. Talvez se me tenham ocultado as moças; mas é possível, também, que a epidemia de sarampo, que os índios dizem ter grassado horrìvelmente entre a juventude no ano de 1906 ou 1907, tenha vitimado muitas pessoas de idade juvenil (7). Por ora, não há indícios de algum retrocesso. O número de crianças parece ser normal; cada família tem, em média, três filhos. Havia vários solteiros de mediana idade; não é boa

7) — Em 1908 pareciam ser muito boas as condições sanitárias entre os Karajá. Sòmente na aldeia da barra do Tapirapé havia numerosas criancinhas sofrendo de uma espécie de coqueluche. Os óbitos ocorridos de julho até fim de outubro, e de que tive notícia, foram apenas o de uma criança e de dois homens de avançada idade. Quanto a nascimentos, não registei nenhum, mas havia sinais evidentes de vários para breve.

a sua influência sôbre a juventude masculina. Pregam o ideal de solteirão, que seduz os jovens sobretudo porquê o casamento os obriga a pesado trabalho cotidiano (pescar, fazer roça). Mais de um declarou-me que não pretendia casar, porquê então deveria trabalhar muito. Parece, todavia, que os pais reagem contra êssa tendência.

Encarando mais atentamente a relação existente entre a horda meridional e a setentrional, tem-se impressão de se haver formado aquela apenas no decorrer dos últimos cem anos. Os Karajá parecem, portanto, estar migrando para o sul. Possuimos os seguintes dados históricos acêrca dos estabelecimentos karajá:

Em 1772, José Machado encontra índios Karajá, certamente na Ilha do Bananal. Em 1773, Fonseca visita os Karajá ao norte da extremidade sul da Ilha do Bananal; habitavam nove aldeias com 9.000 habitantes, três das quais eram de Xavajé.

A partir de 1782 verificam-se deslocações para aldeamentos fundados mais ao sul. Nesse ano transplantaram-se 700 Karajá para São José de Mossamedes, perto de Goiaz, onde foram desaparecendo aos poucos. Em 1786 estabeleceu-se o aldeamento de Carretão para Chavánte e Xavajé; a maioria dos índios foi vitimada por uma epidemia de sarampo sendo os sobreviventes levados em 1788 para Salinas, onde igualmente se extinguiram aos poucos. Naquele tempo, ainda não se registrou, porém, nenhuma transmigração dos índios para o sul, para a proximidade dêsses "centros culturais", pois em 1792, descendo o Araguaia a partir do Rio Vermelho, Souza Real não topou índios até a extremidade sul da ilha do Bananal. Só nos primórdios do século XIX os Karajá parecem ter chegado algumas vêzes a Salinas, visitando os irmão-de-tribu alí estabelecidos. Silva Souza comunica, p. ex., terem chegado a Salinas, entre 1809 e 1812, afim de se submeterem pacìfimente, tornando, porém, em conseqùência duma briga, às suas aldeias junto ao rio; não indica, infelizmente, em que pontos ficavam essas aldeias. Cunha Matos refere, em 1824, que os Karajá se apresentavam esporàdicamente em Salinas para comprar utensílios de ferro (8). Continuou por muitos decênios êsse estado de coisas, pois Castelnau conta que em 1844 os Karajá iam às vêzes do Araguaia a Salinas, em parte para visitar os seus irmãos-de-tribu, em parte para pilhar as roças dos brasileiros (9). Êle próprio não deparou com aldeias no trajeto do Rio Crixá até a extremidade sul da Ilha do Bananal; diz começarem as primeiras aldeias estáveis apenas depois da bufurcação, no braço ocidental do

8) — Rev. trim. 37, p. 363.
9) — Vol. I, p. 372, 377, 383.

Araguaia, e haver três aldeias no trecho que vai até o Rio das Mortes, a primeira a 38 léguas, a segunda a 30, e a terceira imediatamente acima dêste rio (10). Também Rufino topou, em 1846/47, aldeias karajá (em número de 9) apenas ao longo da Ilha do Bananal; a mais meridional ficava a 9 dias de viagem abaixo da ponta sul dessa ilha. Em 1863, Couto de Magalhães realizou nova tentativa de estabelecer Chavánte e Karajá num aldeamento nas proximidades de Salinas, afim de adaptá-los alí à vida civilizada. Essa fundação parece ter sido a primeira que, ao lado do avanço da cultura brasileira para oeste, levou os Karajá a se estabelecerem ao sul da Ilha do Bananal. Morais Jardim e Spinola, referindo-se ao ano de 1880, mencionam a primeira aldeia karajá, a contar do sul, já na proximidade de São José, e uma segunda na barra do Rio Crixá. Seguem-se depois 18 aldeias na Ilha do Bananal, a começar no Lago dos Chavantes; o último da série é um povoado perto de Santa Maria. Indicam, para estas 21 aldeias, um total de 600 habitantes.

Para o ano de 1888, Ehrenreich enumera as seguintes aldeias: Entre Leopoldina e o Rio Crixá, encontrou êle um acampamento de poucas tentas. Perto de Xixá, havia numa praia arenosa, uma aldeia com cêrca de 30 pessoas. Os ranchos das proximidades de São José, habitados por índios na estação chuvosa, êle os encontrou abandonados em agôsto. Havia outro povoado no Rio Crixá. Ao norte da extremidade sul da Ilha do Bananal, êle registra as seguintes aldeias: acima do Rio das Mortes, três; perto de Isabel do Morro, quatro; daí até a embocadura do Tapirapé, seis, a última das quais isolada na extremidade norte da Ilha do Bananal. A das proximidades de Santa Maria, outrora a mais setentrional de tôdas, fôra, segundo escreve, assaltada e destruída pelos Kayapó em 1881 (1859, conforme Coudreau, p. 136), e, em conseqüência disso, abandonada definitivamente pelos Karajá. Segundo Ehrenreich, a horda setentrional possuia, portanto, 19 aldeias, e a meridional umas 2 a 4. Em 1895, Cavalcanti menciona as seguintes aldeias para a horda meridional: a primeira, numa ilha defronte de Chicas (trata-se, certamente de Xixá), com duas casas; a segunda, defronte de São José, com quatro casas; e outra na barra do Rio Crixá, sob o govêrno do cacique Pedro Manco.

As indicações de Coudreau, 1896/97, são ainda mais inexatas para a horda meridional, sôbre a qual só dá informações de terceiros, do que para a setentrional. Indica duas aldeias para a esta-

10) — Vol. I, p. 395; Vol. II, p. 114.

ção das chuvas: uma perto de São José, com onze casas e 60 habitantes; a outra perto de Xixá, com 17 casas e 40 habitantes. O grande número de casas e habitantes mostra como na estação chuvosa os índios se concentram em poucas aldeias, mas maiores. Em todo caso, infere-se dêsses dados que a horda meridional já se havia tornado mais numerosa.

Em 1908 eu próprio encontrei a primeira aldeia perto de Leopoldina, a segunda perto de Xixá, a terceira pouco acima, a quarta em São José (uma casa habitada por índios), a quinta no Largo do Café, a sexta pouco acima, a sétima a jusante da barra do Rio Crixá, a oitava no Lago de Luiz Alves: ao todo 19 casas e 148 habitantes.

De acôrdo com informações de índios da horda meridional, os primeiros Karajá daí, os de São José, teriam vindo do norte. O primeiro cacique imigrado para alí foi *Manekokó*. Encontrou a terra despovoada. Quando morreu, os índios ficaram morando na região, sob outro cacique, Xavier. Entre os homens dêste, encontrava-se *Kulí*, o cacique da aldeia n.º 3. *Kulí* parece ter uns 60 anos de idade. Não sei se já nasceu aí. Em todo caso, deu-se a transmigração antes do tempo dêle, i. é, lá pela primeira metade do século XIX. Ao que me contaram, os índios *Xixá* consistiam, há uns 20 ou 30 anos, em um rancho apenas; mais tarde, estabeleceram-se aí vários índios, vindos do norte. A aldeia perto de Leopoldina disseram ter sido fundada há cêrca de cinco anos; os seus habitantes moraram anteriormente em *xandalábe* (junto ao Rio das Mortes, da Barreira de Isabel Velha, ou de Isabel do Morro).

Dessa confrontação infere-se, em todo caso, que a horda meridional deve certamente a sua primeira origem à fundação dos aldeamentos de Carretão e Salinas. Os índios aí aldeados, e o contacto com a civilização (utensílios de ferro, cachaça, fumo) assim estabelecido, provocaram a transmigração de outros Karajá, movimento que prosseguiu ainda após o abandono dos aldeamentos.

Ainda hoje em dia continua essa migração para o sul, o que se pode demonstrar perfeitamente com as minhas observações. Vejamos primeiro os deslocamentos no interior das duas hordas durante o verão de 1908.

Na horda setentrional, encontrei, durante a viagem Araguaia-abaixo, 13 aldeias habitadas, com 71 casas, além de 14 aldeias abandonadas, com cêrca de 40 casas, e 4 comunidades-de-aldeia em migração, duas para o norte, e duas para sul. Na viagem rio-

acima, o estado de coisas era êste: havia 13 aldeias habitadas, com 63 casas. Desde a viagem para jusante, haviam se registrado as seguintes modificações: abandono de 2 aldeias, fundação de 2 outras, e transferência de 5 para outro lugar. Quatro comunidades estavam em migração, três para o norte e uma para o sul. Havia ainda 10 aldeias abandonadas, com umas 25 casas ao todo.

Tomando o Rio Tapirapé como divisa, temos o seguinte:

	abaixo	acima
Na viagem para jusante	6 aldeias, 1 comunidade em migração	7 aldeias, 3 comunidades em migração
Na viagem para montante	4 (11) aldeias, 3 comunidades e migração	9 aldeias, 1 comunidade em migração

Verificou-se, portanto, um ligeiro deslocamento para o sul. A êste respeito, cumpre mencionar ainda que em setembro de 1908 o cacique Cyriáki se separa de Cadete, transferindo-se para a aldeia da barra do Tapirapé, i. é, para a seguinte, a contar do norte para o sul (12). Registraram-se duas transmigrações da horda setentrional para a meridional, mas apenas a título de visita ou com fito comercial. No entanto, algumas pessoas pareciam ter a intenção de ficar definitivamente na horda meridional.

Na horda meridional, encontrei em outubro as mesmas aldeias como em junho. Na viagem rio-baixo, contei 8 aldeias, com 19 casas, e 5 aldeias abandonadas, com 11 casas. Na viagem para montante, as mesmas 8 aldeias, com 20 casas, duas delas transferidas para outro lugar; além disso, os homens de 2 ramificações (fabricantes de canoas, da segunda e terceira aldeias, que haviam concluído o seu trabalho) tinham voltado à sua comunidade; havia, ainda, três aldeias abandonadas, com 6 casas (13).

O aumento do número de casas, de 19 para 20, explica-se pela imigração de índios Xavajé, cinco indivíduos masculinos e onze femininos desta tribu que, na viagem para montante, encontrei em Xixá. Haviam-se, porém, verificado ainda outras modificações quanto ao número: na viagem rio-abaixo, contei 70 homens e 61 mulheres; na subida 70 homens e 78 mulheres; incluindo os Xavajé, o aumento havido de junho até outubro fôra, pois, de 5

11) — Em março de 1909, Kissenberth encontrou abaixo do Tapirapé as mesmas 4 aldeias, bem como uma comunidade em migração. Zeitschrift für Ethnologie, 1909, Vol. 41, p. 967.

12) — Kissenberth indica como sendo a de Cyriápi a primeira aldeia acima da barra do Tapirapé.

13) — Sôbre o motivo de se abandonarem as aldeias, ver adiante o capítulo referente à casa e à aldeia.

homens e 28 mulheres, i. é, de 33 pessoas ao todo. Explica-se êste aumento, porquê além da imigração dos Xavajé, haviam vindo para o sul indivíduos da horda setentrional.

Segundo estas observações, a transmigração para o sul parece não só continuar ainda hoje em dia, como ter se estendido igualmente aos Xavajé. Provàvelmente a horda meridional tem algum sangue xavajé, que se manifesta sobretudo em maior crescimento em estatura. Até agora, encontra-se apenas cêrca da quinta parte dos Karajá ao sul da Ilha do Bananal; a massa principal continua formada pela horda setentrional; mas, como vimos acima, nota-se também nesta a tendência de deslocar-se para o sul (14).

Se essa marcha para o sul constitue, ou não, a continuação de uma marcha mais antiga, que levou os Karajá ao Araguaia, é uma questão que não quero resolver ainda. É sabido que Ehrenreich já chamou a atenção para muitas semelhanças entre os Karajá e tribus indígenas da Guiana. Sem a intenção de prosseguir aquí no estudo dessas correlações culturais, parece-me, no entanto, útil observar que de um confronto entre a cultura dos Karajá e a dos Kayapó se infere apresentarem aquêles, em muitíssimos traços culturais, um parentesco com os Kayapó, mas ao lado disso, grande porcentagem de elementos parece indicar para o norte ou o noroeste. Caberá a pesquisas futuras um esclarecimento melhor dêstes problemas culturais. A distribuìção atual dos Karajá, a sua limitação ao vale do Araguaia, numa faixa estreita que se estente por 8 ½ graus de latitude, orlada de tribus inimigas, principalmente da família Gê, parece indicar que êsses índios, vindos do norte, subiram o Araguaia, impelindo para os lados as tribus alí estabelecidas. Até agora os Karajá não entraram ainda em relações pacíficas com as tribus vizinhas. A missão de Conceição realizou tentativas neste sentido; falharam, porém, após alguns resultados favoráveis no início (15).

As lutas continuam, por isso, ainda hoje, e prosseguem também os raptos de mulheres e crianças. Os Xambioá vivem contìnuamente em pé de guerra com os Kayapó, os Karajá com os Tapirapé, e os Xavajé com os Canoeiros. Ehrenreich encontrou entre os Xambioá numerosas mulheres kayapó, que serviam à tribu como prostitutas. Vale o mesmo para as mulheres tapirapé que

14) — Há muito tempo registou-se uma transmigração da horda meridional para a setentrional: trata-se de pessoas que sairam de Xixá, estabelecendo-se junto ao Córrego; é a aldeia de José (6 homens, 8 mulheres).

15) — Referem-se certamente a estes esforços as notícias, que recebí de um brasileiro estabelecido perto de Santa Maria, de que os Kayapó e os Xambioá se encontram todos os anos em determinado lugar do Araguaia, para trocarem objetos, e de que atualmente vive um menino karajá entre os Kayapó e um menino kayapó entre os Karajá, com o fim de aprenderem o idioma da outra tribu e usá-lo, depois, no seio de sua comunidade.

vivem entre os Karajá; em 1908 era pequeno o seu número: na horda meridional havia uma menina; na setentrional, três mulheres, uma menina e dois meninos. Êstes indivíduos tapirapé não pareciam ter exercido qualquer influência cultural, linguística ou física, ao passo que em tempos de outrora a influência cultural dos Tapirapé sôbre os Karajá, principalmente na barra do Rio Tapirapé, deve ter sido notável, porquanto na aldeia da embocadura dêsse rio havia grande quantidade de objetos não observados em nenhuma outra aldeia de Karajá, e que davam a impressão de serem estranhos à cultura dêstes índios.

3. A CASA E A ALDEIA

A construção da casa (*hatô*) varia de acôrdo com a estação do ano (estiagem, estação chuvosa).

A armação das casas para estiagem consiste em três arcos, um atrás do outro, cada um formado de duas varas amarradas, em cima, com embira. As coberturas são de fôlhas de palmeira; quebradas as pínulas para um lado, colocam-se duas fôlhas uma sôbre a outra, atando-as pelas nervuras. Em seguida, são fixadas ao arco, pelo lado interior, de sorte que as superiores cobrem um pouco as inferiores. A cumieira fica incompleta; não recebe cobertura especial. A uns 15 cm. abaixo da cumieira, e paralela a esta, amarra-se, de ambos os lados, uma vara sôbre a cobertura de fôlhas (v. prancha 39). Êsses ranchos simples medem aproximadamente 3 m. de comprimento, 2 m. de largura e 1,5 m. de altura.

Não tive oportunidade de ver os ranchos da estação chuvosa. Em outubro (início da estação das chuvas), os Karajá moravam nas praias arenosas, em ranchos de forma diferente do tipo das que habitam na estiagem; êles próprios me disseram que constroem as casas sôbre os barrancos do rio, de novembro a março, de modo idêntico ao dêsse tipo de transição. Distinguem-se das casas habitadas na estiagem principalmente por ser fechado cada um dos dois lados estreitos com uma construção em arco, avançando cêrca de 1 m. e apresentando uma pequena abertura que serve de entrada (prancha 40, fig. 1). A maneira pela qual se fazem essas construções em arco pode ser inferida da fig. 2, prancha 40. A cobertura é feita do mesmo modo como a da parte restante da casa. É evidente que essas construções servem para evitar que a chuva penetre lateralmente nas habitações.

A grande maioria dêsses ranchos fechados apresentava ainda outra diferença: o comprimento era aumentado para o dobro, a

Rancho dum cacique karajá. Entrada parcialmente coberta.

244 b

armação consistia, portanto em seis arcos (16). As casas alongadas, fechadas dos dois lados, oferecem naturalmente abrigo muito mais eficiente contra a chuva, e, além disso, a um número muito maior de pessoas, do que dois ranchos não alongados (prancha 32, fig. 1).

Não se fecham sempre de maneira igual as entradas: no início e no fim da estão chuvosa, cobrem-se, a começar dos lados, apenas dois terços da parte arqueada, deixando aberto o terço restante; no tempo das fortes chuvas, porém, cobre-se tôda a construção em arco, ficando sòmente uma entrada baixa no centro (prancha 32, fig. 2). Nas épocas de transição observam-se tôdas as variações possíveis: rancho não alongado, com construção em arco; casa alongada, aberta dos dois lados, etc.

Nas aldeias mais meridionais, perto de Xixá e de São José, havia casas de construção bem diferente da que acabamos de descrever; representavam um tipo mixto entre a maneira de construção dos Xavajé e a dos brasileiros. Aproximam-se muito da forma dos ranchos habitualmente erigidos por estes. Cada uma das paredes laterais é formada por três estacas verticais, de cêrca de 1 m. de altura, uma trave descansando nas forquilhas. No meio de cada um dos lados estreitos eleva-se uma estaca de uns 3 m. de altura; sôbre elas ainda cansa um pau de cumieira. Em geral, liga-as ainda outra viga longitudinal, a meio metro do chão. O pau de cumieira é ligado por três ripas às traves de um e outro lado. As entradas são fechadas por construções em arco. Originam-se, pois, assim, paredes verticais, destacadas do telhado (Armação e planta: fig. 18. Casa com cobertura: prancha 40, fig. 3). Encontram-se também construídas dêsse modo algumas casas de du-

Fig. 18 — Planta e armação do rancho não-alongado de tipo mixto. Karajá

16) — Referindo-se aos Xambioá, Vila Souza Real menciona já em 1792 ranchos assim compridos com entrada baixa nos lados estreitos. Rev. trim., Vol. 11, p. 430.

plo comprimento. Neste caso, são bem mais altas e espaçosas, e as as construções em arco salientam-se muito mais, até 2 m. (fig. 19). A princípio, essas moradas eram imitação do tipo xavajé; vê-se, porém, perfeitamente como a casa xavajé se modificou aquí sob a influência brasileira, dando origem a êsse tipo mixto.

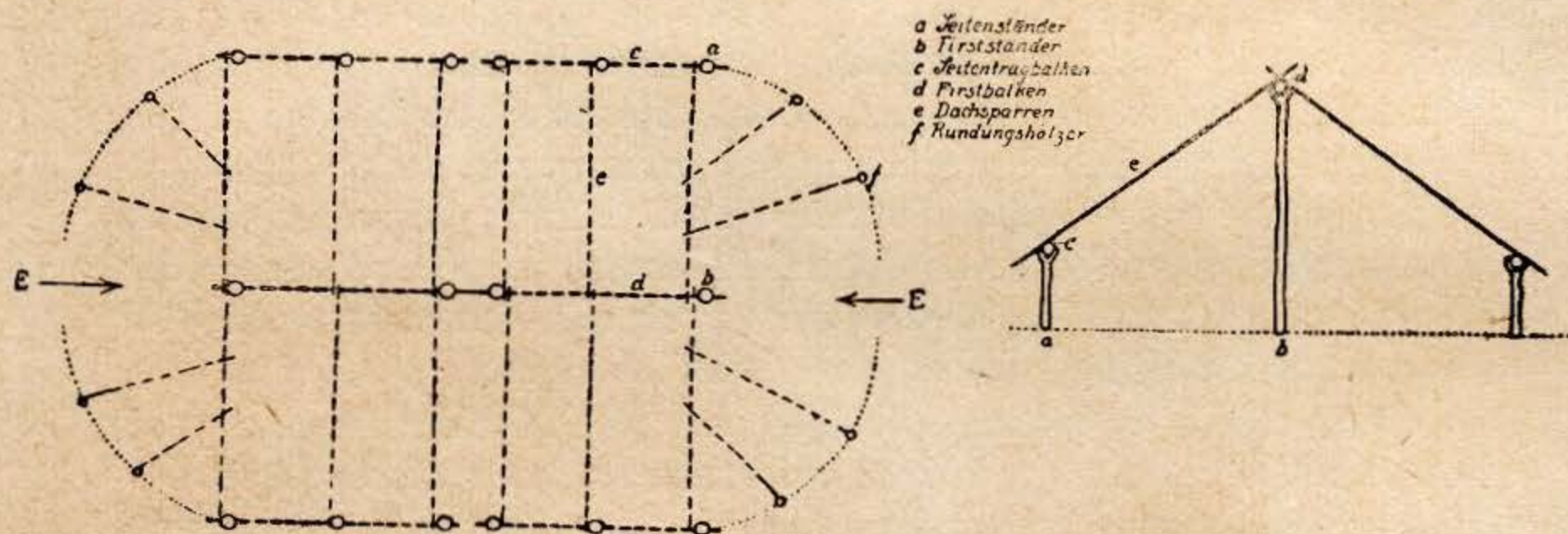



Fig. 19 — Planta e corte transversal do rancho de duplo comprimento de tipo mixto. Karajá.

A fig. 20 representa a planta e o corte transversal da casa xavajé na sua forma original. São caraterísticas as seguintes particularidades: dois suportes de cumieira; sôbre êles, a viga-

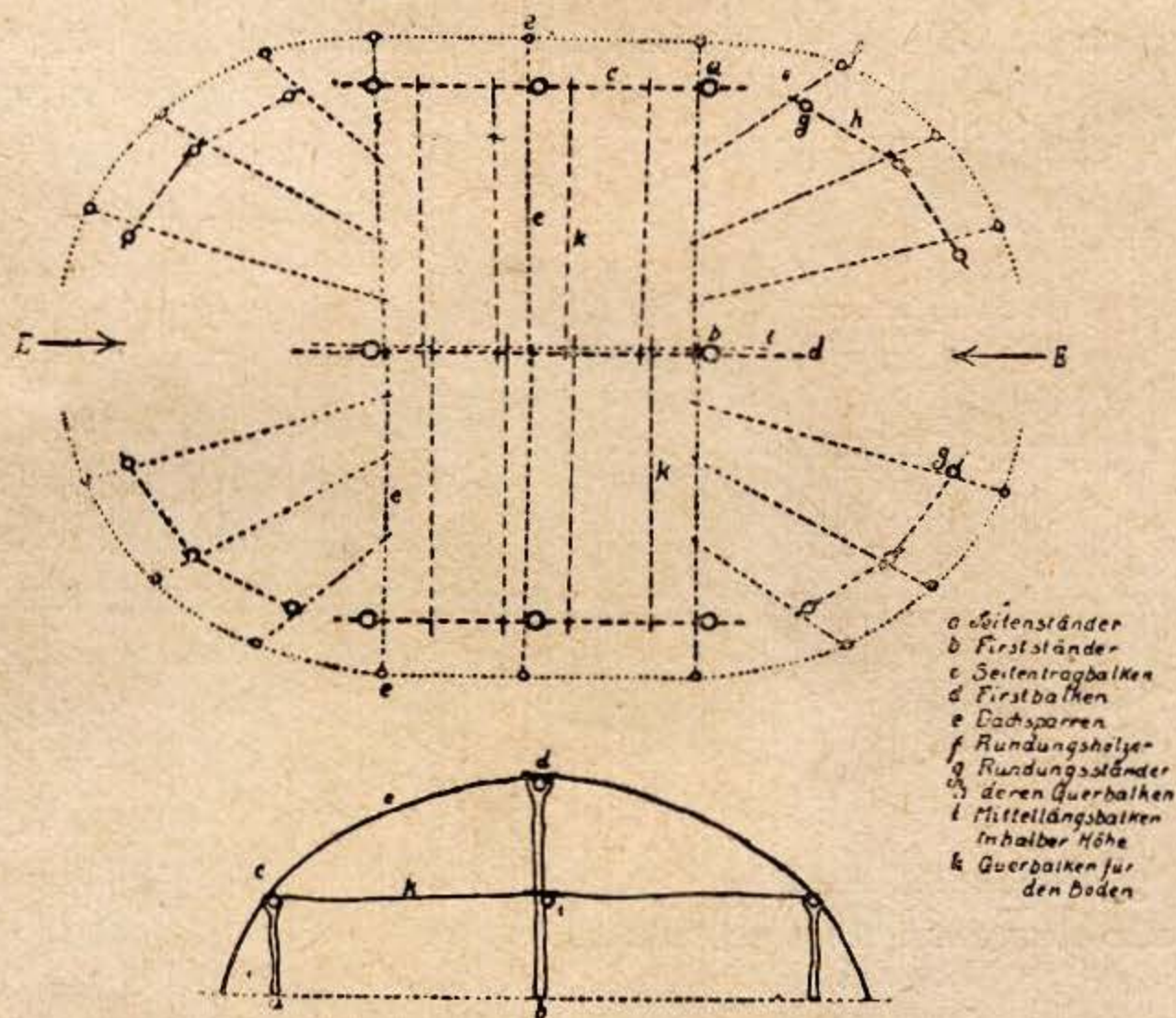
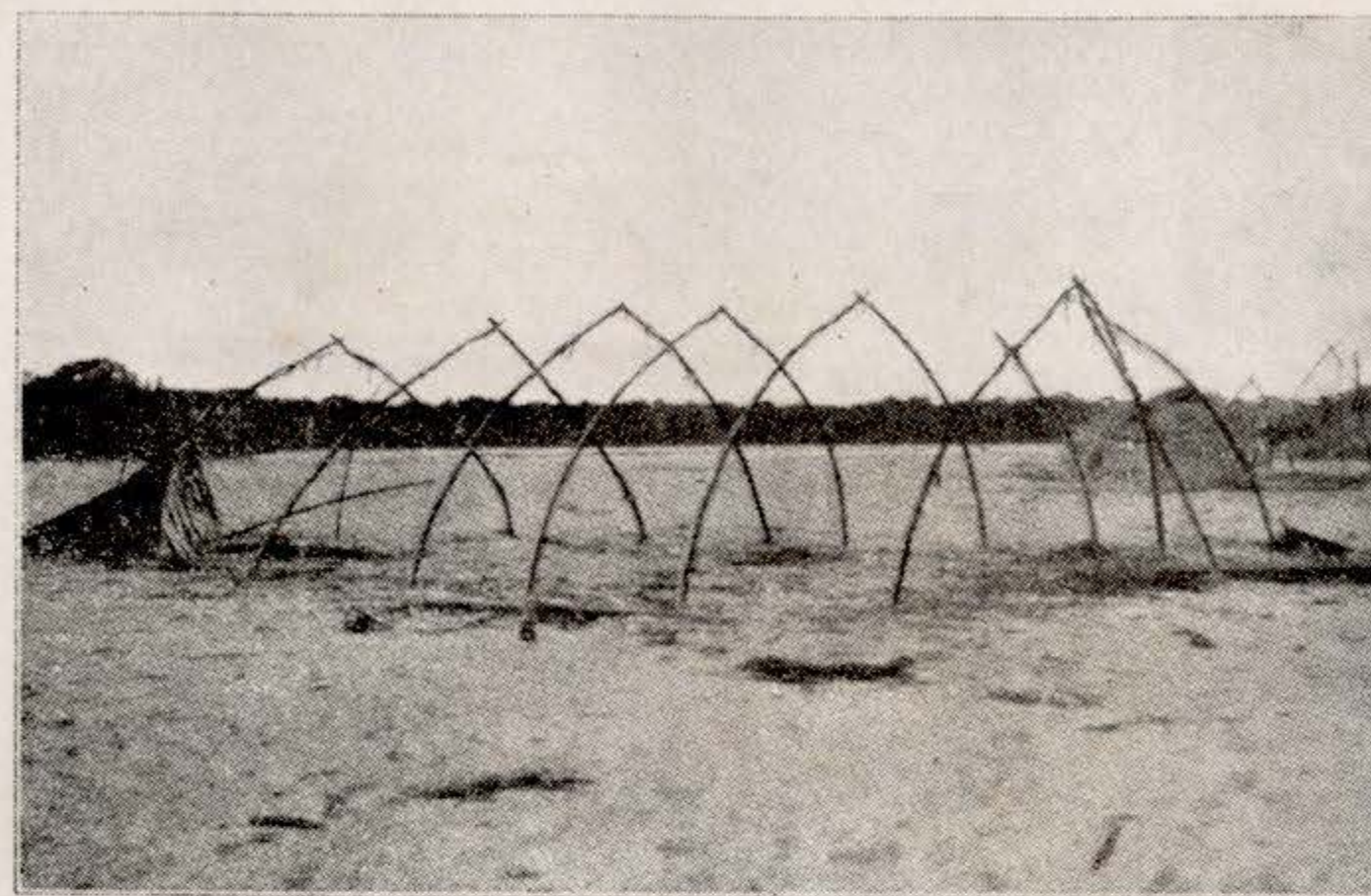
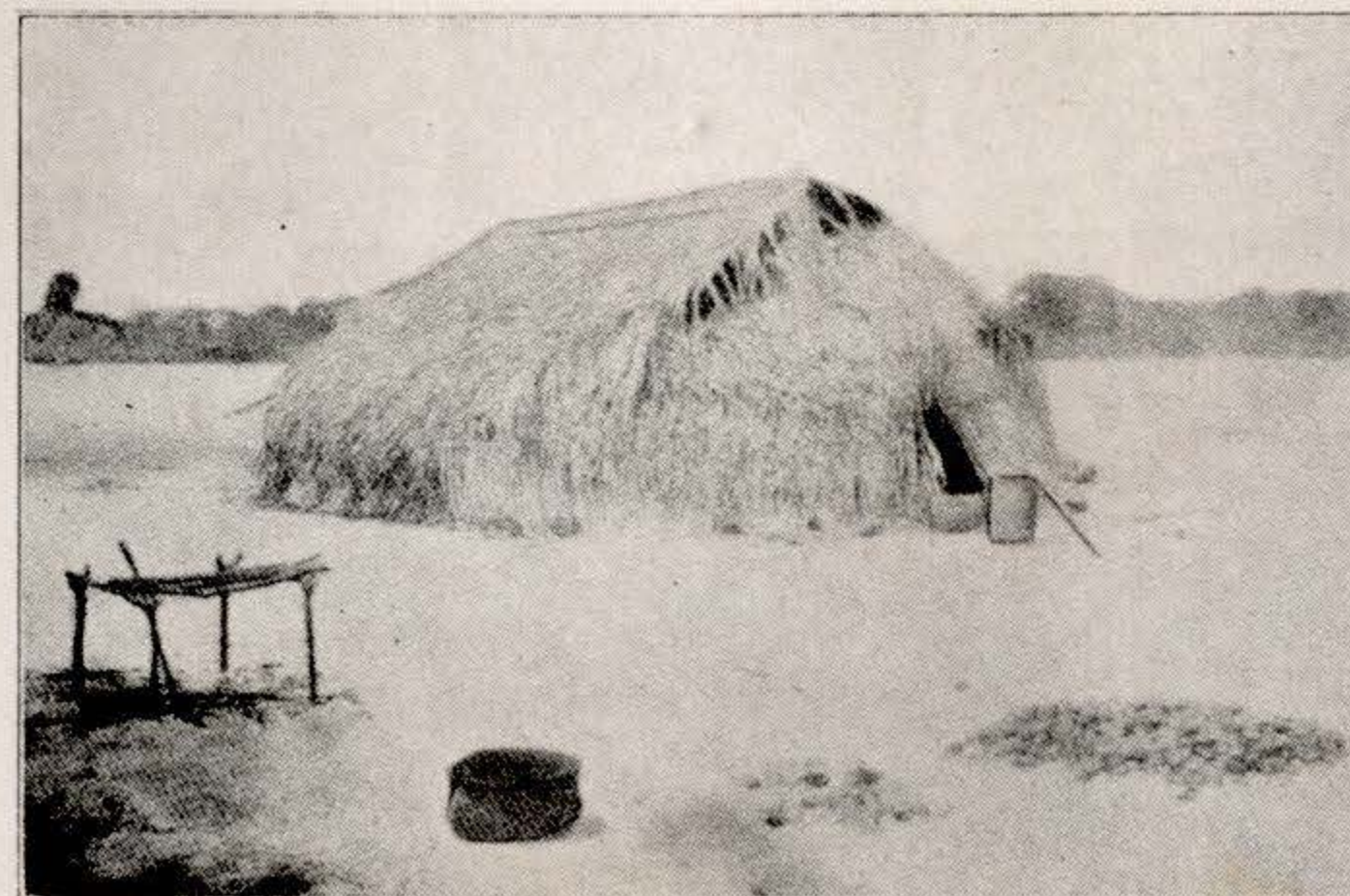



Fig. 20 — Planta e corte transversal da casa dos Xavajé da Ilha do Bananal.

1. Rancho simples, fechado. Karajá.

2. Armação de um rancho fechado de duplo comprimento.

3. Rancho não alongado, de tipo misto. Karajá.

4. Rancho alongado, de tipo misto. Karajá em Xixá.

mestre; a dois terços da altura total, uma segunda viga longitudinal; em cada um dos dois lados, três suportes, e sôbre estes, as traves laterais. As ripas do telhado descem por sôbre as traves laterais até o chão, onde são fixadas. Cada uma das construções em arco descança sôbre seis suportes de pouca altura, ligados, de três em três, por vigas transversais, sôbre as quais repousam os paus de cumieira, que descem do primeiro e terceiro arcos ao chão. Tanto os lados como a construção em arco são pois sustentadas internamente por suportes e traves. As entradas ficam nas construções em arco, medem essas casas 20 - 25 m. de comprimento, 12 - 15 m. de largura, 3 - 4 m. de altura.

Em Xixá encontrei, em fins de outubro, a casa de uma família xavajé que havia mudado para alí; o tipo de construção já estava transformado (Planta e corte transversal: fig. 21. Com cobertura: prancha 40, fig. 4). Era, primeiramente, uma casa de duplo comprimento, a planta igual a da casa karajá (fig. 19). Consistia a diferença no fato de estar fincado diante de cada suporte lateral uma estaca baixa e isolada; nestas estacas, não ligadas entre si por vigas transversais, estava prêso o revestimento das paredes. Estas já se destacaram, pois, do telhado; conservaram-se os suportes de parede, passando a constituir suportes laterais. Nas construções em arco, a planta já é mais simples, semelhante ao tipo karajá. Nas casas de tipo mixto, dos Karajá,

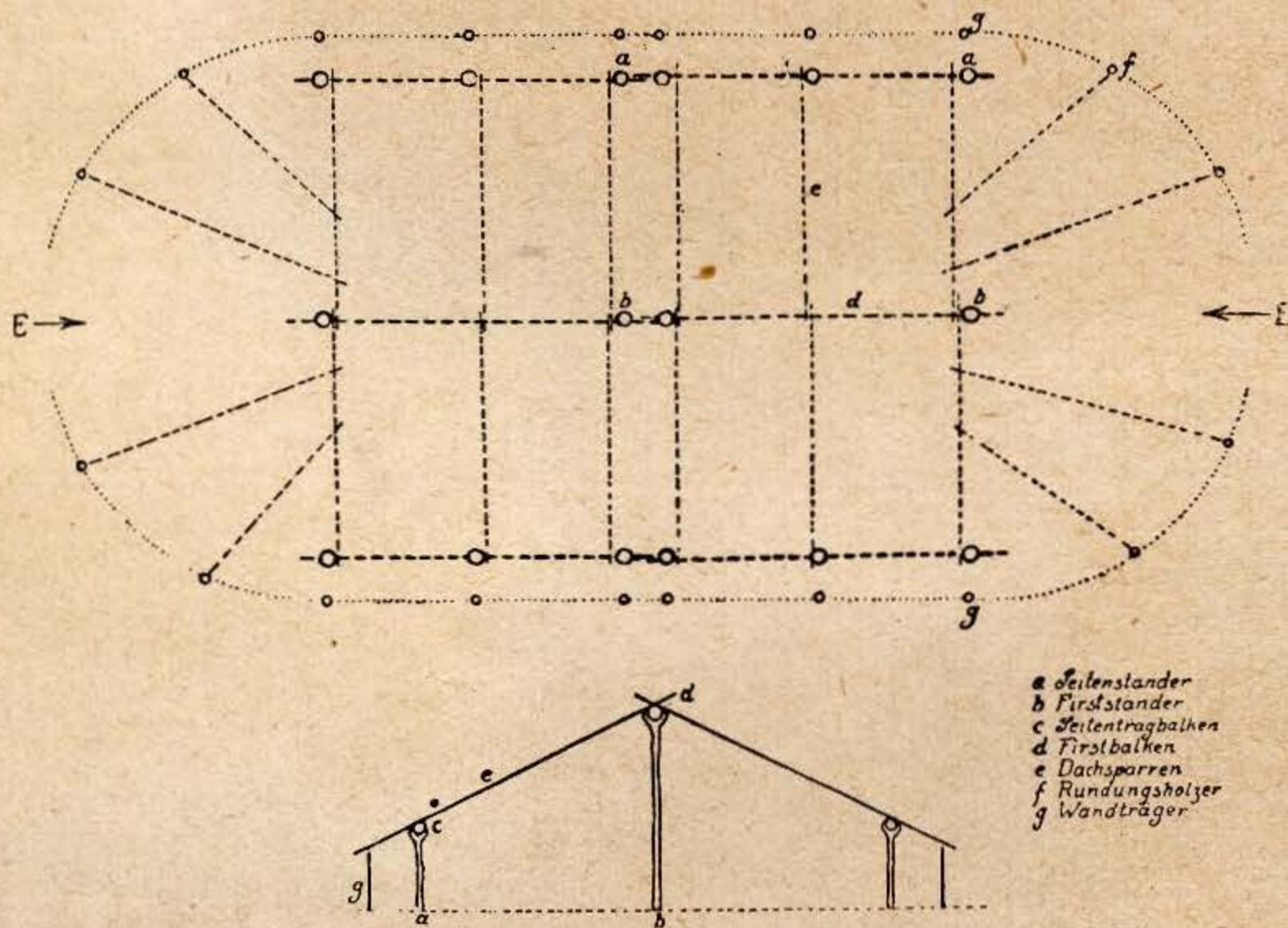



Fig. 21 — Planta e corte transversal do rancho de duplo comprimento, de tipo mixto. Xavajé em Xixá.

desapareceram aquelas estacas de parede; o revestimento é fixado aos próprios suportes laterais. — Temos, assim, a evolução sofrida pela casa xavajé desde a sua feição primitiva; tirando-se-lhe a construção em arco, nada mais a distingue do genuino rancho brasileiro. E na viagem rio-abaixo ví de fato uma construção do tipo dêste entre os fabricantes de canoas de Xixá.

Êsse fato vem, pois, corroborar hipótese de que os moradores das aldeias mais sulinas da horda meridional se cruzaram com Xavajé (ver acima: tamanho e número).

Para mostrar que esta influência realmente se exerceu assim, e que essas casas não representam, por ventura, mera imitação de ranchos brasileiros, providos simplesmente de construções em arco, temos, em primeiro lugar, o exemplo dos Xavajé, que conhecem o pau de cumieira e a construção com suportes, e, além disso, o fato de que as casas de máscaras dos Karajá da horda meridional, bem como as dos Xavajé, possuem um pau de cumieira, prêso em cima nos três arcos. Considerando ainda, que, as casas dos Xambioá como se infere da fig. 3 de Ehrenreich, Beiträge, são idênticas às dos Xavajé, apresentam-se-nos os ranchos dos Karajá como forma degenerada; e é significativo o fato de se ter conservado o pau de cumieira apenas na casa das máscaras. As casas de tipo mixto são, pois, de origem indígena, influenciadas, é verdade, pelas construções brasileiras no que concerne a separação de parede e telhado.

Instalação interna. Nas habitações reina um frescor muito agradável e a cobertura, quando feita com esmêro, como na estação chuvosa, é impermeável. O chão é revestido de grandes esteiras. Essas esteiras de fibras de buriti (*bulé*) servem como assentos e para dormir. Num dos seus lados compridos, as fibras aparecem como franjas compridas. A minha esteira maior mede 4 m. de

Fig. 22 — Esteira para dormir, com desenho, para menina. Karajá

1. Alpendre, para produzir sombra. No fundo, uma esteira armada em parede.

2. Aldeia ainda não acabada: acampamento, de esteiras armadas em parede, ao lado dum rancho recém-construído.

comprimento e 1,70 m. de largura. São raras as esteiras menores, com desenho formado de tiras pretas de entrecasca entremeadas entre as fibras de buriti (fig. 22, esteira de dormir, para meninas).

São muito simples as camas. Para dormir, a gente se estende no chão, sôbre uma esteira, cobrindo-se com a outra metade desta ou com o *riió* (v. abaixo). Às vêzes, o índio deitando-se de lado, encolhe as pernas, passando uma extremidade do *riió* sôbre os pés, e a outra sôbre a cabeça, de modo que todo o corpo fica resguardado contra o sereno e os mosquitos. Não observei os cilindros de madeira para apoiar a nuca, mencionados por Ehrenreich. É bem possível que os possuam; pois gostam de ficar com a cabeça em posição elevada enquanto dormem. Para dormirem na areia, ao ar livre, abrem uma cavidade para o corpo, cobrem-na com uma esteira, sôbre a qual se deitam, mas de tal modo que a cabeça fique sôbre o bordo elevado da cavidade; a parte restante da esteira serve de coberta. É bem agradável êste modo de dormir, como eu próprio tive oportunidade de experimentar. Em oposição a isso, observei também que se deitam, nas suas casas, sôbre o chão liso e plano, sem colocarem a cabeça em posição mais elevada.

Para abanar ar fresco e para enxotar os mosquitos quando dormem à sesta, empregam pequenos abanos (*koli;* prancha 21, fig. 2) trançados de fôlhas de palmeiras e providos de desenhos.

Assentos existem só para os caciques. São banquinhos inteiriços talhados de madeira: nos dois lados, o plano superior termina em forma de cabeça, provida de olhos de madrepérola com pupilas de cera; nos orifícios das orelhas penduram-se borlas de penas de papagáio de côr vermelha e amarela. Os olhos de madrepérola, trabalhados sôbre uma pedra para ficarem redondos, são fixados por meio de cera. Finalmente todo o baquinho é pintado de preto com tinta de genipapo, aplicada com a palma da mão. A êsses banquinhos dá-se o nome de *kolixú;* as borlas de penas chamam-se *kolixulabedosí.* Disseram-me que os banquinhos representam uma arara (prancha 19, fig. 1 a b).

Em geral, os índios se sentam sôbre as esteiras, as pernas encolhidas e a mão no quadril; ou põem-se de cócoras sôbre o chão (prancha 12, fig. 1; prancha 38, fig. 1).

Para guardar objetos de adôrno, peças de vestuário, utensílios e armas, não se encontra, geralmente, nos ranchos, disposição especial. Os objetos pequenos são enfiados no telhado ou pendurados nos postes. Os arcos, as flechas e as lanças ficam geralmente no chão, ao longo das paredes compridas, ou encostadas ao canto. As cestas, cuias e vasos de barro, contendo em parte tôda

espécie de utensílios domésticos, ficam pendurados, em pé, ou deitados em qualquer parte da habitação. Em duas casas apenas, na aldeia 6 e em Xixá, observei, junto à parede, suportes de duas forquilhas, nos quais estavam colocados arcos e flechas (fig. 23). Tambem esta disposição parece remontar à influência xavajé, porquanto os Xavajé de Xixá usavam suportes dêsse tipo.

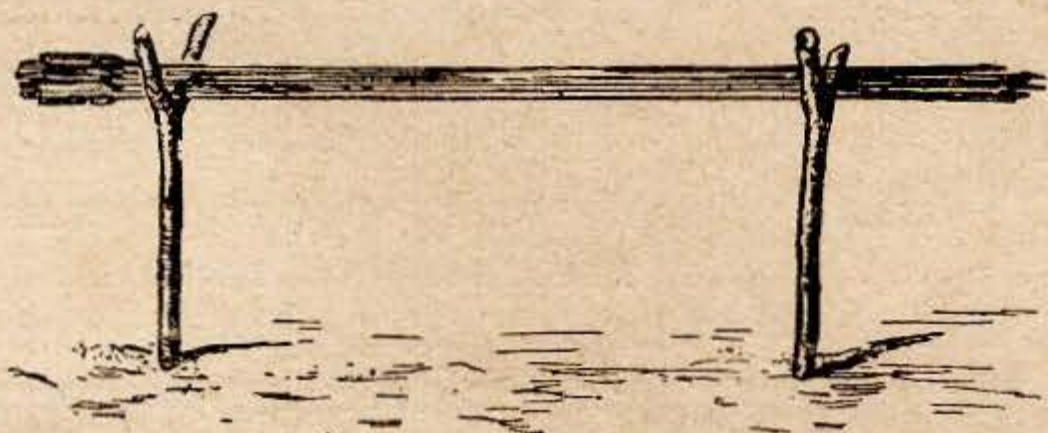



Fig. 23 — Armação para guardar flechas, no interior da habitação.

Fora das casas, porém, encontram-se armações especiais para guardar provisões (*odedú*). São formadas de quatro forquilhas, de cêrca de 1 1/4 m. de altura, levantadas em forma de quadrilátero e ligadas entre si por duas varas transversais e numerosas longitudinais. Nessas armações observam-se provisões de tôda espécie, raízes de mandioca, utensílios fora de uso, armas, bem como tôda sorte de matérias primas; das varas pendem cuias e cestas cheias de milho e de plumas; penduram-se aí também freqùentemente, para secar, as tangas de embira usadas pelas mulheres (fig. 24).

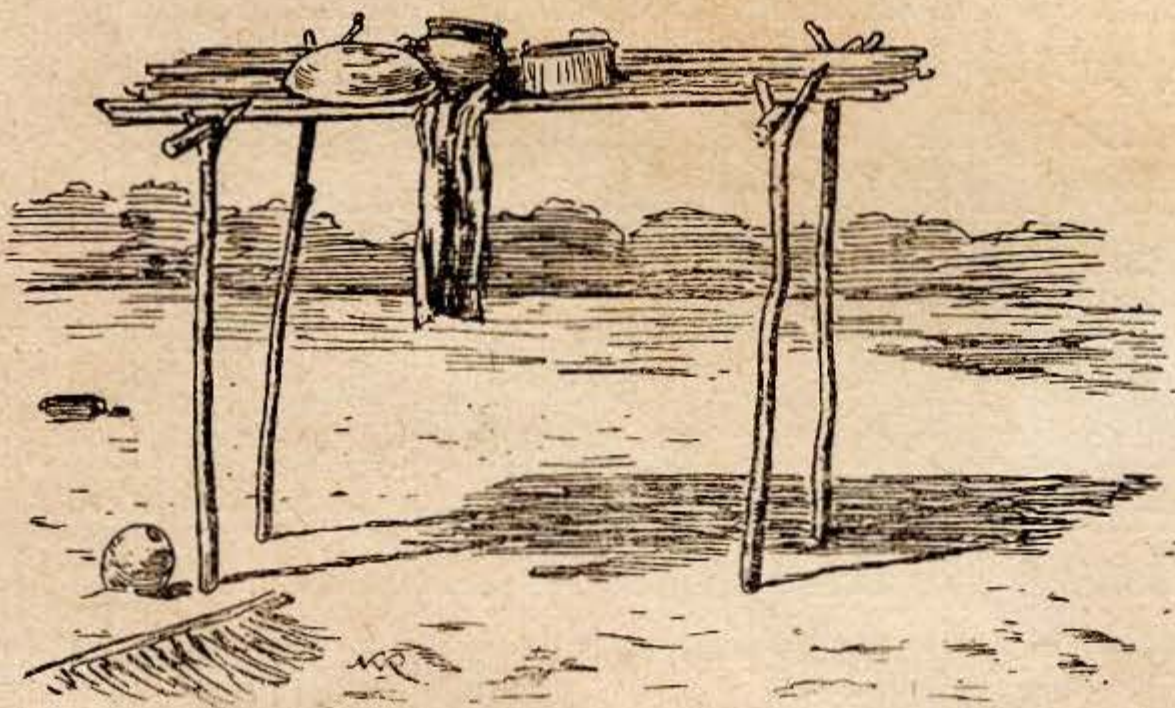



Fig. 24 — Armação para guardar provisões. Desenho feito segundo fotografia.

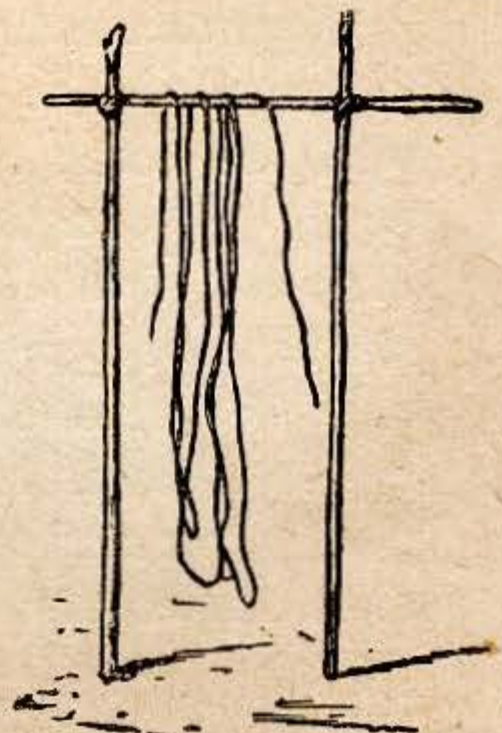



Fig. 25 — Armação para secar linha de anzol para pegar tartarugas.

Para secar as linhas dos anzóis para pegar tartarugas, servem armações especiais de duas estacas compridas ligadas em cima com uma vara transversal. Nesta pendura-se a linha para secar, como se vê na fig. 25.

Para secar cuias novas, estas se espetam em varas; junto a cada casa veem-se grupos destas varas ostentando cuias. Mais tarde, para guardá-las, reùne-se freqùentemente certo número de cuias, amarrando-as a uma estaca (fig. 26 a b).

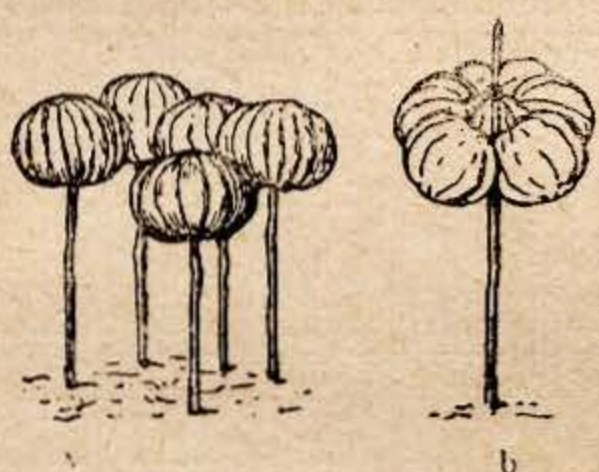



Fig. 26 — a) Como são secadas as cuias
b) Como se guardam as cuias.

Não possuem outros utensílios domésticos. A fogueira encontra-se fora da habitação, ao contrário do que se observa entre os Xavajé, que a acendem no interior das construções em arco (ver: alimentação); sòmente em Xixá, cozinhava-se, em fins de outubro, também no interior das casas de tipo modificado.

A casa e as suas imediações são pouco asseadas; em tôda parte estão espalhados restos de comida, como espinhas de peixe, cascas de noz, ossos, bem como lenha, utensílios, etc. Já por êste motivo é perigoso aproximar-se descalço das aldeias e casas; além disso, é desagradável ficar nas imediações das casas, por causa das nuvens de moscas e outros insetos que se reùnem sôbre os restos de comida. Acrescem os bichos-de-pé, que, segundo Ehrenreich, chegam a pulular de tal modo que os índios se veem freqùentemente obrigados a transferir as aldeias. (V., adiante, o trecho relativo à aldeia).

Não se usam privadas. Para fazer as suas necessidades, os índios se dirigem a uma baixa da praia, escondem-se atrás de algum arbusto próximo, ou vão ao mato. Para a limpeza, usam três pauzinhos tirados de algum arbusto, colocando-os paralelamente sôbre os excrementos. Os urubús, que vivem em grande número perto das aldeias, incumbem-se logo da limpeza do lugar. Para urinar, os homens vão para dentro do rio. Entram na água até a uma profundidade de cêrca de 5/4 m. dobram um pouco os joelhos, desatando e tornando a amarrar aí mesmo o longo cordel-do-penis.

As casas servem apenas para morar e dormir; cozinha-se fora.

Os caciques possuem em parte casas maiores e melhor construídas; a do cacique João III, p. ex., media 3 - 4 m. de altura, 5 - 6 m. de largura e outrotanto de comprimento (prancha 39).

Não há casas especiais para reùniões; afim de tomar alguma decisão ou dar ordens, o cacique se dirige às várias habitações.

Existem as seguintes casas especiais:

1. Casas-de-parto, levantadas para a mulher que está prestes a dar à luz; ao que me informaram, o tipo de construção é idêntico ao das habitações.

2. A casa-de-máscaras, em que se guardam as máscaras para danças. Fica sempre a alguma distância da aldeia; a construção é do tipo empregado nas casas de estiagem, tendo uma construção em arco no lado estreito dirigido para a aldeia. Os arcos da armação, tendo geralmente as pontas um pouco voltadas para fora são reforçados em cima com um pau-de-cumieira (prancha 12, fig. 3). As casas-de-máscaras servem como habitação aos jovens; é aí que êles devem dormir. Vi apenas quatro casas-de máscaras, não dispondo, entretanto, de observações pessoais que confirmem êsses dados. É certo, em todo caso, que os moços não dormem nas habitações das famílias, mas, nas aldeias em que não há casa-de-máscaras, junto a uma fogueira distante da aldeia. Os forasteiros são hospedados pelo cacique; dormem na casa dêle, mesmo quando solteiros (V. a recepção dispensada a mim e aos camaradas pelos Xavajé).

A casa é o domínio da mulher. O homem a constrói antes do casamento com auxílio dos jovens; a mulher remunera-os com colares de missangas. A construção leva 1 - 2 dias. Ao que me disseram, ateia-se fogo na habitação após a morte do inquilino.

Contaram-me os índios que se levanta sôbre o telhado da casa uma vara de cêrca de 1½ m. de comprimento, com um aguilhão de peixe, para protegê-la contra o raio. A medida não passa, certamente, de um recurso mágico.

A habitação do cacique constitue, ao mesmo tempo, a casa comunitária. É levantada com o concurso de todos os homens casados, ao passo que a atividade dos jovens se limita a aparar e amarrar as fôlhas para cobertura. O cacique paga-os com flechas, lanças e clavas.

Além dessas casas, há ainda os tabiques, mais leves (17); são uma espécie de para-ventos, a cuja sombra as famílias costumam passar o dia, e onde também se acende a fogueira para cozinhar. Nas viagens, êsses tabiques constituem a única habitação; na aldeia, servem, ao mesmo tempo, como armação para secar as tangas das mulheres.

Há vários tipos:

1.º) Paredes: Em várias estacas fixam-se paredes de fôlhas de palmeira, feitas como as coberturas das casas (*nõbó*), ou então amarram-se nelas esteiras, que formam uma parede vertical (*bulé*). Encontram-se essas paredes perto de quase tôdas as habitações; são prêsas geralmente a três estacas; há, porém, algumas de duplo comprimento. À sua sombra acha-se quase sempre a lareira; diante delas, estendem-se esteiras, sôbre as quais as famílias geralmente passam o dia (prancha 12, fig. 1; prancha 41, fig. 1).

2.º) Alpendres (*wadó*): São coberturas fixadas horizontalmente em várias estacas — geralmente em número de quatro, às vêzes de três ou seis — fincadas na terra de modo a formarem ângulos. Para os alpendres, empregam-se apenas esteiras, amarradas por meio de cordas. No lado de que bate o sol as esteiras caem geralmente até ao chão. Às vêzes, prolonga-se um tabique de esteira por meio de um dêsses alpendres (prancha 41, fig. 1; prancha 10, fig. 1).

A aldeia (*ixó*).

Ehrenreich escreve que as casas dos Carayahi são formadas, na maioria dos casos, de esteiras armadas em paredes, e espalhadas sem a mínima ordem. Afirma que apenas os Xambioá dispõem as casas em forma de ruas. No entanto, esta disposição das casas em filas, paralelas à margem do rio, existe igualmente entre os Karajá, embora o grande número de tabiques e de armações para guardar provisões dificulte a visão de conjunto. Em geral, as construções são dispostas dêste modo: chegando-se da praia, onde ficam as canoas, encontra-se primeiro a fila de armações para guardar provisões; em seguida, vem a fila dos tabiques com as lareiras; e em terceiro lugar, em situação mais elevada, sôbre a areia sêca, as habitações (prancha 11, fig. 2). Todavia as filas não são bem regulares; às vêzes, uma casa avança um pouco mais do que a outra. Em todo caso, tem-se a impressão de uma fila. Fiz uma

17) — Êsses tabiques já são mencionados por Fonseca em 1733: As tendas são formadas de duas esteiras, uma das quais serve de tapete, a outra de abrigo contra o sol. Rev. trim. 8, p. 378.

planta de tôdas as aldeias. Exemplos típicos são as plantas das aldeias n.º 22 (a segunda a contar do norte; fig. 28) e n.º 7 (horda meridional; fig. 27).

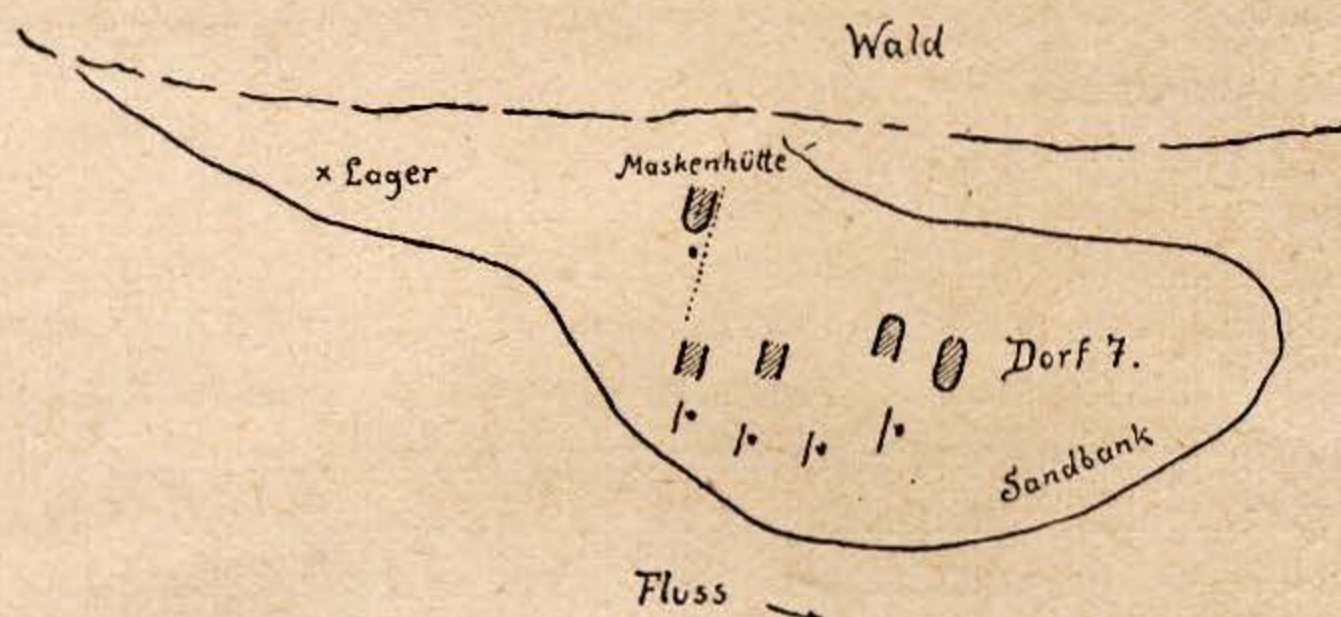



Fig. 27 — Planta da aldeia n.º 7, horda meridional

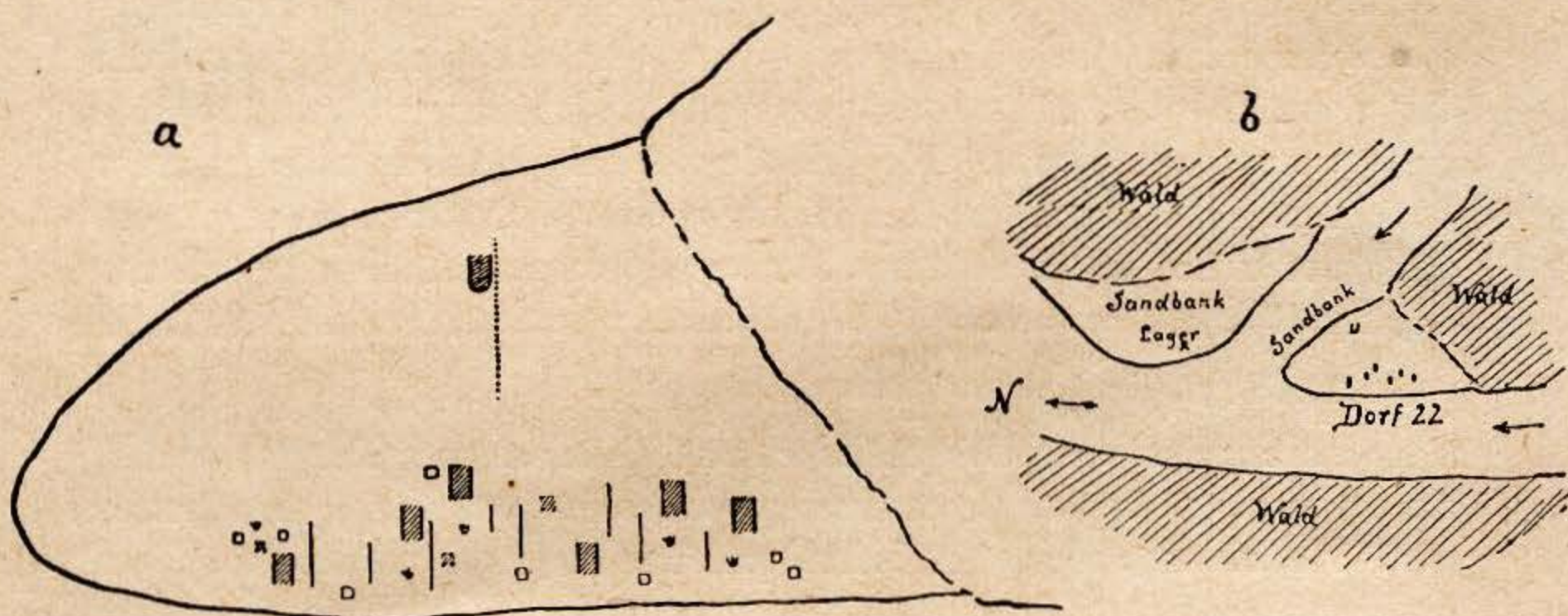



Fig. 28 — Planta da aldeia n.º 22, horda setentrional

As casas são geralmente orientadas de modo que um dos lados compridos fique para noroeste, norte ou nordeste, de maneira a produzir bastante sombra.

Cada casa é habitada por uma família apenas, e junto dela há, em geral, uma esteira armada em tabique, uma armação para guardar provisões e uma ou duas lareiras.

A casa-de-máscaras fica afastada da aldeia, a uma distância de uns 200 m.

As aldeias dos Karajá são pequenas; muitas delas consistiam em uma ou duas casas apenas; a maior, em oito (18). Ehrenreich julga ser essa dispersão devida à escassez de meios de subsistência, sobretudo de peixes. Ao meu ver, ela se explica, em parte, pelas freqüentes rixas que parece haver entre as famílias karajá, fazendo com que um dos partidos procure outra paragem, e em parte pelo predomínio das considerações de ordem pessoal sôbre o sentimento de sociabilidade; muitas famílias ficam morando sempre isoladas em terminado sítio, simplesmente porquê gostam do lugar.

Fato notável é o de que o tamanho das aldeias diminue do norte para o sul. Deve-se isto ao sentido da migração dos Karajá: a massa principal continua vivendo no norte, enquanto para o sul se enviaram apenas precursores, naturalmente ainda em número restrito.

Nas viagens, os Karajá armam acampamentos de alpendres ou tabiques de esteiras, a cuja sombra e abrigo moram e dormem. Os tabiques, além de dispostos em filas, são naturalmente orientados de modo a dispensarem sombra tão grande e comprida quanto possível, de preferência, portanto, em sentido mais ou menos oeste-leste (prancha 13, fig. 1). Transferindo-se uma aldeia para outro lugar, os índios ficam morando sob o abrigo dos tabiques até estarem prontas as novas casas (prancha 41, fig. 2).

As aldeias não ficam indefinidamente no mesmo sítio. Durante a estiagem os índios vivem nas praias arenosas do rio, paragens ideais por serem sêcas e limpas. Várias vêzes no decorrer da estação sêca, mudam, pois, dentro de determinado território, de uma praia para outra, à medida que estas assomam, constituindo sítios novos, limpos e não estragados. Entrando a estação chuvosa, torna-se a transferir as aldeias para as primeiras praias mais elevadas, e finalmente para os barrancos altos da margem do rio (19).

As aldeias da estação chuvosa, sôbre o campo elevado, ficam às vêzes a grande distância do rio; na horda setentrional são levantadas freqüentemente sôbre montanhas, pelo que é difícil achá-las. Êste fato, bem como o costume de várias comunidades-de-aldeia da estiagem se reünirem numa só aldeia do campo, explicam certamente o reduzido número de aldeias karajá mencionadas por Coudreau.

---

18) — Já Rufino informa que as aldeias dos Karajá são formadas, em média, de apenas 8 a 10 casas. Rev. trim. 10, p. 208.

19) — Daí a existência de tantas aldeias abandonadas por tôda parte.

Abandonando-se definitivamente alguma aldeia, deixam-se no respectivo lugar as casas, as estacas dos tabiques de esteiras e das armações para guardar provisões, as grelhas, as lareiras etc.; tudo isso vai se estragando depressa. Nas aldeias deixadas por pouco tempo (p. ex., para excursões comerciais) fecham-se as entradas das casas, afim de resguardá-las, por meio de paredes de fôlhas. Todos os utensílios domésticos, como vasilhames de barro, cestas etc., empilham-se ao lado, cobrindo-as com grandes esteiras. Diante das casas, veem-se geralmente, plantados na areia, ramos de mandioca atados em feixes de uns 5 ou 6, e em tôrno dêles, fôlhas de palmeira fincadas no chão; o conjunto é amarrado. Quanto ao mais, reina grande desordem numa aldeia assim abandonada. Espalhados no chão, vasos grandes, virados muitas vêzes, sôbre outros menores; aquí e acolá, pilões, cuias, pedaços de cestas, e em tôda parte montões de restos de mandioca, cascas de noz, cascas de tartaruga e, finalmente, frutos de urucú, sem as quais não é possível empreender qualquer viagem (Veja-se: pintura de saùdação).

NOS SERTÕES DO BRASIL

Fritz Krause

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

2.ª parte: Resultados científicos

4. *A Indumentária*

Indumentária dos homens. É muito parca a indumentária masculina. Ao passo que as crianças e os meninos andam completamente nus, os rapazes e os homens usam cordeis no penis e na cintura, como únicas peças de vestuário.

O *cordel do penis* (*notekamá, noõdakán;* de *noõ,* penis; *wädakána,* cinta) é constituído de longo cordel de algodão, de côr vermelha (1), às vêzes preta; passam-no em forma de rôlo em tôrno do prepúcio puxado para diante da glande. Destarte o penis, empurrado para trás, toma aspecto esférico, de modo que o escroto aparece formado de três bolas acompanhadas de um pequeno rôlo levantado obliquamente (pranchas 36; 38; 43).

Começa-se a usar o cordel pelos 9 a 10 anos de idade, i. é, no início da puberdade. Segundo a informação unânime dos índios, a sua função é a de ocultar a glande aos olhares das mulheres. Talvez

(1) — Os três exemplares da coleção de Ehrenreich são pretos.

se trate, porém, de um sentimento de pudor de origem secundária, decorrente do hábito de se encobrir constantemente a glande como medida de proteção.

Em ligação com o cordel do penis, os rapazes mais crescidos e os homens usam o *cordel da cintura* (*etú*), que não se observa nas crianças e nos rapazes menores. Não o usam tão pouco todos os homens, ou talvez não constantemente. Parece haver ampla liberdade a êste respeito (pranchas 36-38, 43-44).

Consiste êsse cordel num barbante vermelho de algodão, de 1-2 m de comprimento e 0,2-0,3 cm de espessura, formado de dois fios torcidos, ou trançado de forma quadrangular.

Não se podia mais verificar se o cordel da cintura se ligava outrora de qualquer maneira ao do penis. Poder-se-ia inferir isso talvez de uma segunda denominação que lhe é dada: *nohomodí* (de *noõ*, penis). Em todo caso não está certa a informação de Königswald (Globus, Vol. 94, pág. 223), de que serviria para segurar o penis.

Às vêzes, porém, prendem-se nêle pequenos utensílios. Freqùentemente os índios carregam assim a faca às costas; presenteado com um pedaço de fumo, um homem, na falta de bôlso para guardá-lo, meteu-o simplesmente entre o dorso e o cordel.

Indumentária das mulheres. Ao contrário do que se dá com o sexo masculino, o feminino anda vestido desde a primeira infância, período em que usa cintas pretas de algodão (*wadakaná*).

FIG. 29
Cinta de algodão, usada pelas meninas na primeira infância

À medida que vai crescendo, a menina a substitue por cintas mais cerradas e sólidas. As crianças bem novas ostentam apenas, em tôrno da cintura, alguns cordéis pretos, ligados entre si, às costas, por um fio transversal, e cujas extremidades amarradas na frente, caem como pequeno feixe de franjas (fig. 29). Dos 2 aos 5 anos de idade, as meninas usam cintas de trançado frouxo, igualmente amarrada na frente. As extremidades dos fios transversais dêsse trançado são amarrados de modo a formarem alças, nas quais se atam outros fios de algodão que, servindo para fechar a cinta, formam ao mesmo tempo o feixe de franjas (fig. 30; prancha 11, fig.

FIG. 30

Cinta de algodão, para meninas de pouca idade

4). Meninas mais crescidas, de uns 5 a 10 anos de idade, ostentam já cintas de trançado mais compacto, em cujas alças igualmente se atam madeixas de fios, nos quais por sua vez se amarram feixes de franjas (fig. 31). Dêsse período até a puberdade, as meninas usam

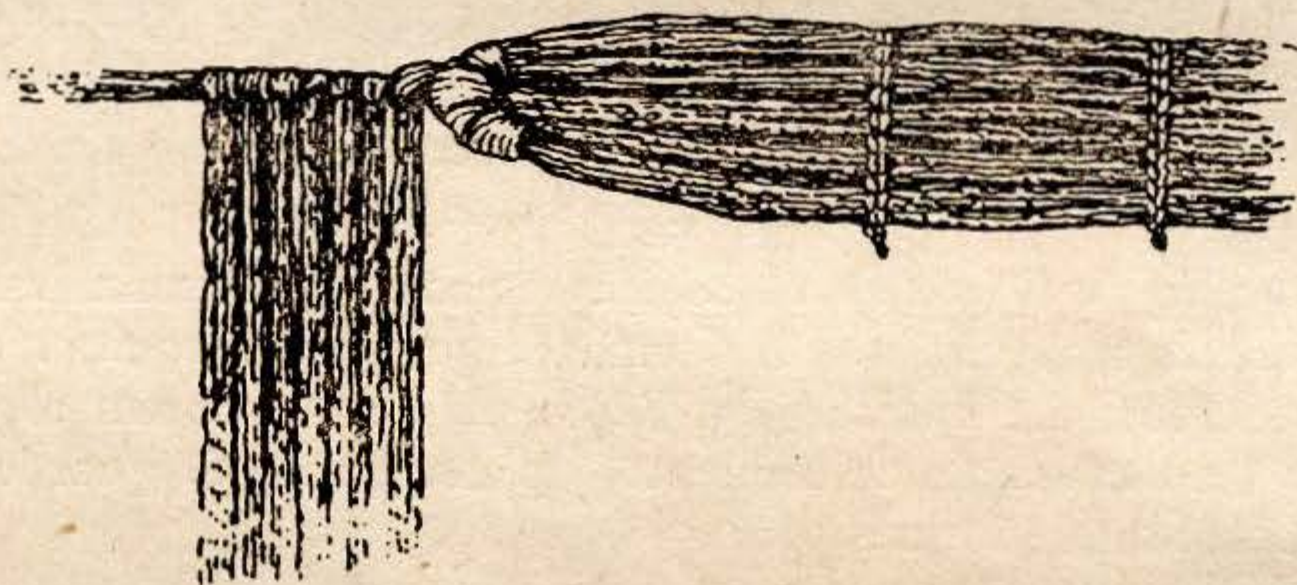



FIG. 31

Cinta de algodão, para meninas mais crescidas

cintas de algodão bem cerradas e sólidas. As madeixas que servem para fechar essas cintas passam pelas duas alças, mas não são providas de franjas. Substitue-as uma tanga cinzenta de imbira que, posta em tôrno da cintura, cai na frente para, em seguida, passar entre as pernas e atrás ser fixada novamente à cinta (prancha 18; prancha 51, fig. 2).

No início da puberdade, as raparigas começam a usar ataduras de imbira de gameleira. São de três tipos essas ataduras:

1.º: de imbira vermelha, duma árvore de fôlhas compridas (*ambuodä*),

2.º: de imbira rosada (*andähúle* ou *inaudú*),

3.º: de imbira branca, de uma árvore de fôlhas redondas (*hi-deúle*), que Ehrenreich diz ser a apeiba-jangada.

É do seguinte modo que se confeccionam essas ataduras: Depois de cortarem troncos de árvore com o comprimento desejado, os homens tiram a casca, batendo com uma pedra angulosa; em seguida, abrem a entrecasca em sentido longitudinal, tirando-a e colocando-a nágua. Feito isso, as mulheres a dobram, deitando-a sôbre um pilão caído e batendo-a com uma pedra de entulho ou com um velho machado de pedra.

Usam-se as ataduras do seguinte modo: Segura-se uma extremidade atrás da espinha dorsal, põe-se a atadura em redor da barriga e une-se a extremidade comprida com a outra, torcendo-as; dessa maneira a cinta fica prêsa. Passa-se a extremidade comprida entre as pernas, torcendo-a em forma de chumaço, e passando-a depois, desdobrada em tôda a sua largura, entre a barriga e a cinta, sôbre a qual cai finalmente. Essa extremidade usa-se caída até o joelho ou mesmo até o chão, ou passa novamente entre as pernas, dessa vez com tôda a sua largura, para subir às costas, o que as mulheres costumam fazer de preferência quando se querem sentar (prancha 12, fig. 4; pranchas 16; 17; 42).

Ao lado dessa indumentária, de uso constante, há ainda algumas, com finalidades especiais. São as seguintes:

O *guarda-vista* (*o* (*o*) *dí*, *odjí*). É observado exclusivamente em indivíduos masculinos. A forma original dessa defesa parece ser a da atadura de imbira (fig. 32) usada às vêzes em tôrno da cabeleira (em casos de falecimento, de doença). O guarda-vista pròpriamente dito é formado duma fôlha de palmeira oaguassú, cujas pínulas são entrançadas entre si. A

FIG. 32
Jóvem com atadura de imbira. Desenho feito segundo fotografia.

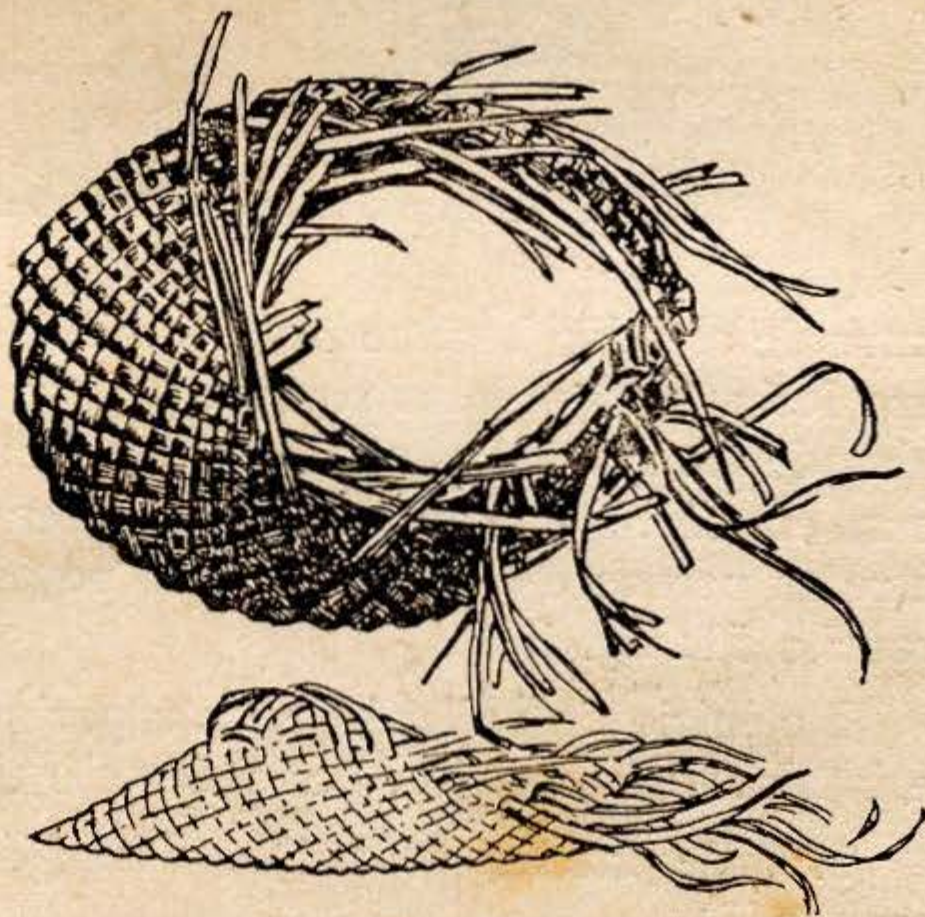
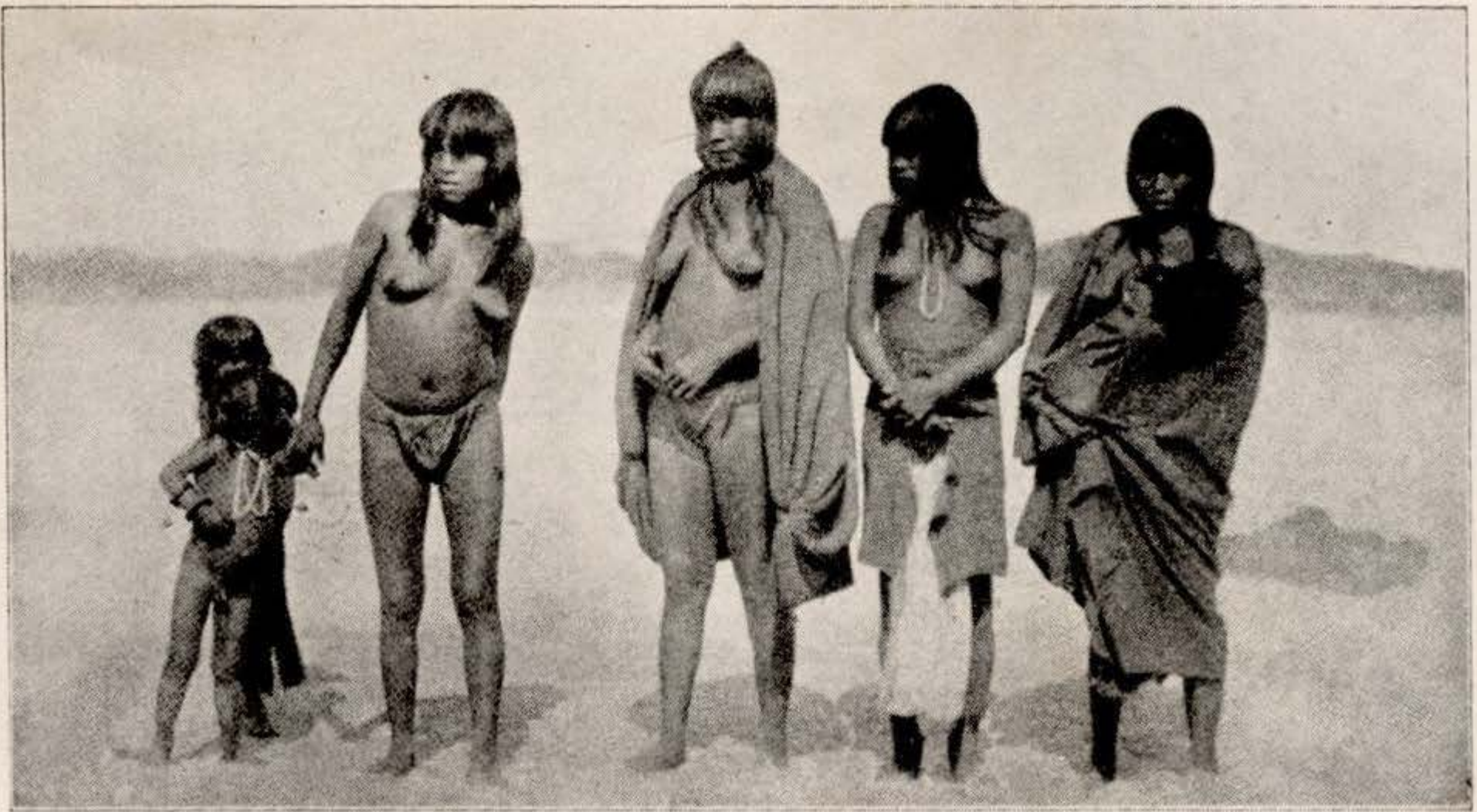
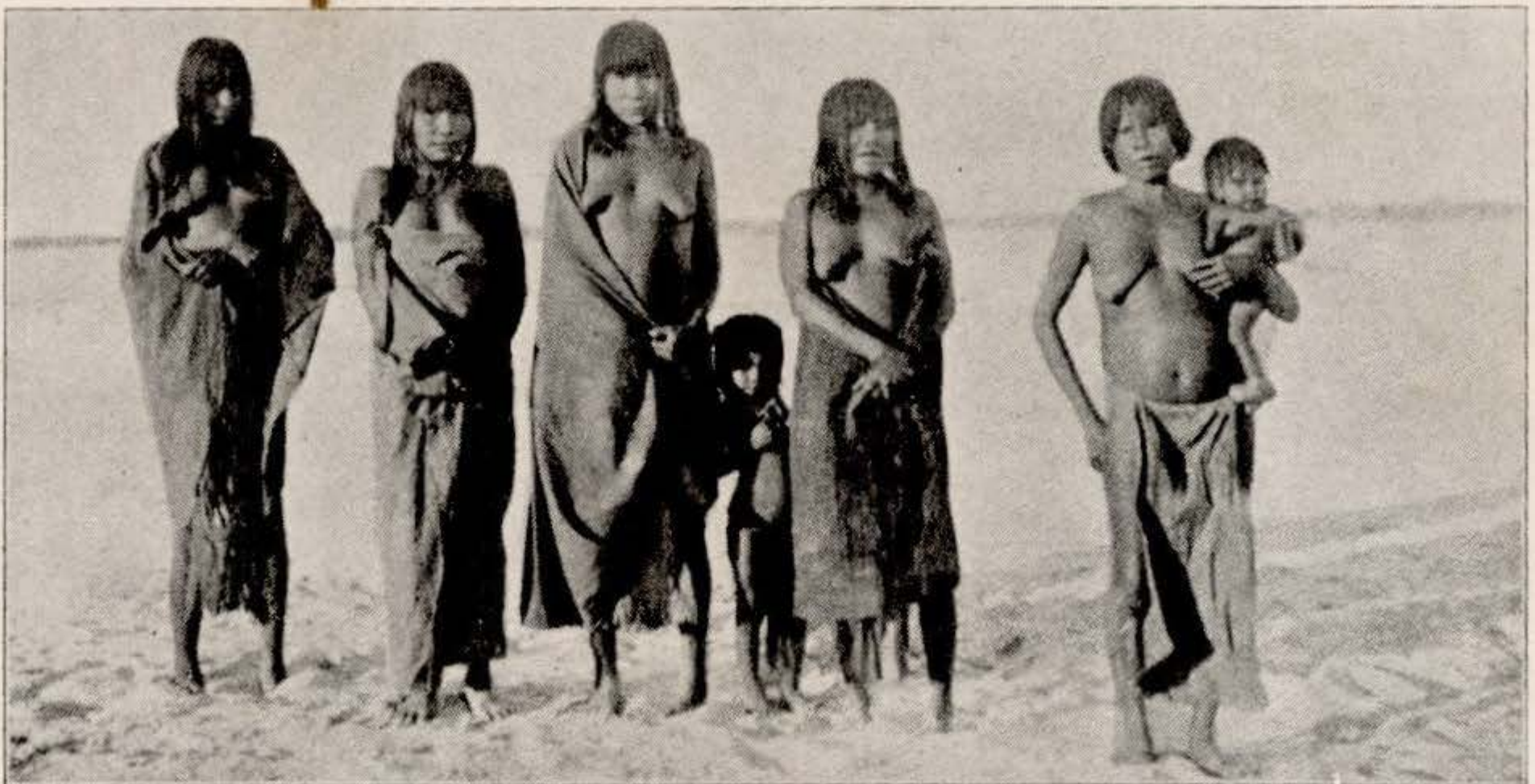
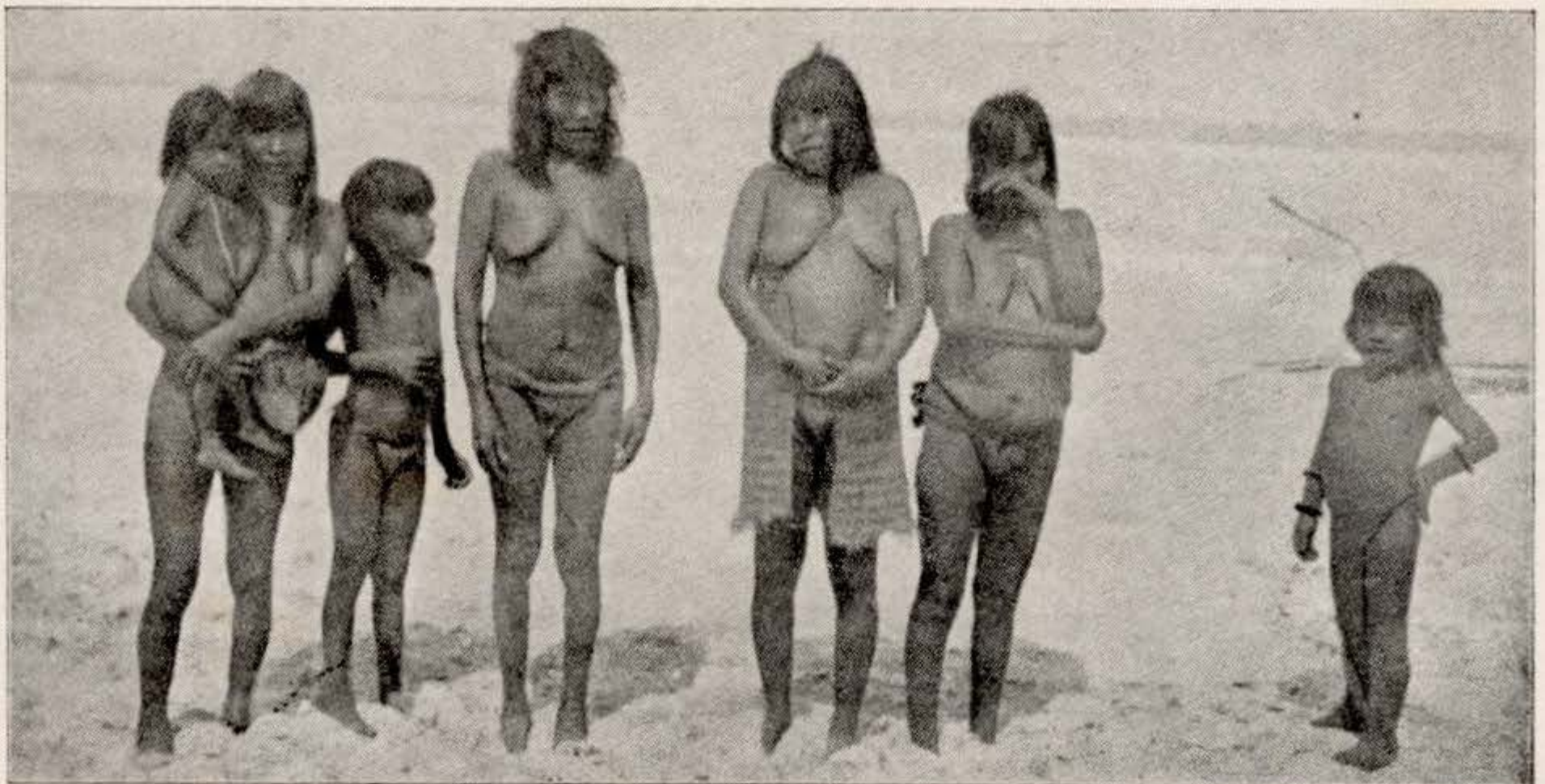



FIG. 33
Guarda-vista, de fôlhas de palmeiras.

1. Indumentária e modo de usar o cabelo (mulheres)

2. Mulheres e crianças karajá

3. Mulheres e crianças karajá

forma mais simples do guarda-vista é aquela em que as pontas dessas pínulas sobressaem livremente (figs. 33, 34). O guarda-vista transformou-se a ponto de alcançar a feição de um chapéu completo, em que a extremidades superiores das pínulas são igualmente entrançadas, de modo a se formar uma cartola aberta em cima (fig. 35). Ehrenreich observou entre os Xambioá uma dessas cartolas (*taa*) que já estava fechada no tôpo por meio de um trançado (Berlim 3904). Êsse tipo completo não existia entre os Karajá que, entretanto, possuíam ainda duas formas: primeiro, um guarda-vista circular, trançado de imbira, de

FIG. 35

Cartola aberta.
a) vista de lado;
b) vista de baixo.

FIG. 34

Modo de usar o guarda-vista. Desenho feito segundo fotografia.

abas largas com borda reforçada e provido de barbante jugular (fig. 36), segundo, verdadeiros chapéus de faixas de imbira entrançada, costurada em forma de espiral. A técnica do trançado dessas faixas é genuinamente indígena, enquanto a forma dos chapéus, bem como o nome (*xapeó*) remonta provàvelmente à influência dos brasileiros. Êsses guarda-vistas e chapéus, usados exclusivamente por homens casados, servem para proteção contra os raios solares; vi, porém, poucos exemplares apenas.

A *coberta em malha de rêde* (*ri* (*i*), *riú*), ao contrário é usa-

da por indivíduos de ambos os sexos em qualquer idade. Feita de fios de algodão, em trabalho de nós, a coberta tem a forma duma rêde de dormir com as pontas amarradas dos dois lados, mas sem os cordéis de suspensão. As cobertas dos Karajá são de uma côr apenas; brancas a princípio, vão tomando, com o uso, um aspecto sujo e pardacento. As cobertas com desenhos são provenientes dos Xavajé ou dos Tapirapé. Os índios servem-se das cobertas para proteção contra os mosquitos, a canícula solar, e o orvalho da noite, quer estejam em pé, deitados ou sentados. São usadas de várias maneiras: ou põe-se uma das extremidades sôbre a cabeça, de que a coberta cai sôbre o dorso (prancha 12, fig. 1), ou a coberta é colocada transversalmente em tôrno dos ombros, caindo as duas extremidades para a frente (prancha 9, fig. 1; prancha 42, fig. 1). Durante a noite, a coberta faz as vêzes de cobertor: contraindo as pernas, o índio, deitado de lado ou de costas, enfia os pés numa das extremidades, e a cabeça na outra, de modo que o corpo fica debaixo da coberta, protegido dos mosquitos e do orvalho. O índio, portanto, não se deita sôbre a coberta, como afirma Ehrenreich, mas cobre-se com ela. Pequenas cobertas com malhas de rêde suspensas com cordéis e servindo de berço aos recém nascidos, como indica Ehrenreich, não observei em parte alguma, embora tenha visitado certamente quase todos os ranchos (2).

a

b

FIG. 36

Guarda-vista circular.
a) visto de cima;
b) visto do lado.

Antes e depois de darem à luz, as mulheres usam pequenas esteiras de imbira; põem-nas em tôrno do ventre, segurando-as, na frente, com as mãos (prancha 42, figs. 2,). Servem as esteiras para protegê-las contra o vento e a chuva. Sobretudo as mulheres que saem com os seus filhinhos levam essas esteiras para poderem resguardar de algum modo a criança e a si próprias quando surpreendidas por um aguaceiro.

Parece-me conveniente dizer aqui algumas palavras sôbre o *sentimento de pudor* dos índios. Quanto aos homens, lembro a minha observação relativa à finalidade do cordel do penis; resta

(2) — Vejam-se, porém, as indicações referentes aos Xavajé: pequena coberta em malha de rêde.

saber, sem dúvida, se a explicação dada pelos índios não é devida à influência dos brasileiros. As mulheres nunca tiraram ou trocaram a atadura na minha presença, e as menininhas de que comprei a cinta escondiam-se atrás da esteira mais próxima, onde punham outra antes de me trazerem a que tinham usado. Parece haver, pois, um certo sentimento de pudor, correspondente ao nosso.

5. *ENFEITES*

A. Enfeites no próprio corpo

a) *Compustura e tratamento* do cabelo. O sexo feminino usa um penteado simples, pouco modificado no decorrer da vida, ao passo que o masculino costuma arranjar a cabeleira de maneiras diferentes de acôrdo com as idades.

Meninas de pouca idade usam a cabeleira caída nos lados e atrás até a nuca, enquanto na frente desce até a metade da testa ou até as sobrancelhas (prancha 11, fig. 4). No início da puberdade corta-se às meninas uma risca da largura de dois dedos, mais ou menos, subindo até o vértice da cabeça e pintada geralmente de vermelho. Os cabelos do vértice, que a limitam em cima, são podados. Dos lados e atrás da cabeça, as mulheres adultas usam a cabeleira comprida (prancha 17; 42). Quando velhas, deixam de renovar a risca, cobrindo-a com o pente, de modo que se pode vê-la raramente.

É mais variado o arranjo do cabelo no sexo masculino. As crianças usam-no ou como as meninas ou cortado em degraus (fig. 37), ou então ostentam o conhecido "penteado de panela" (prancha 11, fig. 4; prancha 12, fig. 2). Aos meninos encurta-se freqüentemente o cabelo do occipício. Alcançando a idade de uns 8 a 10 anos, rapa-se-lhes todo o cabelo até 1/2 cm, deixando apenas uma coroa circular de comprimento uniforme ((*i*) *djulé*, prancha 43, fig. 2). Não foi possível saber ao certo se êsse corte é feito uma vez apenas, ou se é renovado anualmente no comêço da estiagem; divergiam as informações dos índios a êsse respeito. Havia também meninos de cabeça completamente rapada, sem a coroa de cabelos. É possível também que a primeira vez (ou as primeiras vêzes) se rape tôda a cabeça, deixando no último corte a coroa de cabelos. Nesse tempo os meninos andam quase todos totalmente pintados de preto. Daí em diante deixam crescer o cabelo,

FIG. 37

Menino com o cabelo cortado em degraus

na frente até alcançar os olhos, e trás até cair sôbre os ombros; é então que os meninos são declarados adultos, recebendo a tatuagem tribal. Os moços cortam o cabelo, na frente, acima das sobrancelhas, deixando-o crescer aos lados e atrás da cabeça até as omoplatas. Usam também como as moças a risca pintada de vermelho (*lawolú, laulú*) e o topete no alto da cabeça (*lazí*) (prancha 43, fig. 1; prancha 44, fig. 1).

O cabelo comprido, que estorva os índios quando remam, pescam ou caminham pelo mato, é atado de diferentes modos: Ora se faz, acima da testa, um nó com os cabelos dos dois lados, ora são amarrados com imbira em forma dum pequeno topete acima da testa (*hosidodänä*). Atrás da cabeça, ata-se muitas vêzes o cabelo em forma de cauda, na qual se prendem às vêzes, por meio dum nó, pequenos penachos (fig. 38). Consiste um penacho dêsses (*waxiwaxidelohí*) em sete varinhas com plumas vermelhas, fixadas, à maneira de borla, num torcido de algodão, e de cuja extremidade inferior pendem penas de papagaio compridas e multicores (prancha 45, fig. 2). Em geral, porém, envolve-se o penacho num topete (*laoduä*) revestido dum trançado de imbira estreita e amarela (prancha 15, fig. 1 e 2) ou envolvido, em todo o seu comprimento, em grosso cordel vermelho de algodão (*laoduezó*); é formado de dois barbantes, cada um dos quais termina com uma borla; no alto do topete essas borlas pendem fora do envoltório. Nesse tipo de penteado, que não se limita, ao contrário da opinião de Ehrenreich, aos "almofadinhas", mas que é usado agora por quase todos os moços, é muito bem visível a coroa de cabelos.

FIG. 38

Rapaz usando cauda de cabelo com penacho e coroa.

Os homens usam, em parte, o "penteado de panela", mas em maioria, o mesmo penteado dos moços com a diferença de não atarem o cabelo, que deixam cair livremente. Também nêles observa-se ainda a coroa de cabelos debaixo da cabeleira comprida. Os velhos não se incomodam mais com a risca e o topete do vértice (prancha 17; prancha 16, fig. 1; prancha 43. fig. 3).

Para formar a risca (*lawolú*), usada por ambos os sexos a partir da puberdade, arrancam-se os cabelos um a um. Na horda meridional a risca é estreita, de sorte que primeiro nem a percebí, ao passo que na setentrional tem uma largura de uns dois dedos. As pessoas jovens pintam-na quase sempre com tinta vermelha, ao passo que os velhos não usam êste enfeite. A risca é sempre acompanhada do topete do vértice.

A coroa de cabelos é observada sòmente em pessoas masculinas a partir da meninice; as mulheres não a têm.

Hoje em dia corta-se o cabelo com uma tesoura. Informa Ehrenreich que outrora se empregavam para isso dentes de piranha. Perguntando-lhes como costumavam cortar o cabelo antes de possuírem a tesoura, respondiam-me sempre que antigamente não o cortavam, pois que não possuíam tesouras. Não se lembram, pois, absolutamente do antigo costume. Os cabelos cortados jogavam-se fora, como eu próprio observei. Explicam o uso da cabeleira longa como medida de proteção contra os mosquitos.

Afirmam cortar o cabelo em caso de luto, e que então também as mulheres cortam uma coroa chamada *nakulú* (?). Todavia não observei êste costume na família de Kabixá, que estava de luto pesado.

É muito cuidadoso o *tratamento* dispensado ao cabelo. Untam-no e penteiam-no de manhã e à noite. Antes de empreenderem uma viagem, ou ao voltarem da caça, da pesca ou da roça, a mãe, a mulher ou outro parente feminino penteia-lhes o cabelo. Chegando de visita a uma aldeia vizinha, a mulher do cacique lhes penteia e unta o cabelo.

Os pentes (*zihó*) são lascas finas e afiladas de haste de palmeira, mais raramente de taquara, colocadas uma sôbre a outra e seguradas por dois pares de pauzinhos, um dos quais fixado na borda superior, e o outro a 1/3 da altura a contar das pontas dos dentes. Essas lascas são revestidas de um trançado de fios de algodão ostentando desenhos. De cada lado sobressaem duas ou três lascas um pouco acima da borda superior. Além de enfeitar freqüentemente êsses prolongamentos com pequenos penachos ou borlas de algodão tingidas de vermelho, os índios costumam ligá-los entre si com um fio de suspensão. Do lado externo dessas lascas laterais observam-se, muitas vêzes, vários fios estirados, de modo a se cruzarem, entre os dois pauzinhos transversais. Os pentes têm os dentes de um lado apenas; só na aldeia da barra do Tapirapé recebí um pente duplo (prancha 21, fig. 1). As formas dos pentes podem ser reduzidas a três tipos fundamentais: pente simples de forma retangular; pentes largos com pauzinhos laterais curvos e dentes convergentes; e, finalmente, pentes trapezóides (prancha 21 ,fig. 1 a-d).

O óleo para o cabelo (*talí*) é extraído dos caroços de frutos de palmeira. Os índios mencionaram os frutos do coqueiro (*ahadéte*) e do tucum (*hälú*). Guarda-se o óleo em cuias inteiras especiais (*talilukú*), comumente ornadas com grandes desenhos que se

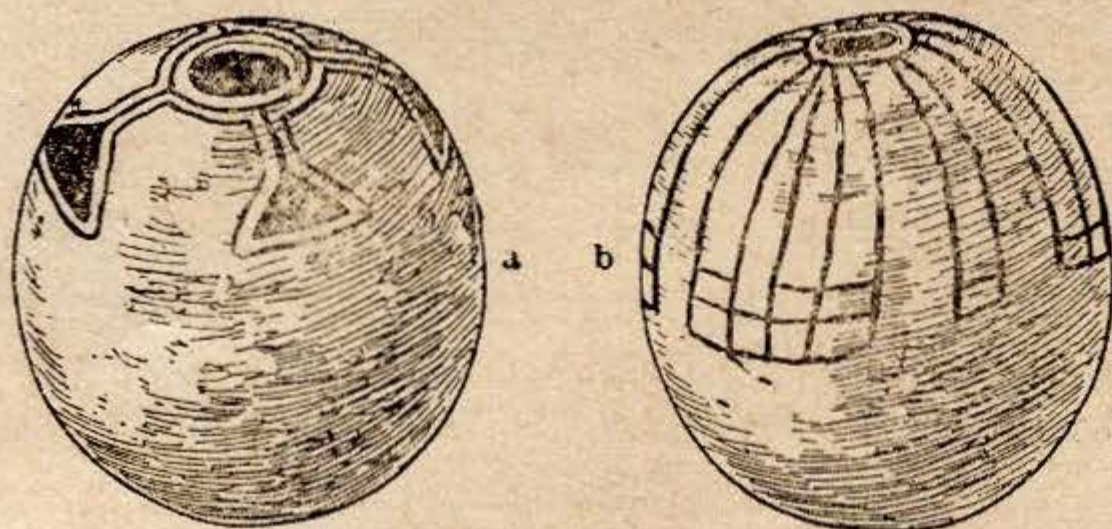



FIG. 39 a-b
Cuias para guardar o óleo com que se unta o cabelo

fazem removendo a camada superior da casca da cuia (fig. 39 a b). Nas cuias cheias de óleo jogam-se tufos de algodão cru, que se embebem com o óleo, até não haver mais mais óleo líquido na na cuia. Para untar o cabelo tira-se um dêsses tufos, apertando-o entre as mãos, passando o óleo no cabelo, na pele do corpo, friccionado-o com tinta, etc. O tufo de algodão é colocado novamente na cuia.

b) *Pelo do corpo*. A *barba* é escassa. Logo que aparece um fiozinho de cabelo, arrancam-no. Dizem que nem lhes nasce a barba nas faces e no queixo; possuem, entretanto, alguns pêlos de bigode curtos e fracos. Acham-nos, porém, feios (comparavam os nossos bigodes com as longas barbatanas do pirarara), e arrancam-nos. Afirmam usar todavia barbas postiças de cabelo humano durante a dança do cascudo. A barba, com feição de bigodes, colocada entre o lábio inferior e o queixo, é estirada na direção das orelhas e amarrada atrás da cabeça por meio de cordéis (3).

Sobrancelhas e pestanas. São removidas, i. é, arrancadas com os dedos. Para isso, afundam-se primeiro os dedos em cinza, provàvelmente para não escaparem os lisos fios de cabelo. Dizem ser muito dolorida a operação, praticada já nas crianças de pouca idade e repetida logo que os pêlos renascem. Perguntados pelo motivo, disseram apenas que não queriam que êsses pêlos crescessem. Mas não sabiam explicar por que não o queriam.

O *restante pêlo do corpo* é geralmente muito escasso. Quase não se percebiam os finos fiozinhos de cabelo espalhados pelo corpo. O pêlo axilar também é pouco desenvolvido; cada qual pode deixar ou arrancá-lo, de acôrdo com a sua vontade. Quanto pude observar, verifiquei que não removiam, pelos menos os homens, o pêlo da região pudenda, bem desenvolvido.

c) *Pintura do corpo*. Para pintar o corpo usam-se tintas de côr vermelha, preta e branca.

(3) — Veja-se o "Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leigzig", vol. 3, 1910, pág. 114).

Extrai-se a tinta vermelha das sementes de urucú. Há uma porção de espécies diferentes dessa planta, fornecendo tintas de um vermelho mais ou menos intenso, e em parte mesmo tirante a amarelo. Apreciam sobretudo a espécie que dá sementes redondas (*woleloní*), preferindo-a a uma outra, que as dá alongadas (*wolenó*). Aquela cresce mormente na região que fica ao norte da barra do Tapirapé, onde os índios exploram as sementes em grandes quantidades, vendendo-as aos índios que vivem ao sul da barra do Tapirapé, principalmente aos da horda meridional. O processo de extrair a tinta das sementes é o seguinte: do fruto, parecido com o da faia, retiram-se os numerosos grãos, toma-se na mão um pouco de óleo de palmeira, esfregando as sementes entre as mãos untadas até ter desprendido tôda a substância corante que reveste os grãos. Raspa-se da mão, com uma faca ou pauzinho, a tinta oleada assim obtida, guardando-a numa cuia. Deitam-se fora as sementes aproveitadas. A tinta a óleo está assim pronta para o uso. Para o comércio, fervem-na em óleo, para engrossá-la, dão-lhe formas sólidas e secam-na ao sol (fig. 40 a-b).

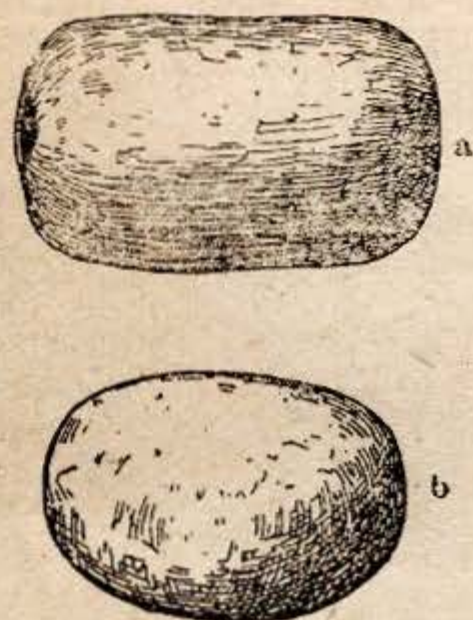



FIG. 40 a-b

Tinta a óleo, de urucú, preparada para o comércio

Como tinta preta usam fuligem tirada das árvores carbonizadas da roça ou das panelas, ou então o suco preto-azulado do fruto do genipapo (*b* (*a*) *dena*). Prepara-se êste suco em pequenas cuias com forma de colher ou em metades de cuias maiores enfeitadas com trabalho de entalhe (fig. 41 a b); a princípio clara, a tinta do genipapo toma, pela ação do ar, uma bela côr preto-azulada logo que esfregada sôbre a pele.

FIG. 41 a-b

Cuias para tintas

Argila branca (*manaulá*) serve como tinta dessa côr. É verdade que nunca observei índios com pintura branca no corpo. Mas as pequenas bonecas de argila trazem desenhos brancos, e os índios me informaram que usam a tinta branca para pintar anéis em redor dos braços e linhas transversais sôbre o peito.

a b

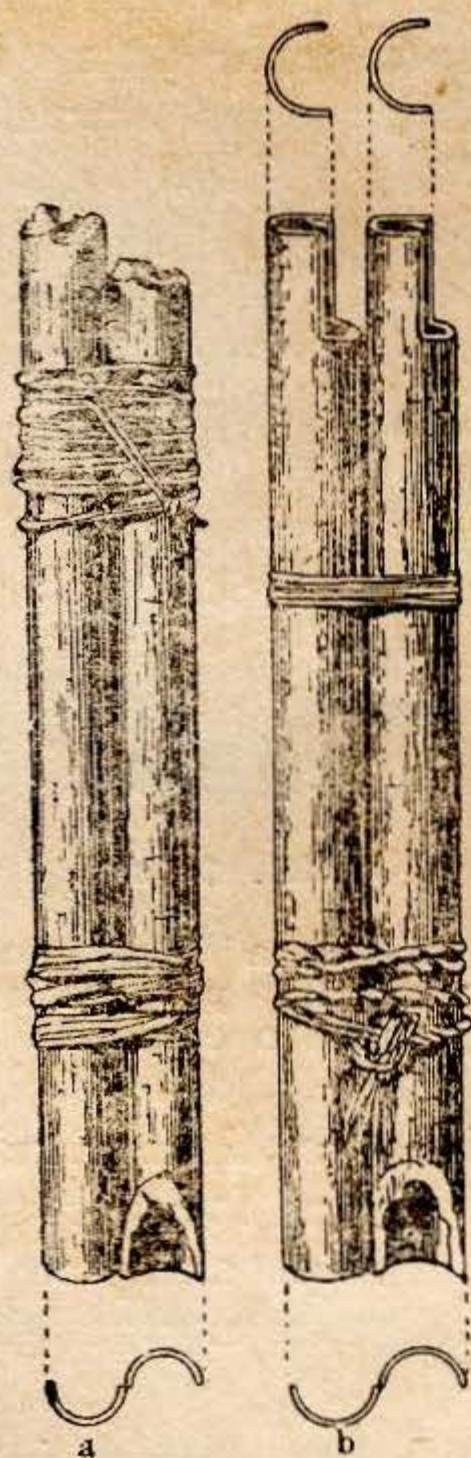



FIG. 42 a-b

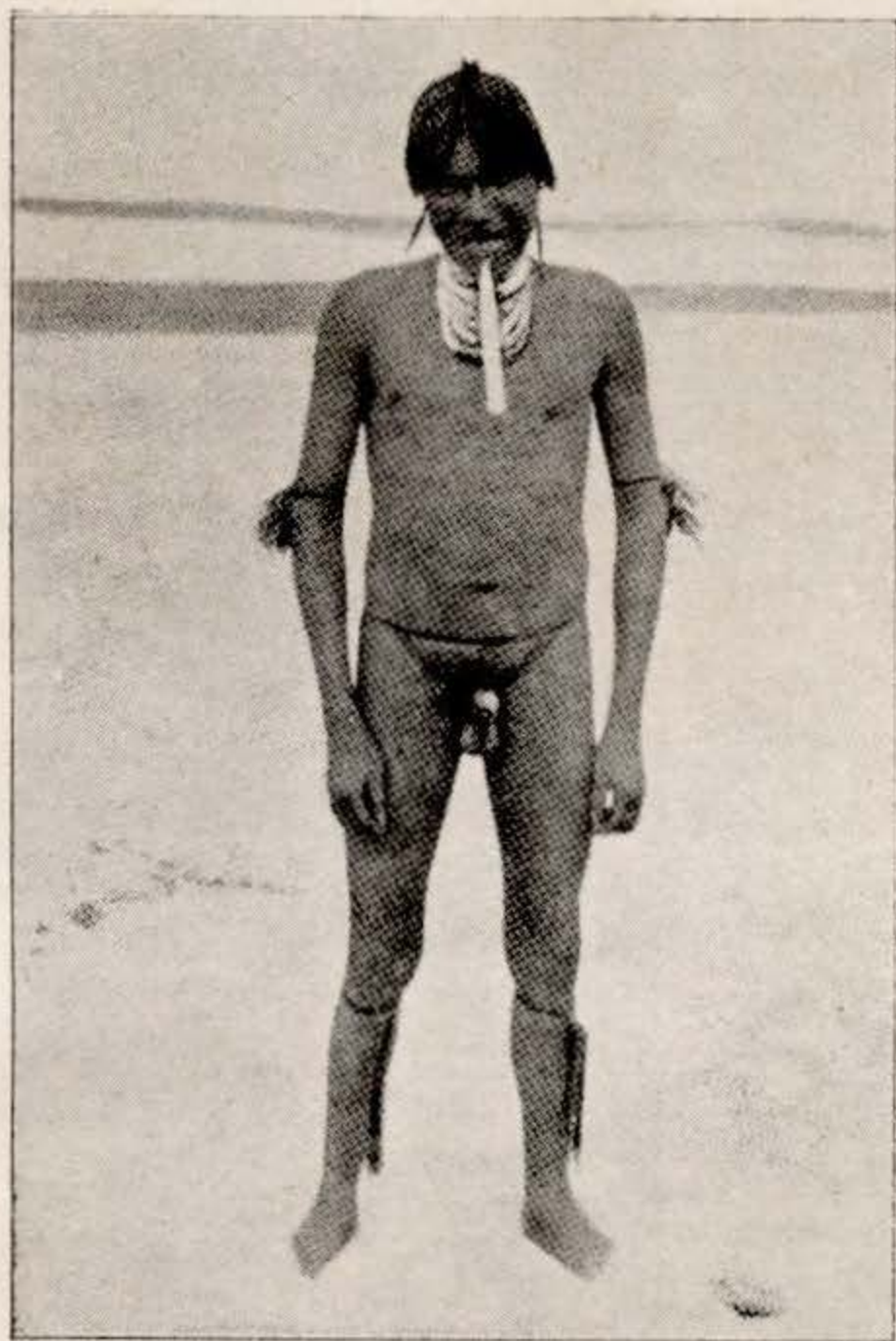
Carimbos para desenhos a genipapo.

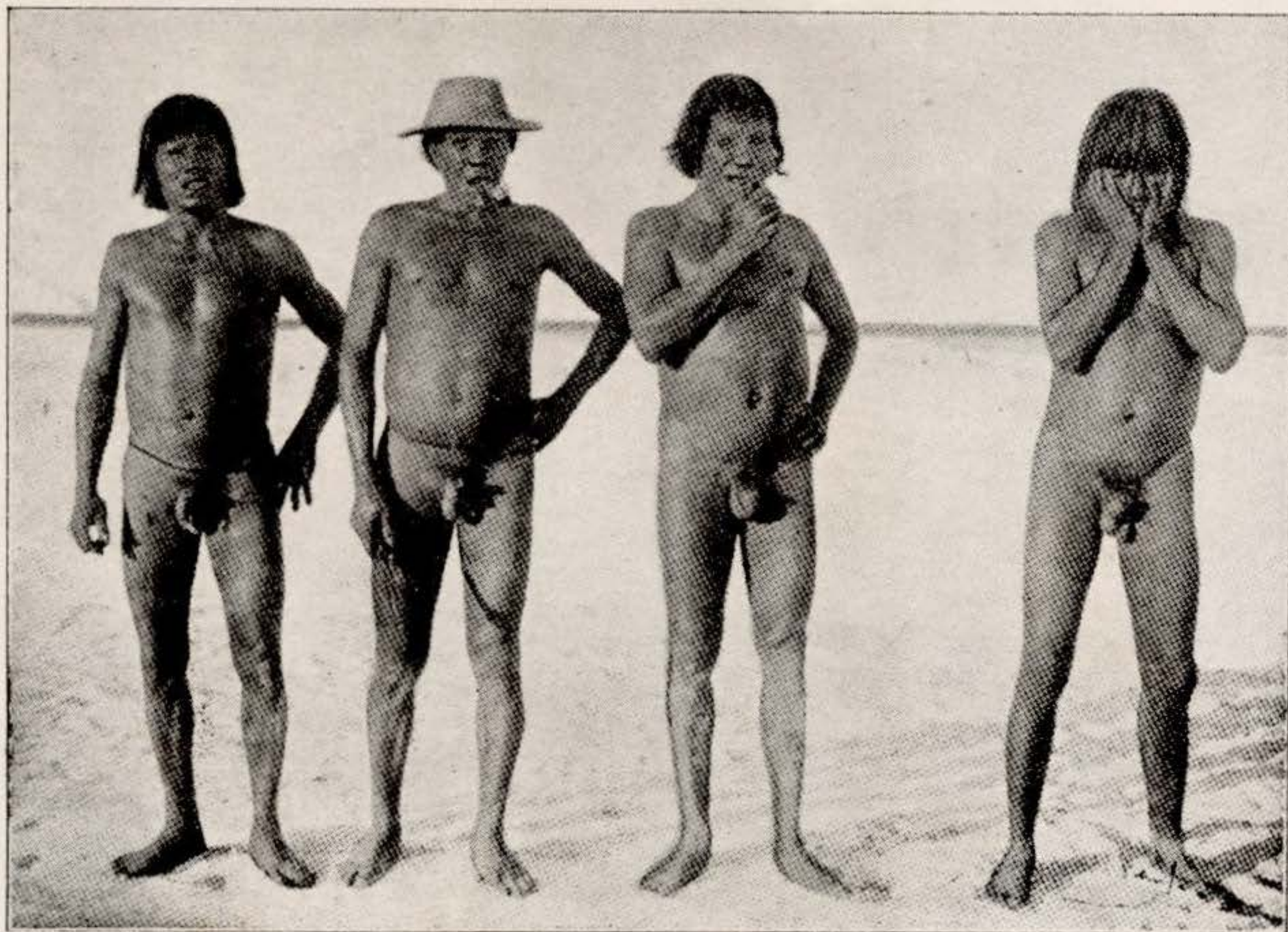
Como pincel usam-se os dedos, e a palma da mão quando pintam o corpo todo. Nunca observei pauzinhos ou pedacinhos de pano empregados com êsse fim. Para fazer o desenho a genipapo costumavam usar, porém, um carimbo (*ulinó*) feito de dois pauzinhos de taquara, amarrados um ao lado do outro e com as extremidades recortadas em forma de semi-círculos. Juxtapostos, os semi-círculos formam uma linha sinuosa. Os carimbos são geralmente de um lado só (fig. 42 a) ; uma única vez encontrei um carimbo de dois lados, tendo uma linha ondeada numa ponta e dois semi-círculos superpostos na outra (fig. 42 b). A pintura do menino representado na fig. 2 da prancha 38, foi feita com o carimbo de linha sinuosa.

Há dois tipos de pintura : a pintura total e o desenho. A pintura total "é a roupa dos índios" (no dizer de Kurixí), "protege-os contra os mosquitos como a roupa protege aos cristãos" (palavra de Mauzi).

O desenho, porém, é aplicado só em ocasiões especiais. É uma espécie de ornamentação festiva. Recebendo estranhos, enfeitam-se, p. ex., os habitantes da aldeia com desenhos vermelhos e pretos; também os visitantes se pintam antes de entrarem na aldeia, traçando pelo menos uma faixa preta, sôbre os olhos, duma orelha a outra, com a fuligem raspada das árvores do campo atingidas pelo fogo. Por ocasião das festas de danças, as mulheres aplicam a pintura nos homens e moços da aldeia. É nisso que consistem os seus enfeites, o seu traje festivo. Freqüentemente as mães pintam os filhos que devem partir para a pesca.

Afirmam os índios que, por ocasião de luto, cobrem todo o corpo, inclusive o rosto, com tinta de genipapo. Todavia não observei êste costume na família de Kabixá.

Não difere a pintura de um e outro sexo, a não ser, talvez, que os homens, cuja vida se desenvolve de preferência fora da aldeia, usam mais a pintura total do que as mulheres, geralmente ocupadas na aldeia e no interior das casas. Os desenhos são os mesmos para os dois sexos, notando-se apenas que os homens apreciam uma ornamentação mais completa.

1. Jovem com indumentária típica

2. Menino com a cabeça rapada e coroa de cabelos

3. Homens karajá com chapéu de palha e cachimbo

A pintura total do corpo é executada com tinta vermelha ou preta, aquela comumente reservada aos homens e aos moços, e esta aos meninos e às meninas; o preto é, de um modo geral, a côr da juventude (veja-se o trecho sôbre enfeites de algodão). Uma única vez observei uma mulher completamente pintada de vermelho.

São relativamente raros os desenhos que se estendem pelo corpo todo. O menino e o homem da fig. 43 a b ostentam ornamentação quase idêntica: das axilas até a metade das panturrilhas o corpo está coberto de tinta preta, ficando apenas uma faixa comprida livre na frente e atrás. O menino representado na prancha 38 fig. 2 tem o corpo todo revestido com o desenho feito com carimbo a genipapo. Havia outro menino ostentando em todo o corpo linhas traçadas com um garfo de quatro dentes e cruzando-se em ângulo reto. Tôdas essas pessoas tinham igualmente

a b

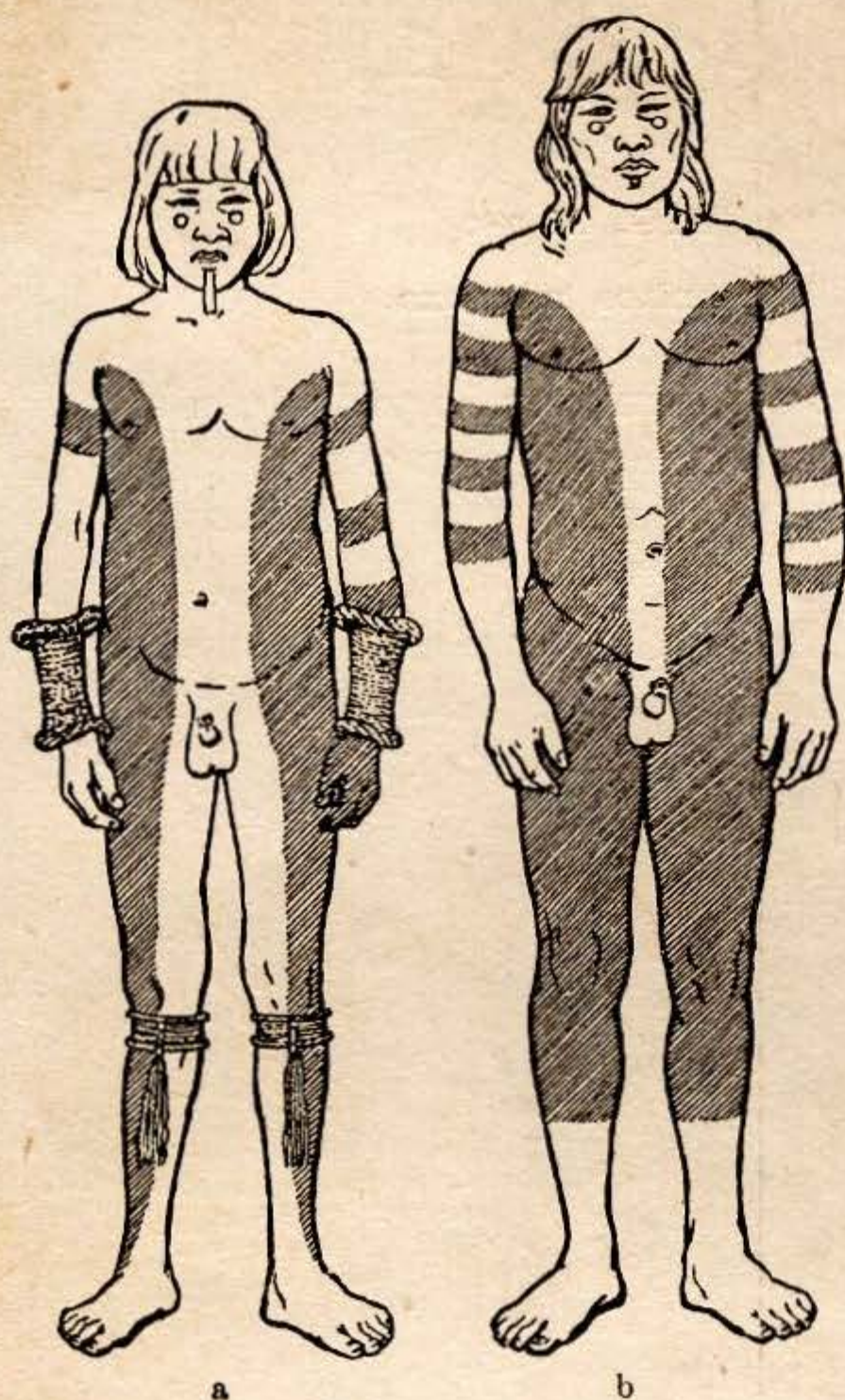



FIG. 43 a-b

Menino (a) e homem (b) com ornamentação de desenhos em todo o corpo.

a b

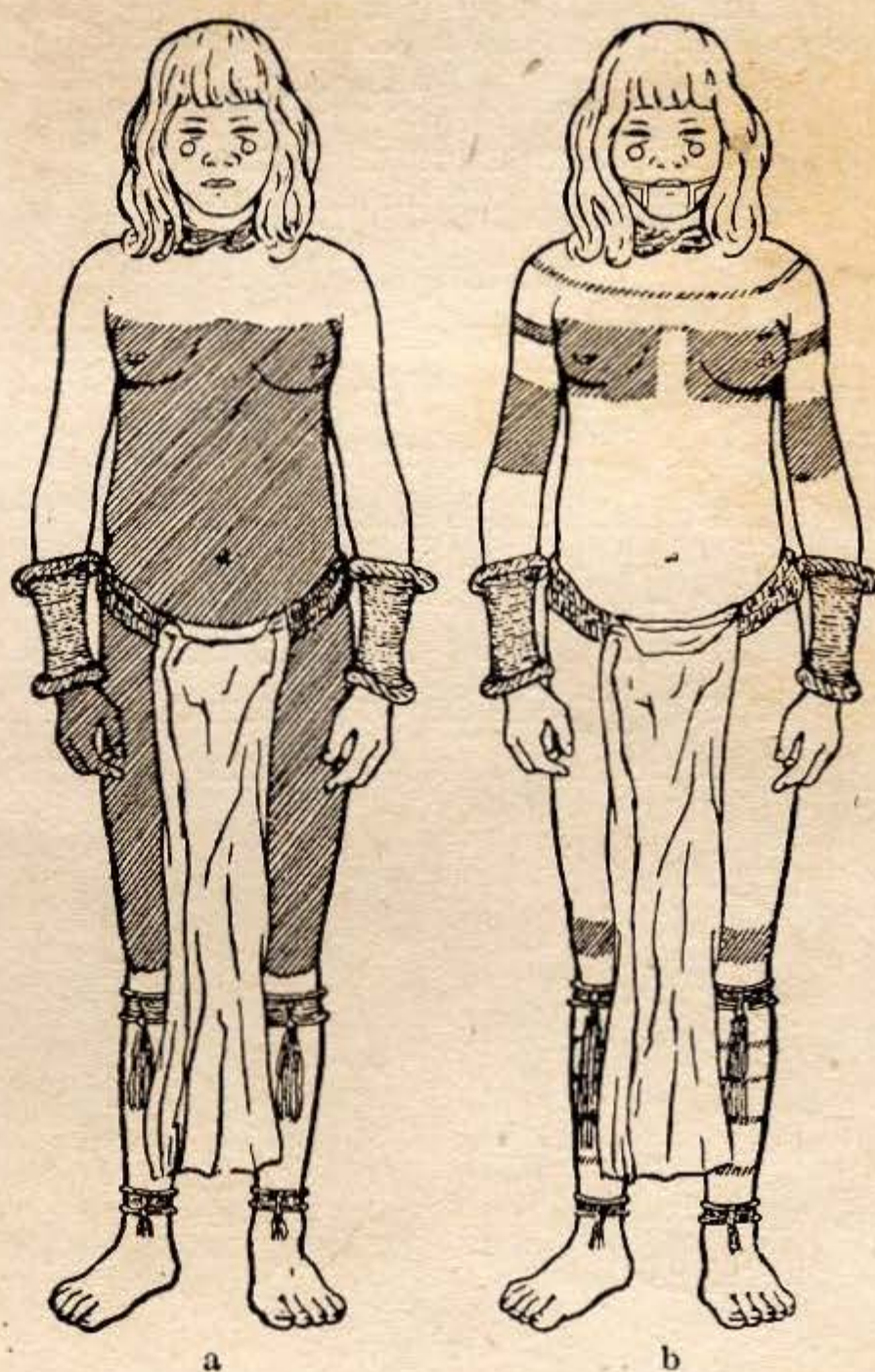



FIG. 44 a-b

Duas meninas com ornamentação de desenhos em todo o corpo

desenhos nos braços. Eram raras as pessoas de sexo feminino com ornamentação pelo corpo todo; a mais bonita era a da jovem representada na prancha 16. Uma menina estava pintada de preto dos seios até ao joelho tendo além disso a mão direita coberta de tinta; outra tinha pintados apenas os seios, os braços e as pernas (fig. 44 a b).

É raro ornamentarem isoladamente algumas partes do corpo; costumam fazê-lo apenas em ligação com a pintura geral do corpo. A ornamentação dos braços e das pernas consiste geralmente em anéis pretos ou vermelhos em tôrno das extremidades (figs. 43, 44). Sòmente na coxa, de preferência na face interna, poucas vêzes no lado externo, encontram-se desenhos independentes, cuja significação infelizmente não pude descobrir (fig. 4545). Não cheguei a ver mãos enfeitadas com desenhos, das quais Ehrenreich reproduziu bonito exemplo; apenas um menino e uma menina tinham uma mão pintada de preto.

a b c

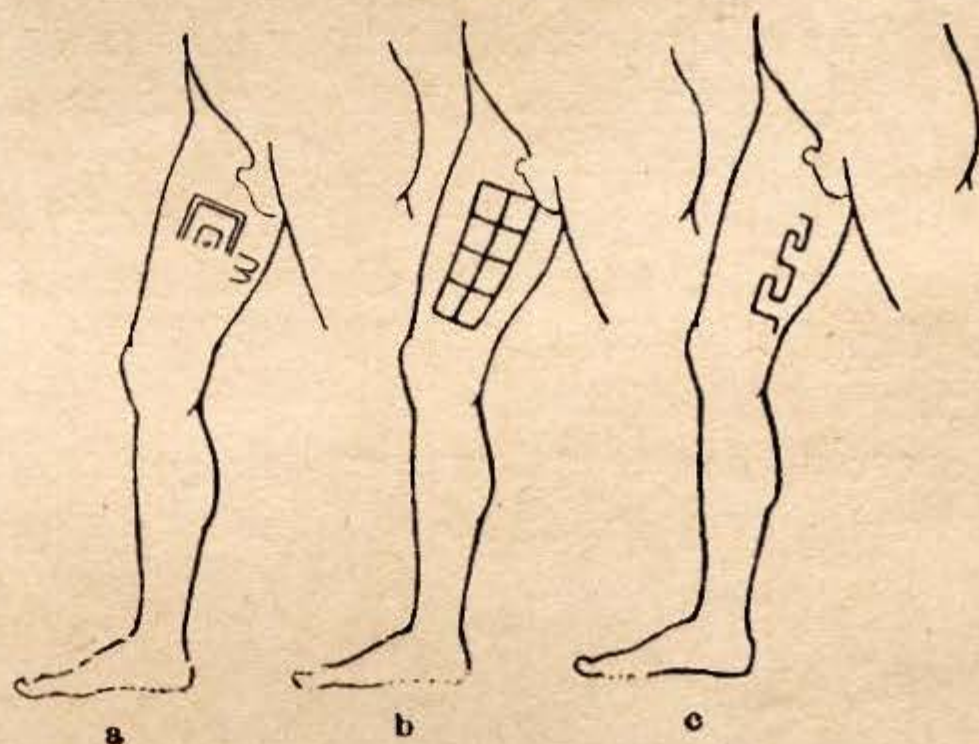



FIG. 45 a-c

Desenhos na coxa.

Mais importante do que os desenhos do corpo é a ornamentação do rosto; quando se pinta a alguém, começa-se com o rosto, e só depois se ornamentam as restantes partes do corpo. É caraterística para os Karajá uma faixa transversal que corre sôbre

a b c d

FIG. 46 a-d

Pintura tribal dos Karajá. Faixa transversal sôbre os olhos

os olhos de uma orelha para a outra; a borda superior termina horizontalmente com a testa, enquanto a inferior, freqùentemente curva, passa pouco abaixo da tatuagem tribal (fig. 46 a b). Essa faixa transversal, aplicada de costume com vermelho de urucú, raramente com fuligem ou genipapo, é usada por pessoas de um e outro sexo. Observei duas variações, ambas na horda meridional. Numa, o nariz fora deixado em branco (fig. 46 c); na outra havia, abaixo da lista preta que descia até a altura dos olhos, uma faixa vermelha correndo sôbre a tatuagem tribal (fig. 46 d).

É bem rara a pintura isolada do nariz. Uma jovem tinha pintado sôbre o nariz um triângulo vermelho, outra um ângulo vermelho subindo da mandíbula direita (fig. 47 a b). Ambas as pinturas foram encontradas na horda meridional. Em combinação com outros desenhos, observei também, em duas pessoas sòmente, um traço da ponta do nariz até ao cabelo, e num dos casos atravessado por uma série de risquinhos horizontais (figs. 50 e 48 d).

a b

FIG. 47 a-b

Pintura do nariz.

Era freqùentemente enfeitada, e sempre com tinta preta, a parte inferior do rosto, i. é, a bôca, as faces e o queixo. A mais simples dessas ornamentações é uma orla preta em torno da bôca (fig. 48 a). Essa orla é ampliada em dois sentidos: ora, com dois ou quatro traços horizontais sôbre as faces, às vêzes também formando uma faixa preta com uma linha zigue-zagueada em branco (fig. 48 b-d); ora, com traços descendo verticalmente dos cantos da bôca (fig. 48 e). Em geral, combinam-se os dois tipos, de modo que nas faces aparecem ângulos com os vértices dirigidos para os cantos da bôca. Os lados dêsses ângulos são muitas vêzes duplos, triplos etc. (fig. 48 f g). Outro tipo de ornamentação é um retângulo preto no queixo, acompanhado, em geral, de traços horizintais ou ângulos sôbre as faces (fig. 49 a-d).

Em geral, enfeita-se apenas a parte superior do rosto ou então sòmente a parte inferior; raramente se combinam as duas ornamentações (v. fig. 50).

d) *Tatuagem*. Para *sarjar* a pele usa-se o escarificador (*ladjí*), um pedaço de cuia com uma fila de dentes de peixe (*kulädjú*, indicando como sendo o peixe-cachorro) encravada junto

a b c d

e f g

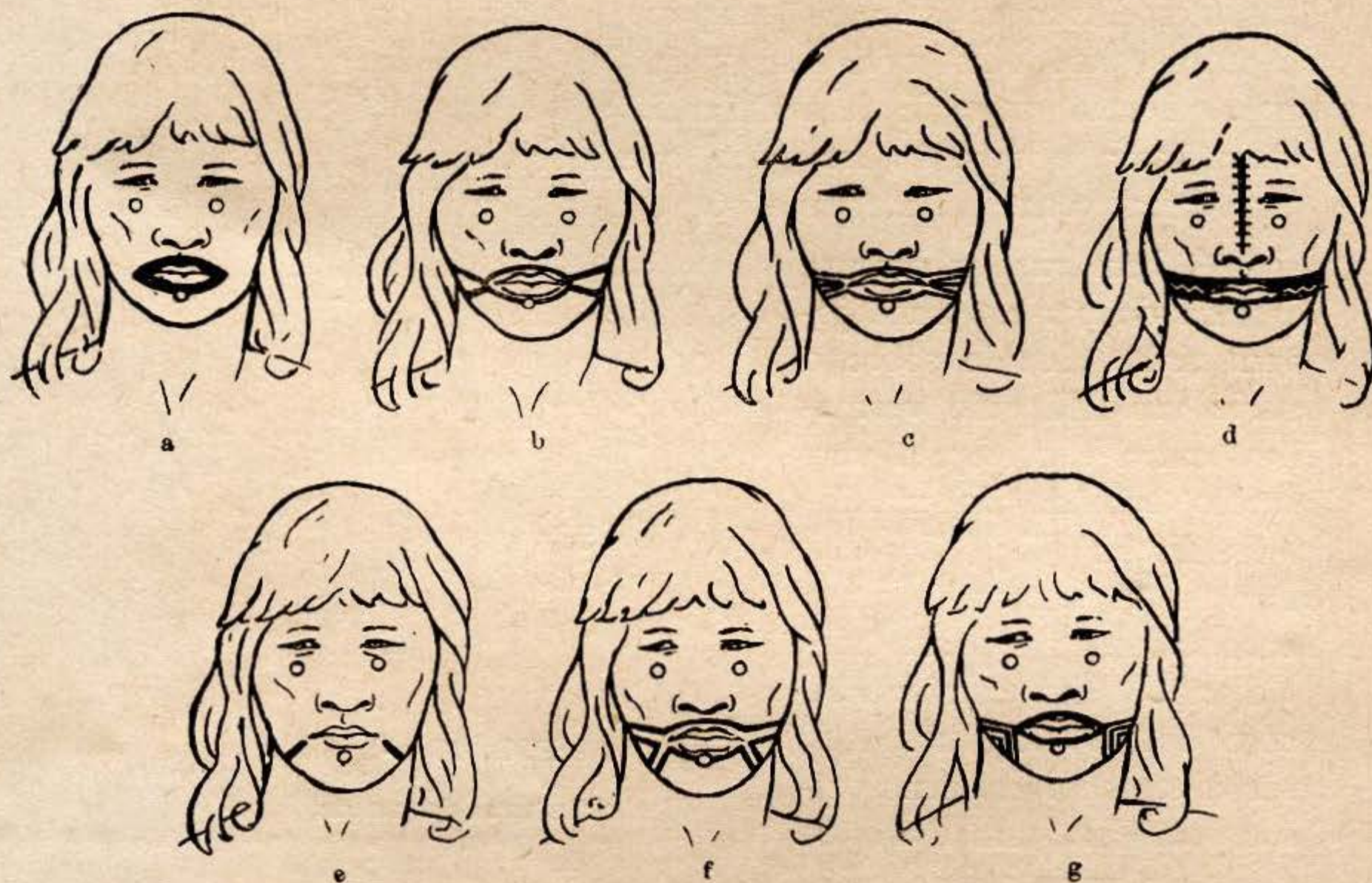



FIG. 48 a-g

Pintura da parte inferior do rosto.

a b c d

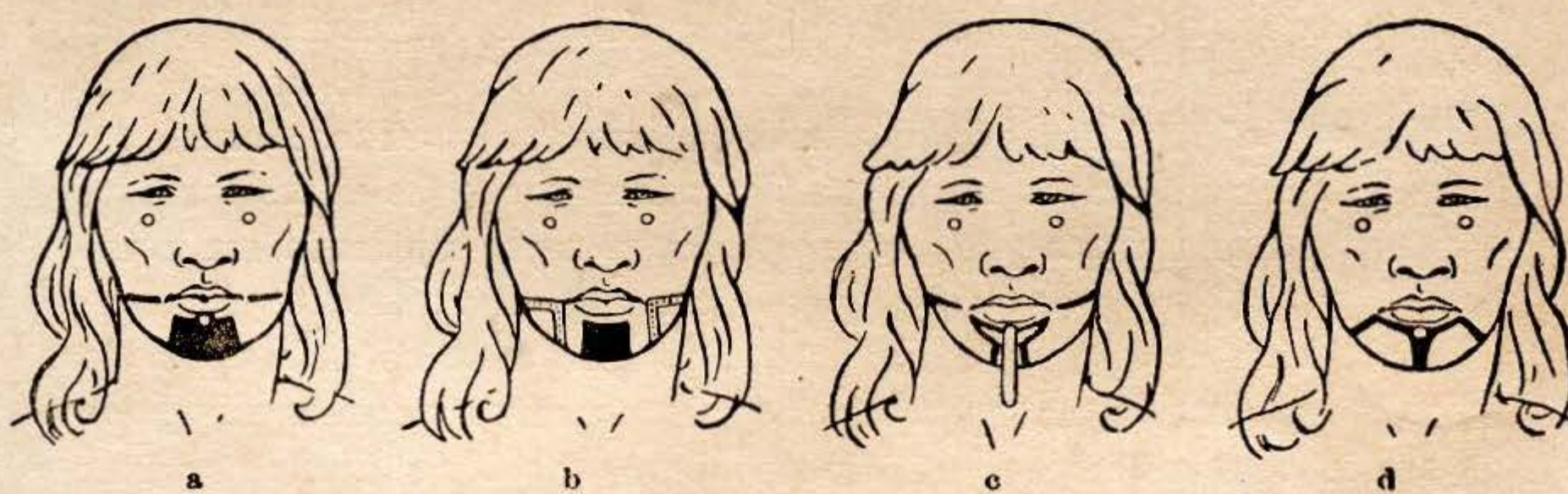



FIG. 49 a-d

Pintura do queixo.

à borda superior e fixada atrás por meio de estreito rolete de cera (fig. 51). Êste exemplar corresponde àquele que foi trazido por Ehrenreich (Berlim 3933 c). Nos outros dois exempla-

res de Ehrenreich a face posterior está tôda revestida de grossa camada de cera. Não vi nenhum escarificador dêste tipo entre os Karajá, mas entre os Xavajé (v. o capítulo referente a esta tribu). Com os escarificadores sarja-se a pele nos braços e nas coxas; infelizmente não tive ensejo de presenciar a operação (v. a êste respeitto, Ehrenreich, Beiträge, pág. 33).

FIG. 50

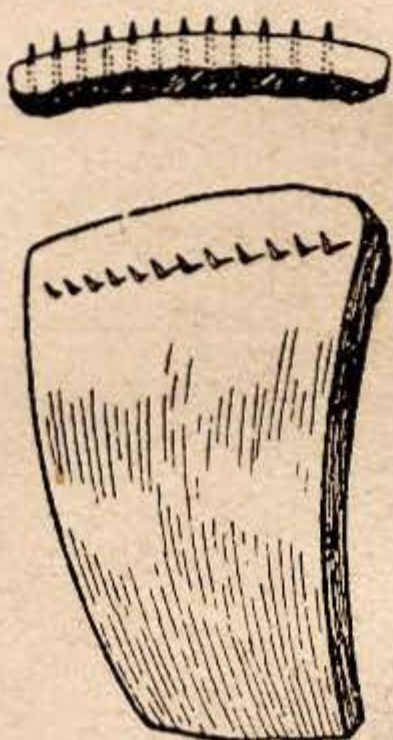
Pintura completa do rosto.

O meu remador António foi a única pessoa em que observei *cicatrizes ornamentais.* Consistiam em várias saliências correndo oblìquamente sôbre o peito. Fazem-se incisões com um dente de peixe-cachorro, esfregando-as com fuligem e água, de maneira a que ficam visíveis por longo tempo. A operação deve ser feita de manhã cedo e por um único homem; não se permite a presença de outros espectadores, especialmente mulheres. Diz-se que as incisões cicatrizam com facilidade, mas que na operação corre muito sangue. O número de incisões é variável. Os portadores dessas cicatrizes são chamados *wolí* (4). Kuruxí contou-me que sòmente os que mataram um inimigo podem mandar aplicar êsses cortes horizontais no peito e nas costas.

FIG. 51

Escarificador

Tatuagens. Distinguem-se dois tipos de tatuagens: a tribal e a de cacique.

A tatuagem tribal, peculiar a ambos os sexos, consiste em dois pequenos círculos, de côr preto-azulada e aproximadamente 1,2 cm de diâmetro, nas bochechas, pouco abaixo dos olhos (pranchas 14; 16). Para designá-la foram-me indicados os seguintes nomes: *odemaluí, odemalilú, odemariní.* Com um carimbo (*wälioná* = cachimbo) de pau de aroeira (*kuwaó*), imprime-se o círculo na face com ligeira rotação da extremidade cortante (fig. 52 a), de modo que fique visível por muito tempo (5). Como faca emprega-se qualquer lasca de um seixo despedaçado, obtida sempre na ocasião em que se quer tatuar alguém. O instrumento não é trabalhado de modo especial; escolhe-se simplesmente uma lasca pontuda e cortante (fig. 52 b estão representadas quatro lascas de pedra obtidas pelos índios e por êles qualificadas como prestá-

(4) — Cunha Matos relata o mesmo costume dos Cherentes (Rev. Trim. 38, pág. 23), sem, no entanto, dar crédito absoluto ao seu informante.

(5) — Ehrenreich trouxe um caminho feito da haste dum porongo (**texiä**, Berlim, 3913).

veis). Com essas facas de pedra (*manadjú*, dente de pedra) recorta-se o círculo numa largura de uns 2 mm, lavando a ferida com um tufo molhado de algodão, e fricionando-a, a seguir, com suco de genipapo, que dentro em pouco toma uma côr preto-azulada. Afirmam os índios que a ferida se fecha em dois dias, sem supurar; todavia observei em Mauzí, tatuado havia pouco tempo, uma ligeira inchação nos bordos superiores dos círculos. Enquanto nova, a tatuagem é profunda, com orlas nítidas e de côr bem escura. Com a idade, ela vai cicatrizando; torna-se, aos poucos, bem rasa e parda a côr. Numa aldeia da horda setentrional vi também um homem com tatuagem tingida de vermelho.

b

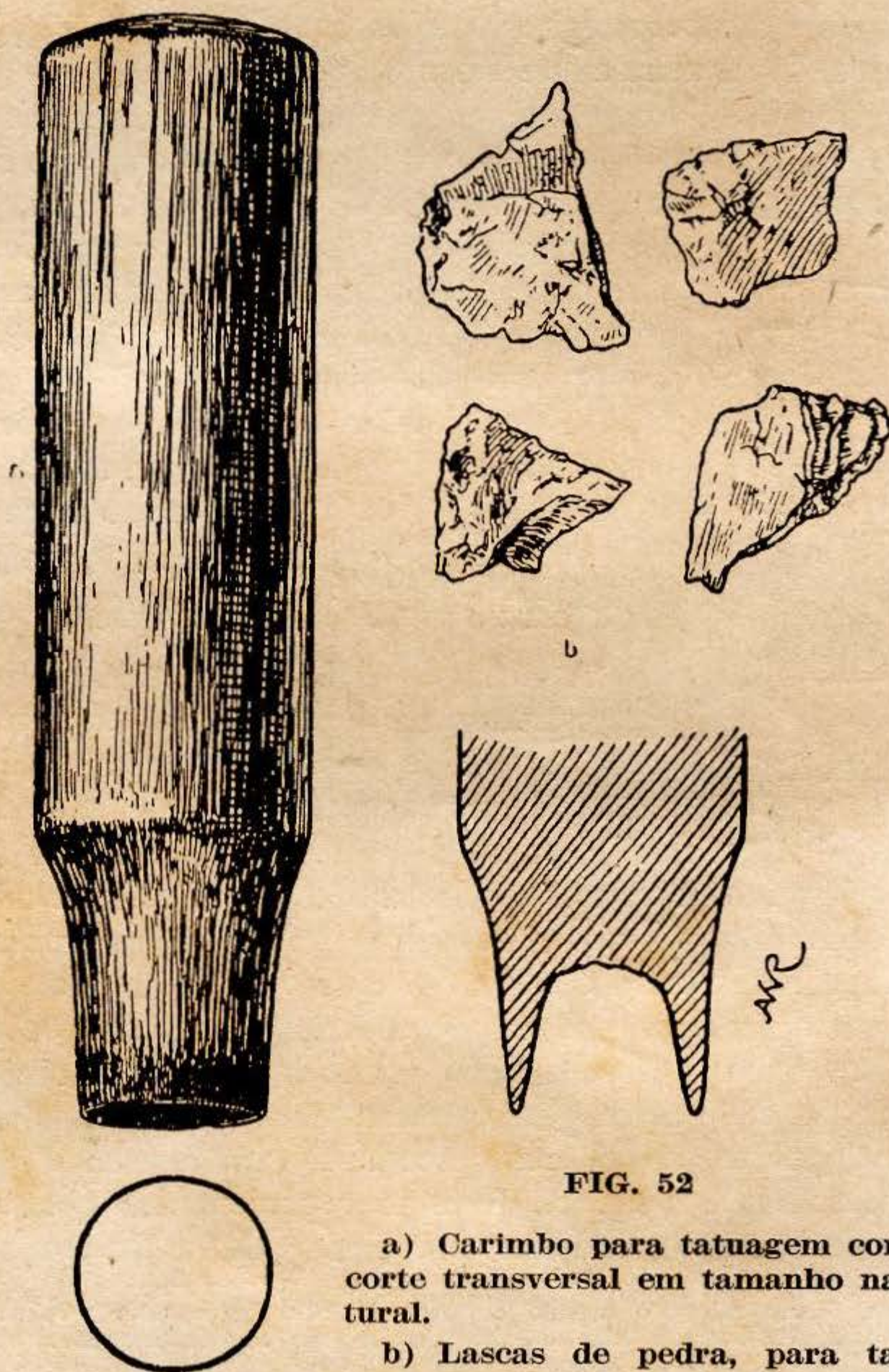
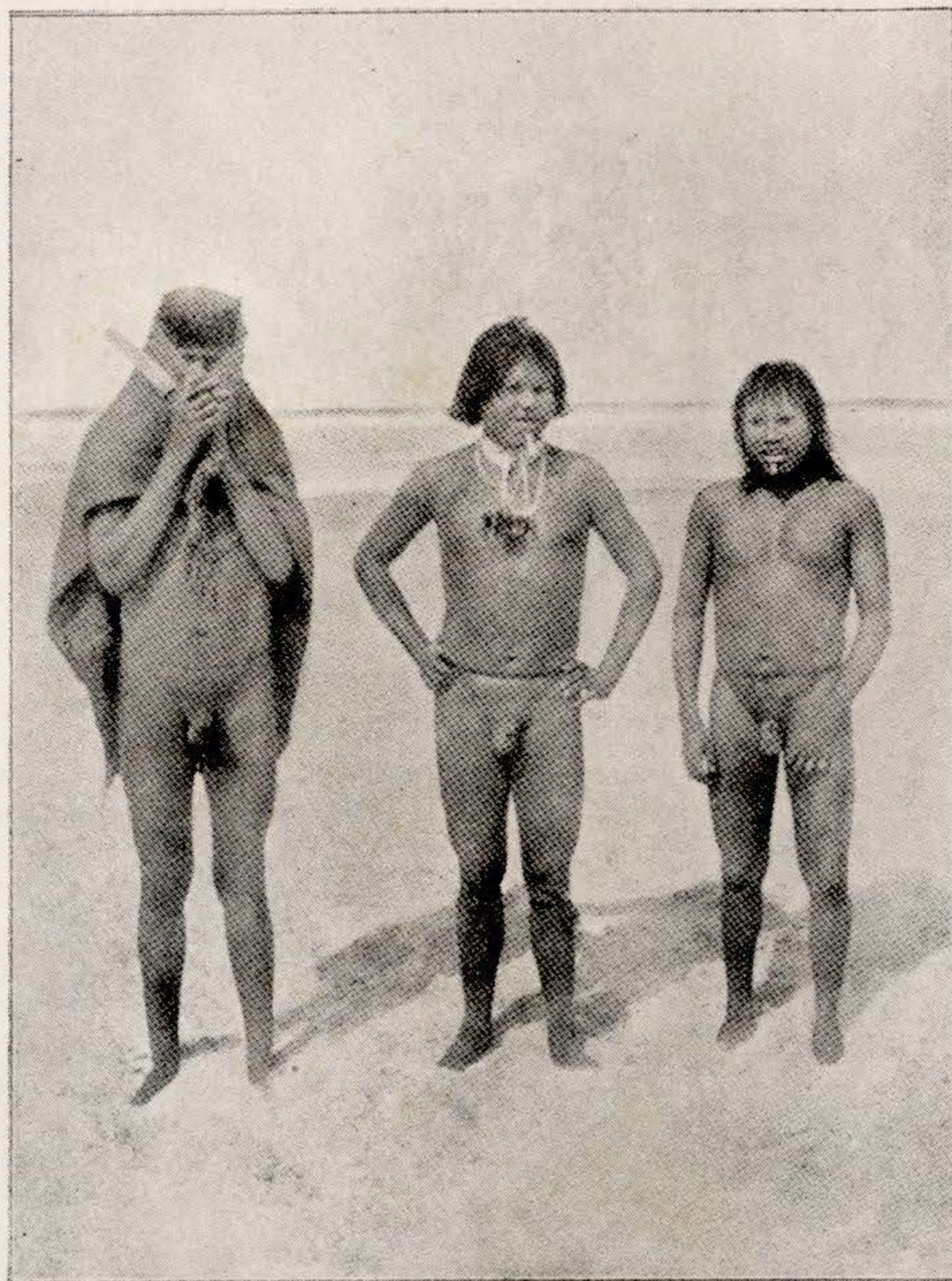
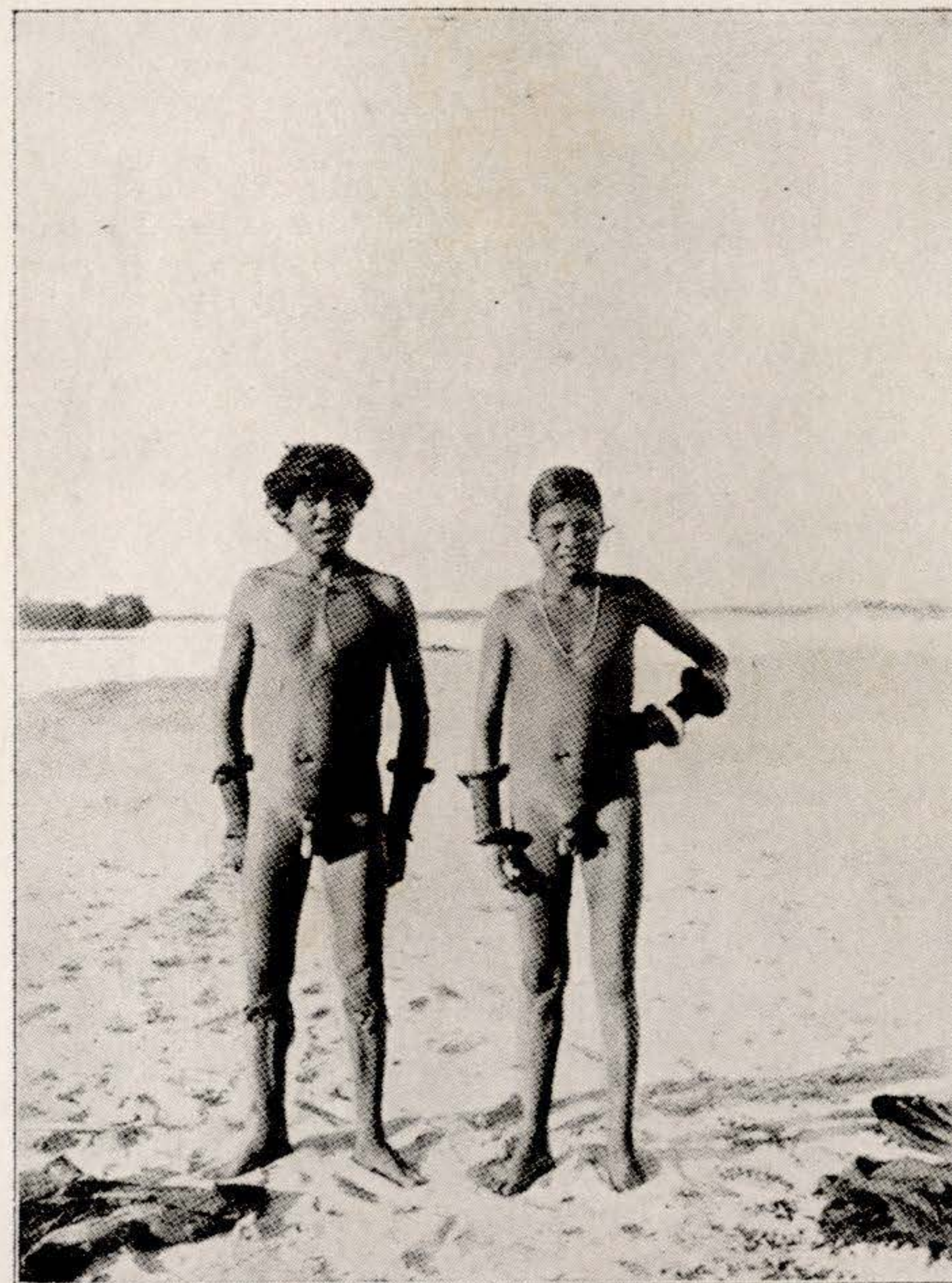



FIG. 52

a) Carimbo para tatuagem com corte transversal em tamanho natural.

b) Lascas de pedra, para tatuagem: tamanho natural.

1. Jovens karajá

2. Jovem e menino karajá

Aplicam-se os círculos no início da puberdade, i. é, entre 12 e 14 anos de idade, aproximadamente. Observei, porém, várias criancinhas ostentando-os pintados a tinta preta. Nos meninos, a época da tatuagem é aquela em que o cabelo, depois de rapado pela última vez, cresceu na frente até a ponta do nariz e atrás até os ombros.

A operação é feita por pessoas especiais, possuídoras de carimbo e facas de pedra, e denominadas *wairadú*. Dêsses homens existia um só na horda meridional (na aldeia n.º 6), ao passo que na horda setentrinal se contavam vários dêles (p. ex. 11, na aldeia n.º 13). São remunerados pelo seu serviço. Afirma-se que a operação não é acompanhada de quaisquer cerimônias; as crianças não são sempre tatuadas em conjunto, mas também isoladamente, em qualquer ocasião em que se disponha do especialista.

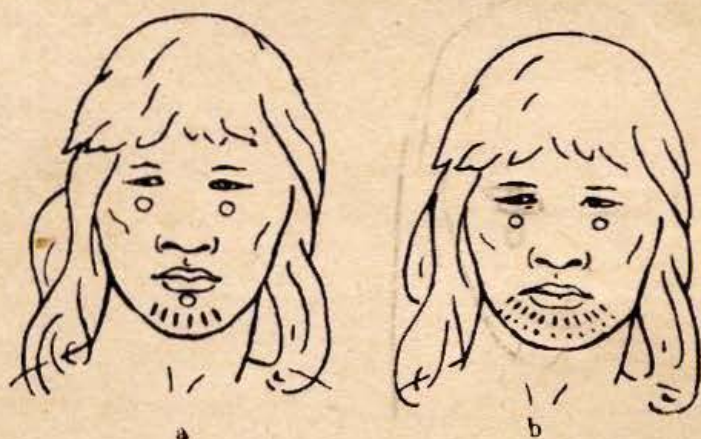



FIG. 53
Tatuagem de cacique;
a) homem,
b) mulher.

A tatuagem de cacique, peculiar aos chefes de aldeia e às mulheres dêstes, é constituída de traços pretos e verticais entre o lábio inferior e a borda inferior do rosto; aplicados um ao lado do outro, os traços formam uma, e às vêzes duas linhas sobrepostas (fig. 53 a b). Segundo a informação de Kurixí, essa tatuagem é peculiar às mulheres. Também as meninas teriam no queixo essas linhas de risquinhos azues, tidas como bonitas. Entretanto não observei êste último caso.

e) *Tratamento do corpo.* Os índios banham-se com muita freqüencia; tomam comumente um banho de manhã cedo, mas lançam-se também nágua no decorrer do dia sempre que têm vontade; fazem-no de certo geralmente para se refrescarem com a evaporação da água que se segue ao banho.

Como sabão usam dois produtos vegetais: primeiro, uma casca de árvore (*auabaká*, sabão do mato), da qual se tira alguma raspagem, esfregando-a na água para lavar-se com a espuma assim obtida; e em segundo lugar uma imbira (*doú*) empregada para o mesmo fim.

Os índios gostam muito de friccionar o corpo, os braços, e especialmente o cabelo com a resina aromática (*andilá*) da almacegueira (*Hedwigia balsamifera*), guardada comumente em cuias.

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

Fritz Krause

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

5. ENFEITES

B. Enfeites variáveis com o sexo e a idade e servindo como distintivos

a) *Adornos labiais.* São usados sòmente por indivíduos de sexo masculino (1). O orifício (*idjärulänó*) destinado à recepção do enfeite é aplicado no meio do lábio inferior, na idade de 6 a 7 anos. A operação, executada com um pedaço de osso de bugio (*azõdí*), cabe a especialistas, dos quais a horda meridional possuia um só, na aldeia n.º 7. Disseram-me os índios que o ato não é acompanhado de cerimônias especiais; todavia parece ser realizado por ocasião de determinadas festas.

No orifício usam-se botoques de osso, concha, madeira ou pedra. São distintivos dos indivíduos de sexo masculino, que não os tiram nunca, pois ao comerem não são incomodados pelos

(1) — Segundo a informação de Kurixí, há também mulheres que fazem um orifício no lábio inferior; confessou, entretanto, não o ter visto ainda, e eu tão pouco o observei.

botoques, cuja base é bastante estreita. Só poucos homens velhos andavam às vêzes sem botoque. No negócio de trocas, alguns o entregavam sem mais nem menos, outros hesitavam um pouco, ficando pertubados quando não tinham mais botoque no orifício; todos cuidavam logo de fabricar um novo ou colocavam um de reserva. Os botoques são enfiados no orifício pelo lado interior, e retirados do mesmo jeito.

A forma e o material dos botoques varia com a idade de quem os usa.

Meninos bem pequenos ostentam botoques de osso de bugio. Medem cêrca de 4 a 11 cm. de comprimento, a extremidade inferior terminando em ponta, enquanto na superior há uma parte larga, que se encosta, como remate, à face interna do lábio inferior (fig. 54 a, b). Meninos mais crescidos andam com botoques de concha (*idjá*). O material é fornecido pela concha fina e bicúspide (prancha 45, fig. 1 c) chamada *idjé* ou *k(a)dalá*. Segundo informações de Pedro, fazem-se também botoques, chamados *djälapú*, da concha grossa e triangular (*bulú*, prancha 45, fig. 1a). Assegurou-me que eu tinha botoques dêsse tipo na minha coleção: não ouvi, porém, o nome pronunciado por outro índio. Mas não há dúvida de que numerosos botoques são realmente feitos dessa concha. Os botoques feitos da concha bicúspide caracterizam-se por um brilho de madrepérola, são chatos e estreitos, em forma de vareta ou de cunha, e com remate geralmente largo (fig. 55 a-e). Os botoques feitos da concha

a b

FIG. 54 a, b. **Botoques de osso.**

a b c d e

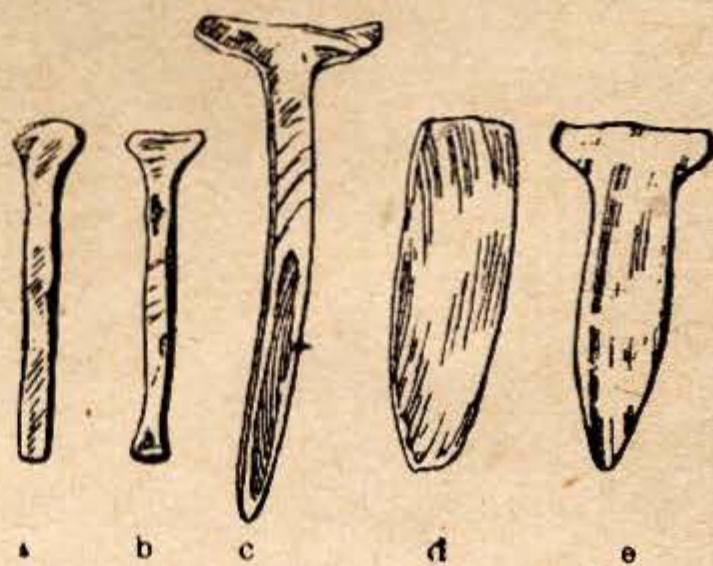



FIG. 55 a-e. **Botoques de concha.**

a b c

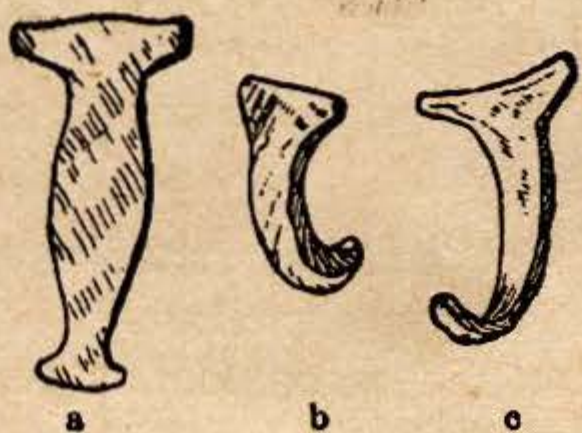



FIG. 56 a-c. **Botoques de concha.**

FIG. 57 **Botoque de madeira, enrolado em forma de espiral.**

triangular distinguem-se por um brilho alvacento; são de forma grossa, terminando quase sempre em ponta recurvada, ou apresentando formas arqueadas (fig. 56 a-c veja-se também prancha 12, fig. 2).

Pouco antes da puberdade, os meninos usam às vêzes botoques de estreitas faixas de madeira enroladas em forma de espiral (*oduhó*, fig. 57).

Logo depois de se lhes aplicar a tatuagem tribal os jovens começam a usar botoques de madeira *odohó* — (feitos, segundo Ehrenreich, da madeira leve da piúva). No princípio gostam de usar enormes lamelas de madeira. O exemplar maior da minha coleção mede 25 cm. de comprimento por 2 cm. de largura (fig. 58 a); êsse tipo de botoque chega até à altura do peito (prancha 43, fig. 1). No bordo transversal inferior, essas lamelas terminam geralmente num pequeno b i c o. Com o avançar da idade, os índios vão usando botoques sempre mais curtos; estes terminam às vêzes em baixo com o bordo reto (fig. 58 b, c). Os velhos solteirões ostentam botoques pouco diferentes dos que servem aos homens casados (fig. 59 a, b). Os homens casados andam igualmente com botoques de madeira, no princípio ainda semelhantes aos dos moços crescidos, mas tornando-se, posteriormente, sempre mais curtos e mais grossos, até ficarem reduzidos, nos homens de idade avançada (a partir dos 50 anos, mais ou

a b c

FIG. 58 a, c.

Botoques de madeira usados pelos jovens.

a b

FIG. 59 a, b.

Botoques de madeira usados pelos solteirões.

a b c d

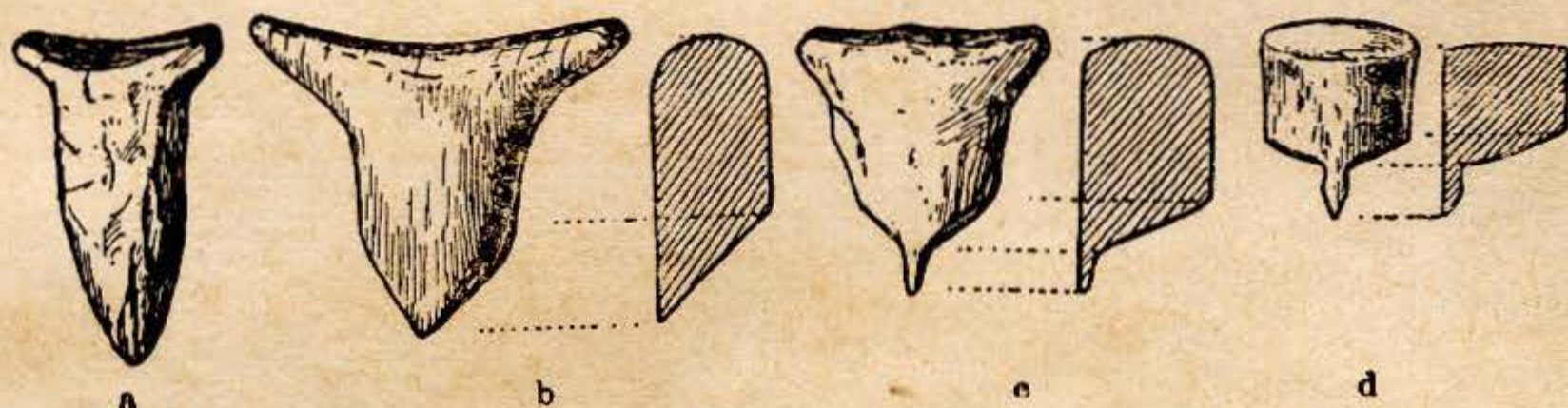



FIG. 60 a-d.

Botoques de madeira usados pelos homens.

menos), a um simples botão de 1,8 cm. de diâmetro, às vêzes ainda provido de pequeno bico na extremidade inferior (fig. 60 a-d).

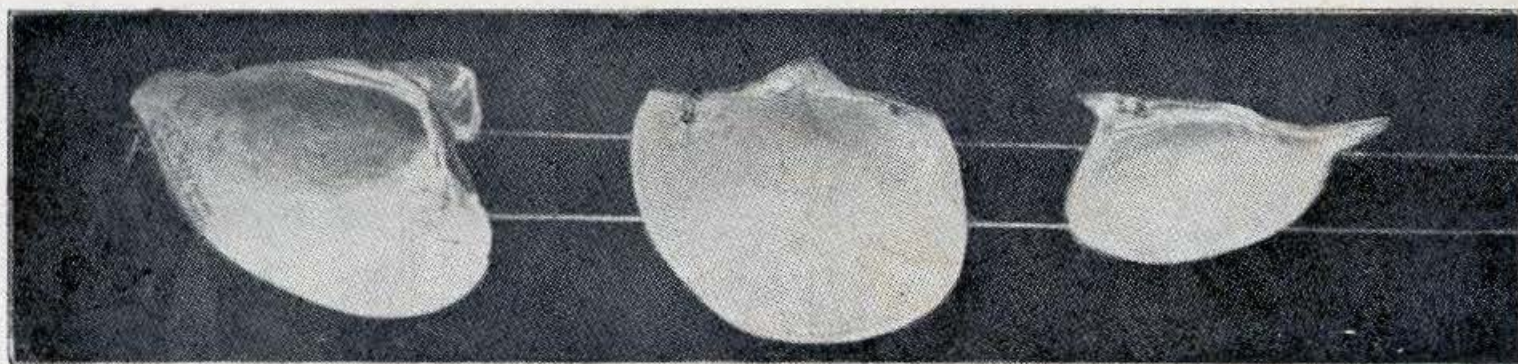
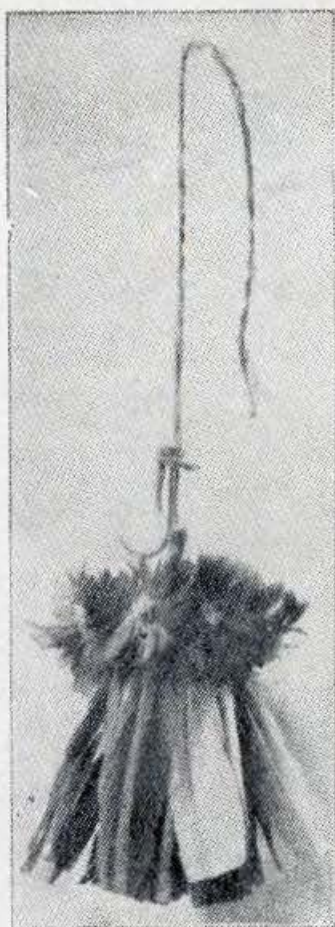
Ao que se afirma, os jovens usam também, em ocasiões festivas, botoques de madeira ornados com pinturas; não cheguei todavia a ver nenhum exemplar dêsse tipo. Um dia depois de me contar isso, o menino Mauzí, da primeira aldeia, andava com o seu botoque pintado, dizendo que "assim se fazia para jusante" (fig. 61). Entre as imagens de cera, representando figuras de dança, que adquirí entre os Karajá, encontra-se uma que imita a máscara *inauiní*. Nota-se nessa imagem uma faixa enfeitada com pintura e guarnecida de roletes de cera, descendo do queixo, e representando, evidentemente, um dêsses botoques pintados (prancha 45, fig. 7).

FIG. 61

Botoque com pintura.

Essa sucessão era observada rigorosamente em tôdas as aldeias. Só na primeira, perto de Leopoldina, havia exceções. Aí o menino, como acabo de referir, usava uma lamela de madeira e mais tarde um botão do mesmo material, como o irmão mais velho e o pai. A família era civilizada; pejava-se de andar com botoques compridos à vista dos brasileiros. Pois os botoques compridos são considerados como sinal de vaidade, pelo que as pessoas idosas, p. ex., não os podem usar sem se tornarem ridículas. E os jovens da primeira aldeia, sentindo-se muito superiores a seus irmãos de tribu selvagens, não usavam êsses objetos ridículos, contentando-se com o pequeno botão representativo da dignidade dos velhos.

Um tipo especial é o dos botoques de pedra (*maná delé; maná*, pedra; *manaderezó*, cris-

a b c

1. Conchas para a fabricação de botoques: a) triangular, b) madrepérola, c) bicúspide.

2. Borla de plumas usada no topete.

b a

4. Atadura para as panturrilhas (a) e outra para os tornozelos (b), usada por uma menina.

5. Ligadura para as pernas, usada por criancinhas.

3. Punho para crianças.

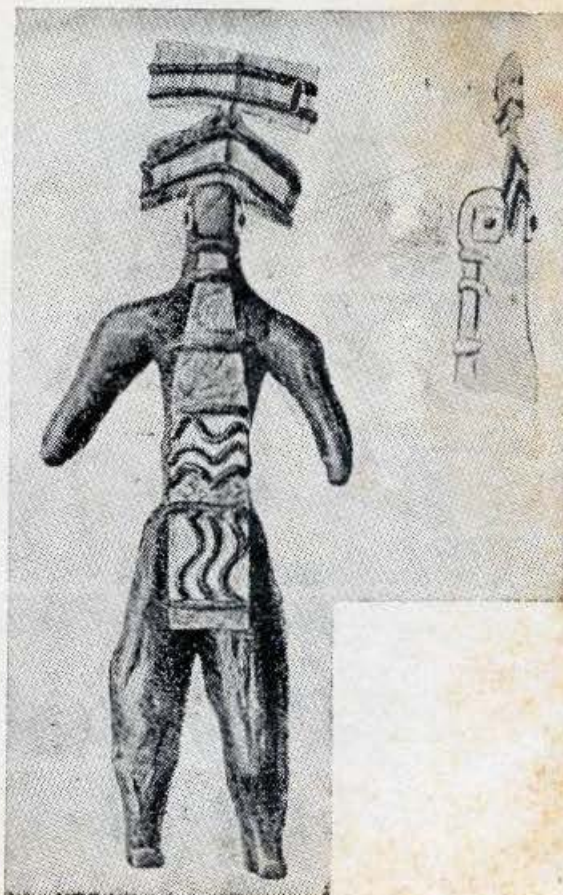
6. Atadura para as panturrilhas, com guarnição de cordéis em forma de borlas.

7. Imitação, em cera, de uma máscara inauiní.

FIG. 62
Botoque de pedra.

tal de rocha). Para fazê-los, lasca-se quartzo, cristal de rocha ou alabastro, alisando os fragmentos de modo que parecem polidos. A boquilha se alarga consideràvelmente e a ponta inferior termina num engrossamento (fig. 62). Com êsses botoques enfeitam-se apenas os homens solteiros, e, sòmente por ocasião de festas especiais. Quando casam, presenteiam com êles algum parente mais moço. São muito grossos os botoques de pedra, pelo que é preciso ampliar primeiro o orifício labial. Para isso, enfiam-se nêle botoques de madeira sempre mais grossos. Vi um único exemplar dêsses botoques, na horda setentrional, sem, no entanto, poder adquirí-lo. Dum segundo exemplar, existente na horda sul, tive notícia apenas depois de deixarmos a aldeia. Não são fabricados pelos Karajá, mas pelos Tapirapé, dos quais os negociam os Karajá da horda setentrional. Os da horda meridional compram-nos, por sua vez, daqueles, e o preço importa então, ao que se afirma, numa canoa, num machado, num pote e num fação. São, pois, muito caros, e, por serem também muito quebradiços, os índios tratam-os com muito cuidado, envolvendo-os em pano para guardá-los. Agora, que os Karajá vivem em pé de guerra com os Tapirapé, não podendo mais comprar botoques de pedra, o preço naturalmente aumentou de maneira considerável.

b) *Adornos para as orelhas.* O orifício destinada à recepção dos enfeites é aberto no lóbulo, perto do bordo inferior; fá-lo a mãe ou parente (tio) pouco depois do nascimento, servindo-se, para isso, dum osso de macaco ou duma lasca de tucum.

Indivíduos de um e outro sexo usam nesse orifício enfeites variáveis com a idade; não constantemente, mas só de quando em quando ,conforme os caprichos de cada um.

FIG. 63
"Tulipa" para as orelhas, com dupla coroa de penas.

Crianças de ambos os sexos, sobretuto os bebês, usam nas orelhas o adôrno chamado *kuädjú* (dente de capivara). Consis-

te numa haste delgada e curta de madeira de palmeira, na qual é fixada, com cera e enrolamento de fio de algodão, uma tulipa de penas multicores de papagaio, tendo no centro da corola um disco de madrepérola; geralmente do diâmetro de 2,2 cm. No meio dêsse disco eleva-se um dente de roedor (capivara *ku* (*w*) *á*; segundo Ehrenreich: agutí), envolvido quase sempre com um trançado de fio preto de algodão (fig. 63).

Nos exemplares trazidos por mim notam-se algumas variações. A tulipa consiste, na maioria das peças, em penas de papagaio vermelhas e amarelas; o disco, às vêzes, é orlado ainda de uma coroa interna de pequenas plumas vermelhas e podadas. Em alguns exemplares, o disco de madrepérola ostenta um ou vários anéis de cera concêntricos. Em lugar do disco de madrepérola, uma das tulipas tem um de cera; em cinco exemplares falta o disco: o dente se eleva diretamente da corola, tendo, num exemplar, a parte inferior envolvida com algodão branco crú. Em quatro espécimes da coleção falta a pequena pluma pendente que se costuma prender à haste com um barbante fino (2).

Êsse adorno é usado de preferência por bebês e crianças de dois a três anos de idade, que andavam com êle constantemente; em crianças maiores observei-o com pouca freqüência (prancha 18, à esquerda). E' um adereço muito precioso. A capivara, sobremodo assustadiça, é difícil de caçar; os caninos são, por isso, muito caros, e tanto mais caros quanto menores. Servem de dinheiro para comprar canoas: paga-se uma canoa com dois dêsses dentes. Para guardá-los, serve o acondicionamento reproduzido na figura 64, com fios de algodão, amarrando-se na extremidade inferior, dois dentes compridos e dois curtos, recamando-os parcialmente com cera.

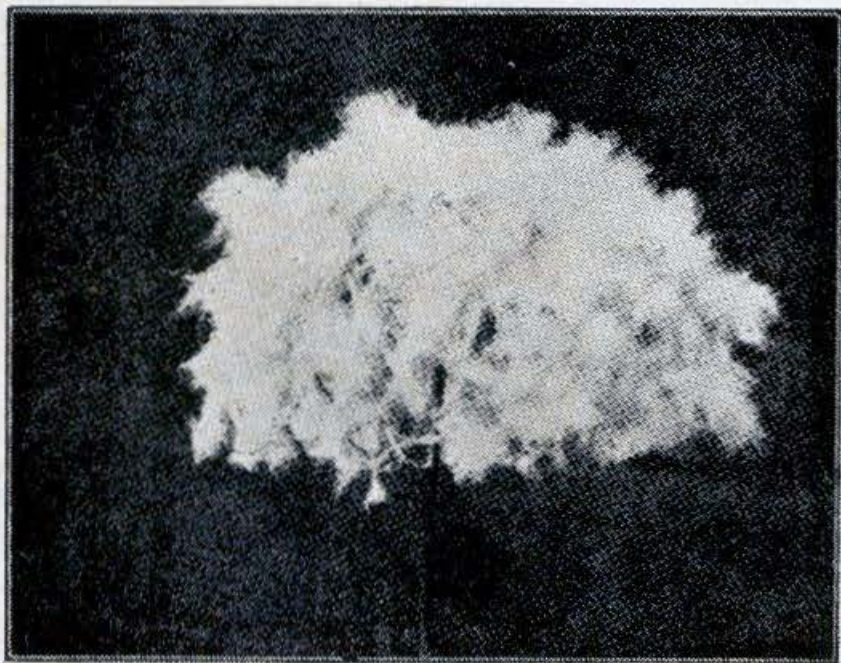
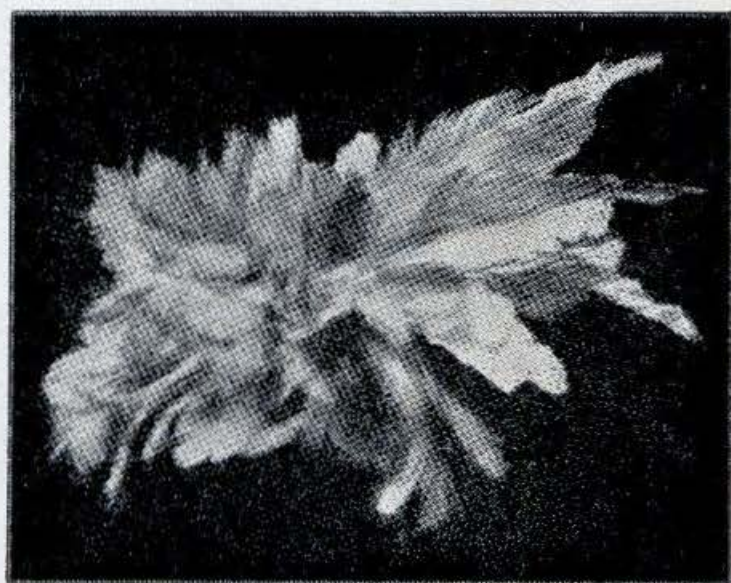
FIG. 64
Dentes de capivara amarrados para guardar.

FIG 65
Disco de cuia, com enfeites.

O disco de cuia reproduzido na fig. 65 foi-me vendido sob o nome de *andohomalí*. Apresenta quatro anéis de cera concêntricos, tendo os espaços intermédios parcialmente pintados de vermelho; no centro encontram-se três orifícios. Disseram-me tra-

(1) — Além de exemplares semelhantes, Ehrenreich trouxe outro em que o disco ostenta uma cruz de fios pretos. E' proveniente, talvez, dos Xambioá; veja-se a nota seguinte.

192b

1. Touca emplumada, com penas de garça.

2. Touca de rede com malhas cerradas e guarnecida de plumagem branca.

3. Touca emplumada, com penas brancas.

tar-se dum disco de uma roseta para as orelhas; entretanto não ví outro disco de tamanho tão grande. É verdade que nas máscaras para danças se observam grandes rosetas para as orelhas; o referido disco é talvez duma dessas rosetas de máscaras.

Os jovens casadoiros de um e outro sexo andam com um enfeite um pouco diferente nas orelhas, mas só de vez em quando, certamente como adôrno festivo. Chamam-lhe *doholuá* (*-dohó*, ôlho; dava-se o mesmo nome ao disco de madrepérola que se encontra no centro). Numa haste de taquara prende-se na frente, por meio duma ligadura de algodão, uma roseta chata de plumas, cujo centro é tapado com um disco de madrepérola que apresenta um botão de cera no meio — (fig. 66 a, b). (3).

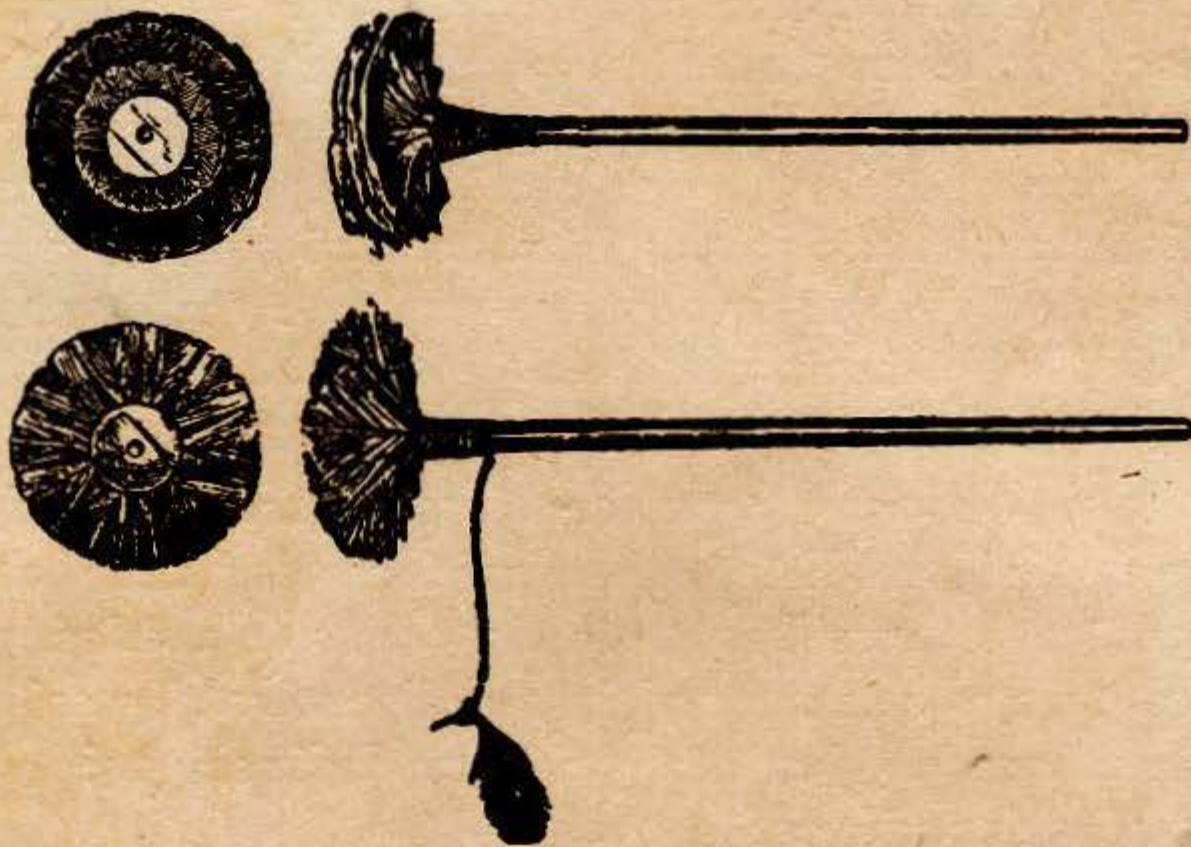



FIG. 66 a, b.

Rosetas para as orelhas: a) com pluma pendente, b) com dupla camada de penas.

A roseta é formada de finas plumas vermelhas, ou então de duas camadas de penas de papagaio podadas e de côr amarela e vermelha; ora a camada externa é amarela e a interna vermelha, ora se observa o contrário. Também essas rosetas ostentam às vêzes uma pequena pluma pendente.

Os adolescentes e os adultos de um e outro sexo contentam-se com adornos muito mais simples: simples varetas (*dohó*), freqüentemente cobertas de ornamentos entalhados na parte anterior

FIG. 67

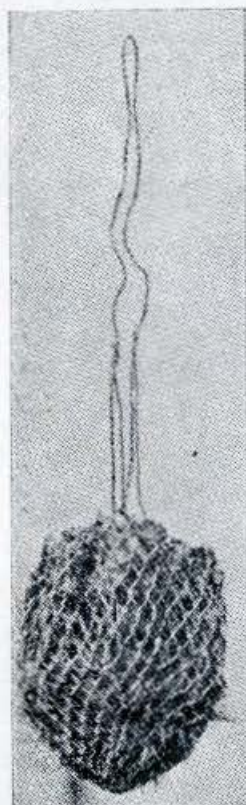
Vareta para as orelhas, com enfeites de entalhe.

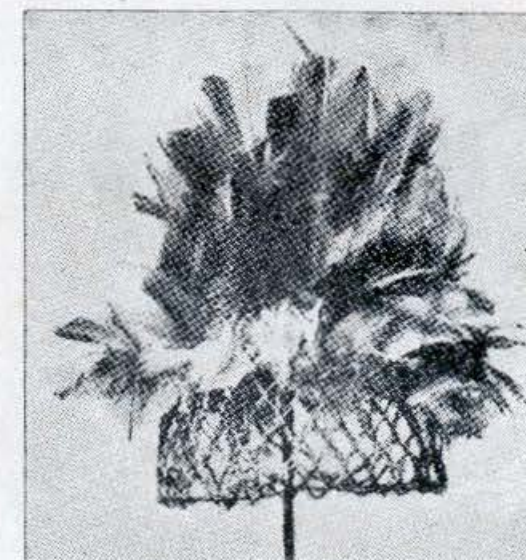
(2) — Ehrenreich trouxe alguns exemplares em que o disco é guarnecido duma cruz de cera. Não vi nenhuma roseta dêsse tipo. Königswald (Globus, Vol. 94, pág. 219) informa que estas rosetas são tôdas de origem Xambioá, ao passo que a dos Karajá tem apenas o botão de cera. Isso concorda com as minhas observações. Vejam-se também a nota anterior e os dados relativos aos Xavajé.

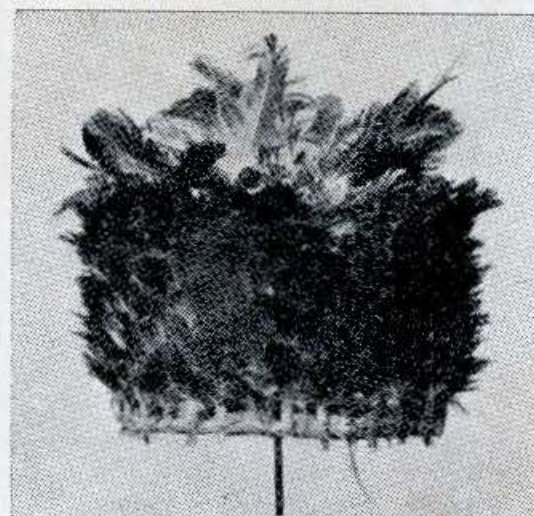
(fig. 67). Também aquí se registam diferenças de acôrdo com a idade. Há três tipos dessas varetas: caniços de taquara amarela e geralmente com enfeites entalhados; canas avermelhadas ou pardas de uma variedade de chibata; e varinhas de chibata, pretas, sem ornamentação (*dohodebé* — varinhas pretas). Os moços solteiros usam, comumente, caniços de taquara amarela e às vêzes canas vermelhas ou pardas, ao passo que os casados andam quase só com varinhas pretas, raramente com amarelas. Mas também as jovens e os solteirões se enfeitam com varinhas pretas. Ao contrário dos velhos, que usam varetas curtas, os indivíduos jovens preferem as compridas (prancha 42, fig. 1; 43, fig. 1; 44, fig. 2).

c) *Adornos, para os braços e as pernas, de algodão tingido de vermelho*. Estes adereços, formados de punhos e de ataduras para as panturrilhas e os tornozelos, e usados por indivíduos de um e outro sexo, constituem o distintivo dos solteiros, sendo, portanto, usados desde a primeira infância até o casamento, bem como pelos viúvos.

O punho (*dexí*) é feito em forma de longo cilindro, com agulha de croché; os bordos reforçados do cilindro são recurvados para fora à maneira de remate (prancha 45, fig. 3; v. prancha 16; 18; 44, fig. 2). A abertura superior é mais larga do que a inferior. Os punhos são confeccionados pelas mulheres; como molde serve u'a maça ou u'a mão de pilão. (Ehrenreich menciona também um cone especial de madeira, que eu não vi em nenhuma aldeia). Prontos, os punhos são tingidos de vermelho com tinta de urucú a óleo. Podem-se tirá-los e vestí-los à vontade, o que se faz sobretudo durante os trabalhos pesados; em geral, não são usados constantemente, mas quase sempre. Os rapazes enfiam nêles freqüentemente as suas facas, de sorte que a lâmina aponta para o cotovêlo. Tornando-se muito apertados os punhos, fabricam-se novos. São tirados definitivamente só por ocasião do casamento. Há, porém, a possibilidade de pô-los novamente nos seguintes três casos: primeiro, tornam a usá-los as pessoas enviúvadas; em segundo lugar, os homens aos quais as espôsas, satisfeitas com êles, os ponham novamente; e finalmente pode repô-los o campeão da luta de braço.

As faixas para os tornozelos (*walaú*) e as faixas para as panturrilhas (*deubutá*) são igualmente feitas de algodão, com agulhas de croché, e tingidas de vermelho. São faixas estreitas, com bordos reforçados e fechadas na frente com ponto de croché. Nesse ponto de fechamento, pende de ambos os bordos uma comprida borla de fios (prancha 45, fig. 4 a, b; veja-se também

1. Touca emplumada, virada ao avesso (para guardar).

2. Touca de penas, com três zonas de plumas.

6. Touca emplumada, com aro de penas na parte superior.

4. Touca de penas, com aro de plumas na borda inferior.

5. Cartola de penas.

3. Touca de penas, com duas zonas de plumas.

1946

prancha 15, fig. 1; 16; 36, fig. 1; 43, fig. 1). Durante longas caminhadas ou corridas, os índios amarram freqüentemente atrás as borlas das faixas das panturrilhas, para terem movimento livre (prancha 44, fig. 2). Sôbre as faixas das panturrilhas amarram-se às vêzes ataduras de imbira (talvez em sinal de luto?).

Nas faixas dos tornozelos o bordo superior é um pouco mais aberto do que o inferior; observa-se o contrário nas faixas das panturrilhas. É surpreendente a pequena circunferência das faixas para as panturrilhas e para os tornozelos. Numa menina de cêrca de 16 anos de idade, a circunferência da faixa da panturrilha mede 24 cm., a da faixa do tornozêlo 17 cm.; num jovem, a da faixa da panturrilha é de 29 cm.

Ambas as faixas são confeccionadas pelas mulheres, que as fazem, com agulha de croché, diretamente na perna do indivíduo que as vai usar. Êste se deita no chão, sôbre uma esteira, a cabeça apoiada nalgum molho, e uma coberta enrolada debaixo do joelho. Em cada perna uma mulher, sua parenta, lhe confecciona as faixas de fio branco de algodão; só depois de prontas, é que são tingidas de vermelho.

Começa-se a usar as faixas pouco depois do nascimento. Tornando-se apertadas, cortam-nas e substituem-nas por outras. No período intermediário, andam freqüentemente sem êsses enfeites. Para cortá-los, enfiam um pauzinho entre a faixa e a perna, afim de não se ferirem com faca, pois é preciso bastante fôrça para cortar o trançado forte e espesso.

Os meninos deixam de usar bem cedo as faixas dos tornozelos, as meninas usam-nas sempre até o casamento, ocasião em que o noivo e a noiva se cortam recìprocamente as faixas das panturrilhas e dos tornozelos. As pessoas enviuvadas tornam a pôr as faixas das panturrilhas.

Parece não haver enfeites como *distintivos de dignidade ou posição*; não vi, pelo menos, nenhum adereço dessa natureza. Kuruxí contou-me, todavia, que as mulheres de cacique usam um conjunto de colares de frutos de Thevetia (*malaní*). Entre dois fios, atados na nuca, os colares são dispostos verticalmente de tal modo que na frente aumentem em comprimento, caindo até à altura do umbigo.

C. Outros adornos

Todos os demais enfeites são de uso exclusivo dos solteiros (crianças e jovens) e postos apenas esporàdicamente.

c) *Adereços de algodão* para a nuca, os quadrís, os braços e as pernas. Embora constituam grande parte dos enfeites karajá, são usados apenas acidentalmente, de certo por serem muito pesados. Quanto à cor, os enfeites pretos das crianças distinguem-se dos vermelhos da juventude.

Ehrenreich trouxe dos Karajá uma estreita *faixa para a cabeça*: um trançado preto de algodão, guarnecido de pequenos discos de concha (Berlim 3676). Duvido de que se trate realmente duma faixa para a cabeça. Pois não vi nenhum adôrno dêsse feitio, e, além disso, a faixa me parece muito longa para ser usada na cabeça. Faixas semelhantes empregam-se, porém, como cinta, nas tangas de cordéis usadas pelas meninas, e, ainda, como fitas nas máscaras de cartola para danças.

a b

FIG. 68 a, b.

Borlas para a nuca: a) jovens, vermelhas; b) crianças, pretas.

FIG. 69

Tanga de cordéis usada pelas meninas.

Na *nuca*, os jovens usam longas borlas vermelhas (*nohõzãzó*) pendentes dum cordel trançado, prêso atrás, ao colar, por meio duma colcheta. Usam-se sempre duas dessas borlas, que constituem, aliás, adereço (fig. 68 a) muito raro. Em lugar dêle, as crianças usam cordéis pretos com uma grossa e curta borla preta em cada extremidade (*nohõzá*). Dois dêsses cordéis, colocados um sôbre o outro, de sorte que as borlas se ajustem, são dobrados no meio, deixando-se as quatro

borlas pender para baixo. Ligam-se os laços superiores por meio de nós, passando-os, a seguir, pelo colar. Nas borlas para a nuca usadas pelas meninas observam-se, com freqüência, conchas de caracol (*Castalia dolabella*) passadas sôbre as borlas (fig. 68 b; prancha 18, à esquerda).

Em tôrno dos *quadrís,* as meninas usam às vêzes uma longa tanga ((*g*) *nohí*) de cordéis pretos de algodão, entrançados na extremidade superior de modo a formarem uma cinta, às vêzes guarnecida de pequenos discos de madrepérola. Veste-se a tanga, passando-a fechada sôbre os quadrís, de baixo para cima. Os cordéis caem até os pés; quando a menina corre, as conchas aparecem entre os cordéis. Também êsse adereço era muito raro (fig. 69 prancha 18).

São correspondentes entre si os enfeites de algodão para *os braços e as pernas.* Distinguimos três espécies:

A primeira consiste em longos cordéis pretos de algodão, cada um com duas borlas numa extremidade. Para pôr êsses cordéis ao braço, seguram-se primeiro as borlas junto ao ombro, envolvendo em seguida o braço do alto até o cotovêlo, e depois em sentido contrário, até acabar o cordel. Fixa-se a ponta por meio dum nó, deixando cair as borlas sôbre a ligadura, naturalmente do lado externo. Êste adôrno é exclusivo das crianças. Os cordéis com borlas para o braço chamam-se *dolú,* os que se usam no antebraço, *dexidebé* (todavia não vi nenhuma dessas borlas para o antebraço, tive delas apenas informação de Kuruxi); os das panturrilhas,

FIG. 70

Cordel com borlas, para o braço.

deobudá; para as borlas desse espécie usadas nos tornozelos não conseguí saber nenhum nome. Os cordéis são às vêzes de comprimento considerável: no enfeite do braço (fig. 70), os cordéis medem 275 cm., e as borlas 75 cm.; nos cordéis das panturrilhas, tem um comprimento de 210-220 cm., e as borlas de 17-18 cs. (fig. 71, a, b.,). Ehrenreich indica que pouco após o nascimento se amarram cordéis pretos de algodão em tôrno dos antebraços e dás pernas das crianças *adonrubé;* (Beiträge, pág. 11); na prancha 45, fig. 5, estão representadas essas ligaduras de bebês: cordéis pretos, fechados, de 9 cm. de comprimento e com atilhos em ambos os lados. Também as crianças maiores ainda usam, às vêzes, essas ataduras pretas.

a b

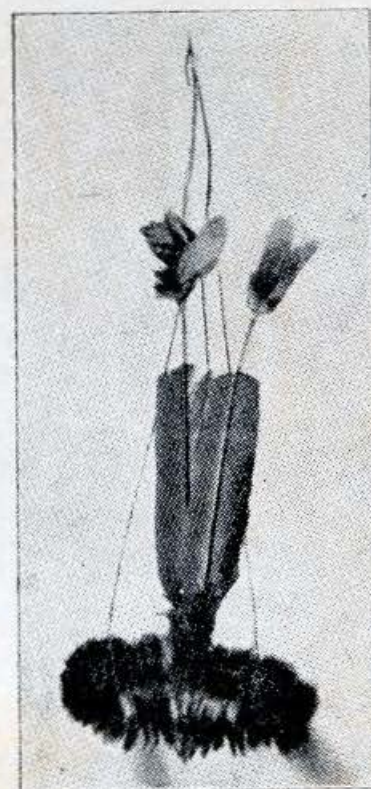
FIG. 71 a, b.
Modo de usar, nas pernas, os cordéis com borlas.

A segunda espécie consiste em faixas chatas, trançadas ou providas de borlas, com longa guarnição de cordéis. Também êste enfeite é usado quase só por crianças. Para o braço, costumam-se usar pretas faixas trançadas (*lolu*), feitas de tal modo que as bordas caiam, como galões, do lado externo do braço. A guarnição de cordéis atinge um comprimento de 127 cm. (fig. 72). Abaixo das largas faixas das panturrilhas prefere-se amarrar ligaduras vermelhas providas de borlas [(*k*)

FIG. 72
Atadura do braço, com longa guarnição de cordéis.

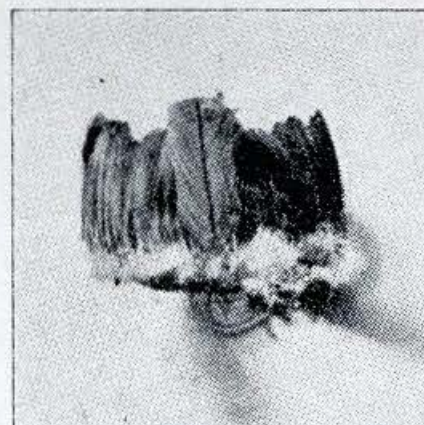
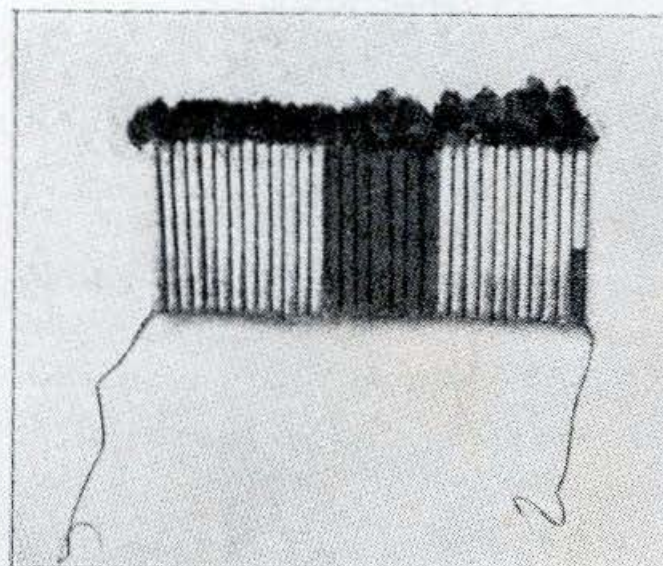
FIG. 73
Modo de usar, na panturrilha, a ligadura com guarnição de cordéis.

1. Aro de plumas.

2. Aro emplumado, com penacho simples.

3. Aro emplumado, com penacho composto.

4. Atadura da cabeça, de plumas finas.

5. Diadema de plumas.

6. Aro para a cabeça, com longas penas de arara em posição vertical.

7. Diadema rijo de taquara.

uljaú] ; passam em tôrno de tôda a perna, enquanto a guarnição de cordéis alcança um comprimento de 16 cm. (fig. 73). E' bonita sobretudo a guarnição do espécime reproduzido na fig. 6 da prancha 45, e que se distingue pelos espaços deixados, em distâncias iguais, entre os diferentes grupos de borlas.

A terceira espécie, finalmente, consiste em dois grossos chumaços paralelos, entrançados entre si e providos de longa guarnição de cordéis vermelhos. Êsse adereço é usado, em geral, pelas crianças mais crescidas e pelos jovens de um e outro sexo. Essas ataduras, usadas no braço e no antebraço, chamam-se *kodexí;* num e noutro caso a guarnição de cordeis cai apenas do lado externo do braço. Usam-se as ataduras do antebraço atrás dos punhos (*dexí*). Às vêzes observa-se também nesse adôrno um enlaçamento da parte superior (fig. 74 a, b). Para o mesmo tipo de enfeite, quando usado abaixo das verdadeiras faixas das panturrilhas, foram-me mencionados dois nomes: *uljaú* e *woodaidí*. Nesse adôrno, as franjas caem em tôrno da perna (fig. 75).

FIG. 74 a, b.

Ligadura de chumaço duplo, com guarnição de cordéis, para o braço; b) com borlas.

b) *Todos os demais* enfeites são usados sòmente por solteiros; os casados não tem adornos de plumas, ao passo que a juventude os possue em quantidade, embora os ponha raramente. Os mais usados são toucas de penas (meninos), colares de missangas, anéis, bem como cintos de algodão com guarnição de plu-

FIG. 75

Ligadura de chumaço duplo, com guarnição de cordéis, para as panturrilhas.

mas. Todos os demais adereços parecem servir apenas por ocasião de danças ,festas, etc. No tempo que decorre entre essas ocasiões, ficam guardados cuidadosamente em elegantes cestas alongadas com tampa. A juventude feminina usa apenas colares e anéis; as meninas têm também toucas e braceletes emplumados. Uma menina de 9 a 11 anos de idade andava com os seguintes adornos: touca emplumada ; rosetas encarnadas para as orelhas; borlas pretas para a nuca, com conchas de caracóis; braceletes emplumados, atrás dos punhos vermelhos; cinta preta e, sôbre ela, uma tanga preta de imbira; além disso, uma longa tanga de cordéis pretos; e, finalmente, faixas de panturrilhas (prancha 18).

Em viagem, os meus índios andavam sem adornos; vestiam, em parte, roupa brasileira, usando, ainda, o botoque e anéis de fabricação indígena. Os solteiros atavam quase todos em redor dos tornozelos um pedaço de linha de pescador. Era surpreendente o fato de existirem poucos enfeites e quase nenhum adôrno de plumas nas aldeias da horda setentrional situadas ao norte da barra do Tapirapé.

A aldeia da barra do Tapirapé ocupa uma posição especial. São daí tôdas as formas muito diferentes que agora passamos a descrever em particular. Não posso decidir se é por acaso ou por influência dos Tapirapé.

Dentre os enfeites de plumas para a cabeça mencionados por Ehrenreich não vi os seguintes:

Os toucados para o vértice da cabeça, consistindo numa chapa trançada, de forma rômbica, na qual se elevam quatro penas de Cassicus, montadas, de duas em duas, em dois canhões de penas revestidos de plumas (Beiträge, fig. 8); o adereço para danças usado no occipício e denominado *luriná* (ibid., prancha II, 2; IX, 2), de que encontrei apenas um exemplar incompleto entre os Xavajé; os diademas *aheto* (ibid., prancha IX, 5), que se abrem em cima, quando atados em tôrno da cabeça; é de feitio semelhante o adôrno *odji* (prancha 48, fig. 7), que eu trouxe da aldeia da barra do Tapirapé.

O fato de faltarem entre os Karajá os referidos adornos pode ser devido a três motivos diferentes: ou os exemplares de Ehrenreich são de origem Xambioá, cuja cultura em todo caso difere um pouco da dos Karajá; ou foi por mero acaso que os Karajá não possuiam êsses tipos de enfeites por ocasião de minha estada entre êles; ou ainda, reinava uma moda diferente no tempo de Ehrenreich. Esta última me parece ser a explicação mais aceitável, pois a fato de Ehrenreich ter trazido vários exemplares de

lurinú, ao passo que eu não encontrei nenhum entre os Karajá e os Xavajé, parece indicar que o adôrno, outrora tão comum, agora não é mais usado na mesma escala.

O enfeite comum da cabeça é representado pelas toucas emplumadas (*dolidóli*), usados por crianças de um e outro sexo; em geral, os meninos andam o dia todo com êste adereço. Consistem as toucas numa rêde em cujos fios estão amarradas penas isoladas ou rosetas de plumas fixas a pequenas hastes. Passam-se as toucas sôbre o occipício, prendendo-as com um barbante jugular (*lerudí*) (fig. 76). Fazem-se as redes duma fina fibra de imbira ou dum grosso trançado do mesmo material. Podem ser viradas ao avesso, servindo então o barbante jugular para fechá-las; é dêste modo que são guardadas (prancha 47, fig. 1). As redes reforçadas são muito raras. Para classificar as que podem ser viradas ao avesso, servem dois caracteres: o modo de fixação das penas, e a sua distribuição em zonas diferentes. De acôrdo com

FIG. 76

Modo de usar as toucas emplumadas.

FIG. 77 a, b.

Fixação das penas nas redes das toucas emplumadas, a) plumas de duas em duas, b) varas com rosetas.

o modo de fixação, distinguem-se dois tipos principais: a grande maioria dos exemplares apresenta pluminhas amarradas, duas a duas, nos fios (não nos nós) da rêde por meio de atilhos especiais (fig. 77 a). Em pequeno número de toucas observam-se, ao lado disso, rosetas prêsas em hastes curtas ou compridas (Ehrenreich denomina êste tipo *hatukö;* fig. 77 b). Acrescem ainda dois tipos especiais: num dêles estão amarrados molhos de longas penas brancas, que dão a tôda a touca um aspecto muito ramalhudo (prancha 46, fig. 3); com essas toucas enfeitam-se, de ordinário, meninos

pintados de preto e de cabeça rapada. O outro tipo especial, que constitue exceção muito rara, consiste numa touca em que se amarram, uma a uma, longas plumas brancas de garça (prancha 46, fig. 1). Quando se põe o adereço, estas são deitadas para trás.

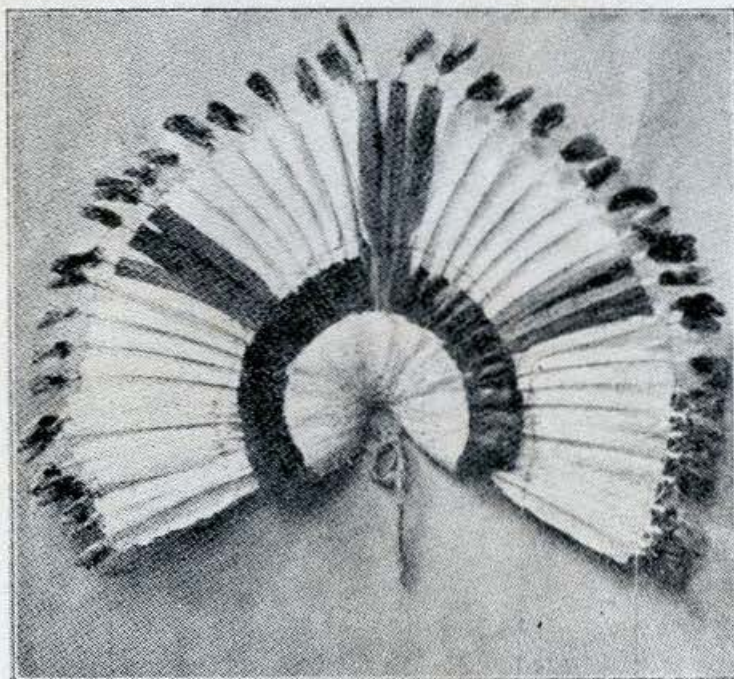
De acôrdo com a distribuição das penas em zonas diferentes, a classificação é a seguinte: Redes totalmente revestidas de penas, sem divisão em zonas; toucas com duas zonas, a inferior formada de molhos de duas penas cada um, e a superior de longas plumas (constitue uma exceção a touca representada na fig. 3 da prancha 47: a zona inferior é de rosetas de penas, a superior de longas plumas). Toucas com três zonas, que se distinguem ou pelas côres diferentes das penas; ou por uma zona inferior de pequenas hastes emplumadas, outra, do meio, de plumas pequenas, e uma, superior, de plumas longas; ou ainda por uma zona inferior de penas isoladas, uma central de rosetas, e uma superior de plumas compridas (prancha 47, fig. 2).

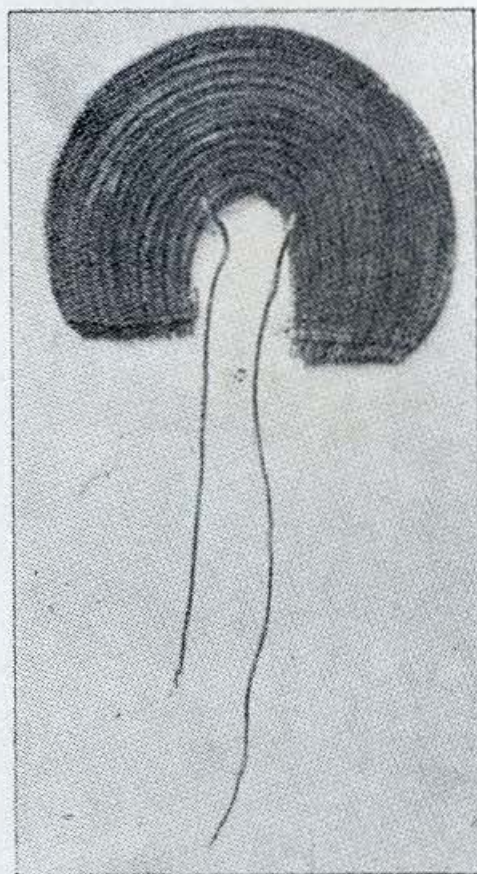
Outra espécie de rede é feita de espesso trançado de imbira e revestida de plumagem branca (prancha 46, fig. 2).

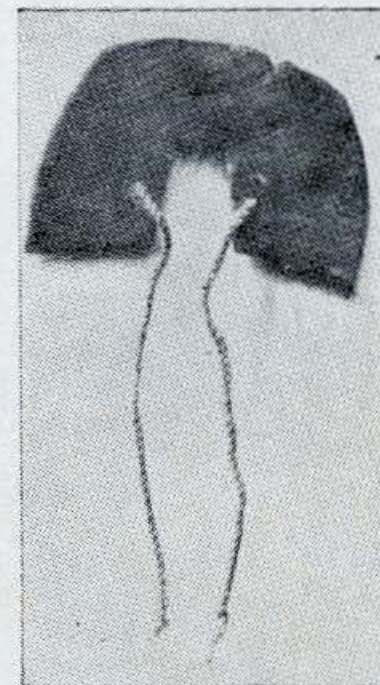
São muito raras também neste tipo as redes reforçadas. Um aro de penas é fixado no bordo inferior da rede ou em posição bastante elevada (prancha 47, figs. 4, 6).

Uma variedade é representada pela cartola emplumada que se vê na fig. 5 da prancha 47. Consiste em varinhas verticais prêsas a um aro em cima e em baixo, e enfeitadas, em todo o seu comprimento, com penas em posição vertical. Sôbre a abertura superior da cartola é esticada uma rêde em que se amarram molhos formados, cada um, de duas peninhas. Êste adereço lembra, até certo ponto, o elmo de hastes emplumadas reproduzido por Ehrenreich (Beiträge, prancha IX, 3), adôrno de que não vi outro exemplar .

E' curioso notar que essas três últimas espécies: as redes de espesso trançado de imbira (aldeia 20), as redes reforçadas (aldeia 2) e as cartolas de penas (acampamento perto de Santa Maria), se observam nos dois pontos extremos do território karajá, que estão em íntima relação com a cultura brasileira, enquanto as toucas que se podem virar ao avêsso se limitam ao território indígena menos influenciado.

Os *aros emplumados* (*natakán*) consistem num círculo de taquara envolvido com cordel, em que se fixam externamente pequenas plumas. São de ordinário, penas de papagaio vermelhas e amarelas, e aparecem raramente amarradas na mesma direção em redor do aro: partem geralmente da parte posterior, correndo nas duas direções, e no ponto em que se encontram, são prêsas algumas

2. Roda para o occipício.

3. Roda para o occipício.

4. Chapa trançada, para a roda do occipício.

1. Modo de usar a roda do occipício.

5. Chapa de madeira, para a roda do occipício.

penas multicores mais longas (prancha 48, fig. 1). Êsses aros, postos horizontalmente em tôrno da cabeça, são usados geralmente por meninos; eram, entretanto, relativamente raros, não constituindo, em todo caso, adornos de uso cotidiano, como refere Ehrenreich para o ano de 1888. Sôbre o aro às vêzes se eleva na frente um penacho (*odí*) formado de algumas enormes plumas de arara (prancha 48, fig. 2) ou construído de maneira muito complicada, como o exemplar da fig. 3, prancha 48: duas varinhas, cercadas de rosetas de penas de papagaio vermelhas e amarelas, levam, cada uma, na ponta uma longa pluma de arara azul e amarela, desbatada em cima de tal modo que fique apenas o canhão. Esta parte livre do canhão é envolvida com algodão não preparado, fixando-se nas extremidades penas vermelhas, cobertas, na base, com pequenas plumas amarelas.

Diademas, i. é, faixas para a cabeça, com penas em posição vertical, são adornos muito raros. Há várias espécies.

A primeira: num cordel, que se ata horizontalmente em tôrno da cabeça, entrelaçam-se penas multicores em posição vertical, em cujos canhões se cola, de ordinário, penugem branca (prancha 48, fig. 5). Os três exemplares (*dolidó*) da minha coleção são todos da aldeia da barra do Tapirapé; nas outras não vi nenhum adôrno dêsse tipo, que se assemelha muito aos diademas dos Kayapó (veja-se aí mesmo).

A pequena faixa para a cabeça (*luwjí*) reproduzida na fig. 4 da prancha 48 é um adôrno que revela uma técnica muito elevada. Num fino cordel fixam-se, por meio de alguns atilhos e um recamo de resina clara, várias camadas sobrepostas de pluminhas alvacentas de bordo castanho; a parte superior das pluminhas inclina-se levemente para fora. Também esta peça singular foi colhida na aldeia da barra do Tapirapé.

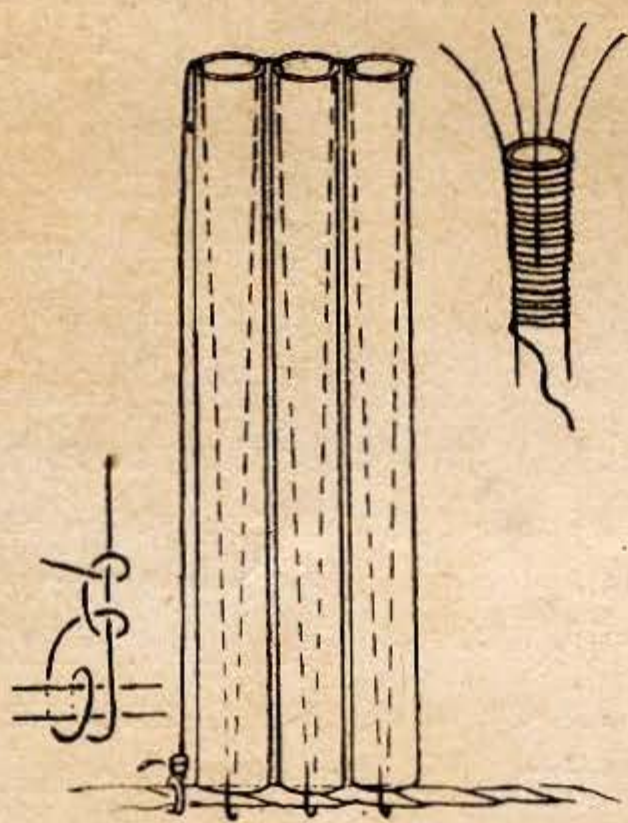



FIG. 78

Construção do diadema rijo de taquara.

Num outro diadema (*odjí*), também proveniente dessa aldeia, o cordel é guarnecido de pequeno caniços de taquara fixos, lado a lado, em posição vertical por meio dum segundo cordel, que correndo alternadamente de cima para baixo e de baixo para cima, pela cavidade do caniço, é fixado sempre ao primeiro cordel. Além disso, provêm-se os caniços de cerrada ligadura de fio de algodão preto e

branco que corre diretamente dum caniço a outro, prendendo-os firmemente entre si. Nas aberturas superiores dos caniços colocam-se penas de papagaio vermelhas e amarelas (prancha 48, fig. 7; fig. 78). Dêste adereço vi apenas um único exemplar. Assemelham-se-lhe os diademas a que Ehrenreich chama *ahetó* (Beiträge, prancha IX, 5); nestes levantam-se dos caniços longas plumas de arara ao lado das penas curtas, e os bordos laterais divergem em cima, em lugar de se levantarem verticalmente.

Também foi só na aldeia da barra do Tapirapé que vi o aro de Taquara fechado (*andädadú*), guarnecido, em redor, com vermelhas plumas de arara, de 55 cm. de comprimento, fixas em posição vertical (prancha 48, fig. 66).

As *plumas para o occipício* (*waxiwaxidelohí*) eram muito raras. Consistem em longas plumas, algumas das quais geralmente são fixas a um cordel, revestindo-se, às vêzes, os canhões com peninhas de outra côr. O cordel é atado em tôrno do topete, de sorte que as plumas se levantam em posição vertical (veja-se, atrás, o que foi dito sôbre penas para o topete, no capítulo referente ao modo de se usar o cabelo). Plumas semelhantes, prêsas a um barbante colocado em tôrno do pescoço, usam-se na nuca, deixando-se cair sôbre as costas (*djazó — lahedó*).

Um dos adornos mais comuns e vistosos é a *roda do occipício* (lahedó; prancha 49, figs. 2,3). E' usada, como adôrno festivo, pela juventude masculina, mormente nas festas em que se realizam lutas de braço; guardam-na, dobrada, na cesta alongada com tampa. O enfeite completo compõe-se de cinco peças: a roda de plumas, o anel de imbira, a chapa em forma de ferradura, a faixa frontal e as plumas frontais.

FIG. 79

Figura esquemática da fixação da roda do occipício.

Usa-se a roda do occipício do seguinte modo (fig. 79): Atrás da cabeça, amarra-se o cabelo à maneira de topete, atando em seguida também as pontas dos cabelos caídos, de sorte que no occipício se forma um grosso rolete. Em tôrno dêsse rolete coloca-se primeiro o anel de imbira, atando-o em baixo. Sôbre o anel e em tôrno do rolete amarra-se depois a roda, aberta em forma de leque. Consegue-se a feição de roda por meio duma ligadura de vários cordéis que, passando entre as penas, terminam junto às plumas marginais. Para maior estabilidade

serve a chapa em forma de ferradura, que se coloca sôbre a parte central da roda, amarrando-a igualmente em tôrno do rolete. Destarte, o roda fica prêsa entre o chumaço e a chapa, sendo que aquêle a mantém a suficiente distância do cabelo, enquanto esta a conserva aberta em forma de leque. A roda não forma um círculo completo; a abertura do ângulo varia com os diferentes exemplares. A peça seguinte é a faixa frontal, sôbre a qual se amarram, finalmente, as plumas frontais (prancha 49, fig. 1).

Ehrenreich não tinha percebido bem a maneira de se usar êsse enfeite. Distinguiu duas espécies: primeiro, rodas com uma camada de pequenas plumas de um lado, que êle considerou capas para elmos emplumados; e, em segundo lugar, rodas providas de ambos os lados duma camada de pequenas plumas, usadas transversalmente sôbre a cabeça, ou em tôrno da nuca, à maneira de gola, ou, ainda, como complemento das penas do topete. A segunda e a última dessas quatro hipóteses são as que mais se aproximam da realidade. A existência da camada de pequenas plumas de um só ou de ambos os lados não influe no modo de usar. Os índios gostam de cobrir as bases das penas com camadas de plumas; e como no modo de usar acima descrito são visíveis as duas faces, explica-se fàcilmente a existência do revestimento de ambos os lados, ao passo que a sua existência de um só lado, sempre o anterior, talvez provenha do fato de que na outra face os canhões da pena são cobertos pela chapa em forma de ferradura.

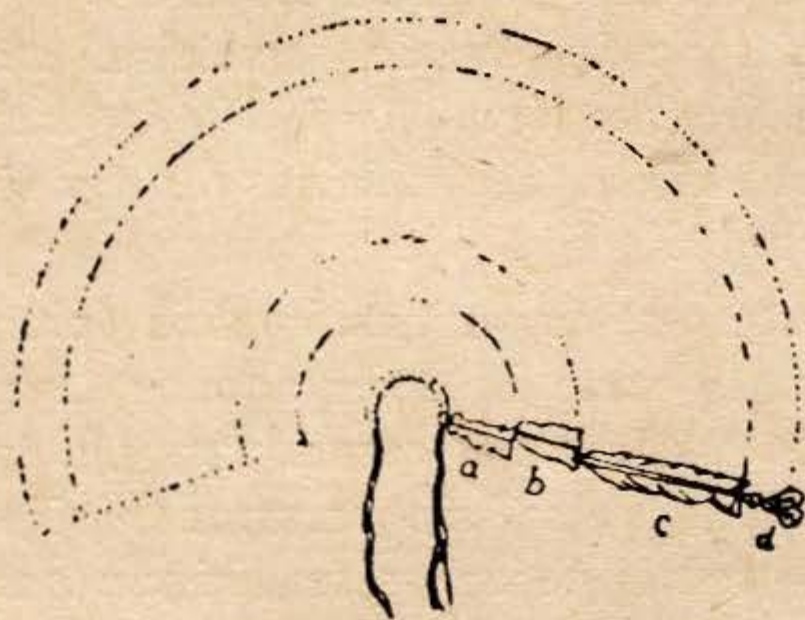



FIG. 80

Figura esquemática da roda do occipício.

As rodas de plumas (*lahedó*) consistem em longas plumas enfiadas num cordel (veja-se fig. 80, camada c) e, além disso, ligadas entre si por vários cordéis que correm por tôda a roda, saindo nas duas extremidades do leque, onde são atados de sorte que a roda se conserve aberta. O conjunto é tão elástico que se pode curvá-lo em forma de cartola com a face anterior virada para fora; é dêsse modo que são guardados (prancha 50, fig. 4). Nas bases das penas aplicam-se camadas de revestimento: a inferior (camada b) de plumas mais compridas, é sempre de côr verde e preta, enquanto a superior (camada a), mais curta, é

geralmente de plumas de papagaio esverdeadas. Nas extremidades superiores das penas da camada *c* são fixas pequenas plumas de papagaio amarelas ou multicores. Ora prendem-se diretamente ao canhão por meio duma ligadura de fio de algodão (prancha 49, fig. 2), ora assentam numa haste que, encostando-se à face posterior dos canhões das penas compridas, sobressae a estas; na parte superior, a haste é envolvida com uma ligadura de algodão não preparado, tendo na extremidade as pequenas plumas (prancha 49, fig. 3). As hastes têm às vêzes o duplo comprimento das penas compridas. Sôbre a combinação das côres, veja-se adiante a parte relativa à técnica da plumagem.

Os aneis de imbira são formados dum chumaço de imbira envolvido com uma cerrada ligadura de largo fio de imbira. O chumaço é curvo em forma de U, tendo nas pontas, como atilhos, cordéis torcidos de imbira (prancha 50, fig. 3). Obtive três exemplares, cada um designado com outro nome: *ähäwó, dolahunaní, axikloró.*

As chapas em forma de U são de dois tipos: ora feitas de madeira (*ähäwó;* prancha 49, fig. 5, espécime proveniente da aldeia da barra do Tapirapé); ora consistindo em finas talas de taquara, colocadas uma sôbre a outra com a face plana, em seguida arqueadas em forma de U, e finalmente entrançadas com cordéis pretos de algodão, de modo a formarem uma chapa resistente (*lahidolahunaní, ahedólalin* (*o*); prancha 49, fig. 4).

Distinguem-se igualmente dois tipos de faixas frontais. O primeiro consiste em largas faixas de imbira de gameleira, com plumagem branca colada na face externa (*ambulótä, idulá;* prancha 50, fig. 2); o segundo, em pretas e estreitas faixas de algodão trançado (*woliedakán* (*a*); prancha 50, fig. 1).

Sôbre as faixas frontais amarram-se as plumas frontais (prancha 50, fig. 5 a — e). Consistem num fio reforçado ou numa vara em que são fixas duas hastes emplumadas com longas plumas terminais pretas. Por meio duma ligadura, são amarradas sôbre a faixa frontal, de tal modo que os dois penachos se dirigem para a frente, em posição horizontal.

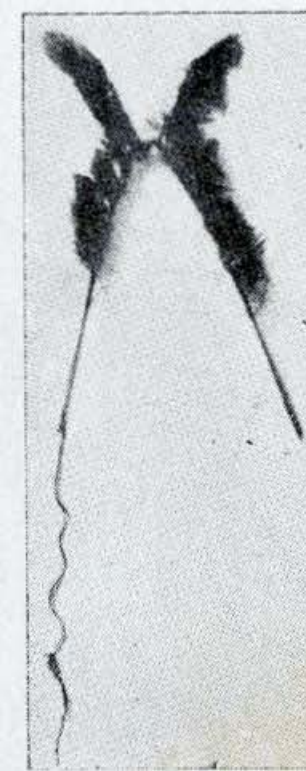
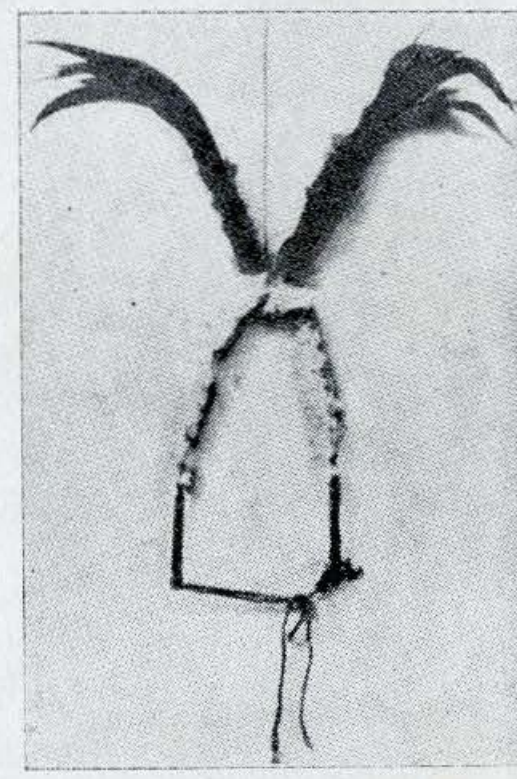
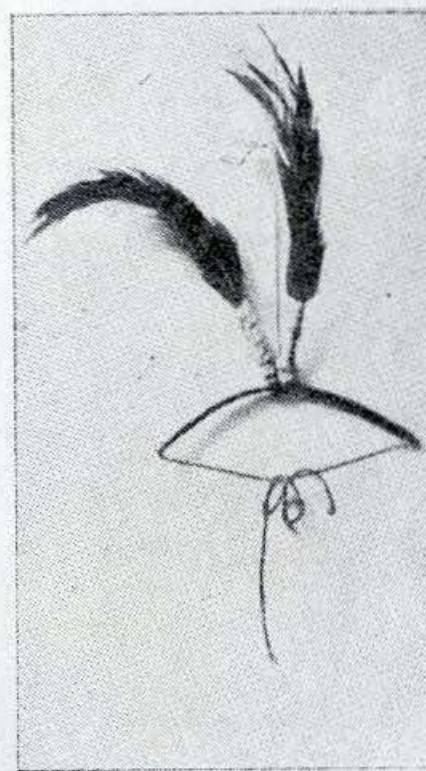
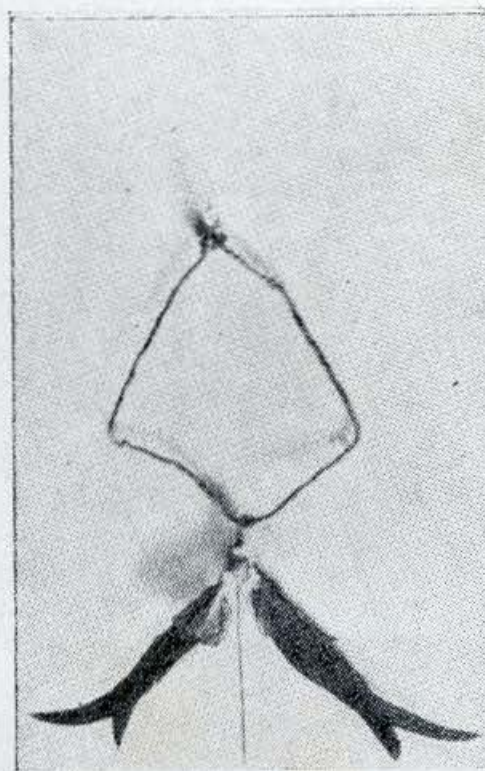
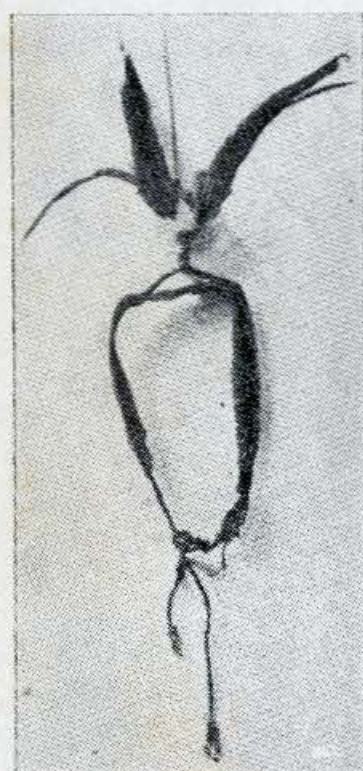
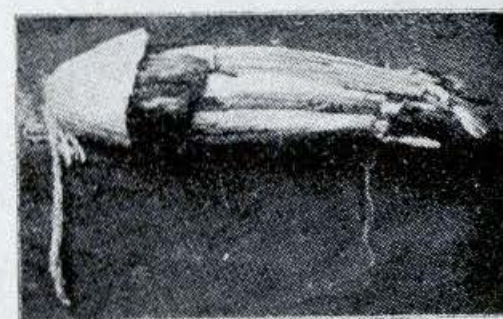
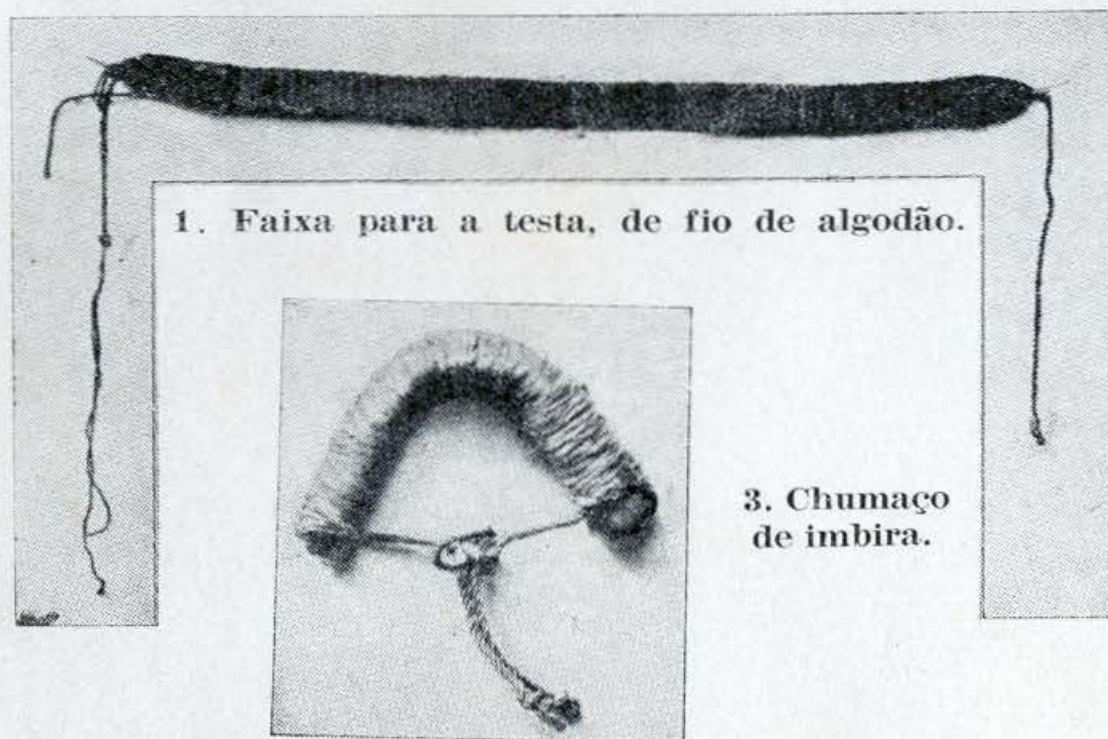
Um dos espécimes consiste, como a faixa frontal, numa faixa trançada de algodão; na frente, é fixo horizontalmente um pequeno cordel envolvido com grossa ligadura e ostentando uma vareta revestida de algodão não preparado, a qual se divide em dois ramos. Cada ramo é envolvido com penas amarelas de papagaio, de cujo meio se salientam longas plumas pretas (nome: *kodxulukú — wadjió*).

1. Faixa para a testa, de fio de algodão.

2. Faixa para a testa, de imbira de gameleira.

3. Chumaço de imbira.

4. Roda do occipício, dobrada (para guardar).

a b c d e

5 a-e. Plumas para a testa. São amarradas sôbre as faixas (1 e 2).

Num outro exemplar, os penachos assentam num longo fio revestido de algodão; num terceiro, assentam até numa varinha revestida. Talvez se devam classificar também como plumas frontais dois outros adereços, que terminam em penachos semelhantes. Um dêles consiste num caniço arqueado em forma de U, com as pontas ligadas por meio de atilhos. E' revestido de espessa ligadura de cordel de algodão, sôbre a qual se encontra ainda uma atadura de algodão não preparado. Na frente assentam dois penachos de varinhas emplumadas com penas vermelhas e longas plumas terminais pretas. O outro é formado de um caniço envolvido, em dois pontos, com pluminhas vermelhas fixas em sentido oposto. Na parte central, livre, amarram-se dois pequenos caniços guarnecidos de pluminhas vermelhas e amarelas, e penas terminais mais compridas, de côres vermelha e verde.

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

FRITZ KRAUSE

(Tradução de Egon Schaden)

2.ª parte: Resultados científicos

5. *Enfeites*

(continuação)

Um adorno bem caraterístico é o elmo de plumas (*ladeniná*, prancha 43). Ehrenreich, que o reproduz na prancha IX, 5, de sua obra "Beiträge", chama-o de *tatenera*. Os exemplares de Ehrenreich são incompletos, pois o manto não é emplumado, estando apenas parcialmente revestido de plumagem branca. O meu exemplar consiste num trançado de imbira em que estão coladas penas de papagaio vermelhas. O bordo inferior é enfeitado com plumagem branca. Em cima encontra-se um anel formado de pequenos tubos verticais, em que estão enfiadas longas penas de arara vermelhas. Esses tubos não estão, no meu exemplar, cobertos de nenhum adereço, ao passo que nos de Ehrenreich se observam, abaixo dos tubos, quatro cordões de plumas, amarrados, um acima do outro, em torno do colo estreitado, distando um do outro umas duas ou três larguras dum dedo, e cobrindo parcialmente os tubinhos.

Pertencia êsse elmo a um filho do cacique, que o usava simultaneamente com os pingentes para as orelhas e para o pescoço reproduzidos na mesma prancha. O pingente para as orelhas com-

põe-se de uma tulipa de penas multicores de papagaio (*kuädjú*), de cuja haste pendem dois cordões de missangas alvacento-vermelhas, cada um guarnecido na extremidade de um fruto de Thevetia do qual se salientam pluminhas vermelhas de diversos comprimentos. O pingente para o pescoço é formado de quatro borlas que caem sôbre a nuca (nohõzá), feitas de algodão preto e passadas sôbre conchas de caracol. Os dois cordéis não são ligados por meio de nós, mas correm paralelos um ao outro, tendo na parte correspondente ao lado anterior do pescoço sete cordões compridos de missangas iguais às do pingente para as orelhas, e apresentando também na extremidade a mesma espécie de frutos com pequenas plumas.

É original a lagarta de plumas de uma menina e oriunda igualmente da aldeia da barra do Tapirapé (prancha 51, fig. 1). Para êsse adereço deram-me o nome de *dadulá*, palavra que talvez não fosse bem entendida, devendo ser *tabolá* (cera). Pois a parte principal do objeto é um pedaço de cera da forma dum enorme grão de feijão com a base achatada. Êsse pedaço de cera é completamente revestido de pluminhas vermelhas, e do seu bordo superior levantam-se cinco plumas de arara vermelhas e compridas. Em torno dêsse centro correm, ocultos, vários cordéis pretos de algodão, cujas longas extremidades caem dos dois lados, servindo de atilho jugular. Usa-se o adorno na cabeça, o eixo longo dirigido da frente para trás, à semelhança dos elmos bávaros em forma de lagarta (prancha 51, fig. 2).

Além dêsses, não vi outros adornos para a cabeça. Todavia Kuruxí me contou que costumam amarrar, como enfeite, em torno da cabeça, as folhas vermelhas duma planta, fato que, porem, não observei pessoalmente.

Enfeites para o pescoço. Para adornar o pescoço, costumam-se usar, atualmente, colares de missangas. O enfeite antigo consistia em colares de frutos de Thevetia (*malaní;* prancha 51, fig. 3 a) e em outros formados de frutos cinzento-azulados (prancha 51, fig. 3 b). Estes frutos chama-se *ixiulaní*. Disseram-me que o arbusto em que crescem é cultivado na plantação. Nos colares feitos dêsses frutos ensartam-se, às vêzes, também outros frutos, de cor preta. Os colares de frutos são usados geralmente por mulheres e crianças, de preferência pelas meninas.

O enfeite moderno consiste em missangas de vidro, de que se fazem colares. Também às missangas se dá o nome de *ixiulá*. Os índios aceitavam as de todas as cores, mas geralmente apreciavam pouco as verdes. As modas variavam por completo de uma al-

deia para outra: nesta se preferiam as missangas grandes; naquela, as miudas; numa, as brancas e transparentes; noutra, enfim, as azues, pretas ou vermelhas. Todas as espécies eram primeiro examinadas quanto à fragilidade, rejeitando-se imediatamente as que não resistiam a uma mordida. Como unidade de barganha serviam enfiadas de umas cem missangas miudas. As crianças e as mulheres punham-nas ao pescoço assim como as recebiam, enquanto os meninos e rapazes as transformavam conforme o seu gosto.. Ensartavam as missangas em vários cordéis hozizontais dispostos paralelamente e ligados em vários pontos por meio de fios perpendiculares. O colar assim obtido fechava-se na nuca. Ajustava-se bem ao pescoço. As várias cores eram dispostas em grupos alternados, mas de tal modo que o branco formava o fundo (prancha 36, fig. 2). Às vêzes guarneciam-se ainda os colares de pingentes de várias espécies.

Os demais enfeites para o pescoço consistiam em cordéis de algodão. Ou eram colocados, pelos homens, várias vêzes em torno do pescoço, e neste caso eram de cor preta, ou eram um barbante simples guarnecido de pingentes. Êstes eram formados, às vêzes, de ossos cervicais (?. *buhänauní*) do boto. Tinham um aspecto realmente perigoso as crianças, sobretudo meninos, que usavam no colar cacos de pratos de porcelana multicores, às vêzes metade de um prato e com o bordo quebrado dirigido para o pescoço (1).

Há três espécies de *adornos para os braços*. Em primeiro lugar, pulseiras com molhos de penas fixados num ponto; em segundo, braceletes de ligadura trançada, com várias camadas de penas e, finalmente cordéis finos com pingentes de toda sorte. São usados no braço (*derozí*) e no antebraço (*didexí*), atrás do punho; com êles enfeitam-se os jovens de ambos os sexos em ocasiões festivas.

A fig. 1 a-c da prancha 52 representa braceletes, com molhos de plumas, para o braço (parte superior). O enfeite de plumas consiste em rosetas com longas peninhas terminais no meio, ou em molhos de penas isoladas, presas a unhas de animais.

A fig. 2 a-c da prancha 52 representa braceletes, para o antebraço, com camadas de penas. O de número 2 a consiste numa faixa de algodão apoiada sôbre a borda estreita, com duas camadas de penas multicores, presas, uma acima da outra, por meio de cordéis especiais, a uma das faces largas. O de número 2 b apresenta duas camadas de penas, presas, uma acima da outra, de cada

(1) — Esses pingentes já os menciona Rufino em 1846-47, referindo-se aos Xambioá. Rev. Trim., 10 (1848), pág. 196).

lado do cordel retorcido; a inferior é de penas amarelas e mais compridas, e a superior de penas vermelhas e mais curtas (podadas). No bracelete de número 2 c estão atadas, por meio de nós, ao cordel trançado, penas multicores de papagaio formando uma camada larga, sôbre a qual caem quatro frutos de Thevetia.

Em simples braceletes de cordéis usam-se, como pingentes, frutos de Thevetia, ou pequenos frutos trigueiros, conchas de caracol ou unhas de animais em que se costumam fixar penas, pauzinhos emplumados ou molhos de fois de algodão. Convem notar que os pingentes de conchas de caracol e de unhas são sempre de três peças (prancha 52, fig. 3 a-f).

Ehrenreich trouxe (Berlim 3729) cordéis ligados com varinhas transversais, e guarnecidos, na extremidade, com frutos de Thevetia, bem como pingentes de grandes frutos vermelhos; não vi nenhuma peça assim, nem os braceletes, trazidos por Ehrenreich, que consistem em pele de onça e de jaguatirica, com pingentes de penas de papagaio ou de arara (*deolanä*); nem tão pouco, como Ehrenreich, as faixas existentes em antigas coleções brasileiras e formadas de ossos de ave dispostos paralelamente.

a b

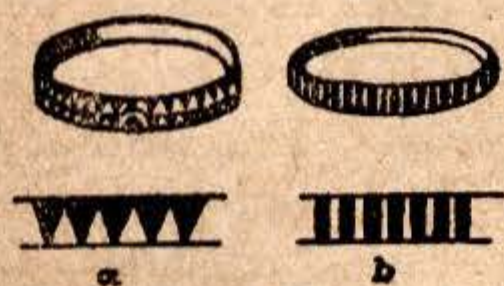
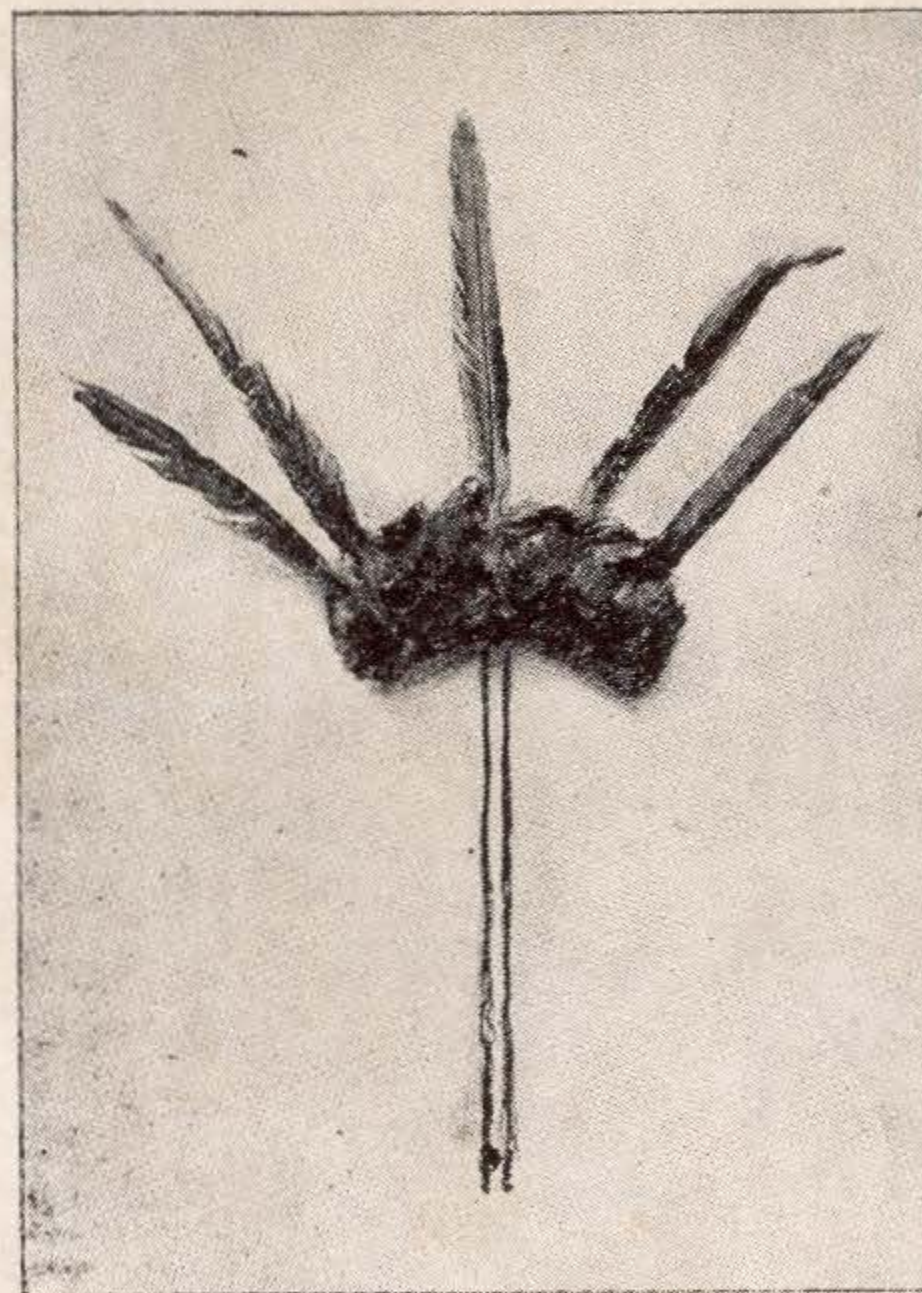
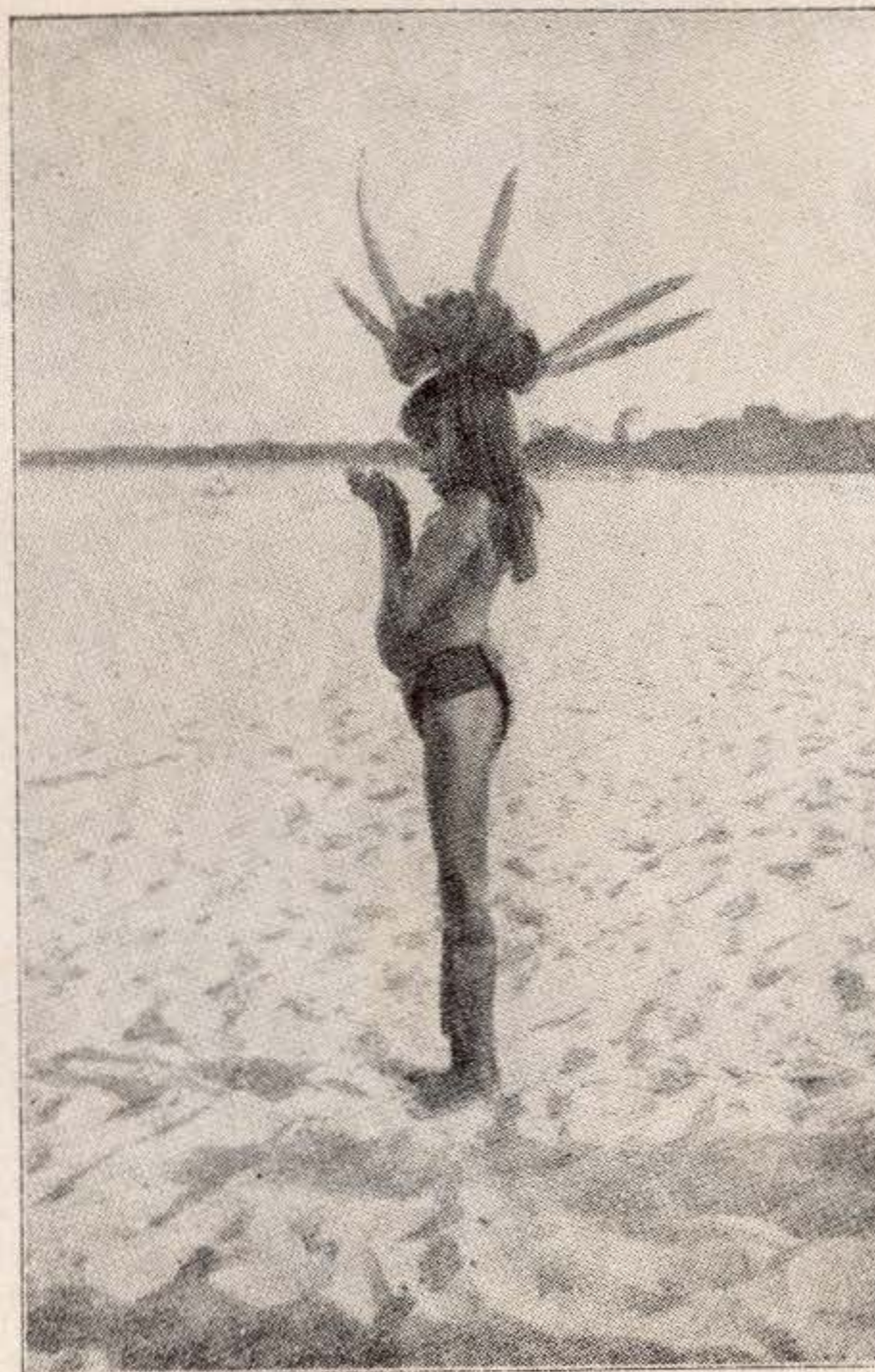
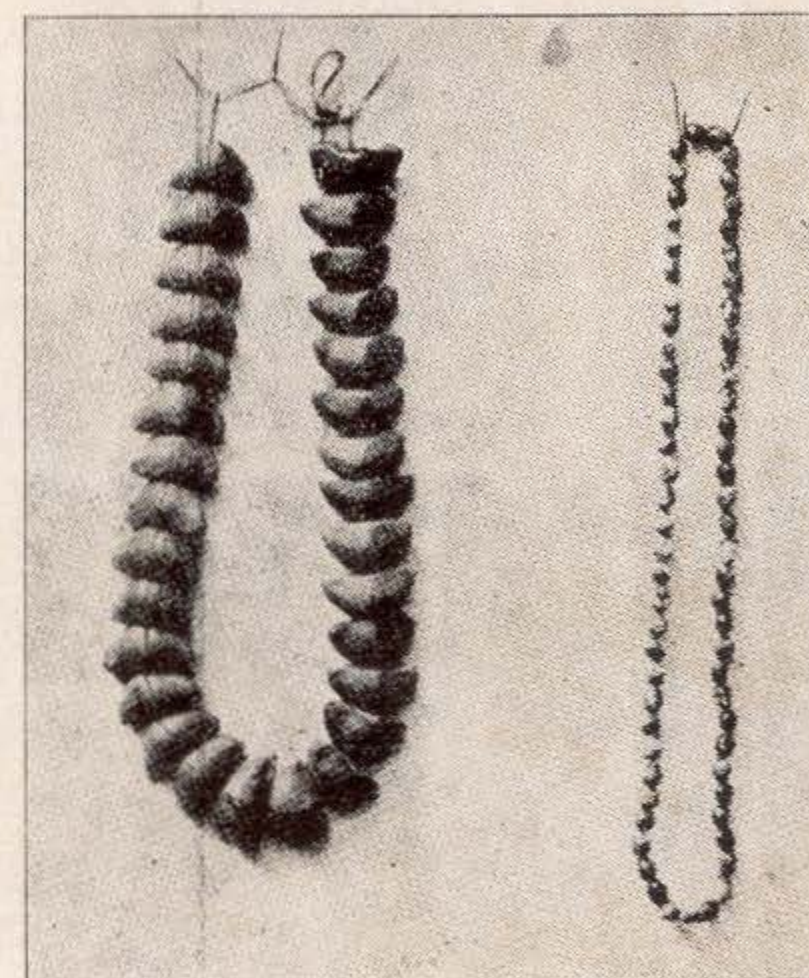



Fig. 81 a, b

Anéis para os dedos feitos de anéis da cauda, a) do camaleão, b) da lagartixa teju.

Pessoas de ambos os sexos e de todas as idades usam, como *anéis* (däbo = mão, dedo), estreitas faixas tiradas dos anéis caudais das lagartixas. Distinguem-se dois tipos: anéis da cauda do chamado camaleão (*kulá*), em que são obliquos os bordos das escamas, e anéis da lagartixa tejú (*wadälé*), em que as escamas têm bordos verticais (fig. 81). Um tipo é quasi tão frequente como o outro.

As criancinhas ostentam às vêzes o *corpo*, bem como os braços e as pernas cobertos de delicadas pluminhas brancas, fixadas por meio duma resina clara. Uma criança tinha essa plumagem no braço e nas panturrilhas; como as pluminhas já estivessem sujas, ela parecia atacada de tinha. É semelhante o tratamento dispensado aos defuntos (veja-se aí mesmo).

Como *adorno dos quadrís* existem apenas os cintos usados pela juventude masculina por ocasião das danças. Os cintos ora são de plumas, ora trançados de algodão, com desenhos, e guarnecidos de pingentes de toda espécie.

1. "Lagarta" de plumas.

2. Modo de usar a "lagarta" de plumas.

a b

3. Colares: a) frutos de Thevetia
b) frutos de "ixiulaní"

Os cintos de plumas consistem em longas plumas de ema presos a dois cordéis (fig. 82). Vi apenas dois exemplares desse tipo, ambos na aldeia karajá do interior da Ilha do Bananal, onde eram usados por jovens como adereço de saudação.

Fig. 82
Cinta de penas de ema.

Os cintos trançados, com desenhos, de algodão preto e branco, com pingentes os mais variados (*wädakána*) são usados pela juventude masculina de preferência na luta de braço, e fora disso raramente. Os pingentes são muito variados (prancha 53, figs. 1-5). Usam-se muito pequenas hastes emplumadas ou rosetas com longas plumas terminais; êsses adereços pendem de compridos fios presos ao bordo inferior do cinto e dispostos em longa série. É especialmente bonito o arranjo dos pingentes no cinto da fig. 4: as hastes emplumadas, com peninhas terminais brancas, alternam com outras guarnecidas de molhos de fios vermelhos; pode-se dizer o mesmo do cinto da fig. 5, onde as hastes com rosetas vermelhas e amarelas e penas terminais da mesma cor alternam com frutos de Thevetia presos a um cordel especial e dispostos, à maneira de girândola, em grupos de três ou quatro, os dois do meio ainda, cada um, com duas longas plumas de arara vermelhas. A guarnição do cinto da fig. 1 é muito primitiva; compõe-se de algumas hastes emplumadas, pingentes de Thevetia e um guizo de cascavel.

Não vi cintos feitos totalmente de frutos de Thevetia, como os menciona Ehrenreich (veja-se, porem, o capítulo sôbre os Kayapó).

Como *enfeite para as pernas*, Ehrenreich menciona (Beiträge, pág. 24) ataduras com madeixas de fios guarnecidos de guizos e de molhos de penas; as madeixas são espaçadas por meio de pauzinhos horizontais, revestidos de penugem (*ibid.*, prancha X, fig. 4). Dêsse adôrno para danças não vi nenhum exemplar.

6. *A alimentação*

Baseia-se o sustento dos índios Karajá na cultura de plantas alimentícias e na pesca. São pouco importantes a colheita de plantas silvestres e a caça, faltando completamente a criação de animais domésticos para alimentação, porquanto os animais existentes nas aldeis servem sòmente como fornecedores de plumas ou para passatempo.

No campo como na mata são bastante escassas as plantas silvestres de valor alimentício, ao passo que as plantações feitas sôbre os barrancos do rio geralmente fornecem boas colheitas. A terra é, além disso, relativamente pobre em animais uteis; das poucas espécies que se poderiam caçar, os índios não costumam comer nenhuma, com exceção, talvez, do porco-do-mato. São muito numerosas as aves; além do mutum, os índios, no entanto, não parecem perseguir nenhuma delas. Por conseguinte, é a água que deve fornecer a alimentação principal. O rio é extremamente piscoso e rico em tartarugas; em todos os pontos, nos lugares rasos, nas profundezas, nas lagoas e sobretudo nos afluentes encontra-se uma surpreendente abundância em peixes. Todavia não se aproveita também completamente esta riqueza, pois algumas espécies de peixes são desprezadas.

A. A OBTENÇÃO DOS ALIMENTOS VEGETAIS

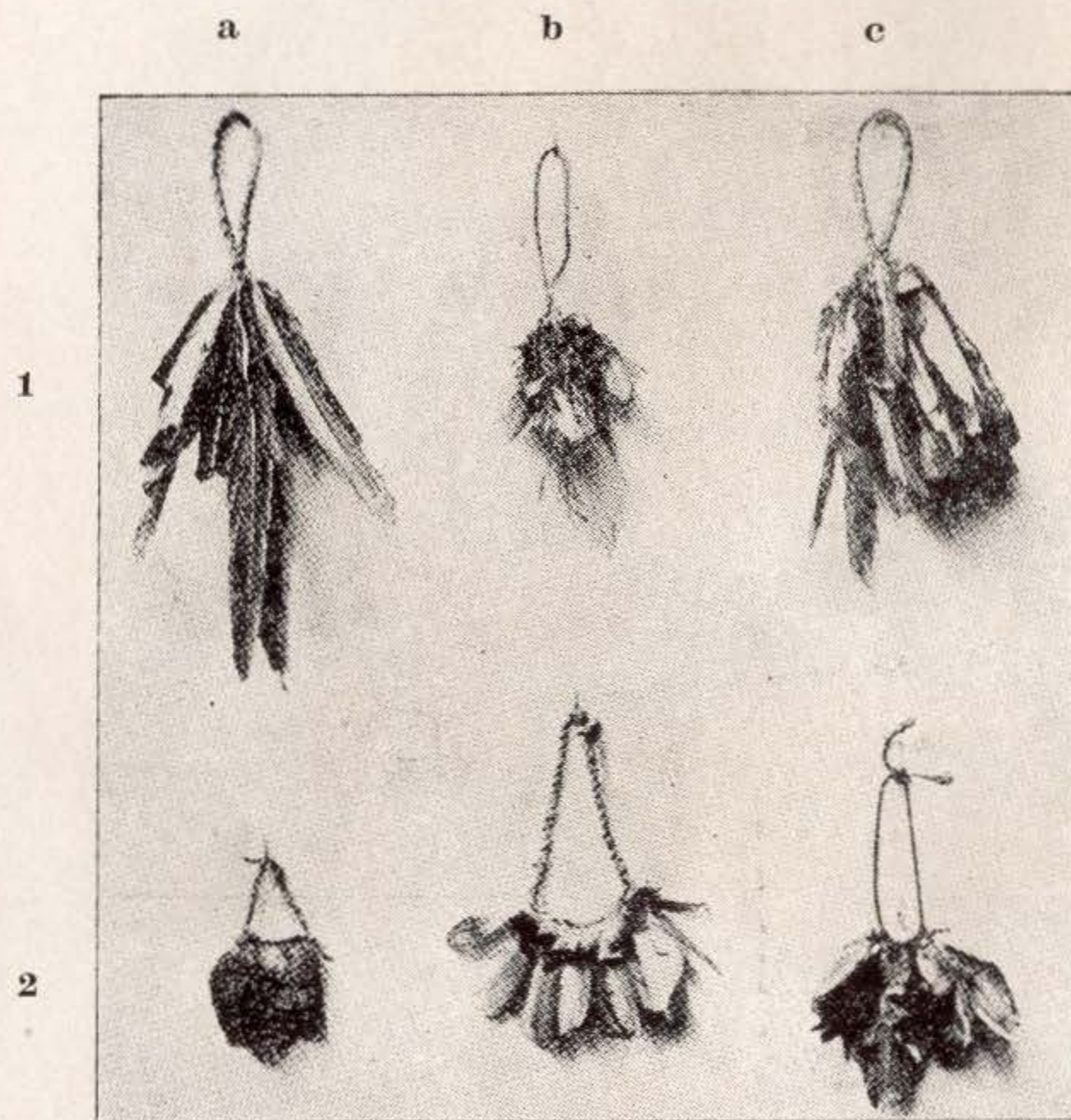
A colheita de plantas e frutos silvestres cabe sobretudo às mulheres, enquanto os homens se ocupam, antes do mais, com a obtenção dos alimentos de origem animal (2). Entram em consideração: os pequenos frutos *oitú*, que se procuram no mato durante a primeira quinzena de outubro; a melancia (*kubläké*), que cresce nos bancos de areia nos lugares em que estes se ligam à praia. Os índios conhecem perfeitamente os bancos em que crescem melan-

(2) — Essa divisão de trabalho é antiquíssima. Na lenda: Como os Karajá obtiveram a mandioca, conta-se que o pai não notaria o furto do milho por entender apenas de pesca (veja-se aí mesmo).

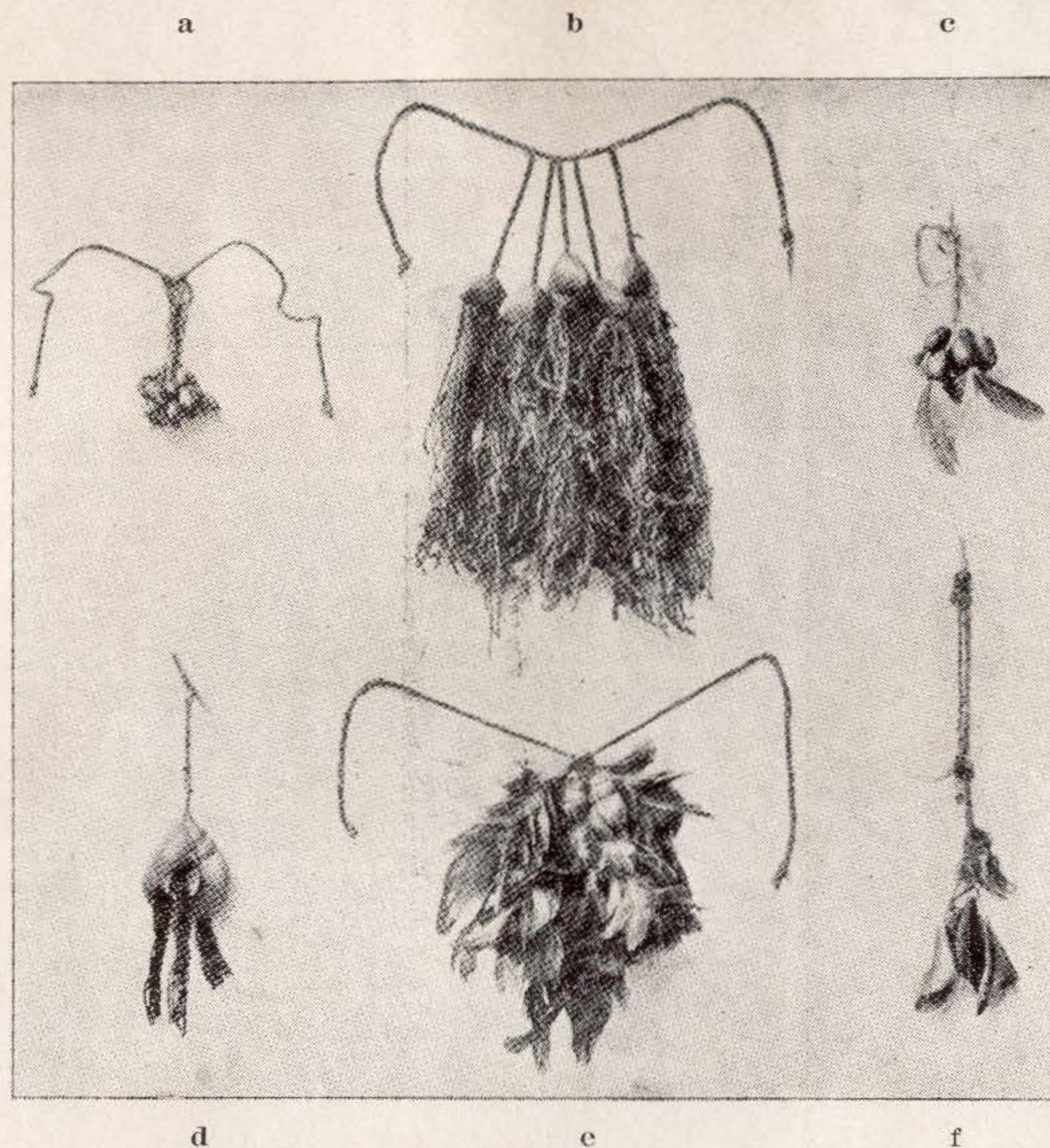
a b c

1

2

a b c

1. Pulseiras com molhos de penas.
2. Pulseiras com camadas de penas.

a b c

d e f

3. a-f. Vários adereços para os braços.

cias, recolhendo-as já em fins de outubro, antes de complemente maduras. Consomem-se os seguintes frutos de palmeiras: do tucum (*hälú*), do chamado coqueiro (*ahandéte*) e da palmeira oaguassú, cujos bagos, depois de torrados se chamam haulenidó. Comem-se igualmente os frutos do jatobá (*kuwä*) e os do genipapo (*banedá*). A um outro fruto, de que se faz uma comida de cor preta, dava-se o nome de *adomó;* é colhida em começos de outubro. Ehrenreich menciona ainda os seguintes: cajú, jaboticaba, pitanga e bromeliáceas; Königswald acrescenta a mangaba. Todavia não vi nenhum destes frutos nas aldeias dos índios. Como legume consome-se o mormão (*dadedáli*), apanhado em fins de outubro; dizem, porem, desprezar, por muito venenosa, a mandioca do mato (*azó*).

Cultivam-se as seguintes plantas alimentícias: a mandioca venenosa (*andjiulá*) e a mansa (*i(i)lú*); quatro espécies de milho: *mái*, *dolimé* de grão grande e redondo, *izelalá* de grão redondo, *maiduzó* de grão vermelho; batata doce (*koderuti*) e cará (*kará*). Das frutas cultiva-se provavelmente a banana. Verde, ela se chama *jadanabé*; madura, *jadazó*. Só duas vêzes, ambas em princípio de julho, obtive bananas em aldeias indígenas; em plantações nunca as vi. Talvez existam sòmente em determinados lugares, como, p. ex., segundo informações dos brasileiros, no território dos Xavajé da Ilha do Bananal, donde, aliás, esta teria recebido o seu nome. Laranjas (*naladjá*) não vi em parte alguma. Königswald menciona ainda as seguintes frutas: cucurbitáceas, melancia, abacaxí e cana de açucar (*ma(i)tí*). A cucurbitácea não serve para alimento, mas apenas para a fabricação de vasilhames; a melancia é apanhada quasi sempre onde cresce livre na natureza, sendo, certamente, poucos os casos em que é cultivada; uma única vez encontrei, na horda meridional, uma família que conservava sementes dessa planta num pacotinho de imbira. É certo que não se cultiva o abacaxí, nem tão pouco vi cana de açucar. Se a possuissem, não me teriam pedido açucar com a insistência com que o fizeram. Afirma Ehrenreich que durante a estiagem se enterram, nas praias arenosas, ramos de cana de açucar; trata-se, porem, de colmos de mandioca e de milho.

Das plantas fornecedoras de condimentos ou estimulantes, cultiva-se a pimenta (*kaxiwerá*) e o fumo (*koti*).

Além disso, encontram-se nas roças, como plantas de valor industrial, o algodão e o porongo; como fornecedores de material de adorno, os arbustos de *ixiulá* (*para colares*) e o urucuzeiro; e, finalmente, um grande número de plantas medicinais.

A época do plantio abrange, mais ou menos, os meses de setembro e outubro; chama-se *bolahúa* (3). Os índios se guiam pelas plêiades (*bolebedó* = periquitos): quando estão baixas, é tempo de plantar mandioca, e quando estão um pouco mais altas, planta-se o milho. O algodão, a batata doce e o urucú são plantados apenas no período de muitas chuvas, i.é, nos meses de novembro e dezembro. Com estas informações prestadas pelos índios coaduna-se o fato de eu os ter encontrado muitas vêzes ausentes da aldeia no mês de outubro; estavam às vêzes a várias jornadas de distância, ocupados em fazer a roça. Elevadas colunas de fumaça indicavam a direção em que estavam trabalhando. Costuma-se fazer a plantação a grande distância da aldeia, sôbre terrenos elevados livres das enchentes. Até o ponto em que é possível, os índios vão de canoa, mas freqüentemente devem vencer ainda grandes distâncias a pé, até alcançarem a roça. De algum tempo para cá, começam a fazer as plantações no interior da ilha do Bananal, porquê aí, como dizem, são muito boas as colheitas. Um cacique, Korumaré, já se transferiu definitivamente para as margens do rio que corre no interior da ilha. O cacique Fotuna não encontrei no interior da ilha no dia 9 de outubro; entrara pela Ilha do Bananal, a uma distância de duas jornadas, para aí fazer a sua roça nova. Também outras aldeias pareciam considerar o plano de mudar para o interior da Ilha Bananal.

Cabe aos homens preparar o terreno para a roça; parece, entretanto, que nisso os auxilia a juventude masculina. Cortados os arbustos, tira-se a ramagem das grandes árvores da mata, derrubando-as em seguida; este trabalho era feito antigamente com machados de pedras, agora substituídos pelos de ferro. Pedaços grandes de lenha se levam à aldeia para queimar, no restante ateia-se fogo, logo que esteja seco. A seguir, fazem-se, entre as árvores derrubadas, pequenos canteiros, baixos e redondos, onde se plantam três ramos de mandioca, dispostos em forma de triângulo e com a rama ensarilhada (fig. 12). Para cavar a terra, formar os canteiros e abrir as covas usa-se um utensilio semelhante a uma pá (*maulé* ou *idjoló*). Consiste numa vara grossa, afilada numa das extremidades, e terminando em pá, na outra (fig. 83). Com este lado

Fig. 83
Utensílio de plantar dos Karajá.

(3) — Cruzeiro do Sul?

remove-se a terra e formam-se os canteiros, ao passo que a ponta serve para afofar a terra, fazer as covas e desenterrar as raizes. Os demais vegetais não sei como se plantam; nas roças que atravessei e que já estavam na época da colheita, pareciam plantados sem qualquer ordem. Cresciam tão próximos uns dos outros, que era difícil avançar pela estreita vereda. A altura das plantas (3-4 m) não permitia uma visão de conjunto, ao contrário do que se dava com a roça dos Kayapó, onde os diferentes vegetais estavam distribuidos em grupos bem separados, de modo que era possível distinguir tudo claramente.

Pela divisão de trabalho observada na roça, os homens devem preparar o terreno e plantar mandioca e cará, enquanto o plantio do algodão, do milho, da batata doce e do urucú é tarefa da mulher.

As plantações parecem ser feitas de tal modo que as famílias ou aldeias trabalham em uma roça; embora pareça existir, não me foi possível verificar uma divisão das plantações segundo as várias famílias.

Cada um amanha o seu campo; os irmãos costumam trabalhar juntos. Adoecendo um deles, é substituido por um parente. Neste caso, ou quando se precisa de outro auxílio, divide-se a safra em duas partes, ou paga-se o colaborador com flechas, potes, lanças, cobertas, machados, algodão fiado, etc. As viuvas com filhos adultos tem a roça feita por estes; caso contrário, ela pede ao cacique que mande alguem plantar para ela. Êle então incumbe deste dever a um dos homens da aldeia, pagando-o.

As roças não são protegidas contra estragos. Situadas no meio do mato, sem qualquer cerca ou sebe, são expostas aos animais, sobretudo aos porcos e às aves, que destróem muita coisa. Perseguem-se esses inimigos das plantações, enxotando as aves sobretudo por meio de gritos.

Logo que os gêneros amadurecem, inicia-se a colheita. Não é feita de uma vez, mas vão se buscar, todos os dois ou três dias, os mantimentos necessários para este espaço de tempo. É raro encontrarem-se provisões maiores nas aldeias. Esse costume dificulta sobremodo uma longa estada nas aldeias, porquanto os índios não as abandonam, enquanto aí se encontram estranhos (4), e vão

---

(4) — Este costume já o observou Fonseca em 1773. Os Karajá possuiam somente poucos gêneros alimentícios, porque os Chavante lhes saqueavam as plantações e eles, por isso, não se arriscavam a ir até lá. Nem tampouco se aventuravam a sair para a caça ou para a pesca durante a permanência de Fonseca, nem ir às roças em companhia dos soldados deste, de medo que, enquanto estivessem fora, ele pudesse entrar nas aldeias, o que até então lhe haviam vedado. Rev. Trim. 8, pág. 385.

gastando as suas provisões, de maneira que em dois dias está tudo consumido; o forasterio se vê então obrigado a fornecer-lhes mantimentos ou a acompanhá-los à roça ou, finalmente, a seguir viagem.

São, de ordinário, as mulheres que vão buscar os produtos na roça. Põem-nos em grandes cestas de carregar (*behulé*), feitas de duas folhas de palmeira: as raquis constituem as varas longitudinais, enquanto as pínulas de um lado, espessamente entrançadas umas nas outras, formam o fundo, e as dos outros lados, trançadas separadamente, um bordo à maneira de grade (prancha 57, fig. 1; a cesta tem 116 cm. de comprimento por 34 de largura e 17 de altura). Às vêzes entrança-se também cerradamente o bordo inferior das cestas (prancha 57, fig. 2). Carrega-se a cesta com duas bandoleiras e uma testeira de imbira resistente. Eleva-se muito sôbre a cabeça, e os índios, transportando a pesada carga, caminham geralmente com o tronco muito inclinado e os joelhos dobrados, apoiando-se, de ordinário, sôbre um bastão (prancha 15, fig. 3). Largas faixas de imbira, amarradas transversalmente, de borda a borda, sôbre a carga, seguram o conteúdo das cestas.

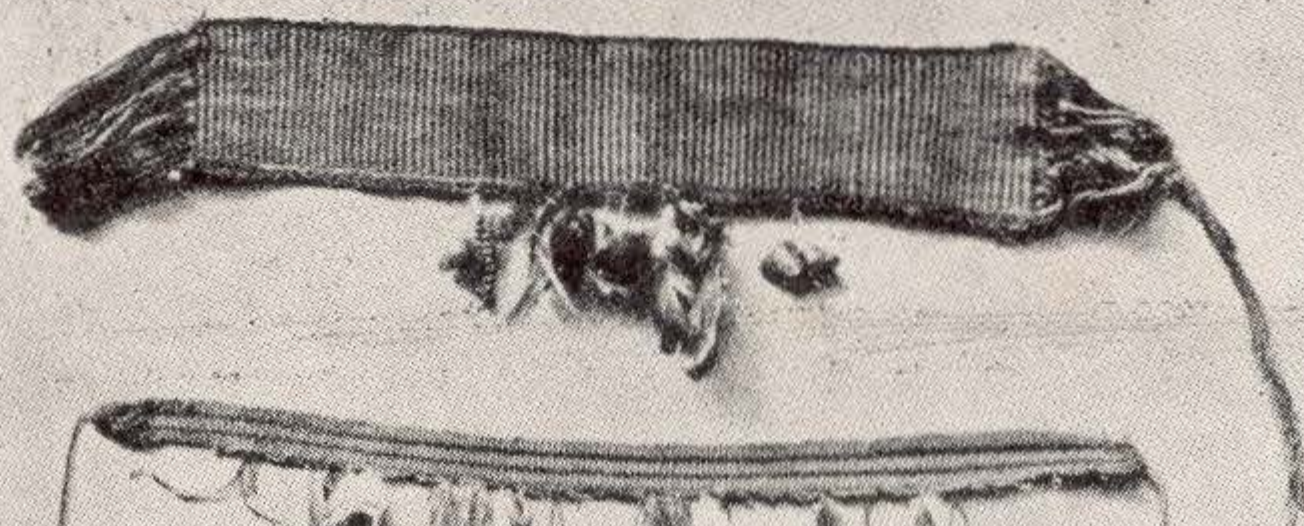
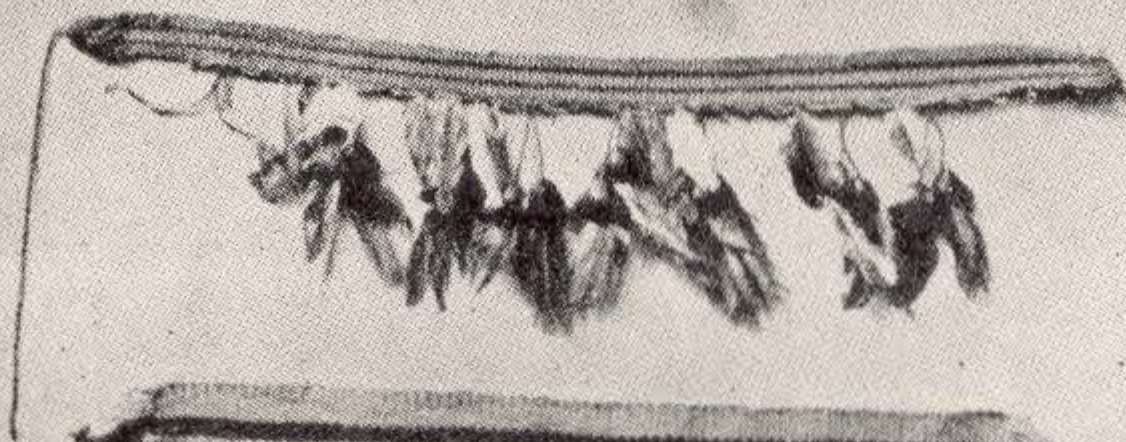
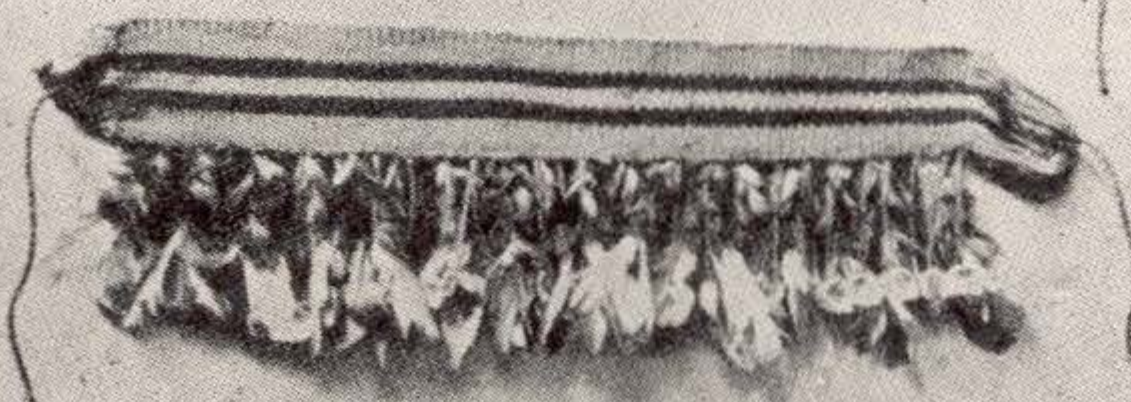
Certamente não se realizam festividades especiais para solenizar a colheita; a época da maduração das roças, em que, portanto, há fartura de mantimentos, é, todavia, o período principal de festas.

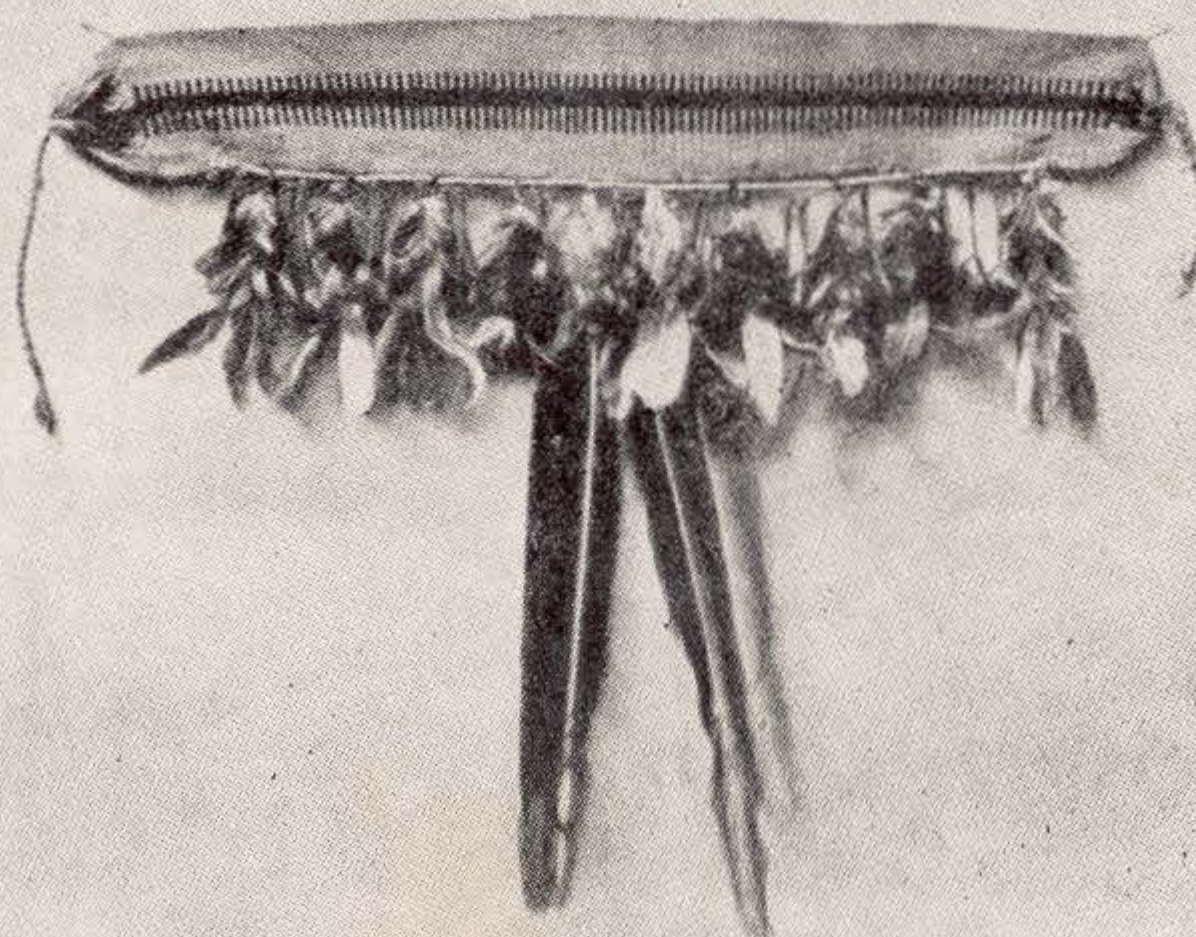
B. A OBTENÇÃO DOS ALIMENTOS ANIMAIS

A obtenção de alimentos animais limita-se à forma extrativa; os índios não chegaram a desenvolver a pecuária.

Embora conservem, nas casas, um grande número de animais, não os aproveitam para o seu sustento, nem os levam a procriar; em substituição aos que morrem, pegam outros, novos, que tornam a amansar. Essa amizade tributada aos animais provem da crença de serem parentes do homem, seres da mesma categoria; acreditam que os animais falam e agem como os homens, apenas de forma diferente. É por isso que se cercam deles, afim de se divertir com o seu comportamento. Sòmente as aves se conservam com finalidades práticas, como fornecedoras de penas; privam-nas repetidamente de sua plumagem, empregada na confecção de enfeites. Os quadrúpedes mansos, bem como as galinhas, andam geralmente soltos; às aves costumam-se podar as asas, ou amarrá-las a uma vara que se encontra sôbre o telhado, na casa ou num abrigo especial (prancha 54, fig. 1). Com certeza faz-se

292 b

1

2

3

4

5

1.-5. Cintos trançados de algodão, com guarnições de plumas.

comércio com aves; pois várias vêzes observei índios em viagem, levando pequenas aves, presas em cuias, afim de vendê-las em outros lugares.

Observei os seguintes animais domésticos:

Animais importados: galinhas [(*h*) *ani* (*k*)*é*], porcos [(*i*) *xa* (*né*)], cães (kjolozá), gatos [(*gah*) *anloené*]. Não se consomem estes animais; os índios nem conhecem o uso dos ovos de galinha (*hanikexí*). Os porcos são muito raros; vi um único grande porco doméstico, sem dúvida alguma conservado apenas a título de curiosidade.

Dos animais originários da região, viam-se muito raramente os macacos [*kalobi* (*déru*), *klaobí*]. Dos animais mencionados por Ehrenreich: capivara, agutí, pecarí, anta etc., não vi nenhum nas aldeias dos Karajá. Mais numerosos são os representantes do mundo das aves. Das araras prefere-se a vermelha (*Macrocercus militaris*), enquanto a de cor azul jacintina (*andädolá*: *M. hyacinthinus*) e a azul e amarela (*bizás M. Macao*) se viam muito raramente. Pousavam, de ordinário, nos telhados das casas. Com maior freqüência observam-se pequenos papagaios verdes *bolobedó* = periquitos; *dolä*), cujas donas, de ordinário meninas de pouca idade, os carregavam empoleirados sôbre a cabeça, ou as pousavam sôbre a mão, para dar-lhes de beber de pequenas conchas. O caracará [*i* (*h*)*i* (*o*) *lé, ilá*], ave de rapina, via-se apenas de vez em quando. As suas penas parecem ser pouco aproveitadas. Conservam-no nas casas certamente por desempenhar um certo papel nas lendas. Muito esporadicamente vi também uma ema nova [*kusä* (*hä*) *wé, nauikié*], uma pequena ave aquática e um pequeno mutum (*kulití*) manso, com as pernas enfeitadas com pequenas "faixas de panturrilhas", de cor vermelha. As demais aves enumeradas por Ehrenreich: garça branca, colhereiro rosa e jaburú, nunca vi mansos entre os Karajá. Nem tão pouco observei nem soube que se amarram pequenas borlas de penas nas asas dos animais, ou que se muda artificialmente a cor de sua plumagem.

Quanto aos répteis e outros animais, encontrei apenas tartarugas, conservadas pelas meninas em pequenas cuias com água, lagartas (os chamados camaleões: *ku* (*u*)*lä*), que, revestidas de pluminhas brancas coladas ao corpo, eram carregadas pelas mulheres na cabeça ou nos ombros, e, finalmente, pequenos jacarés [*kab*(*o*)*loló*], de uns 20 cm. de comprimento, amarrados num cordel preso a uma vara fincada verticalmente na areia, e deitados nas poças rasas à beira das praias arenosas; crianças de pouca idade aproximavam-se, tomando a vara e deixando correr e nadar os animais seguros pelo cordel bem esticado.

Esses animais conservados na aldeia nunca são comidos; para obter a sua alimentação animal, os índios devem recorrer à colheita de produtos naturais e à caça. Apanham-se: tartarugas, ovos de tartaruga, ovos de ema e mel.

Dos quelônios desprezam-se em geral a tracajá e os seus ovos; somente pessoas idosas comem-nos. A época da desova é no mês de agôsto até princípio de setembro; a ninhada contém até 16 ovos, aproximadamente. São de forma alongada, o cheiro e o gosto lembrando um pouco o de óleo de baleia. Em compensação, apreciam-se extraordinariamente a tartaruga (*koduní*) e os seus ovos (*kodunizí*). Afim de apanhá-los, os índios empreendem durante o mês de setembro e parte de outubro, a época da desova desse quelônio, cujas ninhadas contem até 160 ovos redondos, longas viagens em canoas, subindo os afluentes do Araguaia. Examinam-se todas as praias arenosas, para explorar os ninhos, freqùentemente numerosos. (No Tapirapé cheguei a encontrar quatro ninhadas em praias pequenas). Ajuntam, destarte, enormes quantidades de ovos. Estes se comem ou crús ou cozidos e secos na cinza, estado em que se conservam por longo tempo, de sorte que os índios os podem levar para casa, onde depois os comem tranquilamente, ou vender na localidades brasileiras (Santa Maria, Conceição), para onde empreendem excursões comerciais nos meses de setembro e outubro. Para caçar as tartarugas, surpreendem-nas quando estão desovando, ou procuram as águas rasas com suas canoas, mergulhando no rio e pegando-as com as mãos ou com anzóis de ferro lançados no fundo da água. Dessas suas excursões os índios tornam com grandes quantidades de tartarugas vivas, destinadas ao consumo interno ou ao comério. Para conservá-las por mais tempo, abrigam-nas à sombra de cativeiros construidos com ramos fincados na areia em forma de círculo e ligados em cima. Os animais ficam aí amarrados até serem comidos (fig. 6). Como passatempo, criam-se também pequenas tartarugas nas aldeias.

Os ovos de ema (*nauekiezí*) são muito apreciados. Os índios tiram todos os ovos duma ninhada, levando-os para casa, onde os comem depois de cozinhados.

O mel (*nauekiezí*) é uma guloseima que comem com verdadeira paixão. Nas suas viagens de canoa observam a direção do vôo das abelhas silvestres (*bedí*), que êles dizem desprovidas de ferrões, e descobrem logo os ninhos nas copas das árvores. Sem perda de tempo trepam para o alto, derrubando o ninho por meio do facão ou do machado. Em baixo, extraem o mel, que conservam em pedaços côncavos de casca de árvore ou em cuias. Afu-

gentam com fumaça as abelhas que tem os seus ninhos em árvores ocas, tirando, em seguida, o mel com a mão; sorvem sucessivamente o conteúdo dos favos muitas vêzes enormes; a cera (*tabolá*), conservada em forma de grandes bolas, constitue uma das principais substâncias para colar e para calafetar, e em toda parte as mulheres a oferecem em quantidade às canoas que passam por aí. A época principal da colheita do mel parece começar em outubro.

Ao passo que a colheita desses alimentos é ligada a determinadas épocas do ano, exigindo muitas vêzes viagens de várias semanas para deles se obterem grandes quantidades, arranja-se a alimentação animal cotidiana em pequenas excursões e por meio de variados instrumentos de caça e de pesca.

Cumpre notar que, comparada à pesca, é muito pouco considerável a caça de aves e de animais terrestres. Em confronto com a água, a terra é, aliás, muito pobre em animais. São poucos os animais de porte que se prestam para a caça: cervos (*bololá*), veados, antas [(*k*)*olí*], macacos (5), porcos do mato (*ixá*), eventualmente também onças (anloá); os animais menores, embora freqüentes, são muito ariscos e difíceis de caçar (aguti: *txuxó*; capivara: *huä*, etc.). São poucas também as espécies próprias para caçar. As mais importantes são as galináceas (jacú: *bedjuä*; mutum etc.), as pombas, os marrecos (*häakoliní, hedaulé, doalalá* e os mergulhões. Não pude averiguar se comem emas, nem tampouco se as lagartas, os jacarés e as jibóias, que Königswald enumera entre os animais consumidos, entram na sua alimentação. O número já por si reduzido de espécies de animais de caça é limitado ainda por uma quantidade de chamados tabús alimentares. Um não come este animal, outro recusa aquele. E a muitos deles ninguem os consome, embora possam fornecer muita carne. É que a caça desempenha um papel apenas secundário na economia doméstica dos selvícolas.

Os índios saem para caçar ora individualmente, ora em grupos. Sobretudo a caça dos porcos do mato é sempre feita coletivamente. É curioso notar que o cacique nunca parte para a caça, não deixando, entretanto, de ir à pesca. Caçam-se apenas os animais adultos, os novos deixam-se em paz.

Como armas de caça valem-se de arcos e flechas, de lanças e, eventualmente, também das clavas, para abater porcos do mato. A lança (*donǫlí*) é usada na caça de onças (Veja-se o capítulo sôbre as armas, fig. 126). Os molhos de plumas tem a finalidade de desorientar o animal que avança, afim de se aplicar a lançada

(5) — Os bugios matam-se apenas para obter os ossos, empregados na confecção de pontas de flechas, botoques e flechas, mas não para alimento.

com maior segurança. A forma das flechas varia com a espécie de animais que se quer matar; para animais de porte usam-se flechas de ponta chata ou de ponta de madeira, com várias arestas e parcialmente provida de pequenas farpas (*uohú*, medindo cerca de 150 cm. de comprimento); ou então flechas com pontas de talas de bambú chatas ou côncavas (*uohú, uazá, diuadá*; figs. 113, 114). Não se conhecem redes nem armadilhas para a caça de quadrúpedes. As lontras atraem-se com auxílio de fogo, matando-as a cacetadas. Informa Königswald que na estiagem se acendem campos de capim, para se matarem mais facilmente os animais que fogem das labaredas. Vi freqüentemente essas queimadas; os meus indios, e também os brasileiros, gostavam de acendê-las. Indagados pelo motivo, declararam uns como os outros que o capim fresco que aí brotaria havia de atrair os animais, que, localizados nesses pontos, seriam presa facíl e certa por ocasião de viagens futuras.

O produto da caça é transportado para a aldeia e, sendo abundante, trinchado pelos guerreiros e distribuido pelo cacique entre os membros da comunidade.

As aves caçam-se igualmente com arcos e flechas. Empregam-se ou flechas de efeito mortal (*malól*), tendo como ponta a extremidade aguçada da haste de taquara (fig. 163), ou flechas de ponta grossa, servindo para apenas entontecer a ave, de sorte que a plumagem não fique manchada de sangue. Engrossa-se a ponta com uma bola de cera ou com a parte da raiz, devidamente recortada, da taquara que forma a haste. Este tipo de flecha denomina-se *lälueéle* (Veja-se o capítulo que trata dos brinquedos de criança).

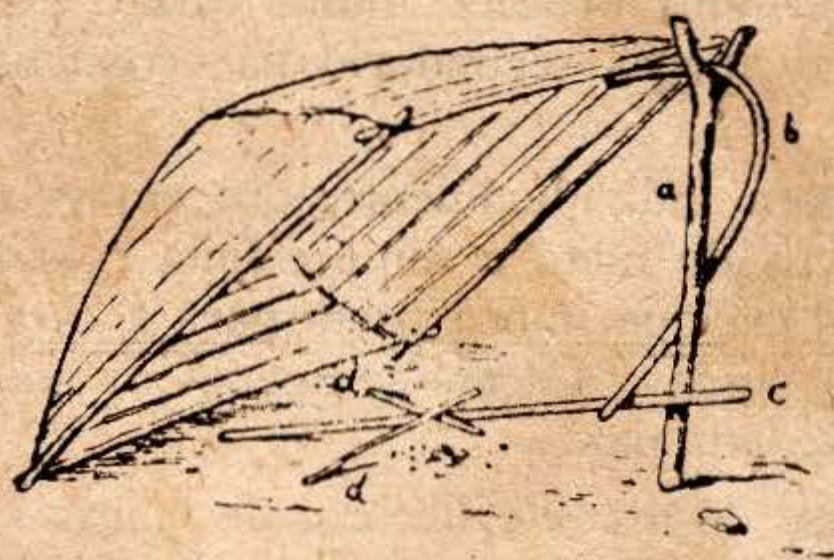
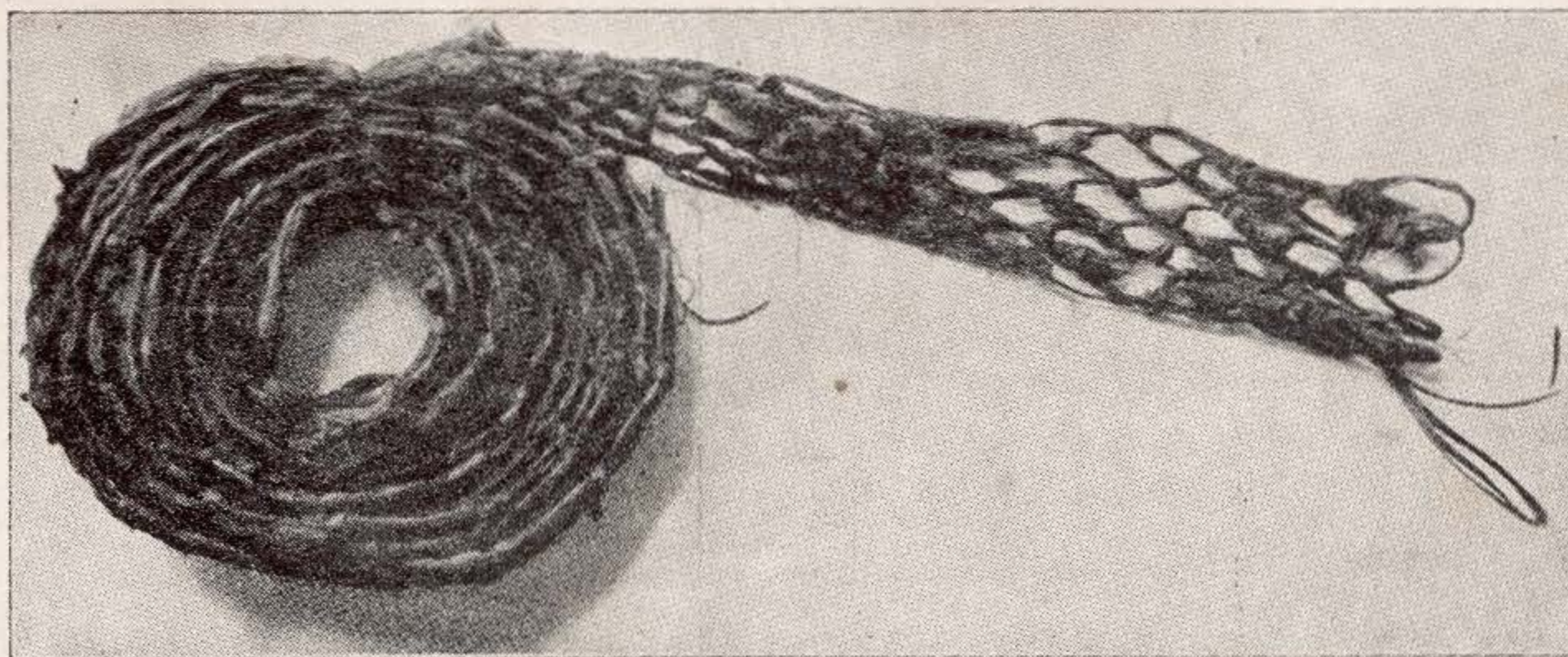



Fig. 84

Construção da armadilha para pegar aves.

As aves também se pegam com armadilha (*dohedú* ou *budolekú*); como engodo servem mandioca ralada e milho. Vi uma dessas armadilhas perto da aldeia número 18 da horda setentrional, levantada sôbre uma praia arenosa a uns 500 m distante das casas (prancha 54, fig. 2). Consistia em varas de bambú sobrepostas, em forma de quadriláteros, cada qual menor do que o imediatamente inferior, de modo que o último fechava a abertura da pequena pirâmide. Barbantes presos às varas da base, e

1. Cativeiro para aves.

2. Armadilha para pegar aves.

3. Rêde de pescar, feita de imbira.

cruzando-se sôbre a cobertura, corriam pelas arestas da pequena construção, dando-lhe um pouco de estabilidade. O desenho esquemático reproduzido na fig. 84 mostra claramente como funciona a armadilha.

Magistrais imitadores das vozes de todos os animais, os índios empregam esta habilidade para atrair as aves da mata e a caça.

Depenam-se as aves no lugar em que são mortas, não podendo ser levadas à aldeia com a plumagem ("senão o cacique fica zangado"). Durante o trabalho de depená-las, os índios enfiam os dedos em cinza de madeira.

Dizem não haver recursos mágicos especiais para tornar abundante o produto da caça; em compensação, contam histórias de caçador, gostando de exagerar ou de narrar coisas inverossímeis.

A *pesca,* em que se baseia, em grande parte, a existência dos índios, supera incomparavelmente as demais fontes de alimentação animal.

O Araguaia é extraordinariamente rico em peixes (*kadolá*); os afluentes são ainda mais piscosos, sobretudo o Rio Tapirapé e as numerosas lagoas disseminadas, de ambos os lados, ao longo desses rios.

Nas águas profundas das lagoas e junto aos barrancos elevados, principalmente nos pontos em que jazem árvores caidas na água, vivem o pirarucú (*b'dolekeé; Sudis gigas*), de 3 a 4 m de comprimento, e a pirarara (*dolé; Phractocephalus discolor*), armado de forte couraça óssea e medindo até 2 m de comprimento. Ao ser tirado da água, este peixe expele o ar, produzindo sons curiosos; o índio, com o seu gênio humorístico, gosta de imitá-lo nas suas canções. Vivem nessas águas ainda o peixe-cachorro (*ladä*), com seus enormes dentes, e sobretudo a piranha, o mais temivel dos peixes de rapina. Existem dela várias espécies: a piranha pequena, amarelada, com um círculo preto sôbre as faces, a vermelho-alvacenta (*duetá, kjuetá*) e a enorme piranha preta, de olhos vermelhos (*duulí*), cujos exemplares mais desenvolvidos chegam a medir até 48 cm de comprimento. As piranhas são extremamente vorazes. Onde quer que farejem animais ou peixes feridos, acorrem imediatamente em grandes cardumes, deixando, daí a poucos minutos, apenas o esqueleto do animal. De tão vorazes, saltam bem alto acima da superfície da água, de maneira que nos pontos em que consomem a sua presa se formam grandes torvelinhos de água e peixes, que se vão desfazendo paulatinamente. E acontece mesmo que se ferem e devoram umas às outras. Existem em grandes quantidades e gigantescos exemplares sobretudo no Tapirapé, e os

próprios Karajá, querendo tirar da água um peixe-cachorro atingido na cabeça com uma flechada do interior da canoa, ficaram admirados quando, após poucos instantes, levantaram somente o esqueleto na ponta da flecha. A carne da piranha é muito saborosa; mas por aparecerem raramente na superfície das águas, podendo-se pegá-las apenas com o anzol, elas desempenham naturalmente um papel muito pouco importante na economia doméstica dos selvícolas. Todavia apreciam muita a sua carne gostosa, procurando, sempre que possivel, obter não somente anzóis bastante fortes, que resistam à vigorosa dentadura desses peixes, como tambem folha de Flandres, com que envolvem, à maneira de capa, a parte da linha que fica imediatamente acima do anzol, para não ser cortada pelas mordidas. Apesar disso, perdem-se regularmente vários anzóis assim guarnecidos.

Na água rasa, onde o índio pode pescar mais vantajosamente com arco e flecha, vive o pintado (*Pimelodus sorulum*), que chega a medir 2 m de comprimenro e que possue uma bela carne de cor amarelada. Com relativamente pouca frequência vi pescarem o matrincham, o tocunaré e o pacú (*aliwá*). O carí habita as cavidades dos barrancos do rio; afim de pegá-lo, puxam-no pela cauda; é extraordinariamente saboroso, mas possue pouca carne debaixo da couraça que o abriga.

Muitos peixes, principalmente alepídotos, como a aruaná (*idjazó*) e outros não se comem. Não se aproveita tampouco o boto (*buhä*); os seus movimentos engraçados e os seus bufos provocam apenas a hilaridade e a imitação humorística dos índios.

ANO 7
nº 83 1942

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

6. *A alimentação*

(continuação)

Os utensílios de pesca são os seguintes:

O anzol é conhecido pelos índios como elemento de sua própria cultura. Há alguns decênios negociam anzóis de ferro (*waxí*) para pescar piranhas; possuem-nos todavia em número relativamente restrito, porquanto, além de perderem muitos durante a pesca, são raras as ocasiões para adquirí-los. (A linha de pescar chama-se *waxixá;* a cana, *waxidäó,* e a isca, *waxidó*). Em compensação, os índios parecem ter conhecido já o uso de arpões (*wahuná*) para pesca do pirarucú. A ponta e as farpas, de ossos de cervo, eram fixas com auxílio de resina. Não cheguei mais a ver utensílios desse tipo, descritos por outrem; os arpões atuais tinham todos ponta de ferro.

Os utensílios principais do pescador são o arco e a flecha, que, nas águas claras, maneja com grande habilidade e bom resultado. As flechas para a pesca (*uohú*) possuem na haste uma ponta de madeira, em cuja extremidade anterior é fixa, com um envoltório de

fios e revestimento de resina, uma pequena ponta de osso de macaco (*uhidó* ou *durolenidí*); a extremidade posterior desse osso salientando-se lateralmente do envoltório, forma uma farpa (fig. 115). E' de 140 a 170 cm. o comprimento médio das flechas, enquanto os arcos medem 200 cm., aproximadamente (figs. 110, 111).

Duas vêzes por dia, de manhã e de tarde, os homens e os moços saem para pescar, tornando geralmente com bom número de peixes. No regresso, cantam a canção "que se canta todos os dias". Em certas passagens incluem-se os nomes dos peixes pegados, de modo que é fácil saber qual a presa com que volta o pescador.

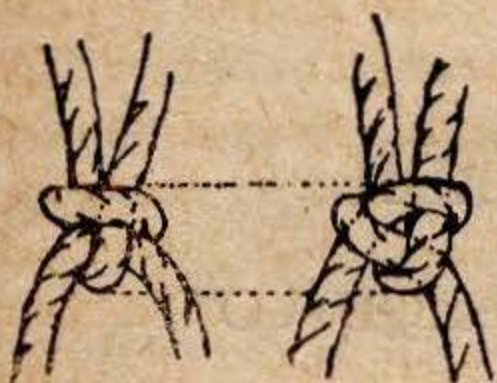



Fig. 85 — Formação de nós nas redes de pescar

Ao lado dêsse sistema, há também a pesca em massa, com enodadas de fios de algodão ou de imbira. As medidas das redes variam consideràvelmente, de acôrdo com a finalidade especial a que se destinam. A rede (*lodé*) de imbira representada na fig. 3 da prancha 54 tem 10 cm. de largura por 10,35 m. de comprimento. A fig. 85 mostra o modo de se enodar uma rede de pegar pirarucús (*däolälú*); as malhas, esticadas, medem 25 cm., sendo feitas de um cordel da grossura de 1/2 cm. A maior das redes que vi encontrava-se sôbre uma praia arenosa do Tapirapé, nas proximidades da barra duma lagoa; media 6 m. de largura e 160 m. (!) de comprimento.

Para compreender a maneira de se armarem essas redes, basta observar as imitações com que brincam as crianças (*hadeké*). Fixa a duas estacas terminais compridas, a rede é distendida entre uma série de varas mais curtas (fig. 86). Esses paus fincam-se na terra diante das barras das lagoas, de maneira que a rede esticada impeça a passagem dos peixes. Do interior da canoa, os índios batem na água levantando os peixes e enxotando-os para a rede armada na barra da lagoa, onde são recolhidos. (Essa instalação para a pesca do pirarucú denomina-se *däolä-*

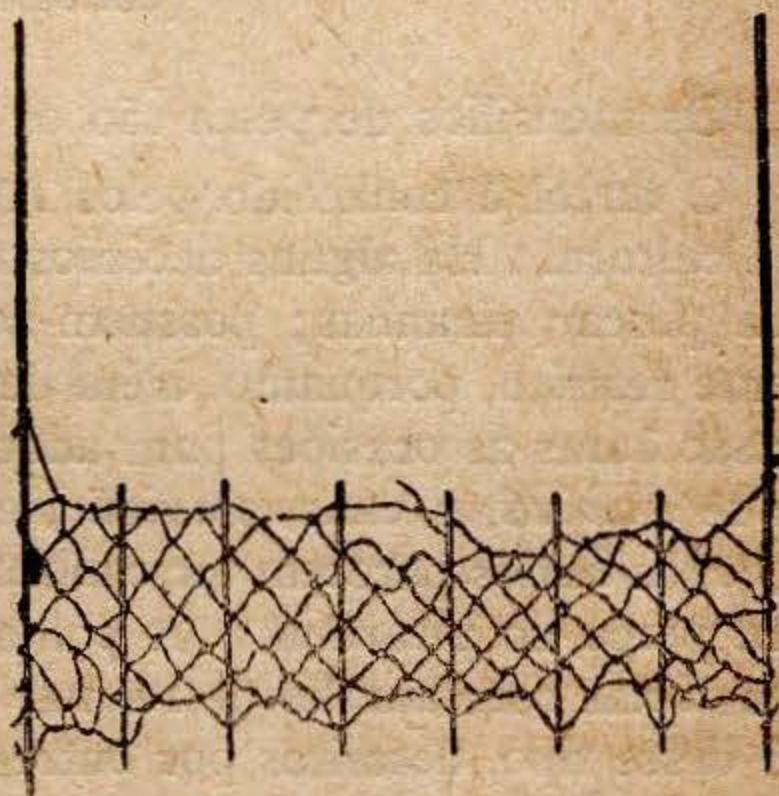



Fig. 86 — **Rede de pescar que se arma na barra das lagoas. Brinquedo de criança**

lú; veja-se, acima, rede de pegar pirarucú). Outras redes (*hankú*[*xi*] armam-se, ao que me foi dito, ao longo das praias arenosas; o peixe carí, que de noite nada ao encontro das praias arenosas, prende-se nelas, sendo retirado de manhã cedo. Todavia não vi nenhuma rede armada assim; são provàvelmente as redes estreitas que se usam nesse caso.

As maiores pescas em massa fazem-se por envenenamento da água das lagoas, o que constitue, ao mesmo tempo, a mais deplorável das pilhagens. Fecha-se a barra das lagoas com cercas (*likló*) de estacas fincadas no chão e guarnecidas de fôlhas de palmeira. Sôbre uma forquilha colocam-se caules de timbó (*anzí*), cipó venenoso, batendo-as com um pau, e agitando-as, em seguida, sôbre a lagoa. Delas se desprende, assim, um pó fino. A seguir são batidas e agitadas novamente. Enquanto isso, outro índio, que se encontra na canoa, remexe a água, que então toma uma coloração preta. Por este processo, os peixes ou ficam estonteados ou morrem, assomando na superfície, onde são recolhidos com facilidade. A cerca é para evitar que os peixes passem para o rio. Ao homem não faz mal comer os peixes assim envenenados, e beber a água também só provoca dor de barriga. Esse método de pescar, empregado de preferência na estação chuvosa, quando são turvas as águas, os Karajá afirmam ter aprendido dos Chavante. (Veja-se, todavia, o que adiante se diz sôbre o parí dos Tapirapé).

De nassas para pegar peixe miudo (*adzuriá*), a que se refere Ehrenreich, e de outros utensílios de pesca não vi nada, nem me deram informações.

C. CONSERVAÇÃO E PREPARAÇÃO DOS ALIMENTOS

Os produtos das plantações, bem como os das expedições de caça e de pesca, costumam-se consumir imediatamente. Em virtude do clima quente, não se podem guardar grandes provisões; pela falta de sal, é totalmente impossível, sobretudo, a conservação da carne. Os índios devem mesmo sair novamente de tarde para pescar, porquanto os peixes trazidos de manhã se estragariam até à noite. Não se pode guardar carne fresca por mais de seis horas, e até a carne assada se torna imprestável no dia seguinte.

É, pois, árduo o trabalho dos índios, obrigados, sem interrupção, a arranjar os gêneros necessários, mormente na estiagem, quando são sempre escassos os produtos da roça. É um pouco mais simples o problema com as tartarugas, que guardam vivas; os ovos, depois de cozidos e secos, se conservam também por longo tempo. Mas

os próprios produtos vegetais não se acumulam em quantidade na aldeia; são para dois ou três dias apenas as provisões de mandioca que se veem nas armações, e o milho guardado em grandes cuias com abertura lateral.

Todos os alimentos são preparados antes de consumidos. Em estado crú comem-se apenas frutas e ovos de tartaruga; os demais mantimentos são sempre cozidos ou assados.

A fogueira encontra-se fora das casas, de preferência à sombra de esteiras armadas, ou nas imediações delas. Na estação chuvosa transferem-na para as construções em arco, que fazem parte das habitações. O fogão é feito de dois modos: ou dispõem-se sôbre a areia, em forma de triângulo, três cones truncados, as partes superiores de casas de térmitas [*a(u)dó, kedó*], entre as quais se acende a fogueira (prancha 12, fig. 1), ou então empregam-se, em vez dos cones, três fundos de pote (*wadjiwiulä*) quebrados, colocados em posição vertical. Sôbre essas bases põem-se as grandes panelas. Para grelhar servem grelhas baixas (*kobiudó*) de ramos de árvore: Sôbre quatro forquilhas, em quadrilátero, fincadas no chão, põem-se dois paus ao comprido, e sôbre estes, vários outros transversalmente. O fogo aceso em baixo carboniza aos poucos os paus que formam a grelha (prancha 61, fig. 1, Xavajé. Vejam-se também as informações que se encontram adiante). Costuma-se, igualmente, assar ao espeto: Corta-se uma vara verde, aguçando-a, e fincando-a, com algumas piranhas enfiadas, na terra, mas em posição oblíqua, de maneira que a ponta superior, com os peixes, fique sôbre o fogo. Assados os peixes de um lado, vira-se o espeto, para que o sejam também do outro.

Para combustível (lenha: *hää*), recolhem-se árvores secas trazidas pelo rio e encontradas sôbre todas as praias arenosas, ou então a lenha que é abundante na floresta.

O fogo (fogo de cozinha: *häoté*) obtem-se com um aparelho ignígeno de rotação, constituido de duas peças, a base e o bastão. Ambas podem ser da mesma madeira; de ordinário usa-se o *auté* (a raiz de uma espécie de goiabeira, *sarã* em português), mas dizem que serve também o *andolokó* (em português: *murici*).. Segundo Ehrenreich (Berlim 3937) o bastão é de taquara, e a base de *Bixa Orellana*. Na base do aparelho reproduzido na fig. 87

Fig. 87 — **Aparelho ignígeno.**

observam-se três cavidades, cada uma aberta lateralmente por um entalho, para permitir o contacto com o ar. O bastão é formado duma vara em cuja extremidade inferior é amarrada outra peça de madeira, de 3 cm. de comprimento, e que é a broca propriamente dita. Não se usa isca; para avivar a chama, servem folhas de palmeira.

Não se deixa nunca apagar o fogo, mas tratase de conservá-lo sempre aceso. Nas viagens em canoas, os índios levam, sôbre uma camada de areia, pedaços de imbira (*häodé*; fig. 88) ou de lenha que ardem devagar; fazem o mesmo quando vão às plantações. Parecem não gostar do trabalho de produzir fogo, preferindo, por isso, carregá-lo consigo. Pedi-lhes, várias vêzes, que me mostrassem o processo; no entanto, nunca conseguiram obter mais do que uma porção de fumaça. É verdade que, por acaso, todas essas experiências se realizaram em dias chuvosos.

Fig. 88 — **Imbira em que se transporta o fogo**

Para avivar o fogo, empregam-se abanos (*koli*), trançados, de maneira simples, de folhas de palmeira. Os que se usam para obter ar fresco (prancha 21, fig. 2), deles se distinguem apenas pelo trançado ornamental.

A carne só se consome assada, ao passo que os peixes e os alimentos vegetais também se cozinham. O preparo da comida cabe às mulheres, que gastam o dia todo com isso. Todavia os homens também sabem assar e cozinhar, e, quando necessário, êles próprios preparam os alimentos. Nas aldeias nunca observei grelhas; encontrei-as sòmente nos vestígios de acampamento, sôbre praias arenosas. Grupos de índios viageiros usavam-nas de quando em quando. Na excursão que fizemos ao território dos Xavajé, os meus Karajá construiam sempre as grelhas necessárias. É evidente que estas são usadas de preferência pelos homens, para assar peixes; entretanto, êles também sabem cozinhar.

Assa-se a carne na grelha ou ao espeto. Tanto a carne como os peixes são tostados a ponto de se carbonizar a camada externa. É um recurso que remedeia, até certo ponto, a falta de sal. Frutos de palmeiras e de outras árvores torram-se igualmente antes de abrir e comê-los. A partir de outubro, torram-se, em vasilhas rasas (?), as sementes de coqueiro (*holeni*). Piladas, depois, essas sementes, junta-se-lhes a carne dos frutos, levando o conjunto mais uma vez ao fogo para torrar.

Fig. 89 — Panela, forma comum.

Mas quasi sempre se cozinha a comida em grandes panelas. As panelas (*wadjiwí* *wadxiwí*), de argila cinzenta, tem como forma típica a da fig. 89. Nunca se vê nelas qualquer ornamentação. De diâmetro muitas vêzes bem considerável, chegam a medir 80 cm; na altura nota-se, porem, pouca variação (11-14 cm,) de sorte que essas panelas gigantescas têm quase a forma de pratos. São cobertas, às vêzes, com pratos de argila. Panelas de forma especial são a de dois bojos (fig. 90) e a de três pés (fig. 91); uma como a outra eram denominadas igualmente *wadjiwí*.

Fig. 90 — Panela de bojo duplo.

Fig. 91 — Panela de três pés

Dentre os alimentos que se costumam cozinhar, convem mencionar primeiro os peixes, que se levam ao fogo estripados, escamados e cortados em pedaços. Na época dos frutos de piquí, estes se cozinham junto com os peixes. Também se cozinha o camaleão, previamente esfolado. Mas é sobretudo a mandioca que assim se prepara. Constitue ela a alimentação principal da tribu. O preparo da mandioca venenosa é o seguinte: Provida de entalhos, a raiz é colocada em água durante alguns dias; raspa-se depois a casca com uma concha afiada, ralando, em seguida, a raiz sôbre o ralo [(*k*)-*olanâ*]. Este consiste num pedaço chato de madeira, retangular e comprido, tendo encravadas, no meio de uma das faces, várias filas de dentes feitos de madeira da brejauba (fig. 92). Para

Fig. 92 — **Ralo de mandioca**

ralar mandioca, a mulher, ajoelhada no chão, aperta o ralo contra a barriga e o solo. As conhecidas maxilas de pirarucú também se usam para ralar. A massa de mandioca põe-se na peneira de varinhas [*buleidjú*, pronuncie-se: *bre(i)djé*]. Esta é formada de finas varinhas de taquara, dispostas lado a lado; de distância em distância correm, com intervalos maiores, dois fios transversais entrançadas da mesma maneira como nas cobertas de fios enodados (prancha 55, fig. 1). Por essas peneiras de varinhas faz-se passar a massa de mandioca, mas servem também para passar a argila para a fabricação de vasilhames; além disso, empregam-na para prensar mandioca e, finalmente, como base sôbre a qual se fazem objetos de cerâmica. Sôbre essas peneiras, pois, limpa-se a massa de mandioca, retirando os pedaços maiores; enrola-se depois a peneira juntamente com a massa, apertando-a fortemente com as mãos, de modo que escorre o líquido venenoso. Cozinha-se a farinha grossa (*kenõdé*) assim obtida, o que dá a papa de mandioca, o alimento comum dos índios. É um pouco diferente o preparo da mandioca mansa (*aipim*). Cortada e quebrada em pedaços, amassam-na num pilão (*kowó*) inteiriço de um tronco de árvore; mede uns 50 cm. de comprimento por cerca de 26 de largura, tendo a parede a espessura de 3 cm; a mão de pilão (*haó*) tem cerca de 1 1/2 m. de comprimento. (Prancha 40, fig. 3). A massa de aipim põe-se numa peneira que descansa sôbre uma tigela ou uma panela. As peneiras usadas para este fim ou são trançadas de varinhas, à maneira de cestas, tendo forma arqueada ou hemisférica (*wälilixí*), ou são circulares e rasas, com forma de prato (*uitjú, odämõdí*; prancha 55, figs. 2 e 3). Em Xixá já se fabrica mercadoria moderna: peneiras com aro delgado de madeira com 5 cm. de altura, e de trançado fino de imbira provido de desenhos (*uitjón(a)*, prancha 55, fig. 4); confeccionam-nos principalmente para o uso dos brasileiros. Deitada a massa na peneira, retiram-se primeiro, com a mão, as impurezas nela existentes; toma-se, em seguida, a peneira com a mão esquerda, batendo sôbre ela rapidamente com a

direita e fazendo, destarte, passar a massa. Os pedaços maiores que ficam na peneira voltam para o pilão, para ser novamente amassados e peneirados. Obtida a quantidade necessária de farinha, e deitada na panela, junta-lhe água com uma cuia destinada a êsse fim, pondo o todo a ferver.

Para mexer a papa, servem colheres de pau compridas e chatas (*hälədäo*), de madéira de tarumá (fig. 93).

Informa Ehrenreich que os índios torram essa farinha em vasos chatos, obtendo, portanto, farinha d'água, que se conserva por longo tempo; que lavam repetidas vêzes a massa seca (*puva*: *beero;* eu registei a forma *bälo*), dela fazendo pães espessos; que fazem, da raiz fresca, bolinhos (*beijú*: *ibredeko*) assados em pequenas panelas. De todas essas coisas não vi nem ouvi nada.

As frutas se apanham muitas vêzes antes de sazonadas, enterrando-as na areia para amadurecerem. Só então é que são comidas.

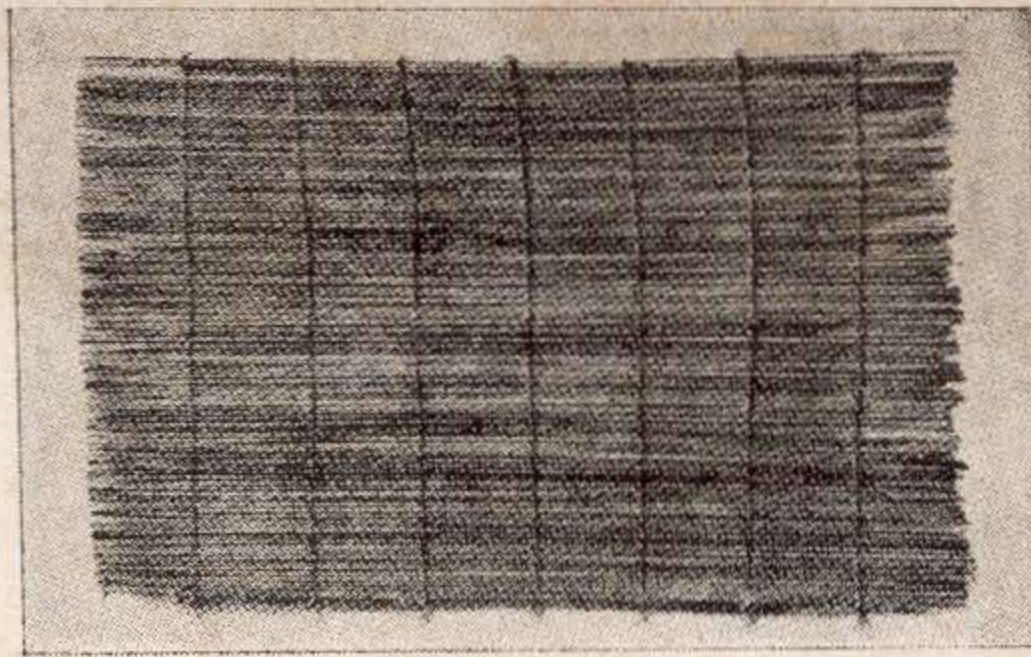
O único condimento a que se recorre é a pimenta (*kaxiwerá;* espécie de grão esférico). É cultivada na roça; amassam-se os frutos e acrescenta-se água; no molho assim obtido ensopam-se os peixes assados.

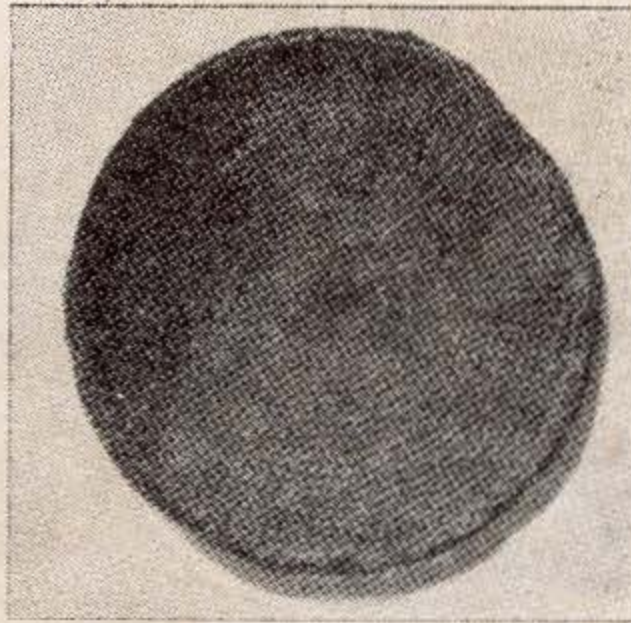
Fig. 93 — Colher para mexer a comida.

O sal (*inãtú nõtakána*) falta a êsses índios; sòmente na aldeia n.º 6 tinham algum sal amargo, misturado com terra vermelha e proveniente da salina de São José. Haviam-no negociado nesta localidade. Parecem ter extraordinária fome de sal; vinham pedi-lo a nós constantemente. No entanto, é curioso notar que as mulheres recusam, quasi sempre, comida salgada. Em compensação, porem, todas comiam mãos cheias de sal. Come-se também carvão e cinza, mas afirmam que essas substâncias provocam muita prisão de ventre. Contaram-me que comem igualmente pequenas bolotas de argila, hábito que se diz causar icterícia.

D. UTENSÍLIOS E HÁBITOS RELATIVOS ÀS REFEIÇÕES

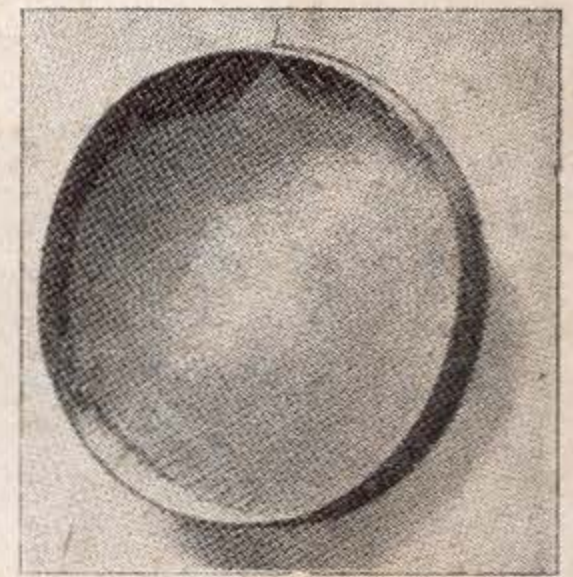
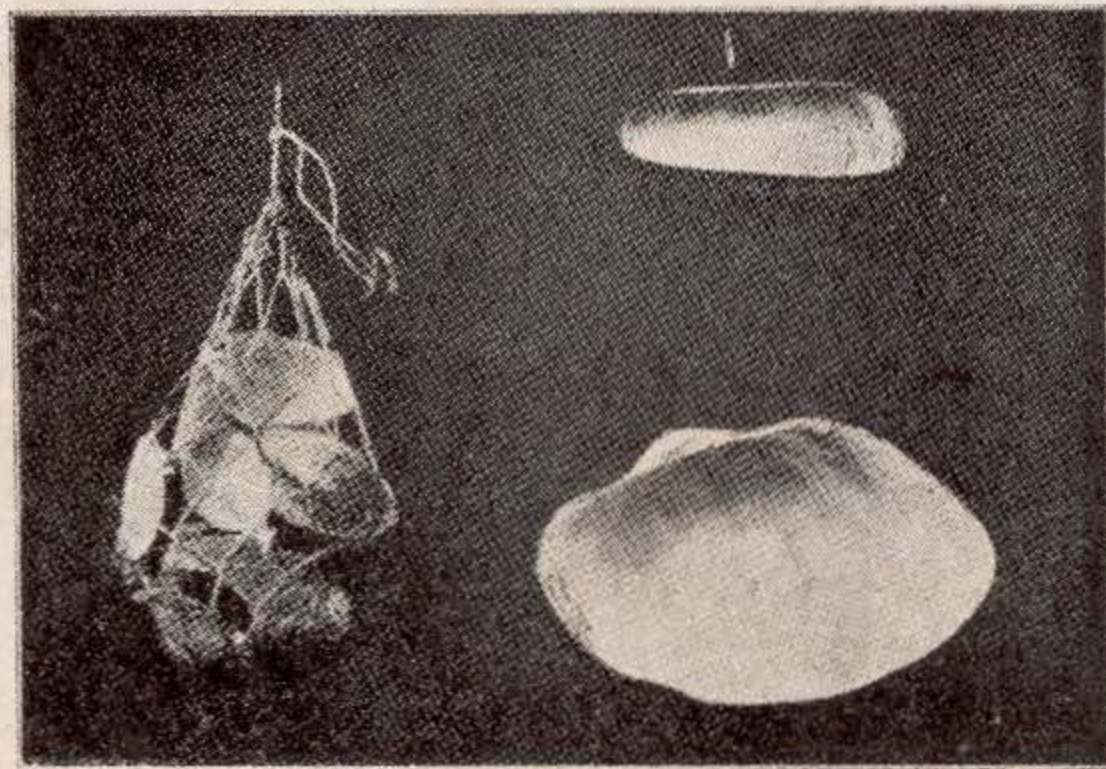
São poucos os utensílios usados para a alimentação. Os mantimentos assados bem como os peixes cozidos comem-se com os dedos, enquanto as papas e comidas semelhantes se tiram, com

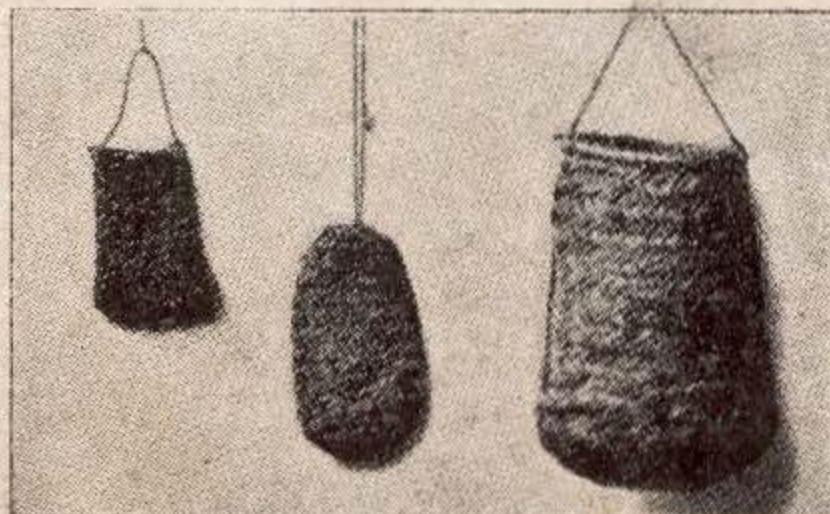
152b

1. Peneira de varinhas

2. Peneira em forma de cestinha

3. Peneira em forma de prato

4. Peneira moderna

c

b

a

5. Colheres de conchas

b c a

6. Bolsinhas para tabaco

uma colher, duma panela grande ou de cuias de tamanho menor. Além de metades de cuias, estas sempre providas, externamente, de gravação ornamental (fig. 94), usam-se também tigelas rasas (fig. 95). Não vi, entre os índios, as tigelas ovais com parede divisória (Berlim 3866), nem tão pouco os pratos redondos e elípticos (Berlim 3863 — 3865) descritos por Ehrenreich. Sòmente em Xixá se fabricavam tigelas altas, enfeitadas, no bordo, com uma ornamentação em cor vermelha (1) influência, evidentemente, dos moradores brasileiros (fig. 96). Como colheres, usam-se ou conchas, a saber, as três espécies *kadalá* (prancha 55, fig. 5 a), *kadalá liolé* fig. 5 b) e *walabo-kadalá* (fig. 5 c); ou então pequenas metades de cuias (*ixá liolé, kaixó, ualú*), que se observam em várias formas e sempre com ornamentos gravados a fogo (figs. 97, 98). Em parte alguma encontrei as colheres (*katara*) de madeira (Berlim 3934, 35) e de argila (Berlim 3870) mencionadas por Ehrenreich.

Fig. 94 — Cuia para comida.

Fig. 95 — Tigela rasa para comida, de argila

Os cocos tostados abrem-se a golpes de pedra. É preciso bater com bastante força para quebrar as cascas. Para isso, colocam-se os cocos sôbre pedras chatas, abrindo-se com pedaços de quartzo arrendondados, do tamanho dum punho, ou com pe-

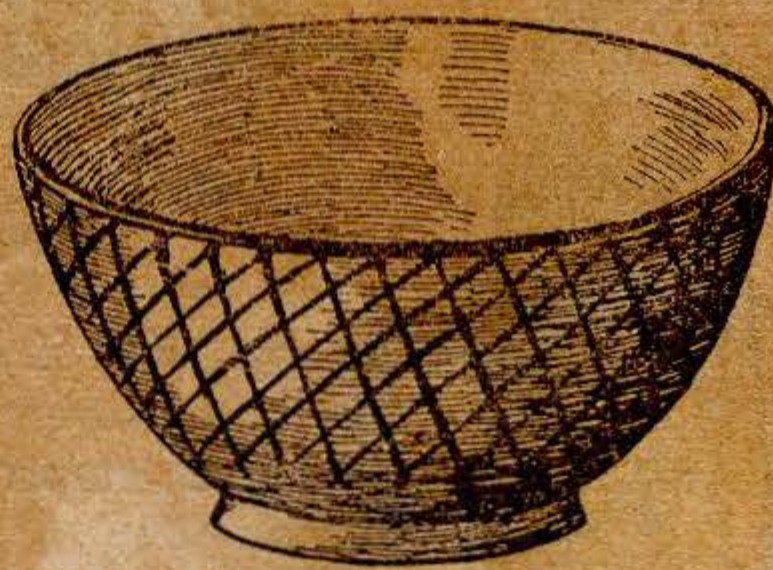



Fig. 96 — Tigela moderna para comida

Fig. 97 — Colher de cuia

(1) — Veja-se também o meu artigo sôbre "Arte dos Índios Karajá", no Bässler-Archiv, vol. 2, fasc. 1.°, 1911).

ras polidas, de forma cônica, ou então com velhos machados de pedra. Essas pedras são todas provenientes das regiões que se estendem ao norte da barra do Tapirapé A fig. 99 a — c representa uma dessas pedras cônicas (a), vendo-se a base provida duma cavidade (b) e, finalmente, uma outra pedra, em que se colocam os cocos que se querem quebrar (c). As figs. 100 — 102 mostram três machados de pedra;

Fig. 98 — Colher de cuia

o primeiro, comprido e chato; o segundo, curto e chato; e o terceiro, rodeado de um sulco para o encabamento. O

Fig. 99 a-c — a) **Pedra para abrir cocos;** b) **base da mesma;** c) **pedra sobre a qual se colocam os cocos para abri-los**

da fig. 102 já tem o gume bastante estragado em virtude do seu emprego para abrir cocos.

As refeições são duas, o almoço (*andoldohó*), entre as 8 e as 9 horas, mais ou menos e o jantar (*liroxík*), pelas 5 ou 6 da tarde. No intervalo petisca-se, porem, sempre alguma coisa, como frutas, nozes etc.; ao meio-dia comem-se, freqùentemente, piranhas assadas (jacuba de peixe: *djudeá*). O cardápio resume-se, de ordinário, em papa de mandioca e peixe. Apesar de comerem muito,

Fig. 100 — **Machado de pedra comprido e chato.**

Fig. 101 — **Machado de pedra curto e chato**

Fig. 102 — Machado de pedra com sulco para o encabamento.

êsses índios não engordam. Durante a refeição, ficam acocorados em torno da panela, tirando cada um a sua papa com a colher. Não pude verificar o hábito, referido por Ehrenreich e por Königswald, de se darem as costas quando comem; só as mulheres pejam-se geralmente de fazê-lo em presença de estranhos; e os índios que me acompanharam como camaradas, recusavam qualquer alimento que eu lhes oferecesse em aldeia estranha, preferindo passar fome o tempo todo, caso não tivessem, na aldeia, parentes que lhes dessem de comer. Também não trabalhavam enquanto nos demorávamos na aldeia. Diziam ter vergonha.

E. AS BEBIDAS

No uso das bebidas, o índio se revela sensato e moderado, contentando-se com água. Todavia sabe também preparar outras bebidas, mas que não inebriam.

Pilam-se frutos de burití (*adehõ*), juntando em seguida água; depois de clarificado, passa-se o líquido, com uma colher, para uma panela alta, fervendo-o, e deixando-o esfriar, antes de bebê-lo. Disseram-me que a bebida tem uma côr vermelho-escura e um gosto muito doce e que não é embriagante. Afirmam consumí-la em grande quantidade nos dias de festa.

Frutos de piquí, cozinhados e amassados, remexem-se com água, pondo-os num pote, onde o líquido esfria durante a noite, sendo bebido na manhã seguinte. Secam-se as sementes, que se comem mais tarde.

Dizem fazer também uma bedida de milho, denominada *kanuä*, cuja preparação, porem, não conheço.

A bebida mais comum para ocasiões festivas, e que se toma sempre quando há alguma visita ou outro ensejo qualquer, é feita com papa de mandioca (*iuärúk*). O método de preparação é descrito por Ehrenreich (*Beiträge*, págs. 16-17). Mastiga-se a borra da papa esfriada, para produzir a baixa fermentação. Os homens como as mulheres consomem a bedida em consideráveis quantidades, tomando-a com auxílio de colheres. É levemente inebriante.

Os índios, além de ficarem logo com o rosto entumescido e os olhos aguados, tendem para a tagarelice. O gosto é comparavel ao de sopa de batata sem tempero.

A aguardente de cana (*cachaça: ibuälé*) também já está sendo introduzida na região por intermédio dos brasileiros. Entretanto, há uma única aldeia, a de Xixá, em que todos tomam pinga, provavelmente por haver, nas imediações uma fábrica desta bebida, motivo pelo qual aí é muito barata. Em geral, encontrei bem poucos índios que a aceitavam (p. ex., o cacique Ilk); as mulheres nunca a tomavam, salvo em Xixá. Também os homens e os moços recusavam-na quasi sempre.

F. TABÚS ALIMENTARES

Já referí antes que não se exploram na sua totalidade os recursos de alimentação e que se rejeitam vários mantimentos. É difícil descobrir a razão disso. Cheguei a acreditar que se tratava de indícios de totemismo, que, no entanto, não logrei verificar. Parece que, ao lado de crenças supersticiosas, aí influe igualmente o gosto de cada indivíduo em particular.

Desdenham-se de um modo geral: a carne dos animais domésticos, os ovos, os bugios, os delfins, os caranguejos e os conchíferos. A tracajá e os seus ovos são comidos sòmente pelos velhos; os moços recusam-na, afirmando que o seu uso tem mau efeito. Disseram-me que os caciques se abstêm da carne de cervo. Enfermos alimentam-se exclusivamente de piranhas assadas; muitos mantimentos são proibidos também para as mulheres grávidas. Certas pessoas declinam determinadas comidas: Pedro, p. ex., recusava a carne de cervo e os ovos de tracajá, alimentos que outros comiam. Os índios esclarecidos (civilizados), embora acreditassem ainda firmemente em todas as magias, comiam de tudo.

G. O FUMO

O único produto empregado como fonte de prazer é o tabaco (*kotí*). Os índios afirmam ter aprendido dos brasileiros o uso do fumo, e isto mais ou menos na primeira metade do século XIX. Nessa época receberam sementes (*kotilatí*) ou mudas, que planta-

ram primeiro no lodo, logrando sòmente obter plantas pequenas; experimentaram depois a cultura na roça, onde cresceram plantas maiores. O hábito de fumar é, porem, mais antigo. Referindo-se ao ano de 1773, informa Fonseca que fumavam o seu cachimbo da paz, feito de argila, voltados para o oriente, observando, sem dúvida, alguma cerimônia (2). Em todo caso, foi outro o vegetal recebido dos brasileiros. Atualmente cultiva-se o tabaco na roça; plantam-no os homens, na estação chuvosa, enterrando as sementes. Inicia-se a colheita, "quando as folhas começam a pender". (Já no mês de julho ví folhas frescas de tabaco penduradas para secar). Apanham-se as folhas, suspendendo-as, para secar, no interior das casas. Quando meio secas, os índios as esfregam entre as mãos ("para o tabaco ficar preto"), pendurando-as, em seguida, ao ar livre numa vara ou numa armação inclinada, onde acabam de secar. Guardam o fumo em cestos oblongos denominados *lalá;* para isso, os da horda setentrional o enrolam em forma de chumaços (*iluláu*), enquanto os da meridional lhe dão a feição de tranças (*ko* (*u*) *zä*). (Ver a fig. 194, Xavajé).

Fig. 103 — Fruto de jequitibá, de que se fazem cachimbos

Parece ser uma espécie de tabaco muito fraca; o seu aroma é pouco agradável; assim mesmo, fumam-no com verdadeira paixão. Consideram de qualidade superior o dos Xavajé, dos quais negociam

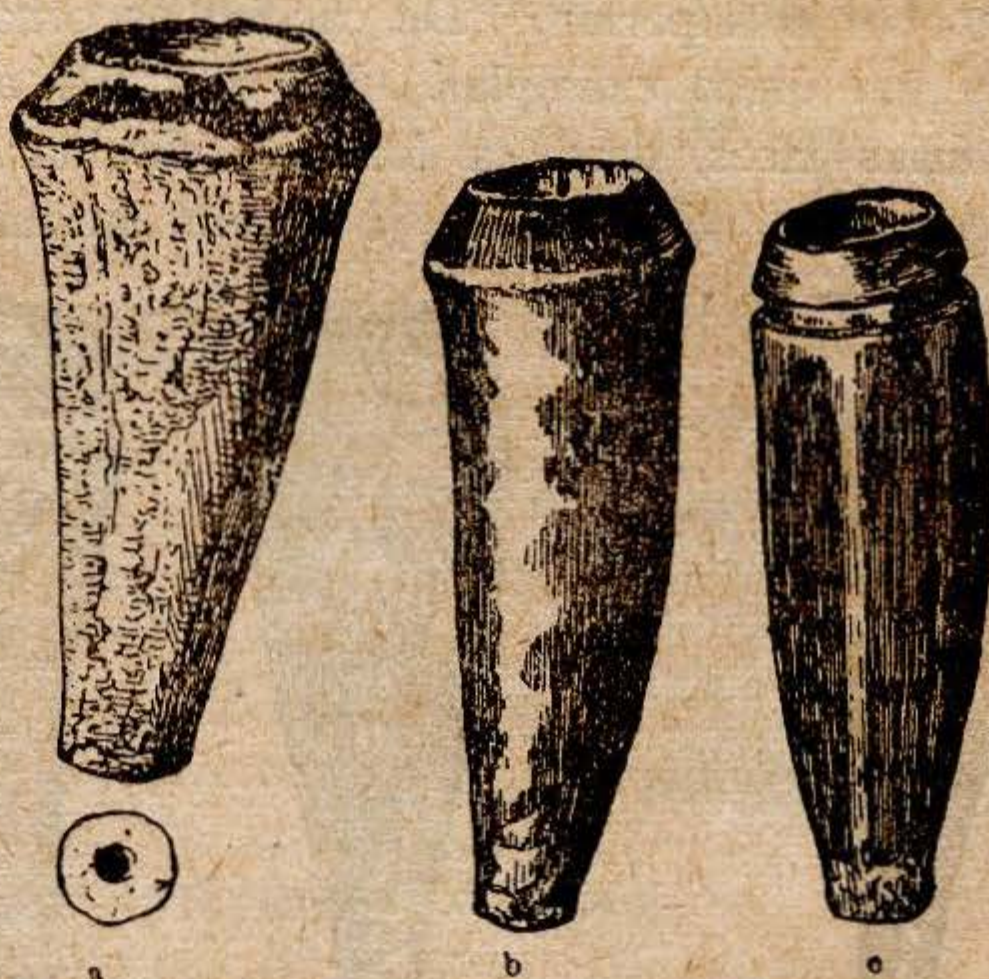



Fig. 104 a-c — **Cachimbos de fruto de jequitibá. a) Não acabado. b) Caprichosamente trabalhado, sem sulco. c) Caprichosamente trabalhado, com sulco.**

(2) — Rev. Trim. 8, p. 378 e 387.

mudas para melhorar a própria produção. Regressando da visita feita a estes últimos índios, acompanhou-me um Karajá que aí trocara flechas por mudas de fumo; trazia a cesta-de-carregar repleta de pacotes dessas plantas. As mudas estavam cuidadosamente acondicionadas em folhas e em imbira, formando embrulhos cilíndricos, resguardados externamente com varinhas de bambú e solidamente amarrados.

Os índios eram loucos sobretudo pelo fumo goiano forte.

Todos fumam, velhos e moços, homens e mulheres. Até às crianças de peito proporciona-se, de quando em quando, êsse prazer. Fuma-se sòmente cachimbo; é desconhecido o uso de cigarros de palha.

Faz-se o cachimbo (na língua dos homens: *wälioná, walikokó;* na das mulheres: *walikikó*) do fruto (*arikokó*) do jequitibá, de uns 7 cm. de comprimento e fechado com uma tampa. Amadurecido o fruto, salta a tampa, e as sementes se espalham pelo chão. Com auxílio duma faca, limpa-se bem a cápsula vazia, cortando, a seguir, as rugosidades externas, e pintando-a geralmente de vermelho. Há dois tipos de cachimbos: um sem, e outro com um sulco no bordo superior. De cachimbos ornados com obra de entalhe ví um único exemplar. Na fig. 104 a-c estão representadas as várias fases, desde a forma preliminar, apenas recortada, até o cachimbo alisado, que já serviu durante longo tempo. Na fig.

a

b

Fig. 105 — Imitação de um cachimbo em madeira

Fig. 106 a, b — Cachimbo lavrado de madeira

Fig. 107 — Cachimbo provido de tubo para aspirar o fumo

105 vê-se a imitação dum cachimbo, em madeira, como também se usa às vêzes. A fig. 106 a-b mostra o cachimbo, proveniente duma aldeia da horda setentrional, enfeitado com obra de entalhe em relevo e pintado de preto. O cachimbo da fig. 107 apresenta, ligado ao fornilho por meio de envoltório preto, um pequeno tubo por onde se aspira a fumaça.

Os cachimbos "foram inventados pelos velhos, quando estes aprenderam dos brasileiros o uso do tabaco" (?). Na horda meridional e, em parte na setentrional já estão em voga imitações em madeira (figs. 105, 106); nas aldeias mais para montante, que estão em contacto com os brasileiros, já se observam fornilhos de barro com tubos de taquara (3), cachimbos parecidos com os dos brasileiros, dos quais se distinguem apenas pela base achatada. São, de ordinário, enfeitados com gravação ornamental, e a argila (*zoú*), de côr primitivamente clara, se tornou preta pela ação do fogo (fig. 108 a-d). Para guardar o fumo de gasto diário e o cachimbo, os índios possuem cestinhos (*mõdí*, prancha 55, fig. 6 a), ou então pequenas bolsas de forma retangular e feitas dum trançado de imbira simples (*sahú*) ou dum tipo de trançado de imbira semelhante ao das esteiras (*mãxi*) — (Prancha 55, fig. 6 b, c).

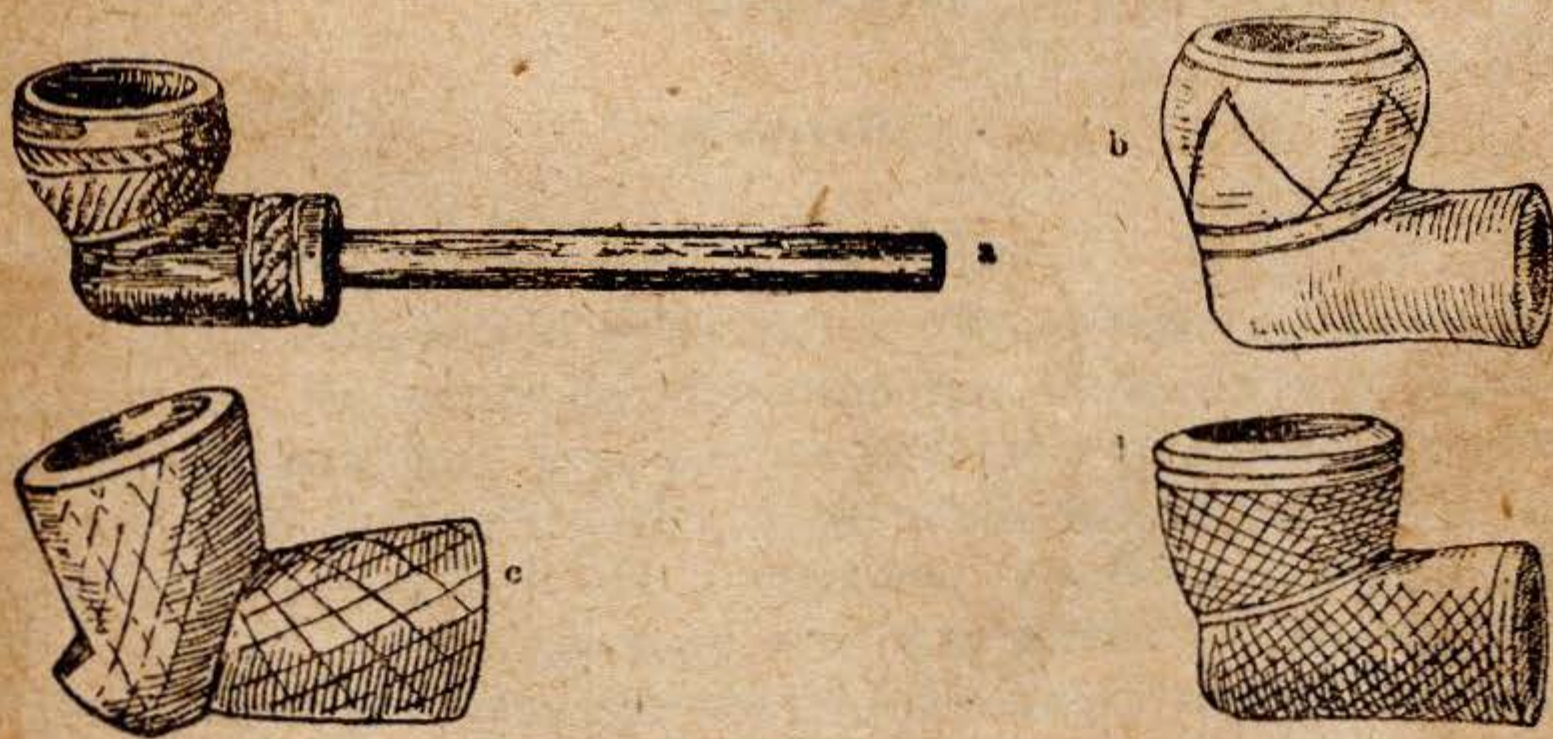



Fig. 108 a-d — **Cachimbos de barro**

A maneira de fumar é a seguinte: Põe-se o tabaco no cachimbo, comprimindo-o bastante, de sorte que ocupa três quartos do fornilho, mais ou menos. Deita-se sôbre o fumo um pedaço de

(3) — Veja-se, a este respeito, a informação de Fonseca, de 1778, em que já se fala de cachimbos-de-paz feitos de barro, sem, no entanto, se lhes descrever a forma. Rev. Trim. 8, p. 378.

madeira em brasa retirado da fogueira, tapando o cachimbo com a mão ou com um dedo. Feito isso, chupa-se depressa e muitas vêzes em seguida, até o tabaco arder; em geral, mas nem sempre, retira-se então a brasa. Fumando o seu cachimbo, os índios as- muitas vêzes em seguida, até o tabaco arder; em geral, mas nem sempre, retira-se então a brasa. Fumando o seu cachimbo, os índios as-piram a fumaça rapidamente muitas vêzes em seguida; parecem estar sorvendo ou bebendo (prancha 11, fig. 3); só então é que tiram o cachimbo da boca para expelirem a fumaça.

É curioso notar que os Kayapó empregam a denominação *walikokó*, que é o termo da língua das mulheres. Também êles usam cachimbos feitos do fruto do jequitibá; como exemplar único, ví, entre os Kayapó, um cachimbo de argila, imitação daqueles. Mas todos já se servem de canudinhos de aspiração, que enfiam lateralmente no fornilho. Possuiam estes cachimbos em número bem reduzido, vindo pedí-los sempre a mim. Certamente receberam o utensílio, e com êle o nome, dos Karajá ou dos Xambioá, por intermédio dos brasileiros. O uso do termo da língua das mulheres explica-se pelo fato de os homens o empregarem ordinariamente quando falam com estranhos.

ANO 7 — V. 84 — 1942

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

2.ª parte: Resultados científicos

Tradução de Egon Schaden

7. ARMAS PARA A GUERRA, A CAÇA E A PESCA

Para não dificultar a visão de conjunto dêsses utensílios com uma subdivisão em vários grupos de acôrdo com o emprêgo de cada um dêles, estuda-lo-emos simultaneamente Tratando da caça e da pesca, já tivemos ensejo de remeter o leitor para êste capítulo. Comecemo-lo por ligeira sinopse da distribuição das armas segundo a finalidade a que se destinam.

Como armas de guerra empregam-se as clavas, além de arcos e flechas com ponteiras de bambú. Para a caça servem lanças, arcos e flechas com pontas de madeira ou de lasca de bambú. Na pesca usam-se exclusivamente arcos e flechas com pequenas ponteiras de osso. Pratica-se o esporte com arcos e flechas, e com a tábua de arremêsso e flechas. Armas usadas talvez em tempos remotos são o bodoque, a funda (?) e o bumerang (?). O papel principal cabe, pois, ao arco e à flecha, cujo emprêgo prepondera incomparavelmente sôbre o das outras armas.

O arco [*w(a)x(i)uhadé*] e a flecha (*uohú*) são, em regra, fabricados pelo indivíduo que os vai usar. Nas viagens em canoa, os índios levam-nos sempre consigo, provendo-se de todos os tipos de flechas (para a guerra, para a caça e para a pesca).

Para arremessar a flecha, segura-se o arco em posição vertical (prancha 56, fig. 1). A flecha, encostada ao arco, fica entre êste e o indicador da mão esquerda, e, junto à corda, entre o polegar e o indicador da direita, enquanto os demais dedos esticam a corda. Ao armar o arco, leva-se a flecha até o ombro.

Como esporte, costumam atirar flechas para o alto. Dêsse exercício, que não me foi dado presenciar, obtive a seguinte descrição: O índio, deitando-se de costas, estica as pernas, juntas e dirigidas para cima. Enquanto o arco descansa sôbre as plantas dos pés, a corda, esticada com as mãos, é levada até o peito. O

arco, naturalmente, também se desprende dos pés, e a corda, voltando à posição normal, e batendo contra os pés, dizem causar violenta dor. (1).

As crianças aprendem a atirar com arco e flecha; observei mesmo meninos de uns três a quatro anos manejando pequenas armas. Serve-lhes essas armas (veja-se, adiante, o capítulo sôbre os brinquedos de criança) para se exercitar no arremêsso de flechas. Primeiro se atira num alvo fixo: uma raiz de consistência mole e forma cilíndrica, de uns 30 cm. de altura e 10 cm. de espessura, fincada na areia (fig. 109). A seguir, o pai passa a ensinar ao pequeno o tiro contra um alvo em movimento: faz rolar um anel de imbira sôbre o chão, e o menino, colocando-se a uma distância de 10 m. do pai, alveja o anel. Com o tempo, exigem-se-lhe distâncias sempre maiores. A flecha deve ficar presa na imbira. Um garotinho de 4 anos conseguiu atingí-lo com a terceira flechada, numa distância de 2 m. O anel de imbira [(*wa*) *xiololó*] consiste num chumaço de imbira, em forma de argola, de 3 1/2 cm. de grossura e 18 1/2 cm. de diâmetro com cerrado envoltório de imbira (prancha 46, fig. 2). Ehrenreich (Berlim 3960) considera-o, erroneamente, como anel-suporte para carregar objetos na cabeça, uso que não se observa entre os Karajá. Mais tarde, os exercícios de tiro se estendem ao alvo voador, cuias verdes lançadas para o alto. Destarte os meninos aprendem cedo o manejo de arco e flecha, em que alcançam, de ordinário, considerável destreza e segurança. Observei índios que, flechando peixes, quase nunca erravam o alvo; certo, havia outros menos hábeis.

Fig. 109 — Fruto usado como alvo nos exercícios de tiro de flecha

O arco é de pau de palmeira. Afirmam ser uma madeira (*olotó, woaluó*) existente apenas na região do Tapirapé. Em todo caso, os índios da horda meridional, consoante unânime informação, importam os seus arcos, ou material necessário, dos Karajá da horda setentrional ou dos próprios Tapirapé. Por isso, logrei adquirir arcos somente na horda setentrional, posto que na meridional eram tidos como preciosidades.

O arco é redondo, muitas vêzes ligeiramente achatado na face anterior, afilando-se nas duas extremidades, e terminando em pontas em forma de pua, destacadas do corpo do arco. Nos espécimes por mim colhidos, o comprimento das cordas varia entre 184 e 204 cm.

A corda (*anzú, mbaú;* segundo Ehrenreich: *mahuga*) é confeccionada pelo dono do arco, que, para isso, enrola três cordéis torci-

(1) — Idêntico costume, entre os índios das proximidades do Rio de Janeiro, é reproduzido por Debret, **Voyage pittoresque e historique au Brésil**, Vol. I, Paris 1836, prancha 5).

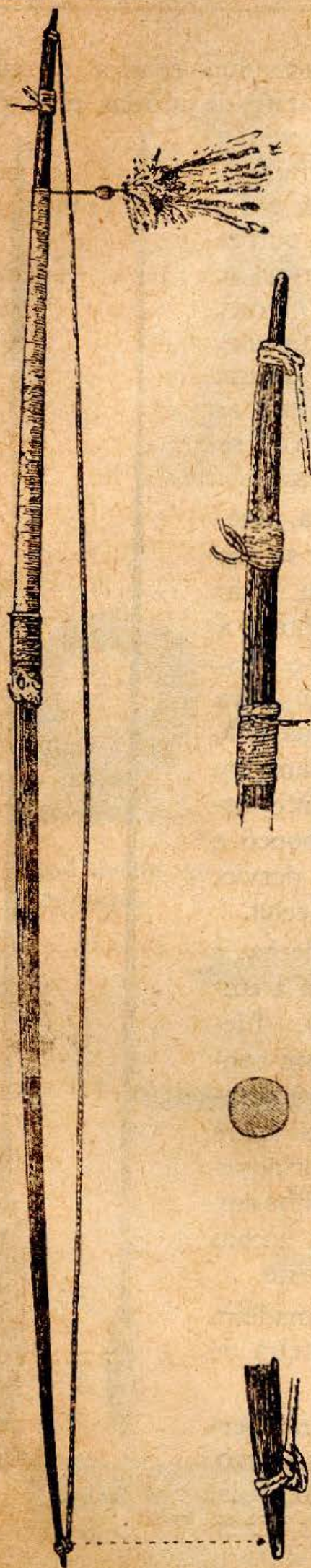



Fig. 110 — Arco com envoltório pintado de branco, palha de milho e borla de plumas.

dos de fibra imbauva. A corda vai diminuindo de espessura de uma extremidade para a outra, terminando finalmente como fino cordel. A fixação pode ser depreendida da figura 110. A corda propriamente dita é formada pela parte mais espessa, fixa ao arco de modo tal que se possa tirá-la facilmente numa das extremidades. Do ponto em que está presa, leva-se a parte mais fina, ao longo da face anterior do arco, até o meio dêste, aproximadamente, onde é amarrada, para depois voltar à extremidade do arco, enrolada na madeira em forma de espirais bem juntas. A pontinha que pende livremente ostenta muitas vêzes uma borla de plumas. Recobre-se, de ordinário, com tinta de argila branca o enrolamento formado pela extremidade da corda no meio do arco; no ponto inicial do enrolamento, fixa-se, como enfeite, uma palha de milho, por meio dum envoltório de algodão tingido de preto. A parte não abrangida pelo enrolamento é revestida, às vêzes, por um trançado preto e amarelo (fig. 111).

As flechas. Afim de se ter uma visão de conjunto das flechas, convem agrupá-las de acôrdo com as formas das pontas; pois a configuração dada a esta parte da flecha corresponde ao fim a que a arma se destina, o que afinal de contas, é o principal. Ao mesmo tempo, chamarei, porém, a atenção para os outros característicos variáveis, que, em parte, parecem representar marcas de propriedade e de tribu.

Observemos, de início, que cada indivíduo fabrica as suas próprias flechas. Mas, em virtude do hábito de usá-las para pagamento e de troca-las com o cacique de aldeias estranhas, quando em visita a estas, e de, por sua vez, receber dêle outras como presentes, encontram-,se reunidas na mão de um só índio, flechas das mais diferentes procedências; como, porém, duram pouco, predominam sempre as de fabricação própria. Não se costumam ervar as flechas.

Fig. 111 — Arco ostentando trançado ornamental e círculo de penas.

Antes de dispará-la, examina-se a flecha para ver se não está vergada; fazem-na girar entre a mão direita, levantada à altura do ombro direito, e a esquerda, bem estendida para baixo. Se, em vez de uma reta, a haste e a ponta formam um ligeiro ângulo, fato muito comum, endireita-se um pouco o projétil, para corrigir o desvio. Só então se dispara a flecha.

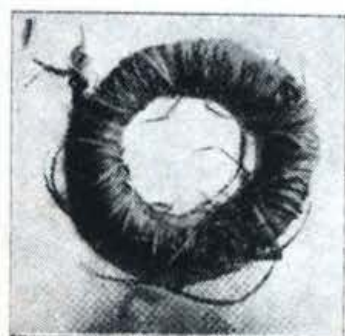
Distinguimos, na flecha, a ponta e a haste, esta com a emplumação (fig. 112 a b). Flechas em que ponta e haste consistem numa só taquara são usadas apenas por crianças (para alvejar aves; veja-se: brinquedos de crianças); os adultos empregam exclusivamente flechas com ponta inserta na haste.

A ponta consiste numa vara de madeira (*uhähúni*) afilada, ou provida duma ponteira de lasca de bambú ou dum pequeno osso.

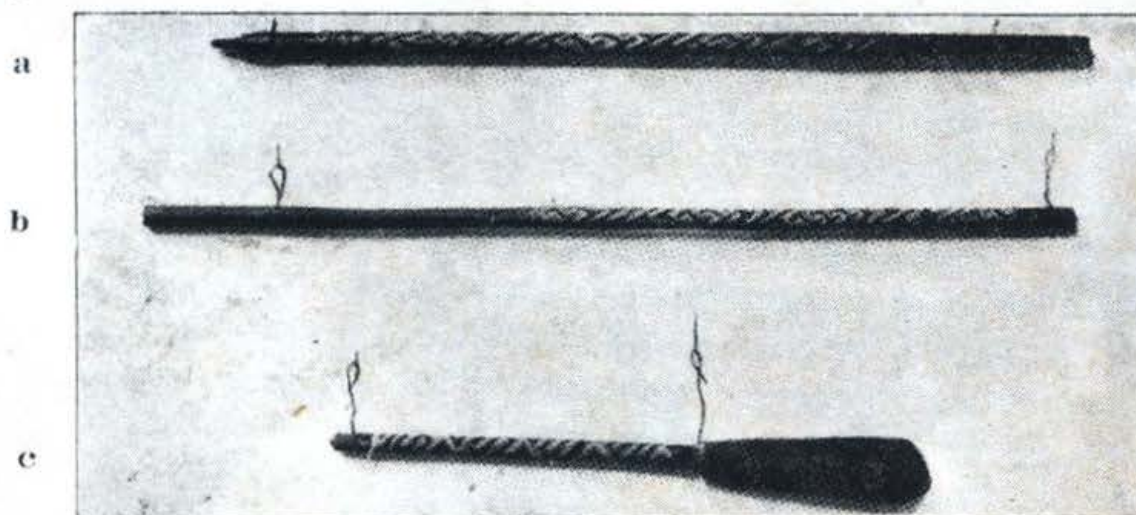
As flechas com pontas simples de madeira servem para caçar animais de porte (jaguar, cervo, anta, macaco). A ponta pode ser arredondada, chata e tri ou quadrangular; é provida, às vêzes,

Fig. 112 a-b — Flechas completas.

176 b

1. Flecheiro.

2. Anel usado como alvo.

a b c
4. a-c — Pequenas cuias-recipientes.

a
b
c

3. a-c — Clavas-cacetes.

5. Armação de canoa karajá.

duma ponteira destacada do corpo da vara. O seu comprimento varia de 38 a 50 cm. Às vêzes é tingida de preto (fig. 113 a-f). Uma variedade se distingue por pontas de madeira denteadas (*hädubiradädä, adedé*). Os entalhes ficam nas arestas da ponta

a b c d e f g h i

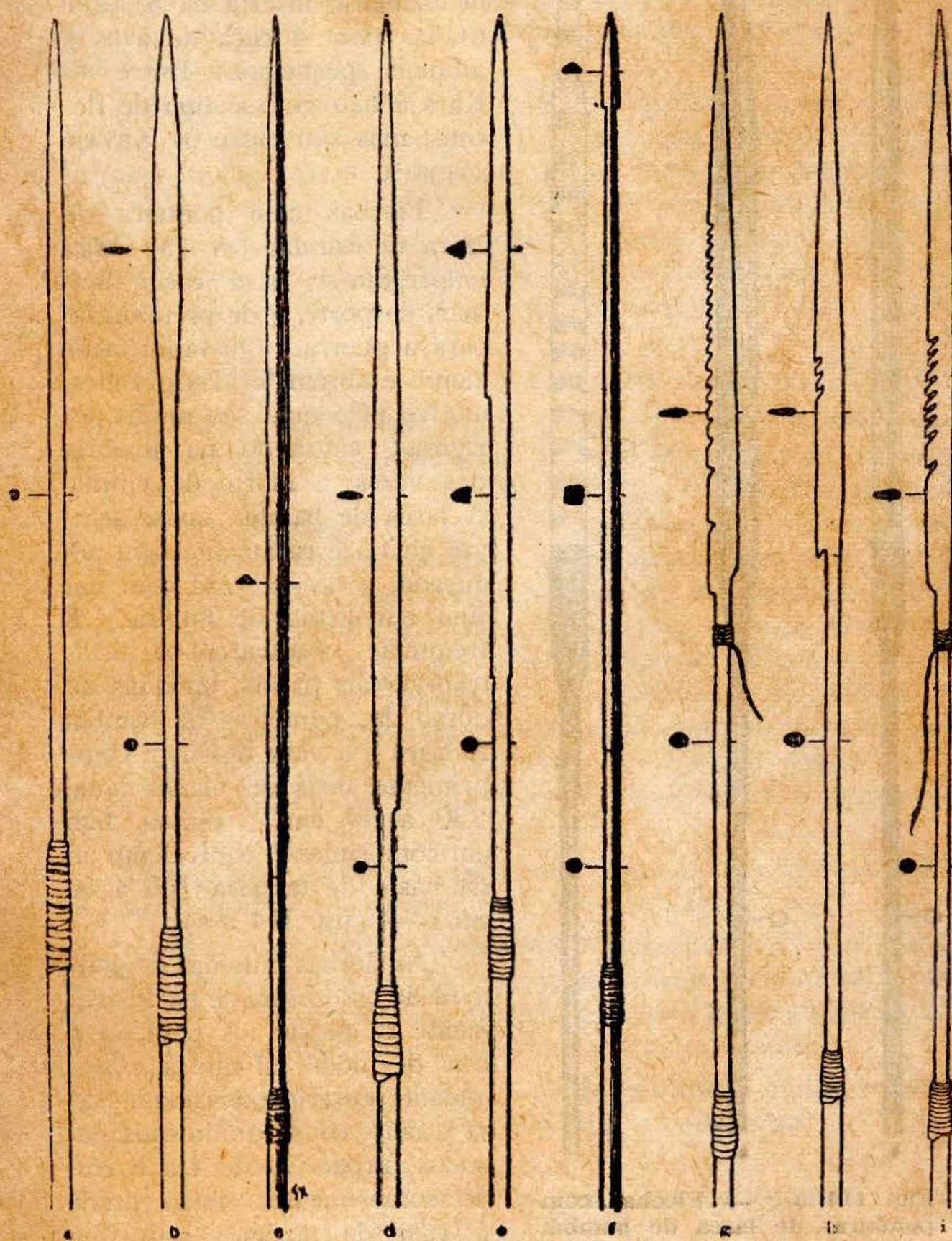



Fig. 113 a-i — Flechas com ponta de madeira.

triangular de madeira, ou então numa das arestas de pontas chatas de madeira. Varia consideravelmente o número e a disposição dos entalhes (fig. 113 g-i).

Ehrenreich refere-se a flechas com ponta grossa e romba de madeira, inserta na haste, e usadas para a caça de aves e animais pequenos. Entre os Karajá não vi êsse tipo de flechas, mas sim entre os Xavajé (veja-se aí).

Flechas com ponteira de lasca de bambú (*di* (*u*) *adá*) empregam-se para caçar animais de porte, e de preferência, para a guerra. Quebram facilmente e abrem feridas grandes, motivo pelo qual são muito perigosas, causando na maioria das vêzes, a morte da vítima. A lasca de bambú, quase sempre chata, e raramente bem arqueada, é fixa à vara com um fino envoltório de imbira. É frequente observarem-se listas transversais pretas, pintadas no dorso das ponteiras de bambú. A lasca e a vara possuem comprimento mais ou menos igual (30 a 40 cm.); juntas, têm um comprimento equivalente ao da haste de taquara (60 a 80 cm.) — (fig. 114 a-c).

a b c

Fig. 114 a-c — Flechas com ponteiras de lasca de bambú.

As flechas munidas de ponteira de osso usam-se exclusivamente na pesca. A ponteira é fixa de modo tal que a extremidade posterior se saliente para o lado, constituindo uma pequena farpa. Mede 4 a 6 cm. de comprimento, sendo unida à vara de madeira com fino

(2) — Flechas com ponteira de osso chata obtive sómente dos Kayapó.

enrolamento de imbira revestido duma camada de resina preta (fig. 115). Nos meus exemplares a ponteira de osso é sempre redonda, ao passo que Ehrenreich trouxe um segundo tipo com ponteira de osso chata (Berlim 4008) (2), e um terceiro, com ponteira formada dum osso tubular (Berlim 4009). A vara mede, nessas flechas, 40 a 50 cm. de comprimento; aparece às vêzes com sua côr natural ou pintada de vermelho, mas de ordinário tingida de preto; o comprimento da haste é de 100 a 120 cm. O osso de macaco (*uhidó, durolenidí*) reproduzido na figura 117 devia, por certo, servir de ponteira de flecha.

Numa única flecha observa-se, em lugar da ponteira de osso, um aguilhão de arraia (fig. 116); trata-se dum exemplar da aldeia da barra do Tapirapé.

A vara em que é fixa a ponteira não tem ornamentação, salvo pintura preta ou vermelha. É inserta na haste de taquara, na qual é colada com resina. Para tirá-la duma haste quebrada e colocá-la em outra, aquece-se a taquara sôbre o fogo, derretendo, destarte, a resina. A extremidade da haste em que se insere a vara é afilada, de modo que a transição entre as duas peças se dá de maneira suave. É frequente fender-se a haste quando se coloca a vara; as rachadelas se tapam com resina preta.

Reveste-se o ponto de fixação da vara com um envoltório de tiras estreitas de imbira preta, colado à haste com resina clara. Êsse envoltório (*dõdé*) pode ser feito de diferentes modos; ora recobre a vara e a haste de maneira contínua, ora se divide em duas partes, a menor no ponto de fixação, e a maior na

115 116

Fig. 115 — Flecha com ponteira de osso.

Fig. 116 — Flecha com ponteira de aguilhão de arraia.

Fig. 117 — Ponteira de osso para flechas.

haste, enquanto o espaço intermediário aparece com um enrolamento em espiral ou cruzado. Numa das flechas, o intervalo apresenta entalhes ornamentais (*uohuladí, iladí*); em outra, um trançado preto e amarelo. Mui raramente o envoltório se compõe de três partes (fig. 118).

a b c

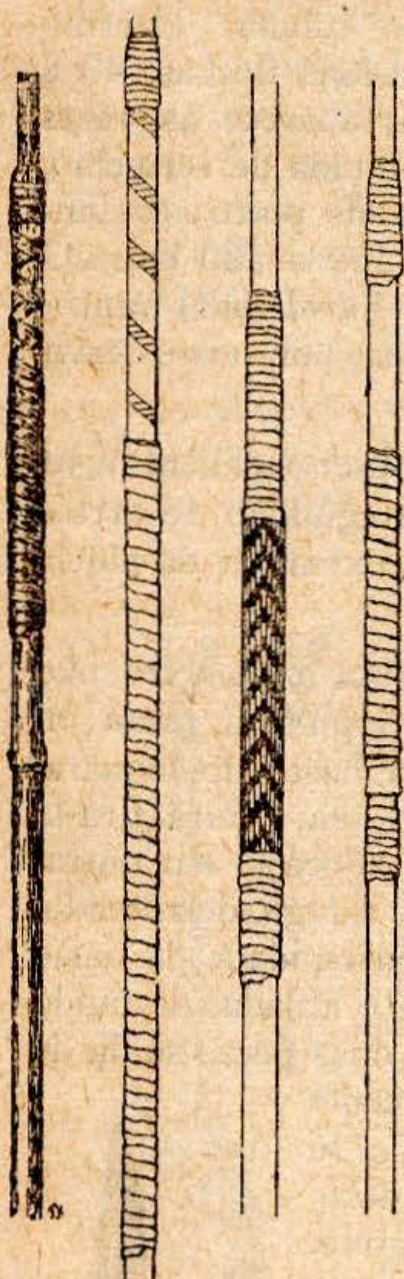



Fig. 118 — Ponto de inserção da ponta na haste.

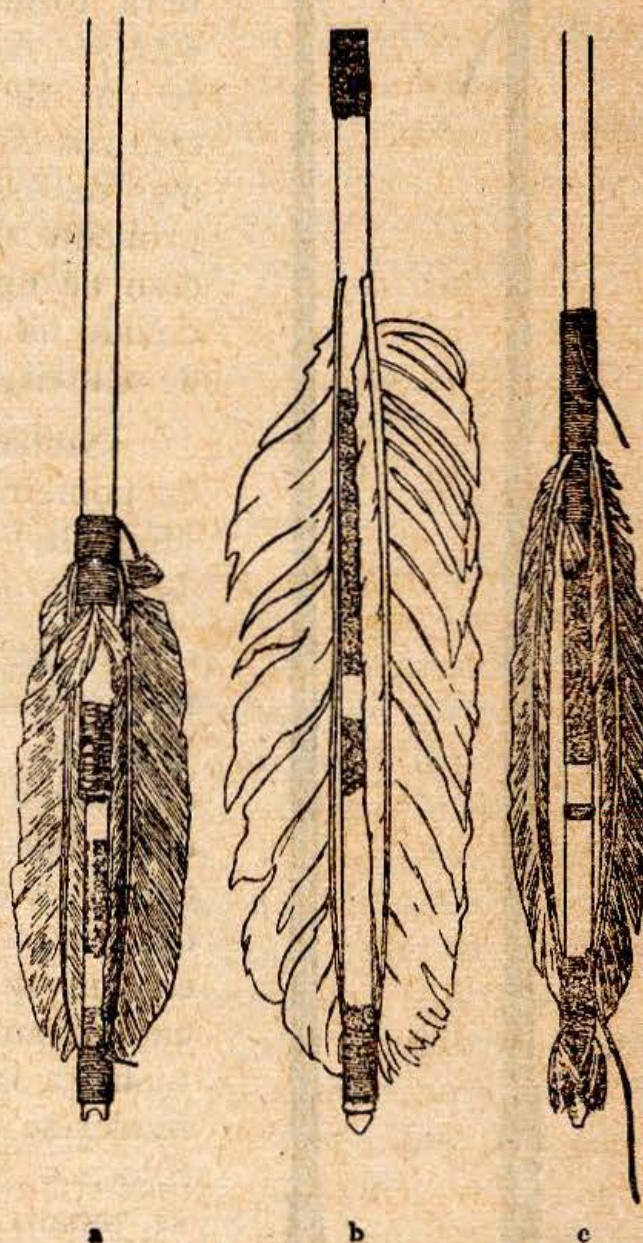



Fig. 119 a-c — Emplumação: a) extremidade remendada, b) colocação das plumas, c) emplumação completa.

A haste (*b'dolé*) é de taquara. Ao sul do Tapirapé, essa cana parece ser encontrada somente no território da horda meridional. Na ponta sul da Ilha do Bananal dei com a população duma aldeia em viagem para montante; dirigia-se a Leopoldina, afim de buscar taquara para flechas. A espessura média da haste é de 0,8 a 1,0 cm; o comprimento varia de acôrdo com o tipo de ponta (ver acima). Não vi nenhuma flecha de haste enfeitada.

O comprimento da emplumação varia, em geral, de 17 a 22 cm. Entre tôdas as minhas flechas há duas exceções, uma de 15, outra de 31 cm. A emplumação é fixa diretamente à extremidade inferior da haste. Ehrenreich escreve que a ponta das plumas aparece às vêzes inserida na haste, opinando tratar-se de flechas consertadas. Um exemplar consertado da minha coleção (fig. 119 a) confirma essa conjetura.

A emplumação, que é feita com muito capricho, consiste em duas penas opostas, com as pontas superiores presas pelo envoltório próximo ao entalhe terminal da haste, e as barbas internas bastante podadas. No ponto em que se prende o canhão das plumas, a haste é previamente friccionada com resina; depois de se aplicar sôbre a resina a extremidade do canhão, partida ao meio, dá-se às barbas posição perpendicular à haste e o giro conveniente (entre um oitavo e um quarto da circunferência da haste) — (fig. 119 b). Em seguida, prendem-se as pontas dos canhões com firme envoltório de fio preto de algodão (*äsódebé*) e por fim se recortam as barbas externas das plumas (fig 119 c). Outrora se chamuscavam as barbas afim de lhes dar a forma desejada; desde que começaram a receber tesouras de ferro, os índios as podam com estas. Somente depois de concluida a emplumação, coloca-se a ponta da flecha.

Uma emplumação diferente (enrolamento em espiral, passando entre as duas plumas partidas ao meio, observa-se nalgumas flechas de crianças da horda setentrional (ver brinquedos de criança). Ainda não é possível dizer com segurança se, neste caso se trata duma emplumação antiga, hoje em desuso entre os adultos.

No envoltório de algodão que prende as extremidades dos canhões atam-se, de ordinário, pequenas plumas vermelhas e, mais raramente, amarelas, voltadas para dentro da emplumação.

A parte da haste abrangida pela emplumação ostenta, em geral, faixas ou anéis de verniz vermelho ou amarelo (fig. 120 a-k), de finalidade exclusivamente ornamental.

O envoltório próximo ao entalhe terminal da haste é constituído dum fio branco e fino de algodão. Nas flechas dos Karajá, êsse envoltório se prolonga até o entalhe. Segundo Kurixí, esta particularidade é característica das flechas karajá, enquanto as dos Xavajé se distinguiriam por um pequeno intervalo entre o entalhe e o envoltório. Cumpre notar, porém, que entre os Xavajé também obtive flechas com envoltório à maneira karajá, o que se explica, talvez, pelo vivo intercâmbio entre as duas tribus.

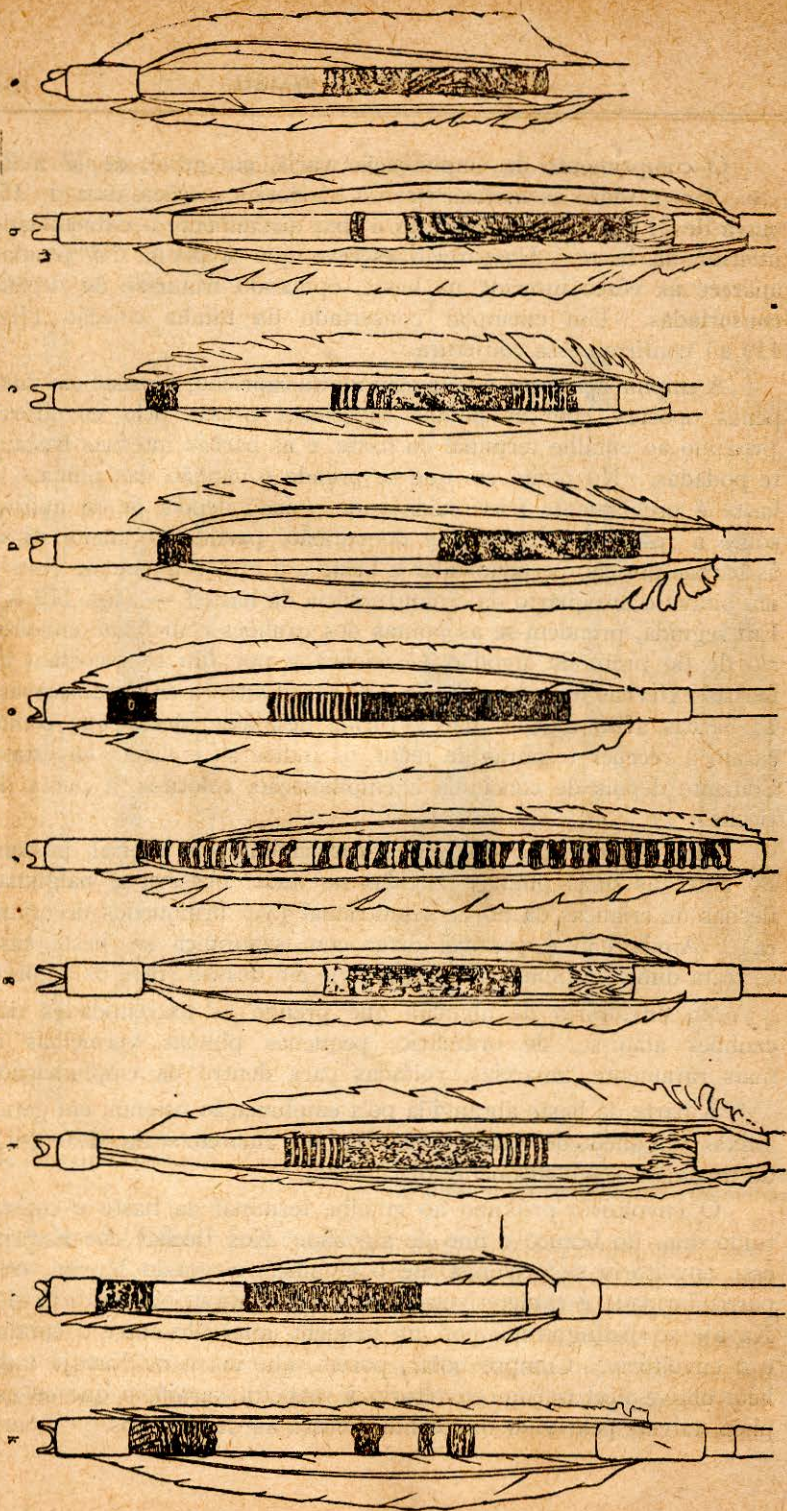



Fig. 120 a-k — Ornamentação da haste na parte abrangida pela emplumação.

Consiste o envoltório em círculos paralelos; é diferente apenas nas camadas superiores, onde os fios aparecem cruzados (fig. 121 a-i). Segundo informação de Kurixí são característicos para os Karajá quatro cruzamentos de fios, e para os Tapirapé dois. As minhas observações não confirmam êsse informe; havia, ao contrário, uma extraordinária variedade de cruzamentos. É certo que provêm da aldeia da barra do Tapirapé as flechas com dois cruzamentos de fios (fig. 121 b) e os envoltórios diferentes representados na fig. 121 h-i. Ao que parece, essas variações são os distintivos dos fabricantes das flechas; pois, quando se perguntava por estes, os Karajá estranhos olhavam sempre para a extremidade em que havia o entalhe. Não logrei obter dados mais precisos a respeito; sobretudo não me foi possível saber se cada indivíduo tem a sua marca particular ou se as famílias (ou grupos totêmicos?) possuem determinadas marcas para todos os seus membros.

a b c d e f g h i

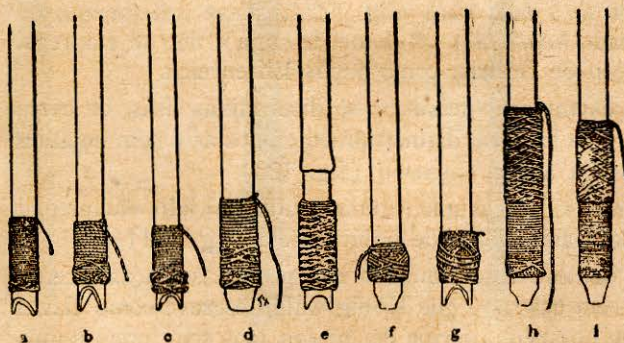



Fig. 121 a-i — Envoltório próximo ao entalhe terminal da haste.

Fig. 122 — Instrumento para estriar as clavas.

O entalhe (*donawudulonã*) é pouco profundo e de secção ligeiramente oblíqua. Algumas flechas apresentam, presas ao envoltório próximo do entalhe, duas plumas vermelhas, que sobressaem na extremidade (fig. 119 c). Ao que me disseram os índios, põem-se essas pluminhas para que a flecha se desprenda com maior facilidade e a mão não se canse tão depressa.

A clava (*gohordé*) é a arma guerreira por excelência dos índios. Os Karajá não saem em canoa sem levarem, ao lado do arco e das flechas, a sua clava; nas viagens terrestres, ela constitue, as mais das vezes, o seu único companheiro. Quando na aldeia andam armados, é também sempre de clava.

As clavas são feitas de madeira pesada (*woaluó*). São redondas, espessando-se na parte dianteira, onde terminam, com aresta cortante, numa corcova pontuda. O punho termina numa maça, separada do corpo da clava por meio duma parte intermediária com duas ou três estrias. Segundo Ehrenreich, o número das estrias varia de uma profunda para quatro ou cinco rasas, enquanto tôdas as clavas xambioá da coleção dêle apresentam três estrias. Não existe entre os Kayapó o tipo de maças e de punhos de remo trazidos por Ehrenreich dos Xambioá, tipo em que a parte intermediária é dividida por meio de outra, delgada, lisa e mais longa, e em que as porções largas e grossas desta, cada uma provida duma estria, sobressaem nas duas extremidades (3979 e outros).

Na parte superior (a contar da cabeça), a maça apresenta estrias longitudinais. Clavas lisas, como as trouxe Ehrenreich, não vi em parte alguma. Produzem-se as estrias longitudinais com um dente de roedor (cutia: *hauli*; conforme Ehrenreich também agutí ou capivara), prêso a uma vara (fig. 122). Êsse instrumento de estriar, denominado *haulidjú* (= dente de cutia), não se emprega, pois, na confecção de flechas, como supôs Ehrenreich.

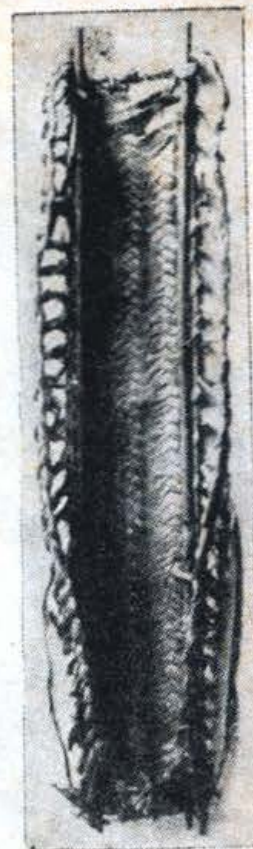
Em alguns exemplares deixaram-se duas faixas lisas, de cêrca de um centímetro de largura, diametralmente opostas e com entalhes decorativos em tôda a sua extensão (fig. 123).

São bem raras as maças que ostentam um trançado ornamental de talas de taquara amarelas e de imbira preta (fig. 124).

Observa-se sempre êsse trançado nas pequenas maças-cacetes, que nunca vi serem usadas e que Königswald descreve como clavas para danças. Ou possuem a forma das maças, mas sem terem punho especial, ou terminam numa folha, mais larga, com o punho distinto da parte restante (prancha 56, fig. 3 a-c). O primeiro tipo mede uns 70 cm. de comprimento, o segundo cêrca de 50 cm.

Ehrenreich descreve ainda um segundo tipo de maças: clavas chatas, em forma de pá, tendo uma folha prismática de quatro faces, arestas agudas e ponta lanceolada. O cabo é revestido com um trançado de cujas duas extremidades pendem borlas de algodão (*Beiträge*, prancha IV, fig 11). O citado autor obteve dos Xambioá duas dessas clavas (Berlim 3980), tendo visto uma forma mais grosseira entre os Karajá. Resta saber se essa forma de maça é originária dos Karajá. Eu pelo menos não encontrei formas assim entre os Karajá, nem entre os Xavajé, mas sim entre os Kayapó, de cujo primitivo patrimônio cultural as clavas largas e cortantes parecem fazer parte. É possível que os Xambioá tenham re-

1. Cesto de carregar.

3. Cesto redondo preso à faixa frontal.

2. Cesto de carregar.

12.

4. Bolsa

5. Saco

6. Saco

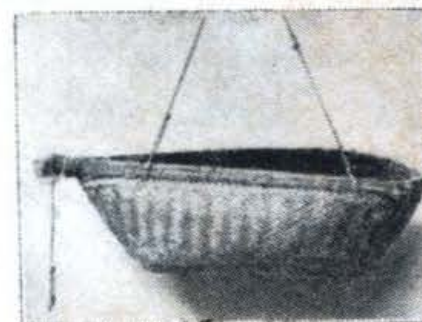
8

10

9

11

13.

8. 11. Cestos de fundo quadrado e boca redonda.

7. Cesto oval com ponta.

14. Cesto raso 15. Cestinha, ambos trançados de dois.

16. Cesto duplo de varinhas, aberto.

17. Idem, fechado.

Fig. 123 — Clava.

Fig. 124 — Clava com o punho revestido de trançado.

Fig. 125 — Clava de criança. Karajá.

Fig. 126 — Lança.

cebido êsse tipo dos Kayapó. Sómente uma pequena maça de criança dos Karajá (fig. 125) apresenta um tipo semelhante (3); tratase todavia dum exemplar da aldeia da barra do Tapirapé, de sorte que também neste caso não se pode dizer se nesse brinquedo foi conservada uma antiga forma de clavas hoje em desuso, ou se estamos diante de um caso, talvez mais provável, de influência tapirapé ou kayapó.

---

(3) — Veja-se, porém, igualmente a clava-cacete a que acima nos referimos (fig. 56, fig 3 c).

Uma função menos importante cabe às lanças (*donoli*; fig. 126). São uma arma própria da cultura karajá. Hoje parecem servir exclusivamente como arma de exibição em festas, visitas, etc. Outrora eram empregadas na caça do jaguar: os penachos da ponta visavam assustar e fazer vacilar o animal, de maneira que, no momento mais oportuno, se pudesse ferir o golpe mortal (informação dos índios). Nunca ouví dizer que as lanças tenham sido usadas na guerra.

A haste é feita dum pesado pau de palmeira (aruera); mede quase sempre 240 e 260 cm de comprimento e uns 3 cm de espessura; somente em dois exemplares de minha coleção o comprimento é apenas um pouco superior a 200 cm.

A ponta é constituida dum fêmur de ponta devidamente aguçado; mede uns 20 cm de comprimento. No ponto em que assenta sôbre a haste, esta tem um trecho de cêrca de 10 cm coberto dum envoltório de fio vermelho de algodão, de cujos círculos superiores pendem longas borlas de plumas de arara. Logo abaixo desse envoltório segue-se um trançado decorativo de talas de taquara logintudinais e listas de imbira formando círculos horizontais.

Ehrenreich informa ainda que êsse trançado ostenta, numa e noutra extremidade, pequenos círculos de plumas; não se observa isso nos meus exemplares.

Informaram-me os índios de que os dardos por êles usados não possuiam, antigamente, pontas de osso, e de que, em vez disso, a haste era aguçada na frente; quanto ao mais, eram como as de hoje.

As armas de que passamos a tratar, não tem mais, atualmente, nenhuma utilidade prática. Ou transformaram-se em arma esportiva, como se deu com o propulsor de flechas, ou em brinquedo de criança (bodoque), ou então desapareceram.

O propulsor de flechas (*aubí, obirú;* fig. 127 a) lembra, quanto à forma, os propulsores de flechas das tribus do Xingú, dos quais se distingue apenas pelo tamanho, consideravelmente maior (67 cm de comprimento). O gancho da extremidade superior é de osso, sendo fixo por um envoltório branco de algodão (fig. 127 b). A flecha (*kohulá*) lançada pelo propulsor devia ser feita propriamente de cana brava (*hedziwá*). Num exemplar, confeccionado como modêlo, a haste é de cambaiuva, medindo cêrca de 1 1/2 m de comprimento, e apresentando, na extremidade anterior, uma ponteira grossa dum pesado pau de palmeira (fig. 127 c). Disseram-me haver também flechas com grossa ponteira de pedra, fixa por meio de cera; não vi, porém, nenhum

exemplar dêsse tipo. A haste não tem emplumação, nem apresenta entalhe. São diferentes as flechas de ubá trazidas por Ehrenreich; há nelas uma secção circular, separando do resto a extremidade com o orifício. O propulsor e a flecha reproduzidos na fig. 127 foram confeccionados pelos índios a meu pedido.

Da fig. 127 c pode depreender-se o manejo. Segura-se o propulsor com a mão direita, engancha-se nele a flecha pelo orifício da ponta posterior, colocando-a sôbre a tábua e segurando-a da seguinte maneira: o polegar encosta-se na aresta direita do propulsor; o indicador é enfiado no ôlho do punho; o médio, passando pela borda esquerda, abrange a flecha; o anelar, passando também pela borda esquerda, põe-se sob a flecha, i é, entre esta e a tábua; o mínimo, finalmente se encosta à aresta esquerda. A mão esquerda espalmada sustenta a ponta anterior da flecha. Lança-se a flecha com o mesmo movimento com que se arremessa um dardo. Podem-se, assim, fazer arremessos horizontais, para o alto e para baixo (estes últimos para alvejar peixes).

Fig. 127 a-c — a) Propulsor de flechas b) Pormenor do gancho, c) Manejo do propulsor.

Entre os Karajá não encontrei mais êsse utensílio; é verdade que o conheciam, mas havia na horda meridional pessoas de meia idade que afirmavam não tê-lo visto ainda. Entretanto, o emprêgo era ainda conhecido, e todos contavam que os Xavajé possuiam e usavam ainda muitos propulsores de flechas.

Entre os Karajá, a sua função passou a ser a duma arma esportiva, empregam-no hoje somente por ocasião dum jôgo denominado *anarkántenduohú* (jôgo dos Tapirapé), e realizado, ao que me contaram, na época em que floresce o pau d'arco. Segundo as descrições que obtive, o jôgo se passa do seguinte modo: Dois jovens defrontam-se, ambos munidos de propulsor e flechas. Um desafia o outro para a luta, cantando: *wohálalakudjé, wohúlalakudjé*: lance a flecha, que não me acertará. O outro replica: *djobidjobikó, djobikó dehoí*: hei de acertar. A seguir começam a ar-

remessar as flechas, alvejando as coxas ou os tornozelos do adversário; cada qual procura mostrar a sua agilidade tanto no arremêsso como na esquiva. Dizem que, caso alguém não se esquive hàbilmente, a flecha penetra bastante na carne, provocando graves ferimentos, e que, para extraí-la, deve-se bater nela, de um e do outro lado, com o propulsor.

É singular o nome do jôgo: jôgo dos Tapirapé. Informaram-me os Karajá que os Tapirapé possuem o propulsor de flechas, e êsse jôgo. Considerando a existência do utensílio entre os índios da nascente do Xingú, somos levados a admitir que os Karajá receberam o jôgo dos Tapirapé. Ignoramos , no entanto, as circunstâncias pelas quais o utensílio caiu em desuso entre os Karajá, enquanto continua a ser empregado pelos Xavajé.

Quanto ao bodoque (bodoque), não o encontrei entre os Karajá. Disseram-me, todavia, na horda meridional, que sabem fabricá-lo e que as crianças o empregam para atirar pedras, afim de matar passarinhos. É provável que os índios o tenham recebido dos brasileiros; em Leopoldina, as crianças brasileiras o usavam com frequência como brinquedo. A falta, no idioma karajá, de um nome para o utensílio, leva-nos, pelo menos, à conclusão de que não é próprio da cultura dêsses índios.

Nota: A título de apêndice, cumpre-me tratar aquí de dois utensílios acêrca dos quais obtive dos índios apenas dados de todo inverificáveis. Eu tinha o princípio de perguntar por todos os objetos que de qualquer modo podiam existir entre os selvícolas; e nos casos em que a descrição se revelava insuficiente, eu fabricava modelos. Assim, exibi aos índios também uma funda. Em várias aldeias declararam unânimes que o instrumento (*nerudí*) lhes era conhecido, mas que não o usavam por falta de pedras. Diziam tê-lo recebido dos brasileiros. Não consegui levar os índios a fabricarem um dêsses instrumentos para a minha coleção.

São mais precários ainda os dados a respeito do bumerangue. O meu informante Kurixí, cujas indicações em geral se revelaram fidedignas, disse-me haver ouvido, em menino, de sua mãe, que os Karajá da horda setentrional possuiam um utensílio de madeira (*iadezé*) que, arremessado ao longe, tornava ao ponto de partida. Acrescentou não ter visto nenhum utensílio dêsse tipo e que, de certo, estaria em desuso há muito tempo. Como não logrei verificar a exatidão dêsses dois informes, apresento-os aqui com a máxima reserva.

Os índios não possuem armas defensivas. Contra os golpes, protegem-se apenas com a mão e o braço. Para aparar flechas, recorrem à clava; não sabem desviá-las com o dardo, o arco ou a

flecha. Não possuem tão pouco defesa especial contra o golpe produzido pela corda do arco ao despedir uma flecha e que até afirmam ser bastante doloroso. O punho (*dexí*) abranda-o um pouco; quem não usa punhos, como os homens casados, envolve às vêzes o antebraço com imbira, o que, no entanto, se parece dar somente na guerra, pois na pesca nunca os vi lançarem mão disso.

Não usam talismãs; conhecem apenas um recurso mágico contra flechadas: Com auxílio de resina, cola-se sôbre o peito, à direita e à esquerda, uma placa, de 10 cm. de diâmetro, feita de pedaços raspados da corda do arco. Acreditam que, destarte, o peito não pode ser atingido por nenhuma flecha.

8. MEIOS DE TRANSORTES E DE COMUNICAÇÃO

Os indígenas não gostam de viajar por terra. De mais a mais, a extensão norte-sul de seu território ao longo do rio condiciona, de preferência, viagens de canoas entre as várias aldeias. Somente para ir às plantações ou para visitar tribus estranhas, é que se empreendem caminhadas. Para essas duas finalidades existem veredas.

Os caminhos, que se formam pisando ou arrancando os tufos de capim, medem uns 20 a 25 cm. de largo; em vez de retos, correm com ligeiras sinuosidades. Os índios não põem como é frequente afirmar-se, um pé exatamente diante do outro, mas, como pude observar demoradamente em marchas de vários dias, caminham exatamente como nós, os artelhos virados para fora; quando muito, dirigiam o pé um pouco para dentro, se a isso os obrigava algum tufo grande de capim à beira do caminho. Mesmo descalço, anda-se comodamente nas veredas, que os índios conservam limpas e lisas.

Enquanto nos caminhos curtos, como para a roça, não há quaisquer aprestos, encontram-se nas longas veredas que, trilhadas com frequência, servem para marchas de vários dias, pequenas cabanas de abrigo, à distância de uma jornada uma da outra, sítios próprios para a fogueira, canoas para varar os rios e vasilhas para o transporte de água, numa e noutra margem das correntes fluviais. Foi por uma dessas vias que cruzei a Ilha do Bananal afim de alcançar as aldeias xavajé.

Para o transporte por terra, usam-se, de ordinário, cestas-de-carregar (*behulé*) prêsas por bandoleiras e faixas frontais; com elas se levam cargas bem consideráveis (prancha 57, figs. 1 e 2). Os

demais volumes pesados se transportam igualmente todos com auxílio duma faixa parda de imbira (*ouna*), em tôrno da testa ou do tórax; assim, p. ex., as grandes cestas-de-carregar (*wälilí*, prancha 57, fig. 3). Também para carregar as minhas mochilas, os índios fizeram adrede faixas frontais. As grandes esteiras-de-dormir transportam-se enroladas e postas sôbre a cabeça.

Cargas menores levam-se em receptáculos munidos de alças, como, p. ex., sacos (*mãxi*; prancha 57, figs. 5 e 6), bolsas (*lolú*; prancha 57, fig. 4), cestos duplos de fasquias (*wrabahí*; prancha 57, figs. 16 e 17), bolsinhas (prancha 55, fig. 6 a-c), ou em pequenas cuias com alça prêsa no bordo perfurado ou revestidas dum trançado de imbira (*dalílikú*) ou duma rede preta trançada de algodão (*walabukú*; prancha 56, fig. 4 a-c).

As crianças ficam escanchadas nos quadrís dos adultos, que os seguram com a mão (prancha 12, fig. 4; prancha 37, fig. 2; prancha 42, figs. 2, 3).

a b

Fig. 128 a-b — Remo karajá.

As viagens principais fazem-se sôbre o rio, em canoas. A canoa (*awó*), de que cada família possue uma ou várias, é inteiriça, medindo 6 a 10 m de comprimento por 40 a 60 cm de largura. As duas pontas, além de estiradas, são cortadas obliquamente em baixo, para, com maior facilidade, arribarem às praias arenosas ou delas se desprenderem (prancha 56, fig. 5). Não há assentos nos barcos; fica-se de cócoras ou assentado sôbre o fundo estreito da embarcação. Às vêzes, colocam-se na canoa varas transversais, sôbre as quais fica a carga, a salvo da água da esteira. Num ponto do interior da embarcação, nota-se, não raro, uma camada de argila, sôbre a qual fica lenha em brasa, para transporte do fogo.

Movem-se as canoas com auxílio de remos e varas; estas como aquêles usam-se para descer e subir o rio, as varas naturalmente só na água rasa. Os remos (*nalihí*) manejam-se livremente, patejando; os remeiros ficam de joelhos ou sentados, o rosto na direção da proa. Sendo a embarcação movida por um homem apenas, êste fica sentado atrás, para poder governá-la; quando tripulada por dois homens, um fica na proa, o outro na popa; havendo vários remadores, distribuem-se êles por tôda a canoa. O compasso dos remos, neste último caso, forma-se espontaneamen-

te, porquanto os demais remadores devem acompanhar o da proa. O canto que os moços costumam entoar quando remam nada tem que ver com o compasso dos remos. Há várias maneiras de remar: pancadas rápidas e isoladas; remadas longas, seguindo-se num ritmo uniforme; remadas lentas, levantando-se, no fim, a pá do remo, de sorte que a água cai em largo jacto, são tidas como sobremodo elegantes. Os índios revelam notável perseverança, remando muitas horas a fio.

Os remos, medindo uns 130 cm de comprimento, tem uma pá de 18 a 19 cm de largura e uns 70 cm de comprimento, terminando numa ponta bastante alongada, que se destaca do corpo da pá. Esta é, às vêzes, pintada de preto, tendo no centro uma faixa transversal vermelha. Abaixo do punho, de forma de muleta curta e arqueada, observam-se, no cabo, três anéis salientes, produzidos por meio de dois sulcos entalhados; são característicos para os Karajá (4).

O timão, idêntico ao remo, é, como êste, manejado livremente.

As varas (*hodjú, wälotó,* de pau meijú) medem uns 4 a 5 m de comprimento; são cortadas de árvores esbeltas e finas, sob cuja casca branca se encontra uma imbira vermelha que tem, enquanto nova, um cheiro de agrião. Não se precisando da vara, é ela enfiada numa alça curta que atravessa, na frente, o bordo da embarcação; acompanha, destarte, a canoa, boiando de comprido sôbre a água. Para levar a embarcação à vara, o índio fica na proa, quer esteja só ou tenha um timoneiro como auxiliar. Finca a vara no leito do rio, ora de um, ora do outro lado da canoa, de acôrdo com o rumo; vira-se depois, aperta a extremidade contra o peito e, dando uns 5 ou 6 passos em direção do centro da canoa, vai empurrando o barco. Em seguida, corre para a frente, recomeçando o movimento (prancha 1).

Correndo-se assim na canoa, esta joga muito; mas os índios são muito habilidosos, de modo que não entra água.

Quando vários índios a empurram, êles ficam alternadamente dirigidos para a direita e para a esquerda, manejando as varas sem sair do lugar. Puxando a vara para a frente, levantam-na distante da canoa, de maneira que não entre nenhuma água.

Ao passo que os homens e as mulheres remam indiferentemente, nunca observei mulheres levando uma canoa à vara.

Enquanto nas águas pouco profundas se empurra a canoa sôbre a areia, colocam-se nos bancos de areia descobertos paus roliços, sôbre os quais se move o barco.

---

(4) — Veja-se o que acima se disse sôbre os punhos das clavas, (fig. 128 a-b).

Âncoras para fixar as canoas não se empregam; com pedras revestidas dum trançado seguram-se apenas, no fundo da água, os anzóis para pegar tartarugas. Puxam-se os barcos um pouco sôbre a praia, fincando a vara, através da alça, na areia; é a sua única fixação.

Para remover a água que penetra na canoa, servem metades de cuia.

Só na aldeia número 20 vi barcos ornamentados. Uma ostentava, pintadas, internamente, figuras humanas, de cor clara; na borda de outra havia 36 entalhes, que me foram explicados como representando o número de noites necessárias para ir ao território dos Xambioá.

Essas viagens de várias semanas são feitas, de costume, por um grupo numeroso; muitas vêzes parte a aldeia tôda em grande número de canoas atulhadas de volumes. A sós, os índios se dirigem apenas a lugares situados a uma ou duas jornadas de distância. Levam poucas provisões: mandioca, milho e a panela; os peixes obtem-se, na viagem, em duas pescas diárias. Remeiros e timoneiros revezam-se cada dia nas viagens mais longas, principalmente quando vão só dois na embarcação.

Às vêzes ocorrem naufrágios, sobretudo quando se vara o rio com temporal. Êsses incidentes, que tem custado a vida a bom número de índios e de que me foram relatados vários exemplos, encontram fácil explicação nas vagas altas produzidas pelos ventos, como nas canoas estreitas e baixas dos índios. Várias vêzes eu próprio me vi forçado a refugiar-me com as minhas canoas (barcos inteiriços, com duas pranchas laterais), nalgum barranco ou numa praia, para ficar a salvo do vento e das ondas.

Os índios suportam com bastante facilidade os temporais que lhes sobrevêm na viagem. Com varas e fôlhas de palmeiras adrede preparadas, que sempre levam consigo em excursões mais ou menos longas, constroem depressa pequenos paraventos; ou então puxam a canoa para a praia, virando-a e deitando-se debaixo dela envolvidos nas cobertas, ao lado duma fogueira, acesa no meio. Passam assim as piores noites de tempestade e de chuva.

ANO 8 — Nº 85 — set. 1942

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

9. *Comércio, dinheiro, medidas*

Os Karajá empreendem suas excursões e viagens por terra quasi que exclusivamente para a pesca e a obtenção de matérias primas. Assim, Pedro levou grandes quantidades de sementes de urucú da aldeia 19 para o seu torrão natal (aldeia 2); afirmou que acima do Rio Tapirapé não havia urucú; referia-se, provavelmente, àquela variedade, tão apreciada, de que se extrai a tinta vermelha. Nas aldeias situadas ao norte da barra do Tapirapé havia também, para vender, massa de tinta de urucú comprensada, em forma de rolos ou de bolinhos. Tambem no tocante a vários outros produtos, a horda meridional parece depender da setentrional: madeira para arcos, tinta vermelha para pintar os potes, pedras para machados, cobertas com malha de rede, botoques de pedra, araras mansas são ou eram importadas da horda setentrional; trata-se de mercadorias em parte produzidas pelos karajá setentrionais, e em parte adquiridas, por eles, entre os Tapirapé ou os Xavajé.

Dos Xavajé, tidos como muito ricos, compram mudas de tabaco, raizes de mandioca, flechas, cobertas com malha de rede, etc.

O comércio com os brasileiros é feito em parte por ocasião de passagem de canoas brasileiras, às quais oferecem grande bolas de cera para calafetar canoas, bem como mandioca, galinhas e peixes, em troca de tabaco, sal, farinha, missangas e facas; e em parte em grandes excursões comerciais, que empreendem, nos meses de agosto e setembro, para Santa Maria e às vezes tambem para Conceição. Recolhem previamente, em suas pescas no Rio Tapirapé e nas numerosas lagoas do rio, grandes quantidades de tartarugas, ovos de tartarugas, peixes secos etc., afim de trocá-los, nas grandes povoações brasileiras, por produtos da civilização européia, mormente utensílios de ferro, pano para cobertas usadas nas noites frias, missangas para adorno, fumo e sal.

Não existem, nesse comércio, especiais padrões de valor; faz-se ainda simples troca. Entre si, os Karajá possuem preços fixos: uma canoa custa um machado ou dois dentes de capivara, etc.

Nos negócios que fizemos com eles, foi preciso criar primeiro certos valores. Conhecem, empiricamente, o valor aproximado de colares de missangas, facas, tesouras, machados, estabelecendo, por si próprios, nas suas exigências, determinadas relações entre esse valor e o do respectivo objeto de troca. Em geral, avaliam bem as suas mercadorias, sabem distinguir entre objetos poucos valiosos e outros melhores, e pedem, de acordo com isso, preços diferentes. Só no princípio surgiam dificuldades em cada aldeia, até havermos conseguido harmonizar as avaliações de um e de outro lado.

O artigo mais simples para trocas era fumo goiano em corda; um pedaço de três dedos de comprimento era a unidade de pagamento para anéis, botoques, figuras de argila e de cera, permissão para tirar um retrato, etc. Para objetos maiores, as missangas de vidro eram o meio de troca mais comum. A moeda divisionária, por assim dizer, era um colar de cerca de 100 unidades. A cor e o tamanho influiam naturalmente no valor, que, entretanto, oscilava muito com a moda predominante nas várias aldeias; assim, numa se dava maior valor às missangas brancas e miudas, noutra às grandes, de cor azul; enquanto as verdes e as transparentes eram pouco procuradas, apreciavam-se as brancas e as azues, e, dentre todas, preferiam-se as vermelhas e as amarelas. Com os colares de missangas barganhavam-se pequenos objetos de adorno, flechas e coisas semelhantes. Atribuia-se valor maior a faquinhas, espelhos, tesouras, anzóis (de preferência, resistentes e grandes), com que se negociavam objetos de adorno maiores, utensílios, medicamentos, brinquedos, etc. Dentre todos, porem, os artigos mais apreciados eram facões, machados (especialmente os de proveniên-

cia norte-americana, com a parte superior azul) e panos de algodão (peças de 4 m). Com uma dessas peças pagava-se uma canoa ou uma lança, um arco com flechas, uma roda de plumas para a cabeça, ou um acompanhamento de viagem para 8-10 dias, devendo-se fornecer a comida para esse tempo. Dentre os seus próprios objetos, davam maior valor às cobertas com malha de rede, botoque de pedra e dentes de capivara. Em troca desses artigos, exigiam mercadorias no valor de, pelo menos, 30-50 marcos. Em caso algum, vendiam máscaras para dansas.

Faziam-se os negócios com muita tranquilidade. Os índios apresentavam os seus artigos e diziam o preço; depois de examinar detidamente o objeto apresentado, eu fazia a minha oferta; eventualmente o recusava. Queriam ver sempre o artigo oferecido, quer fosse um colar de missangas, um espelho, uma faca, uma tesoura ou outro qualquer. A seguir, entregavam-no a um perito para que desse o seu parecer; há, entre eles, peritos para missangas, outros para utensílios de ferro, tecidos, etc. Só depois de o especialista ter dado parecer favorável, é que se fazia o negócio. Caso contrário, eu devia apresentar outro artigo. O objeto barganhado passava de mão em mão, sendo entregue ao dono só depois de experimentado por todos. Os utensílios de ferro e as missangas se submetiam a provas de resistência. Recusavam-se os utensílios de ferro rombos, as missangas que não resistiam a dentadas, bem como os objetos usados. Quanto ao mais, ninguem se intrometia no negócio de outro, deixando-o agir livremente, e dando o seu parecer só quando perguntado — hábito muito agradável.

Não conhecem medidas especiais. Preferem as facas e tesouras de formato grande, atendendo pouco à qualidade. Quanto ao mais, vi apenas como se mediam canoas. As embarcações comuns vão do pé até o joelho, as mais altas ultrapassam a altura do joelho na largura da mão; por uma canoa destas, o índio paga dois dentes de capivara. Como medidas de capacidade, usavam, nos negócios que conosco faziam, ou o côncavo da mão ou pequenas cuias e conchas.

10. *Técnica*

Ao que parece, cada qual fabrica os seus utensílios e instrumentos. Raras vezes observei pessoas que confeccionavam certos objetos em maior quantidade: dava-se isso, p. ex., em Xixá, com potes de barro e peneiras, destinados provavelmente ao uso dos

brasileiros; na aldeia de José, com chapéus, na de Alfredo, com esteiras. Este fato, como as indicações relativas ao preço de certos objetos, parece indicar a existência de um comércio interno e, por conseguinte, da fabricação, por determinadas pessoas, de artigos alem do necessário.

A. *A divisão do trabalho*, de acordo com o sexo e a idade, é tal que a juventude masculina propriamente não faz nada senão exercitar-se no manejo das armas e, uma vez por outra, sair para a pesca. A par disso, os moços confecionam as suas próprias armas, os adornos de plumas e os cintos de algodão para dansas. Em compensação, os homens casados estão quasi sempre ocupados: ou trabalham na roça, ou saem a pescar para a família, o que fazem duas vezes por dia, vão à caça, trançam cestos e chapéus, constroem as habitações e carregam para casa os produtos agrícolas. Em geral, os homens casados têm muito trabalho, motivo pelo qual os moços não se querem mais casar, imitando alguns solteirões, que pregam o ideal dos não-casados: mandriar na casa das máscaras, fumar e tagarelar.

O sexo feminino aprende, desde cedo, as suas habilidades manuais, como fiar e tecer. As mulheres casadas cuidam da plantação e da colheita, tratam as crianças, cozinham, fazem objetos de cerâmica, fiam e tecem e trançam esteiras. Embora geralmente atarefadas o dia todo, de modo que nunca estão ociosas, não se podem, de ordinário, queixar de sua situação. Nunca se lhes exige trabalho pesado, que é feito sempre pelos homens.

B. Dos *antigos instrumentos* desses índios alguns já desapareceram (1) ou estão sendo utilizados para outros fins; todavia, empregam-se ainda machados de pedra para malhar, faquinhas de pedra para tatuar, agulhar de osso para coser, conchas como raspadores ou colheres, dentaduras de pinha para cortar as talas com que se fazem os cestos. Vai aumentando, porem, constantemente, o emprego dos utensílios de ferro: machados, facões, facas e tesouras usam-se em toda parte; vale o mesmo para as agulhas de ferro para croché. Apesar desses artigos importados, a técnica conservou, porém, felizmente o seu primitivo carater; são bem poucas as inovações devidas à influência dos moradores brasileiros. Revela isto a persistência com que os Karajá tratam de conservar a sua cultura tribal, a despeito das prolongadas relações com os vizinhos civilizados.

(1) — Parece que os instrumentos começaram a ser usados pela geração anterior. Um indígena, de quarenta anos e pertencente à horda meridional, disse-me não haver alcançado o tempo em que se trabalhava com machados de pedra, de que tivera notícia apenas por sua mãe.

C. A *exploração dos recursos naturais* não é uniforme. O que menos se aproveita é o reino animal, e o mais explorado é o vegetal, que de fato oferece aos índios os recursos mais consideráveis.

O reino mineral é ainda pouco aproveitado. No aluvião do vale do Araguaia, as pedras são pouco numerosas; quando muito, encontra-se cascalho miudo nalgumas praias; à exceção disso, o vale do rio é coberto de fina areia. Nos barrancos íngremes à beira do rio aparece canga, um arenito ferroso, que não pode ser explorado, salvo, talvez, em forma de pedaços maiores, que, revestidos dum trançado, servem de âncora nos anzóis de pescar tartarugas. Pedras encontram-se só do Tapirapé para o norte, e os poucos utensílios de pedra existentes entre os índios eram todos oriundos dalí.

Usa-se em maior escala o barro cinzento, encontradiço, em estreitas camadas, no arenito dos barrancos altos. Empregam-no na cerâmica. Tanto na técnica como na forma dos objetos, esta arte continua, porém, muito primitiva; não há nenhuma ornamentação. O feitio das vasilhas corresponde sempre à finalidade prática; são fabricadas pelas mulheres. Parece que estas têm um senso prático mais acentuado do que os homens, que as vencem nos pendores artísticos; observamos em toda parte que os objetos feitos pelas mulheres são simples e práticos, enquanto os fabricados pelos homens se distinguem por formas bonitas e ornamentações.

As terras também se aproveitam pouco para tintas.

O reino animal é explorado um pouco mais para finalidades técnicas. De ossos e dentes de mamíferos fazem-se instrumentos e objetos de adorno, conchas usam-se como utensílios. A principal contribuição é a das aves: a plumagem, de soberbo colorido, é aproveitada para vistosos enfeites, que os Karajá possuem numa abundância dificilmente ultrapassada por outra tribu indígena. Para disporem sempre do material, os índios conservam nos ranchos, para depená-las de quando em quando, aves mansas, retiradas do ninho, quando pequenas. A cera das abelhas desempenha um papel saliente como material para colar.

O mais explorado é o reino vegetal. O índio passou mesmo a cultivar plantas que lhe são uteis. Já em estado silvestre são numerosas os vegetais uteis: árvores (árvores folhudas, palmeiras), arbustos, taquáras, etc.

Aproveitam-se quasi todas as partes das plantas, se bem que cada vegetal forneça, naturalmente, determinados materiais: madeira, casca, folhas, hastes, entrecasca, flor. Dentre as plantas cujo

fruto tem emprego técnico, cultivam-se as seguintes: cuias, algodão, urucú. Afora a cera, os materiais para colar são todos extraidos de resinas vegetais.

Nas páginas seguintes trataremos da manipulação e do aproveitamento das várias matérias-primas.

D. *Pedras* servem, em primeiro lugar, para fazer machados. Usa-se, de preferência, diábase granulosa ou diorito. Nada sabemos acerca do método de fabricação. Atualmente os machados de pedra são apenas instrumentos para malhar, servindo na preparação da entrecasca, e para quebrar nozes. Ao que parece, esses machados são todos do Tapirapé e das serras ao norte desse rio; talvez nem sejam de fabricação karajá, mas negociados dos Tapirapé. Quanto à forma, há machados chatos e outros com sulco para a fixação do cabo (figs. 100-102). Como quebra-nozes, encontrei um aparelho de pedras, uma base e uma maceta, cuja forma corresponde singularmente ao fim proposto. Pelo uso constante, formou-se na parte inferior da maceta, ligeiramente convexa, um côncavo liso e redondo (fig. 99). Disseram-me que essas pedras eram provenientes da cachoeira próxima de Santa Maria. As faquinhas de pedra para tatuar fazem-se sempre previamente do cascalho das praias; quebra-se o silex com uma pedra ou machado de ferro, escolhendo as lascas mais agudas, que se usam assim mesmo (fig. 52 b). Não temos informes relativos à confecção dos longos botoques de pedra (fig. 62). Ao que se afrima, são fabricados a golpes de pedra. Os Karajá não os confeccionam, mas barganham-nos dos Tapirapé.

E. Alem de tintas (veja-se o que adiante se diz sôbre matérias corantes), as terras fornecem apenas material para a *cerâmica*, que é trabalho das mulheres. Tomam o barro de cor branco-acinzentada (*zoú*), existente em camadas, nos barrancos íngremes da margem do rio; conservam-no em grande quantidade nas aldeias, em forma de bolas. Antes de usá-lo, trituram-no bem, misturando-o, em seguida, com alguns ingredientes. Destes, o mais importante é *mauzí* (prancha 58, fig. 1), formação muito encontradiça como revestimento das raizes e galhos inferiores das árvores da beira do rio; os índios que falam português dizem ser a habitação do cupim dágua. Junto às aldeias, notam-se grandes pilhas desse material, que, queimado na fogueira, pilado e misturado com água, se junta à argila empregada na cerâmica.

Outro ingrediente é obtido da flor roxa (*adená*) duma árvore; queimam-se as flores, acrescentando a cinza ao barro. Este informe de Pedro me parece concordar com o hábito, referido por Ehren-

reich, baseado em Couto de Magalhães ("Beiträge", pág. 19), de se tornar a argila mais resistente, com auxílio do sílicio contido na cinza de determinados cipós.

A moldagem dos vasos é feita da seguinte maneira: primeiro se forma o fundo: um disco em que se forma diretamente um bordo baixo. Não se conhece a roda de oleiro; como base, usa-se um velho fundo de panela ou, mais frequentemente, uma peneira de varinhas, cuja estrutura se imprime na argila mole (prancha 58, fig. 2). Vasos pequenos se modelam sobre a mão. — A ceramista mistura depois argila cinzenta com água; rolando-a entre as mãos espalmadas, dá-lhe a forma dum cilindro, que ela coloca sôbre o antebraço esquerdo, imprimindo-lhe, em seguida, um sulco longitudinal com o indicador direito (fig. 129). Coloca então o rolo com o sulco sôbre o bordo do fundo, comprimindo-o, de baixo para cima, para aplanar a superfície (fig. 130). Dá, de ante-mão, ao rolo o comprimento da circunferência do vaso. Vai montando um rolo sôbre o outro, alisando-os com a mão ou uma pedra destinada a esse fim.

Fig. 129 — Impressão do sulco no rolo de argila

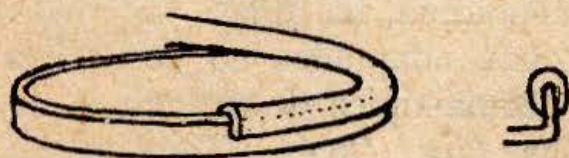



Fig. 130 — Colocação do rolo de argila sôbre o bordo do fundo do vaso.

Em seguida, os vasos são secados ligeiramente ao sol e, depois, cozidos. Faz-se isto num fogão comum. Observei como uma grande panela, virada com a abertura para baixo, sôbre três cacos de pote, que formavam o fogão, era cozida de dentro para fora (fig. 131). Não sei se, alem disso, os vasos são cozidos externamente. Não vi em parte alguma, durante a estiagem, usarem

Fig. 131 — Cozimento da panela de barro

casas de termitas como fornos, como refere Ehrenreich, baseado em Magalhães (Beiträge", pág. 19); a moldagem e o cozimento faziam-se sempre sôbre as praias, usando-se o fogão comum.

Fabricam-se panelas grandes, urnas funerárias, que não passam de enormes panelas com tampa, panelas de três pés, e tigelas. Todas estas vasilhas se denominam *wadjiwí*. Quanto às bonecas de barro secadas ao sol e usadas como brinquedos de criança, veja-se o capítulo seguinte.

As formas são muito simples; o tipo mais comum é a forma de cone duplo, ligeiramente arqueado (fig. 89); é rara a panela de bojo duplo (fig. 90); de três pés (fig. 91) também não é muito frequente. As travessas são mais encontradiças (veja-se fig. 95). E' bem singular a tigela com as quatro protuberâncias no bordo (fig. 132), devida, talvez, à influência brasieilra, bem acentuada na cerâmica das aldeias sitas entre Leopoldina e São José. E' que essas aldeias fornecem aos brasileiros o vasilhame para cozinha e mesa, de maneira que em São José e Leopoldina há quasi só vasos de fabricação indígena. Já estão, porem, adaptados ao gosto dos brasileiros: as pequenas tigelas têm a forma típica de malgas, e, no bordo, ornamentação em cor vermelha (fig. 96). Tambem as moringas feitas pelos índios daquelas aldeias, e destinadas aos brasileiros são de tipo genuinamente brasileiro, e providas de ornamentos vermelhos. A tinta para estes desenhos é de terra vermelha (*zuzó, zoubulé*), proveniente da Barreira do Veado. Quando viajam para o sul, afim de buscar taquara para flechas, os Karajá da horda setentrional a levam para São José e Xixá, vendendo-a aos índios dalí. Aplicam-na misturada com água. Os vasos indígenas genuinos não têm ornamentação alguma.

Fig. 132 — Tigela de barro com 4 protuberâncias no bordo

Em Xixá adquirí um vaso bem singular, de origem desconhecida (fig. 133). E' irregularmente malhado de vermelho-escuro e preto, em consequência de cozimento desigual; parece ser feito de

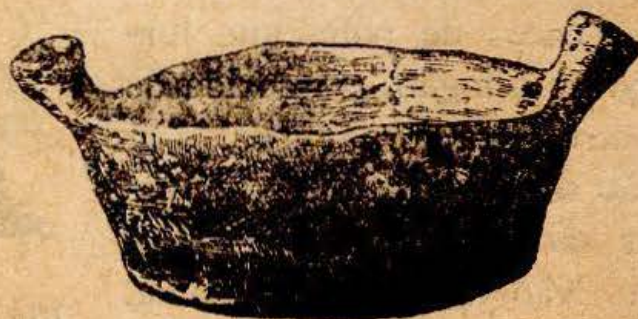



Fig. 133 — Antigo vaso de barro

barro muito cru, e de maneira bastante primitiva. São notáveis os dois remates do bordo, ligeiramente escavados em cima. Trata-se de um objeto encontrado numa praia arenosa, há vários decênios, pelos índios de Xixá, por ocasião duma viagem para jusante. Os próprios índios não sabiam explicar a origem do vaso.

Em parte alguma encontrei as formas de panelas e tigelas trazidas por Ehrenreich: tigelas rasas e redondas (Berlim 3862), pratos rasos e redondos (3863 e 3864), pratos rasos e ovais (3865), tigelas duplas, baixas e elípticas, com parede divisória longitudinal (3866), panela cilíndrica com bordo recurvado e alça de imbira para pendurar (3861), panela de cone duplo com alça suspensória (3858) e colheres de barro (3878).

O aproveitamento do reino animal para finalidades técnicas é, igualmente, bem restrito.

F. *Ossos*, depois de aguçados, se empregam para muitos fins. Os ossos crurais do jaguar, cortados obliquamente e aguçados, se usam como pontas de dardo; o corte e os bordos são bem polidos. O que mais se aproveita são ossos de bugio (*azôdí*), de que se fazem botoques, furadores para fazer o orifício labial e das orelhas, e pontas para flechas de pesca. Não sei dizer quais os ossos de que se fabricam as pequenas agulhas para costurar chapéus, arredondadas na frente e providas de um orifício na extremidade chata (fig. 140). Todos esses instrumentos de osso são bem polidos. Sôbre a maneira de fabricação infelizmente não obtive quaisquer informes.

De um pedaço do escudo ventral da tartaruga fazem-se tortuais (fig. 144 a).

Em estado natural, usa-se o duro paladar do pirarucú como ralador, e dentes como enfeites e instrumentos. Os incisivos da capivara fixam-se, como o mais valioso adorno, sôbre os discos de madrepérola das rosetas auriculares das criancinhas. Esses dentes figuram entre os mais valiosos objetos dos índios, porquanto as capivaras, muito ariscas, são difíceis de caçar. Guardam-nos em pares de tamanho igual, sobrepondo, de ordinário, um par de pequenos e outro de maiores, colando-os com cera e envolvendo-os com fios de algodão (*kuwá*, fig. 64). O dente de cutia se amarra, com fios de algodão, a um cabo de madeira; montado deste jeito, serve para estriar as clavas (fig. 122).

Conchas usam-se ora em estado natural, ora trabalhadas. As espécies mais importantes são (Prancha 45, fig. 1 a-c): a concha de três arestas (*bulú*), a concha de madrepérola (*ozinohó*), a concha de duas pontas (*dalá, idjé*). Botoques são confeccionados

da concha fina de duas pontas ou da concha grossa de três arestas. Desta última fazem os botoques tomando a extremidade saliente e curva da parte grossa que constitue a fechadura. Nada sabemos sobre o modo de fabricação; os bordos são bem polidos. Conchas de madrepérola desgastam-se sôbre uma pedra até ficarem com a forma de pequenos discos; estes se colocam nas rosetas auriculares, ou, como olhos, em banquinhos zoomorfos. Pedaços de concha retangulares, e em estado natural, com dois orifícios no meio, cosem-se nos cintos das longas tangas de cordéis usadas pelas meninas (fig. 69), e nas faixas das cartólas das máscaras para dansa. Como colheres e respadores servem conchas de madrepérola, às vezes ligeiramente trabalhadas, mas de ordinário em estado natural.

Sôbre a técnica da plumagem veja-se o fim do capítulo relativo à técnica de ataduras, enodação e trançados.

A utilização do reino vegetal é muito vasta. O que surpreende é o escasso aproveitamento das várias espécies de bambú; parecem ser raras na região.

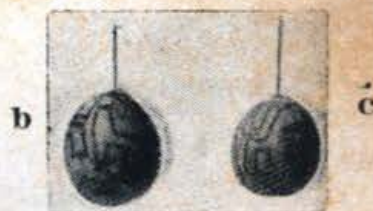
G. Da *madeira* das árvores fabricam-se canoas, varas, remos, pilões e mãos de pilão, banquinhos, lanças, arcos propulsores, pontas de flecha, raladores de mandioca, botoques, dentes de pentes, etc. Nem sempre logrei saber quais as espécies de madeira empregadas para os vários utensílios. Os dardos são do chamado pau de aroeira; os arcos, de duro pau de palmeira; as varas para empurrar canoas, de árvores altas e finas de madeira muito leve. De madeira leve fazem-se também banquinhos, botoques e raladores de mandioca; os demais utensílios são todos de madeira dura. Dentre as espécies de bambú, aproceita-se a taquara para hastes de flechas; a chibata e espécies semelhantes, para varinhas usadas nas orelhas.

Os informes mais pormenorizados que possúo referem-se à fabricação de canoas. Fazer canoas é trabalho dos homens. Todos conhecem esta arte, conquanto muitos se contentem em comprar canoas a troca dum machado de ferro. Parece haver determinadas pessoas que as fabricam em quantidade para vendê-las aos demais moradores da aldeia. Pouco abaixo de Xixá, encontrei, por exemplo, duas famílias dessa aldeia, que, aí na solidão, haviam levantado ranchos provisórios, para fabricar canoas na proximidade. Ao que me foi dito, a confecção duma canoa pequena leva quatro, e a duma grande, oito dias. Este tempo me parece, porem, muito curto. O material é o tronco do lantim (*Calophyllum*: *dälió*); Ehrenreich indica pau d'arco e jatobá; Königswald, alem disso, jataí e outros. Derrubam-se as árvores na mata, onde se faz o primeiro desbaste; dá-se ao tronco a forma exterior da canoa, com auxílio do machado; a seguir, escava-se o interior, tambem com o machado.

b a
1. Ingrediente para a argila usada na cerâmica

2. Fundo de panela com a impressão da estrutura da peneira de varinhas

b c

a

3 a-c. Cuias para guardar plumas

5. Começo do trançado de um cesto.

a b
4. a Feixe de fibras de imbauba
b Feixe de fibras de burití

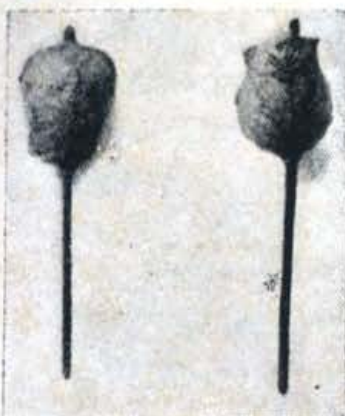
a

b

8 a-b. Modo de guardar penas

7. Novelo de algodão

6. Fuso com algodão desfiado

11. Urna funerária.

a b
10. Maracás feitos de crânios de macaco.

9. Trombeta de bambú.

Transporta-se a canoa assim em bruto para a aldeia, onde é colocada sôbre duas forquilhas, da altura de 1/2 m, aproximadamente (Prancha 56, fig. 5). No interior, queimam-se folhas de palmeira oaguassú, afim de completar e enegrecer a cavidade; tira-se o fogo rapidamente, para que não fure a parede. A seguir, e antes que a madeira esfrie, armam-se, entre as duas paredes, cerca de 20 paus transversais de 3 cm de espessura; feito isso, rodeia-se a canoa de folhas de palmeira, ficando um homem de cada lado, para atear fogo, depressa, em quatro ou cinco pontos diferentes. Daí a uns cinco minutos estão prontos a queima exterior e o enegrecimento da embarcação. Os espeques transversais ficam na canoa até o dia seguinte; tornam-se bastante curvos. Submete-se depois a embarcação a uma revisão geral, para remover, com o machado, eventuais desigualdades, sobretudo no fundo, que possam prejudicar o equilíbrio. Na extremidade anterior, afilada, abre-se, pouco abaixo do bordo, um orifício para receber o laço em que é enfiada a vara enquanto se rema ou quando a canoa está parada na praia. Disseram-me que o orifício é feito com uma faca pontuda em que se bate com uma maça de madeira.

Não vi nenhum recipiente de madeira. Ehrenreich trouxe alguns: um vaso redondo, com cordel para carregar, e consistindo numa raiz de árvore escavada (Berlim 3875), bem como duas colheres, uma delas com uma cabeça de tucano na extremidade do cabo (3934, 3935). Segundo este autor, o fuso do molinilho para obter fogo é de taquara, e o eixo de Bixa Orelhana.

De *frutos* maiores, aproveitam-se somente cuias. Secam-nas cuidadosamente, espetando-as em varas, que ficam na areia das praias, onde ficam expostas ao sol abrasador. Mais tarde, as cuias, amarradas uma às outras, são penduradas sôbre uma vara vertical (fig. 26 a b). Escavadas, usam-nas como recipientes para óleo, ou para guardar pluminhas brancas; neste último caso são penseis e providas de rolhas de imbira (Prancha 58, fig. 3 a) ou de cera (o cordel suspensório é fixo com varinhas transversais; prancha 58, fig. 3 b c); cuias repartidas ao meio, servem como recipientes de tintas e como pratos; quando pequenas, usam-nas como conchas ou colheres. As cuias inteiras e as metades dos espécimes maiores ostentam, em geral, entalhes decorativos, enquanto as meias-cuias menores têm ornamentos gravados a fogo. Dos demais frutos, o do jequitibá é material para cachimbos; é escavado e, por fora, ligeirametne desbastado (figs. 103 e 104); o da Thevetia, para colares ou pingentes de cintos, etc. Este último fruto é enfeitado, de ordinário, com um molho de pluminhas, que se colocam no côncavo. Há ainda outros pequenos frutos, de cor alvacenta, que se perfuram

para fazer colares. Da coleção de Ehrenreich faz parte uma tigelinha para guardar tinta de urucú; é feita de um fruto de timbó (Berlim 3876).

Da *casca* de árvores fazem-se tangas de mulheres. Emprega-se, de preferência, a da gameleira, que fornece tangas avermelhadas (*andähule*). Outras espécies (tambem gameleiras?) fornecem liber vermelho (*ambuodä*) ou liber branco e brilhante (*hideúle*). Ehrenreich menciona, ainda, a apeiba jangada (Berlim 3696). O modo de preparação é o seguinte: Das respectivas árvores cortam-se ramos grossos e do necessário comprimento (1 1/2-2m), levando-os para dentro da habitação. Aquí os homens removem as partes sólidas da casca; batendo com uma pedra angulosa, abrem a casca em sentido longitudinal e arrancam-na. A preparação ulterior cabe às mulheres; os pedaços de casca são colocados na água, dobrados várias vezes, deitados sôbre o pilão de mandioca derrubado e, finalmente, malhados com uma pedra chata, de ordinário um velho machado de pedra, até estarem bem macios.

H. *Entrecasca*, em tiras largas, é usada como atadura de adornos; em madeixas finas, o material serve para fazer cordéis e enodar esteiras.

Como atadura de objetos de adorno usa-se sobretudo o liber de malváceas (imbira: *dõdé* etc.). Há variedades côr de rosa, vermelhas e pretas. Conserva-se a imbira em tiras de tôdas as larguras: as mais finas (0,3 cm de largura) enrolam-se em varas (fig. 134 a); de mais largas (2,5 — 4 cm de largura) formam-se rolos, em que a face colorida e brilhante do material fica voltada para o interior (fig. 134 b). Êsse material serve para enrolamento decorativo de hastes de flechas, hastes de dardos, cabos de utensílios etc. Uma espécie de imbira de 4 cm de largura (*ouná, aãwú*) emprega-se exclusivamente para ornamentar o bordo dos cestos ovais e pontudos (prancha 57, fig. 7); tingem-se com terra preta.

Fig. 134 a, b — Imbira: a) enrolada numa vara a) enrolada

Como material para cordoaria e enodação de esteiras usam-se as fibras liberianas de imbauba e buriti, reduzidas a tiras finas. Não conheço o modo de preparar a fibra de imbauba. As fibras liberianas de buriti (cedo de buriti: *ladehõwú*) obtem-se da seguinte forma:

Tomando as folhas ainda não desdobradas da palmeira burití (os chamados olhos de burití), de que há sempre várias pilhas nas casas dos que fazem os trançados, batem-nas repetidas vêzes com uma extremidade no chão, para que a haste se divida em numerosos pedaços estreitos, do comprimento necessário. Tomam-se as laminas assim obtidas, destacando a entrecasca interior, fina e macia (*iú*), dos folíolos (*ladehõdehé*) exteriores, mais grosseiros. Estes se empregam, assim mesmo, na fabricação de chapéus, enquanto aquela se trabalha para ser torcida e enodada. Guardam-se as fibras liberianas de imbauba (Prancha 58, fig. 4b; fig. 135), em atados bastante grandes, constituidos de feixes finos (em tranças, segundo Ehrenreich (Berlim 3996).

Dessas fazem-se cordéis, torcendo-as entre a coxa e a palma da mão. Com auxílio do fuso, obtem-se cordéis mais grossos, com dois ou vários desses cordéis finos. Servem como atilho de tôda espécie, corda de arco, cordame de rêde de pesca, linha de pescador etc.

Fig. 135 — Feixe de fibras de burití

Para *enodar* as toucas de rêde emplumadas usam-se finos cordéis de imbira torcida. Da mesma forma como estas rêdes, fazem-se as grandes rêdes de pescar; é um genuino trabalho de filé. Neste não se recorre a utensílios: não vi índios usarem nenhuma, e afirmaram que não os possuiam; todavia, existe na coleção Ehrenreich uma rêde começada, de finas fibras liberianas (Berlim 3938), em cujo bordo superior se encontram duas varinhas de madeira, que Ehrenreich se inclina a considerar como agulhas de croché. As rêdes das toucas confeccionam-se do seguinte modo: Com um cordel torcido sôbre a coxa, enoda-se um laço, em que o trabalhador, sentado, enfia o dedo grande do pé. No laço ata-se um segundo barbante, com o qual se enoda a primeira série de malhas, de maneira tal que os nós fiquem no meio do comprimento das malhas. As malhas da segunda e demais séries engancham-se nas da anterior, em cuja extremidade inferior são amarradas. Da fig. 136 a b depreende-se o modo da enodação.

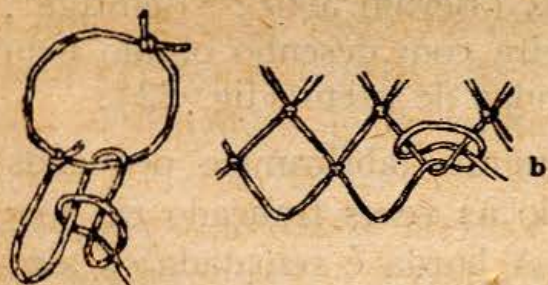



Fig. 136 a, b — Enodação das redes

Para *enodar* as grandes *esteiras* sôbre as quais dormem ou ficam sentados, empregam fibras liberianas de burití não torcidas. Dispõem as fibras em feixes paralelos, que entrelaçam, alternada-

mente, com dois cordéis de fibras liberianas torcidas que, passando de lado a lado, formam a trama. Na borda os dois cordéis são enrolados um sôbre o outro e levados, por uns 3,5 cm, ao longo da borda, de onde voltam, entrelaçados na urdidura. Destarte, a trama de tôda a esteira não sofre interrupção. (Veja-se a amostra de trançado da fig. 137). Em intervalos maiores, de 10 a 10 cm, corre entre os feixes, e paralelo a estes, um cordel torcido de imbira, para dar maior resistência à esteira (indicado com a letra b na fig. 138). A trama não começa na extremidade da esteira, nem é conduzida até a outra extremidade; nos dois lados estreitos, as pontas dos feixes ficam soltas, à maneira de franjas. Com essas esteiras, quando de tamanho grande, os índios armam paraventos e alpendres; estendem-nas também no chão, dormindo ou sentando-se sôbre elas. As mulheres grávidas usam esteiras menores, que põem em torno da parte inferior do corpo, segurando-as, na frente, com as mãos. Não vi as esteiras pequenas, com desenhos constituidos de fios de imbira pretos, descritas por Ehrenreich e sôbre os quais os índios descansariam os pés quando parados por muito tempo na areia quente das praias (Berlim 3907; "Beiträge", pág. 21). Todavia, adquiri uma esteira com desenho obtido pelo entrelaçamento de tiras de imbira tingidas de preto (fig. 22).

Fig. 137 — Amostra do trançado duma esteira de dormir.

Fig. 138 — Esquema da esteira de dormir
a) trama
b) cordéis de refôrço

Do mesmo modo como essas esteiras, fabricam-se pequenos sacos de carregar (*maxí*), com o fundo às vezes trançado em forma de cruz (prancha 57, figs. 5,6). A borda é rematada; a alça é também de fibras liberianas de buriti.

A divisão de trabalho observado na cordoaria e enodação é tal que as mulheres se incumbem, de ordinário, da preparação do material de fibras, enquanto os cordéis são torcidos por homens e mulheres; em geral, fazem-nos, porém, sòmente à medida em que

os necessitam. A enodação das rêdes é tarefa dos homens, ao passo que a das esteiras cabe às mulheres. De ordinário, várias mulheres trabalham conjuntamente numa esteira; não é trabalho pesado, mas, como devem esticar bem as fibras e torcer constantemente os cordéis da trama (estes se torcem só enquanto são entraçados), os dedos sofrem bastante; sôbre as pontas destes formam-se profundos e calosos sulcos transversais. Parece haver mulheres que fornecem as esteiras para tôda a aldeia; em várias casas, havia, pelo menos, grandes depósitos desse artigo, e quando eu queria comprar esteiras, mandavam-me sempre a determinadas casas, onde eram fabricadas.

Para os *trançados*, que são feitos pelos homens, usam-se tiras de entrecascas de burití e as pínulas da palmeira oaguassú. As tiras de entrecasca de burití usam-se apenas na *fabricação de chapéus*. Ao que parece, copiaram dos vizinhos brasileiros o modo de fazer chapéus. A forma é, pelo menos, a mesma; não posso, entretanto, dizer se todos os tipos de faixas trançadas, que se costuram em forma de espiral para fazer chapéus, coincidem igualmente com padrões brasileiros, ou se há inovações. O padrão mais comum, que é uma faixa dentada, de quatro tiras, parece ser brasileiro; os outros dois, a faixa trançada de onze tiras e borda lisa, e a de nove tiras com borda lisa e reforçada, podem bem ser invenções dos índios, tão habeis na técnica dos trançados (fig. 139 a-c).

b

c

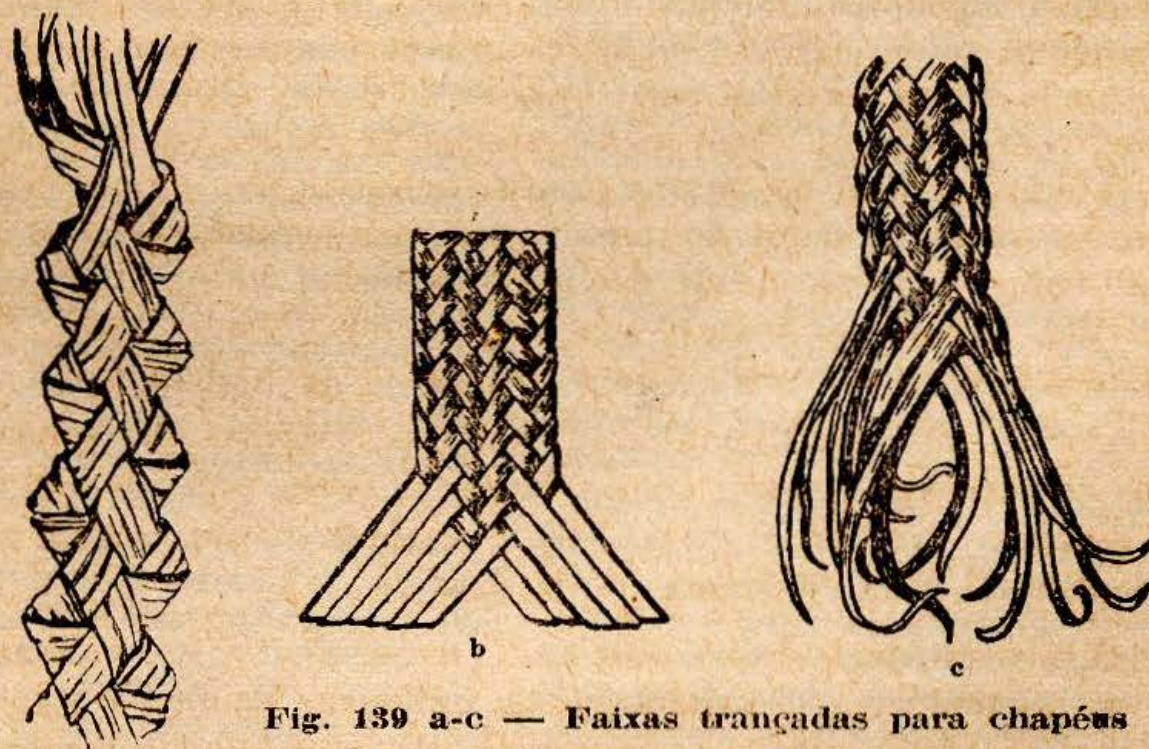



Fig. 139 a-c — Faixas trançadas para chapéus

a) de quatro tiras b) de onze tiras c) de nove tiras

Fig. 140 — Agulha de osso para costurar as faixas trançadas dos chapéus

Costuram-se as faixas com auxílio duma agulha de osso, de 4 cm de comprimento (fig. 140).

Para todos os demais trançados recorre-se às pínulas da palmeira oaguassú. Nas casas conserva-se grande quantidade do material necessário, que se guarda de ordinário no chão, debaixo de esteiras; em Xixá guardavam-no, também, em armações especiais de forquilhas, junto aos lados compridos das casas e no interior das construções em arco.

Do mesmo modo como, na cobertura das casas, se colocam duas folhas de oaguassú com a nervura uma sôbre a outra, fazem-se também as *paredes,* os abanos e os guarda-vistas; só que aquí se entrançam as várias pínulas das folhas. Veja-se o começo de trançado da fig. 5, prancha 58.

ANO 8 - V. 86 - 1942

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

10. *Técnica*

(continuação)

E' grande a variedade de *cestos*. Os diferentes tipos são parecidos com os descritos por Max Schmidt, de modo que é suficiente dar aquí descrições bem concisas.

Nas grandes cestas redondas (*wälílí*, Ehrenreich *rorä;* prancha 57, fig. 3), com faixa frontal para carregar, e utilizadas para o transporte de mandioca, a borda consiste na nervura da palma fendida ao meio. Os folíolos, entrançados uns nos outros, formam um padrão meândrico. Reforça-se o fundo, trançando nele uma segunda camada de pínulas avulsas, cortadas, no

Fig. 141 — Agulha para trançar cestas, feita do canhão duma pena de jaburú

comprimento certo, por meio de dentes de piranhas. Um espesso canhão de pena de jaburú, adelgaçado numa das pontas, e medindo 16,5 cm. de comprimento, serve para levantar as tirar do trançado da primeira camada e passar por baixo delas os folíolos da segunda. Essa agulha para trançar denomina-se *wälixiludósona* (fig. 141).

Cestas-de-carregar (*behulé*) trançam-se de dois flabelos de oaguassú, cujas nervuras formam os reforços laterais. As metades internas das palmas ligam-se, umas às outras, por meio de entrançamento cruzado; com as pínulas externas faz-se a borda descontínua, torcendo várias delas em forma de coluna e ligando entre si as extremidades dessas colunas à guisa de orla horizontal. Num dos exemplares, a borda inferior apresenta igualmente um entrançamento cerrado (prancha 57, fig. 3).

Nos cestos ovais e pontudos (*lalá*; prancha 57, fig. 7) bem como nos cestos escafóides (*dalidún*). de fundo largo, que se estreitam em cima, a borda é de duas nervuras-de-palma sobrepostas, enquanto os lados e o fundo são de folíolos entrançados de maneira a constituirem um desenho; o fundo é duplo. Às vezes, enfeita-se a borda superior, cosendo sobre ela uma faixa larga de imbira preta.

Nos cestinhos de fundo quadrangular e abertura redonda (*modí*; prancha 57, figs. 8-11), o trançado das paredes ostenta geralmente desenhos, às vezes acentuados com auxílio de pintura preta. Meninas de pouca idade usam êsses cestinhos para guardar algodão, agulhas de croché, trabalhos de croché, fios etc. Pequenos cestos de feitio igual fazem-se também de talas de bambú. Nestes, as alças são quatro cordéis de algodão, passados em tôrno de todo o cesto.

Cestos e bolsas de um flabelo de palmeira. De cestos alongados (*loulé*) trança-se apenas uma metade, em sentido diagonal, enquanto a outra é formada pelas partes inferiores e mais resistentes da palma, as quais, partindo da nervura, que se levanta no interior do cesto, são dobradas de dentro para fora (prancha 57, fig. 12 e 13).

A bolsa-de-carregar alongada e com forma de saco (*lolú*; prancha 57, fig. 4) tem, como borda, a nervura recurvada, enquanto as paredes se compõem das pínulas, entrançadas no centro destas; com as extremidades dos folíolos fazem-se, ainda, as alças. De cada lado do entrançamento central passa-se por entre as pínulas, uma folha de palmeira, para reforço das paredes.

Uma bolsa-de-carregar semelhante foi trazida por Ehrenreich (Berlim 3886); todavia, nesse exemplar a nervura forma apenas um dos lados compridos, ao passo que no segundo as pínulas são entrançadas umas nas outras. Essa bolsa corresponde ao exemplar que eu trouxe do Xavajé (Ver: Xavajé).

Aos cestos alongados de um só flabelo correspondem outros. feitos de *dois;* nestes, as duas nervuras se elevam do fundo, no interior dos cestos, perto dos lados estreitos (prancha 57, fig. 14 e 15).

De todos os cestos acima descritos difere o trançado dos seguintes dois tipos: os cestos com tampa e os com malha de peneira.

Os cestos alongados duplos [*wraba* (*h*) *i*] em que os índios, homens como mulheres, guardam os pequenos objetos de sua propriedade, compõem-se de dois cestos, ambos trabalhados da mesma maneira, um dos quais é um pouco maior, servindo de tampa. Como material, tomam-se os folíolos da palmeira oaguassú aparados em tamanho conveniente (40-45 cm. de comprimento por 2-2 1/2 cm. de largura). São dobradas primeiro em sentido longitudinal e depois transversalmente pelo meio (fig. 142 b). Os índios guardam, em quantidade, maços de numerosas pínulas assim preparadas, sobrepostas e atadas (fig. 142 a). Em geral, as pínulas, que se guardam nesses maços, já tem chanfrados os cantos opostos à aresta da nervura; isso, para não ficar muito espesso o maço de folíolos sobrepostos. Dos folíolos fazem-se os cestos da seguinte maneira: Toma-se uma pequena haste de taquara fendida ao meio, amarrando-a de modo a formar um aro oval correspondente ao tamanho do cesto: com auxílio de duas ou três ataduras de im-

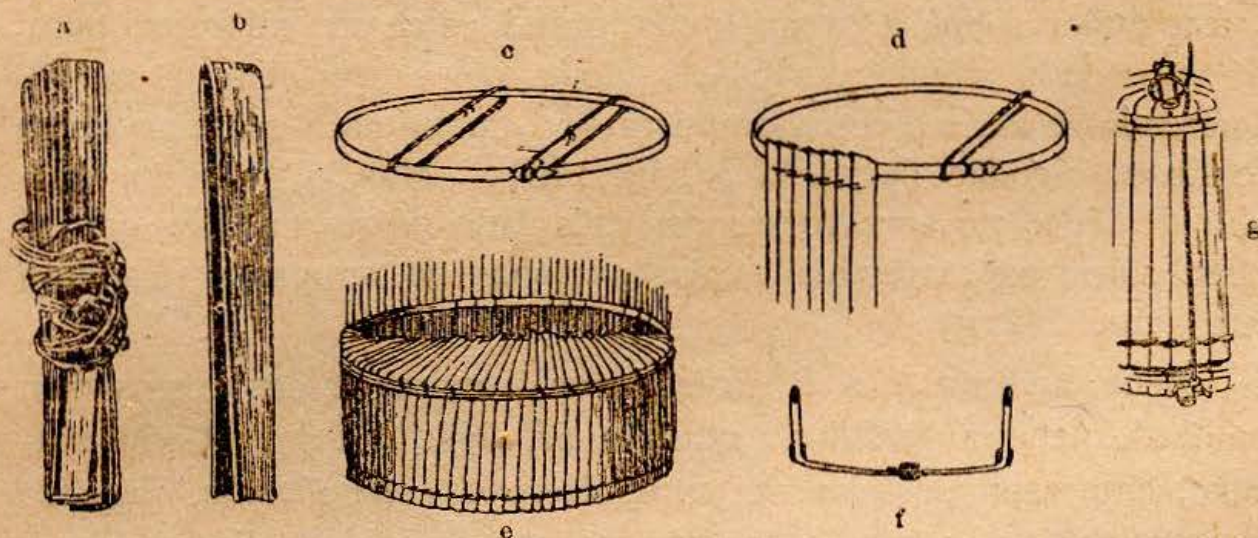



Fig. 142 a-g — Fabricação dos cestos duplos e ovais, de foliolos de palmeira. a) Modo de guardar as tiras. b) Tira isolada. c) Aro oval interno. d) Modo de coser as tiras ao aro. e) Maneira de dobrar as tiras para formar o fundo. f) Corte transversal. g) Fecho de fio de algodão.

bira, ligeiras e provisórias, conserva-se a forma oval até estar pronto o cesto (fig. 142 c). Sôbre êsse aro penduram-se as pínulas de maneira que uma cubra a outra pela metade, e que as arestas das nervuras fiquem sempre em cima (fig. 142 d). Com auxílio de agulha e fio de algodão, cosem-se as pínulas umas às outras, imediatamente abaixo da haste de taquara. A seguir, faz-se um segundo aro oval, quase do mesmo tamanho, empurrando-o, de baixo para cima, no cilindro oval de folíolos, até a altura de mais ou menos dois terços dêste. Um terceiro aro, pouco maior que os outros, é colocado, externamente, na altura do segundo. Em seguida, cosem-se estes dois aros um ao outro, através dos folíolos. Sôbre o aro interno dobram-se as extremidades salientes das pínulas, aparando-as uma a uma, de modo a se sobreporem no centro num espaço de 1-2 cm. (fig. 142 c). Essas extremidades cosem-se umas às outras. Tomam-se depois duas pequenas hastes de taquara fendidas ao meio; uma delas é enfiada na parede do cesto, entre o segundo e o terceiro aro, passando debaixo do fundo e saindo no lado oposto. Dá-se-lhe previamente um comprimento tal, que de um e outro lado sobressaia uma ponta de cêrca de 1/2 cm. A segunda varinha é colocada, na mesma direção, sôbre a superfície externa do fundo, através do qual é cosida à primeira (prancha 57, fig. 17; fig. 142 f). Dêsse modo, o fundo fica bem estável. A outra metade do cesto, que serve de tampa, é feita de maneira exatamente igual; tem dimensões um pouco maiores, afim de se poder passá-la sôbre a parte que constitue o recipiente. E' curioso o fecho dêsses cestos. Nas varinhas do fundo da metade inferior prende-se um fio de algodão, que sobe pela borda da outra metade, passando, de baixo para cima, pelo aro exterior desta, e formando, sobre a tampa, uma grande alça de carregar, para, no outro lado, voltar, do mesmo modo, até as varinhas do fundo. Querendo-se abrir o cesto, empurra-se a tampa para cima, ao longo do fio de algodão (prancha 57, fig. 16). Mas, o fio serve também de fêcho no transporte: em cada lado dá-se um laço que se passa sôbre as extremidades das varinhas da tampa, apertando-o bem (fig. 142 g).

Bem diferente é a fabricação das peneiras e dos cestos com malha de peneira (*wälilixí*; prancha 55, figs. 2 e 3). Como material, empregam-se talas de cipós elásticos (*Arimbamba,* segundo Ehrenreich). As talas, dispostas em sentido radial, são entrançadas concêntricamente com outras, semelhantes (duas a duas). No fundo, as talas cruzam-se em quatro grupos. Nos exemplares de

Ehrenreich, as malas são, às vezes, tão cerradas (Berlim 3898) que o utensílio não serve para peneirar. Usa-se êste tipo de cestinhos como recipiente do algodão crú durante o trabalho da fiação.

Fazem-se também peneiras de finas varinhas dispostas paralelamente, tendo os fios de trama, passados, dois a dois, com intervalos relativamente grandes (prancha 55, fig. 1).

Não vi entre os Karajá os demais tipos de cestos e bolsas mencionadas por Ehrenreich: cestinhos de folhas de palmeira com fundo retangular, cestos quadrangulares, pequenas bolsas com tampa dobradiça de fibra de palmeira carandazinha, cestos elásticos com forma de garrafa (*moti*), cestos de pendurar (Berlim 3879) e cestos com tampa (Berlim 3900) de trançado elástico de cipó.

I. Não é menor a variedade e a destreza no *preparo* e do emprêgo do algodão, a que se dedicam as mulheres. O cultivo do algodão, feito na roça, é trabalho feminino. O algodão colhido guarda-se em cestas. Antes de se proceder à fiação, o material é desfiado e limpo. Para isto, usam um pequeno arco (*waxihuatá;* fig. 143). Sôbre uma esteira, a índia coloca diante de si o algodão, nele fazendo saltar a corda do arco. Destarte afofam-no, retirando as impurezas e desfiando-o de modo a constituir uma delgada faixa de 4 cm. de largura. A seguir, retorcem esta faixa numa das extremidades, fixando-a na parte superior do fuso (prancha 58, fig. 6).

A *fiação*. Fia-se o algodão sôbre a coxa, com a palma da mão; em seguida, faz-se girar o fuso, para dar firmeza à torcedura. Obtido, assim, um fio de cêrca de 1 m de comprimento, para-se o fuso e, onde haja desigualdades, torna-se a abrir e retorcer o fio, enrolando-o, em seguida no fuso, e fixando-o no castão da extremidade superior; em seguida, faz-se girar novamente o fuso. Pelo mesmo processo, fazem-se tambem fios mais grossos, torcendo dois dêsses fios delgados.

O fuso consiste numa haste de madeira (*äsõtä*), de 32 a 44 cm de comprimento, tendo na extremidade superior um pequeno castão, enquanto a inferior termina com uma parte mais espessa e

Fig. 143 — Arco para desfiar o algodão

alongada. Esta atravessa o tortual [*(ku)däwä*], que é feito de osso, argila, massa terrosa e branca, ou de cera. Ehrenreich trouxe tortuais de casca de árvore (Berlim 3939), que eu só encontrei ainda em fusos de crianças (Ver: Brinquedos de criança). Os tortuais de osso apresentam dois planos paralelos, tendo um diâmetro de 4 1/2 — 6 1/2 cm. (fig. 144 a). São feitos, ordinariamente, do osso da couraça ventral da tartaruga. Os tortuais de argila, fabricados com argila-de-ceramista cinzenta e cozida, fixam-se geralmente à vara com auxílio de cera. São chatos ou de forma ligeiramente bicônica. Bem poucos ostentam alguma decoração; num deles observei um desenho em forma de cruz (fig. 144 c), em

a b c d

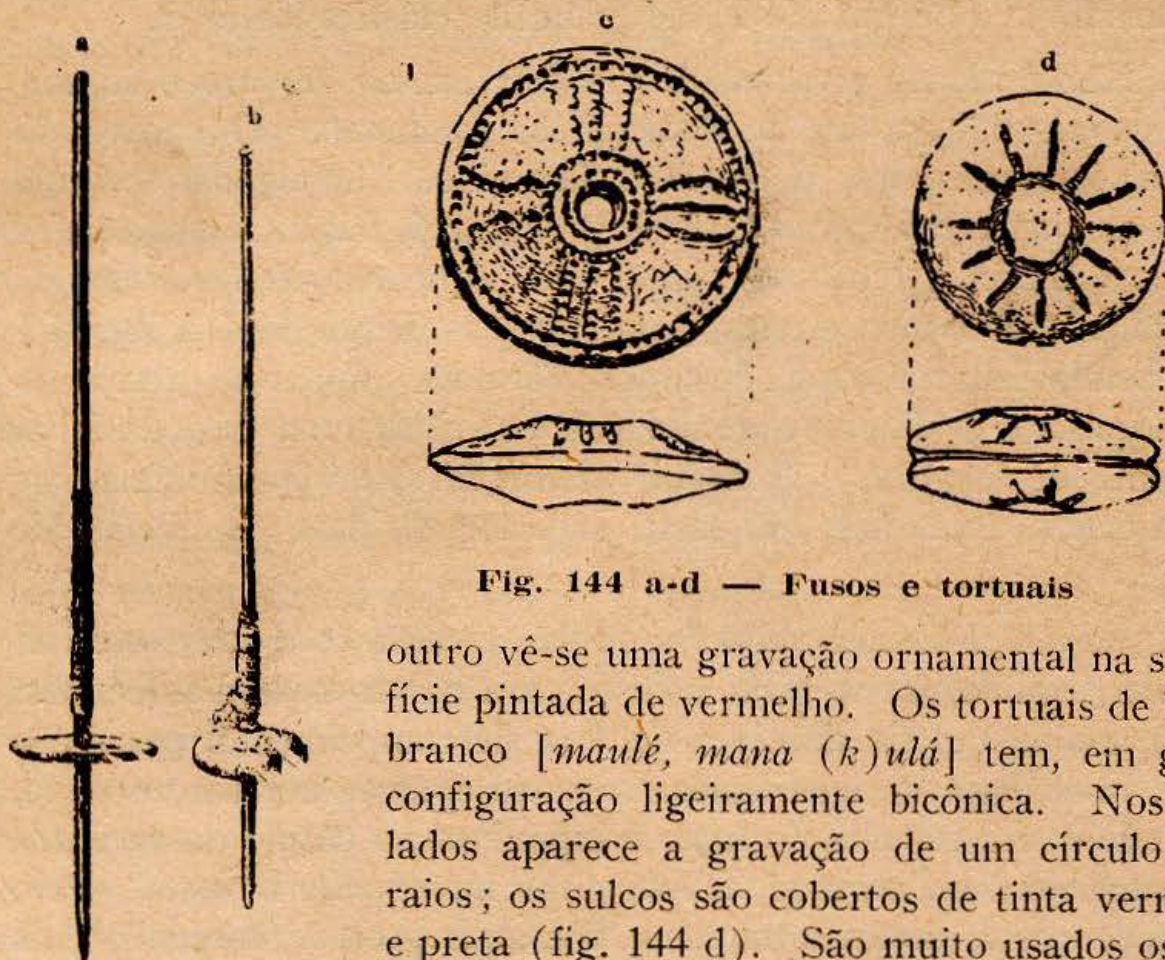



Fig. 144 a-d — Fusos e tortuais

outro vê-se uma gravação ornamental na superfície pintada de vermelho. Os tortuais de barro branco [*maulé, mana (k)ulá*] tem, em geral, configuração ligeiramente bicônica. Nos dois lados aparece a gravação de um círculo com raios; os sulcos são cobertos de tinta vermelha e preta (fig. 144 d). São muito usados os tortuais de cera, de forma bicônica. Por acaso, não adquirí nenhum entre os Karajá; são, porem, idênticos aos que eu trouxe dos Xavajé (ver adiante).

Guarda-se o fio (*äsõtäkẽ*) enrolado em novelos (prancha 58, fig. 7). Êsses novelos são, ao que parece, uma invenção indígena; em todo caso, os Karajá ficaram extremamente admirados ao verem os meus novelos de barbante. Os novelos dêles são de forma mais ou menos cúbica, medindo uns 9-10 cm. de cada lado.

O *aproveitamento dos fios de algodão,* que se usam de côr natural ou enegrecidos com tinta terrosa, faz-se por entrançamento, trabalhos de croché e enodação.

O *entrançamento* é tarefa masculina, enquanto os trabalhos de croché e a enodação cabem às mulheres. Traçam-se os fios de algodão em forma de cordéis de quatro arestas, como, p. ex., cordéis para a cintura.

Não se conhece a tecelagem propriamente dita; os índios não ultrapassaram ainda a técnica do entrançamento. Para trançar as suas cobertas com malha de rede, os cintos para danças e os cintos das meninas, constroem aparelhos bem simples.

Para a confecção das cobertas com malha de rede [*ri-*(*i*)*ó*, *riú*], fincam-se no chão duas estacas grossas, em posição vertical, a uma distância igual ao comprimento da coberta. Em tôrno dessas estacas corre a urdidura de um fio contínuo, disposto de maneira tal que, durante o trabalho, se façam entrar os fios posteriores no plano dos anteriores, formando com êles uma camada só. Afim de se conseguir isso, toma-se, cada quatro a oito voltas, um fio novo, empurrando os fios posteriores do primeiro feixe até a altura dos anteriores correspondentes (fig. 145 b). Em quatro a cinco pontos do urdume, enodam-se depois, em sentido ascen-

a b c

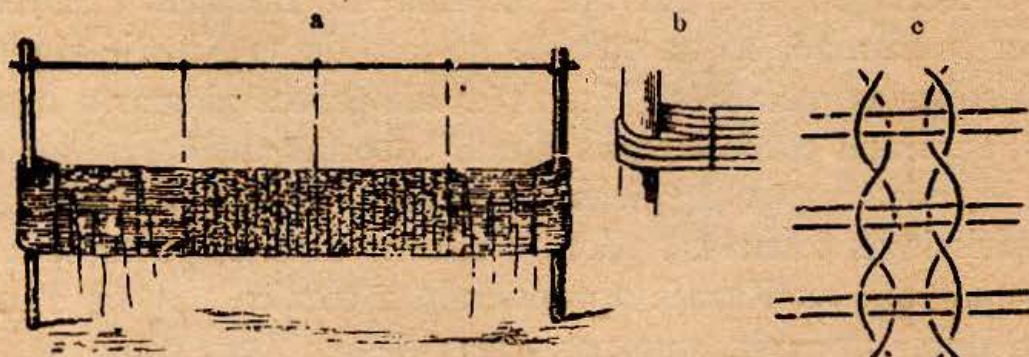



Fig. 145 a-c — Entrançamento de cobertas com malha de rede.

a) **Aparelho para trançar;**
b) **Colocação da urdidura;**
c) **Maneira de entrançar a trama.**

dente, os fios da trama, atando-os depois numa travessa fixa às extremidades superiores das estacas, ou então nas nervuras das folhas inferiores da cobertura da casa. Feito isto, enodam-se as tramas restantes, com intervalos de uns 2,5 cm. (fig. 145 a). As tramas consistem em quatro cordéis de algodão, atados no fio inferior do urdume. Dois cordéis da trama passam diante, e os outros dois atrás dos fios da urdidura. Acima do segundo fio da urdidura, o par dianteiro passa para traz, e o posterior para a frente, enquanto êste se enlaça naquele. Repete-se o mesmo acima do quarto, sexto, oitavo etc. fios do urdume (fig. 145 c). Não se

recorre, neste trabalho, a quaisquer instrumentos; a enodação é feita apenas com os dedos. Alcançando o último par de fios de urdidura, amarram-se aí os cordéis de trama, cortando as pontas. Pronta a coberta, tiram-na das estacas, e passam pelos laços terminais do urdume, de um e outro lado, um cordel grosso, amarrando-o bem e cortando as extremidades. Originam-se, assim, as duas pontas da coberta.

As cobertas enodadas dos Karajá são de uma côr só, de ordinário amarelo-pardacenta. Não sei se esta côr é devida apenas ao uso constante das cobertas sobre o corpo untado, o que, no entanto, me parece provável. Não existem, entre os Karajá, cobertas com decoração obtida pelo entrançamento de fios pretos ou vermelhos. Fabricam mesmo poucas cobertas (vi, ao todo, apenas três aparelhos de trançar), preferindo comprá-las dos Xavajé e dos Tapirapé, que as fazem melhores e, no tocante aos Tapirapé, providas de de decoração, e mais compactas (1).

Ehrenreich (*Beiträge*, pág. 12) admite que os Karajá aprenderam essa técnica dos brasileiros. Em 1773, Fonseca teria ensinado a tecelagem aos Xavajé da Ilha do Bananal. Ehrenreich julga ver confirmada a sua opinião no fato de os Xavajé ainda hoje fazerem cobertas melhores. Isso não me parece abonar a hipótese; pois os Tapirapé confeccionam ainda cobertas melhores do que os Xavajé, e, nos tempos pacíficos de outrora, os Karajá lhes compravam muitíssimas cobertas. Com o mesmo direito, poder-se-ia, portanto, supor que os Karajá aprenderam a técnica com os Tapirapé. Cumpre notar, todavia, que nas casas dêstes, bem como nos lugares em que acampam para pescaria em grande escala não topei vestígios de se haverem acamado no chão; devo, pois, admitir que dormem em redes suspensas. E, neste caso, seria curioso os Karajá adquirirem redes de pendurar (pois, quanto à forma, as cobertas não são outra coisa), retirando os cordões de suspensão para usá-las como capas e cobertas. Demais, a coberta tecida à maneira de tafetá, descrita por Ehrenreich como de provável origem xavajé, não parece, de modo algum, ser fabricação xavajé, mas tapirapé; é que os Xavajé usam e confeccionam cobertas exatamente idênticas às dos Karajá, enquanto o tecido a modo de tafetá é fabricado pelos Tapirapé. Os Karajá, que moram mais perto dos Tapirapé do que os Xavajé, desempenhando, alem disso, o papel de intermediários entre estes e aquêles, não podem, pois, ter aprendido essa

(1) — A primeira notícia relativa às cobertas com malha de rede data do ano de 1791 e diz respeito aos Xambioá.

Fig. 146 — Bastidor para trançar cintos

técnica com os Xavajé. E' verdade que Fonseca diz ter construido um tear para os Karajá, iniciando-os na técnica da tecelagem (Rev. trim. 8, pág. 387). Ao que me parece, essa notícia se refere antes à confecção dos cintos das meninas e dos cintos de dança, que de fato constituem uma espécie de tecelagem. A técnica observada nas cobertas não é tecelagem, mas enodação; é uma técnica genuinamente indígena, espalhada por grande parte da América do Sul. Finalmente, a lenda da criação da mulher do urubú-rei ensina como se fabricam as cobertas com malha de rede. Na lenda, o urubú-rei ensina aos índios o conhecimento das plantas venenosas, a fiação e a confecção das cobertas enodadas, bem como a fabricação e o manejo de arco e flechas. Julgo, por isso, ser a enodação de cobertas uma arte antiquíssima, trazida, pelos Karajá, de sua antiga pátria ao norte e noroeste de seu território atual, onde, provavelmente, usavam redes de pendurar. Na região que ora ocupam, adotaram outra forma de acamar-se, talvez pelo contacto com os povos gê dos arredores. Com efeito, toda a cultura dêles revela forte infiltração de elementos das culturas gê. Os genuinos Karajá foram perdendo, aos poucos, a técnica da fabricação, pela facilidade de adquirir boas cobertas dos seus vizinhos, em troca dos utensílios de ferro barganhados dos brasileiros. Por isso possuem êles hoje uma técnica tão rudimentar, e muito inferior à dos Xavajé, ainda não influenciados pela civilização.

Aparelhos semelhantes, mas de tamanho menor, empregam-se na confecção dos cintos de dança e das faixas

b

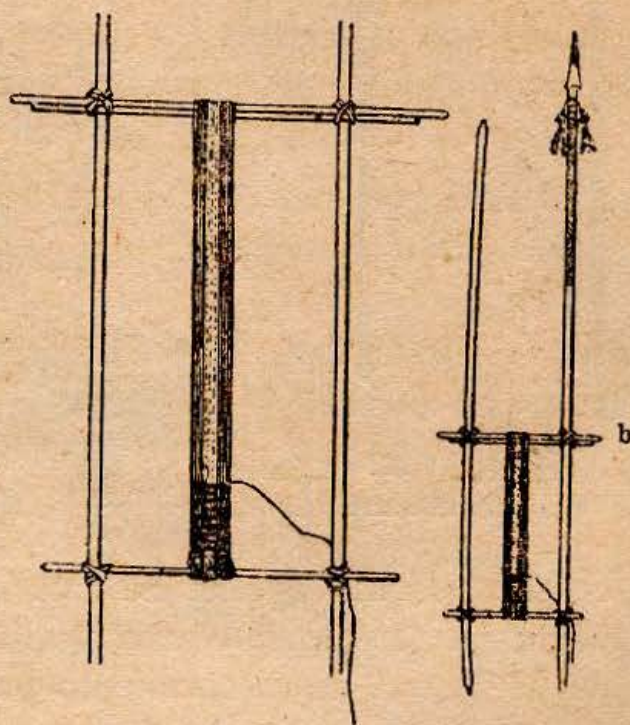



Fig. 147 a-b — Aparelho para trançar cintos

frontais. Ao contrário do que se nota nas cobertas com malha de rede, a urdidura é distendida, sem solução de continuidade, entre as varas curtas de um caixilho, estreito e comprido, de bambú (fig. 146). Num dêsses aparelhos os lados compridos eram representados por um arco e uma lança (fig. 147). Segura-se o bastidor em posição horizontal ou ligeiramente inclinado para cima. Os fios do urdume levantam-se com a mão e com os dedos coloca-se também a trama; trabalho penoso mormente na confecção dos cintos de dança, que têm desenho branco e preto. A trama consiste em um só fio, com que se enlaçam, um a um, os fios da urdidura.

Fig. 150 — Varinha usada na confecção de pentes

Fig. 149 — Amostra de croché

Fig. 148 a-b — Agulhas de croché

Êsse tipo de entrançamento já se aproxima muito da tecelagem.

A *arte de fazer croché* é praticada pelas mulheres, que a aprendem já em criança. Os punhos, as faixas das panturrilhas e as faixas dos tornozelos são trabalhos de croché. Como agulha de croché (*dexidúna*), usa-se atualmente uma agulha de ferro, de 12-16 cm. de comprimento provida de gancho e enfiada num cabo de bambú, de 17-23 cm., no qual é fixo com resina. O cabo

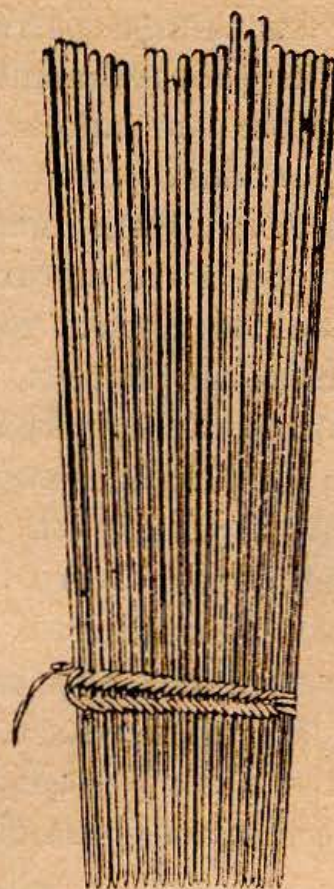



Fig. 151 — Primeiro entrançamento das varinhas do pente

ostenta, ordinariamente, decoração: nas duas extremidades, um enrolamento de fios de algodão vermelhos, e, no meio, um trançado ornamental de talas amarelas, cruzadas com pretas (fig. 148 a). Às vezes, porem, revestem todo o cabo com enrolamento vermelho, guarnecendo-o de algumas borlas na ponta (fig. 148 b). Os padrões correspondem aos que se veem nos outros trançados, em arcos, lanças, cestos, abanos etc. Os punhos trabalham-se sôbre uma clava ou mão de pilão; não vi pedaços de madeira especiais para êste fim, como os descreve Ehrenreich, e que êle reproduz na prancha VII, fig. 9, das *Beiträge*. A amostra de croché da fig. 149, trabalho já bastante adiantado, visa apenas demonstrar a formação das malhas. As faixas das panturrilhas e dos tornozelos trabalham-se diretamente sôbre o corpo. Ficam aí até serem muitos apertadas; querendo cortá-las, os índios, para não se ferir, introduzem pedacinhos chatos de madeira entre as faixas e a pele. E para lhe serem colocadas essas faixas, o indivíduo recorre a uma de suas parentas; deita-se então na choupana, sôbre a esteira, onde lhe põem um molho de cobertas debaixo dos joelhos.

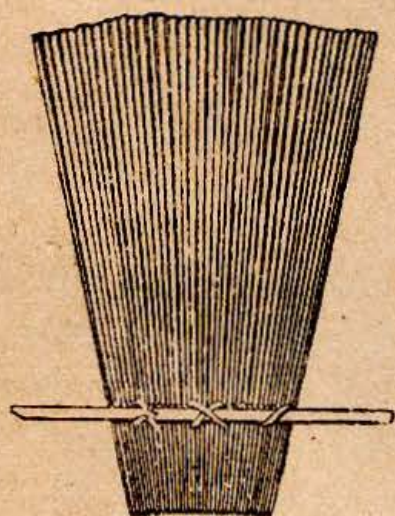



Fig. 152 — Fixação das varinhas transversais

Afim de se compreenderem as várias maneiras de enodar fios de algodão para fazer franjas e borlas basta examinar as figuras 4 e 6 da prancha 45 (punhos, guarnições para as panturrilhas) e a figura 68 (borlas para a nuca).

Por fim cumpre mencionar aquí a *confecção de pentes*. Como material, empregam-se finas varinhas de madeira, de uns 15 cm. de comprimento, e aguçadas numa ponta (fig. 150). São dispostas lado a lado e ligeiramente entrançadas com fio de algodão na altura em que ficará o primeiro par de pauzinhos transversais (fig. 151). Sôbre o entrançado colocam-se

a b

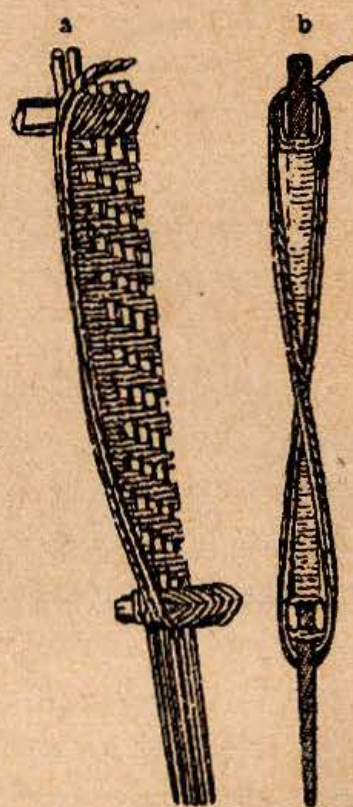



Fig. 153 a-b — Fios cruzados nos lados estreitos dos pentes

os dois pauzinhos tranversais inferiores, que primeiro se fixam ligeiramente com fina atadura de imbira (fig. 152), e, a seguir, com firme enrolamento de fio de algodão. Faz-se, depois, o trançado de superfície, igualmente sem auxílio de instrumentos. Por fim, colocam-se as duas varinhas transversais superiores, entrançando-as do mesmo modo como as inferiores. Os desenhos dos trançados de superfície são os padrões comuns. Nos lados estreitos colocam-se, com frequência, fios cruzados (fig. 153).

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados Científicos

10. TÉCNICA

(continuação)

1. *A técnica das plumas.* Na fixação e arranjo das penas, bem como na combinação das côres, é tão variada a plumagem dos Karajá, que raramente se encontrará similar em outra tribu indígena. Como material, usa-se a plumagem branca de marrecos e mergulhões, finas pluminhas vermelhas, peninhas de papagaios de tôda espécie, as penas das asas e da cauda de araras, urubús, corujas e garças. Ehrenreich (*Beiträge*, pág. 14) se refere à decoloração das penas; não a observei, nem logrei obter informes a respeito.

Guarda-se a plumagem em pequenas cuias especiais, fechadas com tapulho de cera ou de imbira (prancha 58, fig. 3 a-e). As finas pluminhas vermelhas atam-se, uma ao lado da outra, a um cordel, que se enrola, em espiral, numa vara. Das penas de papagaio fazem-se pequenos maços que se guardam em cestos, ou então se formam leques. As penas das asas e da cauda arranjam-

se em forma de asas, e em ordem de comprimento decrescente. Em geral, sobrepõem-se duas dessas asas de tal modo que as séries de plumas de uma decrescem em sentido oposto (prancha 58, fig. 8a). Além de muito estáveis, os atados dêste tipo facilitam a rápida escolha das plumas do tamanho de que se precisa no momento.

De ordinário, utilizam-se as penas na sua forma original. Às vêzes são, porém, convenientemente aparadas: em sentido logitudinal, para a emplumação das flechas, e transversal, para adereços de tôda espécie. Hoje em dia os índios aparam as penas com a tesoura, enquanto outrora as chamuscavam, para dar-lhes a forma desejada.

Fixação das plumas à base. As pluminhas de penugem colam-se sempre com resina clara,

Fig. 154 — Maneira de atar as plumas compridas às hastes das rodas-de-plumas.

ao passo que a fixação das outras penas varia de acôrdo com a base.

Em varas. As penas compridas prendem-se com o cano na ponta superior da vara (rodas de plumas), ou então se coloca o canhão, partido ao meio, sôbre a haste de madeira, envolvendo, em vários pontos, o canhão e a haste com imbira fina (fig. 154). Quanto à emplumação das flechas, veja-se o que foi dito atrás, no capítulo sôbre as armas.

Fig. 155 a-b — a) Haste emplumada. b) Haste com emplumação em roseta.

Afim de fixar peninhas, toma-se um cordel fino, enrolando-o em espiral em largas talas de bambú, e colocando simultaneamente entre o fio e a tala, as peninhas, tôdas dirigidas no mesmo sentido (vara emplumada, fig. 155 a). As hastes cilíndricas envolvem-se igualmente em forma de espiral, colocando, ao mesmo tempo, as penas, que se distribuem por todos os lados da vara (haste com emplumação em roseta; fig. 155 b). Aplica-se o mesmo princípio nas rosetas e tulipas para as orelhas, onde, porém, as espirais e as penas ficam muito juntas, além de se achatar a emplumação com a placa de concha que sôbre ela se coloca com fôrça; como também nas pequenas rosetas enodadas nas toucas de plumas, onde, no entanto, tudo é feito em mínima escala.

Quanto à fixação *em cordéis,* cumpre distinguir entre plumas levantadas verticalmente e plumas suspensas. Prendem-se as penas verticalmente a um fio, dobrando primeiro a ponta inferior dos canhões sôbre um cordel grosso, e envolvendo, em seguida, com um fio de algodão a parte dobrada e o cano. O que varia é apenas a maneira de se envolver êste fio. Ora cada pluma é prêsa isoladamente (nas toucas de penas, fig. 77) ; ora um fio único atravessa tôdas as penas sucessivamente, com uma volta ou um nó em cada uma (fig. 156), ou ligando cada pena com duas voltas ou dois nós (fig. 154).

Penas suspensas fixam-se ao cordel do mesmo modo como as erectas; a ligação das várias penas entre si faz-se sempre com um fio guiador enlaçado nas penas.

De maneira análoga à das hastes com emplumação em roseta, revestem-se, às vêzes, grossos cordéis de algodão com envoltório em espiral, enfiando as penas, seguidamente, entre êste e o cordel.

É original a *fixação das penas entre si.* Penas de tamanho igual juntam-se ora em forma de penachos, amarrando-as, duas a duas, pelos canos e reunindo, num atilho, os fios duma porção de penas assim atadas (ver acima, a fixação de penas em cordéis, bem como na fig. 157, o modo de ligar as penas em forma de asas, para guardar [prancha 58, fig. 8 a b]). Às vêzes essas penas são unidas, a meia altura, por um fio que corre de cano em cano (fig. 154).

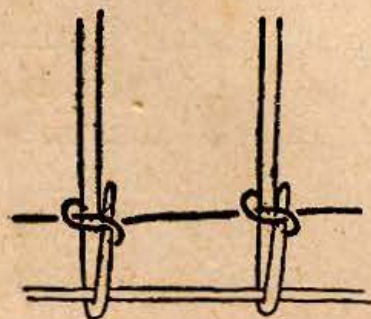



Fig. 156 — Fixação duma fileira de plumas sôbre um cordel.

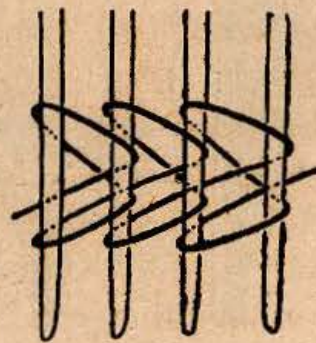



Fig. 157 — Modo de ligar as penas para guardá-las em forma de asa.

Em muitos casos prendem-se penas menores a plumas grandes. Na extremidade superior destas removem-se as barbas, deixando livre uma parte do cano, que se recobre com resina, aplicando depois às pluminhas e prendendo-as com envoltório. Frequentemente re-

a b c d

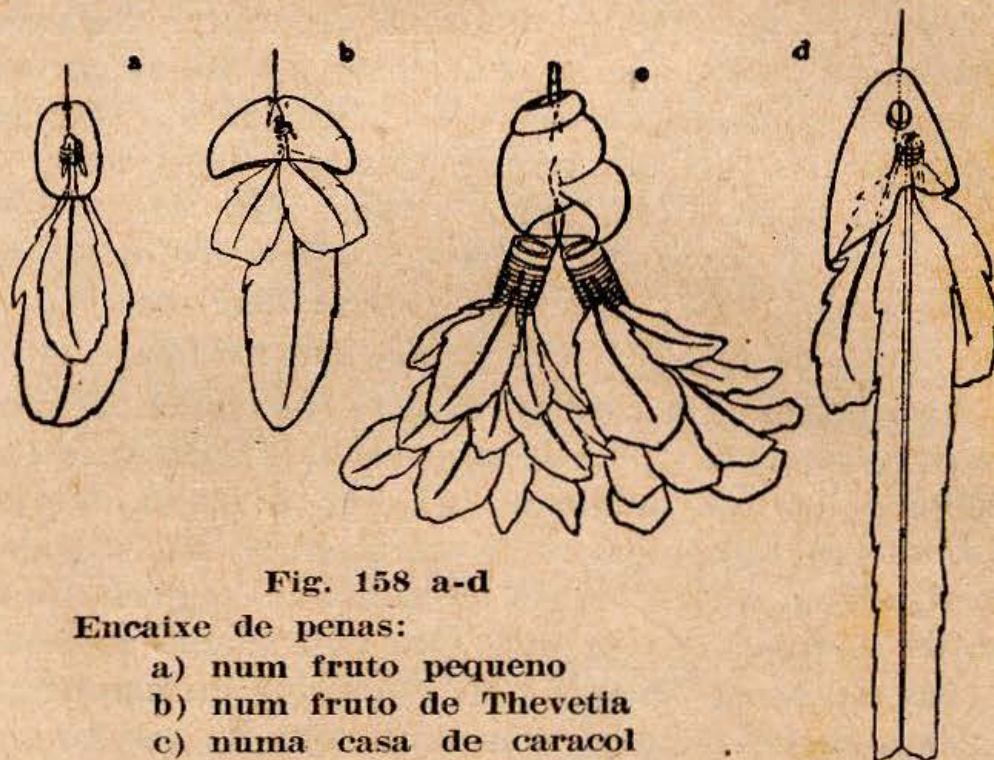



Fig. 158 a-d
Encaixe de penas:
a) num fruto pequeno
b) num fruto de Thevetia
c) numa casa de caracol
d) numa unha de animal

veste-se ainda êste envoltório, colando sôbre êle plumagem branca ou enrolando-o com algodão não fiado. É muito usual encobrir, com peninhas, a base das plumas levantadas verticalmente. Neste caso, enrolam-se as pontas dos canhões em forma de espiral, fixando as peninhas com o envoltório.

É comum *encaixar as penas em frutos*, unhas de animais, etc., fazendo-se passar, por estes encaixes, um fio em que estão amarradas as peninhas em forma de pequeno molho (fig. 158 a-d).

Para reforçar as penas (nas toucas emplumadas), cosem-se às vêzes entre si, com envoltório de fios em espiral, duas metades de penas, partidas ao comprido, mas com as pontas superiores intactas, que se sobrepõem. A sutura não é visível na face anterior (fig. 159).

Fig. 159 — Reforço de plumas por meio de sutura de duas delas divididas ao meio.

No tocante *ao arranjo das penas*, é regra geral que as pontas inferiores dos canos devem ficar encobertos. Daí, encontramos

em quase todos os ornatos, camadas de cobertura, consistindo ora em penas menores atadas diante das plumas grandes, ora em fina plumagem colada com resina. Nas rodas de pluma, p. ex., há até faixas de penas, amarradas, à guisa de cobertura, diante da camada principal da roda, notando-se que entre os Karajá, a cobertura é sempre de duas camadas de penas, de comprimento e côr diferentes.

As *combinações das cores* desempenham relevante papel nos ornatos de forma chata, tanto de penas lavantadas como suspensas, sendo menor a sua importância nos adereços em forma de penacho. Predominam as seguintes combinações: penas amarelas com vermelhas, justa ou sobrepostas; penas verde-escuras com brancas e amarelas.

Ornatos de forma chata. Nas rodas de plumas, as camadas de cobertura existem sòmente na face anterior; são sempre duas: a superior, mais curta, é branca, verde ou multicor, e a segunda, mais comprida, é sempre verde-escura. A camada principal compõe-se, exceto num caso (penas do colheiro côr de rosa), de penas brancas de jaburú. Em um exemplar, estas penas são interrompidas, em três pontos, por um grupo de três plumas de arara. As pluminhas terminais, prêsas à extremidade superior das penas da camada principal, são amarelas ou multicores, e guarnecidas, geralmente, de uma cobertura de pequenas penas vermelhas.

Os diademas são feitos de penas multicores de diferentes aves, ou então de penas verdes e vermelhas, dispostas em grupos alternantes. No diadema rijo (prancha 48, fig. 7), as varinhas de envoltório branco são enfeitadas com pluminhas vermelhas, e as de envoltório preto com penas amarelas.

As plumas frontais são, geralmente, verde-escuras; os canos são encobertos com penas de papagaio verde-amarelas. Como exceções, há um penacho formado duma pluma vermelha e outra verde, cobertas, na ponta inferior, com uma vara emplumada com penas vermelhas e amarelas, além de outro, em que duas plumas azues ladeiam uma vermelha, e em que os canhões das três são cobertos com pluminhas amarelas.

Os penachos que se erguem sôbre aros frontais compõem-se de plumas de arara longas e azues. Os aros são emplumados de penas vermelhas ou amarelas (os aros frontais sem penacho são sempre de penas vermelhas). Êsses penachos são guarnecidos, na parte inferior, com uma cobertura de penas feita à maneira das que guarnecem as varas emplumadas; é de peninhas amarelas em baixo, e vermelhas, mais acima. Na ponta superior, as longas plumas do penacho ostentam pequenas penas terminais amarelas, com cobertura de pluminhas vermelhas.

As rosetas auriculares chatas, quando monócromas, são sempre de pluminhas vermelhas, e quando de várias côres, elas se compõem de penas vermelhas e amarelas; ora é amarela a camada externa, e vermelha a interna, ora se observa o contrário. As tulipas auriculares consistem em penas de papagaio amarelas, avermelhadas ou multicores, tendo, às vêzes, no interior, uma coroazinha de penas vermelhas.

É grande a variedade dos pingentes de plumas que se usam nos cintos. Trata-se, em geral, de varas com rosetas, principalmente de penas amarelas. Num dêsses cintos, as pontas inferiores das varas com rosetas amarelas ostentam penas azuladas; em outro, as duas varas do meio têm, como remate, longas e vermelhas plumas de arara; num terceiro, as varinhas têm emplumação vermelha em cima, e amarela em baixo; num quarto, as varinhas, de emplumação amarela, apresentam alternadamente, longas penas brancas e cordões vermelhos de algodão na ponta inferior. Essas varas emplumadas alternam-se com outros pingentes, presos à borda inferior dos cintos: pequenos grupos de três ou quatro pingentes de Thevetia, conchas, ou, ainda, pingentes de conchas e frutos de Thevetia conjuntamente. Um cinto, ostenta alternadamente, dois frutos de Thevetia com pluminhas terminais multicores, e uma pena vermelha, fixa diretamente à borda do cinto.

Os braceletes ora apresentam varas com rosetas, estas de penas curtas na parte superior, e compridas na inferior (amarelas em cima e vermelhas em baixo, ou vice-versa), ora camadas de penas em geral uniformemente multicores, notando-se, porém, num exemplar, uma camada de cobertura vermelha sôbre outra, amarela, que forma o fundo.

As toucas emplumadas representam a transição para os ornatos de plumas em forma de molhos. Ora se trata de penas enodadas na rede, uma a uma, ora de pequenas rosetas, dispostas frequentemente, em zonas de determinadas côres. Quando de penas iguais no colorido, a emplumação das toucas pode ser amarela, vermelho-amarelada, multicor ou branca; numa touca, que constitue raridade, há longas e brancas plumas de garça. Quando a emplumação não é uniforme no colorido, cumpre distinguir entre as penas da orla e a da copa. Estas são, de ordinário, de uma só côr (vermelhas, raramente brancas), e em poucos casos de várias cores (plumas de arara vermelhas e amarelas, às vêzes combinadas ainda com penas de urubú, ou plumas de garça côr de rosa). A emplumação da orla pode ser de uma única zona, formada de penas vermelhas, de vermelhas e amarelas misturadas, ou de penas de

garça côr de rosa; pode também consistir em duas zonas, a inferior de um delicado azul, e a superior verde; pode, ainda, compor-se de um aro amarelo e rosetas vermelhas; e, finalmente, de penas brancas e rosetas de plumas vermelhas e de delicado azul. Num único exemplar distinguem-se três zonas na orla, a saber, um aro amarelo em baixo; acima dêste, penas vermelhas, e na parte superior amarelas.

Há pouca variedade nos ornatos de penas em forma de molhos. As borlas de plumas suspensas em frutos, casa de caracol, etc. são sempre vermelhas, quer se encontrem em braceletes, pingentes auriculares, pentes ou outros objetos semelhantes. Quando usadas como braceletes as bordas consistem em varas com rosetas ou em penas multicores; no topete trazem-se longas plumas de papagaio multicores, presas a rosetas vermelhas. As borlas com que se ataviam os arcos consistem em rosetas vermelhas, em que estão suspensas, comumente, longos molhos de penas vermelhas ou amarelas; as dos dardos são rosetas vermelha ou amarelo-vermelhas, com longos molhos de penas multicores de arara e de papagaio; as dos maracás, finalmente, consistem em penas isoladas, em molhos de penas amarelas ou multicores, ou, ainda, em varas com rosetas guarnecidas de molhos de longas plumas de arara.

Materiais para colagem e colorantes. Além do vermelho de urucú (*Bixa Orellana*) e preto de genipapo (*Genipa brasiliensis*), usados, de preferência para a pintura do corpo, empregam-se, como materiais corantes, apenas tintas preta e branca. Para o branco, aproveita-se a terra desta côr (*manaulá* = pedra branca); previamente amassada, serve em primeiro lugar, para pintar o envoltório da maneira do arco. Mas usam-na também na confecção dos tortuais. A pintura preta é feita com terra desta côr (*zoublulú*). Para tingir imbira, amontoa-se, sôbre esta, terra preta e molhada, deixando-a assim durante uma noite. O algodão mergulha-se em água fervente, passando-o em seguida pelo barro, que fica num pote ao lado. Vai-se repetindo êste processo até que os fios estejam bastante enegrecidos. A coloração vermelha do algodão é feita com tinta de urucú a óleo mas só depois de acabado o respectivo objeto. Sôbre a preparação da tinta de urucú para guardá-la e para o comércio, veja-se, no capítulo sôbre os enfeites, a figura 40 e a descrição.

Para colagem de tôda espécie serve a cera de abelha (*tabolá*), que se guarda em forma de bolas, e que é oferecida, em quantidade, aos viajantes para a calafetagem dos batéis. Muito se emprega também a resina de jatobá (*kuwaó*), clara, transparente e dura.

Prepara-se com ela a resina vermelha (daumalé), semelhante a verniz, usada para enfeitar as flechas na ponta emplumada. O processo de preparação é o seguinte: Põe-se a resina num pote, amolecendo-a sôbre o fogo da lareira, junta-se tinta de urucú, remexendo bem e deixando esfriar. A resina preta (*dowodalä*), igualmente parecida com verniz é usada para o mesmo fim, parece ser preparada de modo semelhante, com tinta preta. A vermelha como a preta são guardadas em grandes pedaços, que raramente apresentam formas especiais. Uma resina amarela (*koodá*), que se guarda embrulhada num pedaço de folha de palmeira, serve para fixar nos banquinhos os olhos de madre-perola, para colar fina plumagem no corpo das crianças, e outros fins semelhantes.

II JOGOS E ESPORTES

Brinquedos de criança

Cedo as crianças imitam as atividades dos adultos: enquanto os meninos ensaiam o manejo do arco e das flechas, o uso do remo, a pesca e a técnica dos trançados, as meninas aprendem a fiar e a cozinhar; os utensílios são os mesmos dos adultos, em ponto pequeno. Ao lado dêstes, há, porém, outros que se usam só como brinquedos, a saber, pequenas canoas, imitações de espingardas, roletas, bonecas de argila. Outros jogos e brinquedos não requerem utensílios especiais, como bolas, brinquedos com barbantes, etc., ou limitam-se aos homens adultos, como o pião, o disco zunidor e o brinquedo de passe-passe, talhado em madeira.

Como *imitações, em miniatura, de utensílios usados pelos adultos,* os meninos possuem pequenos arcos e flechas, rêdes de pescar e remos, e as meninas, pequenos fusos e louça de barro. É cur. notar que não há lanças em ponto pequeno.

Os arcos variam quanto ao tamanho. Nos menores, a corda mede apenas entre 27 e 32 cm; a construção é muito tosca, não correspondendo à dos arcos grandes. Com êles se lançam pequenas flechas de taquara rachada e sem emplumação (fig. 160 a b). Ser-

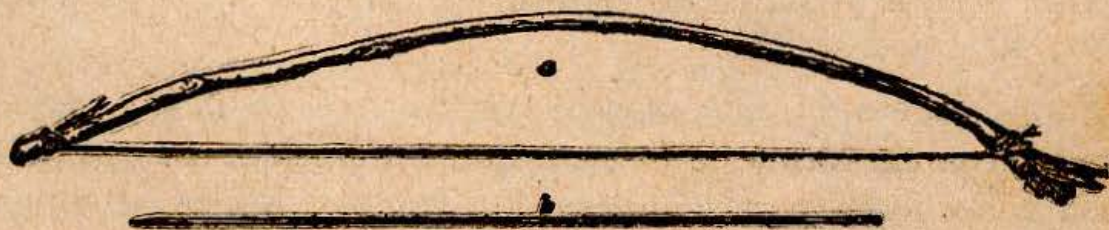



Fig. 160 a-b — Arco usado pelas crianças, do menor tamanho.

Fig. 161 — Arco usado pelos meninos.

vem aos meninos de pouca idade para os primeiros exercícios de tiro. Arcos maiores, usados pelos meninos a partir dos três ou quatro anos, variam, conforme a idade da criança, de 60 para 120 cm. de comprimento. A sua construção corresponde a dos arcos não enfeitados dos adultos; num único exemplar observa-se, como atavio, um envoltório de algodão pintado de branco, tendo, no meio, uma palha de milho e, em cima, uma borla de penas (fig. 161). As flechas que se atiram com estes arcos não correspondem, em parte, aos tipos usados pelos adultos. Faltam as flechas farpadas (para a pesca) e as com ponta de madeira denteada. São bem raras as flechas com ponta de tala de bambú (fig. 162 c), e muitos usadas as com ponta cilíndrica de madeira, a qual, para uma haste de 80 cm., mede de 25 a 40 cm. (fig. 162 a b)). Convém notar que em três dos meus exemplares a emplumação dessas flechas difere do tipo comum. As penas são partidas ao meio e prêsas à haste com enrolamento contínuo em espiral (fig. 162 d); é quase o mesmo que se observa na emplumação fixada sôbre resina, só que aquí falta a camada de resina (veja-se também, atrás, o capítulo sôbre as armas). São freqüentes as flechas para ma-

a b c d

Fig. 162 a-d — Flechas de criança.

Fig. 163 — Flecha pontuda para matar aves.

tar aves e formadas duma haste de taquara aguçada na ponta (*malól*; fig. 163). Quanto às flechas rombudas, não sei se as empregam para alvejar aves, se para evitar ferimentos durante os exercícios de tiro, ou, ainda, se com elas atiram verticalmente para o alto. São guarnecidas, na extremidade, de um remate de cera (fig. 164 a), ou então a flecha tôda consiste num pedaço de taquara, cuja raiz, convenientemente recortada, serve de ponta rombuda (fig. 164 b). Também aquí faltam pontas de madeira com remate insertas na haste (veja-se, porém, o capítulo sôbre os Xavajé). Atira-se para o alto, vertical ou obliquamente, com flechas em cuja ponta de madeira se enfia uma pequena noz provida de orifício lateral (fig. 165). O pêso do fruto faz com que, ao voltar, a flecha se vire com a ponta para baixo; não ouví nenhum zunido provocado pelo movimento dessas flechas.

Como alvos para exercícios de tiro, servem primeiro frutos alongados que se fincam na areia; mais tarde, aros de imbira (*waxiololó*) que se rolam no chão, e, finalmente, cuias lançadas para o alto.

Para aprender a remar, os meninos utilizam pequenos remos, geralmente de forma semelhante aos dos adultos; às vêzes, difere todavia a configuração da pá (fig. 166 a). Medem de 64 a 96 cm. de comprimento. Havia um único exemplar com pintura de quadriláteros vermelhos e pretos (fig. 166 b). Também nos remos infantis aparecem dois sulcos juntos ao punho.

a

b

Fig. 164 a-b — Flechas rombudas para alvejar aves: a) remate de cera, b) ponta formada pela raiz

Para se ensaiar na pesca, os meninos empregam pequenas redes de armar (*hadeké, laholé*), de imbira enodada, e que se levantam, na água, perto das praias arenosas; essas redes, montadas em duas estacas laterais compridas, são distendidas por meio duma série de varas verticais (fig. 86).

Fig. 165 — Flecha com ponta guarnecida duma noz.

As meninas aprendem a fiar e a cozinhar. Possuem pequenos fusos, com os quais cedo torcem fios aproveitáveis. Já a partir dos 6 ou 7 anos de idade, veem-se as meninas quase sempre ocupadas neste mister. Os tortuais são feitos de argila e de forma bicônica, ou então de madeira e arredondados de um lado (fig. 167). Enquanto a forma primitiva, se conservou, pois, na mão das crianças, ela parece ter desaparecido entre os adultos.

A louça em miniatura varia muito quanto ao tamanho; a maior serve muito bem para cozinhar, ao passo que a menor não passa de brinquedo. Em parte, o vasilhame de cozinha propriamente dito é enegrecido externamante, prova de que esteve exposto ao fogo. Ao lado das formas comuns (panela, fig. 168 a) e tigela (fig. 168 b c), notam-se outras: tigelas de fundo abaulado (fig. 168 d), tigelas (168 g), cujo emprêgo não logrei saber, a despeito da longa explicação dada, em língua indígena, pela mãe da respectiva criança, parece destinar-se a uma finalidade tôda especial.

Tôda a outra louça serve apenas de brinquedo; é em parte louça crua e tão pequena que não é possível usá-la para cozinhar. Ao lado dos tipos comuns, observa-se, entre estes brinquedos, extraordinária quantidade de vasos com formas diferentes, quase européias; e é curioso notar que estes últimos são todos da aldeia da barra do Tapirapé. Em outras aldeias não vi essas formas particulares. Haverá aquí influência dos Tapirapé? Alguns exemplares parecem ser apenas produções toscas de genuinos tipos karajá. Dentre as formas comuns, cumpre mencionar: vasos com feitio de jarro (fig. 169 a b), potes altos e arqueados (fig. 169 c), potes bicônicos (fig. 169 d), panelas rasas (fig. 169 e), tigelas rasas com paredes verticais ou abauladas (fi. 169 f h), panela de três pés (fig. 169 i). As for-

a b

Fig. 166 a-b — Remo de criança a) tipo comum b) com pintura.

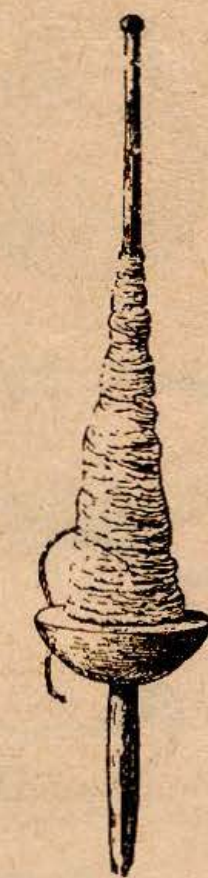



Fig. 167 — Fuso de criança com tortual de madeira.

a b c d e f g

Fig. 168 a-g — Louça pequena para crianças.

a b c d e f g h i

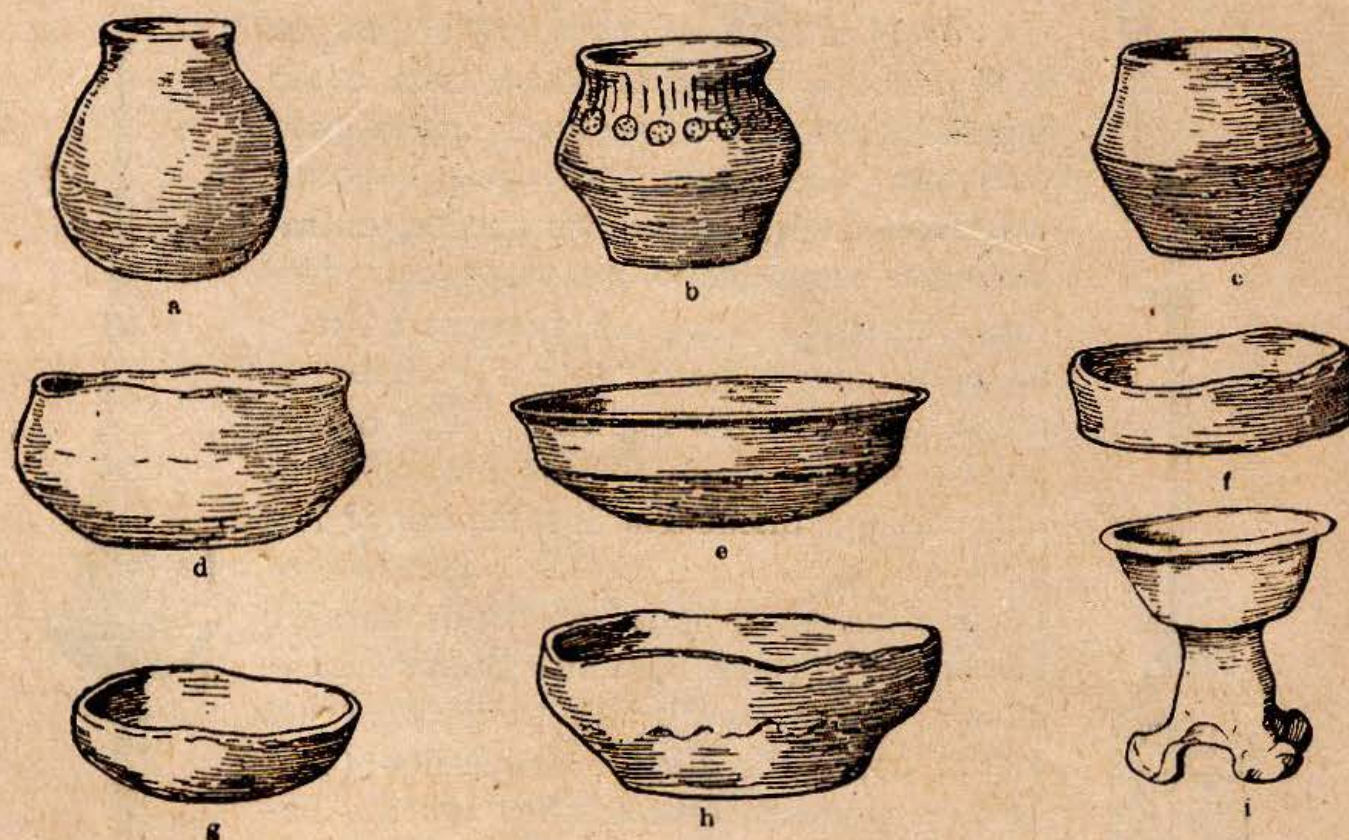



Fig. 169 a-i — Louça em miniatura.

mas divergentes são representadas por tigelas ovais (fig. 170 a); pequenos potes de abertura mínima (fig. 170 b c) e cujo fundo às vêzes se prolonga em forma de ponta (fig. 170 d), potes com fei-

a b c d e f g h i

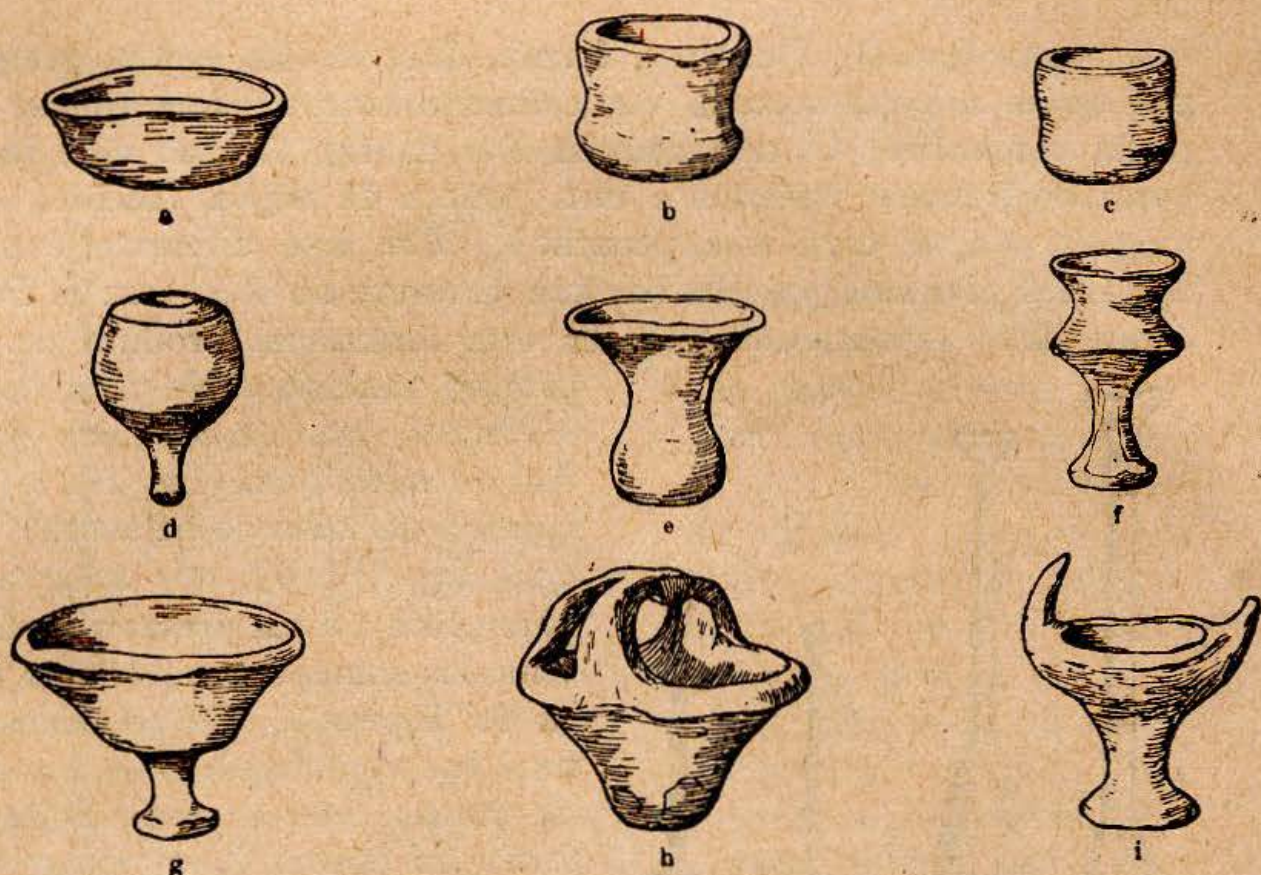



Fig. 170 a-i — Louça em miniatura, para brincar.

tio de vaso de flôres (fig. 170 e), potes encabados (fig. 170 f), pocais (fig. 170 g), tigelas com feitio de cestinha de flôres e providas de alça tríplice (fig. 170 h) e tigelas com forma de lampeão, com duas pontas no bordo superior (fig. 170 i).

Êstes vasos, de tamanho mínimo, conduzem-nos à consideração dos *brinquedos propriamente ditos*.

Nas poças que se encontram à margem das praias, as crianças, mormente os meninos, fazem boiar pequenas canoas (*hawo-*

a b c d

Fig. 171 a-d
Canoas com que brincam as crianças. a) tipo comum, b) forma isolada, c) cuia cortada pelo meio, d) bainha de folha de palmeira

liolé) com remos. Quanto à forma, diferem das canoas grandes, por terem a popa cortada verticalmente em vez de terminar em ponta comprida. O tipo comum é o da fig. 171 a; dêle fazem parte dois remos pintados e uma boneca de argila (menina com longa tanga de cordéis e penacho). Um tipo diferente é o da fig. 171 b; foi feito por Kurixí, que já esteve no Rio e em S. Paulo e que disse espontaneamente ser esta forma um produto de sua própria fantasia. Na falta dessas imitações, usavam-se cuias partidas ao meio (*ixa*, fig. 171 c) ou bainhas de folha de palmeira (*eludäzí*, fig. 171 d), que se arrastavam sôbre a areia presas a cordéis; vimo-las sòmente na aldeia da barra do Tapirapé. Os pequenos remos que completam êsses modelos de canoas, diferem dos grandes no feitio do punho e em parte também na pá. Alguns trazem a pintura típica: uma faixa vermelha atravessando, no centro, a pá pintada de preto.

a b c d

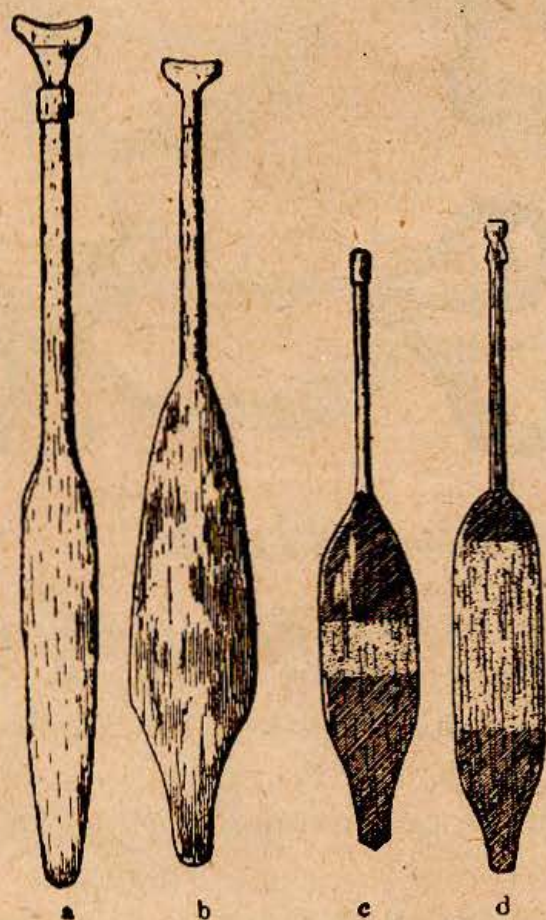



Fig. 172 a-d — Remos usados como brinquedo pelas crianças (c e d com pintura).

A imitação de espingarda (*mahauá* = espingarda) é brinquedo dos meninos de pouca idade. O cano é representado por um pedaço de bambú com um entalhe pequeno perto duma ponta e um maior perto da outra. Nestes entalhes arma-se um guarda-mato fino, de bambú rachado (fig. 173 a). Segura-se a espingarda com a mão esquerda, o entalhe maior afastado do corpo, e com o indicador da direita puxa-se para trás a ponta da tala que fica nesse entalhe, dei-

c a b

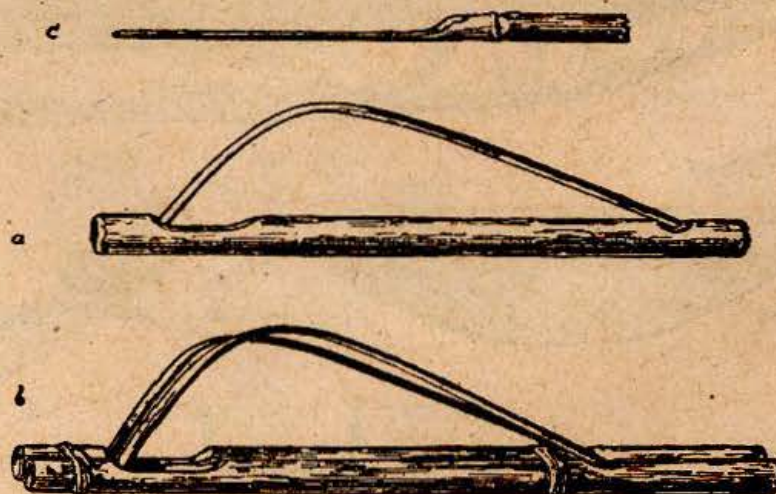



Fig. 173 a-c — Imitações de espingardas. Karajá. a) Simples, b) espingarda de dois canos, c) vareta para limpar os canos.

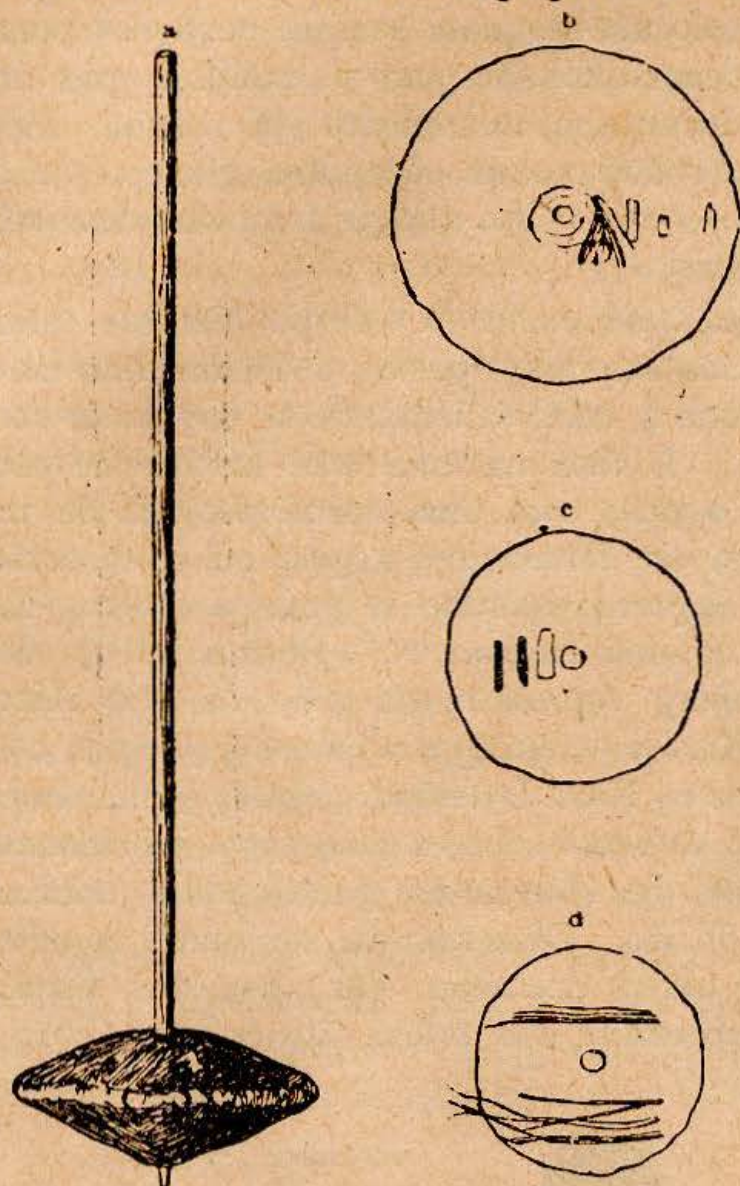
xando depois voltá-la à primitiva posição. O tom que se ouve neste momento representa o tiro. Limpa-se bem o interior do cano com auxílio dum pequeno instrumento de bambú de cabo curto e lâmina fina e estreita (fig. 173 c). Usam-se igualmente espingardas de dois canos. Os canos são colados um ao outro com resina clara e ligados com dois envoltórios de algodão (fig. 173 b). Embora com êste instrumento se possam atirar pequenas pedras, os meninos não se lembravam de fazê-lo. Sòmente depois de eu o mostrar, divertiam-se êles em atirar pedrinhas contra porquinhos de cera, que levantavam na areia. Para se verificar se aquí se trata realmente de imitação das espingardas ou talvez de um brinquedo antigo, a que se tenha aplicado êste nome, é necessário obter primeiro maior quantidade de material de comparação entre outras tribus indígenas.

a b c d

Fig. 174 a-d — Roleta

Roletas são muito usadas (*kudaué*). Consistem numa placa de cera bicônica, de 3 1/2 a 6 cm. de diâmetro e 1 a 2 cm. de espessura e em que uma varinha de madeira, de 5-18 1/2 cm. de comprimento, se enfia de tal modo que em baixo aparece só uma ponta bem pequena (fig. 174 a d). Ehrenreich trouxe roletas com discos de argila de

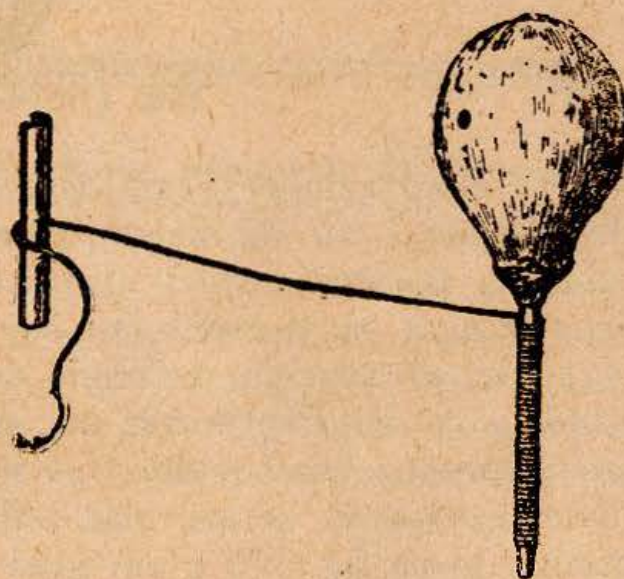



Fig. 175 — Pião.

planos paralelos e cobertos de ambos os lados com grossas camadas de cera; não os vi em parte alguma, mas, em compensação, faltam na coleção de Ehrenreich as roletas com placa de cera. Sôbre as placas colocam-se quase sempre pequenas penas vermelhas e amarelas e pedacinhos de pau vermelhos, que originam figuras circulares durante o movimento da roleta. Para fazê-la dansar, segura-se a roleta no ar, fazendo-a girar entre as palmas das mãos e deixando-a cair. Ao atingir a rapidez desejada, o brinquedo produz um zunido.

Usam-se também piões (*inauiná*). O corpo consiste numa cuia provida de dois orifícios laterais, opostos e de tamanho diferente. O cabo atravessa tôda a cuia, salientando-se em baixo com uma ponta de 14 1/2 cm. É fixo na cuia com auxílio de cera (fig. 175). Fazem girar o pião com uma corda provida de um punho na extremidade. Parece faltar uma argola ou coisa semelhante que proteja a mão esquerda quando se puxa a corda. Em seu livro *"Zwei Jahre unter den Indianern"* (Berlim 1910), vol. 1.º, pág. 212, Koch-Grünberg reproduz um pião do Rio Aiarí, bem parecido com os dos Karajá, e em que a mão é protegida com uma argola trançada. Talvez os Karajá tenham argolas semelhantes, Como o pião pode ser usado sòmente sôbre o chão duro, o brinquedo se limita, por certo, ao tempo das chuvas, em que os índios habitam as terras altas da margem do rio. Disseram-me ser muito comum; entretanto vi apenas êste único exemplar (na casa dos Karajá de São José). O que surpreende é o nome que coincide com a máscara de dansar *inauiní*.

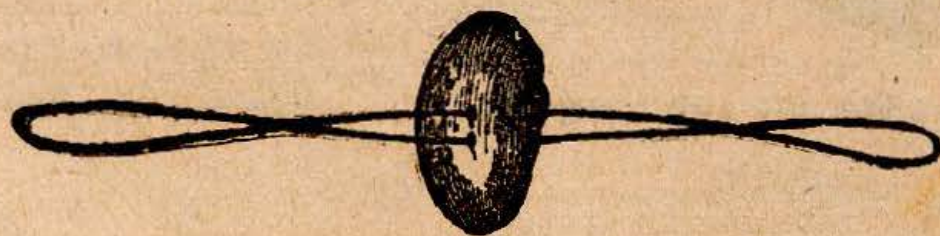



Fig. 176 — Disco zunidor.

O disco zunidor [(*zi*) *zadeké*] compõe-se de um disco chato de cuia, de 7 cm. de diâmetro, tendo, no meio, dois orifícios atravessados por um cordel formando dois laços (fig. 176). Sôbre cada polegar passa-se um dos laços, agita-se o disco para enrolar o cordel, e, em seguida, deixando desenrolar-se, distendendo e afrouxando o cordel, imprime-se um movimento rotatório ao disco, que, assim, produz um zunido. Os índios não tinham na ocasião, nenhum brinquedo dêstes, mas todos o conheciam; o exemplar reproduzido na fig. 176 é um modelo feito espontaneamente por um índio para a minha coleção. Disse-me o meu informante que o

instrumento é usado só pelos homens, e não por mulheres e crianças. Além disso, êle o poz em relação com o zunidor (*nolinolí*). Êste instrumento é provido duma corda. Não vi nenhum zunidor, nem tive oportunidade de ver confirmada a informação. O índio em apreço chegou a falar dêle ao olhar a figura da página 498 da obra de von den Steinen. Como obtive o informe na primeira aldeia, quando não me achava ainda de todo familiarizado com o linguajar dos índios, eu talvez não o tenha compreendido bem. Em todo caso, seria nécessaria uma futura verificação da hipótese. Caso o zunidor exista entre os Karajá, êle se liga certamente às dansas de máscaras. Também o disco zunidor, cujo emprego, de acôrdo com a informação obtida, é exclusivo dos homens, parece estar em relação com essas dansas.

Observei várias vêzes o brinquedo de barbante (*lälú*), sem que lograsse, no entanto, guardar os difíceis movimentos. Mormente as crianças se entretem com êsse brinquedo, os adultos raramente. Há indivíduos que dominam muitas figuras, e outros que não conseguem fazer nenhuma, dentre as figuras, umas são feitas por uma só pessoa, e em outras é preciso o auxílio de mais alguem, que levanta o cordel, etc. Cada figura tem o seu nome especial; as que me foram exibidas eram o vento, as estrelas e o veado. O brinquedo de barbante é tido geralmente como muito difícil.

Não vi bolas, mas disseram-me que as fazem de palha de milho (*dokí*). Afirmam ter aprendido dos brasileiros a confecção dessas bolas. Não vi tampouco as petecas, feitas de espigas de milho com chumaço em forma de argola, a que refere Ehrenreich.

Fig. 177 a-b — **Brinquedo de passe-passe a) fechado, b) aberto.**

Finalmente cumpre mencionar ainda um brinquedo de passe-passe, com que gostam de entreter-se os rapazes e homens adultos. A tarefa consiste em recortar de um só pedaço de bambú, duas talas, presas uma na outra. Tudo depende da habilidade na confecção do objeto. Racha-se ao comprido um pedaço de bambú de uns 15 cm de comprimento, 1/2 cm. de largura, recortando-se na camada superior, por meio de talhos paralelos, as duas talas, raspa-se a massa interna, deixando apenas dois remates nas extremidades, e o brinquedo está pronto (fig. 177 a b).

NOS SERTÕES DO BRASIL

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

2.a parte: Resultados científicos

II. *Jogos e esportes* (continuação)

Esportes e habilidades físicas

Quanto a *lutas de animais*, dizem realizar brigas de galos, divertimento que, como as próprias galinhas, receberam dos brasileiros. Não presenciei nenhuma dessas brigas, que me foram descritas do seguinte modo: algumas crianças escondem uma galinha debaixo duma esteira; em seguida, levam para lá dois galos, um depois do outro, afim de excitá-los.

Trepar nas árvores é um exercício muito praticado. Sobem com grande agilidade em árvores altas; diz-se que, para isso, atam às vêzes em tôrno dos dois pés uma corda em forma de laço.

As *corridas* são muito apreciadas pelos jóvens de sexo masculino; dizem que nelas também tomam parte as mulheres e as crianças. Ao que parece, há determinadas épocas em que organizam grandes competições de corrida (estação das chuvas). De ordinário, os jóvens correm, para exercitar-se, sôbre a praia arenosa; o da dianteira corre, muitas vezes, com os dois braços estendidos, para não dar passagem ao que lhe vem ao encalço. E' singular a posição de descanso: em pé, levantam uma das pernas, encostando a planta do pé no lado interno do joelho da outra perna (prancha 30, fig. 4).

Gostam muito dos exercícios de *mergulho*, em que revelam grande habilidade, mergulhando por longo tempo, e conseguindo,

quase sempre, trazer à tona objetos perdidos na água. Contaram-me que fazem competições de mergulho; o vencedor é premiado com uma flecha. Possuem a mesma habilidade na natação.

Natação. Afirmam que as crianças não recebem instrução especial, e que aprendem a nadar, como também a andar, imitando e experimentando. Nadam depressa e com resistência. Numa aldeia, todos os jovens seguiram a nado as minhas canoas. A meu pedido, executaram as várias formas de natação: os homens avançam alternadamente o braço direito e o esquerdo, enquanto se deitam no respectivo lado; as mulheres patinham como cachorros, mas com os dois braços a um tempo, i. é, impelem os dois braços unidos para a frente e para baixo; as meninas, ao que se afirma, gostam de deitar-se de costas, lançando para trás, com um arranco, os dois braços estendidos. Segundo outra informação, porém, as mulheres não sabem nadar (?). Nas competições de natação, a distância a vencer é a que medeia entre uma e outra margem (600 a 800 m).

O mais apreciado de todos os exercícios físicos é a *luta de braços.* Para exercitar-se nesse esporte, os jóvens aproveitam qualquer oportunidade que se apresente; e nessas ocasiões não há o mínimo constrangimento. Os golpes são iguais aos nossos, todavia parece que costumam dar cambapés ao adversário. Diz-se que às vezes se ferem nos braços e nas pernas, havendo casos fatais somente quando a vítima cai sôbre o penis. Ao adversário não se atribue por isso nenhuma culpa.

Contaram-me que se realizam lutas-de-braços (*idjäzó*) no tempo da desova do tracajá (de agosto a setembro), e que na pesca de tartaruga nas lagoas (de setembro a outubro) se organizam festas de lutas-de-braços (*anarkán*) que se estendem por um dia todo. Todos os jóvens tomam parte nessas lutas. Quem derruba maior número de adversários, chama-se *deridó* (=cacique); os outros dão-lhe presentes, como flechas e coisas semelhantes. Aquele que nunca é derrubado na luta, chama-se *idjäzúdu;* tem o direito de, mesmo como homem casado, usar os punhos e enfeites de plumas. São estranhas as denominações *idjäzó* e *idjäzúdu;* haveria talvez alguma relação entre as lutas-de-braços e as dansas-de-máscara *idjazó*?

Quando chegam a uma aldeia estranha, os índios Karajá devem defrontar-se em lutas-de-braços com os jovens da aldeia, antes que se possam considerar recebidos (1). Mal se avista ao longe

(1) — E' um costume antiquíssimo, de que já fala Fonseca, referindo-se ao ano de 1773 (Rev. Trim. 8, 384/85). Conta que os Xavajé fizeram uma visita aos Karajá; chegaram em grande número de canoas, adornados e armados, gritando e tocando trombetas. Os Karajá responderam do mesmo modo, e, enquanto lhes foram ao encontro, armados, numa canoa, os outros formaram

a aldeia, quando lá se fazem ouvir os gritos de desafio para a luta: esses gritos *kju*, ora longos ora breves, alternam de todos os modos possíveis e lembram o latir de cães. Os estranjeiros ficam bem quietos; em geral, tremiam de medo os meus índios, que depois, no entanto, se saíam bem na luta. Os gritos de *kju* continuam até que os estrangeiros tenham desembarcado e o cacique lhes tenha dado ordem para a luta. Dirigem-se, a seguir, para o campo da luta, geralmente perto do rancho-de-máscaras, onde os jovens da aldeia os recebem já em forma, ou para outro lugar qualquer em que haja areia firme. As duas facções se defrontam, o cacique se coloca do lado dos estranhos. Os da aldeia desafiam primeiro; dois jovens avançam, lado a lado e em passo de dança; dão cêrca de oito pequenos passos para a direita obliquamente, executam um giro de 90 gráus, avançam do mesmo modo obliquamente para a esquerda, e assim alternadamente. Ao mesmo tempo, bambaleiam, de maneira bem singular, com os braços pendentes, e o da frente faz ouvir uma voz uivante e em tom elevado, gritando uma vez *hu* a cada passo (figs. 10, 11. Luta-de-braços entre Xavajé e Karajá). Depois de chegar a fila adversária, estacam, voltam-se sôbre o pé esquerdo, jogando o braço direito em círculo e soltando, ambos, um *hu* prolongado e em tonalidade descendente; a seguir, voltam correndo para a sua fila. A facção contrária responde da mesma maneira a esse desafio. Só depois disso, avançam, da mesma forma, dois dos homens da aldeia, mas só até o meio, onde lhes vem ao encontro dois dos estranhos, e, sem mais outra formalidade, trava-se a luta, até que um dos adversários fique deitado. De ordinário, os encontros duram apenas um ou dois minutos. Sendo igual a habilidade dos adversários, não logrando um derrubar o outro, suspende-se a luta. Considera-se vencido o que cai de costas. Fica deitado; o vencedor dansa, gritando *hu*, em torno dele, e por fim passa por cima dele, ou então dansa com a mão levantada e gritando do mesmo modo, em torno do adversário, que fica em pé, de cabeça inclinada. Depois disso, os dois voltam às suas filas. Finalmente, o cacique e o vencedor, com os braços entrelaçados sôbre os ombros, dansam uma vez, gritando *hu*, em roda do campo da luta. Cada encontro seguinte é iniciado da mesma maneira; a grande cerimônia, porem, realiza-se sòmente antes da primeira luta. Uma única vez observei que um homem avançava isolada-

---

na margem do rio, atrás do cacique, armado de grande lança. Os Xavajé desembarcaram e formaram também. Em seguida, os dois grupos de índios movimentaram-se três vezes para a frente e para trás, gritando e fechando num círculo, em cujo centro os caciques então se cumprimentaram. Em seguida travou-se uma luta-de-braços: avançavam dois guerreiros, um de cada grupo, lutando incitados pelos caciques. A nação vencedora era sempre saudada com três gritos em voz alta. Sòmente depois dessa cerimônia, o cacique dos Karajá conduziu o dos Xavajé ao acampamento de Fonseca.

mente; de ordinário, adiantavam-se dois a dois. Às vezes o desafio não era aceito; neste caso, os provocadores dansavam até o lado oposto, virando-se e voltando-se para o seu lugar. Não conseguí saber se os vários lutadores escolhem determinados adversários, ou se qualquer um pode aceitar o desafio. Após a luta, tomam determinada posição de descanso: em pé, inclinam-se para a frente e apoiam os braços estendidos sôbre os joelhos. Conservam essa posição até lutarem novamente. Quanto à luta-de-braços entre Karajá e Xavajé, veja-se o capítulo sôbre os Xavajé.

Não observei *dansas,* com exceção das dansas-de-máscaras, que parecem ser de caráter religioso. Ehrenreich e Castelnau referem dansas dos Xambioá.

Tão pouco observei *tiro de flechas* como esporte. Não sei dizer se realizam competições de tiro ao alvo. Ao que afirmam, lançam, às vezes, cuias verdes para cima, procurando atingí-las com flechas. Atirar flechas enquanto ficam deitados de costas, segurando o arco com os pés, é um esporte que praticam às vezes, mas com pouca frequência, porque a corda, ao voltar à posição normal, bate contra os pés, causando fortes dores. Eu pessoalmente não observei esse exercício.

Do esporte de *lançar clavas,* a que se refere Königswald, não ouví nem vi nada.

12. *Música*

Os Karajá são muito pobres em instrumentos musicais. Possuem sòmente trombetas para sinais, pequenos assobios e rascadores de casca de tartaruga; para acompanhar as canções, servem maracás. E' tudo. Essa carência admira muito, porquanto os Karajá não só gostam muito de cantar como de fato cantam bem, parecendo ser dotados de bom talento musical (2).

De *trombetas de sinal* possuem três espécies.

A trombeta de bambú (*uhuhúk*) consiste num cilindro de bambú de 7 cm de diâmetro; a extremidade superior é formada por um nó em cujo centro se nota um orifício. A extremidade inferior, aberta, é ricamente ornada com obra de entalhe (prancha 58, fig. 9).

A trombeta de cuia é formada de um porongo curvo de 26 cm de comprimento, provido, na ponta estreita, do orifício lateral de sopro, e, na extremidade larga, do orifício central por onde sai o som (fig. 178 a).

(2) — Quanto à predileção dos Karajá pela música, veja-se (1ª parte, cap. 5º).

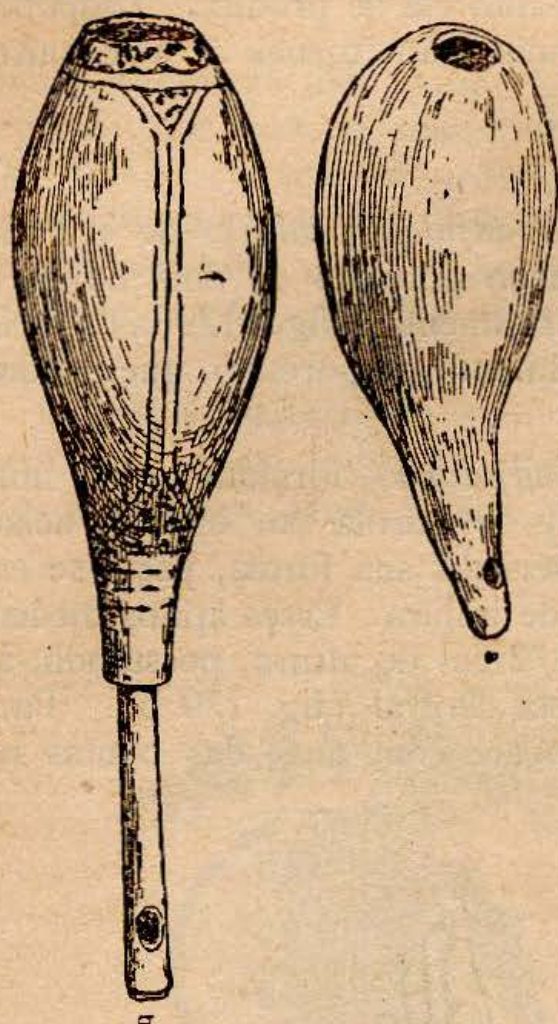



Fig. 178 a, b
Trombetas de cuias

As mais encontradiças são flautas de taquara com ressonador de cuia [(*h*)*a*(*n*)*djulonâ*]. As flautas consistem num tubo de taquara, de 44-46 cm de comprimento e uns 3 1/2 cm de espessura, tendo uma ponta fechada e a outra aberta. Perto da extremidade fechada encontra-se, lateralmente o orifício de sopro. Como ressonador serve uma cuia de 33-38 cm de comprimento e 16-24 cm de espessura, aberta nas duas pontas, e em cujo orifício maior se enfia a flauta em posição obliqua. As cuias de ressonância são geralmente enfeitadas com gravações a fogo (fig. 178 b).

Com essas trombetas produzem-se sons abafados, que se ouvem a grandes distâncias. Alternando sons compridos com outros curtos, e sons produzidos por sopro com outros que se formam aspirando o ar, os índios produzem sequência de sons com que, nas viagens em canoas, anunciam a sua chegada às aldeias. Todavia não se parece ter formado ainda uma linguagem de sinais propriamente dita. Hoje em dia já se começa a usar businas de chifre de boi, como os que os camaradas brasileiros usam nas canoas.

Outros tipos de flautas, especialmente as flautas-de-Pan, de taquara, mencionadas por Ehrenreich, não observei entre os índios.

Na aldeia n. 8 vi uma pequena *buzina* de porongo, que se tocava provavelmente por ocasião de danças-de-máscaras. Como não era lícito tocar o instrumento em presença das mulheres, não cheguei a

Fig. 179 a, b
Assobios: a) cuia, b) folha

conhecer o seu uso, nem o som que com ele se produz. Tãopouco me foi possível adquirí-lo; e depois não tornei a ver outro exemplar.

De *apitos* há várias espécies.

O apito de porongo (*wolawúk adjuloná, lakú*), de 8,2 cm de comprimento, consiste num pequeno porongo de dois bojos, o menor dos quais é cortado transversalmente (fig. 179 a). Na superfície desse corte sopra-se lateralmente no porongo, que produz um som agudo e claro.

Assobios de folha de burití (*adjuloná*) formam-se de uma tira estreita de folha de burití, que se enrola em espiral, achatando-a em seguida. Para que conserve a sua forma, passa-se em torno do apito uma estreita atadura de imbira. Esses apitos medem cerca de 3 cm de largura por 1- 2 1/2 cm de altura, possuindo, às vêzes, mas nem sempre, uma lingueta central (fig. 179 b). Para assobiar, põe-se o apito horizontalmente com uma das pontas na boca.

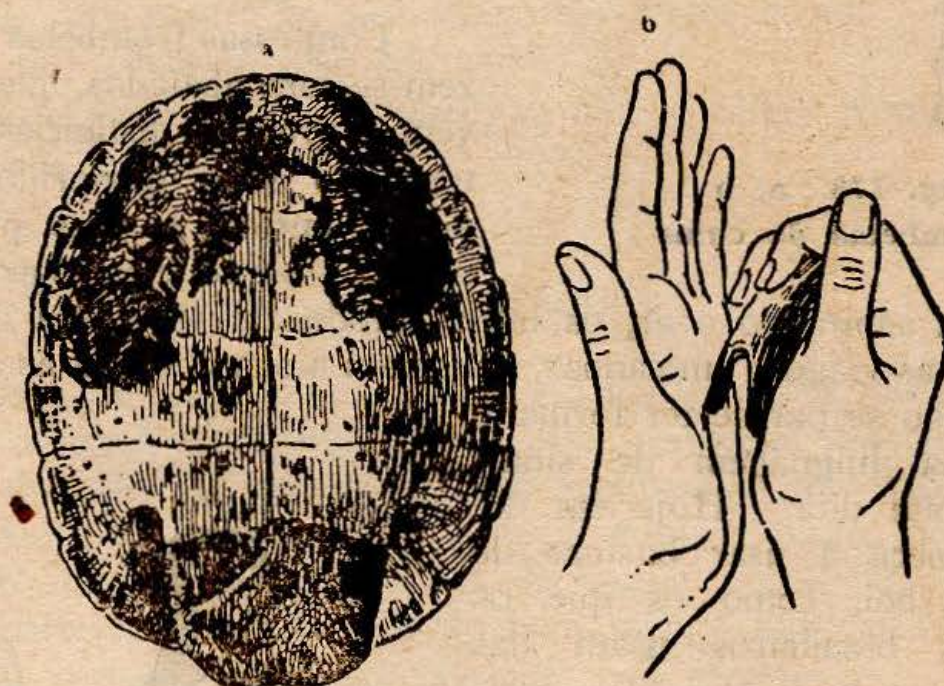



Fig. 180 a, b
Rascador de casca de tartaruga

Para fazer o *rascador* da casca da tartaruga *kodú* (*huli-hulí*), toma-se a casca, de 8 cm de comprimento e 3 cm de largura, enchendo de cera toda a parte caudal da cavidade, enquanto a lingueta dianteira do escudo ventral é revestida de uma grossa camada de cera (fig. 180 a). Segura-se a casca com a mão direita, apoiando a lingueta de cera, em posição ligeiramente inclinada

sôbre a palma da mão esquerda bem esticada e roça-se a lingueta de cima para baixo e com fôrça sôbre a palma suarenta da mão (fig. 180 b); origina-se, assim, um som rangente e surdo. Consoante informações dos índios, usa-se o instrumento quando os meninos vem da mata. Não logrei verificar se há nisso alguma referência à educação dos meninos, ou ritos de iniciação etc. na floresta.

O único instrumento com que acompanham as suas canções é o maracá. Em todos os exemplares, a haste atravessa todo o corpo do maracá, sendo fixada, nas duas extremidades, com auxílio

a

b

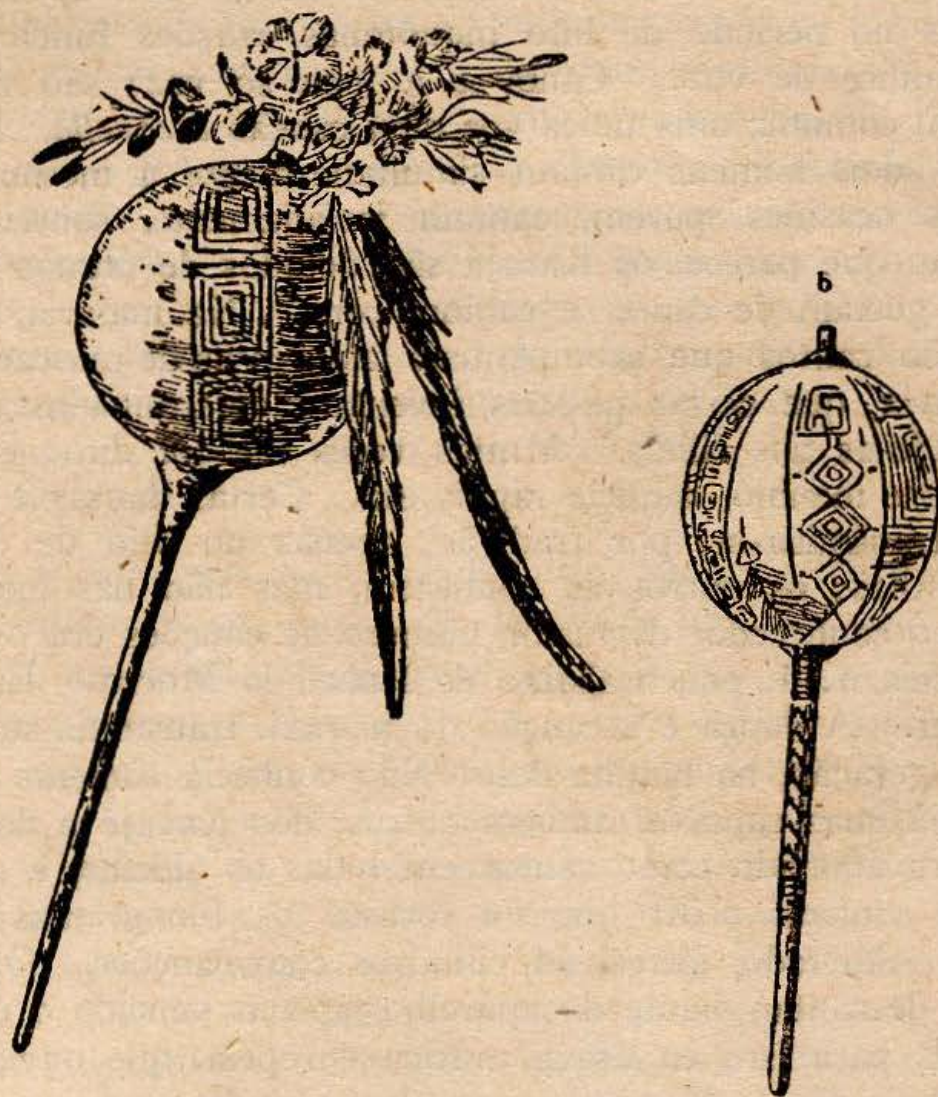



Fig. 181 a, b
Chocalhos de cuias

de cera. A haste é bem simples, tendo raramente uma parte revestida com obra de trançado. O seu comprimento abaixo do corpo do chocalho varia de 9 para 16 cm. São muitos raros os maracás de crânio de macaco; usam-se na sua confecção crânios de macaco

de 7 cm de comprimento por 4-5 1/2 cm de largura. Encontrei sòmente dois exemplares desse tipo (prancha 58, fig. 10 a b). Trata-se de exceções, pois como corpos de maracá empregam-se ordinariamente cuias (*uälú*) medindo em geral 12 - 15,5 cm de comprimento e 5,5 - 13 cm de espessura (um chocalho pequeno tem 6,5 cm de comprimento e 6 cm de espessura). A maioria desses maracás de cuia ostentam a gravação dos desenhos habituais (3); muitos deles são providos dum enfeite de plumas na ponta da haste que se salienta acima da cuia (fig. 181 a b). Os que executam as danças-de-máscara seguram esses chocalhos na mão, agitando-os compassadamente.

E' bem mais considerável o papel desempenhado pelas *canções*. Sòmente os homens cantam; as mulheres fazem ouvir apenas como os homens no período de luto monótonas canções fúnebres com elevado timbre de voz. Canta-se a uma só voz; são raras as canções em comum; uma única vez ouví canção *a-capella*. Durante as dansas, dois homens cantam simultaneamente a mesma coisa; em outras ocasiões, porem, cantam isoladamente, sobretudo na pesca. Ao que parece, os Karajá são dotados de ótimos talentos musicais; gostam de cantar e cantam bem. Na maioria, as suas canções são cantos que acompanham as dansas-de-máscaras; parece, todavia, que certas pessoas inventam determinadas canções, transmitindo-as aos filhos. Muitas vezes me foi dito: esta é a canção desse menino, daquele rapaz, etc. Certas dansas e canções parecem transmitir-se, por tradição, apenas no seio de determinadas famílias; os outros as conhecem, mas não nas executam. Em 1908 o conhecedor de maior número de canções era o cacique Ilk da aldeia n. 1, pouco abaixo de Isabel do Morro. Era quasi inesgotável. A dança e a canção do *worizó*, transmitia-se, de geração em geração, na família dele. Não conhecia sòmente canções dos Karajá, mas cantava também outras, dos Xavajé e dos Tapirapé. Era afamado como cantor em todas as aldeias, e em toda parte me vinham pedir que eu tocasse os fonogramas com a voz dele. Ao todo, gravei 44 cilindros com canções. Os índios gostavam de cantar diante do aparelho, apenas vencido o primeiro receio. E para isto eu usava música européia, que ouviam com grande admiração. Atónitos, riam alto, e muitos cobriam o rosto com a mão espalmada; as mulheres, pasmadas, costumavam estalar a língua. Eram causa de hilaridade principalmente as palavras que anunciavam as canções e as peças musicais. Não mostravam nenhuma compreensão pela música instrumental; as vozes de aves reconheciam logo como tais; gostavam de ouvir sobretudo canções,

(3) — Veja-se o meu artigo sôbre a arte dos índios Karajá, "**Die Kunst der Karajáindianer**", Bässler Archiv, Vol. II, Fasc. 1°.

alegrando-se com a plenitude dos tons, mormente das vozes femininas. Vencido, assim, o primeiro medo, eles próprios geralmente se aproximavam do aparelho para cantar. No princípio eu os fazia cantar no funil, e mais tarde usei o tubo, diante do qual se mostravam menos acanhados. Quando estavam presentes vários índios, eles primeiro conferiam demoradamente, para resolver quem cantaria, recordavam juntos o texto, ensaiavam primeiro o canto em voz baixa, e só depois disso o escolhido sentava-se direitinho diante do aparelho. Também Ilk procurava sempre relembrar primeiro o canto. Imediatamente após a gravação, eu tocava o canto registrado. Ao ouvir a sua própria voz, os índios sempre achavam primeiro muita graça; a seguir, acompanhavam-na para verificar a exatidão do canto, e, por fim, riam-se sumamente satisfeitos, porque tudo estava bem certo. Tambem quando eu tocava canções de outras aldeias controlavam-na rigorosamente o texto e a melodia. Fato curioso é que reconheciam sempre as canções de Ilk, mesmo sem eu dizer primeiro o nome do cantor e embora ele cantasse também canções que eu ouví igualmente de outros, não sendo, portanto, exclusivas dele. Os índios não conseguiam compreender o fonógrafo. Quando eu tocava, olhavam sempre no funil, "para ver quem cantava lá dentro". Depois de uma gravação, Ilk ainda falou demoradamente para dentro do aparelho; perguntei-lhe qual o motivo ao que ele me respondeu que falara com o Ilk que estava no interior do aparelho.

Sob a influência da umidade e do calor, os cilindros infelizmente perderam a sua forma, de modo que uma das pontas ficaram ovais; até agora não foi possível estudá-los. Sôbre as melodias posso dizer apenas o seguinte: "A canção que se canta todo dia" inicia-se com altos sons de falsete, vai descendo com poucas notas, e termina com longa série de sons de peito. Os altos tons de falsete e a inflexão da voz não soam bem, especialmente quando os cantores são homens já idosos; o canto dos meninos e rapazes é, porém, afinado. Cantava-se essa canção de preferência na volta da pesca. Em determinado ponto intercalavam-se então os nomes dos peixes apanhados. Em algumas canções imitam-se vozes de animais, como p. ex. os sons soltados pelo pirarara quando o tiram da água. Esta canção provocava sempre uma hilaridade geral.

Obtive sòmente pequeno número de textos; veja-se o Apêndice II. Textos. Das canções de dança não nos diziam, enquanto houvesse mulheres presentes. Além disso, a tradução topava as maiores dificuldades em virtude dos escassos conhecimentos de português por parte dos índios.

Obtive, ainda, as seguintes canções: Cantos de danças-de-máscaras dos Karajá: *aruana* (4).

djalhení (N)
dxeweliá (N)
idjazó (S,N)
ikoná (N)
uijú (S)
worizó (N), 5 cantos, alem de 9 canções-de-dança sem nome, e a vozearia de máscaras: *kju*.

Cantos dos Karajá:

djauhí (S)
hidahö (N)
iobezé (N)
makanditä (S)
canto-do-pacú (N)
canto-do-pirarara (S,N)

bem como 10 canções sem nome.

Cantos-de-dansa dos Xavajé:

idjalhení (N)

Canto do Xavajé:

desoi, desoi (N), que, se canta, segundo me contaram, depois de se matar uma onça.

Canto dos Tapirapé:

aklilí (N)

Disseram-me que os Tapirapé conhecem também um canto-de- máscara *djalhení*.

13. *Condições políticas*

O motivo das *guerras* havidas parece ter sido sempre o rapto de mulheres; pois informaram-me sempre de que os homens inimigos eram mortos, enquanto se traziam as mulheres e crianças para a aldeia. A situação dos Karajá em relação com os seus vizinhos a esse respeito é a seguinte: com os Bororo e os Kayapó meridionais não parecem entrar em contacto. Com os Chavantes tem havido lutas, em que os Karajá tiveram sempre as perdas maiores. Mantem relações de amizade com os Xavajé da Ilha do Bananal, ao passo que os Chavantes, tambem habitantes dessa ilha, são atualmente os seus inimigos mais temidos. Com os Tapirapé, os Karajá

(4) — Em karajá: idjazó. Nele está incluida: "A canção que se canta todo dia". (S. N).

tiveram outróra pacífico comércio de trocas; os Karajá forneciam utensílios de ferro, recebendo, em troca, redes enodadas, arcos, botoques de pedra, gêneros alimentícios, araras, etc. Fazia-se esse comércio de trocas num banco de areia do Rio Tapirapé, bem longe da aldeia, e os Karajá serviam-se da oportunidade de, enquanto isso, raptar as mulheres e crianças que estivessem ocupadas nas plantações. Por muito tempo os Tapirapé não sabiam quem lhes raptava as mulheres. Faz agora uns 6-7 anos que os Karajá tornaram a raptar-lhe 5-6 mulheres; na volta para casa, estas fugiram, os Karajá perseguiram-nas, matando-as todas menos a uma que conseguiu voltar para junto dos Tapirapé, informando-os de que os Karajá eram os raptores das mulheres. E quando no ano seguinte os Karaná empreenderam nova excursão comercial ao território dos Tapirapé, estes aparentemente aceitaram o negócio, assaltando, porem, em seguida os Karajá, e trucidando vários homens. Desde aquela época estão rompidas as relações entre as duas tribus; os Karajá não se dirigem mais ao lugar em que outrora se negociava, e os Tapirapé, por sua vez, retiraram-se mais para montante.

Também com os Kayapó setrentrionais os Karajá parecem estar em desharmonia. Quanto a lutas outrora havidas não me relataram nada. Todavia era estranho o comportamento de desdem e hostilidade dos meus Karajá diante os Kayapó da Missão de Conceição.

Naturalmente não são sòmente os Karajá que raptam mulheres dos inimigos, mas estes por sua vez os exploram da mesma maneira.

Os inimigos mortos abandonam-se no campo de luta. Sôbre antropofagia não conseguí saber coisa alguma. Os companheiros feridos transportam-se para a aldeia, onde são submetidos ao tratamento do médico. As mulheres e crianças aprisionadas aproveitam-se como escravos para o trabalho; os meninos aprisionados que se recusem a trabalhar, enjeitam-se, se é que não fogem. Num e noutro caso estão certamente perdidos.

Os *prisioneiros de guerra* trabalham em proveito do respectivo dono (i. é, de quem os aprisionou). Em compensação, este lhes fornece comida e roupa. As mulheres aprisionadas na guerra são usadas, alem disso, como prostitutas da aldeia. Em troca de uma flecha, são postas à disposição dos jovens da aldeia e de aldeias estranhas. Para obter direitos permanentes, paga-se ao dono uma rede enodada. Atualmente os Karajá só tem mulheres tapirapé como prostitutas; ao todo, encontrei apenas, entre eles, cinco mulheres e moças nessas condições, bem como dois meninos de pouca

idade. Disseram-me que às vezes esse papel é desempenhado também por mulheres xavajé; neste caso, porem, não se trata de mulheres raptadas, mas de outras que nas expedições comerciais se juntaram aos Karajá ou que foram expulsas por se terem entregue a estes (?). Uma caso para o qual não tenho outra explicação deu-se quando da minha visita aos Xavajé; entregaram aos meus Karajá uma menina xavajé visivelmente grávida, para que a levassem consigo às suas aldeias.

Os Karajá são chefiados por *caciques* (*idjäó, deridó, itrí*). Ostentam, como sinal exterior, a tatuagem do queixo, e as suas mulheres usam ao pescoço um grande adorno de Thevetia (veja-se acima). Não tem outros distintivos; "pode-se conhecê-los pelos seus modos cheios de dignidade", disse Kurixí.

As tarefas do cacique são as seguintes: ele determina e dirige os trabalhos da roça e as festas de máscaras inclusive os necessários preparativos (confecção das máscaras para as dansas); cabe-lhe zelar pela ordem na aldeia, fazer cessar as brigas, decidir questões de direito e auxiliar a pobres, viuvas e orfãos. E' ele quem determina as pescarias e excursões comerciais, e quem decide sôbre expedições guerreiras. Além disso, recebe os estranhos em sua casa, cuida deles, e representa a aldeia diante dos estranhos. Essas tarefas ele as cumpre pessoalmente, sem intermediário. Não comunica as suas ordens em reuniões de conselhos-de-homens (instituições que esses índios não conhecem), mas indo de casa em casa. Transmite notícias a outras aldeias por intermédio de enviados, que, no entanto, não precisam de legitimação especial.

Todavia o poder do cacique é apenas restrito; depende exclusivamente da boa vontade dos habitantes da aldeia. Se, por qualquer motivo, estes estão descontetes com o cacique, eles se retiram simplesmente para outras plagas, deixando-o sozinho. Um caso assim já foi relatado por Souza Vila Real em 1792 (5). Na sua viagem pelo braço oriental do Araguaia, encontrou ele numa praia, a cinco jornadas abaixo da extremidade norte da Ilha do Bananal, índios que afirmavam ter abandonado a sua aldeia em consequência de brigas com o cacique, ao qual consideravam perigoso feiticeiro.

Outrora parece ter havido toda uma série de caciques tribais. Em 1908 mencionavam-se sòmente quatro caciques, (6) enquanto uma porção de aldeias vivia sem chefe (Ver o que adiante se diz sôbre a sucessão dos caciques). O cacique mais meridional era Fotuna, da aldeia n. 14; os outros eram Cyriaki, da aldeia 18,

---

(5) — Rev. trim. 11, 1848, pág. 416.

(6) — Souza Vila Real, em 1792, também faz menção de apenas quatro caciques dos Karajaí; é verdade que se baseia súmente em informações de terceiros; Rev. trim. 11 (1848), p. 432.

Tumanakú, da aldeia 21, e Crisote da aldeia 22. Parece que o poder deles se limita, em primeiro lugar, à respectiva aldeia. Todavia parece reunir-se em torno deles tambem a juventude de outras aldeias; observei, pelo menos, que nas aldeia que possuiam cacique, havia sempre um número extraordinário de moços. Tambem os meus remadores karajá obedeciam de bom grado às ordens desses caciques. Os homens das várias aldeias a que os tripulantes das canoas brasileiras denominam capitães, não são caciques indígenas, mas em geral pessoas que, tendo algum conhecimento de português, dirigem comércio com as tripulações das canoas (p. ex., Ilk).

Por ocasião da minha estada na barra do Tapirapé tive ensejo de observar que tambem surgem, às vezes, rivalidades entre caciques. Na viagem para jusante encontrei na aldeia n. 18 dois chefes: Cyriaki, o cacique tribal velho e bonachão, e o chamado capitão, Chico Cadete, enérgico e temido. Cyriaki distinguia-se por seus modos cheios de dignidade, embora não contasse partidários na aldeia; Cadete dominava aí de maneira absoluta, de sorte que Cyriaki não tinha que dizer. Na viagem para montante encontrei a aldeia numa expedição comercial para Santa Maria. Quando voltei da excursão pelo Tapirapé, Cyriaki estava na aldeia da barra desse rio. Retirara-se da aldeia 18 por causa de brigas com Cadete, e estabelecera-se aquí, na aldeia 17.

Os caciques gozam os seguintes privilégios, decorrentes do exercício de seu cargo: não trabalham na roça e pescam sòmente tocunarés, pintados e pirarucús, alem de tartarugas e tracajas. Não estão sujeitos a restrições alimentares. Tem o direito de possuir várias mulheres, que habitam conjuntamente nas suas casas; não há, entre elas, uma esposa principal. As suas casas são construidas pelos habitantes da aldeia; são, às vezes, maiores e mais altas do que as demais habitações.

Quando o cacique se ausenta da aldeia, ele transmite o governo à sua mulher; parece que tambem o filho muitas vezes o representa.

Desde criança o cacique recebe uma educação que o habilite a exercer as funções do seu cargo. Após uma ablução com água quente, ele vive isolado, durante quatro anos, numa cabana especial; aí o pai lhe ensina as dansas e as canções para as dansas, aí aprende a decidir questões de justiça e as demais coisas necessárias ao exercício do cargo. Já lhe é permitido decidir questões, e as suas sentenças são proclamadas pelo pai. Em paga, recebe flechas, pedras para botoques e coisas semelhantes. O aprendizado encerra-se com uma grande festa.

O sucessor do cacique é o filho deste. E se tem sòmente filhas, uma delas se torna cacique (*hauekê derodi*). Casando-se esta, a dignidade fica com ela, não passando para o marido. Se o cacique não tem descendentes, a aldeia fica sem chefe; é então necessário educar primeiro, desde pequeno, um menino para o cargo. Os homens da aldeia deliberam a respeito, escolhem uma criança e vão ter com a mãe, perguntando-lhe se quer que o filho se faça cacique. Obtido o consentimento da mãe, o menino é educado — pelo pai, como parece — para o exercício do cargo. Por exemplo, o cacique da aldeia 7 falecera havia muito tempo. Seu filho chamava-se Cadete; este tinha três filhas e um filho. O filho faleceu com pouca idade, e as meninas não queriam aceitar o governo; não havia, por conseguinte, cacique nessa aldeia. "Seria necessário educar primeiro alguem para o cargo".

Os *estrangeiros* são recebidos e hospedados pelo cacique. Mandam as normas da boa conduta que se dê ao estrangeiro uma porção de presentes (cocos, mel, batata doce, potes, esteiras etc.), na esperança de que ele seja generoso na retribuição. No meu acampamento perto das aldeias eu nunca ficava sozinho; havia aí constantemente, de dia e de noite, uma guarda de dois, três, ou mesmo mais jovens. De noite, dormiam ao pé da fogueira. Essa medida originou-se por certo, da desconfiança em face dos estranhos. Hoje em dia, porem, o fornecimento da guarda é considerado uma honra precisamente pelos índios que tratam ainda de conservar as formas antigas, e a honra é toda especial quando o próprio cacique passa a noite no acampamento do estrangeiro.

Condições jurídicas. O direito de propriedade pessoal já está muito desenvolvido. Como tal consideram-se: casa e canoa (ambas pertencentes à mulher), armas, utensílios, ornatos e peças do vestuário. Os gêneros alimentícios da roça são propriedade da família; quando é abundante o produto da caça ou da pesca, faz-se uma distribuição pela aldeia toda. Tambem as crianças de pouca idade já possuem, como propriedade, os seus adornos e brinquedos. Sôbre a venda resolve sòmente o respectivo dono; sendo criança, a decisão cabe aos pais, geralmente, à mãe. Nunca ninguem se intromete nos negócios particulares de outrem.

São muito raras as violações do direito de propriedade. Nos meus objetos observei uma única vez uma tentativa de furto. Parece que os furtos são principalmente de produtos agrícolas e que são descobertos com facilidade. A vítima apresenta a queixa ao cacique, este o manda falar com o ladrão, com ordem de exigir indenização. Não a conseguindo, torna a queixar-se e, caso o cacique o permita, pode começar "briga" com o ladrão, i. é, defender à força os seus direitos.

Parece haver homicídios, se bem que raramente. A este respeito, observa-se o talião: os parentes da vítima perseguem o assassino em toda parte, mesmo em aldeias estranhas, até matá-lo.

Vida social. Indivíduos de hábitos reprováveis (fanfarrões, altercadores e brigões) apanham, às vezes, uma tunda. Contaram-me, p. ex., que o meu camarada Pedro II, da aldeia 17, recebe quasi semanalmente a sua sova por causa de suas inscriveis bravatas e fanfarronices.

Os maus elementos que andam de briga com todos e não deixam a aldeia viver em paz são finalmente mortos por ordem do cacique, como me informou Kurixí; neste caso, os parentes não têm direito ao talião.

Não há diferenças de estado. Mulheres e crianças aprisionadas na guerra são aproveitadas como uma espécie de escravos. Em compensação, há diferenças de bens de fortuna; há gente rica e gente pobre. "O rico tem tudo, machados, facas, potes; o pobre não tem nada. Vai falar com o rico e diz: Dê-me um pote, um machado. O rico deve dar-lhe". (Kuruxí).

Ricos consideram-se principalmente os caciques, que, como vimos, são obrigados a auxiliar os pobres com os objetos que possuem em profusão. Eram tidos ricos principalmente Ilk, da aldeia 13, e Crisote, da aldeia 22. Os índios da horda meridional são considerados pobres, e são de fato pobres em comparação com a horda setentrional, que por sua vez deve ser classificada como pobre, quando comparada aos Xavajé.

Formas de saudação. Quando alguem chega a uma aldeia es tranha, ele fica de cabeça inclinada na canoa ("está sem vergonha", como os índios diziam erradamente em lugar de "está com vergonha") até que os outros venham cumprimentá-lo e o convidem a ir com eles à aldeia. Só então é que desembarcam. Observa-se este hábito sobretudo nos índios que estavam a serviço de algum branco. Quando eu chegava a alguma aldeia, os meus índios ficavam sentados na canoa, imóveis, de cabeça inclinada e rosto consternado, até que o cacique da aldeia lhes dirigisse a palavra. E enquanto eu ficava na aldeia não prestavam o menor serviço e não comiam das minhas provisões, preferindo passar fome quando não tinham, na aldeia, parentes que lhe dessem de comer. E' que estavam "sem vergonha".

No regresso da viagem, eram recebidos, pelos parentes femininos, com discursos regados de lágrimas (7). E enquanto isso é raro

(7) — Também a essa forma de saudação, pela qual parentes femininos recebem os membros da família que estiveram ausentes por longo tempo, já se refere Fonseca em 1773 (Rev. trim. 8, 379).

as duas partes olharem uma para a outra; muitas vezes ficam uma atrás da outra. As lamentações se fazem em tom choroso. Suspendem-nas de repente e põem-se a conversar amigavelmente com os recem-chegados. E' evidente que tudo isso não passa de cerimônia, cuja exageração por parte de uma ou outra mulher provocava sorrisos irônicos até entre os próprios índios.

14. *Casamento, nascimento, educação, morte*

Casamento. Como não presenciei nenhum noivado nem casamento, as minhas comunicações a respeito se baseiam sòmente em informes dos índios.

Era difícil determinar a idade de casar. Parece que os homens se casam entre os 17 e 20 anos, e as mulheres mais cedo, com 14-16 anos. Considera-se impedimento matrimonial sòmente o parentesco direto dos irmãos; primos e primas podem casar-se. Não encontrei quaisquer indícios de restrições matrimoniais que pudessem, talvez, remontar a totemismo. O pretendente dirige-se primeiro à mãe e aos demais parentes da moça. Mas é a esta que cabe decidir. E' a mãe quem transmite a resposta ao pretendente. Pedro contou-me que o sogro recebe presente do pai do noivo; além disso o noivo deve trabalhar pelo sogro(?). Durante o período do noivado, o noivo, ajudado pelos jovens da aldeia, constroi a casa. Esta se torna depois propriedade da mulher, que, após o casamento, paga aos moços o trabalho realizado. Ao que parece, cabe à mulher arranjar os utensílios domésticos, esteiras, potes, etc.

Sôbre as cerimônias de casamento deram-me sòmente notícias pouco precisas. Segundo estas, o avô carrega o noivo, pintado e enfeitado, à casa da noiva e trá-lo de volta. Em companhia dos moços da aldeia, o noivo vai buscar a noiva, conduzindo-a à nova habitação. Aí cortam, um ao outro, as faixas das pernas e tiram os punhos pelo tempo do matrimônio. Segundo outra informação, porém, a noiva corta as faixas das panturrilhas do marido, enquanto as da noiva são cortadas pela mãe do marido. Quando se dirigem para a nova morada, os noivos não levam bagagem. Só depois de aí chegarem é que o marido manda buscar os objetos pertencentes à noiva, conservando-os em sua guarda.

Em geral, os Karajá não tem mais de uma mulher de uma só vez; só o cacique pode ter, a um tempo, várias mulheres, que moram juntas na casa dele. Como acima ficou dito, não há uma mulher principal, mas dizem haver frequentes brigas entre elas. Quando a mulher envelhece, o marido pode mandá-la embora e

casar-se com outra, mais jovem. Dá-se isto, porque para os jovens se deixam só as mais idosas e quando estas se tornam muito velhas, eles as substituem por moças de pouca idade.

A situação da mulher é muito boa. Pertencem-lhe a casa, os utensílios domésticos e a canoa; o marido mora apenas com ela. Em todas as questões ela dá a sua opinião. Todo trabalho pesado cabe ao homem: fazer a roça, levar para casa os produtos agrícolas, caçar e pescar. A mulher faz os trabalhos mais leves de plantação e colheita bem como os serviços domésticos. Tanto o marido como a mulher ficam raramente sem fazer nada. Os homens não gostam do seu trabalho pesado. Em todo caso, os jovens, de medo do trabalho, adiam quanto possível o casamento, induzidos principalmente por alguns solteirões. E' que a vida despreocupada de solteiro é livre de qualquer trabalho; cada um faz apenas o que lhe apraz, pois não há obrigação de trabalhar. Tambem os viuvos geralmente só tornam a casar em consideração dos filhos. Não tendo prole, ou podendo, de qualquer modo, evitar o casamento, não deixam de fazê-lo.

Os indivíduos de ambos os sexos tomam as refeições em comum. Em geral, a vida das cônjuges é pacífica; as rixas e brigas são raras. Todavia observei algumas cenas de família: Certa noite, na aldeia 17, uma mulher começou a soltar gritos e berros, pondo-se em seguida, a ralhar em voz alta durante meia hora. Na noite seguinte o marido veiu ter comigo, pedindo comida, porquanto a mulher, em consequência da briga da véspera, não lhe dava de comer. Não conseguí saber o motivo da briga. Na aldeia 13, o cacique Ilk bateu na mulher, acusando-a de ter roubado por ocasião duma visita à aldeia 11. Assim dizia ele; os outros, porem, contavam que ele, ao voltar daquela aldeia, fora mal recebido pela esposa, porque lá tivera relações com uma mulher; e que por isso a bateu. Kurixí, da aldeia 7, tinha já a terceira mulher. A primeira lhe fugira, a segunda morrera, e a terceira, a atual, era muito mais velha do que ele e, alem disso, muito ciumenta. Na primeira noite que passei lá, observou ela como o marido deu duas vezes fumo a uma menina, porque esta lho pedira. Contaram depois que, em consequência disso, surgiu briga em casa; ela o puxou pelo cabelo, e ele bateu-a. O resultado foi que, durante a noite, a mulher embarcou com os filhos; vi-a mais tarde na aldeia n. 8. O marido era, portanto, solteiro interino; não tinha o que comer e viu-se obrigado a mudar para a casa dos solteiros. Na viagem de volta, encontrei os dois novamente reunidos; viviam em paz e, falando do acontecimento, riam um pouco confundidos.

O *divórcio* dá-se, como vimos acima, no caso de a mulher ficar muito velha. O marido, então, manda-a embora, casando-se, em

geral, com uma moça de pouca idade. Assim, na aldeia n. 5 o homem mandara a mulher velha para a casa do irmão dela, em São José, e casara-se com outra, mais jovem. Os filhos haviam ficado com ele, que, alem disso ,tinha a obrigação de fornecer víveres à mulher divorciada. Quem dirige a separação do casal, é a mãe da mulher; com ela vão ter as duas partes, quando uma não gosta mais da outra. Em qualquer caso, os filhos ficam com o pai. A mulher divorciada conserva a sua propriedade. Ehrenreich refere (*Beiträge*, pág. 27) que um homem, repudiando a mulher, não pode tornar a casar-se, mas apenas tomar uma ecônoma. Segundo as minhas observações, é bem típico o caso acima relatado da aldeia n.º 5. Ao contrário do que diz Königswald (8), um homem nessas condições não é desprezado pelos outros.

Viuvos e orfãos. As pessoas enviuvadas tornam a usar as faixas das pernas e dos braços. O viuvo vive como solteirão; pode casar-se novamente, mas em geral fá-lo apenas quando tem filhos que precisam dos cuidados maternos. Afora este caso, procura evitar o trabalho de homem casado. As viuvas ficam morando na mesma casa, que é de sua propriedade. Podem casar-se outra vez. O seu sustento lhes é fornecido pelo cacique, na falta de filhos adultos que o possam fazer. Caso contrário, o cacique escolhe alguem que deve plantar e pescar para ela, e remunera-o por estes serviços. Os orfãos são criados e sustentados pelo irmão da mãe.

Vida sexual extra-matrimonial. As jovens procuram, quanto possível, conservar-se puras; não se embrenham sozinhas na floresta, com receio dos moços da aldeia. Se, apesar disso, uma menina foi infeliz, não a castigam, pelo menos na horda meridional. Tambem nesse caso ela ainda arranja marido. Sôbre os severos castigos para relações sexuais pre-nupciais e adultério, referidos por Ehrenreich e Königswald, não logrei saber coisa alguma. Antes do casamento, os homens gozam de plena liberdade. Em muitas aldeias encontram-se mulheres tapirapé e xavajé que servem de prostitutas; são postas também à disposição de estranhos. Parece, todavia, que os Karajá às vezes também tem aventuras amorosas com companheiras da tribu. Em muitas aldeias, Pedro namoricava com moças, que ele chamava de "primas"; no acampamento n. 23, duas mulheres lhe fizeram propostas para um encontro noturno, mas ele as recusou. Sôbre a instituição dos *viri viduarum*, referida por Ehrenreich numa citação de Magalhães (*Beiträge*, pág. 28), não obtive nenhuma informação.

Nascimento. Durante a gravidez, as mulheres usam, em volta dos quadrís, pequenas esteiras trançadas, que seguram na frente

---

(8) — Globus, Vol. 94, pág. 237.

com as mãos. Para interromper precocemente a gravidez, a mulher toma o pó de uma pedra branca (*manaulá*) triturada, ou bebe sangue. Provocar o aborto não se considera ato proibido.

O parto se realiza na habitação (conforme uma informação isolada ,constrói-se às vezes uma cabana especial para este fim); a mulher, que, segundo Ehrenreich, fica de cócoras, é socorrida pela mãe. Disseram-me que há vários remédios para facilitar o parto. Cortam o cordão umbelical com uma lasca de taquara, e sôbre a ferida põem cinza. A placenta enterra-se na mata. O puerpério é muito curto. A mãe fica deitada sòmente um dia no rancho; no segundo ela já se levanta. Decorridos quatro dias, durante os quais ela se alimenta só de mel e um pouco de papas de mandioca, ela se lava, na sombra, com água quente, que ela tem perto de si, numa vasilha de barro. Depois disso, volta ao seu trabalho e pode comer de tudo. Outrora o homem também se devia submeter a uma certa dieta, o que atualmente, como me contaram, ele não faz mais. Em tempos remotíssimos, "quando os Karajá ainda viviam debaixo da água", o homem observava a dieta durante cinco meses. Mais tarde, ele passou a ficar apenas seis dias em casa; não comia peixe nem mandioca — são comidas muito duras —, e esvasiava diariamente o estômago, tomando, como vomitório, mel com pimenta ou abacaxí com pimenta.

Não me foi possível saber por quanto tempo o marido se abstem de ter relações sexuais com a esposa que deu à luz; o certo é que lhe concede um período de repouso.

O pai da mãe — a avó, segundo outra informação — endireita o crânio ao recem-nascido. Depois disso, este é lavado e untado com urucú e almécega; assim desaparece a viscosidade vermelha e a criança se torna clara. Após isto, envolvem-na numa pequena rede enodada. Crianças defeituosas (inclusive cegas) são afogadas no rio pela mãe; não se vê nisto nenhuma imoralidade. Sòmente se criam os filhos de físico bem formado, mesmo se todas são meninas. Sôbre o tratamento de gêmeos, não me souberam dar informação; disseram-me que tal coisa "ainda não aconteceu". Cada família tem em geral entre dois e quatro filhos; cinco já lhes parece muito. Não obstante, dizem haver famílias com número maior de filhos. A criança é amamentada durante vários anos, e mesmo as de cinco a seis anos ainda procuram a mãe para saciar a fome.

As crianças recebem o seu nome dos avós paternos e maternos, logo após o nascimento. Conservam estes nomes por toda a vida. Muitos Karajá tinham nomes cristãos, dados por canoeiros brasileiros; diz-se haver apenas um ou dois Karajá batizados, em São José. Coligí uma série de nomes próprios masculinos e femi-

ninos; infelizmente não foi possível conseguir a tradução. Apenas dos seguintes nomes próprios se podem separar sílabas conhecidas: *mauzí* = ingrediente de argila de ceramista (como atrás foi descrito); *kulí* = anta; *ananloä* = gato; *anluäzí* = jaguar-*zi* (*zi* = ovo; ou *ti* = osso, que eu talvez ouví mal). Os demais nomes se encontram no registo linguístico, no fim do livro.

Pouco após o nascimento da criança, perfuram-se-lhe os lóbulos das orelhas para colocar as tulipas auriculares (*kuädjú*), que depois se substituem pelas hastes emplumadas; é só mais tarde que se perfura o lábio do menino. Ambas as medidas se realizam sem cerimônia especial.

Os meninos andam nús e as meninas usam uma cinta preta de cordel. Sòmente aos 9-12 anos é que os meninos amarram o prepúcio, e as meninas põem a tanga de imbira sôbre a cinta. A partir de então, os meninos também moram em companhia dos jovens. Como distintivos, as crianças usam punhos, e faixas para as panturrilhas e para os tornozelos; a estas últimas os meninos já retiram com a idade de seis a oito anos.

No início da puberdade, entalham-se nas faces dos adolescentes de um e outro sexo os círculos distintivos da tribu; ao que parece, o ato não é acompanhado de nenhuma cerimônia. Daí em diante, as jovens passam a usar o vestuário completo das mulheres, substituindo o adereço de cordéis de algodão pretos, próprio das crianças, por outro, de cordéis vermelhos. Os jovens moram em separado; nas aldeias em que existe uma casa-de-máscaras, eles passam o dia aí, dormindo de noite também na casa-de-máscaras, ou então ao pé duma fogueira acesa na proximidade. Onde não há casa-de-máscaras, dormem junto duma fogueira a certa distância da aldeia. Nas aldeias pequenas, de uma ou duas casas, os moços moram nas habitações das famílias.

Os pais tem grande afeição pelos filhos. E' comovente observar o carinho que lhes dispensam e como se lembram deles constantemente quando estão longe. Ao receber a (falsa) notícia de que os seus filhos haviam morrido, Pedro ficou tristonho durante horas, e a partir de então, muito mais taciturno do que dantes. As mães brincam com as crianças pequenas; observei mesmo como as beijavam. Enfeitam-se os pequenos com toda espécie de atavios; à medida que as crianças crescem, vão diminuindo os enfeites, até que, depois de casados, os dispensam quasi completamente. Uma mulher de seus 50 anos, depois de pôr ao pescoço colares de missangas que eu dera ao netinho e de olhá-las faceira, acabou por rir-se de sua própria vaidade. Essa mania de ataviar as crianças chega ao ponto de se lhes pendurarem ao pescoço grandes cacos de

pratos de porcelana sem conhecer o perigo (9). ""O pai dá maior valor aos meninos; a mãe prefere as meninas" (Kurixí). Enquanto a instrução do filho cabe ao pai, a da filha é tarefa da mãe. Ao contrário de informações de outra parte, asseguraram-me que também se batem as crianças para castigá-las. Eu próprio só observei como, a título de castigo, se negava comida (na aldeia 17), porque o menino, em vez de pescar, passara o tempo vadiando no meu acampamento. Os filhos obedecem rigorosamente aos pais, e até adultos observam, à risca, os conselhos maternos. Assim, p. ex., a mãe de Pedro deu a este as seguintes recomendações para a viagem (Pedro era viuvo e pai de três filhos). Não empresta dinheiro (por causa disso, Pedro negou todos os pedidos de empréstimo dos outros camaradas, dizendo simplesmente que a mãe o proibira); não volte com mulher (seguiu também este preceito, rejeitando várias propostas de mediação); pessoas que andam atrás das mulheres, emagrecem; e quem come muito, engorda.

Parece que também sob ponto de vista jurídico os pais, sobretudo a mãe, conservam poder sôbre os filhos adultos. Pois as conversações finais para saber se Pedro levaria ou não os filhos, eu as tive com a mãe dele. Com o próprio Pedro eu não tratei do assunto.

A consequência dessa *educação* é que os filhos nunca são malcriados e que raramente brigam; são alegres e risonhas e, diante do estranho, não tardam em mostrar-se confidentes, sem, no entanto, o importunar com excessiva intimidade.

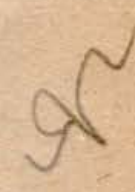
De um modo geral, atribuem grande valor a um comportamento digno e cortês. Nas cabanas, apresentavam-se um a um os membros da família. À noite, ao pé da fogueira, quando eu tomava apontamento das informações que me forneciam, sopravam num tição e aproximavam-no do meu canhenho, para que eu enxergasse melhor. E quando, em viagem, colhiam mel, sempre me traziam uma parte num pedaço de casca de árvore.

A decência faz parte da boa conduta do índio. A defecação realiza-se a grande distância da aldeia, e, se possível, longe do olhar dos outros. Para tirar a cinta de cordéis, que me devia vender, uma menina de seus oito anos de idade foi esconder-se atrás da parede de esteira mais próxima, onde pôs logo uma cinta nova. Só quando alguem solta ventosidades, são um pouco mais indulgentes. Os ruidos fortes são recebidos com riso ou acompanhados de latir-de-cães. Em alguns lugares isso até parecia ser norma de boa conduta, e um sobrepujava o outro. Maus cheiros eram, po-

(9) — A este uso já se refere Rufino, falando dos Xambioá de 1846 (Rev. trim. X, pág. 196).

rem, recebidos com desagrado; todos olhavam indignados em redor de si à procura do suposto malfeitor e manifestavam o seu descontentamento com vozes de reprovação (*bv* e *hm*).

Morte e enterro. (10) Para verificar o falecimento de uma pessoa, chamam-na pelo nome e sacodem-na: se deixa de dar resposta, consideram-na morta.

O corpo é então untado com resina (*domalé*) sôbre a qual se cola penugem branca. Pinta-se o rosto (ou talvez só uma parte, de uma orelha para a outra, passando sôbre o queixo) com urucú, retira-se o botoque do lábio, e nas orelhas enfiam-se plumas de arara; o morto é ataviado, além disso, com os demais enfeites (às mulheres põem-se, p. ex., os colares de missangas). Em seguida, envolvem o corpo numa esteira, atando-a a uma vara e levando-a para junto de uma estaca fincada na areia, a certa distância da aldeia. Não pude descobrir se o amarram à estaca, ou o que aí fazem com ele. Realizam-se aí as lamentações das mulheres e dos parentes. Os jovens se encarregam da guarda mortuária; em retribuição, o irmão do falecido lhes fornece comida. Se o óbito se deu à noite, faz-se o enterro na manhã seguinte; e se foi de dia, removem o morto sem perda de tempo. O enterramento é tarefa dos homens, as mulheres limitam-se a choros e lamentações. Todos os mortos são tratados e enterrados da mesma forma.

Sepultam-se os mortos no cemitério. Há vários cemitérios coletivos (com urnas funerárias), além dos quais parecem existir ainda pequenos cemitérios de aldeia. Todos eles se encontram sôbre os barrancos do rio, acima da linha atingida pelas águas da enchente, às vezes a vários dias de viagem das habitações. Aos mais velhos dentre os Karajá cumpre indicar os lugares onde se devem formar novos cemitérios. Os Karajá procuram, a todo transe, ser sepultados nos cemitérios da tribu. Assim, Kabixá transportou o corpo de seu neto falecido de Leopoldina até o cemitério de Xixá (a três dias de viagem a jusante de Leopoldina), porque, como dizia, "a terra aí não era benta". Cemitérios grandes encontram-se perto de São José e Santa Isabel do Morro (11). Nos cemitérios menores, abrem a cova, em que suspendem, em posição horizontal, o corpo preso à vara. Depois disso, colocam varas sôbre a abertura, cobrindo tudo com terra. No tocante às particularidades do guarnecimento dessas sepulturas, das quais infelizmente não vi nenhuma, veja-se a descrição de Ehrenreich (*Beiträge*, pág. 31). Durante seis dias põem sôbre a sepultura uma

(10) — Eu próprio não observei nenhum óbito: os meus dados sôbre o assunto são informações unânimes de vários índios.

(11) — Este último é, por certo, o que foi visitado por Rufino no dia 6 de dezembro de 1846; Rev. trim. X, pág. 206.

vasilha com víveres. Decomposto o cadaver, abrem a sepultura (depois de um mês, segundo Pedro, e após um ano, conforme Kurixí). Limpam os ossos, e reunem-nos numa grande urna funerária. Afim de remover do esqueleto os restos de carne, dizem usar um osso igual ao que se emprega para cauterizar as feridas; faz-se a raspagem com uma das pontas do osso previamente aquecida ao fogo. Nessa ocasião, ao que parece, não se realizam mais cerimônias especiais. As urnas colocam-se nos grandes cemitérios, debaixo de árvores, onde com o correr do tempo, se cobrem de areia (Ver prancha 13, fig. 2). A sua forma corresponde à das panelas, com a diferença de serem providas de tampa (prancha 58, fig. 11). Dentre as que eu vi, a maior tinha um diâmetro de 80 cm. Informaram-me de que os cadáveres de pequenas crianças são logo colocadas nessas urnas.

O rancho do defunto é abandonado. Mais tarde, queimam-no. Quando morre o marido, cortam o cabelo à esposa e à mãe, deixando apenas uma coroa (*nakuláu*); aos filhos, porém, não se corta o cabelo. Quando morre a mulher, o homem, a mãe e os filhos não cortam o cabelo. Outro sinal de luto são ataduras de imbira ou de algodão, usadas, em torno da cabeça, pelos indivíduos de ambos os sexos. Uma mulher usava, além disso, uma estreita cinta de imbira em volta da barriga, e um menino tinha uma atadura de tiras de imbira sôbre as faixas das panturrilhas. Tiram-se, porém, todos os enfeites. As lamentações de ambos os sexos são gritos em voz alta e forte e tonalidade uniforme; ao mesmo tempo, agitam-se chocalhos. Parece que se realizam sempre que qualquer coisa desperte a lembrança do defunto. Em todo caso não me foi possível determinar certas horas do dia fixadas para esse fim. Mas nota-se, pelo menos no primeiro tempo, que os índios ficam realmente tristes e abatidos. Disseram-me que pela morte de uma criança o pai fica de luto só um dia, e a mãe quatro dias. Esta informação está certamente errada, pois em Xixá ouvi lamentações fúnebres pela morte de uma criança que, como me contaram, falecera havia cerca de três semanas. Pela morte da mulher, o marido fica de luto por pouco tempo, ao passo que as lamentações da esposa pelo falecimento do marido se estendem pelo período de um ano. Decorrido este tempo, o cacique dá ordem para que a viuva seja pintada de urucú e ataviada com enfeites. Então ela se lamenta ainda um dia, terminando, assim, o período de luto.

ANO 8 - V. 89 - 1943

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE
Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

15. *Religião, máscaras, magia, medicina*

Acêrca das idéias religiosas dos Karajá consegui saber sòmente pouca coisa. Com exceção das dansas-de-máscaras, o pesquisador não encontra nada que de alguma maneira possa lembrar crença em espíritos ou um culto qualquer.

Infelizmente observei bem poucas dessas dansas, porquanto viajei de junho a outubro, ao passo que a época das dansas parece ser exatamente de novembro até abril. Por isso, não disponho de dados sôbre o sentido dessas dansas; todos os meus esforços para obter dos índios quaisquer informes falharam, ora por causa da dificuldade de compreensão, ora porque os interrogados se negavam abertamente a prestar as declarações pedidas. Suponho, entretanto, que essas dansas, realizadas no tempo da maturação de certos frutos do campo e com máscaras que representam animais, sejam, em parte, dansas de festa de colheita e, em parte, originárias de idéias que, mais tarde, deram origem à chamada magia imitativa. É só isso que podemos dizer sôbre o assunto, e tudo o mais seria especulação inútil. Algumas das máscaras não são máscaras de dansa, mas de pedintes, que em certas ocasiões viajam de aldeia

em aldeia a pedir víveres; outras parecem ligar-se ao culto dos mortos. Em todo caso, trata-se de formas ainda bem primitivas; parece faltar inteiramente uma rigorosa organização dos jovens; apenas a classe-de-idade dos homens solteiros e a casa-dos-homens (casadas-máscaras) chegaram a constituir-se (1).

Em consequência disso, não existem ainda sacerdotes entre os Karajá, e a todos assiste ainda o mesmo direito de tomar parte em todas as dansas. A distribuição cabe ao cacique. Diante das mulheres escondem-se todas as máscaras. Para informes mais pormenorizados sôbre as máscaras, veja-se o meu artigo *Tanzmaskennachbildungen vom mittleren Araguaya* (*Zentralbrasilien*).

Parece-me conveniente acrescentar aquí ainda algumas observações sôbre as cabanas-de-máscaras. Castelnau, referindo-se à primeira aldeia de Xambioá, menciona e reproduz numa figura (*Vues et scènes,* Paris 1853, prancha 8, e texto, pág. 7) uma parede vertical e quase semi-circular de folhas de palmeira, o lado convexo dirigido para a aldeia. No espaço aberto, umas dez máscaras-de-dansa. Ao lado, uma armação de varas, consistindo numa série delas fincadas obliquamente na terra em forma de círculo, dentre as quais se destaca uma, mais comprida, com a extremidade guarnecida de uma maço de folhas. Na prancha 9 essas duas construções estão representadas em ponto um pouco maior. Diante da parede de folhas de palmeira, veem-se dois dansarinos com as máscaras sôbre a cabeça. A maneira da representação (a falta das saias de folhas e o modo de os índios pularem) é prova de que Castelnau não assistiu a nenhuma dansa. Tambem Ehrenreich, falando dos Karajá, se refere a essas construções semi-circulares para guardar máscaras (*Beiträge,* pág. 34). Eu não vi nenhuma construção assim, mas sòmente as cabanas-de-máscaras do tipo das habitações, como as descreví.

Sôbre a vida de além-túmulo os Karajá não me sabiam dar nenhuma informação. Afirmam que os mortos vão para o céu.

Os sonhos, que dizem ser muito frequentes, são tomados como realidade. P. ex.: "Se alguem sonha que um parente dele morreu, ele toma a canoa e vai até lá para ver se é verdade". (Kurixí).

(1) — Numa resenha do meu artigo sôbre as máscaras, publicada no **Zentralblatt für Anthropologie**, Ano XVI, 1911, pág. 100, o Dr. Walter Lehmann, de Munique, opina que as máscaras-de-dansa, mais ou menos como as da América Central, possam, em parte, relacionar-se com culto mortuário e estar ligadas com idéias totêmicas em combinação com ritos de puberdade. A relação com culto mortuário parece de fato existir para a máscara **iooni**, todavia não logrei, infelizmente, obter bastante clareza sôbre o assunto (Ver 1.ª parte, capítulo 5.º deste livro) para poder afirmar alguma coisa com segurança. Quanto ao segundo ponto, cumpre dizer que, desde o princípio, suspeitei haver totemismo entre os índios Karajá, mas que, apesar de todo o empenho, não descrobrí nada de parecido. E com os ritos de puberdade deu-se a mesma coisa. Julgo, por isso, estar com a razão quando me abstenho, por ora, de conjeturas dessa natureza. A algum futuro pesquisador que visite os Karajá na estação chuvosa, i. é, no período das dansas, caberá dedicar-se ao problema.

Magia (*lobuní*) de toda espécie tem grande voga entre os Karajá; até os membros mais esclarecidos da tribu ainda acreditam nela firmemente. Crê-se que é possível influenciar fenômenos naturais (chuva) por meio de ações ou fazer mal a outros homens com auxílio de recursos mágicos.

A magia da chuva emprega-se com frequência; qualquer pessoa pode usá-la, e todos possuem o aparelho necessário. Adquirí vários desses aparelhos:

hetjiwá. Duas hastezinhas de taquara amarradas uma à outra; na extremidade anterior, uma camada de cera, em que estão coladas penas. As varinhas estão cortadas; o seu comprimento normal é de 1 m, mais ou menos (fig. 182 a). Os instrumentos deste tipo agitam-se contra as nuvens, para afastar a chuva.

Um segundo aparalho é formado de duas varetas de uns 50 cm de comprimento e amarradas uma à outra (fig. 182 b). A vareta mais grossa, de cor preta, chama-se *kuolunı́*, e a mais fina, de cor clara, *nohõdämudá*. Com ambas se bate verticalmente na direção das nuvens.

Fig. 182 a, b — Feitiço-de-chuva a) 2 tubos de taquara (cortados) b) 2 varas.

hulälahedó (*kowolú*) consiste numa simples vareta. Disseram-me que a sua aplicação é segredo de uns poucos iniciados. Numa ocasião em que ameaçava chuva, Kurixí me mostrou o manejo do aparelho: sentado na canoa e silencioso, foi agitando a vareta horizontalmente na direção de jusante, coom se quizesse enxotar as nuvens para lá.

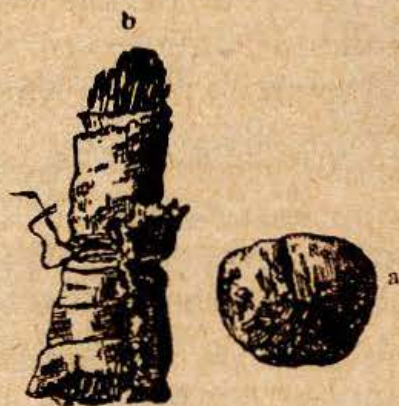
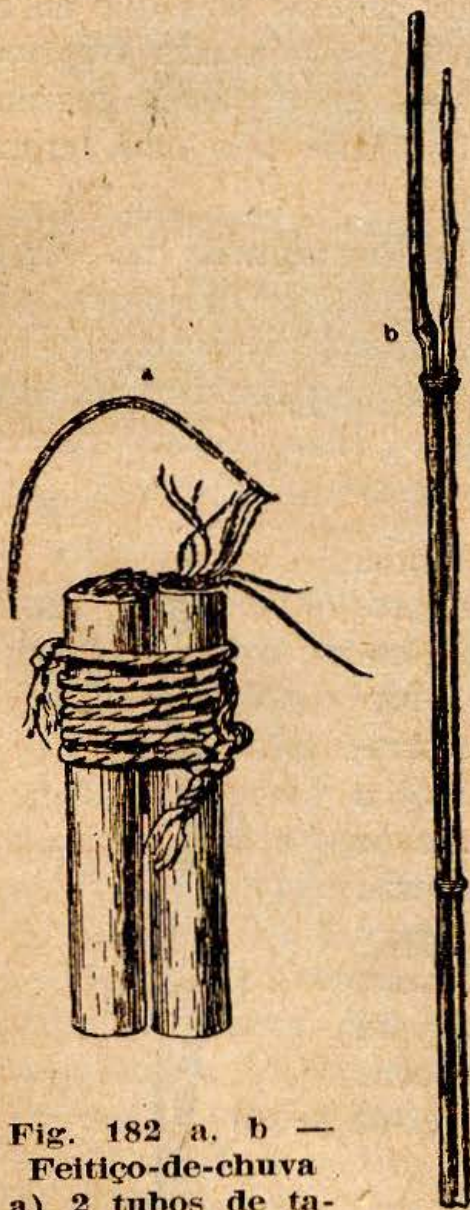



Fig. 183 a, b — Feitiço-dos-olhos (a) com pincel (b)

Para ver de noite, passa-se sôbre as pálpebras, com auxílio dum pincel (fig. 183 a), uma massa extraida do fruto do jequitibá (fig. 183 b).

Para produzir febre em outros, toma-se um pouco da massa contida no saquinho da fig. 184 a, triturando-a na mão, e esfregando-a, durante a briga, no cabelo do adversário. Aquele que pratica a magia, protege-se lavando a mão. As partes de que se compõem a massa estão representadas na fig. 184 b, c; um feixe de fibras pardas, e uma casca seca de cor amarelada, que se misturam com carvão. Não me quiseram ensinar o nome desse agente mágico, como também tinham receio de ceder-me êsses objetos pois que eu os poderia aplicar contra êles próprios. À vista deles, eu os devia guardar logo, do contrário não mos teriam entregue.

Fig. 184 a-c — **Feitiço-de-febre (a) e os necessários ingredientes (b, c).**

Para matar alguem, há vários recursos. Trança-se de imbira, um penis de macaco (*noó kraobé*, fig. 185 a, b) que se passa furtivamente ao inimigo. Este, então, precisa morrer.

A flecha mágica (*bolohé*) consiste numa vara de madeira de 21 cm de comprimento, revestida duma camada de cera inteiramente coberta de pluminhas vermelhas. A ponta é formada duma lasca de osso. A haste propriamente deveria ser de taquara de chibata, e a ponta de aguilhão de arraia. Certamente os índios fizeram o instrumento de outro material afim de prevenirem que eu o usasse para algum malefício. Com auxílio dum pequeno arco, atira-se a flecha contra transeuntes; deverá morrer aquele em cuja direção cair a flecha (fig. 16 a, b). Não há meio de proteger-se contra essa magia.

A "enguia elétrica" (*huoluní, hetjiwá*) consiste numa mistura de ossos de enguia elétrica triturados, carvão e cera, a que se dá forma de peixe e em cuja superficície se grudam peninhas vermelhas. Representam-se os olhos com duas chapinhas de madre-pérolas; atrás da cabeça, há um anel branco de algodão (fig. 186 a). Com a mão direita, segura-

Fig. 185 a, b — Penis de macaco. b) Face posterior da glande de a).

se a extremidade posterior da enguia contra o indicador da esquerda, e assim mira-se contra o transeunte. Este deve morrer, caso não se submeta imediatamente a tratamento médico. O médico chupa-lhe a perna, bate-lhe, com uma vara, nas costas, no peito, nos braços e nas pernas, e extrai-lhe, assim, o feitiço do corpo. Em seguida, o próprio paciente se rola no chão, escarra etc., para de sua parte, livrar-se da magia. Conserva-se a enguia elétrica num estojo feito de duas bainhas de folha de palmeira (fig. 186 b, c).

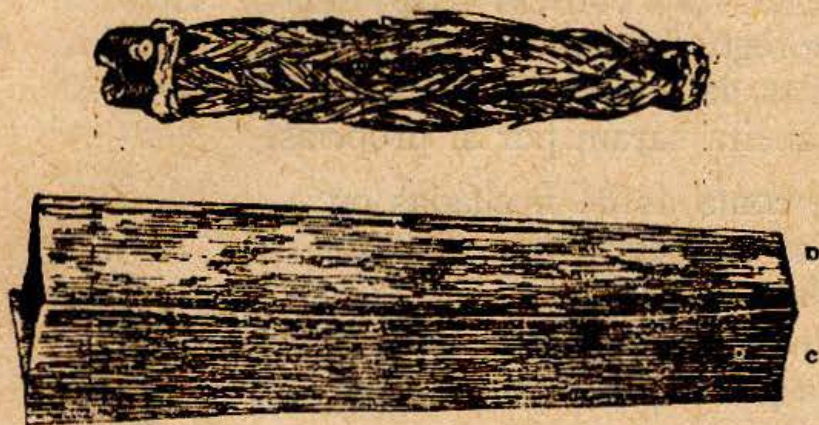



Fig. 186 a-c — "Enguia elétrica" com estojo.

É curioso notar o uso do carvão como portador do agente mágico.

Medicina. Acredita-se que todas as doenças são resultado de feitiço, motivo pelo qual os médicos-feiticeiros, incumbidos de fazer o contra-feitiço, desempenham um papel importante. Mas alem disso, emprega-se tambem uma quantidade de plantas medicinais, algumas das quais dizem ser infalíveis. Conseguí uma porção dessas plantas, juntamente com as indicações relativas à sua aplicação.

Os médicos (*kolú*, *kauduwädú*; segundo Ehrenreich, *kahotebädó*) exercem a sua atividade por meio de ações mágicas — cantar, agitar o maracá, extrair por sucção o agente patogênico, praticar massagens, bater com varas guarnecidas nas extremidades, de ossos de enguia elétrica — e pelo emprêgo de medicamentos de uso interno e externo. Ouví falar de sete médicos ao todo; é possivel, entretanto, que houvesse mais. Um desses médicos, da aldeia 16, era tido na conta de perigoso feiticeiro. O cacique enfermo daí não se fazia tratar por ele, mas estava na aldeia 19, aos cuidados de um célebre médico, procurado mesmo por Karajá que vinham de muito longe. Abrira uma espécie de hospital: várias esteiras armadas em parede, a cuja sombra os enfermos jaziam sôbre outras esteiras, entregues ao carinho e à assistência dos parentes. Estavam deitados aí uns três ou quatro doentes de um e outro sexo.

Não presenciei a nenhuma cerimônia de cura. Na aldeia 14 ouví vozes de canto e ruidos de maracá provenientes da extremidade ocidental da aldeia; não me deixaram, porem, ir até lá, quando manifestei a intenção de observar o cacique Ilk, da aldeia 13, no seu trabalho de esculápio.

Pagam-se os serviços médicos, com canoas, potes, gêneros alimentícios, etc. Contaram-se que, falecendo o doente, o médico não ganha nada.

Na *cirurgia* os Karajá possuem bons conhecimentos.

Sôbre feridas pequenas passa-se a decocção duma casca-de-árvore vermelha (*odudewó*), que se conserva, em grandes quantidades, dentro de potes com um pouco de água. Sôbre feridas que sangram (p. ex., depois de se cortar o cordão umbilical) deita-se cinza e sôbre ferimentos leves passa-se um pouco de tinta-de-urucú a óleo, para que neles não pousem as moscas. Tambem parecem conhecer já o emprego de ataduras em membros lesados. Feridas purulentas (oriundas de lesão: ***kudjú***) na perna lavam-se com água quente; dessa maneira saram por si próprias.

Nas lesões profundas, como as de flechadas ou coisa semelhante, emprega-se tambem a cauterização. Para isso, usa-se um osso de perna humana (fig. 187; *deí* ou *wolisõtí*) com envoltório de imbira. A extremidade inferior é negrejada pela ação do fogo. Para curar flechadas, dizem haver ainda outro recurso médico, com o qual, se consegue a cura em bem pouco tempo, até mesmo num dia (?).

Os membros fraturados curam-se, segundo Ehrenreich (*Beiträge*, pág. 32), com auxílio de entalação. Disseram-me que o cacique da aldeia 16, que encontrei no hospital, tinha uma perna fraturada; não se via, porem, entalação. E, segundo Kurixí, não sabem mesmo curar as fraturas dos braços e das pernas.

Hérnia umbilical observei só uma vez, num menino.

Sôbre a aplicação de sangria, de que fala Ehrenreich, não tive nenhuma informação.

A escarificação é muito usada, e quase todos os índios têm nos braços e nas coxas as cicatrizes das sarjaduras. A respeito do processo, que foi descrito por Ehrenreich (*Beiträge*, pág. 33), não pude observar nada. Quanto ao aparelho empregado, veja-se a fig. 51, publicada atrás, no capítulo 5.º da segunda parte dêste livro.

Fig. 187 — Osso para cauterizar feridas.

(2) — **Jahrbuch des städtischen Museums für Völkerkunde zu Leipzig, Vol. 3,** Leipzig 1910, págs. 97-122.

Quanto às doenças de que ignoro o modo de curar, observei uma menina cega, um homem privado de uma vista, um menino hidrópico, alem de um homem de pernas atrofiadas que se arrastava sôbre os mãos e os joelhos.

Ehrenreich relata (Beiträge, pág. 32) que de manhã os Karajá introduzem na garganta uma haste de taquara um pouco carbonizada, para provocar vômito e assim esvaziar o estômago. Ele trouxe mesmo algumas dessas varas (Berlim 3964). Eu não observei esse costume, mas, como acima expús, ouví contar apenas que os homens provocam vômitos durante a *couvade*.

Nas páginas seguintes darei as informações obtidas acerca das *demais enfermidades;* salientarei, em especial, os casos de doença por mim observados.

Quando alguem é mordido por uma cobra, apertam o membro com uma atadura, colocando sôbre a picada um pouco de raiz de *doahí* triturada.

Possuem numerosos remédios para males do estômago e dos intestinos. Para moléstias do estômago, empregam três raizes diferentes. Ou amassam a raiz de *moná* (em português: *murizí,* como me afirmaram), misturando-a com água e bebendo o líquido; ou ingerem a raiz de um cipó [*b*(*u*)*doilulé*] tambem triturada e misturada com água fria; ou, finalmente, roem com os dentes a raiz de um arbusto cultivado na roça para este fim. Nas perturbações intestinais amassam duas raizes diferentes (*diluakozé* e *bedí*), cozendo-as em separado e misturando, a seguir, as decocções para bebê-las.

Conhecem tambem vários purgantes. Ingere-se a raiz de *alahíno* (em português: *tiú,* como me afirmaram), pilada e fervida com água; ou então amassam a raiz de um cipó (*hamboladóe*), fazendo um extrato com água fria.

Curam-se a icterícia e a anemia dos jovens, friccionando-lhes o corpo com as folhas, previamente trituradas, de um cipó (*dowilizá*) de flor vermelha que cresce sôbre a guaiaba. A icterícia provem, em primeiro lugar, do hábito de comerem bolotas de argila, devido, provavelmente, à falta de sal. Em lugar da argila come-se tambem cinza e areia, que dizem dar prisão-de-ventre. Observei muitas vezes como comiam, às mãos-cheias, a areia das praias.

Para engordar, comem um determinado fruto de pequeno tamanho.

A-pesar-da boa dentadura que se costuma observar nos índios, a dor-de-dentes parece ser, entre eles, mais comum do que se haveria de supor. Certo, não observei nenhum caso, mas possuem

grande número de remédios para curá-la. Empregam, por ex., o *kuxí*, que reveste partes de raiz e de ramos (chamado para-tudo em português), bem como um pequeno fruto denominado *siburé*. Não se extraem os dentes; quando doem, empregam-se esses remédios. Quanto ao mais, deixam-nos cair por si próprios.

Defluxo (*wadowé*) observei uma única vez, num homem bastante idoso. Para livrar-se do incômodo, envolvera a cabeça numa atadura de folhas-de-palmeira. Parecia ter a cabeça bem pesada, pois segurava-a na frente e trás, com ambas as mãos.

Tosse (*wadó*) notei frequentemente; muitos índios sofriam de uma tosse fraca, de-certo em consequência das noites frias. As crianças da aldeia 17 pareciam ter coqueluche; quando tossiam, tinham convulsões até conseguirem expelir uma mucosidade. As mães batiam nas costas dos filhos; não conheciam outro recurso. Explicava-se a tosse como consequência das noites frias e da falta de cobertas. Não possuem remédio para curá-la.

Não observei tuberculose. Ehrenreich relata (*Beiträge*, pág. 32) que essa moléstia existe entre os Karajá, que êles conheciam a gravidade do mal e que recebiam todo estrangeiro com a pergunta: "aí catarro não tem?" Este costume não se observa mais, provavelmente por ter desaparecido a doença.

Contra dores de peito empregam vomitivo de ipecacuanha (*hädäó*).

As febres, ao que parece, são raras de maio a outubro. Em todo caso não observei nenhum acesso de febre nas aldeias. Sòmente um dos meus remadores indígenas ficou deitado durante três dias, em agosto, derrubado por violenta febre. Entretanto, afirma-se que, mormente na região pantanosa entre São José e o Rio das Mortes, ocorre muita febre no fim da estação chuvosa, motivo pelo qual esse trecho não é sempre habitado pelos índios. Como remédio contra a febre, usam a planta *kodulazí*; amassam esta planta, extratam-na com água quente, e com a decocção lavam o corpo, especialmente os braços, os ombros e o peito. Dizem que, repetindo-se isto quatro vezes num dia, a febre desaparece.

Contra a varíola dispõem de um remédio infálivel (como várias vezes responderam à minha pergunta). A cura se dá no undécimo dia da moléstia. Conseguem-na da seguinte maneira: As quatro raizes *nauekiedizú*, *sindakálandó*, *klaklá*, *loluó* pilam-se, misturam-se com água e bebem-se. A poção provoca forte irrupção de suor. Deve-se tomá-la durante onze dias, três vêzes por dia, a saber, de manhã, de tarde e à noite; e neste período comem-se sòmente pequeninos peixes cozidos. No undécimo dia a doença está eliminada.

Sarampo não se pode curar. Em 1906-07 uma forte epidemia de sarampo deve ter afligido os Karajá. Dizem que nessa ocasião morreram muitas pessoas por terem tomado banho no rio. Por isso, ficou proibido tomar banho com qualquer doença. Como alimento dos enfermos servem piranhas assadas e papas de mandioca; tambem os pais dos doentes contentam-se com essas comidas durante a enfermidade dos filhos.

Doenças venéreas são raras. Os Karajá evitam-nas sistematicamente, não permitindo que os Karajá afetados de alguma delas tenham relações com as mulheres enquanto não se curarem, e, eventualmente, expulsando-os da tribu. Pedro I, que se contagiara em Conceição, disse-me que, se voltasse assim para casa, não poderia aí ficar: que então deixava de ser Karajá. Parece que possuem um remédio para a sífilis, que, no entanto, afirmam ser eficiente apenas nas mãos de um bom médico.

As pessoas atacadas de alguma doença contagiosa deixam-se sozinhas; nem o médico se ocupa com elas. Os companheiros mudam simplesmente para outro lugar, deixando, porém, víveres para os enfermos. Quando estes morrem, os outros voltam para enterrá-los. Com a morte considera-se extinta a doença, mesmo a contagiosa.

As doenças mentais parecem ser muito raras. Observei sòmente um jovem epilético. Disseram-me que todos os meses, no quarto crescente, ele bate em torno de si, caminhando de olhos fechados. Tinha um olhar exquisito e movimentos pesados. Sem que houvesse qualquer motivo perceptível a mim, os outros o agarravam, subjugando e derrubando-o; após algum tempo, permitiam-lhe levantar-se e caminhar livremente, mas não deixavam de vigiá-lo.

Julgam os Karajá que a sede da enfermidade mental (*idjõdé*) é a espinha.

A loucura (*ähähä*) é incurável. O doente, quando tomado de um acesso, é, por ordem do chefe, atado nos tornozelos e nas mãos e deitado, na sombra, sôbre uma esteira.

Em Xixá, por ocasião da viagem de retorno, observei um costume singular, produto, certamente, duma inclinação sádica. Durante a noite, estavam sentados, comigo, junto à minha tenda, o velho solteirão *Mandihi* e *Mauzí*. De repente, o solteirão deu um pulo, agarrou a *Mauzí* pela garganta e comprimiu-a dizendo: "Quero matar-te"; afinal, soltou-o. A seguir, cada um dos três experimentou em si próprio esse estrangulamento. Deitaram a cabeça para trás e as mãos em torno do pescoço, retendo a respiração e comprimindo a laringe, de cada lado, com os polegares. De-

pois de algum tempo, soltaram o pescoço, fizeram alguns movimentos de deglutição e respiraram profundamente. Nas suas fisionomias espelhava-se extraordinária satisfação.

---

16. *Conhecimentos de aritmética, astronomia e geografia*

Aritmética. Conta-se com auxílio das mãos e dos pés. Começa-se com o polegar da mão direita, passando, em seguida, para o da esquerda e fazendo depois o mesmo com os pés. Às vezes empregam-se tambem pedrinhas para contar. Os dias de viagem contam-se com auxílio de entalhes feitos num pequeno pedaço de madeira fixo à borda da canoa.

O sistema de numeração tem por base o ncmero 5 (veja-se o Vocabulário, X: Palavras Numerais). Notam-se as seguintes particularidades: a existência de duas designações para 5; o emprego de uma segunda palavra especial, *leul(j)õ*, para 6, a qual entra depois na formação do 7, que se exprime com mão — *leul(j)õ;* o emprego de determinadas sílabas secundárias: *lahu* em 10, *ledó* em 11, 15, 16, 17, (18?).

Até 6 a maioria contava sem dificuldade; daí em diante quasi todos revelavam pouca segurança. Poucos sabiam contar até 10 e pouquíssimos até 20; às vezes contentavam-se com designações evasivas quando lhes pedia esses números elevados. Não foi possivel obter qualquer número acima de 20.

Nas expressões em que entram adjetivos numerais, estes são colocados depois do substantivo: um cano-de-espingarda: *djio-zohodí;* dois canos de espingarda: *djio-inatjí;* dois chapéus: *xapä(o)inatí.*

Dados astronômicos. Sabem que o ano tem 13 luas-cheias. Calculam o ano de uma vazante até outra, distinguindo duas estações: a estiagem (*woulá*), época em que moram nas praias arenosas, e a estação das chuvas (*biú*) em que vivem nas margens elevadas. Dividem o dia segundo a altura do sol. Para indicar certa hora do dia, apontam com a mão para a posição que o sol ocupa nessa hora.

Ao que parece, distinguem cinco fases lunares, para as quais um índio me deu as seguintes denominações: crescente: *ahandu loíta;;* lua quasi cheia: *ahandú-laläli;* lua cheia: *djulúm läaläli;* minguante: *ahandu-álulüna*: lua-nova: *ikóna*. Destas, *ahandú-laläli* significa uma fase intermediária entre crescente e lua cheia: "são propriamente duas luas". Com isto o índio queria significar provavelmente a lua clara e a lua escura. Outros índios confir-

maram isso, sem que, no entanto, me fosse possivel, obter dados mais precisos. Eles próprios não tinham clareza quanto à sucessão das fases, dando-me várias ordens diferentes, e corrigindo, muitas vezes, as suas próprias informações. Com grande alegria chamaram a minha atenção para o primeiro aparecimento da meia-lua. As montanhas da lua explicam-se como sendo um sapo (*kraoté*).

O eclipse solar (*wuahulowä, tjuu-hólo-larări*) e o eclipse lunar (*ahandululú, ahandú-ladóla*) explicam-se como provocados por um feticeiro ruim (*ohodiwätú*) que atira flechas contra o respectivo astro. Não se conhecem reações por parte dos índios.

A um enorme aro luminoso em redor da lua, com um raio de umas oito a doze vezes o diâmetro da lua, chamavam *djuulá* e *kualó*, sem darem pormenores sôbre a significação desse fenômeno.

O arco-iris (*kuadí*) é a sombra duma enorme enguia (esta, segundo Ehrenreich, se chama *koadzi*). E' tido na conta de pernicioso; os que deles se aproximam e tocam nele, morrem; o animal faz ouvir um ruido, "bum", e desaparece.

Ensinaram-me várias constelações celestes, desenhando mesmo algumas no meu canhenho. A Via-látea não é formada de estrelas, mas de cinza (*bulibí*). O Cruzeiro do Sul é a arraia preta (*bolohuä*). As duas estrelas que se encontram acima do Cruzeiro (α e β do Centauro) representam a ema (*nauekié*), atacada por um jaguar (*anloä*; = o nosso Escorpião). As Plêiades são periquitos (*bolobedó*). Ehrenreich indica, além disso, para o Orion, a queimada de uma roça.

Aerólitos chamam-se *dakinaläzá*; o ruido que se ouve quando arrebentam parte da estrela.

Estrelas cadentes chamam-se *lexiwiulán*. Um Karajá semicivilizado explicou-me o fenômeno como sendo mudança de posição das estrelas, ao passo que segundo Ehrenreich (*Beiträge*, página 45) dizem ser o anzol com isca lançado ao rio. Os índios sabiam que em Novembro se observam grandes chuvas de estrelas cadentes.

Dados geográficos. Os Karajá conhecem bem o curso fluvial do Araguaia. Calculam as distâncias sôbre o rio segundo os vários barrancos marginais e o número de vezes que, na viagem para montante, se deve cruzar o rio; as distâncias maiores indicam-se de acordo com o número de pousos noturnos. Para afluentes, lagoas, barrancos marginais e montanhas usam-se denominações especiais (Veja-se o vocabulário final).

O conhecimento geográfico dos Karajá ultrapassa um pouco, de um e outro lado do rio, os limites do território que ocupam. Conhecem, por exemplo, a cachoeira do Rio Tapirapé, sita a al-

gumas horas de viagem acima do limite atual. Quanto ao furo (braço oriental da Ilha do Bananal), sabem que as suas águas secam na estiagem, de sorte que nem canoas de índios nele podem navegar. Segundo afirmam, existe um pequeno furo que atravessa a Ilha do Bananal, ligando os dois braços do Rio Araguaia.

Nas caminhadas, revelam resistência e rapidez. Para encontrar água no campo deserto, viram o rosto na direção do vento: se este é fresco, vem de algum lugar em que se encontra água; se é quente, não é provável haver água nessa direção. Antes de se cavar a terra, à procura de água, finca-se no chão uma estaca a boa profundidade; se fica úmida, começa-se a cavar. Durante a viagem prestam atenção a todos os rastos, sabendo magistralmente tirar as suas conclusões. Quando, descendo o Tapirapé, cheguei à praia arenosa em que havia sido o nosso primeiro pouso na viagem sôbre o Tapirapé, os meus Karajá, observando as pegadas, reconheceram com grande exatidão quem dos seus parentes aí estivera, quanto tempo, aproximadamente, aí se haviam demorado, em que pontos tinham deixado as suas canoas, e há quanto tempo, mais ou menos, se haviam retirado. Verificou-se mais tarde que todas essas conclusões se aproximavam muito da realidade.

O que os Karajá contam das tribus visinhas (3)

Os *Chavantes* (kliuzá, kulizá) moram na margem ocidental do Araguaia, junto ao Rio das Mortes, em território com vegetação de campo; entre São José e Leopoldina, chegam mesmo até o rio Araguaia. São altos, distinguindo-se por barriga grande e pele clara. Os homem velhos usam barba: na testa cortam o cabelo como os Karajá, deixando-o pender muito comprido atrás, onde o amarram com barbante vermelho. Os homens atam o prepúcio com um cordel preto; no lábio inferior, usam pequenos botões de madeira. Gostam de enfeitar o peito com pintura de genipapo: de cada lado, uma linha correndo da axila até a extremidade inferior do esterno. Os Chavantes pescam com auxílio do cipó venenoso, e os Karajá afirmam que foi deles que aprenderam essa maneira de pescar. Os Chavante são uma genuino povo dos campos; não gostam de andar no mato, e queimam mesmo o campo para poderem caminhar melhor. Transportam os víveres em cestos-de-carregar, que são levados pelos homens. Usam as seguintes armas: lanças, maças, arco e flechas. Estas são como as dos Karajá, mas tidas

(3) — As informações dos Karajá sôbre os Xavajé, Tapirapé e Kayapó encontram-se nos capítulos dedicados a essas tribus.

como feias. Uma espécie tem pontas de pau de tucum; atingindo a vítima, essas pontas ficam presas e são quebradas (ao passo que as pontas de tala de bambú, das flechas dos Karajá, podem ser retiradas; produzem, todavia, ferimentos tão grandes que a vítima morre em consequência da perda de sangue). Às penas de emplumação dá-se a forma conveniente com auxílio do fogo. Não se observa, entre eles, o uso de flechas ervadas. Os Chavante são inimigos dos Karajá. Já mataram muitos Karajá, enquanto estes até agora mataram um Chavante apenas (4).

Sôbre os *Cherente* (*inolótu*), consegui obter sòmente a informação pouco fidedigna de que comem os excrementos humanos, inclusive os seus próprios, levando-os à boca com um pedaço de pau malhado em forma de pincel. Talvez não passe duma afirmação nascida da inimizade e presunção dos Karajá.

Os *Canoeiros* (*tiäbezä*) (5) moram na margem oriental, mas vagueiam tambem pela Ilha do Bananal, desde a barra do Rio das Mortes até a ponta sul. A eles atribuem-se todas as colunas de fumaça avistadas nessa parte da ilha. Segundo uma informação isolada, possuem igualmente no interior da ilha, na altura do Furo das Pedras, uma aldeia que vive em luta constante com os Xavajé vizinhos. Afirma-se terem pele mais escura do que os Karajá. Do cabelo fazem um penteado em forma de pote. Os homens usam barba e grandes rodelas de madeira (segundo outra informação: largos botoques de concha) no lábio inferior; as orelhas são perfuradas, pendendo muito para baixo. Trata-se dum genuino povo dos campos, que não possue canoas. Tampouco sabem pescar. No outono chegam até o Araguaia, em cujas praias arenosas catam ovos de tartaruga. Nessas ocasiões encontram-se facilmente com os Karajá, que os temem muito por causa de suas flechas ervadas.

---

(4) — Essa hostilidade data de tempos antigos. Como refere Fonseca (Rev. Trim. 8, pág. 382-388), os Chavantes, que habitavam entre o Araguaia e o Tocantins, costumavam, na estiagem, cruzar a nado o furo e pilhar as roças dos Karajá. Bastava tocarem as trombetas para afugentar os Karajá. Em consequência disso, estes últimos não ousavam ir às suas plantações e tinham de passar fome. Por ocasião de uma dessas incursões dos Chavantes nas roças karajá, Fonseca empreendeu uma expedição contra eles, surpreendendo-os; fugiram, deixando atrás de si as armas e os gêneros roubados. Os Karajá, que de covardes, não haviam avançado, vangloriavam-se, porem, agora como vencedores. Foi a primeira vez que os Chavante fugiram deles; até então, sempre se dera o contrário. E assim parece ser ainda hoje em dia.

(5) — Segundo Cunha Matos, os Canoeiros são os descendentes dos Carijós que, levados de São Paulo como tropas auxiliares e como trabalhadores por Bartolomeu Bueno, o descobridor de Goiaz, dessertaram em 1725, rechaçando o Chavante estabelecendo-se nas altas serras entre o Maranhão, Santa Teresa e Amaro Leite, na margem esquerda do Tocantins, acima de Porto Real. Afirma que eram apenas 300 guerreiros, embora muito temidos por sua crueldade (Rev. trim., vol. 37, págs. 370-379; vol. 38, págs. 19 e 83). Castelnau refere-se a eles repetidamente, localizando com maior exatidão o território deles (vol. 2, pág. 116). O Dr. Couto de Magalhães (Viagem ao Araguaia) reproduz os informes de Cunha Matos, ao lado de uma pequena descrição e um vocabulário da língua desses índios.

São tidos como o povo mais forte (mais belicoso) do Araguaia, onde hoje desempenham papel igual ao dos Chavante no fim do século XVIII.

Das *tribus do Xingú* os Karajá não tinham conhecimento algum. Quando eu lhes mostrava as ilustrações das obras de Karl von den Steinen, discutiam longamente sôbre a estranha indumentária (homens nús), com penis muito pendente para baixo; *uluri* das mulheres) e vários utensílios. Não havia dúvida de que essas coisas eram novidade para eles. Lí-lhes os registos linguísticos, que tambem lhes eram estranhos; sòmente ao ouvirem as palavras suyá, escutaram com mais atenção, como que ouvindo sons familiares. Apenas um cacique, Chico Cadete da aldeia 18, logo abaixo da barra do Tapirapé, afirmou conhecer os Suyá com as grandes rodelas labiais. Disse-me que da nascente do Tapirapé se podia ir ao território deles. Quando lhe fiz outras perguntas sôbre esses indígenas, ele se calou. Talvez recebesse dos Tapirapé alguma indicação referentes a tribus situadas mais para oeste.

---

17. *A língua*

E' muito difícil fazer registos linguísticos entre Karajá, visto que esses índios pronunciam com muito pouca clareza o seu idioma rico em formações nasais. A pronúncia das mulheres é bem mais clara do que a dos homens.

De bom grado me davam os vocábulos pedidos, repetindo-os, sem cansar, até que eu conseguisse pronunciá-los satisfatoriamente. Para o registo, valí-me da "transcrição de Meinhor" na "*Anleitung zu wissenschaftlichen Beobachtungen auf Reisen*" (Instruções para observações científicas em viagens) de Neumayer, 3.a edição, página 484. Frequentemente era difícil a fixação dos sons intermediários peculiares ao idioma; deve-se considerá-la apenas como aproximada.

Procurei obter os mesmos vocábulos no maior número de lugares possível. Para os termos colhidos na horda meridional (S) tenho 21 informantes, e 29 para a setentrional (N). Não obtive todas as palavras em ambos os grupos. Do confronto resulta que a maior parte dos vocábulos é idêntica nos dois grupos, notando-se, contudo, uma série de diferenças. Estas, no entanto, segundo a minha opinião, não justificam ainda a suposição de dialetos diversos, visto não haver nelas nenhuma lei e não se saber quantas são devidas a equívoco. Em parte, explicam-se tambem pela

simples omissão de vocábulos em consequência de pronúncia rápida, pela formação mais aberta ou fechada das vogais, acentuação mais forte de um e outro carater no caso de sons intermediárias (*l* ou *r* na pronúncia do l etc). E' notável o fato de que os vocábulos registados na aldeia de José, que se transferira da horda meridional para a setentrional, apresentam maior parentesco com as formas colhidas na horda meridional, ao passo que o vocabulário do cacique Korumaré, que mudara para o interior da Ilha do Bananal, se aproxima mais das formas observadas na horda setentrional. Comparadas ao vocabulário Karajá de Ehrenreich, ao xambioá de Castelnau e ao karajá de Coudreau, as minhas listas tanto revelam correspondências como divergências. Em parte, estas últimas são devidas, certamente, a equívocos dum e doutro lado, como nalguns casos se pode provar diretamente. No caso do idioma xavajé, há várias divergências muito acentuadas, cuja razão nos é ainda desconhecida.

Por ora, deve-se considerar ainda a Língua dos Karajá como idioma isolado; as poucas semelhanças com línguas Ges não permitem ainda incluí-la no grupo destas.

Considerando, desde o começo, a diferença entre o dialeto dos homens e o das mulheres, descoberta por Ehrenreich (6), pude colher grande número de vocábulos do dialeto das mulheres. Os da horda meridional obtive-os diretamente de mulheres, enquanto os da horda setentrional me foram fornecidos por homens. Em muitos casos, estes sabiam dizer logo a palavra, e em muitos outros ficavam pensando longamente até encontrá-la. Resta saber se estão certos todos os termos que me forneceram; em todo caso convem encarar com certa reserva as palavras do dialeto feminino da horda setentrional. Os homens qualificavam a língua das mulheres como *ibinalí* = muito ruim. Afirmaram que não há completa inteligência de todas as expressões por parte dos dois sexos e que existem vocábulos desconhecidos do outro sexo. Pelos registos feitos por mim não se confirma esta asserção. A diferença principal é a de que na língua das mulheres há um *k* intercalado onde na língua dos homens se encontram duas vogais justa-postas; o *k* inicial das mulheres é omitido pelos homens. Ehrenreich dá ainda algumas outras transformações (7). O fato de que a omissão do *k* constitue o característico principal da língua dos homens pode ser ilustrado com uma facécia de Pedro I. Pedro afirmou certo dia que o meu companheiro Adam era mulher, porque dizia *xakúba* (=jacuba, nome brasileiro de uma bebida feita de farinha, rapadura e água); se fosse

(6) — **Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens. I. Die Sprache der Caraya (Goyaz). Zeitschrift für Ethnologie**, Vol. 26, 1894 pág. 23.
(7) — **ibid.**, pág. 24.

homem, deveria dizer *xaúba*. Provavelmente o dialeto das mulheres, mais sonoro, representa uma forma mais antiga do idioma. Pois não se pode tratar aquí de uma língua diferente que se tenha formado com a admissão de mulheres aprisionadas na guerra. Em primeiro lugar, a missão de mulheres estranhas (Tapirapé, Kayapó, Xavajé) se dá em escala demasiado pequena para que a língua delas possa exercer alguma influência; além disso, as diferenças entre os dois dialetos são muito pequenas para se considerar a língua das mulheres como sendo de origem estranha.

Quando falam, os Karajá comem muitas sílabas, mormente no fim das palavras; abrem pouco a boca, de sorte que resulta uma linguagem em voz baixa e pouco nítida. Mesmo assim, sabem conversar cochichando a grandes distâncias sôbre a superfície da água. A cadência é um pouco cantante, e a maneira de falar não é uniforme. Ora fazem ouvir as sílabas rapidamente uma após outra, ora prolongam muito uma sílaba, como para meditar de que modo hão de continuar a frase. E assim alternadamente: é uma maneira de falar que os brasileiros arremedam com especial prazer. Talvez remonte a isso o costume de alongar, nas formas compostas, as sílabas finais breves (*mariá-manaulá, manadjú* etc).

Quando conversam entre si, o que escuta acompanha as palavras do outro com muitos *nde, nde* (=sim, *hm, hm;* ou então repete a última palavra de cada frase. Falando com brasileiros, começam frequentemente as frases com *aí*, perguntando, alem disso, depois de cada explicação: *sabe?* De ordinário pronunciam mal as palavras portuguesas; é raro dizerem um *f* certo, substituindo-o quasi sempre por um *p* (*pacõ* por *facão*, *zipre* por *chifre*, *parina* por *farinha*, *paser* por *fazer*).

Vejam-se nos apêndices I e II os vocábulos e textos, com tradução, por mim recolhidos.

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE
Tradução de Egon Schaden

2.a parte: Resultados científicos

18. LENDAS

As lendas me foram narradas por duas pessoas. O cacique Cadete Chico, de Xixá, me contou a lenda da criação; uma segunda versão desta, bem como todas as demais, me foram narradas por Kurixí. Na primeira vez, ele as contava geralmente de forma mais viva e pormenorizada e depois, nas repetições, de maneira bem mais simples. Para rehaver um ou outro traço que houvesse escapado no primeiro registo, era preciso insistir com uma porção de perguntas. Respondendo à minha pergunta, Kurixí afirmou que contava as lendas da mesma forma como as ouvira da mãe. Parece, por conseguinte, que entre os Karajá as lendas se transmitem por intermédio da mãe. Estranhei a afirmação de que não conhecia nenhuma das lendas reproduzidas por Ehrenreich (*Beiträge*, págs. 39-44), com exceção daquela do bugio. Parece que realmente não as tinha ouvido antes. O fato é surpreendente sobretudo por tratar-se do neto de Pedro Manco, o informante de Ehrenreich, que deveria, por conseguinte, conhecer o patrimônio de lendas existentes na família.

Os Karajá indicam o Furo das Pedras como sua pátria de origem. Consideram aos Xavajé e aos Xambioá como parentes da tribu. Os animais são tidos como seres iguais aos homens, de sorte que as transformações de homens em animais e vice-versa desempenham um relevante papel. Imaginam os astros povoados de seres que de tempos em tempos desciam à terra, entrando em relações com os homens.

A LENDA DA CRIAÇÃO

(Segundo Kurixí, que assim a ouvira da mãe)

Um menino viu uma menina e casou-se com ela. Chegou a prima dela. Uma mandou a outra para o mato, sem rede, sem nada. O menino viu a menina de costas, achou-a bonita; viu-a de frente, achou-a bonita. Casou com ela.

Chegou a mãe dela. Tudo estava escuro ainda. Alimentavam-se das raizes e dos frutos do mato, de que havia tantos como numa roça. Mas só podiam tirá-los quando brilhasse algum raio. A mãe machucou a mão quando estava apanhando. Então a mulher ficou zangada e mandou o filho fazer outro trabalho.

O menino comeu "codo" depois que o tinha raspado. Ficou então muito inchado e deitou-se; os olhos apodreceram.

Com o fedor da barriga dele, chegaram muitos urubús e pousaram na barriga dele. Ele está tremendo, disseram, está vivo ainda. Chegaram muitos urubús, pousaram em redor e sempre tornaram a experimentar, mas ele sempre ainda se mexia e piscava os olhos.

O caracará (*ilení*) chegou e ficou rondando no ar. O homem piscava sempre os olhos e via a ave voar lá em cima. A ave desceu rodando, pousou num galho lá perto e gritou: está vivo. Os urubús disseram: está morto. A ave foi-se embora e voltou com o urubú-rei. A discussão continuou: está morto-está vivo. Aí chegou o tio do urubú-rei, em urubú velho; este disse: está morto. Então o urubú desceu sôbre a barriga; aí ouviu-se um estalo. O homem pegou o urubú com as duas mãos.

Ele disse ao urubú-rei (tinha o bico vermelho e cabelo bem ralo): eu quero enfeites. Este disse que tinha alguns, mas que estavam espalhados por toda parte. Trouxe uma estrela. O outro não ficou satisfeito. Trouxe a lua. O outro ainda não ficou satifeito. Então trouxe o sol.

O outro ficou satisfeito. Disse: Agora você me pode depenar, assim como você é. Foi assim que ele fez; então ele ficou com a

cabeça coberta de pelos. Assim todos os outros urubús. E' por isso que os urubús são todos carecas. (?) O caracará voltou e quís tambem depenar, mas só cortou o cabelo em redor da cabeça.

A mãe chegou e perguntou como era que queriam viver. O urubú-rei mostrou plantas de que podiam fazer fios e ensinou-os a enodar as redes. A mãe quís saber como é que se pega peixe; aquele mostrou uma taquara, ensinou como é que se amarram as penas, como se faz o arco, como se flecham os peixes.

Então o homem soltou o urubú-rei. A mãe disse que ele devía ter perguntado ainda como é que os velhos ficam moços. Então o urubú-rei respondeu de cima gritando; todos ouviram a resposta, as árvores, os animais, os peixes, mas os homens não. Só um ouviu, ele mora além do Pará, ele sabe; aquele grande homem que o enrola no grande pano.

(Segundo Cadete Chico)

O pai dos Karajá é Deus (*kinoxiwé*).

Estava escuro. Deus enguliu ar e ficou com a barriga grande; ficou deitado no chão.

Chegou o jaburú. Depois chegou a ave pequena, caracará, e pousou ao lado. Um deles disse: vamos comer. O outro disse: espere, depois. O jaburú ficou rodando em cima. A pequena ave disse: está morto; o jaburú disse: não, está vivo. O jaburú continuou a voar em círculo. Depois pousou na barriga do Deus.

O Deus pegou e estava vivo. Obrigou o jaburú a trazer luz; porque ainda não havia luz. O jaburú trouxe uma luz maior, a lua, perguntou: é esta? "Não, eu quero outra". Então o jaburú trouxe mesmo o sol; aí tudo ficou claro como o dia; perguntou, é esta? Deus disse: E' esta que eu quero. Então o jaburú voou embora; a pequena ave tambem voou embora.

Os Karajá ficaram, era dia. Viviam naquele tempo debaixo da água, a terra deles é no Furo das Pedras (*ahodía*).

COMO OS KARAJÁ RECEBERAM A MANDIOCA

(Segundo Kurixí)

A mandioca eles receberam diretamente de Deus.

Uma menina bonita estava pescando. Uma estrela olhou para baixo, disse: ela é bonita. Ela desceu e era um moço bonito, era branco. A menina perguntou: Quem é você? — "Eu." — Eu não o conheço; quem é você? — "Eu mesmo". — Mas diga então o

seu nome. — "Este você não precisa saber; porque viu, como lá em cima brinquei com as estrelas". — Então este é você? — "Eu quero casar com você, mas eu quero ir à casa de sua mãe velho e feio, eu quero casar com você e com sua irmã".

Chegou lá como homem velho, perguntou se queria casar com ele; ela disse que sim, a outra não quís. A mãe ralhou com aquela que o quís. Ele casou, fez a primeira roça, plantou cará, bananas, milho, feijão, mandioca, abóbora, amendoim. Depois de plantar tudo, ele foi-se embora, porque a irmã, quando lhe perguntou mais uma vez, ainda não o queria.

Voltou na canoa como homem moço e bonito. Então disse a outra irmã: sim, este eu quero. Aí ele disse: "Não, agora eu não quero; eu sou o homem velho, o marido de sua irmã. "Então ele a transformou na pequena coruja (*darutáu*).

Depressa criou filhos, mais depressa do que de costume. A estes ele ensinou plantar e preparar o milho etc. e tambem todas as plantas que servem para comer. A mãe sempre experimentava um pouco e depois comia o pedaço todo.

Alguem disse a um dos filhos que ele podia tirar um pedaço de milho sem o pai o perceber, porque ele só sabia pescar. Mas do jeito que estava plantado o milho, não nascia milho, mas mosquitos. Então ele voltou às estrelas; a família ele deixou aquí e esta o ensinou a todos os outros.

OS BUGIOS (AZÕ WOBURÁ)

(Segundo Kurixí)

Variante pormenorizada:

Dois irmãos (*hauekubädú; ixahán*) foram para o mato. Encontraram um bando de macacos armados de flechas e gritando. Disseram aos macacos que eles atirassem. Os macacos disseram que ele atirasse. Então um dos dois irmãos atirou e não acertou; aí atirou o macaco e matou-o. Depois atirou o outro irmão e tambem não acertou; os macacos tambem o mataram.

A mãe (*xilikéru*) ficou esperando pelos dois irmãos dia e noite, mas eles não vieram. Aí ela foi ao mato para procurá-los; tambem o pai (ambuóla) foi procurar; mas não os acharam. Junto do caminho a mãe encontrou uma mulher velha (*kraoté*) (1) que disse que as crianças estavam mortas, que os macacos as tinham morto. Aí a mãe foi para casa, arrancou o cabelo e ficou chorando dia e noite.

---

(1) — rã, sapo.
(2) — branco.

Ela tinha ainda um terceiro filho (*ulä*) (2) pequeno e feio. Este ela deu ao avô (*sabuzä*); pois como os outros dois estavam mortos, ela tambem não quís mais ficar com ele.

Um dia o menino foi para o mato para matar passarinhos. Uma flecha errou o alvo, ele foi procurá-la; a flecha tinha caido exatamente diante da porta do homem no buraco (*hokumáli*). No momento em que ele queria levantá-la, o homem e pegou e disse: você agora está morando com seu avô, ele dá de comer a você? Aí disse o menino: não; só casca de mandioca raspada e sopa de espinhas de peixe. E você tem uma coberta? — Não, só esta, e mostrou um pedaço velho duma coberta com malha de rede, que ele tinha no ombro. O homem disse: Bem, venha aqui amanhã cedo quando for pegar passarinhos. Mas os filhos do homem não queriam que ele voltasse; só um disse: Volte, nós o queremos esfregar com remédio. O homem disse: Volte com certeza, meu amigo.

O menino voltou para casa e contou isso ao avô, e no outro dia ele foi lá onde estava o homem. Este tinha preparado um grande pote com remédio (wäwení), com que o esfregou. Depois o mandou tomar banho até de tarde. Depois esfregou-o de novo, tambem com carvão de lenha, pois a sua pele estava cheia de feridas (ele tinha a doença chamada *kuedjí* (3) e mandou-o novamente tomar banho até que estivesse escuro. Depois o menino foi para casa.

No outro dia foi a mesma coisa. Aí o pequeno menino ficou grande, forte, bonito e com saude e voltou lá onde estava o homem no buraco. Este lhe deu arco e flechas e disse: Agora quero enfeitar a você. Aí vieram todos os filhos do homem e queriam ajudar. Mas o menino disse: "Não, só aquele que primeiro quís que eu ficasse". Então o homem e o filho lhe puseram os punhos, as faixas das panturrilhas e dos tornozelos, deram-lhe enfeites para as orelhas (*doholuä*), besuntaram e amarraram-lhe o cabelo e pintaram-no com genipapo. O homem lhe deu um bodoque de pedra e disse: Vá por este caminho; à beira do caminho vocé vai encontrar uma mulher velha e feia (*kraoté*) como um sapo; ela se vai oferecer a você. Faça a vontade dela e vá adiante; depois você vai encontrar os macacos; não atire primeiro, então você vai matá-los.

Ele foi e encontrou a mulher velha e feia sentada à beira do caminho. Ela estava tremendo e disse: Venha fornicar-me. Ele foi e fornicou-a bastante. Depois ele foi adiante e de longe ouviu gritar os macacos Eles disseram: Atire; mas ele não atirou, porem disse: Atire você. E os macacos atiraram, mas não acertaram. E então ele atirou, aí cairam da árvoce e ele os matou.

(3) — feridas purulentas na perna; ver o vocabulário.

Depois disso, ele foi tomar banho na lagoa e bateu na água. Aí vieram dois gaviões grandes (*denidêni*) um atrás do outro, ele os pegou pelas pernas e matou-os. Em seguida, ele voltou para lá onde estava o homem e perguntou-lhe, e ele disse: Estão mortos.

Aí o homem lhe deu um pau (*obirú*) (4) e disse: "Agora vá para casa junto de sua mãe. Se ela lhe der de comer, não coma, mas coma só o que o avô lhe der! E deu-lhe ainda uma vara mágica (*hetxiwá* (5) ; duas hastes de cana brava, coladas com cera e com penas pretas na extremidade). Sempre que bater com ela, o vento lhe trará uma porção de coisas: mel, porcos do mato etc.

O menino foi para casa. Aí a mãe lhe veiu ao encontro; e os outros gritaram: Aí vem o seu filho! Mas ele disse: Você não é minha mãe. E a mãe deu-lhe de comer papas de mandioca, mas ele só comeu restos de mandioca e sopa de espinhas de peixe que o avô lhe deu. Ela colocou no chão uma esteira para ele sentar-se, mas ele sentou-se numa pequena esteira estragada do avô.

Então ele tomou o *obirú* e fez vento. Aí vieram cobras (*nohú*) (6), elas entraram no *hetxiwá*. Aí vieram mel, peixes, porcos do mato. Do mel ele deu a todos para provarem, o resto ele comeu junto com a mãe. À noite chegou a tia dele e quís casar com ele; ele casou com ela.

Um dia foi pescar Tokunaré. Aí uma criança pegou o obirú, aí veiu o vento e trouxe cobras; mas a criança não sabia fazer as cobras entrarem no *hetxiwá*, e as cobras morderam a criança e toda a gente, de modo que todos morreram. E o homem que estava no mato ouviu o vento e imaginou logo o que tinha acontecido, e correu para casa. No caminho ele se encontrou com as cobras; mas como ele não tinha o *obirú* consigo, ele tambem foi mordido e morreu. *Itúäre.*

Variante mais resumida.

Primeiro havia os macacos, eles tinham flechas. Mataram os dois irmãos.

Aí ficou só o irmão pequeno, ele era muito feio. A mãe deu-o ao avô, porque não o queria mais. O avô criou-o.

O menino foi matar passarinhos e uma flecha caíu diante da porta do homem (*okumare*). O homem quís criar o pequeno. Mas as filhas não queriam ficar com o menino feio, só uma.

Aí o homem besuntou o menino com remédio e mandou-o tomar banho. Ao meio-dia ele saíu da água. Besuntou-o de novo.

---

(4) — propulsor de flechas.
(5) — Comparar tambem a magia da chuva; ver vocabulário, a magia da chuva, capítulo 15, fig. 182 a.
(6) — vento; tambem flecha.

Depois mandou-o de novo tomar banho, de manhã cedo. Quando ele saiu da água, lá pelo meio-dia, ele já era homem. E ele o enfeitou: com punhos, com hastes para as orelhas (*dohó*), besuntou-lhe o cabelo, pintou-o com genipapo etc.

E deu ordem ao avô de não dar à mãe os objetos dele quando ela viesse buscá-lo. O avô foi e deu-os a ele. Aí a mãe trouxe comida, mas ele não quis comer. Aí o avô trouxe comida ruim, como espinhas de peixe e restos de mandioca, que ele comeu.

E no outro dia ele saiu para descobrir os irmãos. Aí o homem disse a ele: No caminho você vai encontrar uma velha chamada sapo (*kraoté*); ela vai pedir que você o fornique. Faça isso, vá para junto dela. Mandou que em seguida procurasse os irmãos.

Um dos macacos atirou primeiro, não acertou. Aí ele atirou com o *obirú*, acertou e matou-o. Aí atirou o outro; aí ele tambem acertou a este. Assim ele matou os macacos.

Aí ele entrou na água à procura dos irmãos. Bateu na água, *tóu, tóu*. Aí chegou um gavião para matar o menino. Ele o pegou com a mão. Aí chegou outro, ele o matou do mesmo modo.

Acabou de matar, foi-se embora e chegou à casa do homem. Este disse: Dê os seus objetos à mãe de você; agora você vai; a mãe de você vem chegando; dê-lhe os objetos de você.

Ele entrou na casa da mãe dele. Uma outra mulher pediu-lhe que casasse com ela. Ele casou logo. Aí ele fez vento com o *hetxiwá*; bateu, assim chegou o vento. O vento trouxe mel, cobras, veado etc. Aí ele escondeu a cobra no *hetxiwá*.

Um dia ele estava no mato. A criança pegou o *hetxiwá* e fez vento tambem. Não sabia fazer. A cobra chegou e acabou com toda gente. O menino ouviu o vento e imaginou que a criança o tinha feito. E a cobra chegou e mordeu e matou-o. Aí acabou. Agora não há mais gente.

A *lenda do mutum* encontra-se no Apêndice II, Textos, n. VII.

II. OS XAVAJÉ

1. *Dados históricos.*

Dos Xavajé não se conhece até hoje muito mais do que o nome. O primeiro que viu toda a Ilha do Bananal foi Diogo Pinto da Gaia em 1720; não consegui porem, obter o relatório dêle, de modo que não sei dizer se entrou em contacto com os Xavajé. A notícia mais antiga que possuimos devemo-la a José Pinto da Fon-

seca, que em 1773 viajou pelo Araguaia, pacificando os Karajá. Informa (*Rev. trim.* 8, págs. 376 ss.) que viviam em três aldeias na Ilha do Bananal e que no interior da ilha havia uma lagoa grande e piscosa (1).

Durante a sua permanência entre os Karajá, receberam a visita dos Xavajê; a título de saudação, realizou-se uma luta-de-braços. Consoante as informações de Fonseca, os dois povos viviam em paz. Os Xavajé chegaram numa porção de canoas; usavam enfeites de plumas na cabeça, tendo na mão lanças ataviadas de penas e tocando trombetas.

Vasconcelos esteve no Araguaia em 1774 em companhia de Fonseca, fundando um presídio e o Aldeamento Nova Beira junto ao braço do Araguaia a leste de Bananal, onde reuniu índios Karajá e Xavajé. Às três aldeias dos Xavajé denominou Cunha, Melo e Ponte de Lima (*Rev .trim.* 37, pág 393). O presídio e o aldeamento tiveram curta existência: em 1782, os índios do aldeamento foram transferidos para a nova Aldeia de São José de Mossamedes, onde aos poucos se extinguiram. Não se sabe com toda certeza se houve também Xavajé na Aldeia Pedro III (Carretão). Em 1786, Miguel e Sá teve ordem de combater os Chavante e fundar um aldeamento para êles. Aldeou 3500 índios em Carretão. Souza e Silva, em 1812, fala só de Chavante estabelecidos nesse aldeamento, enquanto Cunha Matos atribue a mesma sorte igualmente a índios Xavajé. Uma epidemia de sarampo acabou com quase todos os índios; os sobreviventes foram transferidos em 1788 para a Aldeia Salinas. Daí em diante os Xavajé desaparecem do horizonte; tornam-se, pouco a pouco, um povo bravio e temido, do qual não se tem informação precisa. Cunha Matos (*Rev. trim.* 38, pág. 20) refere apenas, em 1824, que esses índios moram na Ilha do Bananal, tendo a pele muito clara e estando quase extintos. Em 1844, Castelnau declarou a ilha despovoada; segundo este autor, os Xavajé moram a cerca de 30 — 40 milhas ao norte da extremidade setentrional da Ilha do Bananal e a umas 3 — 4 jornadas a leste do furo, no território dos Chavante. Certamente essa comunicação se baseia em informes dos canoeiros e mal compreendidos pelo explorador (vol. 2, pág. 115). Na obra *O Rio Araguaia*, da autoria de Morais e datada de 1880, diz-se existir, junto duma aldeia karajá, uma lagoa em comunicação com a grande lagoa no interior da Ilha do Bananal e que da última das duas um canal le-

(1) — **Ibid.**, pág. 389. — O relatório não informa que os Xavajé moravam à beira dessa lagoa, embora cientistas posteriores assim o tenham interpretado (Ehrenreich, **Beiträge**, pgs. 5, 7).

varia ao furo, junto a uma aldeia de Xavajé. Duma notícia posterior depreende-se que as aldeias dos Xavajé se encontravam todas à beira do canal. Ehrenreich reproduz os informes de Fonseca (*Beiträge*, pags. 5 e 7), referindo, ao mesmo tempo, que os Xavajé viviam em três aldeias junto à lagoa e que em 1888 haviam tido o último contacto com os brancos no ponto em que o escoadouro da lagoa desemboca no furo. Quanto à língua, são considerados, em geral, como tribu afim aos Karajá. Coudreau, finalmente, em 1896 (*Araguaia-Tocantins*, pág. 110), diz somente que êles vivem na Ilha do Bananal, sendo pouco conhecidos, embora constituindo a mais forte das tribus karajá.

Em Goiaz fui informado do seguinte: Nos primeiros anos deste século o bispo de Goiaz navegou o Araguaia num vapor. Nessa ocasião, os brasileiros entraram no furo pelo norte, encontrando, junto à desembocadura de um riacho, uma aldeia xavajé de considerável tamanho. Uma alameda de bananeiras levava do rio à aldeia. Como os brasileiros tivessem chegado em grande número (cerca de 70 homens), e todos armados, os Xavajé os obrigaram a partir sem demora, fazendo caminhar um índio xavajé à direita e à esquerda de cada brasileiro. Ouvindo os apitos do vapor, que ia partindo, muitos Xavajé levaram um susto tal que saltaram das canoas para dentro do rio. Entre a população brasileira reinava, em todo caso, depois desse encontro, grande medo diante dos Xavajé, que lhes eram superiores em força.

2. *Povoações.*

De acôrdo com os informes colhidos entre os Karajá, os Xavajé moram no interior da Ilha do Bananal, em 3 a 5 aldeias, distribuidas por um extenso território. A aldeia pequena, a mais setentrional de todas, diz-se estar situada no interior, a três ou quatro jornadas acima da extremidade norte da Ilha do Bananal. Na estiagem, a aldeia principal encontra-se numa praia arenosa, junto à foz dum riacho (escoadouro duma lagoa?), a uns oito dias de viagem a montante da boca do furo. Em meados de agosto transferem-na para o interior. Dizem ser muito grande: "do tamanho duma cidade"; Pedro desenhou no areia seis filas, cada uma de 20 a 25 casas. Na casa-das-máscaras, situada algo distante da povoação, dormiriam os solteiros. Mais para o sul, a 1 ou 2 dias de viagem (?), ficam, no interior da Ilha do Bananal, 1 ou 2 aldeias pequenas. Visitei uma destas, partindo da aldeia karajá n.º 15;

encontra-se quase exatamente a leste desta última. Para se ir lá, existe uma via de comunicação bem situada: após uma marcha de meio dia alcança-se, junto dum rio, a aldeia karajá de Korumaré. Segue-se ou subindo o rio durante um dia e meio, ou caminhando um dia transversalmente sôbre o campo em direção de leste até chegar ao porto; daí até a aldeia levam-se mais 3 ou 4 horas de marcha. A aldeia, composta de 5 casas com uns 100-150 habitantes, está situada à beira duma lagoa; transferem-na várias vêzes dum lugar para outro no decorrer da estiagem. Na estação chuvosa todo o território fica inundado; certamente essa lagoa constitue então uma parte da grande lagoa mencionada por Fonseca. Não pude saber para onde é que transferem a aldeia no tempo das chuvas. Finalmente, diz-se existir ainda uma quinta aldeia, de pequeno tamanho e sita mais para o sul; os informes que sôbre ela me forneceram são, porem, divergentes.

Este é um ramo dos Xavajé. Um segundo mora com a horda meridional dos Karajá, nas duas aldeias sitas mais para o sul: Xixá e junto de Leopoldina. Foram estabelecer-se aí há duas gerações; o cacique Chico, em Xixá, o falecido cacique Pedro Manco, a mãe Joana do acampamento-de-viagem n.° 9, gente de seus 60-70 anos de idade, são indicados como filhos dos Xavajé que aí se estabeleceram primeiro. Ultimamente se estabeleceram multiplas relações entre esses Xavajé e os Karajá.

Ao que se afirma, um terceiro ramo separou-se dos Xavajé da Ilha do Bananal, fato que se parece ter dado na geração anterior. Esta horda atravessou o Araguaia, dirigindo-se para o ocidente; os Karajá do Araguaia dão-nos como perdidos. A separação deu-se na região da barra do Rio das Mortes ou um pouco para o sul.

Antes de descrever a cultura dos Xavajé, direi resumidamente o que deles me contaram os Karajá: Os Xavajé são seus parentes, falam a mesma língua e possuem a mesma tatuagem tribal. Mantêm relações pacificas com os Karajá, havendo casamentos entre estes e aqueles; há, principalmente, uma intensa troca de mercadorias entre êles, sendo que os Karajá fornecem utensílios de pedra, que faltam aos Xavajé, bem como objetos de ferro, tecidos e colares de missangas, a troco de urucú, redes enodadas, araras e mantimentos. Disseram-me que os Xavajé usam a mesma indumentária e os mesmos atavios como os Karajá, mas de acabamento muito superior. São tidos, entre os Karajá, como ricos em enfeites e gêneros alimentícios, motivo pelo qual, em época de penúria, os Karajá frequentemente vão morar com êles. De um modo geral, obtive confirmação destes dados.

A grafia fonética do nome tribal é *Xavajé*, conforme a pronúncia corrente entre os Karajá. Os Karajá denominam-nos ainda *(i)xändjú*, *(i)xä(n)diwandú*. Não me é possível indicar o número de indivíduos, visto que visitei apenas uma pequena aldeia de cinco cabanas. Em todo caso, parece existir, alem de 3-4 dessas aldeias pequenas, uma outra bem grande, semelhante à dos Xambioá, de maneira que se poderia indicar talvez como total, um número de 800-1000. Os Xavajé que vivem com os Karajá meridionais, atingem, mais ou menos o número de 50.

3. Quanto aos *caracteres somáticos*, os Xavajé se distinguem dos Karajá somente por uma estatura maior (prancha 30, fig. 3 e 4). Em média, os homens são talvez uns 4-5cm mais altos que as mulheres karajá; também as mulheres têm maior estatura que as mulheres karajá. Mas observam-se também pessoas de baixo crescimento, principalmente entre as do sexo feminino (prancha 30, fig. 3). Quanto ao mais, vale para os Xavajé tudo o que foi dito dos Karajá.

Em toda a sua cultura, os Xavajé são puros Karajá. Todavia notam-se algumas diferenças, que, por sua vez, os aproximam mais dos Xambioá. Nas páginas que se seguem, limitar-me-ei, por isso, a registar, de modo conciso, as diferenças observadas.

4. *A casa e a aldeia.*

A construção das casas difere consideràvelmente da forma observada entre os Karajá, assemelhando-se à dos Xambioá. Remeto o leitor ao capítulo em que tratei da construção das casas entre os Karajá, onde está representada também a casa xavajé transformada pela influência dos brasileiros; é a habitação dos Xavajé que vivem com os Karajá meridionais (figs. 20, 21; prancha 30, fig. 1). Sôbre as travessas em que assentam os esteios do telhado estão dispostas varas finas formando uma espécie de sotão em que se guardam cestas-de-carregar, cestos, armas, cintas de mulher, material para obra de trançado, etc. Ao contrário do que se nota entre os Karajá, as fogueiras para cozinhar se acendem dentro da habitação, no interior das construções em arco, uma de cada lado das entradas, de sorte que em cada casa se contam quatro lareiras. Em todas as paredes, amarram-se, na base dos postes, diferentes espécies de aves, como urubús e outras.

A aldeia se entende, como entre os Karajá, em forma de fila ao longo de praia (veja-se a planta, fig. 188). A casa-das-máscaras fica distante da aldeia. Corresponde à dos Karajá, mas tem um pau de cumieira, como se observa também na casa das máscaras dos Karajá meridionais.

N

Sumpfwiese

See

Haus Maskenhütte Vorrats Dorfvogel

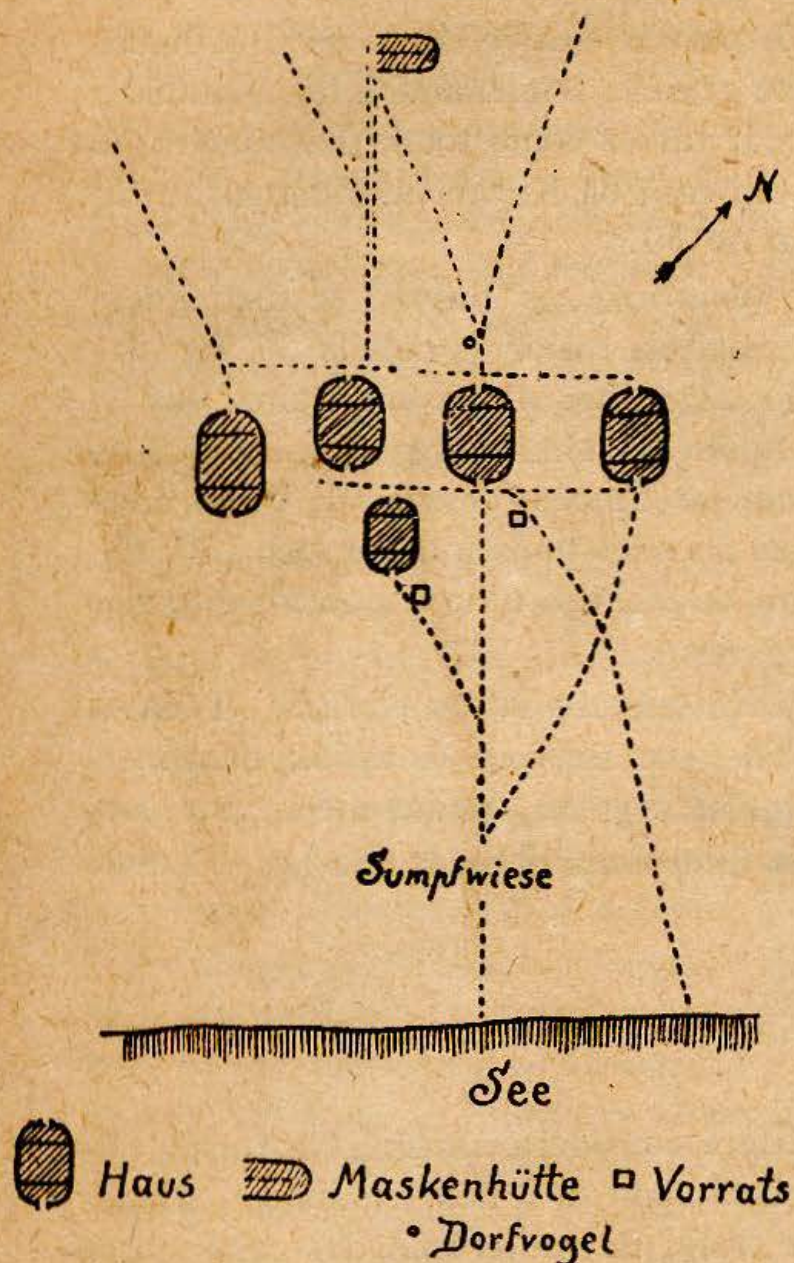



Fig. 188 — Planta da aldeia Xavajé do Bananal

5. *Vestiário e enfeites.*

Quanto ao vestiário, enfeites e tratamento do corpo, não há notáveis diferenças entre êles e os Karajá.

Os homens usam cordel-da-cintura e cordel-do-penis de maneira idêntica aos Karajá. Guarda-vista não observei entre êles. Os indivíduos de ambos os sexos usavam redes enodadas, fabricadas pelos próprios Xavajé. O modo de enodar é igual ao dos Karajá. A figura 3 da prancha 29 representa uma rede enodada de apenas 24 cm de comprimento, e cuja enodação é feita como nos cintos frouxos usados pelas meninas. Constitue, evidentemente, o leito duma criança recem-nascida. Os fios pardos do urdume da rede são atravessados, às vêzes, com fios brancos, que formam a trama: segundo informes fornecidos pelos Karajá, as cobertas desse tipo são fabricadas pelos Xavajé, ao passo que as cobertas com larga faixa central preta não são feitas pelos Xavajé, mas pelos Tapirapé.

Desde a mais tenra idade, as meninas usavam cintos pretos, de trançado firme, correspondendo ao tipo observado entre os Karajá. Os cintos de cordéis, de trançado frouxo (Karajá, figs. 30 e 31) não foram vistos entre os Xavajé. As mulheres adultas usavam a tanga de imbira, chamada por elas *habiodä* e feita de entrecasca branca, raramente avermelhada.

O modo de usarem o cabelo não difere em nada do que observei entre os Karajá. Os pentes são trançados pelos homens, como entre os Karajá. As formas e os padrões também são idênticos: mas são raros os atavios consistindo em molhos de penas ou tufos de algodão. Também os fios laterais cruzados faltam em muito exemplares.

A pintura do corpo é idêntica à dos Karajá. O óleo empregado é o que se extrai do coco, a tinta predileta é o urucú, que se guarda em enormes cuias depois de tirado das sementes.

As escarificações são também usuais entre os Xavajé. O instrumento para produzí-las (*laledjú;* fig. 189) é, porem, revesparem-se os exemplares de Ehrenreich, Berlim 3953 a b, de proveniência Karajá).

a b

Fig. 189 a, b — Escarificador (b — face posterior).

No tocante à higiene, cumpre observar que os Xavajé vão tomar banho, na lagoa todas as manhãs, mesmo que haja forte cerração ou faça muito frio. Depois do banho, aquecem-se dentro do rancho.

Enfeites usados como distintivos. Nos jovens, os botoques têm às vêzes dimensões gigantescas. O botoque de madeira (*oduó*) tinha um comprimento de 31,5 cm e uma largura de 2,2 cm. Os botoques de concha (*idjé*) usados pelos meninos terminam quase sempre numa ponta curvada para cima. Não vi botoques de pedra.

Como enfeites auriculares, notam-se varinhas amarelas (*dohó*), hastes com rosetas de penas vermelhas e um botãozinho de cera no centro do disco de madrepérola (*dohé, dohodué*), bem como rosetas em forma de tulipa com um dente de roedor no centro (*guedjú*). Estas últimas eram de uso quase geral entre as crianças, enquanto os dois primeiros tipos eram bastante raros, principalmente as va-

Fig. 190 — Vareta auricular

rinhas simples, ao contrário do que se notava entre os Karajá, onde eram usados por quase todos. Como adorno, as varinhas apresentavam simplesmente alguns anéis entalhados na extremidade anterior (fig. 190).

Os punhos (*dexí*), as faixas das panturrilhas (*ɉleobidä*) e as faixas dos tornozelos (*walali*) são iguais aos dos Karajá. Os jovens usavam frequentemente uma atadura de imbira por cima dos punhos e das faixas das panturrilhas.

Dentre *os demais enfeites* eram muito usados os de algodão. Sôbre as borlas pretas que as meninas usavam na nuca (*wadjiklidjä*) passavam, às vêzes, casas de caracol, como os Karajá. As longas saias de cordéis (*guohí*) são usadas ambém pelas meninas xavajé. Estavam muito desenvolvidos os atavios que se penduram nos braços e nas pernas. Dos três tipos registados entre os Karajá observei o primeiro: cordéis com borlas, como enfeite do braço e do antebraço; o segundo: faixas trançadas e chatas ou providas de borlas, com longa guarnição de fios é usadas apenas como adorno das panturrilhas, e o terceiro tipo: dois grossos chumaços com longa guarnição de fios, usados somente como adorno dos braços. Ao passo que entre os Karajá os cordéis do primeiro tipo (*dolú*) ostentam duas borlas em cada extremidade; entre os Xavajé as borlas são sempre em número de três (prancha 59, fig. 1). Essas borlas, inclusive os cordéis, são sempre tingidas de preto. Em um exemplar, feito para o braço duma criança, os cordéis que se enrolam no braço medem 325 cm de comprimento, e em outro, que, como me disseram, se destinava ao antebraço de um homem, os cordéis tinham o comprimento de 925 cm! O segundo tipo foi encontrado somente como enfeite das panturrilhas; era tingido de preto quando se destinava a criança (*deahulá*), e de vermelho quando era de jovens de sexo masculino (*ludjauwú*). A guarnição de franjas abran-

a

b

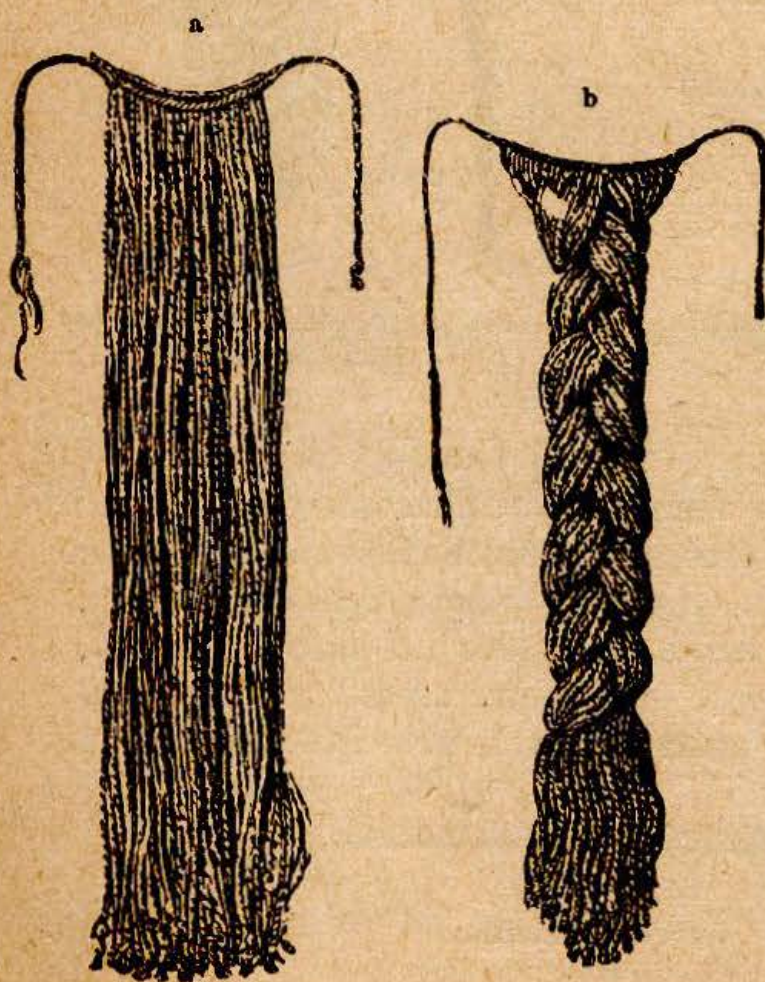



Fig. 191 a, b — Atadura de chumaço duplo com longa guarnição de cordéis. b) Em forma de trançado, para guardar.

ge toda a circunferência da perna, como, aliás, se nota sempre nas ataduras para as pernas (prancha 59, fig. 2). O terceiro tipo, observado somente como adereço para os braços (*dexiadazi*) e que a juventude masculina usava no antebraço, atras dos punhos de algodão, é idêntico às ataduras com guarnições de cordéis usadas nas panturrilhas pelos Karajá (fig. 75), notando-se, porem que esse enfeite, quando se destina ao braço, é igual às faixas com franjas usuais entre os Karajá (fig. 74 a b). Nestes exemplares, as franjas alcançam um comprimento de 55 cm; para guardá-las, os índios fazem delas grossos trançados (fig. 191 a b).

ANO 9 — V. 91 — 1943

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE
Tradução de Egon Schaden

2.a parte: Resultados científicos

II OS XAVAJÉ

(Continuação)

Dentre os enfeites de plumas adquiridos entre os Xavajé, figura o adorno para o ocipício denominado *loliná* (prancha 59, fig. 4) e do qual Ehrenreich obteve numerosos exemplares entre os Karajá, onde não o encontrei. O espécime adquirido por mim é incompleto, porquanto as varinhas de taquara entre os dois planos trançados, em que estão enfiadas as plumas de garça cor-de-rosa, não se encontram revestidas de coroas de penas. O trançado, que forma desenho, é borrado igualmente de tinta branca (Ver fig. 192a-c, esquema desse adorno).

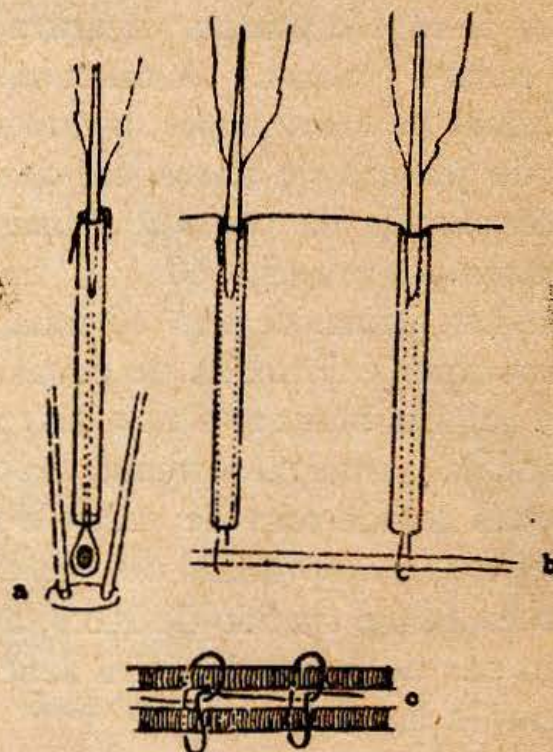



Fig. 192 a-c — Esquema do enfeite "luliná".
a) Corte transversal dos dois planos e da camada intermediária.
b) Fixação das varinhas de taquara (suportes das plumas).
c) Ligação dos dois planos entre si (vista do bordo interior).

Quanto a toucas emplumadas (*dolidolí*), adquirí dois espécimes entre os Xavajé de Xixá. Ambas tinham as penas repartidas em três zonas. Num desses espécimes, a zona inferior se compunha de rosetas de penas, a zona central de maços de duas pequenas penas de arara de cores azul e amarela, e a zona superior de longas plumas multicores fixas isoladamente (prancha 59, fig. 11). No segundo espécime, a zona inferior consistia em duas filas de rosetas vermelhas, a zona central em duas filas de rosetas amarelas, e a superior em maços de duas penas de papagaio multicores (prancha 59, fig. 10). Do mesmo modo como entre os Karajá, as penas e rosetas não se fixam aos nós, mas aos fios da rede.

De aros emplumados obtive igualmente entre os Xavajé de Xixá um exemplar provido de topete (*hananá*). O aro ostenta pluminhas amarelas; na frente estão fixas, em posição vertical, seis longas plumas de arara preto-azuladas, com os canhões revestidos de penas miudas (prancha 59, fig. 5).

De rodas de plumas (*lahidó*) adquirí quatro espécimes dos Xavajé da Ilha do Bananal, e um dos Xavajé de Xixá. Dentre estes, só um dos exemplares obtidos na Ilha do Bananal é igual aos dos Karajá. E' formado dum grande leque de plumas de garça cor-de-rosa e plumas de arara azues, alternando em grupos de 5 a 6 e de 4 plumas. A camada de cobertura mais longa consiste em plumas de arara azues, a camada de cobertura superior, mais curta, é de plumas de garça cor-de-rosa. Nas extremidades superiores das plumas da camada principal estão amarradas pequenas penas amarelas (prancha 60, fig. 1). Em todos os demais espécimes, a camada principal tem só uma camada de cobertura, que num dos espécimes é formada de penas de arara azues, num outro de penas de jaburú brancas e nos dois últimos de penas azues e verdes. A camada principal ostenta, na mesma ordem, as penas seguintes: penas cor-de-rosa de garça e de coruja, alternadamente, penas de arara azues (prancha 60, fig. 2), penas de jaburú brancas, as quais, no espécime trazido de Xixá, aparecem interrompidas três vezes por um par de penas de arara azues. As pequenas penas terminais são sempre amarelas.

De plumas frontais, que talvez se possam incluir na categoria das rodas de plumas, mas que possivelmente se usam tambem em posição vertical, colocando o aro em torno do rosto, adquirí duas peças. Numa delas (*waidohé*), o aro tem um enrolamento de fio de algodão preto, sendo as extremidades ligadas por um cordel fino. Na frente encontram-se dois topetes de plumas, consistindo, cada um,

168b

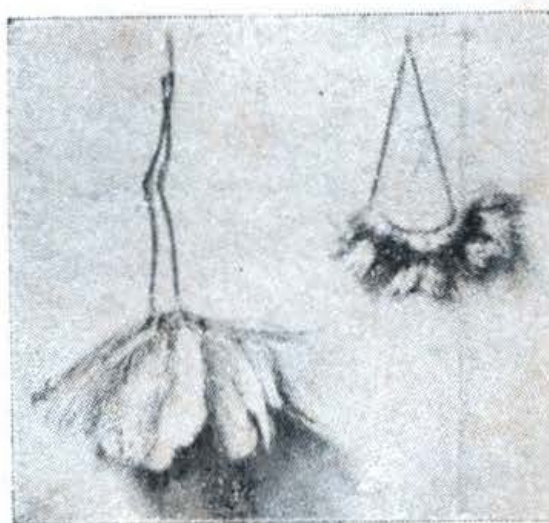
2. Atadura da perna com guarnição de franjas com borlas.

3. Pequena rede enodada

1. Atadura para os braços com três borlas de fios.

6. Plumas frontais.

4. Enfeite "lulinã"

5. Aro emplumado, com topete

8, 9. Braceletes

7. Plumas frontais.

10, 11. Toucas emplumadas

12. Cinto de algodão, com pingentes.

duma haste com plumas vermelhas, provida, em cima, duma coroa de penas amarelas, encimada de longas plumas de cores preta e verde. Na base, as duas hastes apresentam um enrolamento de algodão branco não preparado (prancha 59, fig. 7). Na outra (*kodxulukuadxió*), o aro está guarnecido de pluminhas brancas, enquanto o topete é formado de várias plumas de arara vermelhas, medindo até 35 cm de comprimento, estão cercadas, na base, de tufos de penas miudas vermelhas e amarelas, e abaixo das quais se encontra ainda um envoltório de algodão não preparado (prancha 59, fig. 6).

Finas pluminhas vermelhas (*walalä*), que são as pequenas penas de revestimento da asa do colheireiro cor-de-rosa são presas a um fino cordel que se enrola numa vara em forma de espiral. O cordel tem muitos metros de comprimento. Ehrenreich trouxe dos Karajá idêntico adereço de penas. Disseram-me que é usado como adorno da cabeça.

Outros objetos de enfeite encontrados entre os Xavajé:

Colares de pequenos frutos branco-avermelhados (*xiulaiidí*), que eram muito frequentes, bem como braceletes de penas, em parte correspondentes aos dos Karajá. Ora ostentam tufos de penas fixos todos em um ponto (prancha 59, fig. 8), ora variegadas camadas de penas, presas dos dois lados dum cordel (prancha 59, fig. 9).

Anéis (*däbó*) fazem-se igualmente dos anéis da cauda do lagarto e do camaleão.

Os cintos de dansa (*wädakaná*) da juventude masculina são menos ricos do que entre os Karajá, e de feitio muito mais simples. Um dos exemplares é listado de preto e branco em sentido longitudinal; presos a um cordel especial, pendem do seu bordo inferior molhos de frutos de Thevetia, alternando, em grupos de dois, com uma, duas ou três pequenas hastes emplumadas. O outro espécime, trazido de Xixá, apresenta além das listas compridas, outras em sentido transversal; no seu bordo inferior estão presos diretamente frutos de Thevetia, sempre em grupos de dois pares, alternando com uma haste emplumada (prancha 59, fig. 12).

6. *Alimentação*. Do mesmo modo como os Karajá, os Xavajé vivem da pesca e dos produtos da roça. Embora pouco profundo (0,75 até 1m), o lago junto do qual moram é extraordinariamente piscoso; nele havia até pirarucús. A plantação ficava longe da aldeia, a umas 6 ou 7 horas de caminho, à margem do

lago da estação chuvosa. Distinguia-se por extraordinária riqueza de plantas, tão cerradas que mal se podia seguir o caminho que cruzava a roça. Ao lado da nova plantação havia outra, mais antiga. Aqui e acolá viam-se, à beira do caminho, cestas-de-carregar cheias de produtos, prontas para serem transportadas à aldeia.

Pila-se a mandioca num pilão (*koó*) da altura dos joelhos, e cuja parede tem um dedo de espessura, aproximadamente; a mão-de-pilão (*haau*), de madeira avermelhada, tem 1,6 m de comprimento e 0,10 m de espessura. Às vezes ralam-na com o ralador (*wolanákia*). Sôbre uma peneira de varinhas (*bredjé*), separam-se os pedaços mais grossos, prensando nela a massa. À farinha que daí resulta acrescenta-se agua, cozinhando-a em seguida. As papas de mandioca (*iuälú*) assim obtidas são tambem a comida principal dos Xavajé. Como comidas de festa, vi ainda papas de cor amarela e um legume verde.

Os moços pescavam com arco e flechas. Bem cedo de manhã saíam sôbre o lago, voltando, daí a pouco, com boa colheita. De tudo que traziam eu recebia a minha parcela, inclusive do gigantesco pirarucú que pegaram na manhã do segundo dia. O feliz pescador estripou a presa, cortando as partes ventrais; estas foram repartidas pelo cacique e distribuidas em várias pilhas. Depois disso, tiraram-se também as partes costais, em pedaços de três costelas cada um, que se distribuiram da mesma forma. Cada família recebeu o seu quinhão, e eu tambem recebí o meu.

Quanto a animais domesticados, encontrei entre os Xavajé:

Galinhas, que me vendiam de bom grado, e que eles não comiam; nas armações de guardar gêneros alimentícios, às quais estavam amarrados, pousavam urubús, colhereiros e periquitos; no interior das casas, viam-se muitos urubús, encolhidos no chão e presos aos postes da parede. Não havia nenhuma arara na aldeia. Em compensação, pousava atrás da casa do cacique uma gigantesca águia branca, presa a uma vara horizontal a pouca altura do chão (prancha 30, fig. 2).

As mulheres comiam tambem na minha presença. Somente a menina que viajou conosco à aldeia karajá, comia, durante a viagem, com o rosto desviado de nós e quando não se julgava observada.

Como acima foi dito, o fogão se encontra nas construções em arco, dos dois lados da entrada. Consiste, como entre os Karajá, das pontes de três casas de térmitas ou, então, de três cacos de cerâmica. Para assar possuem tambem grelhas de paus (prancha 61, fig. 1).

O vasilhame de cozinha é idêntico ao dos Karajá. Os ralos de mandioca (*wolanákia*, no idioma das mulheres: *kolanákie*) bem como as peneiras de varinhas (bredjé) apresentam a mesma forma e a mesma construção como entre os Karajá. Para mexer a comida serve uma colher com forma de remo (*nalihi*: fig. 193). Todos os demais utensílios de cozinha são iguais aos do Karajá.

Fig. 193 a, b — Colher de pau para mexer a comida. (b vista de lado).

Dos produtos usados como estimulantes, emprega-se o fumo, do qual os Xavajé cultivam uma espécie consideravelmente melhor do que os Karajá. Estes compram-no daqueles em grandes quantidades, adquirindo também mudas para, nas suas próprias aldeias, poderem cultivar essa qualidade melhor. Guardam o fumo (*kotí*) em forma de tranças de três madeixas (fig. 194) e levam-no consigo em bolsas trançadas ou feitas de pele de macaco (*djulení*; prancha 61, fig. 2). Os cachimbos (*wälioná*) fazem-se do fruto do jequitibá; todos os exemplares têm o sulco em torno da abertura anterior, sendo tingidos de cor avermelhada.

Fig. 194 — Fumo em forma de trança

Parece que os Xavajé costumam ter na aldeia poucos gêneros alimentícios. Já no segundo dia me mandaram pedir que me fosse embora porque não tinham mais o que comer. O sustento dos meus cinco Karajá, aos quais se associaram mais quatro da aldeia de Korumarí, lhes havia dizimado as provisões; tinham, porém, medo de abandonar a aldeia durante a minha estada, de modo que afinal tive que ceder aos pedidos deles.

7. Quanto às *armas*, também não há diferenças a registar. Os arcos (*djuhadé*) ou são desprovidos de enfeites ou apresentam envoltórios brancos, a folha de milho e a borla de penas, tal qual o arco dos Karajá (fig. 110). O manejo é o seguinte: a mão esquerda segura o arco no meio, de modo que a flecha passa entre o segundo e o terceiro dedos: o segundo até quinto dedo da mão direita esticam a corda, a flecha fica entre o segundo e o terceiro dedos.

a b c

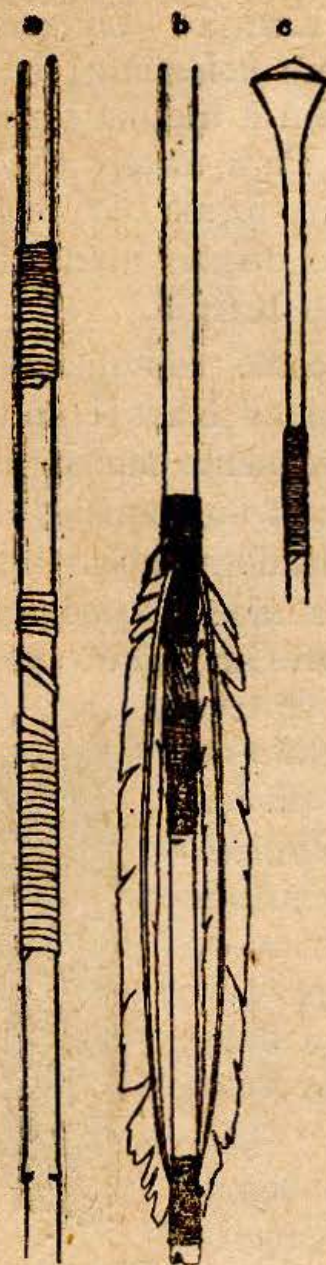



Fig. 195 a-c — Flechas dos Xavajé.
a) Enrolamento de ligação.
b) Emplumação.
c) Ponta de madeira com castão.

No tocante às flechas (*wohú*), encontrei-as com pontas de madeira angulosas, em parte tingidas de vermelho; com ponta de madeira com castão (*dobolä*), tendo este uma espessura até 4 cm (fig. 195 c); com pontas de talas de bambú montadas numa base de madeira tingida de vermelho e fixa à parte inferior; e, finalmente, com pontas de aguilhão de arraia. São especialmente numerosas entre os Xavajé as pontas de aguilhão de arraia e as flexas com haste intermediária tingida de vermelho. O comprimento das flechas varia de 130 a 160 cm; as mais longas são as flechas de pesca. O enrolamento de imbira preta, no lugar de insersão da ponta, pode ser de uma, duas ou três partes, muitas vezes unidas entre si por uma ligação em forma de espiral (fig. 195 a). O feitio da extremidade emplumada é análogo ao das flechas karajá (fig. 195 b). O envoltório superior consiste sempre em fio de algodão preto, no qual estão amarrados peninhas de ordinário amarela e raramente vermelhas. (Entre os Karajá observa-se precisamente o contrário). A parte abrangida pelas penas é também enfeitada nas flechas dos Xavajé com aneis e faixas feitas com um verniz vermelho e geralmente distribuidas em dois grupos. O envoltório próximo ao entalhe é quasi sempre branco e raramente tingido de vermelho. A informação de Kurixí, de que as flechas xavajé se reconhecem no fato de não terem o envoltório terminal logo abaixo do entalhe não se confirma pelos meus exemplares; em todos eles o envoltório vai até o entalhe. Também no feitio desse envoltório tornamos a encontrar os tipos dos Karajá, distinguindo-se deles apenas por formas mais simples. Nas flechas xavajé não ví pluminhas terminais.

As maças (*gohordé*) são estriadas somente até o meio, do mesmo modo como as maças karajá, distinguindo-se, porém, destas pelo fato de que a parte intermediária, no cabo, apresenta quatro ou cinco sulcos em lugar de tres (fig. 196 b) (1). Em um exemplar ficaram salientes, a título de enfeite, na parte estriada, de um e ou-

(1) — Ver, na parte relativa aos Karajá, a descrição dos punhos das maças.

tro lado, duas listas diametralmente opostas e com pontos entalhados (fig. 196 a). Maças revestidas de trançado e maças chatas não ví entre esses índios.

Para estriar as maças, usa-se igualmente entre os Xavajé o dente de cutia montado numa varinha (*haulidjú*) (fig. 197).

De lanças adquirí apenas um exemplar, com a aparência de muito velho. A haste tem uma espessura de 2,5 cm e um comprimento de 200 cm; a ponta de osso mede 19,2 cm de comprimento, o envoltório vermelho 11,5 e o trançado 63 cm. As borlas de penas pendem da lança num comprimento de 42 cm. O paderão do trançado é o desenho vertical em zigue-zague.

Propulsores de flechas (*haobí*) eram relativamente frequentes. Enquanto nas 22 aldeias dos Karajá nenhum propulsor, recebendo apenas um modelo, encontrei três exemplares numa única pequena aldeia xavajé (fig. 198). Emprega-se esse utensílio ainda para a pesca, para a caça de aves e como arma esportiva. Executam-se, com ele, tiros para o alto, em direção horizontal e para baixo. O cabo, que mede entre 36 e 40 cm de comprimento por 3,5 a 6,5 cm de largura, é esquimado e de forma arqueada, tendo um pequeno botão na extremidade inferior. O orifício para o indicador é bastante grande, tendo a forma dum retângulo ou dum quadrado. A vara, medindo entre 30 e 35 cm de comprimento, é redonda e tem um pequeno gancho de osso fixo com envoltório fino e cerrado. Às vezes pendem desse envoltório algumas peninhas a título de enfeite.

Outros tipos de armas não encontrei entre os Xavajé.

a b

Fig. 196 a, b — Maça dos Xavajé. b) Extremidade do punho dum segundo exemplar

Fig. 197 — Instrumento para estriar as maças

8. *Transporte e comunicação*. As canoas são iguais às dos Karajá, mas geralmente muito compridas e muito largas. Os remos distinguem-se, quasi sempre, dos remos karajá

por apresentarem quatro sulcos no cilindro do punho (fig. 199). As canastras e demais tipos de cestas são igualmente semelhantes às cestas dos Karajá. A canastra [*bäh(i)ulá*] é trançada também na aresta inferior, de modo que, durante o transporte, o conteúdo tem uma base mais resistente do que nas canastras karajá. Mede 158 cm de comprimento, 27 cm de largura e tem um bordo de 12 cm de altura. Observei grandes cestas-de-carregar (*walili*) de foliolos de palmeira oaguassú, apresentando desenhos no trançado, e que se carregam com auxílio duma faixa de imbira; cestas alongadas (*dadá*), igualmente com desenhos e faixa para carregar: cestas de forma oval, com tampa (*walabahi*); e, finalmente, sacos-de-carregar, dos quais havia vários tipos: uns trançados a modo de esteiras (*mansí*), outros trançados obliquamente de uma única folha de palmeira (*loli*), outros ainda, retangulares, trançados de duas folhas de palmeira (*loli*), tendo uma aresta comprida formada pelas duas nervuras, enquanto na outra e na base estão entrelaçadas as pínulas das duas folhas (prancha 61, fig. 3). (Ver Ehrenreich, Berlim 3886, Karajá). Todas as demais cestas e objetos dessa categoria acima mencionados são idênticos aos dos Karajá.

A água era transportada em cuias compridas (*rukú*) em que havia uma pequena alça; as cuias eram geralmente enfeitadas toscamente com desenhos gravados a fogo (fig. 200).

9. A *técnica* é ainda mais primitiva do que a dos Karajá; os Xavajé recebem os seus utensílios de ferro e demais mercadorias importadas só por meio do comércio de troca com os Karajá. Tudo que a este respeito ficou dito sôbre este vale, pois, também para os Xavajé.

Fig. 198 — Propulsor de flechas. Xavajé

Fig. 199 — Remo xavajé

De machados de pedra [*uomadu(e)*] encontrei ainda alguns espécimes; eram usados como malhos para bater as tangas de imbira usadas pelas mulheres; malhava-se a imbira sôbre o pilão colocado horizontalmente. Os dois machados de pedra por mim adquiridos são fortes e cuneiformes, de 14 e 20,5 cm de comprimento;

num deles, o corte está muito gasto e côncavo, certamente em consequência de seu uso como quebra-nozes (fig. 201 a, b).

A cerâmica é tão primitiva como a dos Karajá. Tambem aquí não encontramos vasos ornamentados. Os dois vasos por mim adquíridos são de argila vermelha, sendo de tipo karajá. Um deles é uma panela (*wadjiwí*) e o outro uma malga (*wadjiwäudá*).

Preparação do algodão. Para desfiar o algodão serve um pequeno arco de confecção bastante tosca (prancha 61, fig. 4). Os fusos (*ädzõdaó*), prancha 61, fig. 5) consistem em hastes redondas de 32,5 a 49 cm de comprimento e providas de tortuais de cera, de barro cozido ou não, ou de

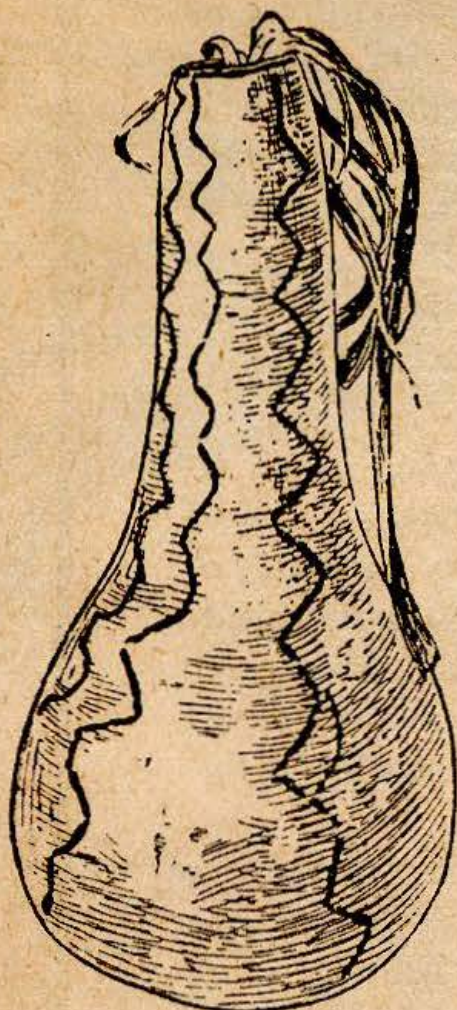



Fig. 200 — Cuia para transporte de água

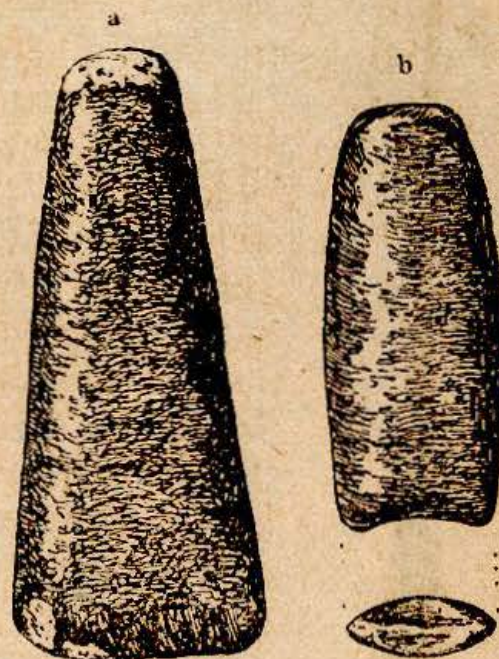



Fig. 201 a, b — Machados de pedra

osso. São incomparavelmente mais numerosos os tortuais de cera, ora consistindo em discos espessos, ora apresentando arestas agudas e terminando em forma de cone em cima e em baixo. Os tortuais de argila mal cozida ou não cozida têm de ordinário forma bicônica com aresta aguda; um único exemplar consiste numa placa grossa de bordo arredondado. Os tortuais de argila cozida apresentam forma de disco, tendo duas arestas agudas e saliências achatadas e cônicas nas duas superfícies. Tortuais de osso consistem, como entre os Karajá, em discos bem chatos.

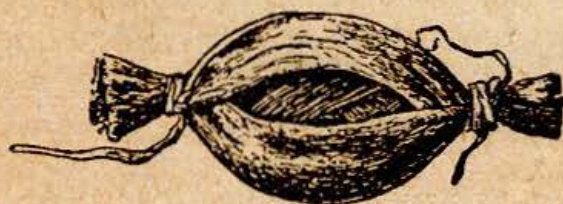



Fig. 202 — Novelo de algodão acondicionado num invólucro de imbira

Novelos de fio de algodão branco (*äzõ*) ou preto (*äzõdebé*) são usuais também entre os Xavajé; em parte guardam-nos amarrados num invólucro de imbira (fig. 202).

A confecção das redes enodadas corresponde à dos Karajá; também os aparelhos são tão primitivos como entre estes. Para trançar as cintas das meninas possuem um pequeno aparelho: a um pedaço de madeira comprido amarram, a alguma distância de cada extremidade, um pau transversal curto. Em torno desses paus transversais corre o urdume (fig. 203 a, b). A trama entrança-se com a mão.

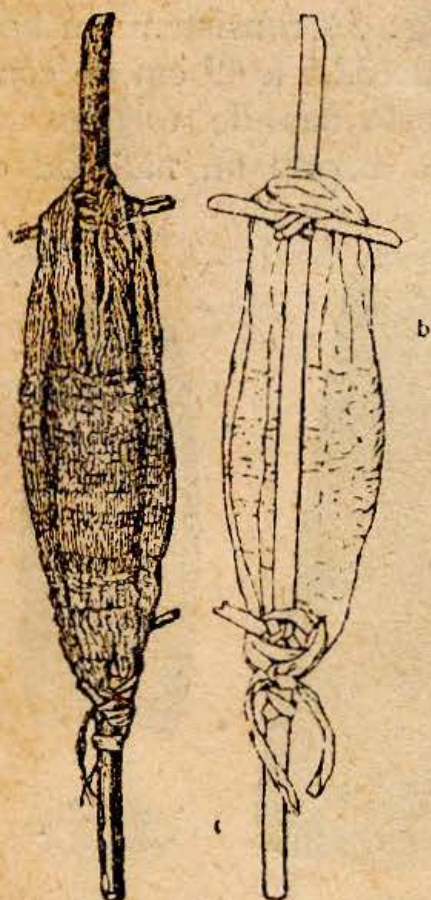



Fig. 203 a, b — Aparelho para trançar cintas de menina. b) Visto de trás.

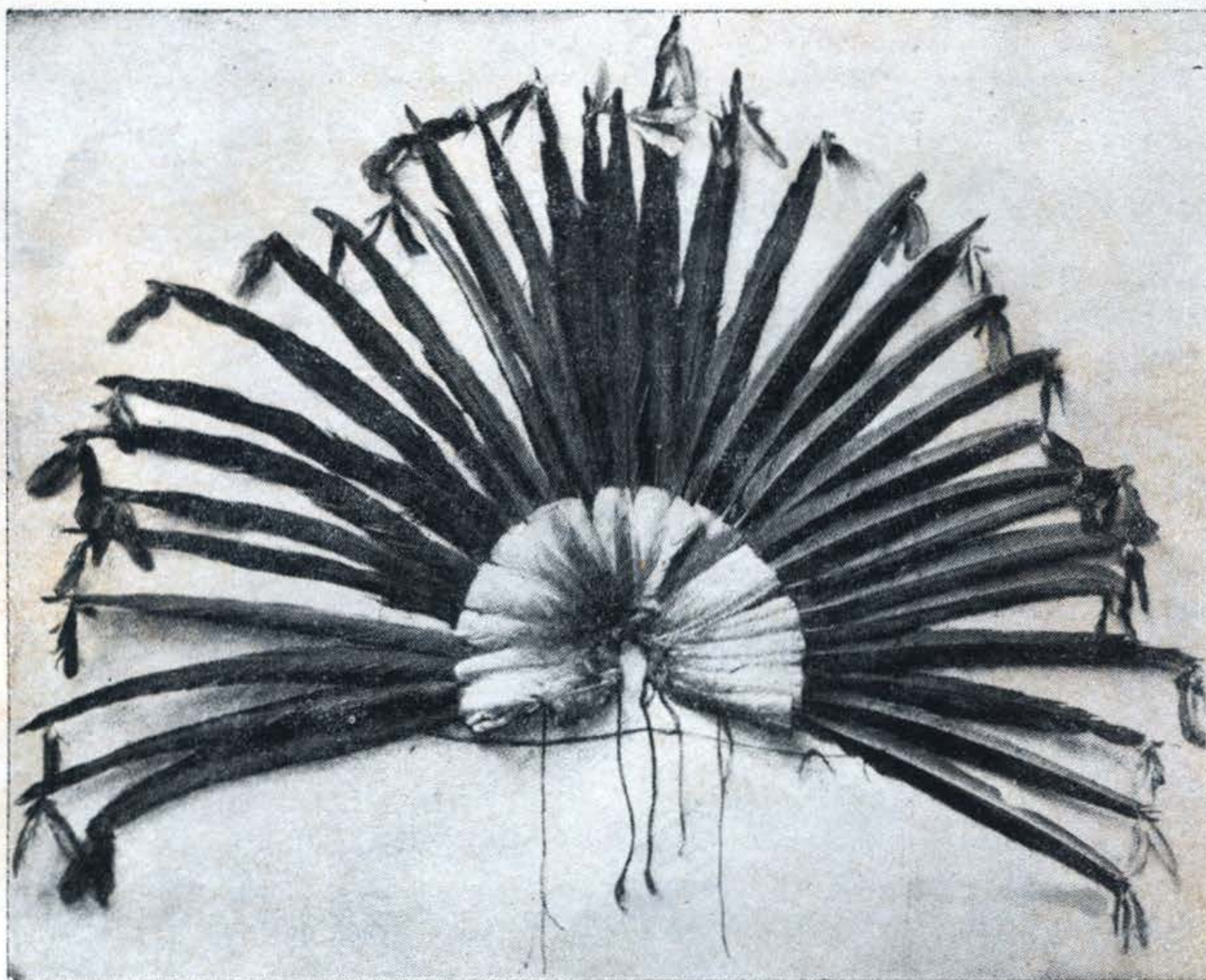
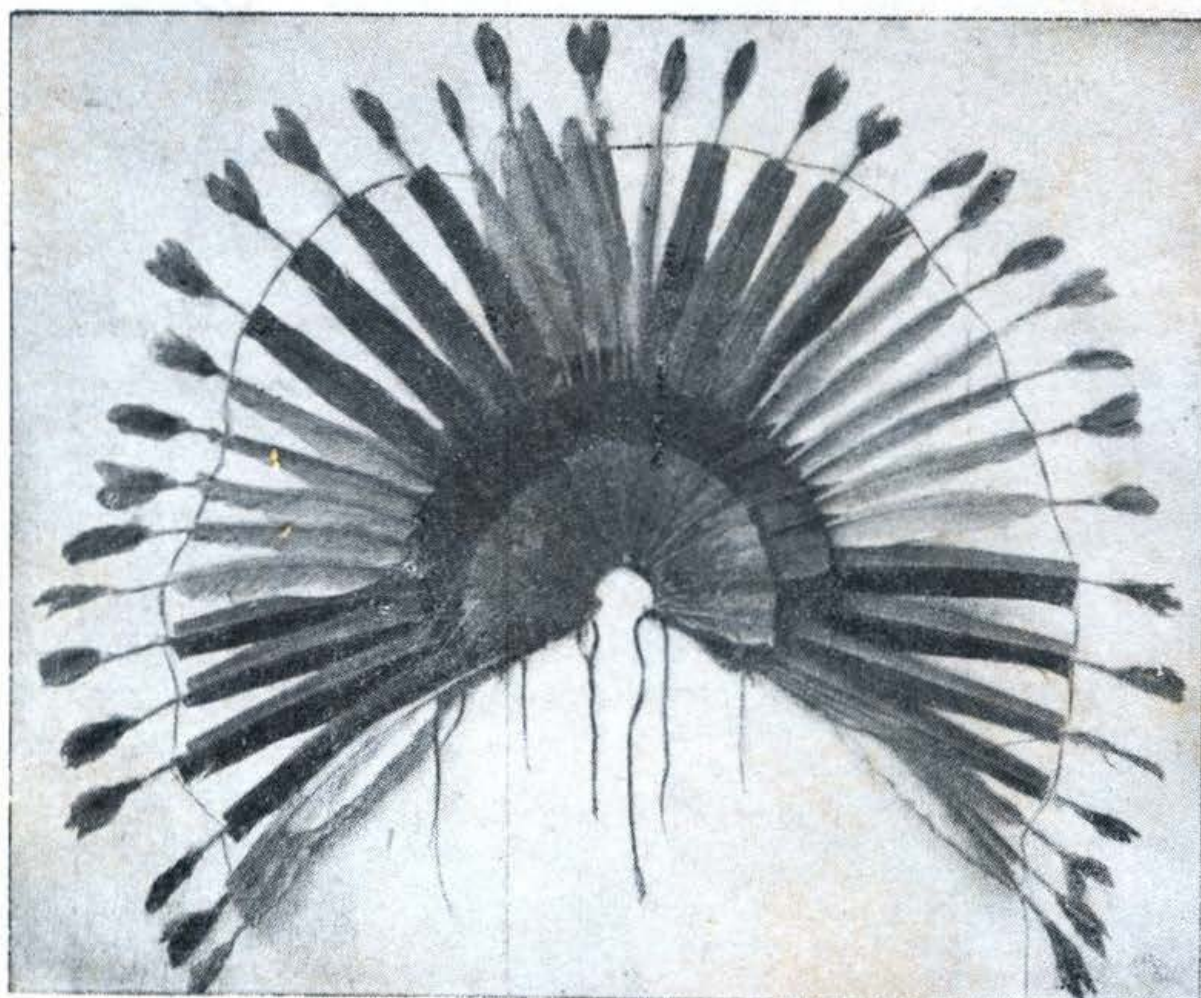
Também aquí já se faziam os trabalhos de croché com agulhas de ferro (*dexidunã*). O cabo é raramente enfeitado, e nestes casos com um simples envoltório de fio de algodão vermelho (fig. 204).

Fig. 204 — Agulha de crochê

As matérias corantes e as substâncias para colar são as mesmas dos Karajá. Obtive *domalé* vermelho e resina preta *zobadälá*, ambos, como pedaços de 12 a 15,5 cm de comprimento, 5,5 a 6 cm de largura e 2 cm. de espessura, e arqueados de um lado (fig. 205). Ambos foram prensados em peneiras de varinhas, cuja estrutura em parte ainda aparece na superfície.

Fig. 205 — Resina preta.

Para guardar penas fazem pequenos atilhos, ou dispõem-nas em fórma de asas, como os Karajá.

10. De *brinquedos de criança* eu trouxe os seguintes: pequenos arcos e flechas; os arcos são de confecção muito tosca, enquanto as flechas consistem na haste apontada, tento às vezes, na extremi-

1. Roda de plumas para o occipício.

2. Roda de plumas para o occipício.

dade anterior, uma noz com orifício lateral (fig. 206 a-c), ou então apresentam uma ponta de madeira arredondada, inserta na haste. A emplumação é de tipo comum. Imitações de espingardas não vi entre eles. Obtive alguns vasos de cerâmica usados como brinquedos: duas malgas pequenas (*wadjiwíliolé*) e, em Xixá, uma malga e uma tigela, com pintura vermelha externamente, imitando uma cuia (fig. 207 a-d).

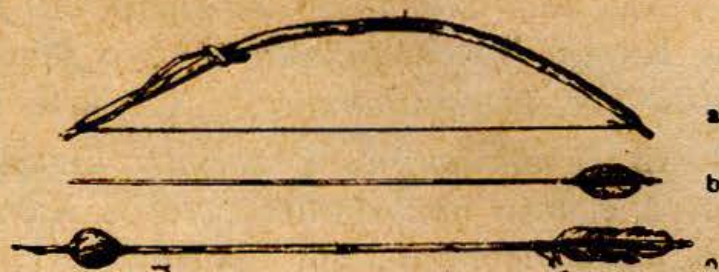



Fig. 206 a-c — Arco e flechas usadas pelas crianças

Fig. 207 a-d — Vasilhame usado como brinquedo. a) e b) Malgas, c) tigela pintada, d) pintura da tilega ao lado.

11. *Instrumentos de música* são também raros entre os Xavajé. Não vi, entre eles, flautas com cuia de ressonância, mas, em compensação, flautas feitas da própria cuia. A cuia, com forma de garrafa, tem, na extremidade larga, um orifício redondo, e na ponta estreita uma abertura quadrangular (fig. 208). Esta flauta chama-se *adjulomá*. A outra flauta, denominada também *lokú*, consiste numa cuia comprida, aberta dos dois lados. Numa das aberturas notam-se vestígios de cera, parecendo que aí esteve fixa uma boquilha especial. Talvez esteve colocada aí uma flauta de taquara, como costumam fazer os Kayapó. Apitos de folha trançada e com lingueta encontram-se também aquí (*dulehé*). O instrumento principal é também para os Xavajé o maracá de cuia (*wälú*), geralmente desprovido de enfeites. Um único exemplar tem algumas penas na extremidade superior do cabo.

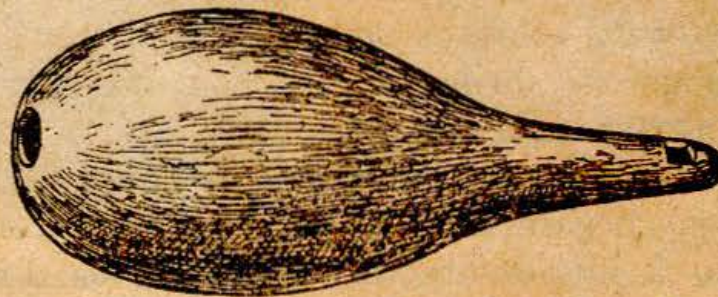
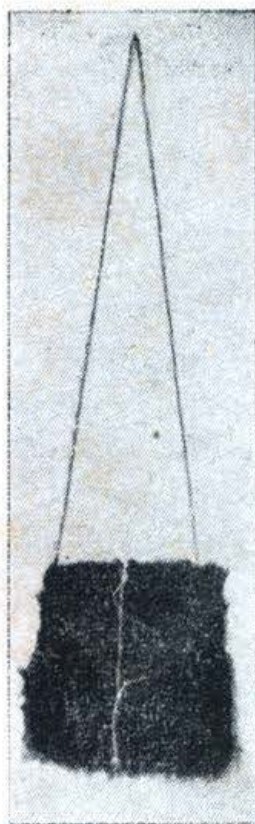
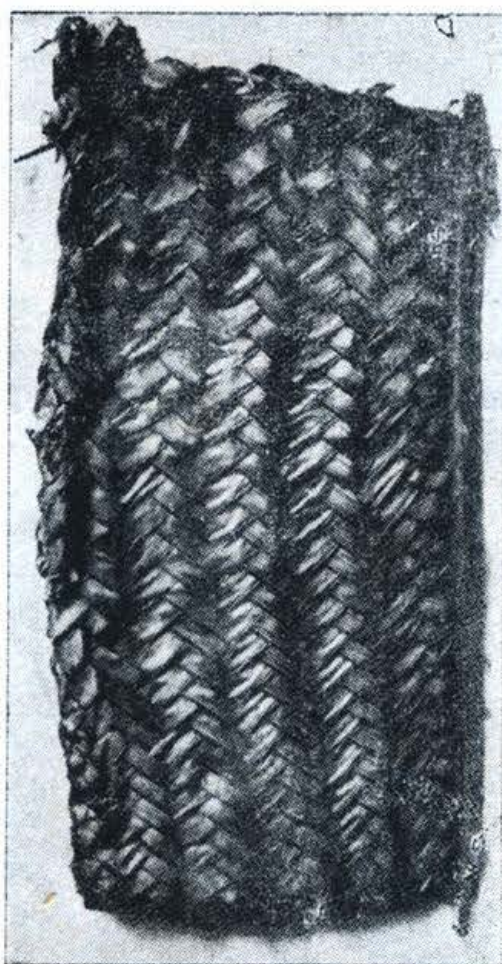
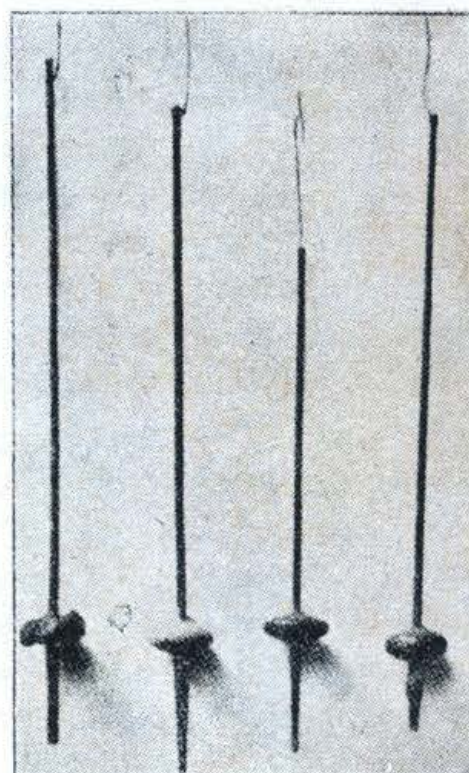



Fig. 208 — Flauta de cuia

Nas suas *atividades artísticas*, os Xavajé seguem as pegadas dos Karajá. Remeto, por isso, o leitor ao meu trabalho: *"Die Kuste der Karajáindianer"* (A arte dos índios Karajá).

12. *Vida política e social.* O cacique parece desempenhar um papel bem importante entre os Xavajé. Na aldeia que visitei não havia nenhum; um homem, certamente escolhido para êsse caso, fazia as vêzes de chefe. Recebeu-me com os meus companheiros em sua casa. Ficou ao meu lado durante todo o tempo que lá passei. Nas compras êle figurava como intermediário, conduzindo-me finalmente através das várias casas, dizendo aos índios o que eu queria e ajudando a fixar os preços dos objetos. Quando deixamos a aldeia, êle nos acompanhou até o outro lado da lagoa e mais por algumas centenas de metros através do campo, antes de se despedir.

Era original a cerimônia de recepção. Já antes de chegarmos à aldeia, os meus Karajá haviam pintado o rosto com uma lista preta transversal na altura dos olhos. Chegados à habitação do cacique, os meus homens sentaram-se nas esteiras, formando uma fila transversal através da casa. Diante dêles, estava sentado o cacique numa ponta da fila, e na outra a mulher dêle; ninguem disse uma palavra, os Karajá ficaram sentados, de cabeça baixa e fisionomias extraordinàriamente aflitas. A mulher do cacique caminhou então atrás de toda a fila, ungindo e penteando o cabelo a cada um dos que a compunham. Depois disso, um depois do outro devia aproximar-se dela para ser pintado com urucú. Durante tôdo êsse tempo ouviram-se, vindos do rancho das máscaras, os gritos de desafio para a luta de braços.

Foi só depois disso que o cacique proferiu algumas palavras. Os Karajá levantaram-se e sairam com êle. Fora, adiante da casa, associou-se a êles um segundo homem xavajé, do rancho vizinho. Organizou-se o séquito: na frente os dois Xavajé, e atrás dêles os Karajá, dois a dois ou três a três, todos com os braços travados sôbre os ombros. Mulheres e crianças fechavam o séquito que se dirigia à casa das máscaras, onde a juventude xavajé formava uma fila irregular. Todos estavam pintados com urucú, e dois dêles usavam cintas de dansa e braceletes emplumados. Logo que chegaram os Karajá, pararam com a gritaria, dando-se início à luta-de-braços. Primeiro os dois jovens enfeitados adiantaram-se dansando, gritando, e bambaleando com os braços, da mesma maneira como a conhecemos dos Karajá (figs. 10 e 11). Os Karajá não os aceitaram. Avançaram pela segunda vez e foram aceitos. Seguiu-se a luta, da qual saíram vencedores. No segundo encontro desafiaram os Karajá, e assim por diante, cinco

ou seis vêzes. Alguns desafios não foram aceitos; nestes casos os lutadores davam meia volta sôbre o lado direito, bambaleando largamente com os braços e voltando ao centro. Aí tomavam posição de descanso, de costas para os Karajá e não parando de gritar até que algum dos adversários os aceitasse. Em alguns encontros houve empate, nos demais venceram os Karajá. Isto me surpreendeu, pois os Xavajé eram tôdos indivíduos de estatura maior, dando a impressão de mais fortes, e além disso não tinham acabado de fazer uma penosa viagem de três dias. Talvez se encontre a explicação no fato de que os Karajá tinham, em média, entre 5 e 10 anos a mais, e, por isso, a musculatura mais desenvolvida. Mal o cacique havia dado por finda a luta, quando os Xavajé reiniciaram a gritaria, enquanto as mulheres e crianças se retiraram correndo para os ranchos, aonde se foram dirigindo, sem ordem as demais pessoas presentes.

As lutas eram muito parecidas com as dos Karajá. Quando algum encontro era rejeitado, os que o haviam proposto faziam com os braços um movimento de desdem, voltando para a fila. Em seguida, um dêles tornava a adiantar-se até o centro, onde tomava posição de descanso com as costas para os adversários e gritava até que algum destes aceitasse o desafio. A posição de descanso era como a dos Karajá: em pé, o tronco inclinado e os braços apoiados sôbre os joelhos. O vencedor executava uma dansa em frente do vencido, gritando em voz alta; ao afastar-se, levantava a mão esquerda sôbre a cabeça do vencido. Também nessa aldeia o cacique tomou o partido dos hóspedes.

Só depois de voltarem da luta de braços, ofereceram comida ao Karajá; só então consideraram-nos como recebidos na aldeia e com direito de espalhar-se palas várias casas.

Por ocasião da minha partida da aldeia, realizou-se uma cerimônia singular, cujo sentido, segundo acredito, era o de entregarem aos visitantes uma menina que ficara grávida por ocasião duma visita anterior dos Karajá, em cuja aldeia devia agora esperar o parto; não pude saber com certeza se depois haveria de voltar. Talvez acompanhasse os Karajá para ficar entre êles como meretriz da aldeia. Bem pouco antes da partida, o cacique me tomou pela mão para conduzir-me à casa vizinha. Aí estava sentada uma menina evidentemente grávida, ocupada a fiar. Foi obrigada a levantar-se e deixar o trabalho; a mulher do cacique tirou-lhe os enfeites do pescoço (as faixas das pernas eu já lhe havia comprado de manhã). Fizeram-na pegar uma segunda tanga de imbira e a sua rede enodada para acompanhar-nos à canoa. Via-se que isso lhe era muito desagradável, pois que chorou muito, tranquilizando-se

sòmente depois de algum tempo. O cacique dirigiu-me ainda longos discursos, que, no entanto, não compreendí. Durante a viagem, a menina esteve sob a guarda especial do meu guia indígena, que diziam ser sobrinho dela. Tratava-a com muita amabilidade, carregando-lhe a coberta, apresentando-lhe a comida sôbre um prato. etc. A menina caminhava sempre imediatamente diante ou atrás dêle.

A dansa de máscaras a que assistí entre os Xavajé, era uma dansa *idjazó* e muito parecida à dos Karajá. Realizou-se na primeira noite. Os dois mascarados estavam lado a lado, diante do rancho, mas cada um com o rosto voltado para o companheiro, e cantavam uma estrofe com acompanhamento de maracá. Depois disso, foram, dansando, em direção da aldeia e voltaram ao rancho. Isto se repetiu várias vezes. Concluiu-se a dansa com agitadas inclinações junto à aldeia. Durante a noite,viam-se os jovens sentados diante do rancho de máscaras, cantando canções de dansa com acompanhamento de chocalho. Também essas canções eram muito parecidas com as dos Karajá. Os Xavajé não me permitiram fotografar as máscaras, de modo que tive de me contentar com um desenho rápido. Eram máscaras de cartola com revestimento de mosaico de penas. Para cobrir o corpo, tinham saiote e manto de folhas tingidas de preto, para os quadrís e os ombros.

Em Xixá obtive imitações de máscaras dos seguintes tipos: máscara *idjalhení*, máscara *ambuxäwädía* e máscara *ladení*. A primeira parece ser uma máscara típica dos Xavajé; pois as canções cantadas com essa máscara e de que fiz um fonograma entre os Karajá, sempre me foram por estes indicadas como canções xavajé. Obtive também registo fonográfico de outra canção xavajé, denominada *desói desói* e que cantam depois de matar uma onça.

Outros informes sôbre as máscaras do Xavajé encontram-se no meu artigo: "*Tanzmaskennachbildungen vom mittleren Araguaya*". Imitações de máscaras de dansa do Médio-Araguaya; *Jahrbuch des Museums für Völkerkunde zu Leipzig*, Band 3, Leipzig 1910.

Segundo revelam as notas que tomei da *língua* dêles esta parece ser igual à dos Karajá. Contém todavia algumas palavras de todo diferentes; veja-se: anta, gavião, milho, borlas para a nuca, vermelhas e pretas, adorno para o ante-braço, formado de dois chumaços com guarnição de franjas, enfeite com borlas para as panturrilhas, apito de folhas; o termo para caracará e divergente.

Da comparação linguística resulta que o idioma da horda meridional dos Karajá se aproxima um pouco mais da língua dos Xavajé do que o da horda setentrional certamente em consequência da entrada de índios Xavajé para a horda meridional.

ANO 9 — V. 92 — 1943

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO)

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

III — OS KAYAPÓ

1. *Dados históricos.* As notícias de que dispomos, até o presente, acêrca dos Kayapó da margem ocidental do Araguaia não ultrapassam muito à da existência dêsses índios. O primeiro autor que os menciona é *Cunha Matos.* Refere que os Gradaú, uma tribu kayapó, habitavam outrora às margens do próprio Araguaia, tendo-se, porém, retirado mais para o interior, na direção do oeste, costumando chegar até o rio sòmente um pouco abaixo da Cachoeira de Santa Maria, e visitando, de tempos em tempos, também a ilha do Bananal (Rev. Trim. 38, página 18; 37, página 361, 393). Em 1844, *Castelnau* fala de duas tribus de Kayapó. Uma destas habita a margem esquerda do Araguaia, na altura de Salinas; às vezes, os índios dêsse grupo chegam a atravessar o Araguaia, indo até Crixás. No norte, o seu território vai além das aldeias dos Crajahís e a aldeia dos Tapirapé (Vol. 2, pág. 114). Castelnau refere, pois aquí dos Kayapó a mesma coisa que os Karajá me contaram dos Chavante. O outro ramo dos Kayapó, que vive ao norte do primeiro, é denominado Gradaho. Esta tribu foi impe-

lida para o norte, fundou pequenas aldeias no território que medeia entre o Araguaia e o Xingú, e estende-se, no norte, até o território das aldeias xambioá (vol. 2, pág. 115). No mapa, porém, Castelnau representa os Kayapó na barra do Rio Tapirapé, os Gradaú um pouco para o norte, uns e outros na margem ocidental do Araguaia acima da extremidade norte da ilha do Bananal. *Rufino* informa em 1846/47 que aquêles índios moram a uma distância de três jornadas a oeste da barra do Ribeirão dos Gradaús entre a segunda e a terceira aldeia de Xambioá; informa mais que são inimigos dos Karajá. Segundo *Morais Jardim,* moram defronte a Santa Maria, a alguns quilómetros do rio.

Ehrenreich, em 1888, não encontrou pessoalmente a horda de Kayapó estabelecida perto de Santa Maria. Até o ano de 1881, essa horda habitara uma aldeia defronte de Santa Maria, na margem ocidental do Araguaia, tendo-se, porém, retirado para o oeste em virtude de um assalto à aldeia Karajá pelo comandante dessa localidade. A partir dessa época ficou suspenso o comércio de trocas (porcos por objetos de ferro), e só pouco tempo antes da chegada de Ehrenreich fizeram-se as primeiras tentativas de restabelecer relações pacíficas com Santa Maria.

Em 1891, o padre *Gil Vilanova* fez uma tentativa de ir do Tocantins ao território dos kayapó, mas viu-se forçado, por falta de mantimentos, a voltar ao Araguaia, sem êxito, após uma marcha de cinco dias. Repetiu a tentativa em 1896, e, com auxílio dos brasileiros estabelecido na Barreira de Sant'Ana, perto de Santa Maria, conseguiu encontrar os Kayapó e ganhá-los para a Missão. Seguindo o conselho do viajante francês Coudreau, que, no inverno de 1896/97, subiu o Araguaia do Pará até ao Tapirapé, o padre fundou, em princípios de 1897, a Missão (Conceição) defronte do antigo Presídio de Santa Maria; logrou atrair os Kayapó para os arredores do estabelecimento e educar os filhos na Missão. Desde essa época, os Kayapó estão consquistados para a civilização; têm por ora, uma atitude pacífica diante dos moradores, que se estabeleceram em grande número nas vizinhanças da Missão, permitem que os filhos sejam educados aí, mas continuam observando, em casa, os antigos usos e costumes. Já começaram, naturalmente, a trabalhar com utensílios de ferro, enquanto o uso das roupas se limita a alguns antigos alunos da Missão; vestem-nas para a recepção dalguma visita estranha ou quando êles próprios vão visitar a Missão.

Visto que o estabelecimento dos missionários vivia em contato permanente ocm os Kayapó, não era difícil, com auxílio daqueles, visitar e estudar essa tribu indígena de cultura ainda desconhecida. Em virtude das disposições anteriormente estabelecidas

para a minha viagem, não podia ser longa a minha estada entre os Kayapó. Das três aldeias, visitei apenas uma, a que fica mais perto de Conceição e onde passei um dia e meio (duas noites). Em tão curto período, o levantamento teve de restringir-se à coleta etnográfica e às indagações mais indispensáveis. Como o registo linguístico revelasse uma correspondência quase perfeita com o vocabulário colhido por Ehrenreich em Leopoldina, pude empregar o meu precioso tempo em estudos de outra natureza. Em virtude da curta duração de minha visita à aldeia pude observar sòmente pouca coisa da vida tribal dos Kayapó. Mas como se trata das primeiras notícias relativas a uma tribu ainda não estudada, não serão, por isso, menos valiosos os informes que passo a expor.

2. *Aldeias.* A horda de Kayapó por mim visitada habita o campo que se estende além da Serra dos Caiapós, na margem ocidental do Araguaia, a jusante de Sant'Ana. Segundo as informações que colhi, a tribu abrange três aldeias: uma aldeia grande no alto Rio Pau d'Arco, distante umas sete jornadas de Conceição, em direção norte-ocidental; uma aldeia menor no Rio das Arraias, a duas jornadas e meia (70 a 80 km) a oeste de Conceição; e, finalmente, uma aldeia grande e pacífica, a duas jornadas e meia para o interior, partindo-se da barra do Rio Inajá, nas proximidades de Sant'Ana. Não me foi possível visitar a primeira aldeia, por ficar muito distante. Quanto à terceira, só tive notícia de sua existência quando nos encontrávamos a seis dias de viagem acima de Sant'Ana; falaram-me dela os meus camaradas, que eram daquela região; diziam ter estado muitas vezes na aldeia. Restava-me, pois, para ser visitado, o segundo núcleo, a pequena aldeia do Rio das Arraias. Era formada de 14 ranchos, com cêrca de 200 habitantes; o número de homens e jovens em armas era de uns 60. Contaram-me que também aí o sarampo agira devastadoramente, de maneira que outrora o número deve ter sido muito maior. Sôbre o tamanho das outras duas aldeias não posso informar nada; segundo o que me contaram, a terceira seria a maior. Consistiria em três círculos concêntricos, em cujo centro ficaria a casa dos solteiros.

Os brasileiros designam a tribu com o nome de Kayapó (1) ao passo que os Karajá lhe chamam *klä̈la(h)ú*. Os seus vizinhos

(1) — Coudreau dá a seguinte sinopse dos Kayapó (Araguaia-Tocantins, pág. 204-205): 1. Kayapó pròpriamente ditos, no Rio Pau d'Arco e no Chicão: 3 aldeias com 1500 habitantes. 2. Gorotiré, a oeste daqueles, morando além da Serra da Mata até o Rio Fresco, como vizinhos dos Suyá e talvez idênticos a êles: são os inimigos dos Kayapó, contando cêrca de 1500 indivíduos. 3. Os Purucarú, a noroeste dos Kayapó, contando umas 1500 pessoas. 4. Os Chicrís, a nordeste dos Kayapó, na mata de Itaipava, com cêrca de 500 indivíduos. O território das três últimas dessas tribus ficaria a uns cinco dias de viagem da primeira.

são, a oeste, os Uschikríng e os Gorotiré, com os quais vivem em pé de guerra. No sul, o território dêles estende-se até o dos Tapirapé, confinando a leste com o Araguaia, onde outrora, quando as suas aldeias ainda alcançavam o rio, separavam o domínio dos Karajá e o dos Xambioá. Com outras tribus, a nós ainda desconhecidas, das terras que medeiam entre o Araguaia e o Xingú, parecem manter relações pacíficas. Contaram-me, à noite, que havia na aldeia duas pessoas duma tribu estrânha (*os Kalixá*), que diziam morar bem longe, para o lado do ocidente. Quando, no outro dia, eu quiz vê-los, disseram-me que não os podiam encontrar.

Quanto à lingua, os Kayapó pertencem à família dos Gê, de que constituem o ramo norte-ocidental.

3. *Dados antropológicos.* (Prancha 24, fgs. 1, 2; 26, fig. 2; 62, figs. 1. 2).

Os Kayapó são de estatura menor que os Karajá. Como média, Ehrenreich indica para os homens 167,6 cm (*Anthropologische Studien,* pág. 108); excluindo-se, porém, o homem de estatura descomunal, de 175 cm, obtem-se a média de 165,7 cm. Êste número parece exprimir melhor a realidade. Em todo caso, não havia, na aldeia em que estive, indivíduos tão altos como entre os xavajé e na horda meridional dos Karajá. As mulheres são consideràvelmente menores (prancha 26, fig. 2; 62, fig. 1); para elas, a média é 154,5 cm, segundo Ehrenreich, o que me parece ser exato.

As proporções são boas; dum modo geral, devem-se caracterizar os Kayapó como homens entroncados e vigorosos (. Vejam-se também as informações de Ehrenreich).

A cabeça é redonda, e a face curta e larga. Na maioria dos indivíduos, a testa se eleva em linha reta, havendo, porém, casos, principalmente entre as crianças, de testa muito saliente (prancha 24, fig. 1). A altura da testa é normal; as testas baixas são pouco freqùentes. As fendas palpebrais tem posição horizontal; entretanto, observei também, principalmente entre os alunos da Missão, abertura obliqùas, mongoloides. A fenda é mais larga do que entre os Karajá, e no ângulo externo acentua-se a dobra palpebral (prancha 24, fig. 1; 62, fig. 2). Em muitos indivíduos, a raiz do nariz é baixa, mas não são raros também os casos em que é alta; é geralmente larga. A cana do nariz é chata nas crianças, tornando-se saliente só mais tarde; é larga e reta. As asas são muito largas e arqueadas; a ponta é grossa e rombuda; de frente, as narinas são pouco visíveis. A boca é larga. Os lábios são grossos

1. Mulher velha; guerreiro com maça. Kayapó

2. Homens e mulheres kayapó.

e arqueados. O queixo é largo: as orelhas aparecem grandes Todo o tipo fisionômico diverge essencialmente do tipo karajá, de modo que não será fácil confundir as duas tribus.

A musculatura dos ombros é bem desenvolvida, embora menos vigorosa do que nos Karajá. Observa-se que nas mulheres a largura dos ombros não é inferior do que nos homens (prancha 62, fig. 2; veja-se também Ehrenreich, pág. 118).

A caixa torácica é menos convexa do que nos Karajá, sendo que os homens apresentam uma circunferência muito maior do que as mulheres (Prancha 24, fig. 2). A musculatura é bem desenvolvida sobretudo nos homens, embora menos acentuadamente do que nos Karajá. Nas mulheres, os seios têm formas menos arredondadas do que entre os Karajá, aproximando-se mais da configuração do úbere de cabra.

Também entre os Kayapó notam-se muitas pessoas de ventre inchado; é provável que também nêles a alimentação vegetal constitua o motivo principal dos ventres entumescidos à maneira de tambor, fato observado sobretudo em criança. (prancha 24, fig. 1). Os quadris são estreitos; nos homens como nas mulheres a sua largura é inferior à dos ombros (prancha 24, fig. 2; 62, fig. 2). Tanto nos homens como nas muheres não se observa nenhum estreitamento da cintura. A camada adiposa da região glútea apresenta desenvolvimento normal: as mulheres não possuem as nádegas tão acentuadas como entre os Karajá.

Os braços são proporcionais nos homens e nas mulheres. Não se observa nenhuma diferença. Nota-se que nos homens a musculatura do ombro é muito mais desenvolvida do que o biceps e que sobretudo os jóvens têm os braços delgados, ao passo que as mulheres possuem musculatura bem desenvolvida dos braços, provàvelmente em virtude do trabalho no almofariz.

Também as pernas são proporcionadas. O que surpreende é a diminuta espessura das coxas, mormente nos homens, mas em parte também nas mulheres (prancha 24, fig. 2; 62, fig. 2). Em compensação, as panturrilhas são mais desenvolvidas do que nos Karajá. Enquanto os indivíduos jóvens apresentam as pernas delgadas (Prancha 24, fig. 2), os homens, e sobretudo as mulheres, têm as panturrilhas fortemente desenvolvidas (prancha 62, fig. 2). Nas crianças nota-se um extraordinário desenvolvimento da musculatura interna das coxas, do mesmo modo como entre os Karajá, fato que também aquí se deve talvez ao hábito de envolverem a perna, abaixo do joelho, com atadura apertada (prancha 24, fig. 1). Quanto aos órgãos sexuais, nada se observa de especial.

De ordinário, os Kayapó são bem alimentados; a maioria dêles tem o corpo vigoroso e de formas rechonchudas. A velhice mani-

festa-se pelo aparecimento de rugas por todo o corpo. Não notei deformações de natureza patológica.

A pele é parecida com a dos Karajás, mas de pigmentação muito mais fraca, quase pardo-clara, de modo que os alunos da Missão, caracterizados pelas fendas palpebrais ligeiramente oblìqùas, tinham realmente, com a sua indumentária, uma aparência bem mongoloide. A coloração mais clara explica-se provàvelmente pelo fato de os Kayapó passarem mais tempo no campo e no mato, ao contrário dos Karajá, que vivem nas praias arenosas expostas ao sol abrasador.

O cabelo é liso, tornando-se ondulado apenas quando muito comprido; não observei nenhum indivíduo de cabelo encachado. A côr é preta. Nota-se crescimento de pelos do rosto, tanto em forma de bigodes como de barba inteira. Havia vários homens idosos de barba bem cerrada. No tocante ao pelo das axilas, não observei nada. Os homens como as mulheres removem os pelos da região pudenda.

Quanto ao seu modo de vida, os Kayapó são genuinos índios de campo. As aldeias ficam bem longe dos cursos de água (a segunda delas dista da água uma hora de caminho). Atualmente dedicam-se não sòmente à caça e à pesca, mas também ao trabalho agrícola. Não me foi possível verificar se é influência da Missão; a julgar pelos relatórios dos missionários, é bastante provável, mas pode ser também que, do mesmo modo como entre os Suyá, o cultivo do campo faça parte da primitiva cultura indígena.

4. *A casa e a aldeia.* A aldeia que visitei era uma povoação de estiagem, constituída de ranchos de construção pouco sólida. Contaram-me que na estação chuvosa fazem casas mais sólidas. O território correspondente à segunda aldeia estendia-se por uns 20 km em sentido leste-oeste. Passei por vários pontos com ranchos queimados, antigos sítios da aldeia; haviam-na transferido mais para o interior porque eram incomodados pelos seringueiros que passavam pela região.

Não tive a oportunidade de ver a casa apropriada à estação chuvosa, que me disseram ser semelhante à habitação dos moradores brasileiros. Vi apenas o rancho da estiagem. Consistia a aldeia em 14 ranchos compridos (*kikré*), dispostos em círculo e abrangendo, pois, uma enorme praça de aldeia. (fig. 209). Cada cabana representava, pois, um segmento de círculo; o lado dirigido para fora era, pois, curvo e mais mais comprido do que o lado interior. Da fig. 210 depreende-se a maneira de construção dêsses ranchos, que se parecem com alpendres. Tôdas as ligações são feitas com imbira. As entradas ficam nos dois lados estreitos. O lado anterior é, em

vários pontos, coberto com feixes de folhas de palmeira (f), do mesmo modo como o lado posterior (e); entre êsses grupos de feixes ficam espaços livres, servindo de entradas. Cada feixe parece separar uma secção pertencente a uma família. As casas são habitadas por várias famílias conjuntamente. Todavia não existem repartições no interior; a casa consiste dum só compartimento (Prancha 26, fig. 1; 63, figs. 1-3).

Cosinha-se fora da habitação. No telhado costumam enfiar objetos de toda espécie; colocam as armas ao longo da parede ou encostam-nas nos caibros compridos. Conservam o milho em bolsas, e as penas em cestinhas e cuias, que pendem das vigas transversais das casas. Cuias viam-se suspensas, geralmente, em potes levantados fora das casas, ou então jogadas, juntamente com outros uten-

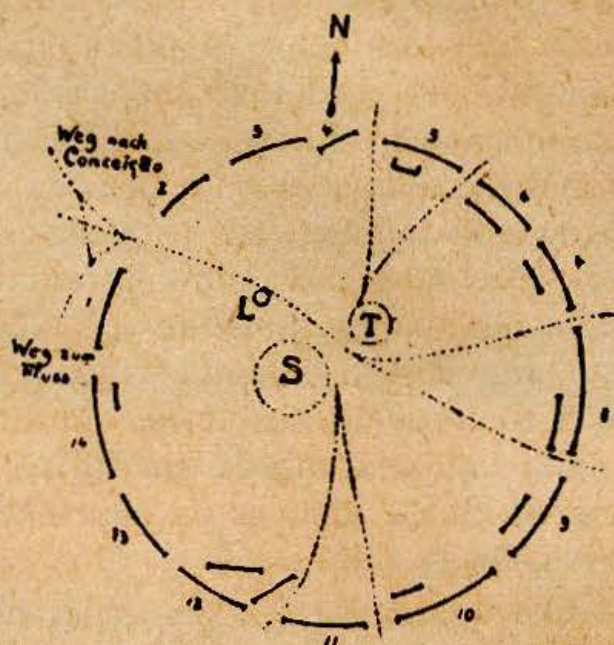



Fig. 209
L — meu acampamento
S — lugar em que dormiam os rapazes
T — lugar em que dansavam os rapazes

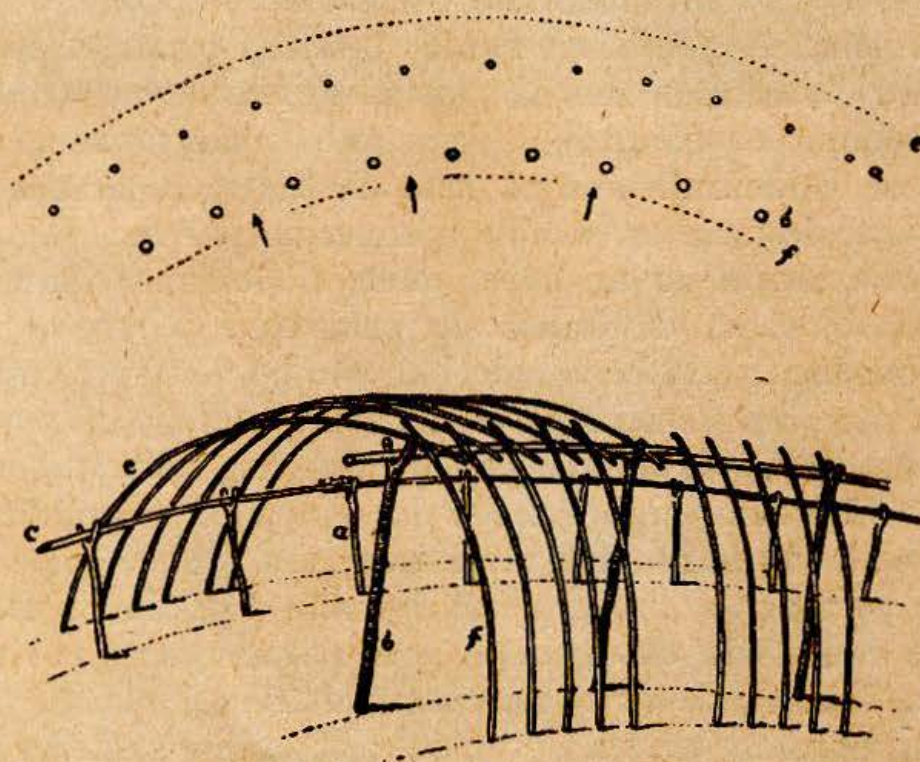



Fig. 210 — Projeção horizontal e vertical dos ranchos dos Kayapó

sílios domésticos, em armações especiais, construídas logo em frente das casas. As bolsas para guardar milho (*kai(e)ré*) são trançadas de fibra de buriti, com desenhos constituídos pelo trançado e, em parte, pintadas de vermelho. As duas arestas do bordo superior são entrançadas uma na outra, havendo apenas uma abertura estreita. Como cordel de suspensão usa-se uma faixa larga e trançada (prancha 25, fig. 2). Conservam a água em grande cuias (*lokóne*), ornamentadas com obra de entalhe (fig. 211). As penas guardam-se também em pequenas cuias (*lokóne, notáid*), de ordinário enfeitadas com obra de entalhe; são às vezes abertas (figs. 212, 213), mas geralmente fechadas, e providas de um tampão de cera (fig. 214), de uma tampa recortada dum pedaço de cuia, móvel no cordel de suspensão em forma de laço (fig. 215), ou, ainda, de uma tampa trançada em forma de carapuça, que cobre grande parte da cuia e através de cuja abertura superior se enfia o cordel de suspensão (fig. 216).

Os lugares de dormir ficam no interior da habitação, no lado próximo à parede posterior; os índios deitam-se com a cabeça dirigida para essa parede; entre os pés e a parede anterior fica livre apenas um estreito corredor. Acamam-se sôbre fôlhas de palmeiras, sôbre as quais colocam outras, de bananeira, duas a duas, e de forma tal que as faces internas dessas folhas se cobrem mutuamente. Às vezes deitam-se também sôbre esteiras de folhas de buriti. Essas esteiras são trançadas de duas folhas de palmeira, cujas nervuras, colocadas uma sôbre a outra, formam o bordo comprido (*kubíb*; prancha 64, fig. 8), ou então consistem num trançado de fibras de buriti de malha cerrada (*ruaukubíb*; prancha 64, fig. 2). De um e outro lado dessa cama acendem pequeno fogo como defesa contra o frio da noite, porquanto não usam roupa nem possuem cobertas. As camas se enfileiram uma ao lado da outra, separadas sòmente pela fogueira; destarte cada índio é aquecido por dois fogos. Dormem assim também ao ar livre, onde, no entanto, não dispõem geralmente, da cama de folhas de palmeira; deitam-se sôbre as folhas de bananeira, colocadas diretamente no solo. No interior das habitações dormem sòmente os casais com os filhos de pouca idade e as filhas adultas. Os rapazes dormem em separado, na praça da aldeia. Consoante informações dos Kayapó, as grandes aldeias possuem, no meio da praça central uma casa grande, especialmente construída para os solteiros, que aí dormem e passam o dia. Aqui, porém, na aldeia de estiagem, e que parecia ser provisória, os moços iam, à noite, deitar-se na praça da aldeia. Eram, para isso, convocados por um chamado cacique: à tardinha, pelas 5 horas, êsse homem que era de idade, dirigia-se para o centro da praça, munido de um bastão; acocorava-se, o rosto virado para leste,

1. Rancho kayapó

2. Rancho kayapó e armação para guardar víveres

3. Ranchos kayapó formando um pátio

a

b

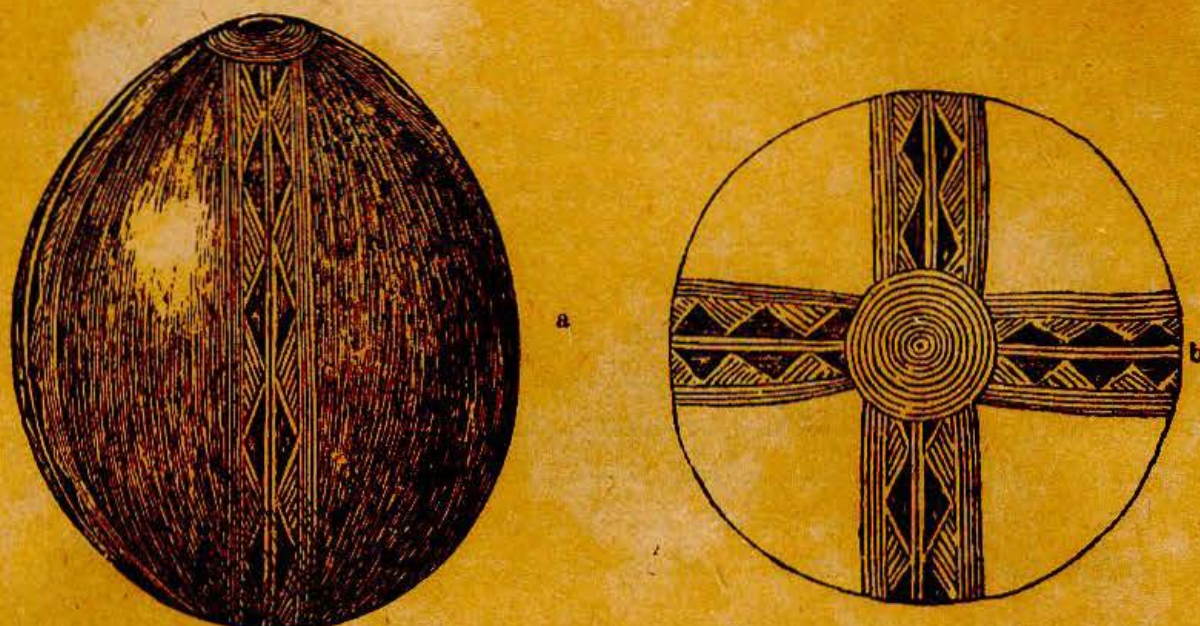



Fig. 211 a, b — Cuia para água; b) fundo da cuia

a

a

a

b

b

b

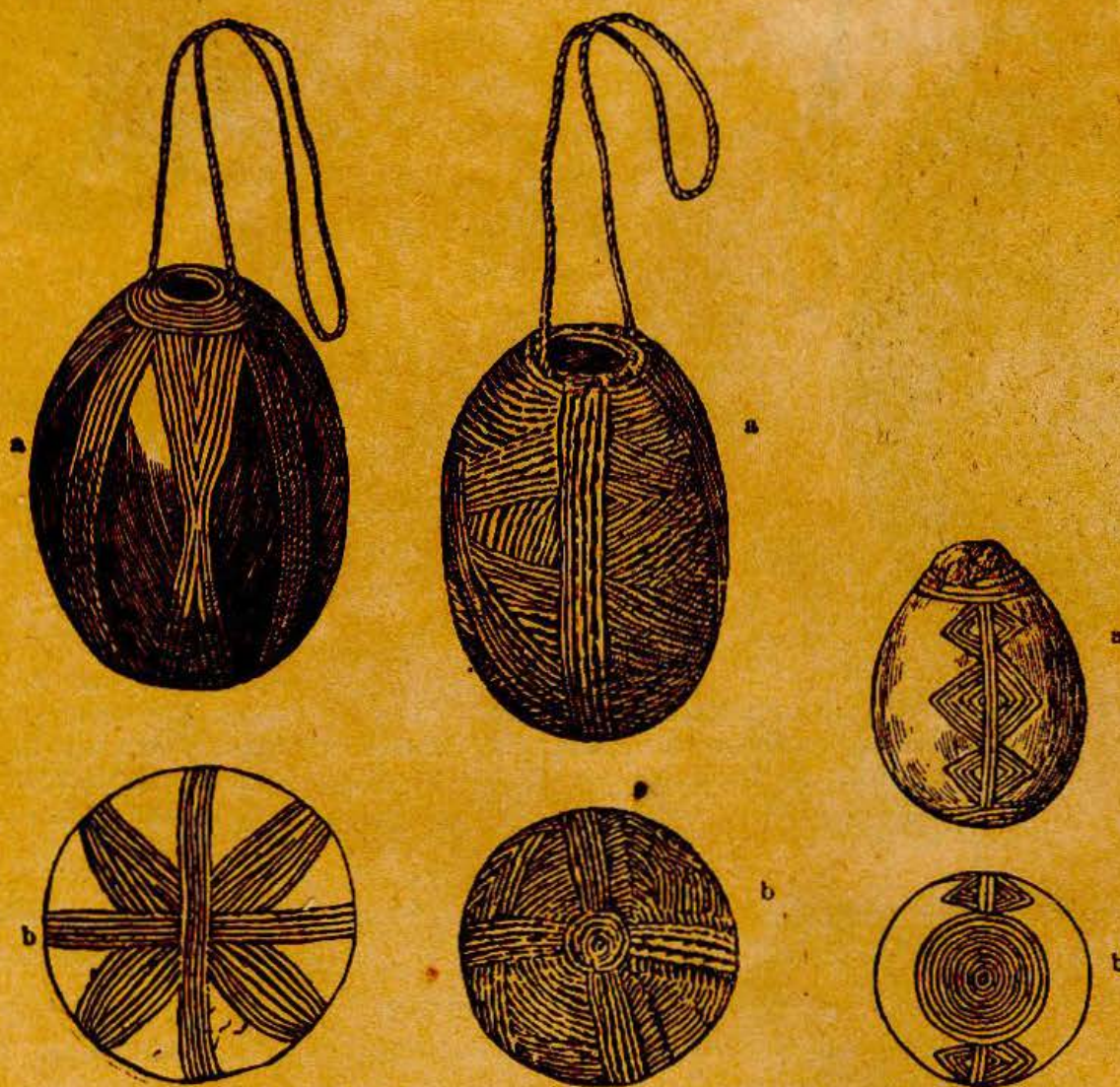



Fig. 212 a, b — Cuia para guardar penas, aberta; b) fundo da cuia

Fig. 213 a, b — Cuia para guardar penas, aberta; b) fundo da cuia

Fig. 214 a, b — Cuia para guardar penas, com tampão de cera; b) fundo da cuia

movendo para a frente e para trás o bastão apoiado no solo, e soltando gritos de *kju,* parecidos com os que se ouvem nas lutas-de-braço dos Karajá. Enquanto assim gritava, iam se reùnindo aí, os jóvens, uns vindo das casas e outros da mata, armados todos de maças ou de arco e flechas, e acocoravam-se, atrás dêle, em longa fila de dois a dois e três a três. O cacique não parava de gritar até que todos estivessem aí reùnidos. Ficavam então por aí, uns sentados e outros de pé, conversando, fumando, ou, ainda, buscando algum objeto do interior das casas. Crianças de pouca idade iam levar-lhes folhas de bananeira,

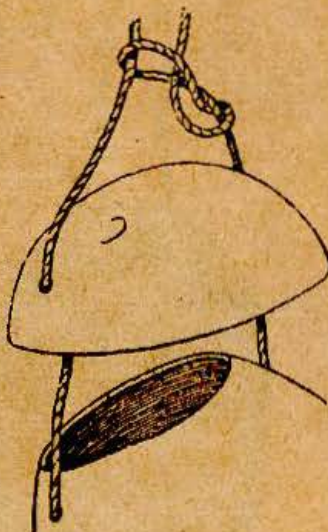



Fig. 215 a, b — Cuia para guardar penas, com tampa recortada dum pedaço de cuia; b) Pormenor do fecho.

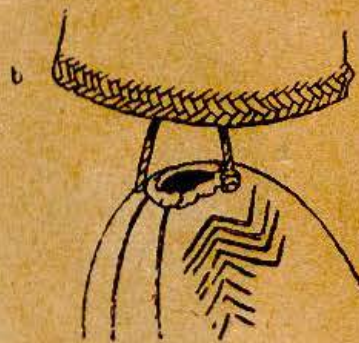



Fig. 216 a, b — Cuia para guardar penas, com tampa trançada em forma de carapuça; b) Pormenor do fecho.

com as quais faziam as suas camas; ao lado destas, acendiam, então, as pequenas fogueiras, servindo-se de tições que buscavam no interior dos ranchos. Pelas seis horas e meia cantavam, sentados, uma canção em comum; foi a mesma canção nas duas noites que entre êles passei. Procurando obter alguns informes sôbre essa cerimônia, disseram-me ser diária e que a canção se cantava por causa de uma caçada de anta; não sei, porém, se entenderam bem a minha pergunta. Terminada a canção, todos se deitavam. De manhã, antes do nascer do sol, lá pelas 5 horas,

o homem fazia ouvir os mesmos gritos. Então todos se sentavam, e ficavam por aí conversando; espalhavam-se pelas casas só depois do nascer do sol.

Quanto a utensílios domésticos, vi ainda uma poltrona constituída de um galho bifurcado. Numa outra casa, estava no chão, junto ao lado comprido e aberto que dava para a praça, um tronco de árvore que servia de assento.

Não havia outros tipos de casa. Não logrei obter clareza acêrca da existência de casas-de-máscaras fora das aldeias; alguns falavam de casas construídas a alguma distância, na mata, enquanto outros contestavam a informação.

Muitas das construções são duplas, havendo, junto ao lado que dá para a praça, uma segunda casa, mais curta que a primeira e com a abertura virada para esta. Em um ponto havia mesmo três casas dispostas em triângulo, formando, destarte, um pátio fechado. (Ver a planta da aldeia).

Nas imediações das casas observa-se falta de asseio. Veem-se aí, espalhados pelo chão, restos de folhagem, vestígios de fogueiras, cinza, lenha, restos de cosinha, cestas e outros utensílios.

A planta da aldeia, de tipo circular, está reproduzida na figura 209. As casas eram ligadas entre si por meio de caminhos; e havia ainda caminhos, que partiam do centro em várias direções, passando entre as casas. Na praça da aldeia havia várias árvores altas, nas quais viviam araras mansas e em cujos galhos a criançada trepava pela manhã. A pequena distância do lugar em que dormiam os moços, havia um círculo de chão pisado, onde as mulheres costumavam realizar as suas danças.

5. *Indúmentária* quase não existe. As mulheres andam núas desde a infância. Os homens usam, a partir da puberdade, o cartucho para o pênis (*imudjé*), trançado duma tira de folha (fig. 217). De ordinário, passam-no sôbre a glande, de modo tal que o prepúcio aparece na frente à maneira de ponta de chouriço; a borda do cartucho fica no lado inferior (prancha 62, fig. 2). Outras peças da indumentária são sandálias de couro presas a cordéis, e chapéus trançados de palha; tanto as sandálias como os chapéus remontam à influência dos brasileiros.

a

b

Fig. 217 a, b — Cartucho para o penis; b) Face inferior, vista de baixo

Em *adornos*, os Kayapó são muitos ricos, embora sejam enfeites de natureza diferente dos usados pelos Karajá.

Os botoques (*hakokakú*) são usados sòmente pelo sexo masculino, sem exceção, e sempre no lábio inferior. É ao pai que cabe abrir o orifício labial as crianças; serve-se, para isso, duma ponta de flexa (ponta óssea) e, para diminuir a dor, fá-lo enquanto a criança dorme. No orifício enfia-se um pequeno botoque de madeira, que, com o tempo, se vai substituindo por outros, maiores. Dêsses botoques pequenos obtive grande número; o comprimento dêles oscila entre 1,9 e 4,2 cm, e a espessura entre 0,2 e 0,8 cm (fig. 218 a-c). Afim de evitar que as crianças pequenas engulam o pauzinho, êste é provido, na extremidade anterior, de um envol-

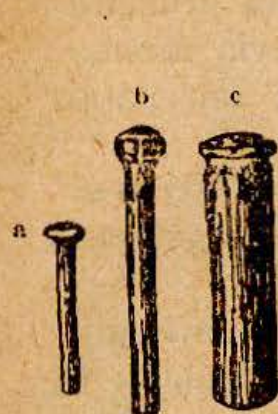



Fig. 218 a, c — Os bodoques do menor tamanho

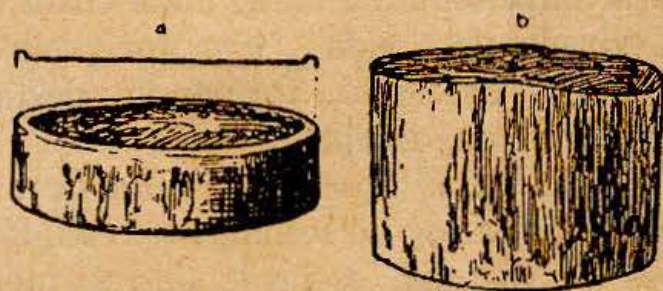



Fig. 219 a, b
a) Bodoque em forma de disco.
b) Bodoque roliço.

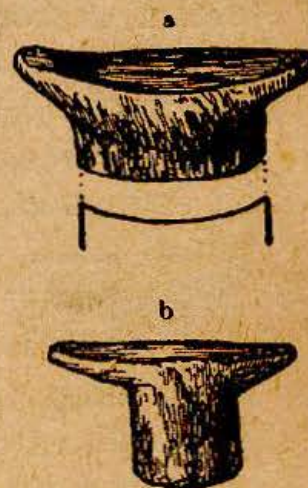



Fig. 220 a, b — Bodoques com parte bucal larga

tório de fio, para que não escorregue pelo orifício. Quando mais crescidos, os meninos usam também discos grandes ou mesmo tembetás roliços. Os discos medem 3 cm de diâmetro e 1 cm de espessura, tendo a superfície externa tingida de vermelho (fig. 219 a). Os tembetás roliços, de madeira avermelhada, têm o mesmo diâmetro e a altura de aproximadamente 2,5 cm. (fig. 219 b) Mas notavam-se também exemplares ainda maiores; alguns jóvens e meninos usavam discos de tamanho consideràvemente maior que faziam a boca avançar à maneira de focinho. Os homens casados costumam contentar-se com discos menores. Alguns exemplares, usados igualmente por indivíduos de idade mais avançada, lembram os botoques de madeira dos Karajá. Neles, a parte superior é arqueada e tem forma de chapa, enquanto a parte roliça é tingida de vermelho na superfície anterior (fig. 220 a, b). Uma parte dos botoques, usados geralmente por jóvens, mas em parte também por homens mais idosos, tem uma forma bem singular. A parte

superior é redonda, às vezes apresentando, ainda, na extremidade uma chapa terminal. A parte superior tem forma de rodela, encimada, às vezes por uma chapinha. No ponto de inserção, o botoque pròpriamente dito é muito mais delgado do que a parte superior, mas vai alargando-se, em linhas arqueadas, em direção da extremidade inferior. É todo tingido de vermelho (fig. 221 a, b, c). Em circunstâncias especiais, usam-se botoques de cristal (*kluduló*), nos quais a parte bucal se destaca, à maneira de muleta, do botoque pròpriamente dito, de forma cilíndrica (fig. 222). Os exemplares

Fig. 221 a, c — Botoques com a parte bucal destacada.

Fig. 222 — Botoque de cristal

que eu trouxe da aldeia medem 7,7 e 9 cm de comprimento; de um terceiro que está quebrado, não sei o comprimento primitivo Observam-se, porém, igualmente tembetás muitos mais longos e mais grossos. Os moços procuram o material necessário na região dos seringais, e na aldeia os homens de idade têm de trabalhar os cristais com auxílio de pedras. Em virtude do seu pêso, os botoques de cristal cansam fàcilmente aos que os usam; quando não conseguem mais segurá-los, empurram-nos, até a metade, para dentro da boca, retendo-os entre os dentes. Parece que a fala não é influenciada pelo botoque. Quanto ao fantástico enfeite labial para danças, veja-se, adiante, a descrição dos adornos especiais.

RAM
ANO 9 out-dez.
Nº 93 - 1943

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

III. OS KAYAPÓ

(continuação)

Enfeites para as orelhas são usados exclusivamente por crianças, de um e outro sexo; os adultos não usam mais adornos nas orelhas. O orifício no lóbulo da orelha (*nàkräkakú*) é feito pouco tempo após o nascimento da criança. Cedo começam a usar nêle os ornamentos: anéis de madeira, cilindros de madeira, varinhas com discos de concha e adornos de penas. Os de madeira (*hatúlu*), de 1,7 a 2,2 cm. de comprimento e 3 cm. de diâmetro são usados pelas meninas de 1 a 4 anos de idade, sendo colocados de tal modo que as aberturas fiquem dirigidas para a frente e para trás (fig. 3 a). Os cilindros de madeira [(*i*) *kläkakú*)] são confeccionados de madeira vermelha. Na parte posterior, tornam-se mais espessos, terminando depois em ponta aguda, ao passo que na frente possuem uma pequena superfície, às vêzes enfeitada com um disco de madrepérola, em que estão suspensas pequenas penas (fig. 3 b c). Nos meus exemplares, o comprimento varia

entre 9'6 e 11,3 cm., e a espessura correspondente entre 1,9 e 3,7 cm. As varinhas com discos de madrepérola (*ñob*) consistem numa haste de taquara, de 5 a 7 cm., com um enrolamento de fino cordel branco ou preto. Da extremidade posterior pende livremente uma pontinha do cordel. Na anterior, a vara possue uma cruz de tiras chatas de bambú prêsa numa camada de resina preta, sôbre a qual é colado o disco côncavo de madrepérola (4,5 a 6 cm de diâmetro). No centro dêsse disco eleva-se uma pluma ou tôda uma armação de penas. Em alguns exemplares não fôra colocada nenhuma pluma, ou então esta tinha caído. Um exemplar possue, no bordo inferior do disco de madrepérola, dois pequenos cordéis com missangas, com peninhas amarelas na extremidade (fig.. 3 d e f).

As meninas de pouca idade usam, quase tôdas, um feixe de cordéis de algodão pretos ou vermelhos a tiracolo (*halapé* ou *djarapé*). O enfeite é formado de grande número de cordéis de algodão vermelho ligados entre si, em um ou vários pontos, por um enrolamento de outro cordel (prancha 64, fig. 3). Usam-no sôbre o peito, fazendo-o passar sôbre o ombro direito e debaixo do braço esquerdo (fig. 223).

Fig. 223 — Menina com feixe de cordéis a tiracolo.

Os meninos pouco crescidos usam, às vêzes, uma espécie de tanga de fibras de imbira ou franjas de algodão. Num tipo dessas tangas (*manãklú*), há fibras largas de imbira, enodadas, num espaço de 5 cm., sôbre um cordel trançado de imbira, do qual pendem num comprimento de 16 cm. (prancha 64 fig. 4.a). O outro tipo (*kadjód, ikladí*) é confeccionado da mesma forma, de algodão tingido de vermelho. As franjas são prêsas ao cordel trançado, de modo tal que o envoltório de fixação constitue uma chapa triangular, com a ponta dirigida para baixo (prancha 64, fig. 4 b). As borlas medem 1 a 3 cm. de largura e 4,5 a 13,5 cm. de comprimento. São usados num cordel de cintura.

Os demais ornamentos, que se usam raramente, são confeccionados de penas, frutos, garras de animais, conchas e cordéis de algodão.

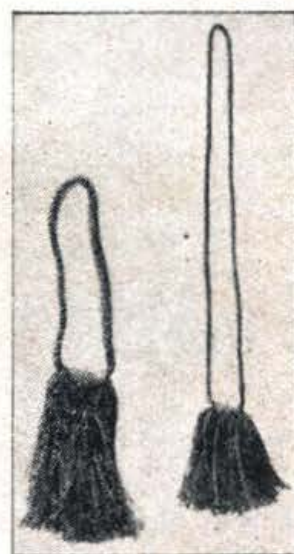
Como adôrno da cabeça usam grandes diademas (ijóko). De maneira semelhante à do diadema karajá (prancha 48, fig. 1), ligam-se firmemente, por meio de um entrelaçamento de fios de algodão, varinhas de taquara, lado a lado, de modo que constituam uma superfície. Na abertura superior dos canudinhos de taquara enfiam-se penas amarelas, enquanto nas duas taquaras das extremidades e nas duas do meio se enfiam longas plumas de arara

1. Coroa de plumas.

a

b

2. Esteira sôbre a qual dormem ou ficam sentados.

3. Feixe de cordéis usado a tiracolo pelas meninas

4. Tanga para meninos; a) de imbira, b) de algodão.

5. Disco usado no occipício.

6. Diadema usado no occipício.

7. Faixa para a cabeça.

8. Esteira de dormir.

vermelhas (pranchas 65, fig. 1). Colocado o diadema em redor da cabeça, amarram-se as duas pontas de cordel que pendem de uma e outra extremidade do bordo inferior. O entrelaçamento constitue um desenho: ora se envolvem separadamente as duas varinhas das extremidades, ora passa no meio, ao longo de todo o diadema, uma faixa estreita de fios trançados artisticamente e tingidos de vermelho. E, finalmente, o bordo superior e o inferior são limitados por fios pretos, entrelaçados de modo especial.

As coroas de penas (*kluäramú, kruiamúde, idjaká*) assemelham-se às dos Karajá, mas são confeccionados com muito mais cuidado, distinguindo-se, além disso, por uma melhor disposição das penas. São constituidas, como as do Karajá, de variegadas penas de papagaio, enfiadas num cordel grosso e dispostas de tal modo que aumentam de comprimento das pontas para o meio (prancha 64, fig. 1; fig. 224, pormenor da fixação das penas).

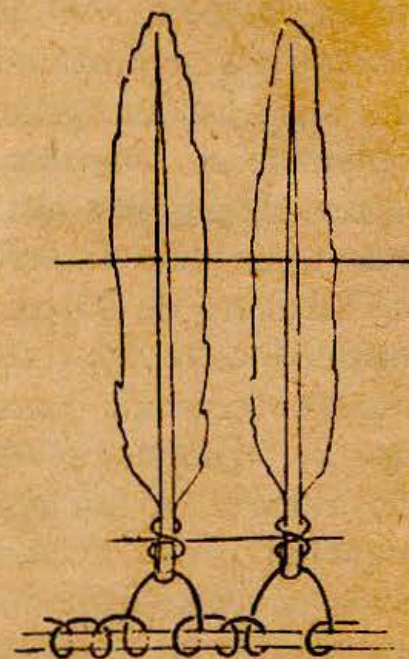



Fig. 224 — Fixação das plumas nas coroas de plumas.

A faixa para a cabeça (*krandjé*) tem uma largura de 5 cm., sendo tingida de vermelho e trançada de imbira de modo a constituir um desenho. No ponto de ligação aparecem as extremidades compridas das fibras de imbira; estas são envolvidas com um enrolamento de algodão, formando duas pontas de 7 cm. de comprimento (prancha 64, fig. 7). Põem-se as faixas na cabeça de tal modo que as pontas fiquem dirigidas para frente.

O diadema occipital (*kaulialá*) corresponde ao dos Xavajé (prancha 59, fig. 4). Consiste numa coroa de imbira, curvada de dentro para fora, sendo que o trançado constitue um desenho ornamental. No súlco externo da coroa estão fixas três filas de penas; estas, porém, não são montadas em canudinhos de taquara como entre os Xavajé, mas prêsas a fios que correm ao longo do sulco (fig. 225 a b). Das três filas de penas, a do meio é a mais comprida; em algumas de suas penas centrais estão, além disso, atadas pluminhas terminais.

Fig. 225 a, b — Pormenor do diadema occipital. a) corte transversal esquemático; b) fixação das penas no cordel.

O disco occipital (*gänkru*) consiste numa tira de taquara de 2 cm. de largura, enrolada de maneira a formar um grande disco. Em tôrno de cada espira corre um cerrado envoltório de fio de algodão que, desta forma, também as liga entre si. No centro há um orifício. O bordo é protegido por três aros de taquara sobrepostos e amarrados ao disco. Em outro ponto do bordo está suspenso um grosso cordel trançado de algodão, em cuja extremidade se encontra uma borla (prancha 64, fig. 5). Todos os fios de algodão são de côr parda: sòmente as espiras mais centrais e as mais exteriores são tingidas de preto. Os discos têm um diâmetro de 29 cm., enquanto o comprimento dos cordéis varia entre 37 e 41 cm. Êsses discos são usados juntamente com as plumas occipitais (manemukáulu), como se vê na prancha 24, fig. 2. Quanto a estas plumas, fixam-se várias delas, em posição vertical, a um cordel; em parte, têm a haste guarnecida de pequenas penas, e em parte são cobertas, na frente, com uma camada de penas diferentes e de tamanho menor. Às vêzes as penas aumentam de comprimento na direção do meio, e nestes casos as grandes plumas centrais são enfeitadas, quase sempre, com penas menores. Por entre as plumas, colocam-se às vêzes, do lado de trás, penas de outra côr, de tal maneira que as partes superiores destas recubram as plumas da camada principal (prancha 65, fig. 6; vêr também *ibid.*, figs. 2-5). A fixação das plumas entre si é feita, de ordinário, por meio de fios distendidos entre um canhão e o seguinte; num dos exemplares, êsse fio passa por um canudo fino, colocado, transversalmente entre as plumas. Em geral, empregam-se plumas de arara azues ou vermelhas, que às vêzes alternam em grupos de uma e de outra côr; raramente usam-se penas de gavião. A título de enfeite, amarram-se nas plumas peninhas de papagaio amarelas e vermelhas, bem como pequenas penas brancas. É raro encontrar sòmente 3 - 6 plumas dispostas lado a lado; a quantidade mais frequente é de 9 a 10 plumas, ao passo que o máximo encontrado é de 18 plumas de arara, uma ao lado da outra, sendo a mais comprida de 51 cm. de comprimento. Quanto aos ornamentos em que há apenas 3 - 5 plumas dispostas lado a lado, não sei dizer com certeza se são usadas como enfeite occipital ou como adereço da nuca.

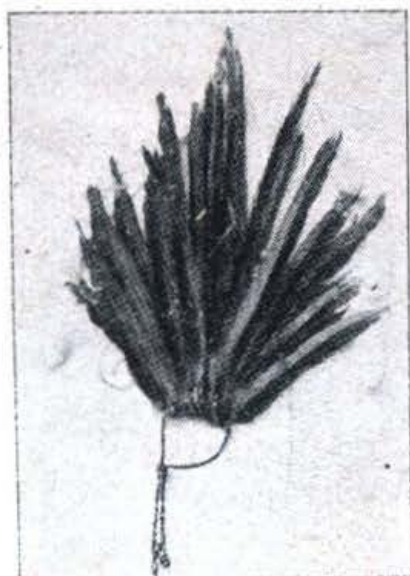
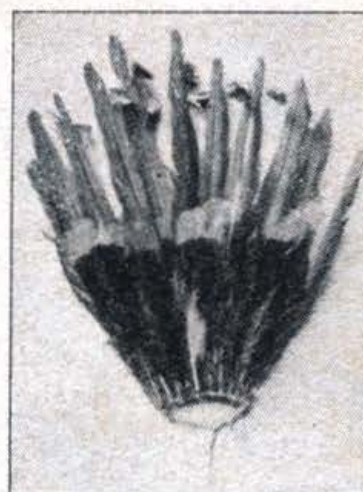
Esta última observação aplica-se também às seguintes peças (*modió*), em que há penas de ema, fixadas da mesma forma, uma ao lado da outra, a um cordel; o número de penas varia de 3 para 16. Em um caso, essas penas estão distribuidas por duas filas sobrepostas, cada uma de sete penas (prancha 66, fig. 1 b; vêr tam-

1. Diadema.

2. Penas de urubú com pluminhas presas ao canhão.

3. Duas plumas de arara com penas de cobertura e penas terminais.

4. Seis grandes plumas de arara.

2-6. Penas para o occipício.

5. Plumas de arara guarnecidas com penas terminais brancas e tornando-se maiores em direção do meio.

6. Camada de cobertura de penas de côr diferente e passadas, por detrás, entre as plumas da camada principal.

bém 1 a). Em um dos exemplares, as penas são ligadas entre si, a meia altura, por meio duma haste de taquara atravessada (prancha 66, fig. 2).

Para enfeitar a nuca, servem, de preferência, apenas fixas a um cordel que se amarra em tôrno do pescoço (*inokredjí, maniamí*); uma parte delas é montada numa haste de madeira (*kroabú*), que se amarra na nuca. A única diferença entre êsses ornamentos de penas fixadas diretamente ao cordel e as penas para o occipício é que as primeiras são em número menor (prancha 66, fig. 3 a b). Quanto ao feitio artístico, destacam-se as penas para a nuca montadas em hastes de madeira.

A haste, cujo comprimento varia entre 18 e 26 cm., apresenta, na parte que se encosta à nuca, um pequeno rôlo de madeira. Êste é revestido de um trançado amarelo e preto ou então de um envoltório de fio de algodão tingido de vermelho ou de preto. Na extremidade livre, a haste tem uma pequena coroa de peninhas vermelhas. É dessa corôa que se levantam as longas plumas de adôrno; na parte inferior, os canhões destas geralmente envolvidos com algodão branco não preparado. Tomam-se, de ordinário, plumas de arara vermelhas ou azues e menos frequentemente plumas brancas de jaburú ou de ema. Estas últimas são dispostas lado a lado em número de quatro, ao passo que as demais são enfiadas isoladamente ou, como se observa em um caso, em número de duas. Essas plumas, de 40 a 50 cm. de comprimento, são enfeitadas com pequenas penas brancas ou amarelas, que são fixadas diretamente, uma a uma ou duas a duas, no lado inferior do canhão da pluma, ou são enfiadas num cordel especial que corre ao longo da face inferior do canhão da pluma, ou, finalmente, guarnecem apenas a parte superior das plumas (prancha 66, figs. 4, 5). Observa-se uma construção diferente em um adereço para a nuca; êste se compõe de duas varas de madeira, uma ao lado da outra inteiramente envolvidads com algodão não preparado, e guarnecidas, na extremidade superior, de dois pingentes de thevetia com pluminhas amarelas (pranchas 66, fig. 6).

Além dos ornamentos mencionados, usam-se na nuca pequenas esteiras retangulares (*kubibre*), cujo trançado constitue um desenho ornamental e que são pintadas de vermelho e de verde. Dos cantos inferiores pendem feixes de fios de algodão pretos, guarnecidos, na ponta, de molhos de penas vermelhas (prancha 67, figs. 1, 2). A largura dos trançados é de 14,5 cm., ao passo que o comprimento, nos meus dois exemplares, é de 18 e de 22 cm. respectivamente. Os meninos usam, além dos enfeites referidos, borlas para a nuca, de fio de algodão vermelho (*õkledjí*). As bor-

las são prêsas às duas extremidades de um cordel trançado, êste é dobrado no meio, onde forma um laço pelo qual se enfia o cordel que corre em tôrno do pescoço (fig. 226).

São igualmente muito variados os ornamentos para o pescoço. Com frequência usam-se sobretudo borlas de penas (*iokredõ*). Num cordel fino, que é colocado em torno do pescoço e que se ata na nuca, insere-se, na parte anterior, um molho de cordéis mais grossos. No meio dêsse molho, prende-se horizontalmente um pequeno cordel, que é guarnecido, nas duas pontas, de um molho de varinhas enfeitadas com penas. Essas varinhas emplumadas apresentam diferentes formas. Em um dos exemplares estão insertas duas madeixas de cordeis sendo uma delas de cordéis de imbira torcida e a outra de cordéis de algodão torcido; ambas são tingidas de vermelho. As varinhas são revestidas de um envoltório de fios brancos de algodão, notando-se que naquelas que se prendem à madeixa de imbira está incluído um pedaço de fio preto na ponta inferior, enquanto as varinhas presas à madeixa de algodão têm êsse fio na ponta superior. Tôdas as varinhas ostentam, na extremidade, pequenas penas vermelhas (prancha 67, fig. 5). Outro exemplar tem apenas um molho de cordéis vermelhos de algodão torcido, em que estão fixadas as varinhas envolvidas com fio de algodão preto, as quais apresentam, na extremidade, três coroas de penas, uma acima da outra, na seguinte ordem: vermelha, amarela, vermelha (prancha 67, fig. 6). É mais artística a construção de outro exemplar, no qual as varinhas, de seus 20 cm. de comprimento, são envolvidos com fio preto e guarnecidos de pluminhas terminais vermelhas. No meio, as varinhas são envolvidas com longas espiras de fio, e nesse lugar estão amarradas duas verdes, uma oposta à outra e ambas com as hastes viradas para cima, onde são encobertas por uma coroa de penas vermelhas (prancha 67, fig. 7).

Fig. 226 — Borlas para a nuca, de cordel de algodão.

Colares propriamente ditos são raros. A fig. 4 da prancha 67 representa um belo colar de chapinhas de concha usadas por um homem (*ñób(e)re*). Um molho de cordeis vermelhos de algodão é revestido de um envoltório cerrado de cordel preto, e no

lado inferior do molho prendem-se a êsse cordel chapinhas de madrepérola, recortadas em forma retangular e dispostas de maneira a se encobrirem um pouco umas às outras (fig 227).

É bem singular o feitio de um pequeno colar rijo (*haketkaúlu*). Numerosos pauzinhos de 2 cm. de comprimento são colo-

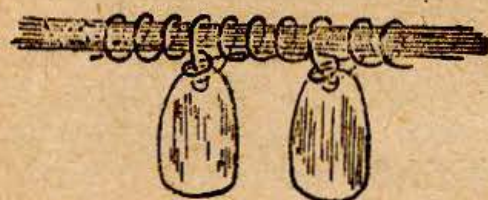



Fig. 227 — Modo de confecção do colar de chapinhas de concha.

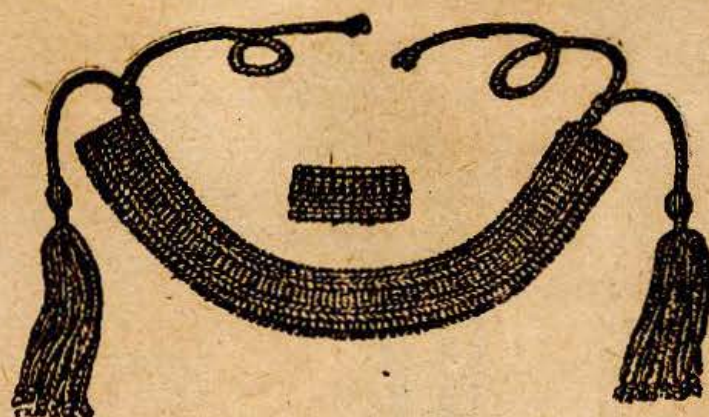



Fig. 228 — Colar de varinhas de madeira revestidas de trançados.

cados lado a lado e entrançados de maneira a formarem uma faixa cerrada; tôda a faixa consiste em duas camadas dessas varinhas. Em cada uma das pontas interiores da faixa prolongam-se dois atilhos, um dos quais é guarnecido duma borla (fig. 228).

São muito símples os pingentes para cordéis usados ao pescoço. Um exemplar (*kadjód*) consiste num colar em forma de cordel torcido, a que se prende, na parte anterior, um cordel transversal trançado que termina em duas borlas; no ponto de fixação do cordel transversal está suspensa uma pequena campainha de madeira; todo o enfeite é tingido de vermelho (fig. 229). Outro pingente (*monjakládj*) é formado de um bico de papagaio recortado em forma de triângulo, tendo os bordos arqueados e nas

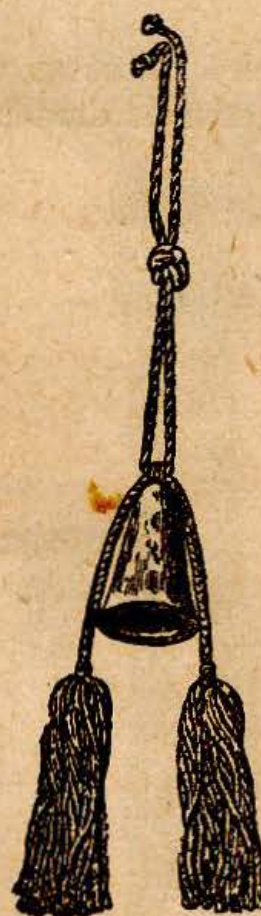



Fig. 229 — Pingente para o pescoço.

Fig. 230 — Pingente de bico de papagaio, visto de frente e de lado.

duas superfícies linhas ornamentais em forma de ondas (fig. 230). O pingente, que mede apenas 5 cm. de comprimento por 2,2 de largura, é trabalhado com extraordinário esmero

Para certas dansas usam-se adornos labiais de feitio espécial (*wiõ* ou *nolõkre*). Um bico de tucano, de 19 cm de comprimento e guarnecido de penas, é fixado, em posição vertical e com ponta para baixo, a uma haste de taquara de 29 cm. de comprimento. Em tôrno da haste, igualmente enfeitada de penas, corre um envoltório de imbira preta em forma de espirais (fig. 231). A extremidade livre da haste é enfiada no orifício labial, de modo que o bico, preso na outra ponta, fique em posição vertical. Como o dansarino não

Fig. 231 — Enfeite labial para dansas.

é capaz de manter com o lábio o pêso dêsse enfeite, puxa-se a haste, pelo orifício, para dentro de boca, segurando-o com os dentes.

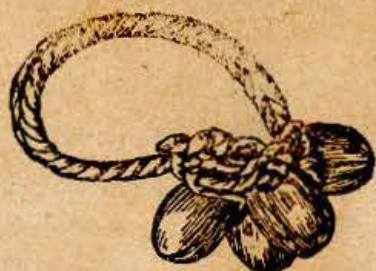
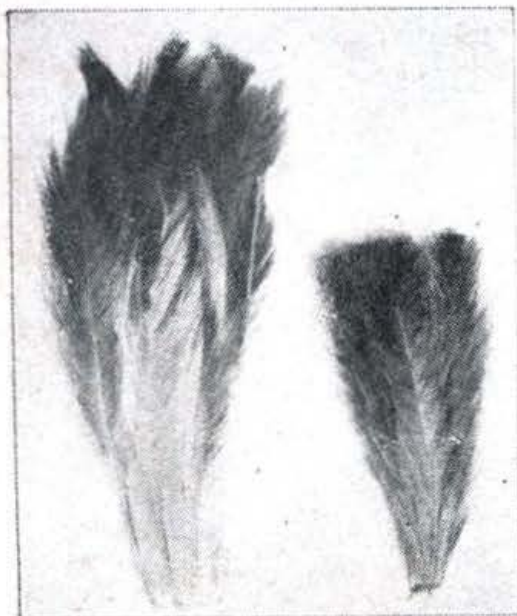
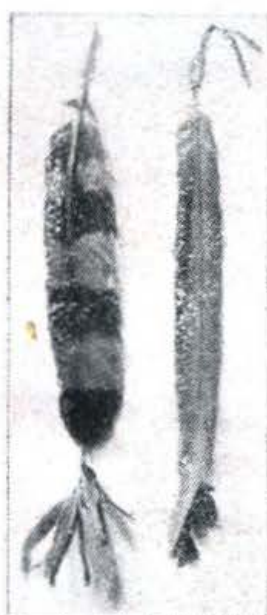
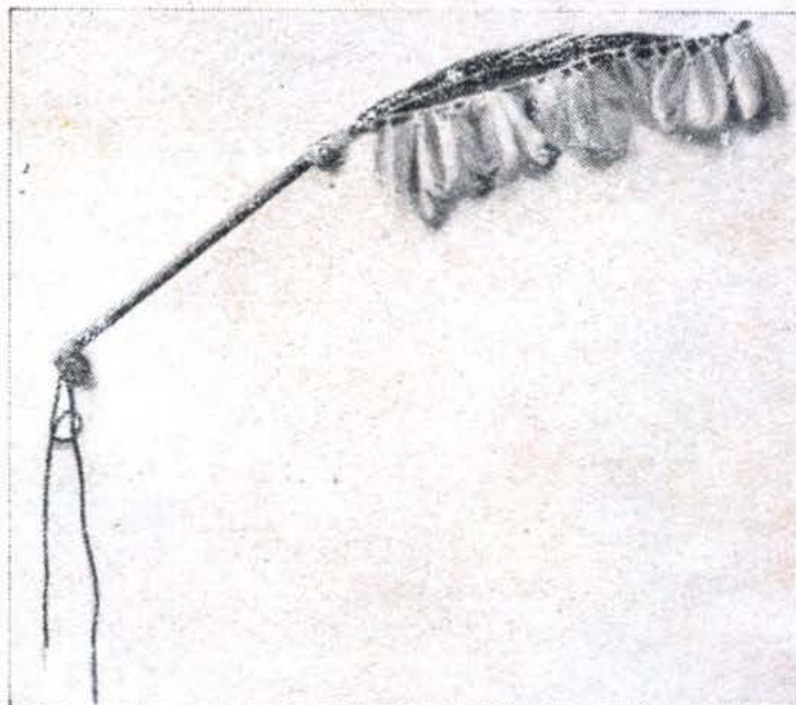



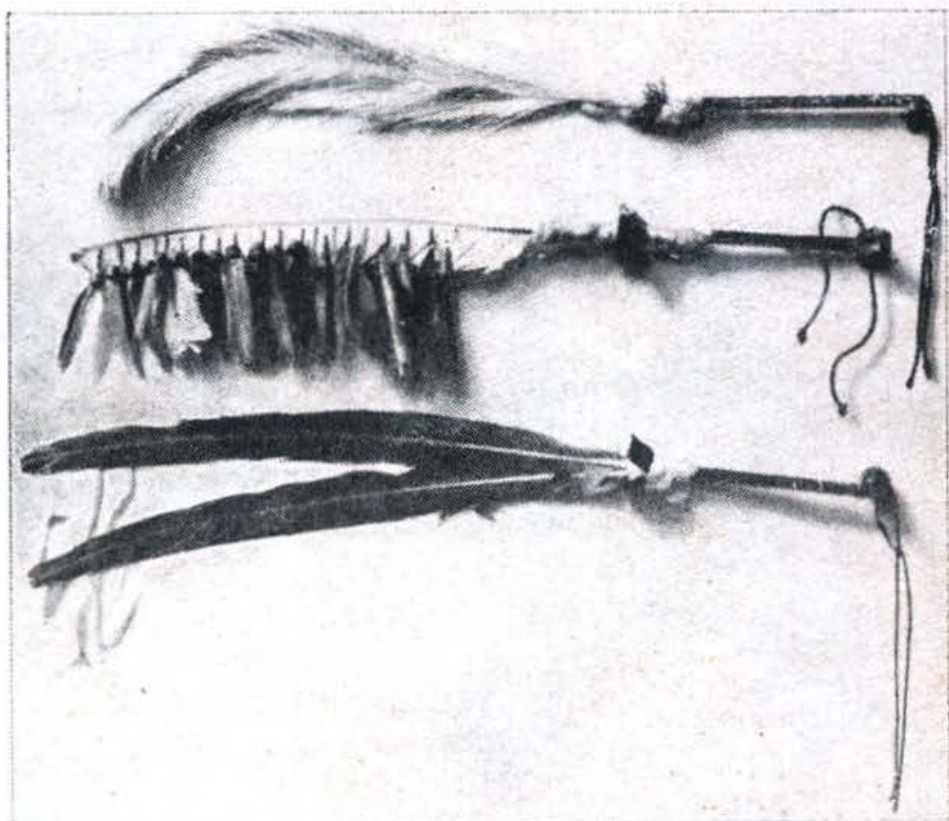
Fig. 232 — Pulseira para bebê.

Também os braceletes são de confecção relativamente simpes. Os que se usam no braço pròpriamente dito consistem numa argola de cordéis de algodão vermelhos, enfeitada com um longo molho de penas (*bidadje, babã* (*i*) *dúk*); (prancha 67, fig. 8), ou então, como no exemplar (*manãklú*) reproduzido na fig. 3 da prancha 67, com borlas de fibra de 33 cm. de comprimento, tingidas de vermelho na parte inferior. Os adornos para o antebraço são mais variados. Crianças bem pequenas usam pequenas argolas de cordel de algodão trançado e tingido de vermelho, no qual estão presos, em um ponto, pequenos molhos de frutos

Fig. 233 — Punho de algodão.

a b
1. Enfeite de plumas para o occipício.

2. Enfeite de plumas para o occipício.

4. Pluma guarnecida de cabo, usada como adôrno para a nuca.

3 a e b. Plumas para a nuca.

6. Enfeite para a nuca.

5 a-c. Plumas guarnecidas de cabo, usadas como enfeite para a nuca.

miudos (*imí; wulekó;* fig 232). Crianças mais crescidas usam punhos (*kadjód*), de algodão tingido de preto, e feitos a maneira dos punhos Karajá. Num lado encontram-se, prêsas ao bordo superior como no inferior, guarnições de franjas vermelhas de algodão (fig. 233). Ao todo, observamos, apenas 2 ou 3 pares dêsses punhos. Usam-se com mais freqüência os braceletes com pingentes de frutos ou de penas (*hulekó hü*). A base dêsses braceletes consiste sempre numa faixa chata de entrecasca, de 2,5 a 3 cm. de largura e armada em forma de anel. Em um dos exemplares corre em tôrno da faixa de fibra, e no meio dela, outra faixa de entrecasca, delgada, sendo o conjunto revestido de cerrado envoltório de algodão. Em um lado, êsse exemplar é guarne-

a

b

Fig. 234 a, b — a) Bracelete com enrolamento de cordel. b) Pormenor do enrolamento.

cido de quatro molhos de frutos com peninhas na extremidade e dispostos em forma de quadrados (fig. 234 a b). Os outros exemplares, revestidos de um trançado ornamental de imbira amarela e preta, tem sòmente um grande molho de frutos (figs. 235, 236).

É pouco comum o uso de adornos na cintura, de dois fios de algodão tingidos de vermelho e torcidos juntamente. Ví também um único exemplar do cinto com unhas de animais (*mulinjú;* prancha 67, fig. 9). Êste cinto consiste numa faixa estreita, feita com agulha de crochê, de fio de algodão; a esta faixa prendem-se cordeis de fibra, cada um dos quais passa por um canhão de pena, sendo enfeitado na ponta com unhas de animais. Também uma

enfiada circular de frutos de Thevetia (*ininkradji*) foi designada pelos índios como enfeite para a cintura. Poderia, da mesma forma, representar um ornamento para o pescoço. Não vi ninguem usá-la.

Enfeites para as penas, consistindo em ataduras de cordeis vermelhos de algodão (*kái*), torcidos em forma de madeixa e dando várias voltas em tôrno da perna abaixo do joelho, são usados apenas por crianças de um e outro sexo, mas principalmente pelas meninas. Quando mais crescidos, os meninos deixam de usá-los. Usam-se também faixas para as panturrilhas e faixas para os tornozelos (*medäbredjó*; prancha 24, fig. 1).

Para determinadas dansas, cola-se em todo o corpo, com auxílio de resina, pequena plumagem branca, que se guarda em quantidade nas cuias destinadas a êsse fim.

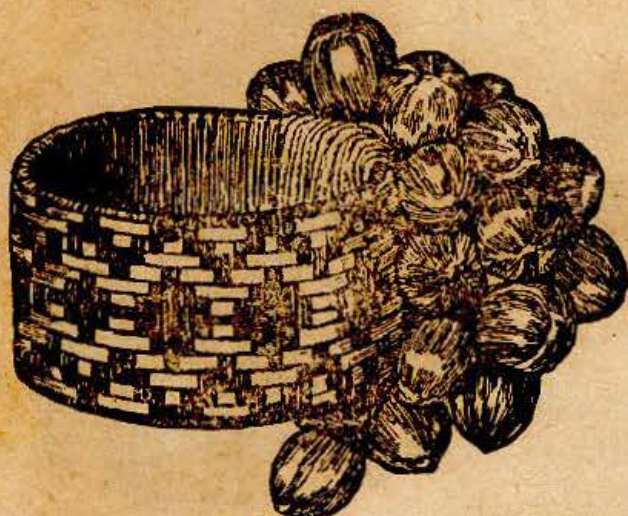
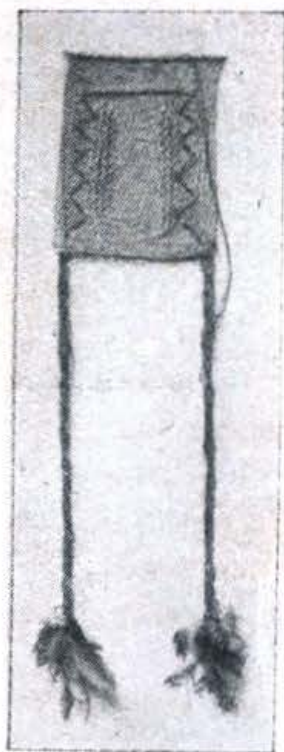
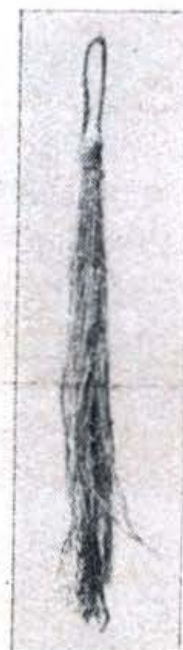
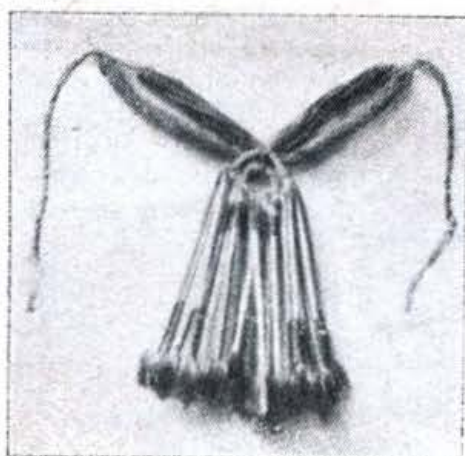
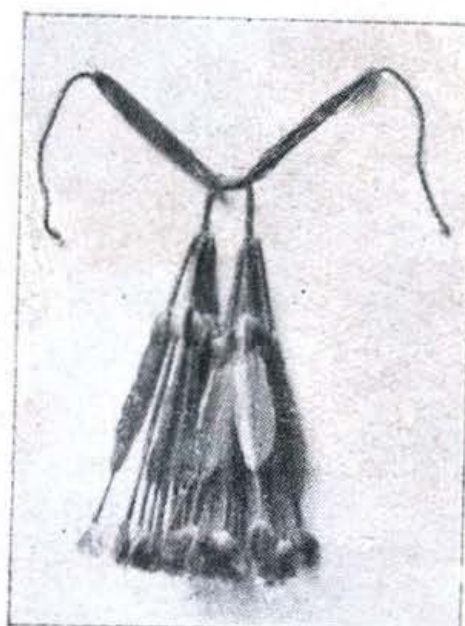
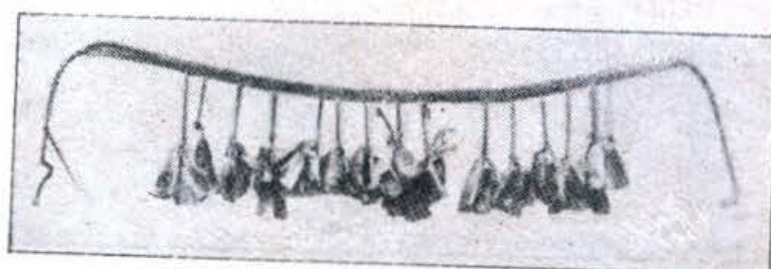



Fig. 235 — Bracelete revestido de trançado.

Fig. 236 — Bracelete revestido de trançado.

Modo de usarem o cabelo. Parece que os pelos do corpo são em parte removidos. Os pelos do rosto não se arrancam; pelo menos as sobrancelhas se conservam. Nos jovens vê-se com frequência um começo de bigodes; vários homens usam bigodes e barba. O modo de se usar o cabelo é o mesmo para todos, para homens como as mulheres, para os moços como os velhos: na parte anterior da cabeça, raspam todo o cabelo, de uma orelha até a outra. No occipício usa-se cabeleira comprida e penteada para trás (prancha 24; 26, fig. 2, prancha 62). Os homens amarram-na às vezes com imbira (prancha 62, fig. 1). No alto da cabeça avança sôbre a faixa de cabelo rapado um triângulo de cabelos de 1 a 2 cm de comprimento (prancha 26, fig. 2). Nas crianças, costuma-se enfeitar o trecho de cabelo rapado com linhas a genipapo traçadas paralelamente ao bordo do cabelo. Às vezes, a parte ainda provida de cabelo apre-

senta vários pontos tingidos a urucú dispostos em forma de coroa junto ao bordo do trecho rapado. Alguns jovens usavam uma faixa vermelha, trançada desde o triângulo de cabelos do vértice até a testa; outros tinham, como resto dessa faixa uma mancha vermelha na testa (fig. 237). Para rapar o cabelo, servem-se atualmente duma tesoura; quanto ao método antigo, não me foi possível obter nenhuma informação.

Penteiam-se com o pente (pintjúale), constituido de varinhas de madeira estreitas e pontudas, de 8 cm. de comprimento, e fixadas, lado a lado, no sulco de uma haste de taquara provida de um fio de suspensão. As varinhas são ligadas por um trançado de fio de algodão (prancha 68, fig 1). Vi um único dêsses pentes; não sei dizer se o objeto é de produção original; curioso é o nome, cuja primeira sílaba, *pint*, se assemelha à palavra portuguesa *pente*.

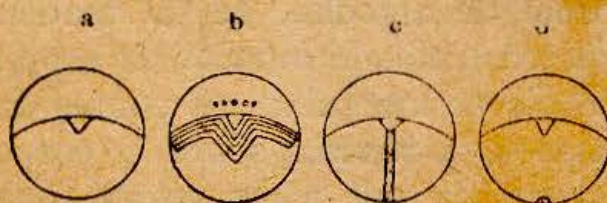



Fig. 237 a, d — Pintura do trecho de cabelo rapado (a), em crianças (b) e jovens (c, d). O pequeno triângulo (topete do vértice) tem a ponta dirigida para a testa.

Pintura e higiene do corpo. Para a pintura do corpo usam-se o urucú e o genipapo. Êste último é empregado em escala muito maior, ao contrário do que se observa entre os Karajá, que preferem o urucú. De pintura total do corpo não observei nenhum caso, mas vi pinturas ornamentais limitadas a determinadas partes do corpo. Como eu chegasse de surpresa à aldeia, só alguns dos homens estavam ainda com a pintura primitiva, com tinta preta. Só depois de algum tempo apareceram quase todos ornamentados a vermelho e a preto. A pintura da cabeça consistia numa faixa larga, de côr preta, traçada, nas duas faces, desde o canto da boca até a orelha (prancha 62, fig. 1; fig. 238 a). Também se observa pintura preta do queixo (ver abaixo). Outras pinturas do rosto eram a faixa transversal vermelha à altura dos olhos (como entre os Karajá, fig. 238 b) e a pintura total do rosto a vermelho.

Fig. 238 a, b — Pintura do rosto.

Outros havia que tinham soquetes vermelhos pintados na parte inferior das pernas. O corpo aparecia geralmente coberto de desenhos ornamentais. Para fazer linhas sinuosas, usa-se um modelo constituido da espinha dorsal duma cobra (*gánõ* (*i*); prancha 68, fig. 2). As vértebras são ligadas entre si por meio dum cordel de algodão, de tal maneira que a espinha seja movediça. Na extremidade inferior da espinha é fixada uma borla de cordeis. Depois de mergulhar as pontas das vértebras em tinta de genipapo, passa-se a matriz sôbre o corpo em zigue-zague, de modo que apareça na pele a um tempo uma faixa larga de numerosas linhas em zigue-zague (prancha 26, fig. 2: flecheiro).

A escarificação é muito usada também entre os Kayapó; o instrumento usado é uma simples dentadura de peixe (*kabodí*). Não fazem tatuagem de cicatrizes.

Tomam banho tôdas as manhãs após o nascer do sol; a essa hora, tôda a juventude da aldeia se dirige para o rio distante afim de beber e tomar banho. As mulheres trazem de lá grandes cuias com água fresca para o consumo do dia.

169

ANO 9 - V. 94 - 1944

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª Parte: Resultados científicos

III OS KAYAPÓ

(continuação)

6. *A alimentação.* Para obterem a alimentação, recorrem à caça, à pesca e à agricultura. Caçam de preferência antas, veados e porcos do mato. As armas de caça são arco e flechas; nas flechas usadas para matar aves a ponta é representada por um nó de madeira. Os Kayapó possuem grande número de cães; não sei, porém, se os empregam na caça ou não. Pescam com arco e flechas; nas flechas de pesca, as ponteiras são ganchos de osso. Segundo eles próprios afirmam, os Kayapó conhecem tambem o método de matar os peixes com cipós venenosos. A pesca lhes fornece grande parte de sua alimentação diária.

Como animais domésticos propriamente ditos poder-se-iam mencionar talvez os porcos recebidos dos brasileiros e de que há grande criação na aldeia; consomem-se principalmente por ocasião de festas. Outros animais mansos vistos entre os Kayapó: cães, galinhas e araras.

Não sei dizer se o cultivo de plantas alimentícias faz parte da primitiva cultura tribal dos Kayapó, ou se o aprenderam na missão. Os missionários afirmam em seus relatórios que foram eles que tornaram sedentários a esses índios, ensinando-lhes a agricultura.

De maneira análoga aos Suyá, os Kayapó poderiam, porém, ter chegado a ela por si próprios; neste caso, deveriam ser classificadas entre as tribus gê mais adiantadas, como os demais aspectos de sua cultura aliás parecem demonstrar. As plantações são feitas, longe da aldeia, pelos homens, que derrubam e queimam a mata; são indiscutivelmente mais limpas que as dos Karajá: haviam se removido as árvores derrubadas, as diferentes espécies de plantas, embora reunidas em grupos, estavam separadas por grandes intervalos, de modo que era facil andar no meio delas. As árvores altas se haviam poupado. Uma das roças era bastante grande e tinha a extensão de 2 km. Os kayapó cultivam mandioca, milho, batata doce, cará, bananas; como árvores frutíferas, possuem o jatobá e o coq[illegible]o; como vegetais de utilidade industrial, o urucú e o algodão. O trabalho da roça, bem como a pesca e a caça cabem ao homem, que, além disso, faz as suas armas e as obras de trançado. Tudo o mais, a colheita, o transporte e a preparação dos alimentos, a confecção de trabolhos de algodão, etc., são tarefas da mulher. Quanto ao moços, tambem aquí só fazem o que lhes apraz. As provisões de milho guardam-se em bolsas trançadas que se suspendem em armações erigidas diante das casas. De raizes de mandioca há muitas vezes uma grande quantidade nessas armações. Quanto aos demais produtos, as mulheres vão buscá-los sempre em pequena quantidade na plantação, a umas duas ou três horas de caminho. Havia, aliás, várias roças no territorio dessa aldeia; por duas delas passava o caminho que eu percorrí, mas disseram-me haver ainda algumas mais para o interior.

Preparação dos alimentos. Os Kayapó não preparam a comida por cozimento; possuiam somente poucas panelas de ferro, provenientes de Conceição; todos os alimentos são assados ou grelhados.

Produz-se o fogo com o molinilho (*álale*). A peça horizontal é um pau roliço, que se aperta contra o solo com ambos os pés. Em sua cavidade faz-se rotar um segundo pedaço de madeira, tambem roliço (fig. 239). Para manejar o molinilho, o índio fica de cócoras ou sentado. Aviva o fogo com um abano (***kuwumka**-libjelidjó*), trançado de duas folhas de palmeira com as nervuras sobrepostas; estas últimas servem de cabo (prancha 68, fig. 3).

Frutos, raizes e peixes envolvem-se em folhas, assando-os, em seguida na cinza ou grelhando-os em moquens altos. Estes

consistem em varas de 3 a 4 m de altura, levantadas em forma de triângulo, e nas quais é amarrada a grelha, a 3/4 m. acima do chão. A terceira vara pode ser representada tambem por uma árvore, na qual se encostam as outras duas (pranchas 25, fig. 1). Este último tipo encontrava-se somente na mata. Os peixes que se querem grelhar costumam-se rolar previamente em farinha de mandioca e embrulhar em folhas de bananeira. Assam a batata doce (e certamente também a caça) no forno subterrâneo. Numa cova circular, de mais ou menos 1 1/2 m. de diâmetro, acende-se um fogo, no qual se coloca uma porção de pedras. Em torno, há um círculo de pedras maiores, debaixo das quais se entalam as folhas de bananeira. Logo que o fogo tenha queimado até o fim, e aquecido as pedras do centro, põem-se os alimentos no meio destas, cobrindo tudo com as folhas de bananeira, sôbre as quais certamente se joga ainda uma quantidade de terra. Foi assim que me descreveram o processo; eu próprio não o observei, mas examinei apenas um dos fornos, abandonado na mata (fig. 240).

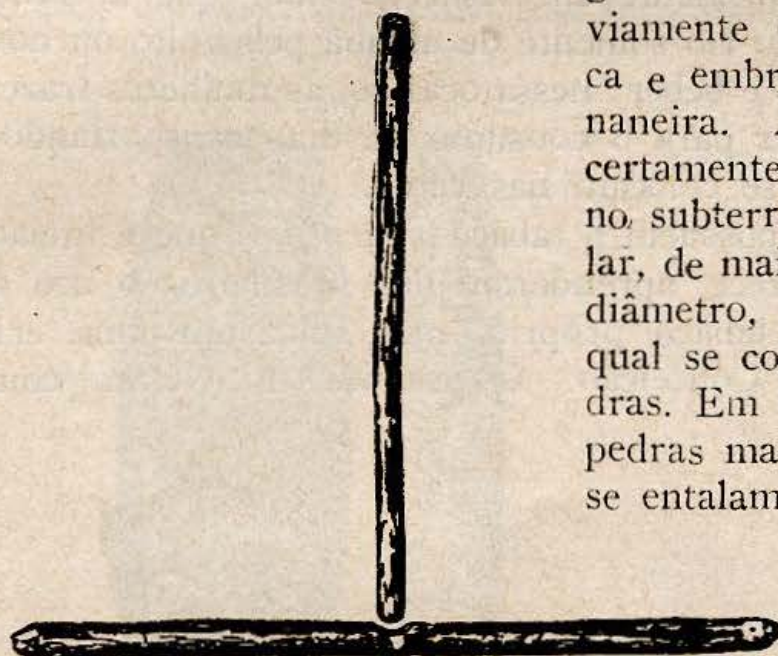



Fig. 239 — Aparelho para fazer fogo

As mulheres e as moças amassam a mandioca em grandes pilões, iguais aos dos Karajá. Não vi nenhum ralador (*rańá*), salvo um ralo moderno, de folha da Flandres, fixo a um pedaço de madeira. Espreme-se a mandioca com auxílio de tipitís, prensas trançadas; com as mãos, seguram-se nas duas extremidades, torcendo-os em sentido contrário. Essas prensas de mandioca (*klió*) são feitas de imbira em trançado ornamental; as extremidades alongam-se em forma de caudas (prancha 68, fig. 4). Dos dois exemplares que adquirí, um mede 50 e o outro 65 cm. de comprimento.

Fig. 240 — Forno subterrâneo. Desenho feito segundo fotografia

Comem em pequenas cuias ou então diretamente com a mão. Os homens e as mulheres comiam em comum, não se envergonhando

de comer em nossa presença. Tambem o meu guia kayapó comia comigo diante dos outros Kayapó. As mãos besuntadas de comida, bem como a boca das crianças, limpam-se com um pedaço de folha de bananeira.

Salvo água, não observei bebida alguma. Parece que bebem pouco, o que é muito prudente em vista do calor que aí reina. Segundo afirmam, vão ao rio somente de manhã pelas oito ou nove horas, para tomar banho e beber; nessa ocasião, as mulheres trazem à aldeia a água de beber para o consumo do dia, transportando-a em grandes cuias, que se colocam nas casas.

Como estimulante, possuem o tábaco (*karinjú*), que é fumado por todos. Ao que parece, aprenderam dos brasileiros o uso do fumo. Não possuiam tabaco próprio, mas fumavam uma erva brasileira, comprada em Conceição. Os cachimbos ou eram, como

a b

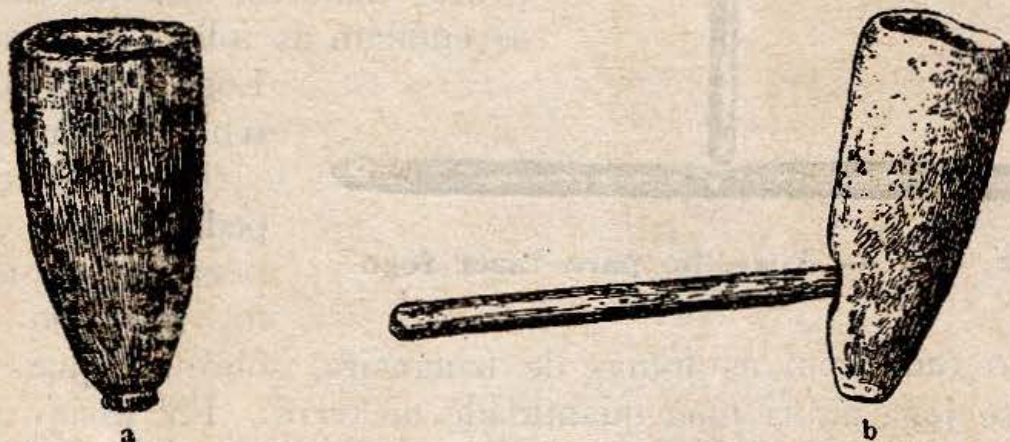



Fig. 241 a, b — Cachimbos:
a) do fruto de Jequitibá b) de argila, com canudo de aspiração

os dos Karajá, feitos de fruto de jequitibá e, neste caso, denominados *walikokó* (fig. 241 a), ou tinham a mesma forma, mas eram feitos de argila; neste caso, estava enfiado no formilho lateralmente um pequeno canudo de aspiração (fig. 241 b). Aos cachimbos de argila denominam *ñú*. Precisamente a circunstância de se fazerem os cachimbos do referido fruto permite a conclusão de que houve transmissão cultural dos Karajá por intermédio dos brasileiros. Alem disso, foi transmitida a denominação *walikokó*, na forma do idioma das mulheres, como é usada no trato com os brasileiros, e por estes quando falam com os Karajá. Tambem o fato de pedirem cachimbos ao visitante indica que primitivamente não os possuiam.

7. *Utensílios domésticos e armas.* Quanto a *utensílios domésticos* e instrumentos, cumpre mencionar ainda: machados de pedra (*kén*), de configuração alongada e cuneiforme, e corte transverso

oval, atualmente usados apenas para quebrar nozes (fig. 242 a, b). E mais o instrumento para estriar as clavas (*mulurai*), feito exatamente como entre os Karajá e os Xavajé, de um dente de cutia, amarrado na extremidade de uma taquara de 15,5 cm. de comprimento. A taquara é envolvida, de forma ornamental, com fio de algodão; a extremidade superior ostenta, ainda, duas pequenas enfiadas de missangas, cada uma terminando com a metade de um

a

b

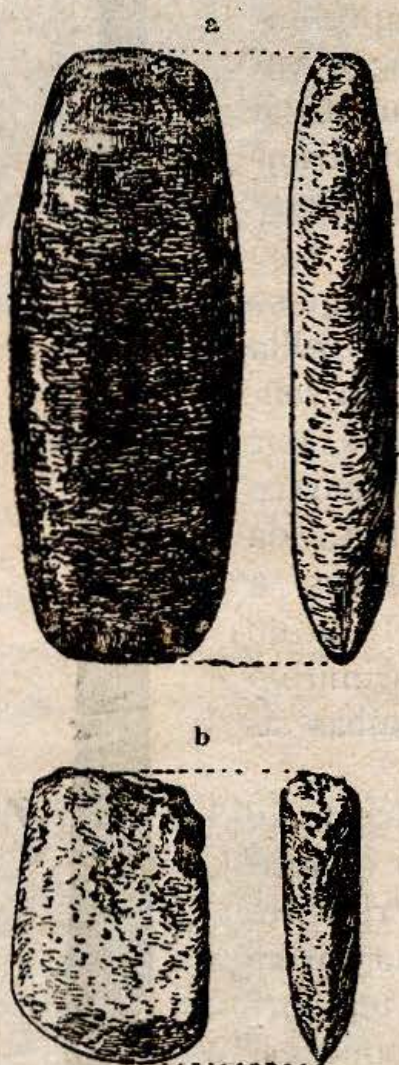



Fig. 242 a, b — Machados de pedra

Fig. 243 — Instrumento para estriar os tacapes

fruto; todo o instrumento é trabalhado com extraordinário capricho (fig. 243). A vasilha para socar ou misturar o urucú (*kauwá*) é um pedaço de tronco de árvore escavado (prancha 25, fig. 4). Um pedaço de madeira, com forma de remo e cabo destacado (*kob*; fig. 244), serve para mexer cera ou resina líquida (para obter resina de várias cores?).

Como *armas*, empregam-se de preferência clavas, arcos e flechas. Ví tambem algumas lanças na cerimônia realizada à noite; eram iguais às do Karajá.

Das clavas (*ko*), umas são roliças e outras achatadas. Aquelas são iguais às dos Karajá, com a diferença de não haver, geralmente, enfeite no rolo da extremidade do cabo. De ordinário, são estriadas de ponta a ponta, exceto as clavas para crianças, cujas estrias ocupam somente a metade anterior (fig. 245 a, b). A clava provida de ornamentação (prancha 24, fig. 2) assemelha-se muito a uma clava karajá: o rolo do cabo apresenta as tres estrias; a estriação vai somente até o meio, enquanto a outra metade é revestida de trançado preto e amarelo, cujo desenho lembra igualmente o de tipo karajá (fig. 245 c). Protege-se o trançado com pinulas de folha de palmeira, que o cobrem em sentido longitudinal, amarrados por meio de imbira. Essa clava parece ser de proveniência karajá, da mesma forma como as lanças, a não ser que neste caso se trate de elementos comuns ao primitivo patrimônio cultural de ambas as tribus.

Fig. 244 — Pá usada para mexer cera ou resina líquida.

As clavas de forma achatada, de que possuiam maior quantidade, são de dois tipos. Primeiro, há-as de bordos e ponta arredondados (fig. 246 a). O rolo não tem ornamentação; a parte que serve de cabo é estriada. A parte anterior, pintada de vermelho. No meio da arma há um cordel, pelo qual a suspendem sobre o ombro quando atiram com arco e flecha (prancha 26, fig. 2). Mais frequentes são clavas chatas de bordos esquinados e de ponta longa e arqueada (prancha 24, fig. 2). Algumas dessas não têm rolo na extremidade; a ponta é igualmente pintada de vermelho. Um exemplar (fig. 246 b) apresenta o rolo na extremidade do cabo.

Fig. 245, a,b — Tacapes roliços. Kayapó.
a) para adultos;
b) para crianças.

A parte inferior da arma é revestida de um trançado preto e vermelho, cujo desenho lembra o do tacape redondo (fig. 246 c). Em cima, o trançado tem, como remate, um enrolamento vermelho de

algodão, que termina, de um e de outro lado, com uma grande borla. Como dissemos atrás, Ehrenreich reproduz ("Beiträge", prancha VI, fig. 11) uma clava bem semelhante vista en-

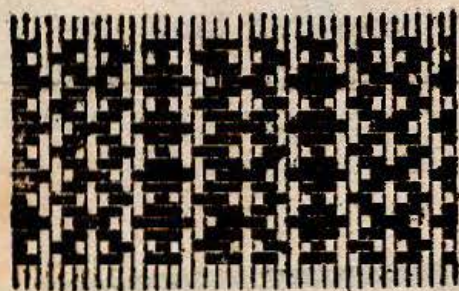



Fig. 245 c — Padrão do trançado dum tacape roliço

tre os Xambioá; é provavel que estes a tenham recebido dos Kayapó.

Arcos e flechas. A maneira de segurar e de manejar o arco é a mesma como entre

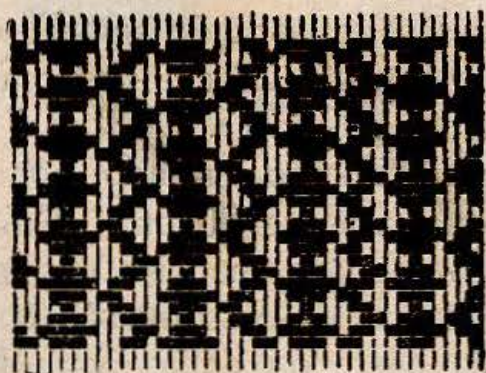



Fig. 246 c — Padrão do trançado dum tacape achatado

os Karajá. Os arcos [*djud-(j)é*] são feitos de madeira parda, medindo 137-190cm. de comprimento e 2,5 cm. de largura; o lado interno é plano, enquanto o externo ora é bas-

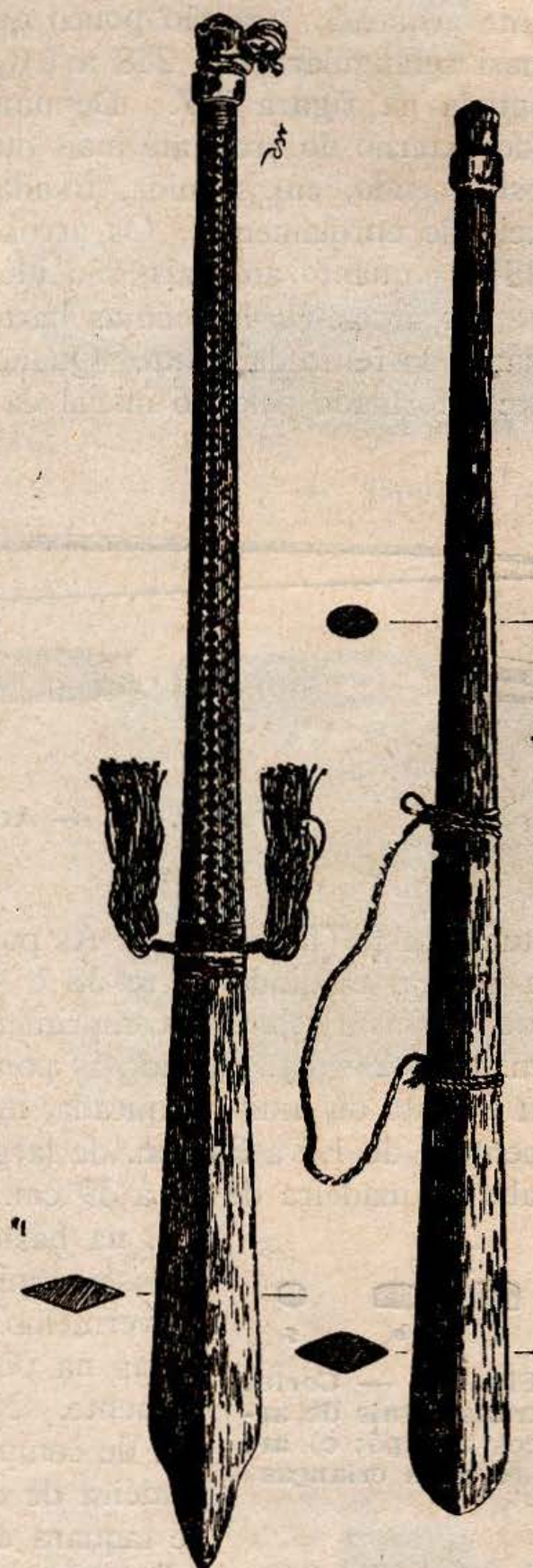



Fig. 246 a, b — Tacapes achatados. Kayapó.
a) com ponta arredondada e com alça para ser carregada a tiracolo;
b) com ponta alongada, e provida de trançado ornamental.

tante arqueado, ora tão pouco que o corte transversal é de forma quasi retangular (fig. 248 a b). A fixação da corda está representada na figura 247. De uma das pontas a corda volta, pelo lado externo do arco, até mais ou menos um terço do comprimento deste, sendo, em seguida, fixada à madeira em dois pontos por meio de enrolamento. Os arcos para crianças são redondos (fig. 248 c); quanto ao mais, são idênticos aos outros.

Os arcos (*krúa*), cujas hastes são sempre de taquara, variam quanto ao feitio da ponta. Quando a ponteira consiste num remate, este é formado pelo nó inicial da raiz da mesma taquara que cons-

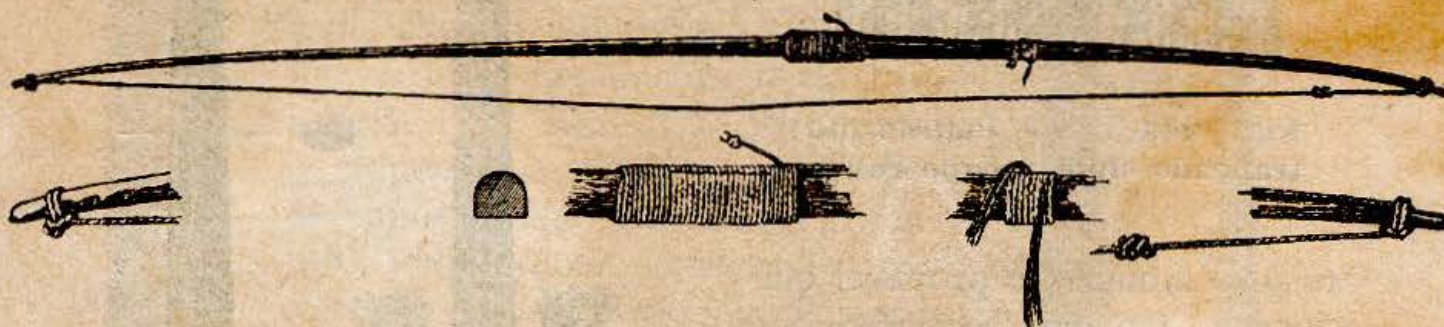
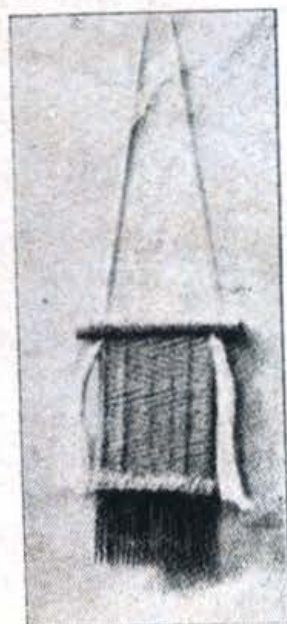



Fig. 247 — Arcos dos Kayakó

titue a haste (fig. 249 a). As ponteiras roliças são feitas de madeira escura, medindo entre 38 e 48 cm. de comprimento, ao passo que, nessas flechas, o comprimento da haste varia entre 90 e 110 cm. (fig. 249 b). Quando as ponteiras são de lasca de bambú, esta ou é chata ou muito arqueada, medindo de 20 a 28 cm. de comprimento e de 1,5 a 2,5 cm. de largura (fig. 249 c d). É fixa a um cabo de madeira de 38 a 39 cm. de comprimento, enfiado, por sua vez, na haste de taquara, de 90 cm. Em alguns exemplares, o cabo de madeira é tingido de vermelho. Ponteiras de osso ou são encaixadas na ponta da haste ou então fixas lateralmente. No primeiro caso, a ponteira, de 10 cm. de comprimento, é encaixada num cabo de madeira de cor clara, de 40 cm., fixo na haste de taquara e tingido de vermelho no ponto de fixação (fig. 249 e). Ponteiras de osso fixas lateralmente são colocadas no cabo de madeira da mesma forma como nas flechas de pesca dos Karajá, e presas com fio e uma camada de resina de tal maneira que a sua ponta posterior se salienta para o lado com pequena farpa. Em um dos exemplares a ponteira de osso é redonda (fig. 249 f), enquanto nos demais é de forma achatada. O revestimento de resina clara de jatobá é tido como mais bonito do que o

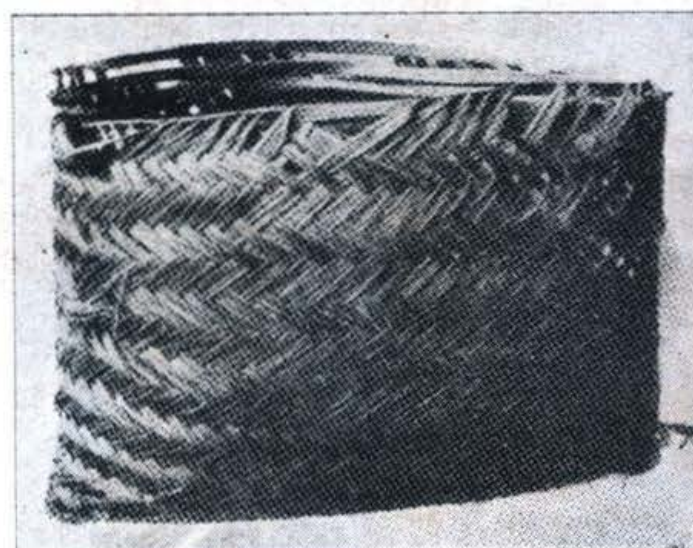
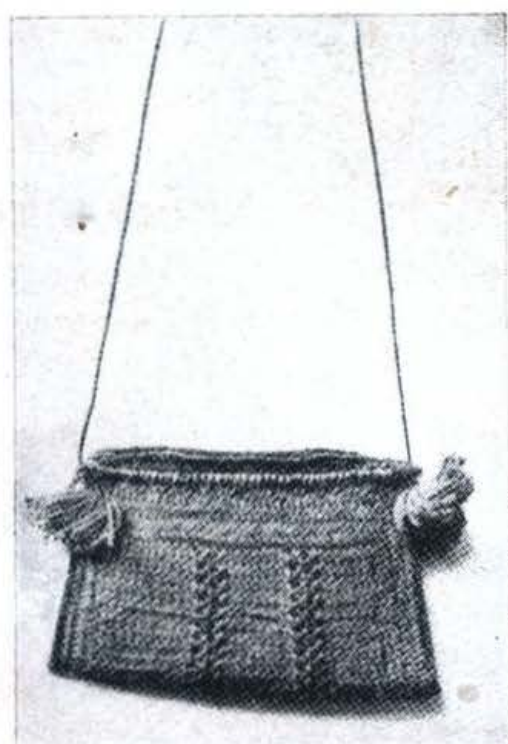
a b c

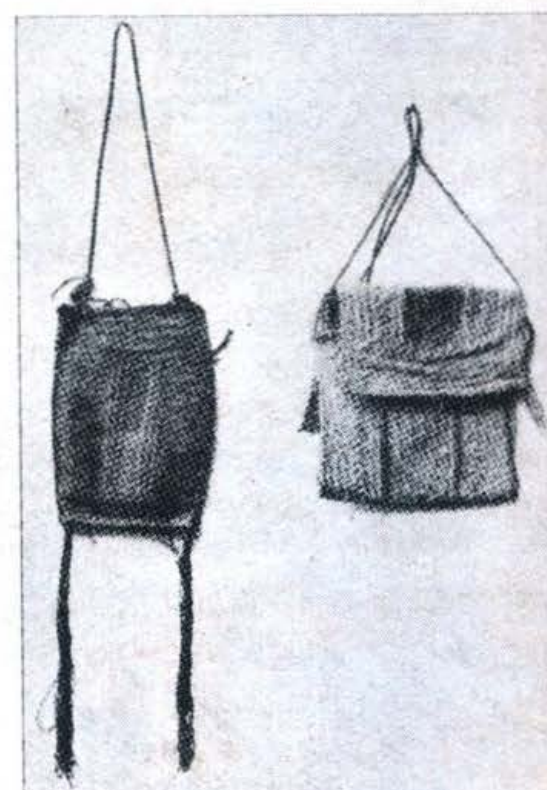
Fig. 248 — Cortes transversais de arcos kayapó; c) arco para crianças

1. Pente

2. Matriz para pintura do corpo

3. Abano

4. Tipití

5. Canastra

6. Cesta de carregar redonda

7-9. — Bolsas usadas a tira-colo.

7

8.

9.

de resina preta. Na metade próxima à haste, o cabo de madeira é tingido de vermelho. Finalmente, fixam-se tambem no cabo de madeira aguilhões de arraia de modo que constituam uma pequena farpa (fig. 249).

a b c d e f g h

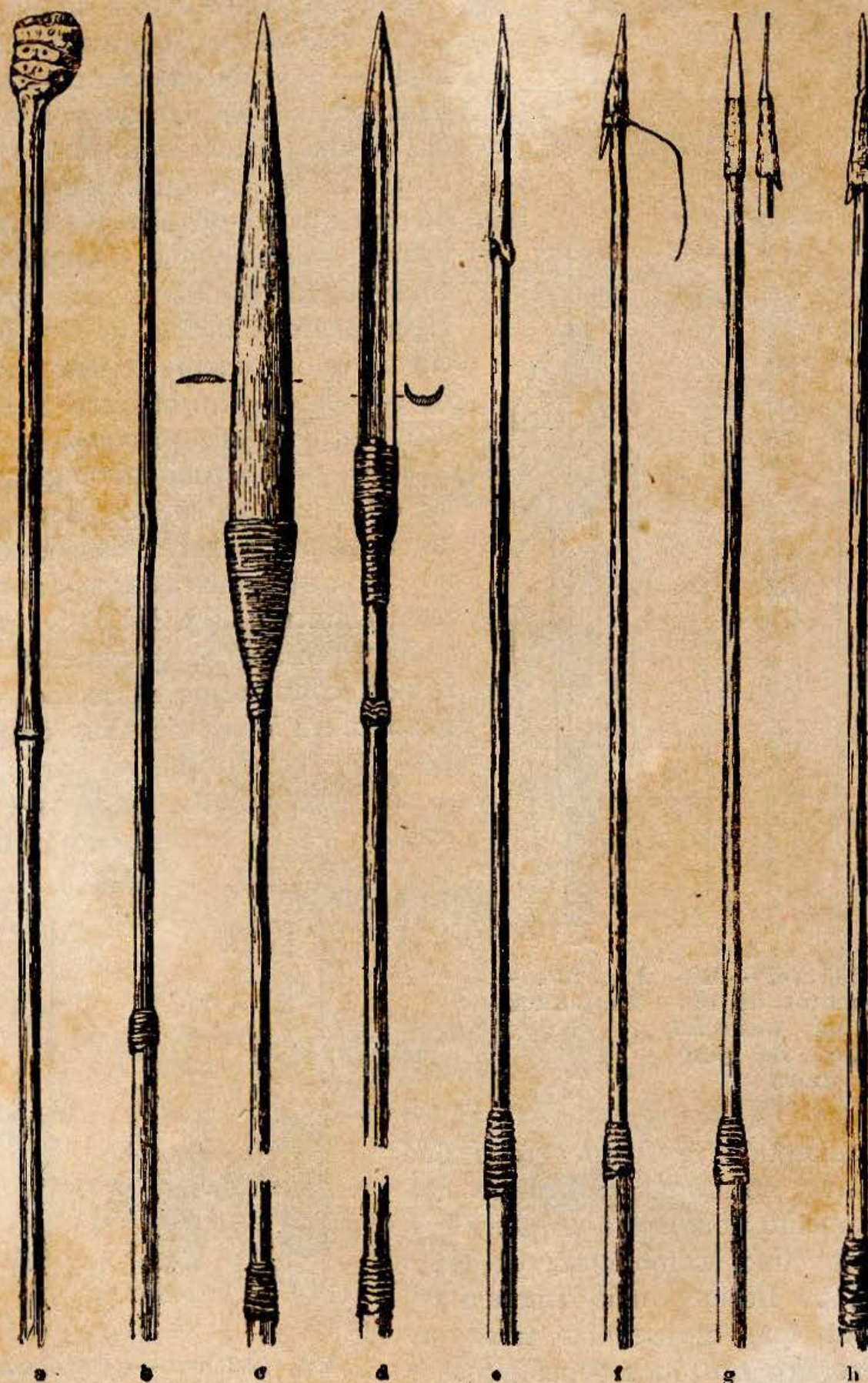



Fig. 249 a-h — Arcos kayapó

A fixação do cabo de madeira à haste é feita com um enrolamento de imbira preta, que pode ser de uma, duas ou três partes (fig. 250 a-c). As lascas de bambú são igualmente presas ao cabo de madeira por meio de um enrolamento de imbira preta.

A extrêmidade com a emplumação é guarnecida de maneira análoga à das flechas Karajá. As duas plumas são cortadas e fixas da mesma forma, notando-se, porém, que os seus raios ocupam todo um quarto de giro. O enrolamento superior da emplumação consiste, de ordinário, em fio de algodão preto, raramente branco e, em um único exemplar, em imbira de cor clara. Em algumas flechas esse enrolamento prolonga-se em espirais pelo espaço abrangido pelas duas plumas; nestes casos, faltam as peninhas vermelhas de adorno que costumam estar atadas nesse enrolamento (fig. 251). O espaço intermediário é geralmente enfeitado com verniz vermelho, que se aplica em forma de tiras de disposição e comprimento variáveis e em parte ladeadas de anéis (fig. 252 a-i). O enrolamento próximo ao entalhe é sempre feito de um fino fio branco. Quanto ao cruzamento, observam-se aqui os mesmos tipos como entre os Karajá; as flechas mais frequentes são as que apresentam três ou quatro fios cruzados repetidamente (fig. 253 a-c).

a b c

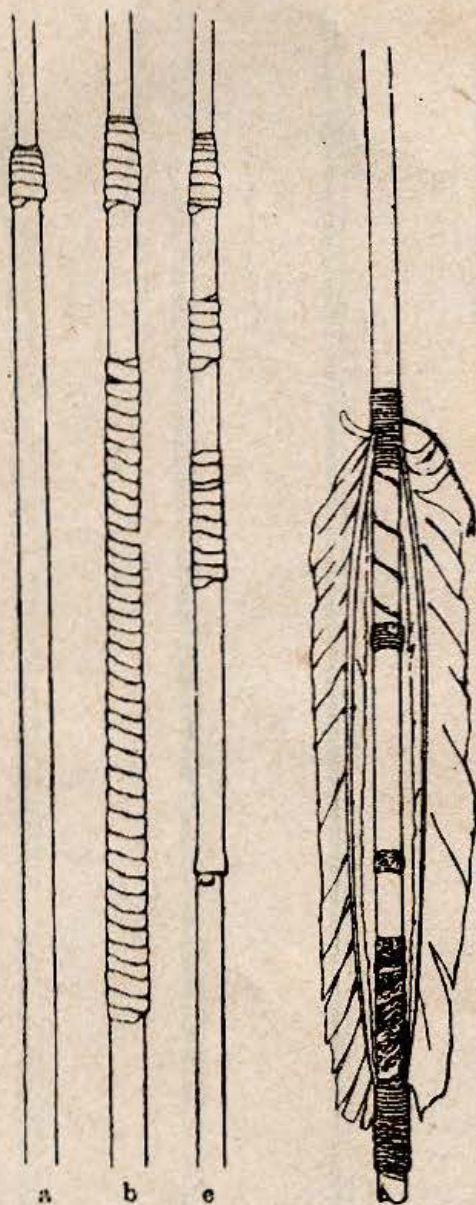



Fig. 250 a-c — Enrolamentos de imbira na inserção do cabo da ponteira

Fig. 251 — Emplumação

a b c

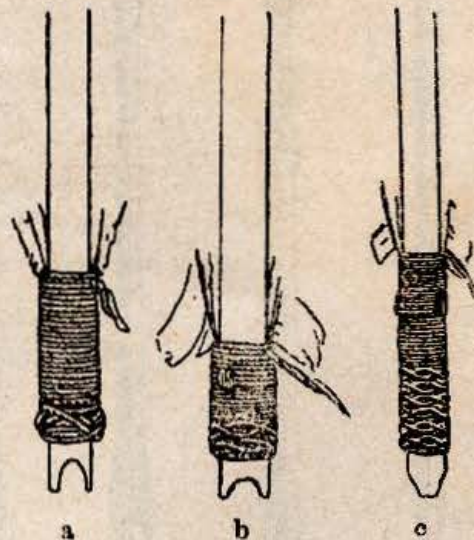



Fig. 253 a-c — Enrolamentos próximos ao entalhe terminal

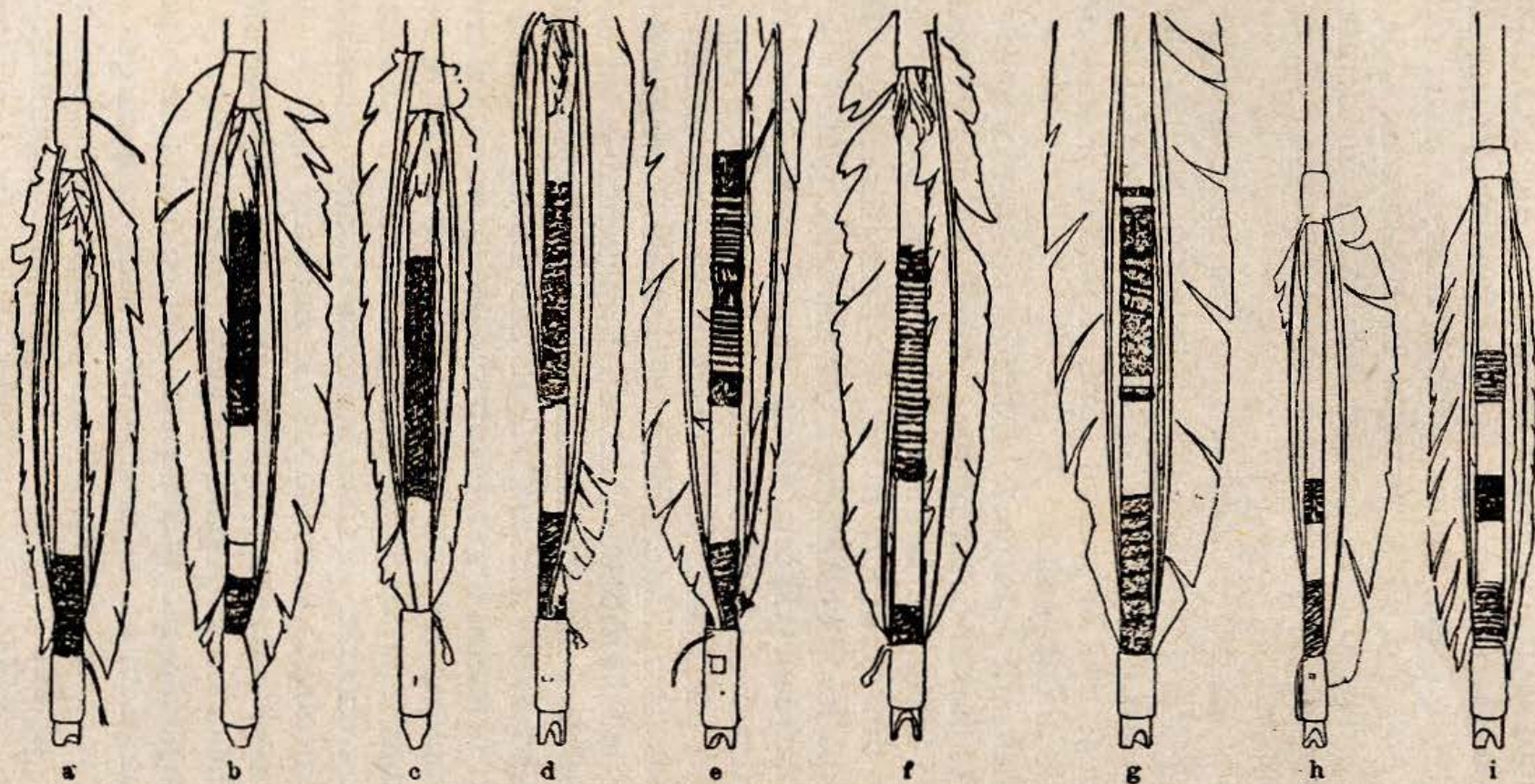



Fig. 252 a-i — Adorno da haste da flecha na parte abrangida pela emplumação.

8 *Meios de comunicação e de transporte.* Os Kayapó não possuem meios de comunicação por via aquática, pois desconhecem a navegação. Por terra, usam veredas estreitas e muito sinuosas; sobretudo na proximidade da aldeia e de antigos lugares de morada, havia grande número desses caminhos, cortando o campo em todas as direções; alguns prolongavam-se numa direção, em linha reta. Os rios e os córregos atravessam-se a pé, passando pelos váus. Sôbre o leito sêco de um riacho, de barrancos altos e íngremes, estavam colocados dois ou três troncos de árvore, formando uma ponte.

Os índios andam descalços; pelo que pude observar no caminho de retôrno, revelam pouca constância na marcha: ficavam muitas vezes para tráz para descanço, e chegaram a Conceição, um a um, umas três ou quatro horas depois de mim, embora tivéssemos partido todos juntos.

Como meios de transporte, usam faixas-de-carregar e cestas-de-carregar. As faixas-de-carregar (*iärapé, jalapé;* prancha 25, fig. 3 a b), de 5-9 cm. de largura e 2 x 46-51 cm. de comprimento, representam um trançado firme de tiras resistentes de imbira, constituindo padrão ornamental e parcialmente pintado de vermelho. Uma particularidade especial dêsse utensílio são duas nervuras que correm em torno de toda a faixa, a uma distância das orlas correspondente a um quarto de largura. Em dois pontos diametralmente opostos está fixada uma taquara em sentido longitudinal, revestida de envoltório ou trançado ornamental e de cujas extremidades pendem penas engastadas em frutos e suspensas em cordéis ou enfiadas de missangas. Essas faixas usam-se de duas maneiras, em primeiro lugar, a tiracolo de modo que a criança fique sentada no quadril, tendo a faixa como apoio dorsal, e em segundo, horizontalmente em tôrno da barriga, ficando a criança montada sobre o ventre da mãe. Faixas ainda não usadas guardam-se envolvendo firmemente as tiras largas de imbira.

As cestas-de-carregar propriamente ditas, e usadas para transportar a colheita da roça para a aldeia e para carregar a lenha que se recolhe na mata, são as cestinhas denominadas *kad* (prancha 68, fig. 5). Compõem-se de uma armação de talas largas de bambú em posição vertical, entrelaçadas horizontalmente com finas tiras de bambú. O fundo é formado pelo entrelaçamento das talas verticais das paredes. A um terço da altura, a contar da base, correm em torno da cesta duas tiras de taquara em relevo e cobertas dum revestimento de algodão. Carregam-se essas cestas com auxílio duma faixa frontal trançada de imbira, cuja fixação se estende do bordo superior ao inferior (prancha 26, fig. 2). O

tamanho das cestas é pequeno; a altura dos dois exemplares por mim trazidos mede 25 e 27 cm., enquanto a cobertura superior tem 21 e 18 cm. de comprimento por 18 e 20 de largura. Nessas cestas pequenas e bonitas, entretanto, as mulheres transportam cargas bem consideraveis.

Outro tipo de cesta-de-carregar, transportada igualmente por por meio duma faixa frontal, é a cesta redonda [*kó* (*o*), *kanikó*], semelhante às cestas redondas dos Karajá e cujo trançado constitue um desenho de linhas em zigue-zague (prancha 68, fig. 6). A altura é de 32 cm. e o diâmetro de 25 cm.

Bolsinhas-de-carregar, usadas a tiracolo, chamam-se *kálá* (prancha 68, figs. 7-9). Apresentam forma retangular, podendo ter formato transversal ou vertical. Um exemplar é provido de fecho (fig. 9). O trançado muitas vezes constitue um padrão ornamental e é em parte pintado de vermelho. Num exemplar está costurado um fio preto de algodão à guisa de enfeite, outro apresenta duas nervuras salientes (9). Ainda como enfeite, estão fixadas, nos cantos superiores de uma das bolsas, dois molhos grossos de fio curto de algodão (7), enquanto outra ostenta, nos cantos inferiores, duas borlas longas e pretas de algodão (8).

9. *Técnica.* Entre os Kayapó, ao que parece, os utensílios não são fabricados por todos os indivíduos, mas em escala grande por alguns poucos. Notei que certas famílias possuiam grandes provisões em botoques auriculares novos, outros em cartuchos penianos, em obras de trançado ou em objetos de adôrno. Quando pedia algum desses artigos, muitas vezes me enviavam a determinadas casas. Os Kayapó desconhecem a cerâmica; em compensação sabem fazer pequenas vasilhas de madeira, que os Karajá não fabricam. Do algodão fazem apenas fios torcidos, usados como cordéis. Os punhos ocupam uma posição bem isolada, sendo talvez imitação dos punhos karajá. Trabalhos de enodação não foram observados. Na confecção de obras de trançado, entretanto, os Kayapó atingiram um grau muito elevado de desenvolvimento: sabem embelezar os seus objetos pelos mais variados padrões de trançado e enriquecê-los com nervuras em relevo. Não há dúvida de que nessa técnica progrediram mais que os Karajá. Quanto aos demais aspectos de sua cultura, dão uma impressão bem mais primitiva do que estes.

Os seus instrumentos em parte ainda são os antigos; os novos que receberam são machados de ferro (*kramän*), facões pequenas facas de ferro e tesouras.

Atualmente está quasi abandonada a fabricação de objetos de pedra. Machados de pedra não se fazem mais, porquanto, substituidos pelos de ferro, agora são usados somente para abrir nozes. Quando muito, fabricam ainda tembetás de cristal; este trabalho é feito pelos homens de idade que, para isso, se servem de outras pedras.

Conchas empregam-se exclusivamente como adôrno; grandes chapas são fixadas, por meio de resina, nos botões auriculares; essas chapas possuem forma irregular, oval ou redonda, tendo os bordos polidos. No centro costumam fazer um pequeno furo, em que se podem enfiar penas. Chapinhas menores aparecem coladas na parte anterior dos grossos botoques auriculares. São muito bem trabalhadas as chapas de concha aproximadamente retangulares do colar reproduzido na figura 4 da prancha 67. São quasi todos do mesmo tamanho e têm os bordos polidos, convergindo um pouco em direção do bordo superior estreito, onde possuem um grande orifício, pelo qual passam os fios de fixação.

Quanto a trabalhos em madeira, confeccionam, alem de armas (arcos, clavas, lanças) e adereços para as orelhas, pilões e mãos de pilão, bem como pequenas vasilhas. Estas são feitas simplesmente de um pedaço de tronco de árvore, do qual nem se remove a casca. Ao que parece, os únicos instrumentos usados para fazer a cavidade são facas.

As cuias guardam-se secas e atadas em molhos, que se suspendem em varas. Ostentam, de ordinário, entalhes ornamentais (v. figs. 211-214).

Cabe aos homens fazer as obras de trançado. Como material, usam, de preferência, as pínulas de palmeira oaguassú, fibras de buriti e varas grossas. De uma pínula de palmeira fazem os estojos penianos, de camada dupla; dobram simplesmente a pínula, encaixando uma extremidade na outra. De duas folhas de palmeira confeccionam esteiras de dormir e abanos; as duas nervuras sobrepostas constituem uma das orlas. É semelhante a técnica de fabricação da cesta-de-carregar redonda.

Uma forma de transição para os trançados de imbira é a da cobertura do recipiente de penas (fig. 216), trançada de fortes talas de taquara; a trama apresenta zigue-zagues verticais e horizontais.

Dentre os trançados de imbira, o mais simples é o da esteira em que os índios dormem ou descansam sentados (prancha 64, fig. 2); apresenta zigue-zagues verticais e horizontais. O trançado denso dos tipitís é igualmente muito simples. Bem mais complicados são os trançados que os meninos usam na nuca, as bolsas que

se levam a tira-colo, as ataduras da cabeça, as faixas de carregar crianças. Os desenhos em zigue-zague são executados em direção vertical e horizontal, e em diferentes tamanhos, alternando-se quanto à direção e à forma. A isso acrescem nervuras postas sobre o trabalho e, finalmente, entremeios a crivo e trançados. Por meio de pintura com tinta vermelha, aplicam-se ainda outros desenhos sôbre o objeto. É tambem de trançado de imbira a argola do diadema occipital (prancha 64, fig. 6), cujas malhas formam um desenho em zigue-zague. É essencial a dobradura do trançado, feita de modo tal que resulte um sulco aberto na direção da margem exterior. (Compare-se este adereço com o enfeite xavajé, descrito em capítulo anterior).

ANO 9 — V. 95 — 1944 (FINAL)

NOS SERTÕES DO BRASIL

(Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

DR. FRITZ KRAUSE

Tradução de Egon Schaden

2.ª parte: Resultados científicos

III Os Kayapó

(continuação)

Trançados de revestimento, de imbira (*nráu*) e taquara, observam-se nos braceletes, nas clavas, e nas hastes das plumas usadas na nuca. Nos braceletes, as talas de bambú, de côr clara, correm em direção horizontal, enquanto a imbira preta é vertical; nas clavas e nas hastes de plumas para a nuca, dá-se exatamente o contrário. Os desenhos formados pelo trançado não são complicados. Das hastes de plumas para a nuca, uma apresenta o padrão simples de xadrez, enquanto o desenho da outra consiste em quadrinhos dispostos em forma de espirais obliquas. Nas clavas observam-se desenhos em zigue-zague, que ou correm paralelos ou se tocam pelas pontas, dando origem a espaços rômbicos, ocupados por figuras igualmente rômbicas. Cumpre mencionar aquí o trançado de taquara das canastras, cuja armação consiste em talas largas de imbira em posição vertical, entrelaçadas com tiras horizontais. A ourela é guarnecida dum envoltório de imbira preta.

De igual maneira faz-se uma parte dos trançados de algodão. Nos grandes diademas (prancha 65, fig. 1) e no colar (fig. 228) veem-se bastõezinhos de madeira ou taquara trançados da mesma forma com fios de algodão. Vale o mesmo para os discos occipitais (prancha 64, fig. 5), que apresentam talas de taquara enroladas em forma de espiral e atravessadas, de modo idêntico, com cordel de algodão. Um trançado ornamental nota-se, porem, no pente (prancha 68, fig. 1), no qual os fios de algodão são entrançados em forma de grandes zigue-zagues. Nos braceletes aplica-se uma técnica mais simples. A base consiste numa larga faixa de imbira, que, num dos tipos, apresenta um revestimento de fibras de taquara amarelas, enroladas em sentido horizontal e nas quais estão entrançadas, externamente, listas de imbira em sentido vertical e em forma de espiras (figs. 235, 236). O outro tipo apresenta um cordel de imbira redondo, que, colocado em volta da faixa de imbira, a igual distância dos bordos, segura a argola; nessa armação está enrolado, em espiral, um fio vermelho de algodão, que, em cada volta, dá um laço especial em tôrno do cordel de imbira da superfície (fig. 234).

Os trançados que revestem os cabos dos instrumentos de estriar clavas e as plumas para a nuca formam desenhos mais simples, de linhas em zigue-zague.

Os punhos (fig. 233) constituem uma exceção. Não sei dizer como são confeccionados. Entre os Kayapó não ví agulhas de croché como as dos Karajá; todavia, o trabalho é de tipo quasi idêntico ao que se observa entre êstes últimos. Somente as guarnições de franjas são diferentes das borlas de cordéis que guarnecem as ligas dos Karajá. É que em cada um dos sulcos formados pelas ourelas se encontra um fio de algodão, de uns 3 cm. de comprimento, preso, em cima e em baixo, pelas pontas, que atravessam a orla, e no qual estão amarrados, um a um, os cordéis de algodão que formam as franjas. Êsse adereço era raro; ao todo, só vi dois ou três pares. O cinto (prancha 67, fig. 9) representa um trabalho de croché de tipo semelhante.

De um modo geral, portanto, os trabalhos feitos de algodão, que se planta na roça, não vão além da confecção de cordéis. Para isso, usam-se fusos (*kuluano, kruanó*). A haste espêssa-se ligeiramente em direção da extremidade inferior; abaixo do tortual forma-se uma secção por meio de um ou dois entalhes. O comprimento varia de 26 a 45 cm. O tortual é de pedra (*mulukó*) ou argila. Quanto à forma, apresentou planos paralelos e arestas agudas, ou superfícies ligeiramente convexas. O tortual de pedra (fig. 254 a) é enfeitado com ornamentos esculpidos na superfície do bordo, enquanto o de argila (fig 254 b) os apresenta

no plano superior. Nos discos de planos paralelos, o diâmetro varia de 5 a 5,5 cm., e a espessura de 0,9 a 1,2 cm, ao passo que nos biconvexos o diâmetro mede entre 6,6 e 7 cm, e a espessura entre 1,6 e 2,6 cm. Adquiri também um disco de argila amarela (*nú*), com forma de tortual, mas sem orifício; os índios, contudo, o designavam como tortual (fig. 254 c)- Os fios [*kadjód* (-*kurã*)] torcidos com auxílio dos fusos empregam-se para entrançar os objetos acima indicados, ou então são reunidos em madeixas, que servem de enfeite, como ligas para as panturrilhas, ligas para o braço, cintos de cordéis usados a tiracolo, e, borlas para a nuca. É singular o modo de confecção do colar de chapinhas de concha (fig. 227). Em tôrno do feixe de cordéis, que serve de base atilho, corre, como revestimento, outro cordel, enrolado em espiras bem juntas uma da outra; essas espiras prendem igualmente as chapinhas de concha. Dos cordéis muitas vêzes também se fazem tranças, como, p. ex., se observa no bracelete (fig. 232) e no penduricalho para o pescoço (fig. 229). Formações de franjas e de borlas são também freqüentes. No bracelete (prancha 67, fig. 3), as fibras de imbira são penduradas simplesmente sôbre o cordel, e enroladas, em cima, com vários cordéis transversais. E' original a confecção das pequenas tangas de cordeis e de franjas de imbira (prancha 64, fig. 4), onde os diferentes fios são colocados em forma de feixe em posição paralela ao cordel da cintura, ao qual são ligados, no meio, com um cordel especial de tal modo que resulte uma chapa triangular, da qual caem as franjas

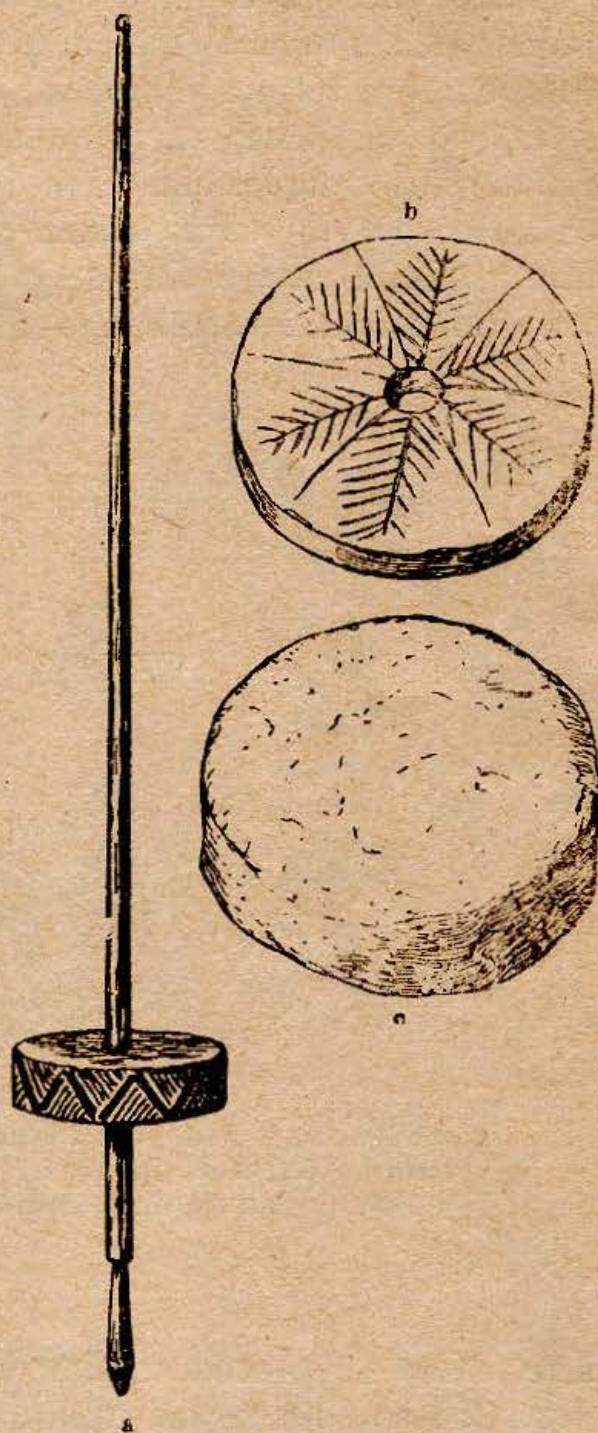



Fig. 254 a-c — Fusos.
a) fuso de pedra, enfeitado;
b) fuso de argila, enfeitado;
c) disco de argila.

de um e outro lado. Borlas propriamente ditas são as que se usam como adereço para a nuca (fig. 226). O cordel trançado ou continua diretamente como guarnição de franjas, depois de formar um pequeno botão, ou então faz-se um botão de borla propriamente dito, passando um atilho em tôrno da parte superior das franjas; esta última é também a forma observada entre os Karajá.

Quanto à técnica plumária, não há muito que dizer. O modo de fixação das penas varia muito. Para prendê-las a cordéis, ou amarram-nas simplesmente em forma de molhos por sua vez atados ao cordel, ou então fixam-nas isoladamente, uma ao lado da outra. Neste caso, dobra-se o canhão das penas, passando-o em torno do cordel e amarrando a extremidade do canhão na outra

a b c d

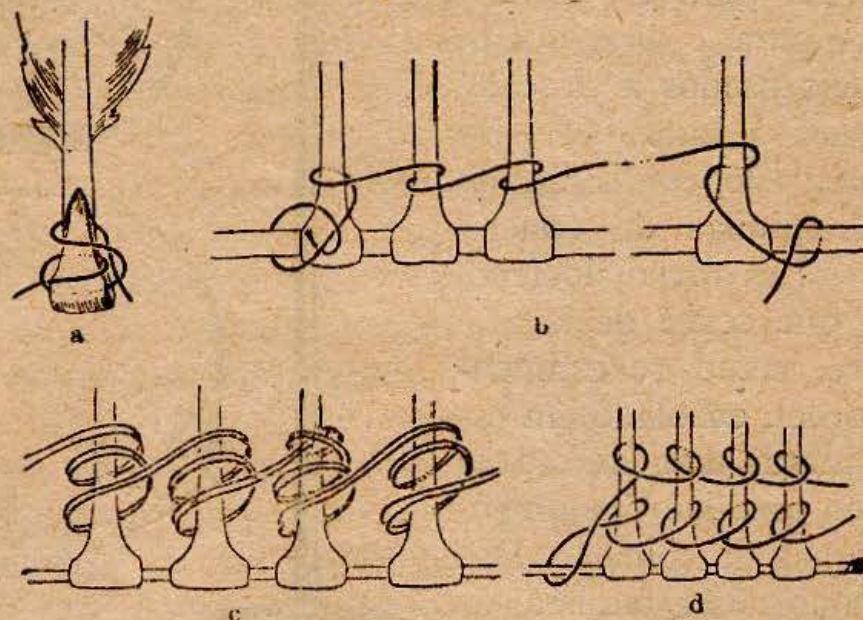



Fig. 255 a-d. — Fixação de penas a cordéis.
a) Pluma para a nuca; b) c) plumas para o occipício;
d) penas de ema como adôrno do occipício.

parte. Ora se procede assim com todas as penas separadamente (fig. 255 a), ora se faz um só atilho correr de haste em haste e formar um laço em cada pena (fig. 225 b-d). Há ainda outro modo de fixação, no qual se dobram os canhões das penas, amarrando-os com um cordel; abaixo dêsse cordel suspensório corre outro, que, passando por entre as pontas dobradas das hastes, corre, entre uma pena e a outra, a um grosso cordão transversal, onde é preso por meio de enrolamento (fig. 224).

Fixam-se as penas às hastes de taquara, enfiando-as simplesmente em cima na abertura, ou prendendo-as primeiro a um pedacinho de pau, que se engasta na taquara. Tratando-se de plumas

grandes, êsse ponto de inserção é sempre revestido com um envoltório de algodão não preparado. A fixação das plumas em bastõezinhos é feita com um simples enrolamento de fio (fig. 256 a), enquanto nas chapinhas de concha das varinhas auriculares são enfiadas pelo orifício central e presas na camada de resi-

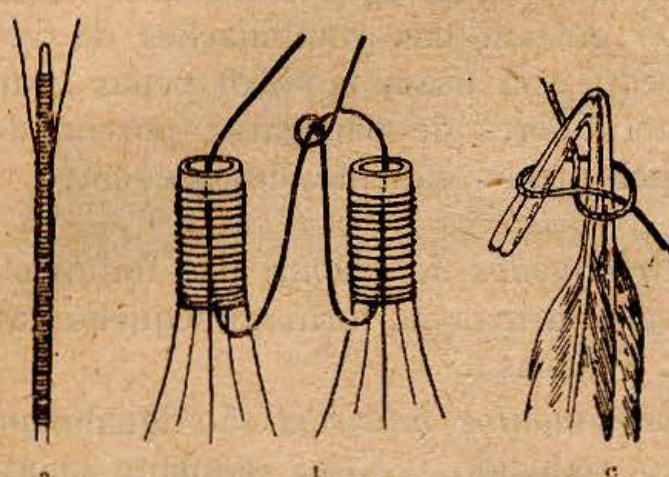



Fig. 256 a-c — Fixação de penas a bastões (a b) e à ponta dum cordel (c).
a) Borla de plumas para o pescoço;
b) bastão com roseta;
c) trançado para a nuca.

Fig. 257 a-b — Penas com encaixe dum fruto (a) e duma unha de animal (b).

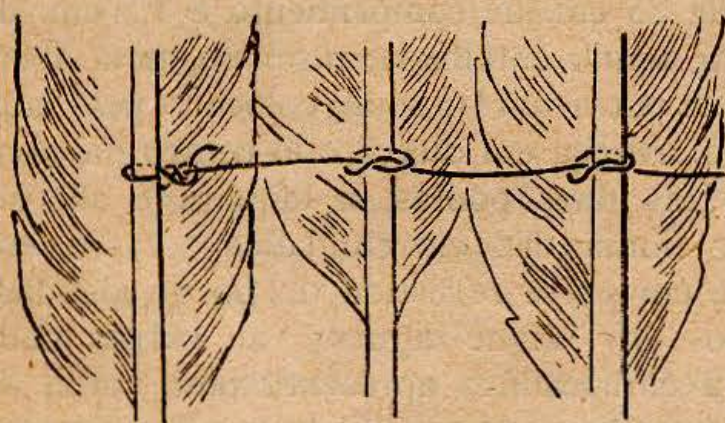



Fig. 258 — Penas juxtapostas ligadas por meio dum cordel passado, de canhão em canhão, entre as barbas das penas. (Adôrno para o occipício).

na. Também aquí fazem-se rosetas, dispondo as penas em torno das varinhas (fig. 256 b). No diadema occipital (fig. 225 a) correm três cordéis correspondentes às três camadas de plumas e em que estas são fixadas da maneira acima descrita. O modo de fixação das penas em pontas de cordéis é visível na fig. 256 c. Através de frutos e de unhas de animais passam-se cordéis a cuja extremidade inferior se prendem as penas (fig. 257 a b). Em plumas grandes fixam-se geralmente outras, menores, amarrando-as uma a uma ou duas a duas; às vêzes corre ao longo da haste um cordel especial em que estão atadas as pluminhas. Nos orna-

tos planos, as plumas fixas uma ao lado da outra são ligadas entre si ora por um fio que passa de haste em haste, entre as barbas das plumas (fig. 258), ora por um fino bastãozinho enfiado em cima, entre as barbas das plumas (prancha 65, fig. 6), ou em baixo, entre as hastes (prancha 66, fig. 2). Quanto à combinação das cores, os adereços são menos variegados do que os dos Karajá. Também os Kayapó gostam das combinações de vermelho e amarelo; mas com freqüência usam também penas brancas como pingentes. Penas multicores de papagaios, porem, desempenham entre eles um papel menos saliente do que entre os Karajá.

10. *Brinquedos de criança* não foram observados, salvo armas em formato pequeno (arcos flechas e clavas).

Os *instrumentos musicais* são igualmente em número reduzido. Notei somente chocalhos de cuias [*ñotá* (*i*) *d*]. Estes ostentam, porém, geralmente obra de entalhe; abaixo da cabeça, a haste é provida de um enrolamento de algodão, enquanto em cima ela se salienta um bom pedaço, tendo à ponta superior enfeitada de penas (fig. 259). Era bem rara a flauta de taquara (*hoi*; fig. 260). Consiste numa taquara, de 25 cm. de comprimento e 1,5 cm. de diâmetro, tendo entalhada, no meio, uma abertura onde entra um nó, que, colocado pelo lado de baixo, avança em direção do centro da cavidade. Nas duas pontas, a taquara é aberta; sopra-se numa das extremidades. O instrumento é em parte revestido de fio de algodão, enrolado em zigue-zagues; a extremidade oposta à embocadura apresenta uma coroa de penas vermelhas (1). Disseram-me que se usam os maracás por ocasião de danças. Não consegui saber com toda certeza se realizam também dansas de máscaras. Os índios fizeram algumas alusões nêsse sentido. Cantaram também várias *canções* diante do fonógrafo, que disseram ser as da dansa do aruaná; e também a canção *meitóro*. Ao todo, consegui gravar cinco cilindros de fonógrafos com melodias e provas linguísticas. Os Kayapó ace-

Fig. 259 — Maracá de cabaça.

(1) — Falaram-me ainda da trombeta de cuia (injoi), cuja flauta de taquara é fixa, com resina e envoltório trançado, a um dos lados estreitos do ressonador de cuia.

diam facilmente aos meus pedidos de cantarem diante do aparelho. As suas vozes são muitíssimo vigorosas, se bem que raramente puras. As melodias, agradáveis e de certo modo harmoniosas, foram também recebidas com agrado pelos Karajá. Eles próprios, porém, zombavam das canções dêstes últimos. A tonalidade de suas canções é geralmente baixa, e o diapasão limitado.

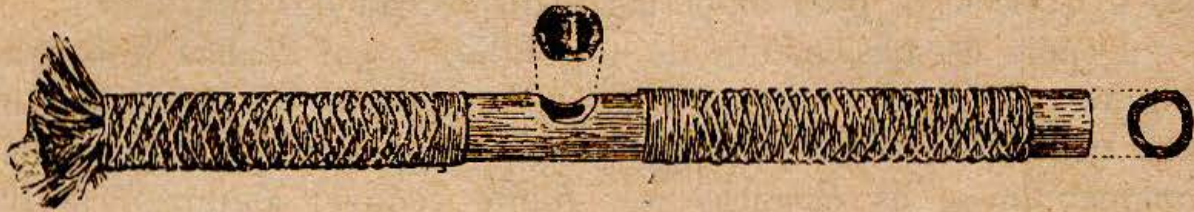



Fig. 260 — Flauta de taquara

Um característico curioso é uma certa oscilação entre dois sons, uma espécie de trilo bem lento. Durante a gravação, não se mostravam muito atentos, riam-se, cuspiam e viravam-se, de modo que não podiam produzir melodias claras.

11. Acerca da *arte* dos Kayapó não posso fazer nenhuma indicação. Produções plásticas de impulso artístico não existiam entre êles. É verdade que afirmavam possuir figuras de cera, mas não conseguí vê-las nem adquirí-las. Nos padrões usados, a arte ornamental, como acima vimos, não vai muito além das linhas em zigue-zague. Também as gravações ornamentais se reduzem a linhas retas e linhas ziguezagueadas. Não logrei saber qual o sentido dêsses ornamentos. Desenhos de figuras não ví em parte alguma. Portanto, também quanto a êste aspecto de sua cultura, os Kayapó parecem ficar atrás dos Karajá.

12. No tocante às condições *políticas, sociais* e civis, naturalmente não pude saber muita coisa durante o curto lapso de tempo que passei entre êsses índios. Na aldeia contavam-se uns 5 ou 6 caciques, cada um deles seguido por certo número de partidários; eram provavelmente uma espécie de representantes de famílias. Como se escolhessem de preferência homens que falavam bem o português, os caciques eram, em sua maioria, antigos alunos da Missão. Segundo informações de um dos Kayapó, tomam-se também, como caciques, a pessoas de tribu estranha; disse, por exemplo, que um deles era Gorotiré. Ao que parece, os vários caciques gozavam dos mesmos direitos. Tive a impressão de que lhes cabia apenas representar a sua gente diante do estranho, e que no mais não tinham muita influência.

Casam muito cedo, mais ou menos entre os 15 e os 20 anos. Parecia dominar a monogamia entre êles. Não pude observar até que ponto se permitiam relações sexuais pre-nupciais; é verdade que os meus camaradas afirmavam ter observado, de noite, moças no acampamento dos jovens, mas eu não as vi. Todavia não quero negar essa possibilidade, porquanto os Kayapó, como em Conceição se afirmava de um modo geral, levariam até as mulheres e filhas a Conceição, para aí pô-las à disposição dos brasileiros.

Depois do nascimento de um filho, o pai realiza a couvada durante três ou dez dias. Logo após o parto, êle suspende uma vara comprida verticalmente numa árvore da praça da aldeia. Amamentam-se as crianças por muito tempo; algumas, já bastante crescidas e que já corriam pela aldeia, ainda procuravam a mãe, quando sentiam fome. No tocante ao nome, parece que o conservam a vida toda. Ninguem diz o próprio nome; para sabê-lo, era preciso recorrer a um terceiro, que então mo dizia baixinho. Alguns nomes de caciques são: *bébora, kogdjóroti, bóiboidji*. Dizem colocar os mortos em grandes potes (urnas?) e enterrá-los em cemitérios. Ao que afirmam, enterram-nos juntamente com armas e enfeites. (Vêr tamém Coudreau, pág. 218).

Na segunda noite de minha estada na aldeia observei uma dansa de mulheres. Era lua nova. Durante as últimas horas da tarde, já se notava muita agitação e vida na aldeia. Todavia os moços se reuniram como de costume no seu acampamento noturno. Pelas 8 horas chegaram 16 mulheres, uma menina crescida e três menores; formavam uma fila e vinham todas cantando. Correram, com pouca velocidade, em volta de um círculo cujo contôrno já estava nitidamente pisado e trilhado no capim do terreiro de dansa. As duas primeiras mulheres tinham uma folha de bananeira amarrada sôbre a cabeça e caindo longamente sôbre as costas (fig. 261 a); a terceira levava uma folha de bananeira caindo sôbre o ombro esquerdo (fig. 261 b). As demais ostentavam folhas de palmeira, de pínulas pontudas e rijas, atadas transversalmente em redor da cabeça, à guisa de diadema (fig. 261 c). Durante algum tempo ficaram correndo uniformemente, a cantar quasi sempre as mesmas palavras. As duas primeiras entoavam a canção, e as outras, que em parte não pareciam conhecer o texto, acompanhavam-nas, mas paravam freqüentemente; tudo isso com muita hilaridade. Depois de algum tempo, começaram a bater compassadamente o pé direito e a mover ao mesmo tempo os antebraços, levantando-os sempre até a posição horizontal. Enquanto isso, o canto se tornava mais animado. Continuaram assim por algum tempo e afinal pararam. Ao que me

foi dito, ficam às vêzes dansando assim durante horas a fio. Como a noite estivesse bem escura, acenderam-se, para iluminar a dansa, dois montões de folhas de palmeira sêcas, um dos quais dentro e o outro fora do círculo, sendo o fogo conservado por crianças de pouca idade. Os demais habitantes da aldeia não pareciam importar-se muito com a dansa; homens e crianças ficavam deitados ou sentados junto à fogueira, no interior das cabanas, conversando ou dormindo. Os jovens estavam sentados no meio do pátio, a cantar, de quando em quando, uma canção em voz baixa, ou então a conversar. Sòmente poucos homens e alguns moços ficavam apreciando a dansa.

a b

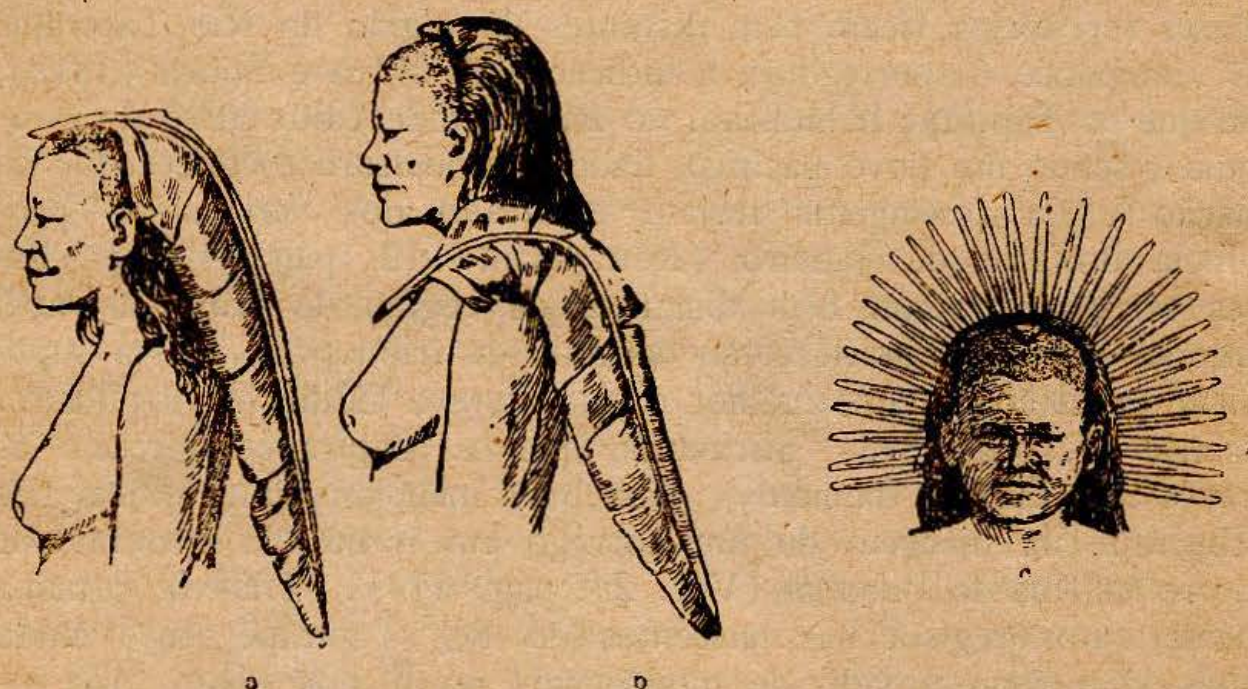



Fig. 261 a-c — Mulheres enfeitadas para a dansa.

Por fim, cumpre mencionar ainda a forma de saudação dos Kayapó. Na primeira roça encontramos várias mulheres da tribu, entre as quais a tia do meu guia. Esta aproximou-se da beira do caminho, pôs-se diante do sobrinho, que ficou de cabeça baixa em frente dela, e falou-lhe chorando por uns dois minutos, enquanto passava alternadamente sôbre os olhos o dorso da mão direita e o da esquerda, e enquanto as lágrimas lhe corriam pelas faces. A seguir, os dois conversaram tranquilamente. Indagado porque a mulher chorara, o sobrinho declarou que era por ser tia dêle e não o ter visto há muito tempo. Por conseguinte, são apenas as mulheres parentes que recebem os membros da família com saudação lacrimosa. Já haviamos observado a mesma coisa entre os Karajá.

IV Os Tapirapé

1. *Dados históricos*. Até o presente, a tribu dos Tapirapé é conhecida apenas através de informações de terceiros. Provavelmente a primeira penetração do território dêsses índios se deu pelos anos de 1746 a 1748, realizada pelo aventureiro João Godói Pinto da Silveira, que parece ter repetido a expedição de Pires Campos em busca das minas de ouro dos Martírios (Rev. trim. 37, pág. 262, nota 18). O nome da tribu é mencionado pela primeira vez, em 1773, por Fonseca, que ouviu contar entre os Karajá que êstes viviam em paz com eles (Rev. trim. 8, pág. 388). Souza Vila Real informa que possuiam oito caciques. Êsses territórios ficam bem distantes da região do Rio Tapirapé. E' um pouco desnorteadora a indicação de Silva e Souza (1812), de que os Tapirapé habitariam no Rio Grande (alto curso do Araguia), sendo um povo pacífico, dado . agricultura e conhecedor da fiação e da tecelagem; teriam emigrado dos sertões da província do Rio de Janeiro (Rev. trim. 12, pág. 496). Êsses territórios ficam bem distantes da região do Rio Tapirapé, que se costuma admitir como domínio da tribu. Com essa suposição geral coaduna-se melhor o que escreve Cunha Matos (Rev. trim., 37, pág. 393), afirmando que os Tapirapé aparecem às vêzes na Ilha do Bananal. Castelnau menciona uma aldeia dos Tapirapé na margem de um córrego em frente da extremidade norte da Ilha do Bananal (Vol. 2.º, pág. 114). Todavia, o mapa dêsse autor regista nas nascentes do Rio Tapirapé, cujo curso aliás vem representado de modo mais ou menos exato, três aldeias: uma dos Tapirapé, outra dos Mangara Curera e uma terceira dos Milo. Segundo Morais Jardim (O Rio Araguaia, Rio 1880), um vapor fluvial subiu o Tapirapé por um trecho de 10 léguas, chegando ao pôrto dêsses índios. Refere que os Tapirapé não viviam ainda em contacto com a civilização, dando, porém, mostras de inteligência e aplicação. Ehrenreich informa (*Süda-merikanische Stromfahrten*, pág. 11) que o vapor em que viajou já subira o Tapirapé por 60 km. (talvez se trate aquí do mesmo vapor e da mesma viagem). Diz que aí vivia um curioso povo de família tupí, os Tapirapé, tidos como hospitaleiros e mansos. Infelizmente Ehrenreich não os pôde visitar, porquê o vapor seguia viagem. A única conclusão a tirar dêsses informes é, em todo caso, a de que no Rio Tapirapé mora uma tribu de nome Tapirapé, que mantém relações pacíficas com os Karajá. As afirmações de Coudreau (Voyage au Tocantins-Araguaya, Paris 1897) vêm agora confundir o panorama. Segundo êsse autor

(pág. 110), os Tapirapé são índios Karajá, que devem o seu nome ao fato de morarem no baixo curso do Tapirapé. À página 174, menciona um aldeamento dos Tapirapé junto ao Fêcho do Tapirapé e outro, dos Karajá, a cinco dias de viagem Tapirapé-acima; um dêsses aldeamentos consiste numa casa com 10, e o outro numa casa com 20 habitantes (pág. 186). Aquí portanto, os Tapirapé são considerados como horda karajá estabelecida na embocadura do rio do mesmo nome, enquanto, nêsse rio, a cinco jornadas acima da barra, existe mais uma aldeia karajá! Coudreau esteve aí em fins de abril, encontrando poucas aldeias de índios karajá. Visto que também os outros dados que apresenta são muito confusos e precários, é provável que igualmente os informes acima não sejam senão indicação mal interpretada dos Karajá.

2. *Dados obtidos de terceiros.* Dos Karajá recebi as seguintes *informações*:

Os Tapirapé (em *karajá*: *nohú*) moram entre 6 e 9 dias de viagem em canoa a montante da embocadura do Tapirapé no Araguaia. Depois de chegar ao pôrto, é preciso caminhar ainda meio dia (dois dias, segundo outros) pelo campo afim de se alcançar a aldeia deles. Habitam três aldeias, uma grande e duas menores (quatro aldeias, segundo um informante). Os homens usam estojos penianos trançados de folha de palmeira. Ambos os sexos usam cabeleira comprida, caindo atrás até as costas. Os homens possuem tembetás compridos, de uma pedra (avermelhada?). Usam-se igualmente botoques nas orelhas. Os adornos se parecem com os dos Karajá. Tatuagem observa-se nas mulheres casadas; fazem no queixo talhos em forma de linhas verticais e, de cada lado, um talho descendo como linha obliqua do ângulo da boca; essas linhas tingem-se de preto. A alimentação é obtida mormente pelo cultivo da mandioca; como êsses índios são muito trabalhadores, plantam-na em grande escala. Os Karajá têm-nos por isso na conta de ricos. Quanto a animais, possuem cães e, sobretudo, araras, que os Karajá adquirem deles. As suas armas são arcos e flechas, clavas, dardos e propulsores de dardos. Sabem trabalhar o algodão. Os fios que saem do fuso enrolam-se em forma de grandes novelos, iguais aos dos Karajá. Confeccionam redes enodadas de algodão, de malha cerrada e ostentando larga faixa mediana de côr preta; vendem-nas aos Karajá, que apreciam muito. Falam um idioma diferente da língua dos Karajá; as duas tribus não se entendem. Outrora as relações entre elas parecem ter sido pacíficas. Em troca de objetos de ferro, os Karajá adquiriam redes enodadas, arcos, araras, tembetás de pe-

dra, gêneros alimentícios, etc. Encontravam-se num banco de areia no Rio Tapirapé, em frente a um barranco elevado, e pouco abaixo do ponto até o qual os Karajá costumam estender as suas excursões anuais de pesca. Os Karajá haviam aproveitado a oportunidade para raptar furtivamene mulheres e crianças nas aldeias, cujos homens estavam ausentes. Como atrás ficou exposto, havia uns 6 ou 7 anos que esses raptos tinham motivado um conflito sangrento entre as duas tribus; desde que se verificou êsse acontecimento, os Karajá evitam aquêle ponto, não estendendo mais até aí as suas excursões rio-acima. As mulheres raptadas servem aos Karajá como escravas para trabalhar e como prostitutas, ao passo que as crianças são recebidas como membros da tribu.

3. *Observações feitas em aldeias de índios Karajá.* Nas aldeias dos Karajá vi ao todo duas mulheres, três moças e dois meninos dos Tapirapé. Eram de estatura mais baixa e de constitui-

a b

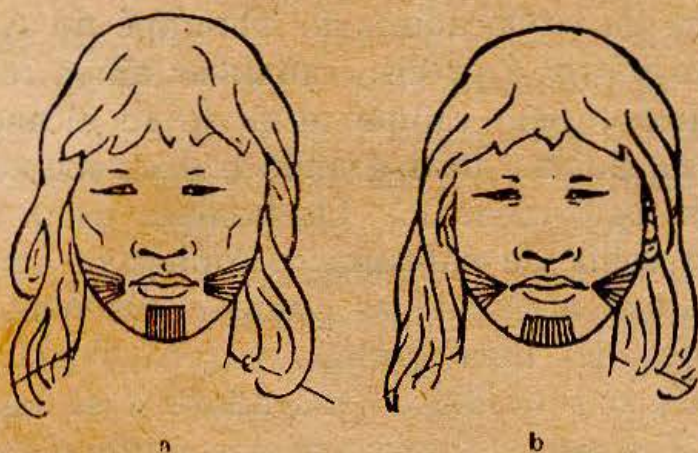



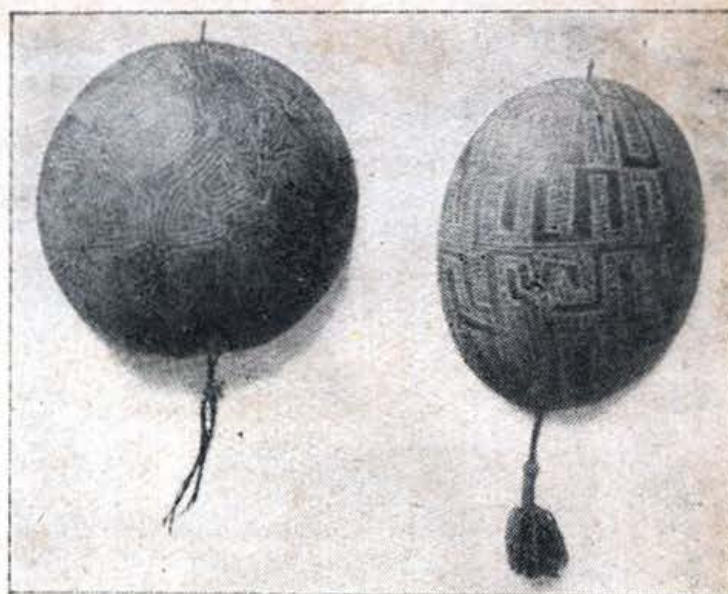
Fig. 262 a, b — Tatuagem das mulheres tapirapé.

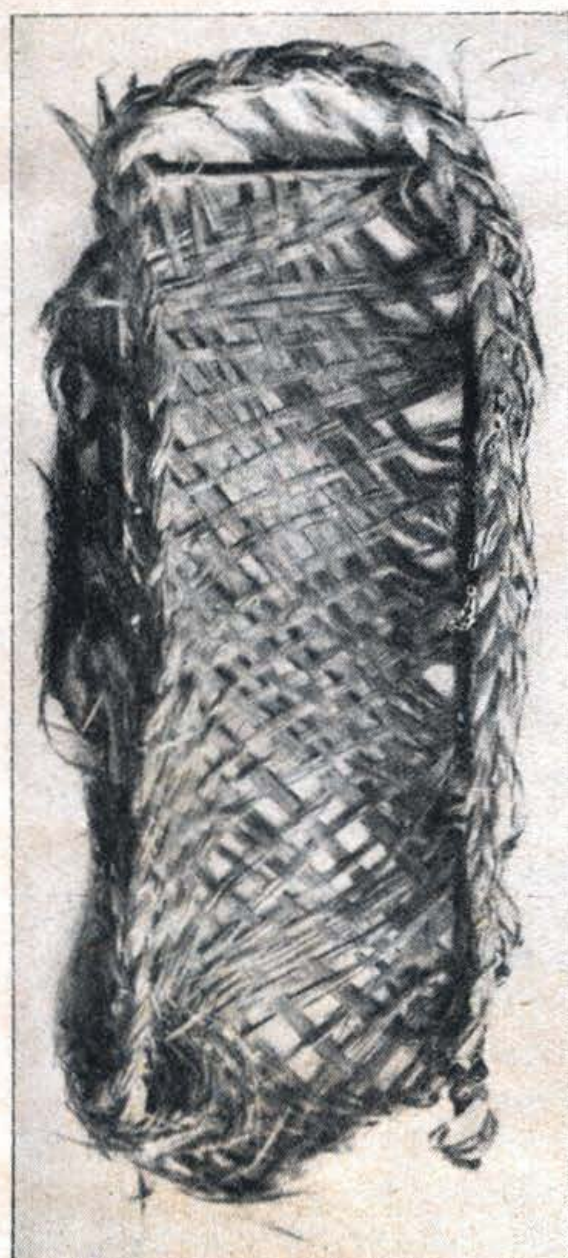
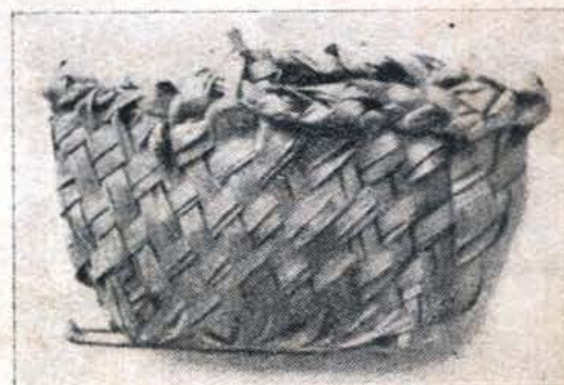
Fig. 263 — Pintura de uma menina tapirapé

ção mais delicada que os Karajá. As mulheres ostentavam, no queixo e nas faces, tatuagem entalhada e de côr preta (vêr fig. 262 a b). Uma menina tinha pintura vermelha no rosto (fig. 263).

Quanto a objetos que se diziam ser provenientes dos Tapirapé, obtive os seguintes, nas aldeias próximas da barra do Tapirapé: o pente (*kuwaã;* prancha 69, fig. 1); a técnica de fabricação é idêntica à dos Karajá, o padrão do trançado, que é muito regular, difere, porém, do que se observa entre os Karajá. O fuso (fig. 264), com tortual de cera em forma de cone duplo, não apresenta diferença nenhuma em relação ao fuso dos Karajá. A clava (*iwurá,* fig. 265) tem a mesma forma das clavas roliças dos Karajá. Um dos lados da metade anterior da clava é

1. Pente.

2. Cuia inteira.

3. 4. Metadas de cuia.

6.

7. 8.

6-8. Pequenas bolsas de forma retangular para transporte.

5. Canasta.

9. Bolsa clástica para transporte

OBJETOS DOS TAPIRAPÉ

coberta de estrias, de um e outro lado, uma lista saliente, em que se veem traços transversais divididos em grupos. O rolo na ponta que serve de cabo apresenta três estrias; a própria ponta é coberta de caneluras, tendo igualmente duas listas com traços transversais e partes aprofundadas.

A cuia inteira (*kuita*; prancha 69, fig. 2) ostenta gravações parecidas com as dos Karajá; só que todo o trabalho é muito tosco. Das duas metades de cuia (*kaxedí*; prancha 69, figs. 3, 4), uma é guarnecida de uma borla de fios vermelhos de algodão; os desenhos dessa lembram as gravações ornamentais dos Karajá, ao passo que os da outra são de caráter bem diferente e esculpidos de maneira bastante tosca e desajeitada.

A boneca (*diohó*, fig. 266), de argila branca e forma rômbica, representa uma jovem tapirapé. Imitando a cabeleira, ostenta um chumaço de cera, que, partindo de um dos ângulos, desce pelos dois lados adjacentes. Na boneca estão figurados o vértice da cabeça e os punhos (pintura vermelha entre dois chumaços). Além disso, a boneca ostenta dois bastões auriculares. No centro e nos quatro ângulos, encontram-se pequenos orifícios, ligados por meio de uma linha no sentido horizontal, e por duas no sentido vertical. A figura toda tem 5 cm. de altura e largura, e 3 cm. de espessura. Constitue o trabalho de um menino tapirapé. É claro que não posso afirmar com segurança que êsses

Fig. 264 Fuso.

Fig. 265 Clava tapirapé

a b

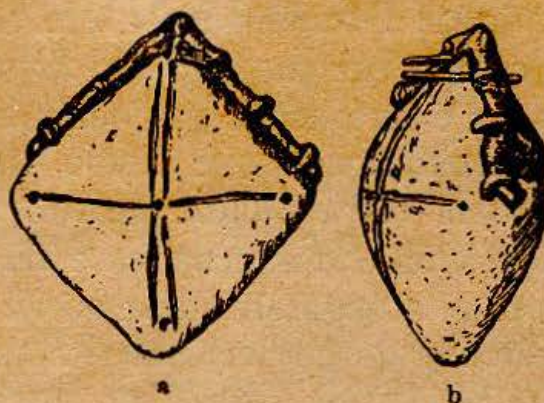



Fig. 266 a, b — Boneca de argila branca

objétos são todos realmente de proveniência tapirapé. Não se pode verificá-lo, mormente no tocante ao fuso. É certo, porém, que em todos êles se nota algo de mais ou menos estranho ao Karajá.

Outros vocábulos tapirapé que obtive, por intermédio dos Karajá, e talvez na pronúncia viciada dêstes, são os seguintes: estojo peniano: *hoolä*, *urucús kaá;* tabaco: *badᵘmɪ̈ɪ*.

4. *Observações no território dos Tapirapé.* Viajando sôbre o Rio Tapirapé, topei vestígios de um povo, que suponho fossem os Tapirapé. Pois encontrei-os na região em que, segundo as informações dos Karajá, moravam os Tapirapé; além disso, segundo declaram os meus companheiros Karajá, atravessei a fronteira entre o território karajá e o tapirapé; finalmente, o número das aldeias encontradas (três), corresponde com a indicação feita pelos Karajá.

Foram os seguintes os vestígios encontrados: no 12.º dia da viagem sôbre o rio, pegadas num banco de areia; no 13.º, uma lagôa barrada com uma sebe de pesca, e ao lado, na mata, um acampamento de assar peixes, do qual partia um caminho em direção do norte, passando pelo campo; no 14.º dia acabaram todos os vestígios. Do 12.º ao 14.º dias, porém, observavam-se em toda parte vestígios de fogueiras, bem como restos de antigas sebes com que se haviam barrado as lagôas. Seguindo o caminho que atravessava o campo partindo do primeiro acampamento de assar peixes e ao qual se reunia depois, pelo lado esquerdo, o outro que vinha do segundo acampamento, chegamos, no segundo dia de marcha, a uma grande aldeia, e no terceiro a duas aldeias menores, mas todas abandonadas e em estado de ruina.

No campo em que estavam as aldeias, não encontramos água; os pântanos e os riachos aos quais levavam os caminhos existentes estavam secos; cavando-se o solo até a profundidade de 1 m., não se encontrava terra úmida, quanto menos água.

Sôbre a base dos achados e das observações feitas nêsses lugares, formei a seguinte idéia geral. A tribu vive no campo alto que se estende do cotovelo meridional do Tapirapé, em direção do norte, até a elevada serra (ou bordos de planálto) que o orlam no norte. Diante desses bordos, estende-se uma enorme baixada, onde parece nascer o Tapirapé, que, partindo daí, corre em volta do campo elevado, a oeste e ao sul, dirigindo-se em seguida para o nordeste. Nêsse ponto, a uns 130 km. a oeste da barra do Tapirapé, a tribu mora no período das chuvas em uma aldeia grande e duas menores. A aldeia maior parece ter tido 3 ou 4 casas, a segunda, menor, umas 2 ou 3, e a terceira talvez outras tantas.

As casas estavam arruinadas a tal ponto que já não se reconhecia o modo de construção; ao que parece, eram construções grandes com telhado em ponta. As aldeias ficam próximas à grande região florestal que acompanha a baixada diante da serra. Em tôrno, nas baixadas menores, espraiam-se pântanos, aos quais se dirigem córregos. Na estiagem, esses lugares secam inteiramente, de modo que mesmo escavações no leito do córrego, até 1 m. de profundidade, ainda não fazem aparecer terra úmida. Em virtude disso, os índios são forçados a mudar para lugares em que haja agua. Parece que então se dirigem primeiramente ao alto Tapirapé. É provável que em outros tempos tenham ido mais para jusante, até a um ponto em que, encontrando-se com os Karajá, que estendiam até ai as suas excursões de pescaria, estabeleciam negócios de trocas com êles. Êsse ponto fica a uns 30 km. a sueste da primeira aldeia (a 34 km. da segunda e da terceira). Em consequência das lutas travadas com os Karajá, evitam hoje essa região, procurando o rio mais a montante, antes de dobrar para nordeste. Aí exploram as várias lagôas sucessivamente, barrando-as por meio de sebes e matando os peixes com cipó tóxico. Parece que nessa atividade vêm descendo o rio, pois no acampamento de assar peixes situados mais a montante viam-se só algumas vigas novas ao lado de outras bem velhas, ao passo que o segundo, mais a jusante, parecia ser de formação recente. Êsse último, junto ao qual pescaram de meados a fins de agôsto de 1908, fica a uns 16 km. a sulsudoeste da primeira aldeia (a 24 km. da segunda e da terceira). Os caminhos, bem pisados e trilhados, que, partindo dos dois acampamentos, se unem depois, passando pela primeira e levando à segunda aldeia, parecem indicar que os índios procuram êsses pontos de ano em ano. Quanto ao rumo que tomam depois, não me foi possível determiná-lo; talvez tenham atravessado o Tapirapé, dirigindo-se para o sul. Em todo caso, não havia vestígios humanos em uma lagôa extraordinariamente piscosa, situada no campo, a vários km. do lugar das trocas comerciais.

A tribu parece ser muito numerosa. Certo, o número das casas não é grande, mas o tamanho delas parece ser bem considerável. Os 26 moquens enormes no primeiro, e os 10 a 15 no segundo acampamento de pesca, bem como os bancos de areia muito pisados por pés humanos junto à primeira lagôa de pesca levam à conclusão de se tratar de um grupo muito numeroso. Ao que parece, dormem em redes. Indicam-no em primeiro lugar as rêdes enodadas que vendem aos Karajá, como também a falta de quaisquer leitos no acampamento, o qual, no entanto, fora usado durante muitos dias.

Fig. 267 — Sebe de pescaria na lagoa de pesca dos Tapirapé, vista do lado do rio. Desenho feito segundo fotografia.

Ao lado da mandioca (segundo informações dos Karajá), a tribu também cultiva o milho, como se depreende da grande quantidade de sabugos de milho, em parte carbonizados, que se encontravam no acampamento. Como animais domésticos, possuem cães, cujos rastos se viam em grande número nas praias arenosas. É de supor-se também que se dediquem à caça. O campo é extraordinariamente rico em veados, e nas florestas há grande abundância de porcos do mato. Certamente não deixarão de explorar essas possibilidades de obter carne.

Ao mesmo tempo, entregam-se à pesca em grande escala, envenenando a água de lagoas fechadas com sebes. No território desses índios, encontravam-se em toda parte, junto à boca das lagôas, as estacas usadas para a barragem. A primeira lagôa que encontramos estava inteiramente fechada com um tapume ainda verde. A posição dêsse tapume vem indicada na fig. 7. A sebe vai da margem da lagôa até ao banco de areia que fica entre a lagôa e o rio. No solo estão fincadas estacas verticais, ligadas entre si por meio duma trave que boia sôbre a água e apoiadas, de um e outro lado, por escoras oblíquas. Do lado interior, está amarrada densa folhagem, para evitar que a água leve os peixes atordoados (fig. 267). As estacas haviam sido cortadas no mato próximo, sôbre a margem meridional. A água fôra envenenada por meio de cipó tóxico, de que se via uma porção sôbre o banco de areia e na extremidade posterior da lagôa: haviam-no apanhado no mato que fica perto da extremidade da lagôa. Os índios certamente não possuem embarcações para navegar sôbre a lagôa. Para isso, tinham usado alguns troncos de árvore pouco pesados que se viam, ligados uns aos outros, na água da lagôa, junto ao banco de areia. Dessa maneira haviam pescado toda espécie de peixes, inclusive piracucús e em grande quantidade, como o prova grande número de moquens (26). Tinham construido uma espécie de gaiola, a cuja sombra as tartarugas podiam passar as horas quentes do dia (fig. 268). Era feita de varas, de mais ou menos 1 m. de altura, fincadas na terra em forma de círculo, entrançadas com folhas e ligadas entre si por meio dum envoltório de cipó.

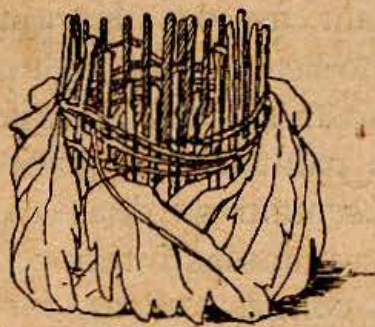



Fig. 268 — Gaiola para tartarugas.

Parece que preparam a alimentação, cozinhando e grelhando-a. Para transportar o fogo, servem-se de grandes tições, de que havia muitos pelo chão. Cozinham certamente em vasilhas de barro, de que se viam cacos espalhados no primeiro acampamento e à beira dos caminhos. Em primeiro lugar, parecem, porém, gre-

lhar os peixes obtidos nas excursões de pesca, talvez como provisões para o futuro. Pois toda a instalação dos moquens, bem como as numerosas canastras, indicavam uma produção em grande escala. Grelhava-se em grandes praças com gigantescos moquens, situadas na mata próxima das lagôas. Os moquens, montados junto às arvores da floresta, apresentavam forma triangular ou retangular, tendo as grelhas uma superfície de até 4 m2. Freqüentemente, estavam ligadas as armações de vários moquens (vêr fig. 269 a-c; prancha 29, fig. 2). As traves dêsses moquens estavam unidas com imbira. Pareciam ser cortadas com machados de pedra, ao passo que em ramos mais finos se viam talhos de facas afiadas. Em conseqüencia, pois, do comércio dos intermediários, essa tribu recebeu facas de ferro, antes mesmo de algum branco entrar em contacto com a própria tribu.

a

b

c

Fig. 269 a-c — Vários moquens do pouso grande dos Tapirapé.

Nas suas caminhadas à procura de lugares em que haja água, os índios de certo levam consigo os peixes moqueados. Transportam-nos em canastras e pequenas bolsas, de que eu trouxe uma série de exemplares colhidos dentre os que estavam espalhados no acampamento.

Quanto à construção, as canastras se assemelham às dos Karajá, mas são de tamanho bem menor. Uma delas é trançada, como a dos Karajá, de duas folhas de palmeira; enquanto as nervuras representam as duas varas longitudinais, as pínulas interiores, entrançadas umas com as outras, formam o fundo, e as exteriores, o bordo interrompido. A outra canastra (prancha 69, fig. 5) é de uma só folha de palmeira; a nervura, quebrada em dois pontos, constitue as duas varas compridas e a vara transversal do fundo. Para refôrço das varas compridas, amarram-se nelas duas varas especiais. Nessa canastra, o trançado do fundo, como os bastõezinhos laterais, são

trabalhados com muito mais esmero do que na outra. Mede apenas 68 cm. de comprimento, 25 cm. de largura e 15 cm. de altura.

As bolsas são todas feitas de uma folha de palmeira, de modo tal que a nervura forme a aresta inferior, sôbre a qual se levanta a bolsa, constituida das pínulas entrelaçadas (prancha 69, figs. 6-8). Todas as bolsas apresentam forma retangular e trançado simples. As faixas de carregar, nas bolsas em que existem, são presas ora no lado comprido, ora no estreito. Uma única bolsa diverge quanto à forma (prancha 69, fig. 9); o bordo superior apresenta-se bem constringido, de modo que fica apenas uma pequena abertura redonda, abaixo da qual a bolsa se alarga para todos os lados. As medidas das bolsas variam de 10 a 16 cm. de altura e de 15 a 37 cm. de comprimento.

Outros achados que cumpre mencionar: uma borla de fio vermelho de algodão, correspondendo perfeitamente a uma borla cortada do adereço que os jovens karajá usam na nuca. E duas flechas. Uma destas (fig. 270 a) apresenta uma ponta chata de madeira, de 43 cm. de comprimento, com farpas recortadas dos dois lados e dois gumes. A haste de taqura tem 110 cm. de comprimento, tendo atrás a emplumanação constituida de duas partes, cuja torcedura representa um quarto de giro, e que é presa sòmente por um envolvimento na ponta superior e outro na inferior. O envolvimento superior é de algodão preto, nêle estão amarradas pequenas penas vermelhas dirigidas para o lado da emplumação. A metade superior do espaço intermediário entre as plumas é pintada como verniz vermelho. O envolvimento terminal é feito com um fio branco e fino, apresentando um fio cru-

a b

Fig. 270 a, b — Flechas

zado e estendendo-se até ao entalhe. O envolvimento do ponto de inserção, entre a haste e a flecha,, é formado de imbira, dividindo-se em duas partes ligadas entre si por um envoltório em espiral. Nessa flecha não se nota, pois, coisa alguma que seja estranha aos Karajá. E' bem diferente a outra flecha (fig. 270 b). A ponta de taquara termina num longo corte obliquo e tem 30 cm. de comprimento, sendo engastada num cabo roliço de madeira, de 49 cm. de comprimento, e apresentando, no ponto de inserção, um envoltório simples de imbira. O cabo de madeira, por sua vez, é engastado na haste de taquara de 75 cm. de comprimento. O envoltório dêsse segundo ponto de inserção, formado de imbira preta, estende-se quasi até o envolvimento superior da emplumação. A emplumação é feita da mesma forma como na outra flecha. Ao envolvimento superior, de fio preto de algodão, segue-se outro, de imbira preta, que vai até o meio do espaço intermediário da emplumação, aliás muito comprida. Nêsse envolvimento estão presas pequenas penas vermelhas. O envolvimento próximo ao entalhe consiste em fio branco e apresenta três fios paralelos, dispostos em larga cruz.

Resumindo tudo isso, pode-se dizer que os Tapirapé são uma tribu que, mais ou menos como os Karajá e os Xavajé, passam a estação chuvosa no campo, à beira das lagôas, e que se dirigem ao rio na estiagem, com a diferença, porém, em relação àquelas tribus, de procurarem sucessivamente pontos diversos, i. é, de migrarem no âmbito de um determinado território. A tribu planta mandioca e milho, trabalha o algodão, fazendo redes e objétos de adôrno, conhece a cerâmica, fabrica machados e tembetás de pedra, usa arcos, flechas e clavas, e gosta de enfeitar os seus objétos com gravações. Em muitos pontos, a sua cultura parece aproximar-se muito da cultura dos Karajá, pertencendo certamente à mesma província etnográfica como estes, a qual é bem distinta da província etnográfica do Xingú. Os Tapirapé distinguem-se, porém, dos Karajá principalmente pela estatura menor, pela língua diferente e pela ignorância da navegação.

FINAL
sem o apêndice
e sem os índices.

Na dec. de 1980 a profª Thekla Hartmann estava fazendo nova trad.